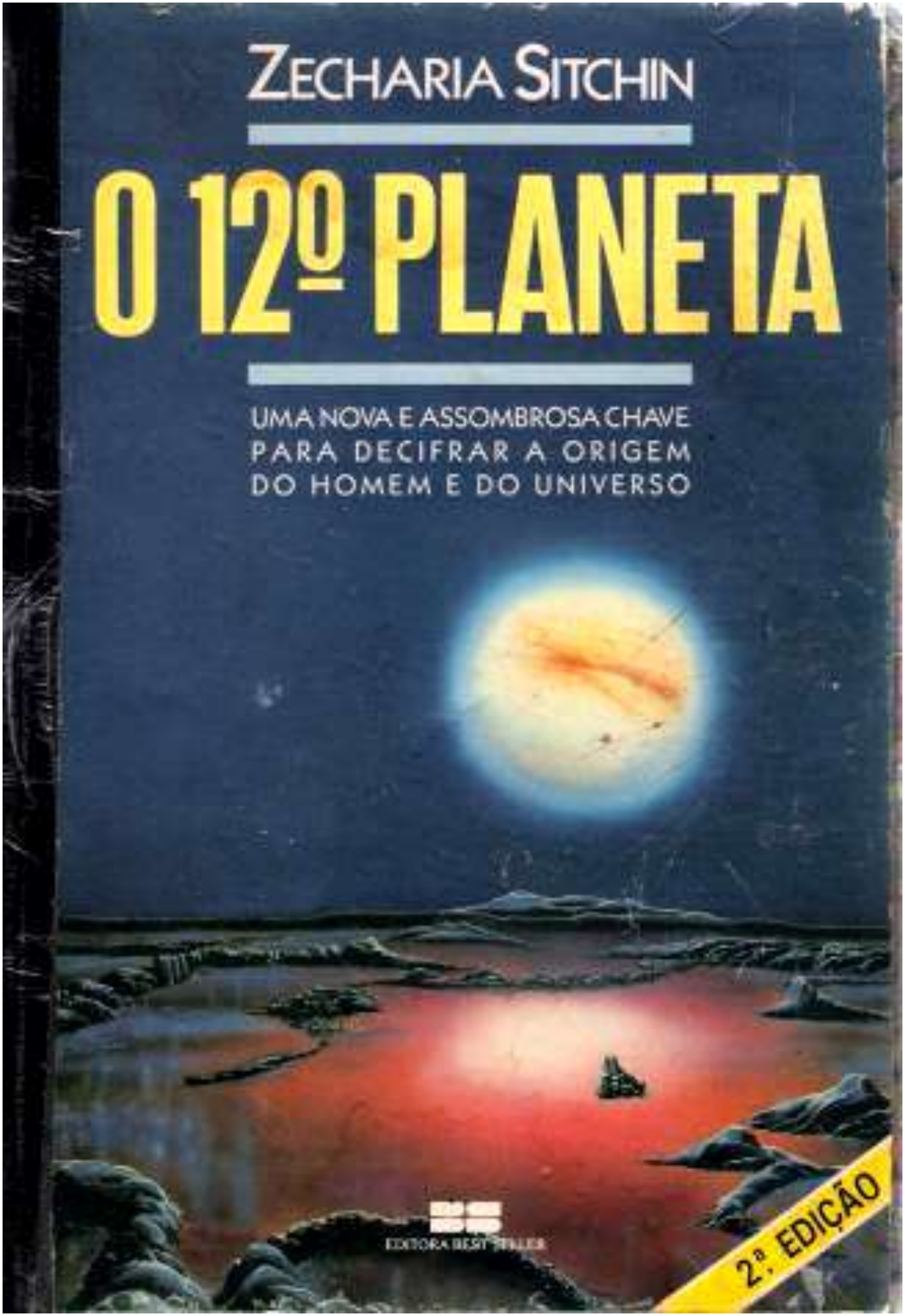
ZECHARIA SITCHIN

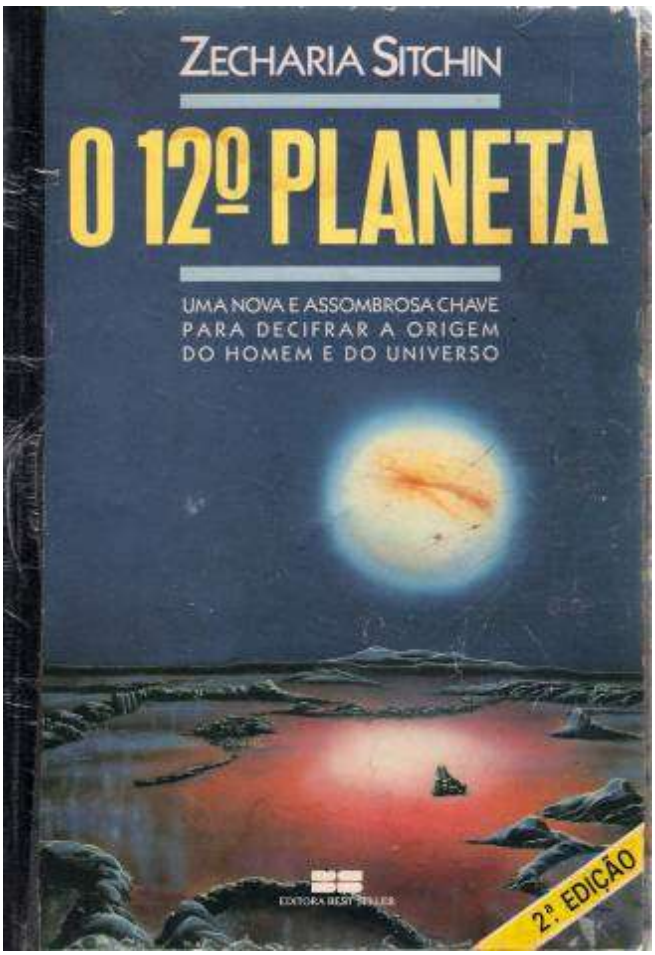
O 12º PLANETA

UMA NOVA E ASSOMBROSA CHAVE
PARA DECIFRAR A ORIGEM
DO HOMEM E DO UNIVERSO



EDITORA BEST SELLER

2ª. EDIÇÃO



Zecharia Sitchin

O 12º. PLANETA

Tradução de ANA PAULA CUNHA

EDITORA BEST SELLER
1976

Agradecimentos

O autor deseja expressar sua gratidão aos muitos estudiosos que, ao longo de mais de um século, desenterraram, decifraram, traduziram e explicaram as relíquias textuais e artísticas do antigo Oriente Médio e às muitas instituições e suas equipes por cuja excelência e cortesia ficaram à disposição do autor os textos e provas pictóricas sobre as quais se baseou este livro.
O autor deseja agradecer especialmente à Biblioteca Pública de Nova York e ao seu Departamento Oriental; à Biblioteca de Pesquisa (Sala de Leitura e Sala Oriental de Estudantes) do Museu Britânico, Londres; à Biblioteca de Pesquisa do Seminário Teológico Judeu, Nova York; e, pela assistência iconográfica aos curadores do Museu Britânico e ao conservador das Antiguidades Assírias e Egípcias; ao diretor do Museu Pré-Asiático, Museus Estatais, Berlim Oriental; ao Museu da Universidade de Filadélfia; à Reunião dos Museus Nacionais, França (Museu do Louvre); ao curador e Museu de Antiguidades de Alepo; à Administração do Espaço e Aeronáutica Nacional dos Estados Unidos (NASA).

Sumário

Nota do autor 9
Prólogo: “Gênesis” 11
1. O Infindável Começo 15
2. A Súbita Civilização 25
3. Deuses do Céu e da Terra 60
4. A Suméria - Terra de Deuses 91
5. Os Nefilim - Povo dos Foguetes Faiscantes 125
6. O Décimo Segundo Planeta 164
7. A Epopéia da Criação 191
8. A Realeza do Céu 220
9. Aterrissagem no Planeta Terra 239
10. Cidades dos Deuses 261
11. Motim dos Anunnaki 286

12. A Criação do Homem 308
13. O Fim de Toda a Carne 331
14. Quando os Deuses Fugiram da Terra 353
15. A Realeza na Terra 375
Fontes 385

Nota do Autor

A fonte fundamental dos versos bíblicos citados neste livro é o Antigo Testamento em seu original em hebraico. Dever-se-á ter sempre presente no espírito que todas as traduções consultadas - das quais as principais se encontram listadas no fim do livro - são apenas isso: traduções ou interpretações. Na análise final, o que conta é o que nos diz o original hebraico.

Na versão final citada em O Décimo Segundo Planeta comparei as traduções disponíveis umas com as outras, primeiro; depois, com a fonte hebraica, e, finalmente, com os textos sumérios e acádios para trazer à luz aquela que penso ser a mais precisa tradução.

A tradução de textos sumérios, assírios, babilônicos e hititas tem dado que fazer a uma legião de eruditos desde há mais de um século. A decifração da escrita e da língua foi seguida de transcrições, transliterações é, finalmente, traduções. Em muitas circunstâncias, foi possível escolher entre diferentes traduções ou interpretações apenas pela verificação de transcrições ou transliterações muito anteriores. Noutras circunstâncias, uma aproximação mais tardia de um estudioso contemporâneo pôde lançar nova luz sobre uma tradução mais antiga.

A lista de fontes dos textos do Oriente Médio dada no fim deste livro abrange, assim, desde as mais antigas às mais recentes fontes e é seguida pelas publicações acadêmicas nas quais se encontraram valiosas contribuições para a compreensão dos textos.

Z. Sitchin

Prólogo: “Gênesis”

O Antigo Testamento habita minha vida desde a infância. Quando foi plantada a semente deste livro, há quase cinqüenta anos, eu não tinha nenhum conhecimento dos fervilhantes debates evolução versus Bíblia dessa altura. Mas, como qualquer jovem rapaz de escola, estudando o livro do Gênesis, em seu original hebraico, eu criei uma versão para mim próprio. Um dia, estávamos lendo o capítulo VI, onde se diz que, quando Deus decidiu destruir a humanidade com o Grande Dilúvio, os filhos das deidades que casaram com filhas de homens estavam sobre a Terra. O original hebraico chama-lhes Nefilim; o professor explicou que Nefilim - significava “gigantes” e eu discordei; literalmente não significaria «aqueles que foram lançados», que desceram à Terra? Fui repreendido e disseram-me que aceitasse a interpretação tradicional.

Nos anos que se seguiram, à medida que aprendia a língua, a história e a arqueologia do antigo Oriente Médio, os Nefilim tornaram-se uma obsessão. Os achados arqueológicos e a decifração de textos sumérios, babilônicos, assírios, hititas, cananitas e outros textos antigos e contos épicos foram progressivamente confirmando a precisão das referências bíblicas a reinos, cidades, governantes, praças, templos, rotas de comércio, artefatos, ferramentas e vestuário da Antiguidade. Não será agora, portanto, o tempo de aceitar a palavra desses mesmos antigos registros que encaram os Nefilim como visitantes da Terra vindos dos céus?

O Antigo Testamento afirma repetidamente: «O trono de Javé é no céu», «do céu o Senhor vigia a Terra». O Novo Testamento falava «Nosso Pai que está nos céus». Mas a credibilidade da Bíblia foi enfraquecida pelo advento e aceitação geral da teoria da evolução. Se o homem evoluiu, então, certamente, ele não pode ter sido criado de uma só vez por uma deidade que, premeditando, sugeriu: «Façamos Adão à nossa imagem e semelhança». Todos os povos antigos acreditaram em deuses que desceram à Terra vindos dos céus e que podiam a um desejo flutuar em direção aos céus. Mas nunca se reconheceu credibilidade a estes contos que os eruditos desde os primórdios classificaram como mitos.

Os escritos do antigo Oriente Médio, que incluem uma profusão de textos astronômicos, falam claramente de um planeta de onde esses astronautas ou deuses vieram. No entanto, quando os acadêmicos, há 150 anos decifraram e traduziram as antigas listas de corpos celestiais, os nossos astrônomos não sabiam ainda da existência de Plutão (que apenas foi localizado em 1930). Como se poderia, então, esperar que eles aceitassem a existência de ainda mais um planeta, membro de nosso sistema solar? Mas agora que também nós, como os antigos, sabemos da existência de planetas para além de Saturno, agora, por que não aceitar a evidência antiga da existência do Décimo Segundo Planeta?

Enquanto nós próprios nos aventuramos no espaço, um olhar novo e a aceitação das Antigas Escrituras é mais do que oportuno. Agora que os astronautas aterraram na Lua e missões não tripuladas exploram outros planetas, deixou de ser possível não acreditar que uma civilização de outro planeta mais avançado que o nosso fosse capaz de fazer aterrissar seus astronautas no planeta Terra, algures no passado.

De fato, certo número de escritores populares especularam que os artefatos antigos, tais como as pirâmides e as gigantescas esculturas de pedra, devem ter sido idealizados por avançados visitantes de outro planeta - com certeza, o homem primitivo não possuiu, por ele próprio, a tecnologia requerida? Outro exemplo, como foi possível que a civilização suméria florescesse tão rapidamente há quase 6.000 anos sem um precursor? Mas dado que esses escritores populares falham, normalmente, quando se trata de mostrar quando, como e, sobretudo, de onde vieram esses antigos astronautas, suas intrigantes questões permanecem especulações sem resposta.

Foram precisos trinta anos de pesquisa, de retorno às antigas fontes, de literal aceitação delas, para recriar em meu próprio espírito um cenário contínuo e plausível dos acontecimentos pré-históricos. Assim sendo, O Décimo Segundo Planeta procura fornecer narrativamente ao leitor as respostas às questões específicas: quando, como, por que e de onde. A evidência, as provas que incluo consistem basicamente de textos e até quadros antigos.

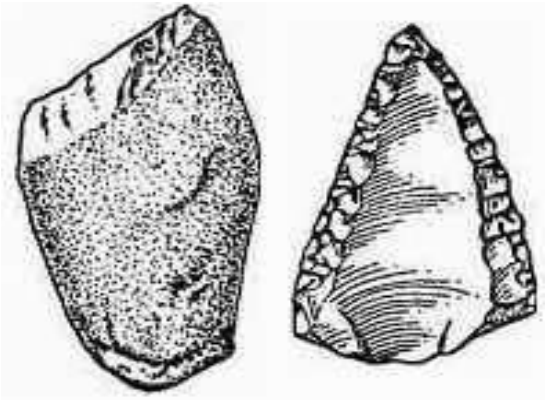
Em O Décimo Segundo Planeta, eu procurei decifrar uma sofisticada cosmogonia que explica, talvez tão bem como as modernas teorias científicas, como se pode ter formado o sistema solar, como um planeta

invasor foi apanhado na órbita solar e como a Terra e outras partes do sistema solar foram trazidas à luz do dia.
As provas que ofereço incluem mapas celestiais que falam de vôos espaciais para a Terra vindos desse planeta, o Décimo Segundo. Depois, seqüencialmente, segue-se o dramático estabelecimento das primeiras colônias na Terra pelos Nefilim: aos seus dirigentes foram dados nomes; suas relações, amores, ciúmes, conquistas e lutas descritas e a natureza de sua «imortalidade» explicada.
Sobretudo, O Décimo Segundo Planeta tem como objetivo traçar os acontecimentos importantes que levaram à criação do homem e os métodos avançados pelos quais isto foi conseguido.
É depois sugerida a relação confusa entre o homem e seus senhores e surge uma nova luz sobre o significado dos acontecimentos no Jardim do Paraíso, da Torre de Babel e do Grande Dilúvio. Finalmente, o homem, biológica e materialmente dotado pelos seus criadores, acaba por expulsar seus deuses da Terra.
Este livro sugere que não estamos sós em nosso sistema solar. Ainda assim, ele pode intensificar, mais do que diminuir, a fé numa Onipotência universal. Porque, se os Nefilim criaram o homem na Terra, podiam estar apenas cumprindo parte de um plano superior mais amplo.
Nova York, fevereiro de 1977.
Z. SITCHIN

1
O Infindável Começo

De todas as provas que acumulamos para apoiar nossas conclusões, a primeira a ser exibida é o próprio homem. De vários modos, o homem moderno, o Homo sapiens, é um estranho à Terra.
Desde que Charles Darwin chocou os eruditos e os teólogos de seu tempo com a evidência da evolução, a vida na Terra foi ornamentada pelo homem e por primatas, mamíferos e vertebrados, e, recuando no tempo, por formas de

vida progressivamente inferiores até atingirmos o ponto, há bilhões de anos, em que se presume que a vida tenha começado.
Mas, chegando a esses primórdios e começando a contemplar as probabilidades de vida em algum outro ponto de nosso sistema solar e mesmo para além dele, os eruditos começaram a sentir-se apreensivos acerca da vida na Terra - de qualquer modo, ela parece não pertencer a este lugar. Se tudo começou através de uma série de reações químicas espontâneas, por que é que a vida na Terra tem uma única fonte e não uma multitude de fontes causais? E por que é que toda a matéria viva na Terra contém tão poucos dos elementos químicos que abundam na Terra e tantos daqueles que são raros em nosso planeta?
Terá, então, a vida sido importada de algum lugar para a Terra?
A posição do homem na cadeia evolucionária compôs o quebra-cabeça. Encontrando um esqueleto partido aqui, um maxilar ali, os eruditos começaram por acreditar que o homem apareceu na Ásia há 500.000 anos. Mas, como foram encontrados fósseis mais antigos, tornou-se evidente que os moinhos da evolução se moveram muito, mas muito mais lentamente. Os macacos antecessores do homem estão agora, desconcertantemente, colocados há 25 milhões de anos. Descobertas na África Oriental revelam uma transição para macacos humanóides (hominídeos) há cerca de 14 milhões de anos. Cerca de 11 milhões de anos mais tarde apareceu lá o primeiro macaco-homem digno de ser classificado como Homo.
O primeiro ser que se considera realmente humanóide - "australopiteco avançado" - existiu há cerca de 2 milhões de anos em algumas partes da África. Levou ainda outro milhão de anos para aparecer o Homo erectus Finalmente, depois de outros 900.000 anos, apareceu o primeiro homem primitivo; a ele se chamou Homem de Neanderthal, segundo o nome do local em que seus vestígios foram primeiramente encontrados.
A despeito da passagem de mais de 2 milhões de anos entre o australopiteco avançado e o Homem de Neanderthal, os instrumentos destes dois grupos - pedras aguçadas - são virtualmente semelhantes; e os próprios grupos (tal como se pensa que eles fossem) são dificilmente distinguíveis.



Depois, súbita e inexplicavelmente, há 35.000 anos, uma nova raça de homens - Homo sapiens ("o homem pensante") - apareceu como que vinda do nada e varreu o Homem de Neanderthal da face da Terra. Estes homens modernos, que receberam o nome de Cro-Magnon, têm um aspecto tão semelhante ao nosso que, se os vestíssemos com nossas roupas atuais, eles se perderiam de vista por entre as multidões de qualquer cidade européia ou americana. Devido à magnificente arte de cavernas que criaram, foram primeiramente chamados os "homens das cavernas". De fato, eles vaguearam pela Terra livremente, uma vez que sabiam como construir abrigos e casas de pedra e de peles de animais para onde quer que fossem.

Por milhões de anos, as ferramentas do homem foram apenas pedras de formas úteis. O Homem do Cro-Magnon, no entanto, fez ferramentas especializadas e armas de madeira e osso. Já não era o "macaco nu", uma vez que usava peles para se vestir. Sua sociedade estava organizada: vivia em clãs com uma hegemonia patriarcal. Seus desenhos em cavernas evidenciam talento artístico e profundidade de sentimento: seus esboços e esculturas revelam uma forma de religião, patente na adoração de uma deusa-mãe que era por vezes representada com o sinal da Lua em quarto crescente. Esse homem enterrava seus mortos e deve, portanto, ter possuído alguma filosofia a respeito da vida, da morte e, talvez mesmo, da vida após-morte.

Misterioso e inexplicável como é, o aparecimento do Homem do Cro-Magnon complica ainda mais o quebra-cabeça. Uma vez que outros vestígios do homem moderno foram descobertos (em locais que incluem Swanscombe, Steinheim e Montmaria), torna-se evidente que o Homem do Cro-Magnon se originou de um Homo sapiens ainda mais precoce que viveu na Ásia

Ocidental e África do Norte cerca de 250.000 anos antes do Homem do Cro-Magnon.
O aparecimento do homem moderno a uns meros 700.000 anos antes do Homo erectus e cerca de 200.000 anos antes do Homem de Neanderthal é absolutamente impensável. É também claro que o Homo sapiens representa um ponto de partida tão extremo do lento processo evolucionário que muitas de nossas capacidades, tal como a capacidade de falar, não têm nenhuma conexão com os primatas mais remotos.
Uma eminente autoridade no tema, o prof. Theodosius Dobzhansky (Mankind Evolving) [Humanidade em Evolução], ficou particularmente intrigada pelo fato de este desenvolvimento ter acontecido durante um período em que a Terra passava por uma idade do gelo, período pouco propício a progressos na evolução. Salientando que ao Homo sapiens faltam por completo algumas das peculiaridades dos tipos até aí conhecidos e aparecem algumas que nunca ocorreram, o professor conclui: "O homem moderno tem muitos fósseis, parentes colaterais, mas nenhum progenitor: sua origem, como Homo sapiens, torna-se, assim, um quebra-cabeça".
Como é, então, que os antecessores do homem moderno aparecem há uns 300.000 anos, em vez de aparecerem há 2 milhões ou 3 milhões de anos no futuro, seguindo um ulterior processo evolucionário? Fomos importados para a Terra de algum ponto, ou teremos sido, como atesta o Antigo Testamento e outras fontes antigas, criados por deuses?
Sabemos agora onde começou a evolução e como se desenvolveu, uma vez começada. A pergunta por responder é esta: - Por que, por que é que a civilização aconteceu realmente? Porque agora, tal como a maior parte dos eruditos reconhece, ainda que com frustração, se somarmos todos os dados, vemos que o homem deveria ainda viver sem civilização. Não há razão óbvia para que sejamos nem um pouco mais civilizados do que as tribos primitivas das selvas amazônicas ou das regiões inacessíveis da Nova Guiné.
Mas, dizem-nos, esses homens das tribos vivem ainda como na Idade da Pedra porque foram isolados. Mas isolados de quê? Se eles têm vivido na mesma Terra que nós, por que não adquiriram eles o mesmo conhecimento científico e tecnológico próprio, como nós pressupostamente possuímos?

O verdadeiro quebra-cabeça, no entanto, não é o atraso dos Bushmen, mas o nosso avanço, uma vez que se reconhece agora que, no curso normal da evolução, o homem deveria ainda estar representado pelo tipo dos Bushmen, e não pelo nosso. Foram precisos alguns 2 milhões de anos ao homem para avançar na sua "indústria de ferramentas", desde o uso das pedras tal como as encontrava até a compreensão de que as poderia cinzelar e moldar, de forma a melhor servir seus próprios objetivos. Por que não mais 2 milhões de anos para aprender o uso de outros materiais e outros 10 milhões de anos para dominar as ciências matemáticas, a engenharia e a astronomia? E, no entanto, aqui estamos nós a menos de 50.000 anos de distância do Homem de Neanderthal, pousando astronautas na Lua.

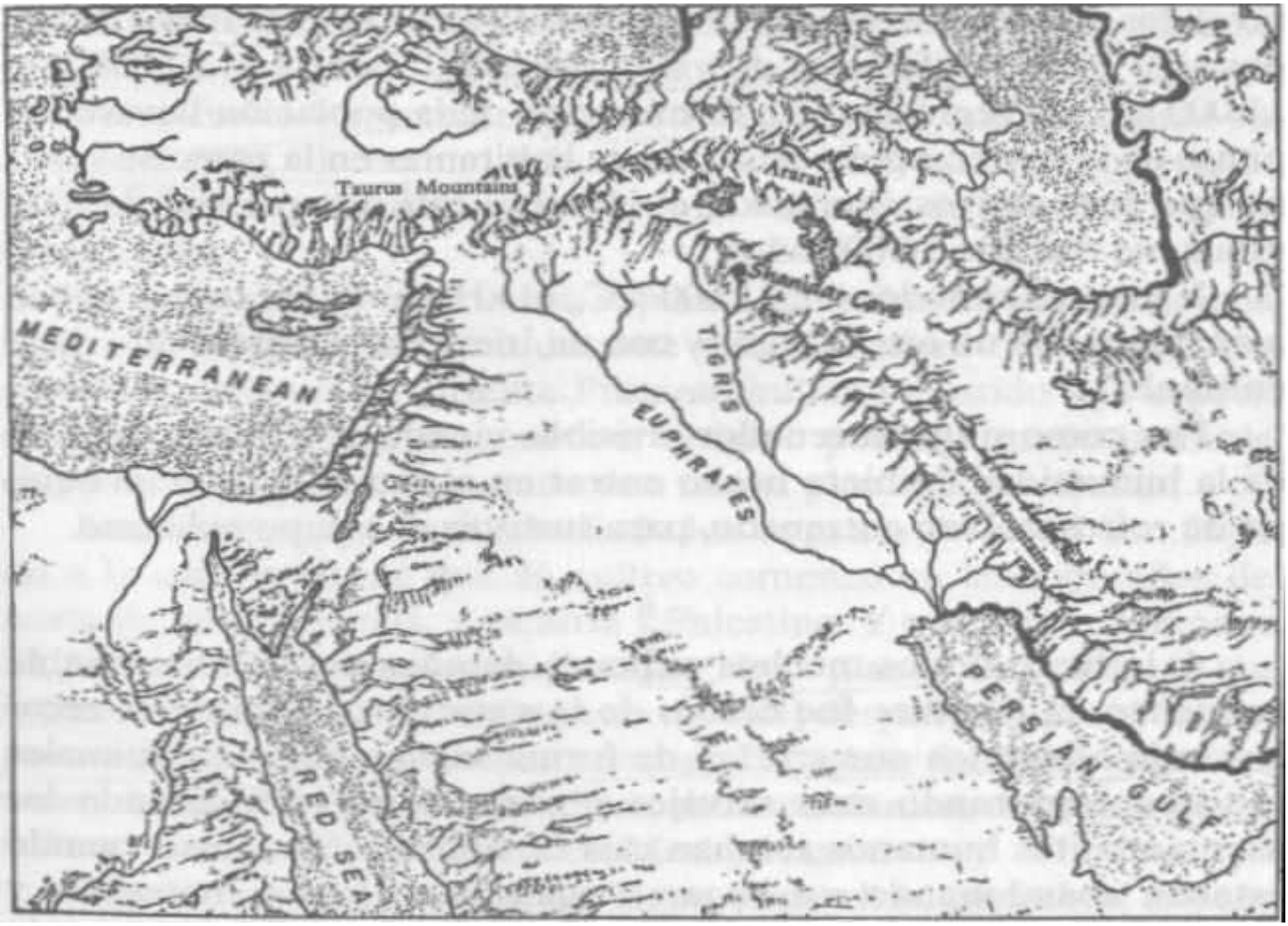
A questão óbvia, então, é esta: será que nós e os nossos antecessores mediterrâneos adquirimos esta avançada civilização, realmente, à nossa custa?

Embora o Homem do Cro-Magnon não construísse arranha-céus nem usasse metais, não há dúvida de que sua civilização foi repentina e revolucionária. Sua mobilidade, sua habilidade para construir abrigos, seu desejo de se vestir, suas ferramentas manufaturadas, sua arte - tudo isto representou uma alta civilização quebrando um infindável começo que se alargou por milhões de anos e avançou lenta e dolorosamente, a passo e passo.

Embora nossos eruditos não possam explicar o aparecimento do Homo sapiens e a civilização do Homem do Cro-Magnon, nesta altura, não há dúvidas referentes ao lugar originário desta civilização, ou seja, o Oriente Médio. Os planaltos e as cadeias montanhosas estendidas em semi-arco desde as montanhas Zagros, a leste (onde hoje o Irã e o Iraque têm uma fronteira comum), através das cadeias Ararat e Tauro ao norte, e depois descendo para o oeste e para o sul, para as terras montanhosas da Síria, Líbano e Israel, estão repletos de cavernas onde se preservaram provas da existência do homem pré-histórico.

Entre estas cavernas, Shanidar está localizada na parte nordeste do semi-arco de civilização. Hoje em dia, ferozes homens curdos procuram abrigo na área das cavernas para eles próprios e para os rebanhos nos frios meses de inverno. Assim aconteceu, numa noite invernosa há 44.000 anos, quando

uma família de sete pessoas (uma das quais era ainda um bebê) procurou abrigo na caverna de Shanidar.



Seus vestígios - evidentemente eles foram mortalmente esmagados por uma avalanche de rochas - foram descobertos em 1957 por um estupefato Ralph Solecki, (O Prof. Solecki disse-me que foram encontrados apenas quatro esqueletos esmagados por avalanche) que partira para aquela área à procura de provas da existência desse homem antigo. Aquilo que ele encontrou foi mais do que poderia ter esperado. À medida que, camada após camada, os destroços iam sendo retirados, tornou-se evidente que a caverna preservava um registro claro de habitação humana na área desde 100.000 até 13.000 anos atrás.

O que este registro mostrou foi tão surpreendente como a descoberta em si. A cultura do homem foi mostrada não como uma progressão, mas como uma

regressão. Começando a partir de certo nível, as gerações posteriores evidenciam níveis civilizacionais não superior, mas inferiormente avançados. E depois, cerca do ano 27.000 a.C. até 11.000 a.C., a retrógrada e definhada população alcançou o momento de uma ausência quase completa de habitação. Por razões que supomos ser de ordem climática, o homem estava completamente desaparecido da área há cerca de 16.000 anos.
E, em seguida, cerca do ano 11.000 a.C., o "homem pensante" reapareceu com novo vigor e com um nível de cultura inexplicavelmente superior.
Foi como se um técnico invisível, observando o vacilante jogo humano, tivesse mandado para o campo uma equipe jovem e mais bem treinada para substituir a outra, já exausta.

Ao longo dos muitos milhões de anos do seu infindável começo, o homem teve uma natureza de criança: subsistiu reunindo os alimentos que cresciam selvagens, caçando animais selvagens, capturando aves selvagens e peixes. Mas logo que as colônias humanas começaram a se dizimar, assim que o homem começou a abandonar as estâncias, quando suas conquistas materiais e artísticas desapareceram - logo nessa altura, subitamente, sem razão aparente e sem nenhum período de preparação gradual, conhecido anteriormente -, nessa altura, o homem tornou-se agricultor.
Resumindo os trabalhos de muitas eminentes autoridades no assunto, R.J. Braidwood e B. Howe (Prehistoric Investigations in Iraqi Kurdistan) [Investigações Pré-Históricas no Iraque-Curdistão] concluíram que os estudos genéticos confirmam os achados arqueológicos e não deixam dúvidas de que a agricultura começou exatamente onde o homem pensante tinha anteriormente surgido na sua primeira e crua civilização: no Oriente Médio. Não há dúvida agora de que a agricultura se espalhou pelo mundo afora a partir do arco de montanhas e planaltos do Oriente Médio.
Empregando sofisticados métodos de datação por rádio-carbono e genética botânica, muitos eruditos de vários domínios da ciência concorrem para a conclusão que afirma terem sido o trigo e a cevada os primeiros sucessos agrícolas do homem, provavelmente através da domesticação de uma variedade selvagem de trigo. Supondo que, de qualquer modo, o homem foi submetido a um processo gradual de auto-aprendizagem da domesticação, do

plantio e do cultivo de uma planta selvagem, os eruditos continuam aturdidos com a profusão de outras plantas e cereais básicos para a sobrevivência humana e com o avanço que continuou vindo do Oriente Médio. Esses cereais incluíram em rápida sucessão o milho painço, centeio e espelta (trigo) entre os cereais comestíveis; o linho, que fornecia fibras e óleo comestível, e uma variedade de arbustos e árvores frutíferas.

Em qualquer circunstância, a planta foi, indubitavelmente, domesticada no Oriente Médio durante milênios, antes de ter alcançado a Europa. Foi como se o Oriente Médio fosse uma espécie de laboratório genético-botânico, guiado por mão invisível, produzindo sempre e freqüentemente uma planta recentemente domesticada.

Os eruditos que estudaram as origens da vinha concluíram que seu cultivo começou nas montanhas à volta da Mesopotâmia do Norte e na Síria e Palestina. Não é de admirar. O Antigo Testamento diz-nos que Noé "plantou uma vinha" (e chegou a embriagar-se com seu vinho) depois de sua arca ter parado no monte Ararat, quando as águas do Dilúvio começaram a retroceder. A Bíblia, tal como os eruditos, coloca, assim, o início do cultivo da vinha nas montanhas ao norte da Mesopotâmia.

Maçãs, pêras, azeitonas, figos, amêndoas, pistaches e nozes - todos foram originados no Oriente Médio e daí se espalharam para a Europa e outras regiões do mundo. De fato, não podemos deixar de recordar que o Antigo Testamento precedeu nossos eruditos vários milênios na identificação da mesma área como o primeiro pomar mundial: "E o Senhor Deus plantou um pomar no Jardim do Paraíso, no oriente... E o Senhor Deus fez crescer do solo todas as árvores agradáveis à vista e boas para a alimentação".

A localização geral do "Éden" é certamente conhecida pelas gerações bíblicas. Era no "oriente" - oriente da Terra de Israel. Era num solo irrigado por quatro rios principais, dois dos quais o Tigre e o Eufrates.

Não pode haver dúvida de que o livro do Gênesis localizou o primeiro pomar nos planaltos onde estes rios se originaram, na Mesopotâmia nordeste. Bíblia e ciência estão em absoluto acordo.

De fato, se lermos o texto original em hebraico do livro do Gênesis, não como um texto teológico, mas como um texto científico, descobriremos que esse livro também descreve precisamente o processo de

domesticação de plantas. A ciência diz-nos que o processo se desenrolou desde as relvas selvagens para cereais selvagens e cereais cultivados, seguido depois de arbustos e árvores frutíferas. Este é exatamente o processo detalhadamente descrito no capítulo I do livro do Gênesis:

E o Senhor disse:
Que a Terra traga para fora ervas; cereais que por sementes produzem sementes; árvores de frutos que criem frutos por espécies, que contêm a semente dentro delas próprias.

E assim se fez:
A Terra trouxe para fora ervas; cereais que por semente produzem semente, por espécies; e árvores que criam frutos que contêm a semente dentro delas próprias, por espécies.

O livro do Gênesis prossegue dizendo-nos que o homem, expulso do pomar do Éden, teve de labutar para fazer crescer seu alimento. "Do suor da tua fronte, comerás o teu pão", disse o Senhor a Adão. Depois disso, "Abel foi o guardião de rebanhos e Caim um lavrador do solo". O homem, diz-nos a Bíblia, fez-se pastor pouco depois de se ter tornado agricultor.
Os eruditos concordam com esta seqüência bíblica de acontecimentos. Analisando as várias teorias referentes à domesticação animal, F.E. Zeuner (Domestication of Animais) [Domesticação de Animais] salienta que o homem não poderia ter "adquirido o hábito de guardar animais em cativeiro ou domesticação antes de ter alcançado o estágio de vivência em unidades sociais de certas proporções". Estas comunidades estabelecidas, um pré-requisito para a domesticação animal, seguiram-se à comutação para a agricultura.
O primeiro animal a ser domesticado foi o cão, e não necessariamente como o melhor amigo do homem, mas, provavelmente, também como fonte de alimentação. Isto ocorreu, acredita-se, cerca do ano 9.500 a.C. Os primeiros vestígios de esqueletos caninos foram encontrados no Irã, Iraque e Israel.
Os carneiros foram domesticados por volta da mesma época: a caverna de Shanidar contém vestígios de carneiros datados de cerca do ano 9.000 a.C.,

mostrando que todos os anos grande parte dos animais jovens eram mortos para alimentação e peles. As cabras, que forneciam também leite, seguiram-se brevemente; e os porcos, o gado com e sem chifres, foram os seguintes a serem domesticados.

Em qualquer circunstância, a domesticação começou no Oriente Médio.

A mudança abrupta no curso dos acontecimentos humanos que ocorreram cerca do ano 11.000 a.C. no Oriente Médio (e uns 2.000 anos mais tarde na Europa) levou os estudiosos a descreverem esse tempo como o fim nítido da Antiga Idade da Pedra (o Paleolítico) e o começo de uma nova era cultural, a Média Idade da Pedra (o Mesolítico).

O nome é apenas apropriado se considerarmos o principal material bruto do homem, que continuava a ser a pedra. Suas habitações nas áreas montanhosas continuavam a ser construídas com pedra, suas comunidades eram protegidas por paredes de pedra, seu primeiro instrumento agrícola, a foicinha, foi feito em pedra. Ele honrava ou protegia seus mortos cobrindo e adornando suas sepulturas com pedras e usava pedra para fazer imagens de seres supremos, ou deuses, cuja benigna intervenção ele procurava. Uma dessas imagens, descoberta ao norte de Israel e datada do 9º. milênio a.C., mostra a face gravada de um deus protegido por um elmo listrado e vestindo uma espécie de "óculos".

No entanto, de um ponto de vista generalizante, seria mais apropriado chamar à idade que começou cerca do ano 11.000 a.C., não Média Idade da Pedra, mas Idade da Domesticação. Dentro do curto período de tempo de 3.600 anos - o espaço de uma noite em termos de um infindável começo - o homem tornou-se agricultor e as plantas e os animais selvagens foram domesticados. Depois, seguiu-se claramente uma nova idade. Os nossos eruditos chamam-lhe a Nova Idade da Pedra (Neolítico); mas o termo é totalmente inadequado, uma vez que a maior mudança que teve lugar por volta do ano 7.500 a.C. foi o aparecimento da cerâmica.

Por razões que ainda escapam a nossos eruditos - mas que se tornarão claras à medida que formos desenrolando nossa teia de acontecimentos pré-históricos -, a marcha do homem em direção à civilização foi confinada, durante os primeiros milênios subseqüentes ao ano 11.000 a.C., aos planaltos do Oriente Médio. A descoberta dos vários usos a dar à argila

foi contemporânea à descida do homem das suas moradias nas montanhas em direção aos vales mais baixos e cheios de barro.

Por volta do 7º. milênio a.C., o arco de civilização do Oriente Médio fervilhava de culturas de cerâmica em argila que produziam grande número de utensílios, ornamentos e estatuetas. Por volta do ano 5.000 a.C., o Oriente Médio produzia objetos de argila e cerâmica de soberba qualidade e desenho fantástico.

Mas, uma vez mais, o progresso se desacelera, e, por volta do ano 4.500 a.C., a evidência arqueológica indica que a regressão vigorava por toda a parte. A cerâmica simplificou-se. Os utensílios de pedra - uma relíquia da Idade da Pedra - tornam-se, de novo, predominantes. Locais antes habitados revelam vestígios cada vez mais raros. Alguns locais que foram centros de indústrias de cerâmica e argila começaram a ser abandonados e a produção característica de argila desapareceu. "Houve um empobrecimento geral da cultura", segundo James Melaart (Earliest Civilizations of the Near East) [As Mais Novas Civilizações do Oriente Médio]; alguns locais revelam claramente as marcas da "nova fase de estrita pobreza".

O homem e sua cultura estavam nitidamente em declínio.

Depois - súbita, inesperada e inexplicavelmente -, o Oriente Médio foi testemunha do florescimento da mais grandiosa civilização imaginável, uma civilização na qual a nossa tem firmes raízes.
Uma mão misteriosa salvou uma vez mais o homem do seu declínio e elevou-o até um nível mais alto de cultura, conhecimento e civilização.

2
A Súbita Civilização

Durante muito tempo, o homem do Ocidente acreditou que sua civilização era dádiva conjunta de Roma e da Grécia. Mas os próprios filósofos gregos escreveram repetidamente que se inspiraram em fontes ainda mais remotas. Mais tarde, os viajantes de regresso à Europa falaram da existência no Egito de imponentes pirâmides e cidades-templos meio enterradas na areia e guardadas por estranhos animais de pedra chamados esfinges. Quando Napoleão chegou ao Egito, em 1799, levou com ele eruditos para estudar e explicar esses antigos monumentos. Um dos seus oficiais, perto de Rosetta, encontrou uma placa de pedra na qual estava gravada a proclamação do ano 196 a.C., escrita na antiga letra pictográfIca egípcia. (hieróglifos), assim como em dois outros escritos.
A decifração dos antigos escritos e língua egípcios e os esforços arqueológicos que se seguiram revelaram ao homem do Ocidente que existira no Egito uma alta civilização bastante anterior ao advento da civilização grega. Os registros egípcios falam de dinastias egípcias que começaram por volta do ano 3.100 a.C. - dois milênios inteiros antes do início da civilização helênica. Alcançando sua maturidade nos séculos 5 e 4 a.C., a Grécia foi mais retardatária do que inovadora.
O Egito foi então a origem da nossa civilização?
Por mais lógica que esta conclusão pudesse ter sido, a verdade é que os fatos falam contra ela. Os eruditos gregos descreveram, realmente, visitas ao Egito, mas as antigas fontes do conhecimento de que eles falam foram encontradas noutro local. As culturas pré-helênicas do mar Egeu - a minóica, na ilha de Creta, e a micênica, no continente grego - dão provas de que foi adotada a

cultura do Oriente Médio, e não a egípcia. A Síria e a Anatólia, não o Egito, foram as principais avenidas através das quais uma civilização mais remota se colocou à disposição dos gregos.

Notando que a invasão dória da Grécia e a invasão israelita de Canaã, seguindo-se ao êxodo do Egito, ocorreram por volta da mesma época (século 13 a.C.), os eruditos ficaram fascinados por descobrir um número crescente de semelhanças entre as civilizações semita e helênica. O prof. Cyrus H. Gordon (Forgotten Scripts: Evidence for the Minoan Language) [Manuscritos Esquecidos: Evidência da Linguagem Minóica] abriu um novo campo de estudo mostrando como um antigo escrito minóico, chamado "Linear A", representava uma linguagem semita. Ele concluiu que "o padrão (distinto do conteúdo) das civilizações hebraica e minóica é o mesmo até um razoável limite", e salientou que o nome da ilha, Creta, soletrado em minóico, Ke-re-ta, era o mesmo que o designado pela palavra hebraica "Ke-re-et" ("cidade emparedada") e tinha sua correspondente num conto semita de um rei de Keret.

O próprio alfabeto helênico, do qual o latino e os nossos próprios alfabetos derivam, veio do Oriente Médio. Os antigos historiadores gregos escrevem que um fenício chamado Kadmus ("antigo") lhes ofereceu o alfabeto que compreendia o mesmo número de letras e pela mesma ordem que o hebraico; este era o único alfabeto grego quando a Guerra de Tróia teve lugar. O número de letras foi aumentado para 26 pelo poeta Simónides de Ceos no século 5 a.C.

Que a escrita grega e latina e, deste modo, toda a fundação da nossa cultura ocidental foram adotadas do Oriente Médio pode ser facilmente demonstrado pela comparação entre a ordem, os nomes, os sinais e até os valores numéricos do alfabeto original do Oriente Médio com o muito posterior alfabeto grego e o mais recente alfabeto latino.

Os eruditos tinham consciência clara dos contatos gregos com o Oriente Médio no 1º. milênio a.C., culminando com a derrota dos persas por Alexandre da Macedônia em 331 a.C. Os registros gregos contêm muitas informações acerca destes persas e das suas terras (que, grosso modo, se equiparam ao Irã de hoje). A julgar pelos nomes dos seus reis - Ciro, Dario e Xerxes - e das suas deidades, que parecem pertencer ao ramo lingüístico

indo-europeu, os eruditos chegaram à conclusão de que eles eram parte do povo ariano (senhorial), que apareceu em algum lugar perto do mar Cáspio, por volta do fim do 2º. milênio a.C., e se espalhou para o oeste, para a Ásia Menor, para leste, em direção à Índia, e para o sul, para aquilo a que o Antigo Testamento chama as "terras de medos e persas".

Nombre hebreo	Cananeo-Fenicio	Griego primitivo	Griego posterior	Nombre griego	Latín
Aleph	𐤀	Α	Α	Alpha	A
Beth	𐤁	Β	Β	Beta	B
Gimel	𐤂	Γ	Γ	Gamma	C G
Daleth	𐤃	Δ	Δ	Delta	D
He	𐤄	Ε	Ε	E(psilon)	E
Vau	𐤅	Υ	Υ	Vau	F V
Zayin	𐤆	Ι	Ι	Zeta	
Heth (1)	𐤇	Η	Η	(H)eta	H
Teth	𐤈	Θ	Θ	Theta	
Yod	𐤉	Ι	Ι	Iota	I
Khaph	𐤊	Κ	Κ	Kappa	
Lamed	𐤋	Λ	Λ	Lambda	L
Mem	𐤌	Μ	Μ	Mu	M
Nun	𐤍	Ν	Ν	Nu	N
Samekh	𐤎	Ξ	Ξ	Xi	X
Ayin	𐤏	Ο	Ο	O(nicron)	O
Pe	𐤐	Π	Π	Pi	P
Şade (2)	𐤑	Μ	Μ	San	
Koph	𐤒	Φ	Ϙ	Koppa	Q
Resh	𐤓	Ρ	Ρ	Rho	R
Shin	𐤔	Σ	Σ	Sigma	S
Tav	𐤕	Τ	Τ	Tau	T

Fig.4

(1) «H», transliterado normalmente como «H» por hacerlo más sencillo, se pronuncia, en lenguas sumeria y semita, como «CH» en el escocés o alemán «loch».

(2) «S», transliterado normalmente como «S» por hacerlo más sencillo, se pronuncia, en lenguas sumeria y semita, como «TS».

No entanto, nem tudo foi assim tão simples. A despeito da assumida origem estrangeira destes invasores, o Antigo Testamento trata-os como parte e parcela dos acontecimentos bíblicos. Ciro, por exemplo, foi considerado como sendo "consagrado por Javé" - uma relação bastante invulgar entre o Deus hebreu e um Deus não hebreu. De acordo com o livro bíblico de Esdras, Ciro tomou conhecimento da sua missão de reconstruir o Templo de Jerusalém e afirmou que agia segundo ordens de Javé, a quem ele chamava "o Deus dos Céus".

Ciro e os outros reis da sua dinastia auto-intitularam-se Aquemênidas - título adotado pelo fundador da dinastia, Hacham-Anish. Não era um título ariano, mas um título perfeitamente semita que significava "homem sensato". De modo geral, os eruditos negligenciaram a investigação das várias pistas que podem indicar as semelhanças entre o Deus hebreu Javé e a deidade Aquemênida chamada "O Deus Sensato", que eles representaram flutuando nos céus dentro de um globo alado, tal como é mostrado no selo real de Dario.

Foi agora estabelecido que as raízes culturais, religiosas e históricas destes antigos persas remontam aos antigos impérios da Babilônia e Assíria, cuja expansão e queda estão registradas no Antigo Testamento. Os símbolos que constituem o manuscrito que apareceu nos monumentos e selos aquemênidos

foram primeiramente considerados como sendo desenhos decorativos. Engelbert Kampfer, que visitou, em 1686, Persépolis, a velha capital persa, descreveu os sinais como cuneiformes, ou impressões em forma de cunha.
Quando começaram os esforços de decifração das inscrições aquemênidas, tornou-se claro que elas estavam escritas no mesmo tipo de escrita que as inscrições encontradas em antigos artefatos e barras na Mesopotâmia, nas planícies e planaltos que ficam entre os rios Tigre e Eufrates.
Intrigado pelas descobertas dispersas, Paul Emile Botta partiu em 1843 para conduzir a primeira escavação de grande objetivo. Ele escolheu um local na Mesopotâmia do Norte, próximo do atual Mossul, agora chamado Khorsabad.
Botta em pouco tempo conseguiu estabelecer que as inscrições cuneiformes davam o nome ao lugar de Dur Sharru Kin. Eram inscrições semitas, numa língua irmã do hebreu, e o nome significava "cidade emparedada do rei íntegro". Nossos manuais chamam a este rei Sargão II.

Esta capital do rei assírio tinha como centro um magnificente palácio real cujas paredes estavam desenhadas com baixos-relevos esculpidos, que, colocados em fila, se estenderiam por mais de um quilômetro. A comandar a cidade e o conjunto real havia uma pirâmide de degraus chamada zigurate - servia como "escada para os céus" para os deuses.

O plano da cidade e as esculturas revelam-nos um modo de vida de alto nível. Palácios, templos, casas, estábulos, armazéns, paredes, cancelas, colunas, decorações, estátuas, obras de arte, torres, rampas, terraços, jardins - tudo isso foi completado em apenas cinco anos. De acordo com Georges Contenau (La Vie Quotidienne à Babylone et en Assyrie) [A Vida Quotidiana na Babilônia e na Assíria], "a imaginação vacila ante a força potencial de um império que pôde realizar tanto em tão curto período de tempo", há cerca de 3.000 anos.

Para não serem ultrapassados pelos franceses, os ingleses apareceram em cena na pessoa de Sir Arthur Henry Layard, que escolheu como seu local de trabalho um lugar a cerca de 16 quilômetros ao longo do rio Tigre a partir de Khorsabad. Os nativos chamam-lhe Kuyunjike e transformou-se na capital assíria de Nínive.

Nomes e acontecimentos bíblicos começaram a ganhar vida. Nínive era a capital real da Assíria sob os seus três últimos grandes governantes: Senaqueribe, Asaradão e Assurbanipal. "Agora, no décimo quarto ano do rei Ezequias, Senaqueribe, rei da Assíria, levantou-se contra todas as cidades emparedadas de Judá", relata o Antigo Testamento (II Reis 18: 13), e, quando o anjo do Senhor reuniu o seu exército, "Senaqueribe partiu e regressou e assentou morada em Nínive".

Os morros onde Nínive foi construída por Senaqueribe e Assurbanipal revelam palácios, templos e obras que ultrapassam os de Sargão. A área onde se acredita estar o espólio dos palácios de Asaradão não pode ser escavada porque é agora uma mesquita muçulmana erigida sobre o lugar fúnebre que se pretende fazer passar pelo de Jonas, o Profeta, que se diz ter sido engolido por uma baleia quando se recusou a trazer a mensagem de Javé para Nínive.

Layard lera em antigos registros gregos que um oficial do exército de Alexandre vira "um lugar de pirâmides e vestígios de uma cidade antiga”

- uma cidade que já estava enterrada no tempo de Alexandre. Layard escavou-a e viu-se que era Nimrud, o centro militar assírio. Foi lá que Shalmaneser II fez erigir um obelisco para registrar suas conquistas e expedições militares. Agora em exibição no Museu Britânico, o obelisco

lista, entre os reis obrigados a pagar tributo, "Jeú, o filho de Omri, rei de Israel ".
De novo, as inscrições mesopotâmicas e os textos bíblicos se apóiam mutuamente.
Estupefatos por uma corroboração progressivamente mais freqüente das narrativas bíblicas pelos achados arqueológicos, os assiriologistas, como se vieram a chamar estes eruditos, voltaram ao capítulo X do livro do Gênesis. Aí, Nimrod - "um poderoso caçador pela graça de Javé" - é descrito como fundador de todos os reinos da Mesopotâmia.

E o começo do seu reino:
Babel, Erech e Akkad, todas na Terra de Shin'ar
Daquela terra foi emanado Ashur onde Nínive foi construída, uma cidade de largas ruas, e Khalah, e Ressen - a grande cidade entre Nínive e Khalah.

Havia realmente um morro a que os nativos chamavam Calah, situado entre Nínive e Nimrud. Quando as equipes sob as ordens de W. Andreas escavaram a área de 1903 a 1914, desenterraram as ruínas de Ashur, o centro religioso assírio e sua remotíssima capital. De todas as cidades assírias mencionadas na Bíblia, apenas Ressen está por descobrir. O nome significa "o freio do cavalo"; era provavelmente aí que estavam localizados os estábulos reais da Assíria.
Por volta da mesma época, quando Ashur estava sendo escavada, equipes dirigidas por R. Koldewei completavam a escavação da Babilônia a Babel bíblica -, um vasto local de palácios, templos, jardins suspensos e o inevitável zigurate. Em breve, os artefatos e inscrições desvendaram a história de dois impérios competidores da Mesopotâmia: a Babilônia e a Assíria, uma centrada ao sul, outra ao norte.
Ascendendo e caindo, lutando e coexistindo, os dois impérios constituíram uma alta civilização que abarcou cerca de 1.500 anos; ambos ascendendo por volta do ano 1.900 a.C. Ashur e Nínive foram, finalmente, capturadas e destruídas pelos babilônios em 614 e 612 a.C., respectivamente. Tal como foi predito pelos profetas bíblicos, a própria Babilônia encontrou um fim inglório quando Ciro, o Aquemênidas, a conquistou em 539 a.C.

Embora fossem rivais ao longo de toda a sua história, só muito dificilmente se poderiam deslindar algumas diferenças significantes entre a Assíria e a Babilônia nos campos cultural e material. Apesar de a Assíria chamar à sua deidade principal Ashur ("o que vê tudo") e a Babilônia aclamar Marduk ("filho do puro morro"), os panteões eram, pelo contrário, virtualmente semelhantes.

Muitos dos museus do mundo contam entre os seus objetos de exposição privilegiados as passagens cerimoniais, touros alados, baixos-relevos, carros de batalha, ferramentas, utensílios, joalheria, estátuas e outros objetos fabricados em todos os materiais concebíveis que foram desenterrados dos morros da Assíria e da Babilônia. Mas os verdadeiros tesouros destes reinos são os seus registros escritos: milhares e milhares de inscrições na escrita cuneiforme, incluindo contos cosmológicos, poemas épicos, histórias de reis, registros de templos, contratos comerciais, registros de casamentos e divórcios, tábuas astronômicas, previsões astrológicas, fórmulas matemáticas, listas geográficas, textos escolares, gramaticais e vocabulares, e, não inferiores aos restantes, textos tratando dos nomes, genealogias, epítetos, feitos, poderes e deveres dos deuses.

A língua comum que formou o elo cultural, histórico e religioso entre a Assíria e a Babilônia foi a acádica. Foi a primeira língua semita conhecida, semelhante, mas precedente da hebraica, da aramaica, da fenícia e da cananita. Mas os assírios e os babilônios não reivindicavam a invenção da língua ou de sua escrita; de fato, muitas de suas barras têm como post scriptum a indicação de que foram copiadas de outros originais mais remotos. Então, quem inventou a escrita cuneiforme e desenvolveu a língua, a sua precisa gramática e rico vocabulário? Quem escreveu os "remotos originais"? E por que os assírios e babilônios chamavam essa língua de acádica?

A atenção focaliza-se mais uma vez no livro do Gênesis. "E o princípio do seu reino: Babel e Erech e Akkad." Akkad - poderia ter existido realmente uma capital real, precedendo Babilônia e Nínive?

As ruínas da Mesopotâmia forneceram provas concludentes de que outrora existiu realmente um reino com o nome de Akkad estabelecido por governantes muito anteriores que se chamavam a si próprios sharrukin ("o íntegro governante"). Em suas inscrições ele clamava que o seu império se

alargara ("pela graça do seu deus Enlil") desde o mar Inferior (golfo Pérsico) até ao mar Superior (que se crê ser o Mediterrâneo). Gabava-se de "que ao desembarcadouro de Akkad ele fizera atracar navios" de muitas terras distantes.
Os eruditos estacaram respeitosos: tinham alcançado um Império Mesopotâmio no 3º. milênio a.C. Havia, no passado, um salto de uns 2.000 anos desde o Sargão assírio de Dur Sharrukin até o Sargão de Akkad. E, no entanto, os morros que foram escavados trouxeram à luz do dia literatura e arte, ciência e política, comércio e comunicações - uma civilização totalmente prestes a voar do ninho, muito antes do aparecimento da Babilônia e da Assíria. E ainda mais, era obviamente o predecessor e a fonte das tardias civilizações mesopotâmicas - a Assíria e a Babilônia eram apenas ramos do tronco acádico.
O mistério de uma civilização mesopotâmica tão remota tornou-se mais profundo à medida que as inscrições registrando as realizações e genealogia de Sargão e de Akkad foram sendo descobertas. Elas testemunham que o título completo de Sargão era "rei de Akkad, rei de Kish"; explicaram que antes de ele ter subido ao trono fora conselheiro dos "governantes de Kish". Haveria, então, perguntaram-se os estudiosos, um reino ainda anterior, o de Kish, que precederia o de Akkad?
Uma vez mais, os versos bíblicos ganham em significação.

E Kush criou Nimrod;
Ele era o primeiro a ser um herói na Terra...
E o início do seu reino:
Babel e Erech e Akkad.

Muitos estudiosos especularam que Sargão de Akkad era o bíblico Nimrod. Se se lesse "Kish" em vez de "Kush" nos versos bíblicos acima transcritos, pareceria que Nimrod fora de fato precedido por Kish, como Sargão clamava. Os estudiosos começaram, então, a aceitar literalmente o resto de suas inscrições: "Ele derrotou Uruk e atirou abaixo o seu muro... foi vitorioso na batalha com os habitantes de Ur... ele derrotou todo o território desde Lagash até alcançar o mar".

Seria o Erech bíblico idêntico ao Uruk das inscrições de Sargão? Como o local agora chamado Warka estava já desenterrado, descobriu-se que era este o caso. E o Ur a que se refere Sargão não era outro senão o bíblico Ur, o local mesopotâmico de nascimento de Abraão.
As descobertas arqueológicas não justifIcaram só os registros bíblicos; pareceu também como certo que devem ter existido reinos e cidades e civilizações na Mesopotâmia mesmo antes do 3º. milênio a.C. A única questão era: até quando teríamos de recuar para descobrir o primeiro reino civilizado?
A chave que solucionaria o quebra-cabeça seria mais uma vez lingüística.

Os eruditos rapidamente concluíram que os nomes tinham significado não só em hebreu e no Antigo Testamento, mas ao longo de todo o antigo Oriente Médio. Todos os nomes acádicos, babilônios e assírios de pessoas e lugares tinham significado. Mas os nomes de governantes que precederam Sargão de Akkad não faziam sentido algum: o rei em cuja corte Sargão fora conselheiro chama-se Urzababa; o rei que reinara em Erech chamava-se Lugalzagesi, e assim por diante.
Realizando uma conferência perante a Real Sociedade Asiática, em 1853, Sir Henry Rawlinson salientou que estes nomes não eram nem semitas nem indo-europeus; de fato, "eles parecem pertencer a um grupo não conhecido de línguas ou povos". Mas, se os nomes tinham um significado, qual era a misteriosa língua que possuíam?
Os eruditos lançaram um novo olhar às inscrições acádias. Basicamente, a escrita cuneiforme acádia era silábica: cada sinal representava uma sílaba inteira (ab, ba, bat etc.). No entanto, a escrita tornou amplo o uso de sinais que não eram sílabas fonéticas, mas convencionavam os significados de "deus" "cidade" "campo " ou "vida", "exaltado" e semelhantes. A única explicação possível para este fenômeno era que eles seriam os vestígios de um método de escrita mais remota que utilizava a pictografia. A língua acádia, então, devia ter sido precedida por uma outra língua que usava um método de escrita semelhante ao dos hieróglifos egípcios.
Tornou-se rapidamente óbvio que estava envolvida não só uma remota forma de escrita, mas também uma remota língua. Os eruditos descobriram que as

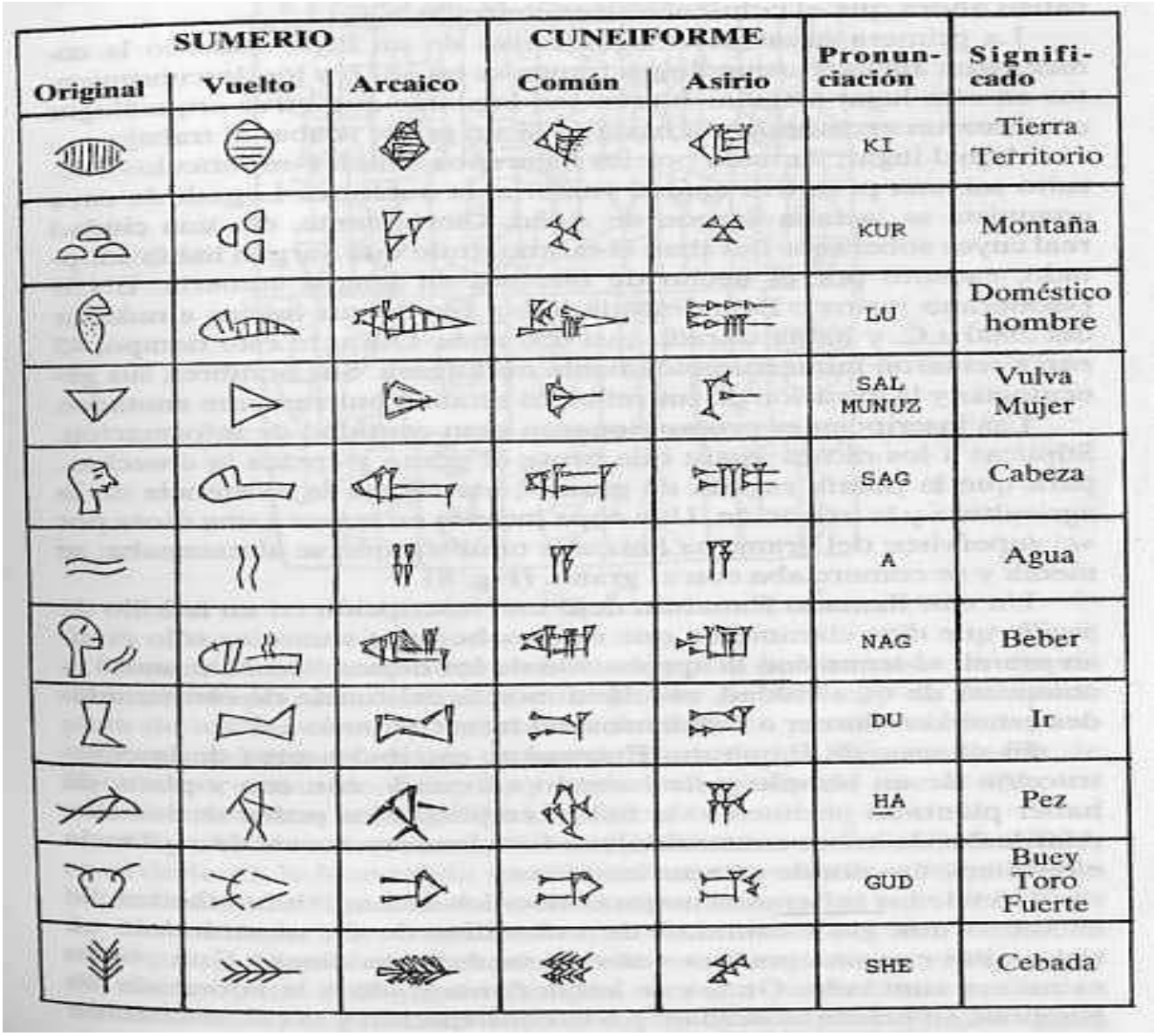
inscrições e textos acádios faziam grande uso de palavras de empréstimo - palavras emprestadas a uma outra língua, intactas, do mesmo modo que um francês moderno usaria a palavra inglesa week-end. Isto era especialmente verdadeiro quando estava envolvida uma terminologia científica ou técnica, e também em assuntos relativos aos deuses e aos céus.
Uma das maiores descobertas de textos acádios foram as ruínas da biblioteca concentrada em Nínive por Assurbanipal; Layard e seus colegas retiraram do local 25 mil barras, muitas das quais eram descritas pelos antigos escribas como cópias de "velhos textos". Um grupo de 23 barras terminava com a afirmação "23ª. barra: língua de shumer não modificada". Outro texto comporta uma afirmação enigmática do próprio Assurbanipal:

O deus dos escribas fez-me dádiva do conhecimento da sua arte.
Eu fui iniciado nos segredos da escrita.
Eu posso até ler as intricadas barras em shumério;
Eu entendo as palavras enigmáticas nas gravações de pedra dos dias anteriores ao dilúvio.

A pretensão de Assurbanipal de que podia ler intricadas barras em "shumério" e entender as palavras escritas em barras de "dias anteriores ao dilúvio", apenas aumentou o mistério. Mas, em janeiro de 1869, Julles Oppert sugeriu à Sociedade Francesa de Numismática e Arqueologia que devia ser dado reconhecimento da existência de uma língua e de um povo pré-acádios. Salientando que os antigos governantes da Mesopotâmia proclamavam sua legitimidade pela tomada do título "rei da Suméria e Akkad", ele sugeriu que o povo se chamaria "sumério" e ao seu território "Suméria".
À exceção de ter pronunciado mal o nome - era shumer, não sumer -, Oppert estava com a razão. A Suméria não era uma terra misteriosa e distante, mas o antigo nome da Mesopotâmia do Sul, tal como o livro do Gênesis tinha claramente afirmado: "As cidades reais de Babilônia e Akkad e Erech eram na 'Terra de Shin'ar" (Shinar era o nome bíblico de Shumer).
Uma vez aceitas estas conclusões pelos eruditos, abriram-se os diques. As referências acádias aos “textos antigos" revestem-se de significado, e os

estudiosos depressa compreenderam que as barras com longas colunas de palavras eram, de fato, léxicos e dicionários acádio-sumérios preparados na Assíria e na Babilônia para seu próprio estudo da primeira linguagem escrita, a suméria.
Sem estes dicionários de há muito tempo, estaríamos ainda longe de ser capazes de ler o sumério. Com sua ajuda, um vasto tesouro literário e cultural se ofereceu aos nossos olhos. Tornou-se também claro que a escrita suméria, originalmente pictográfica e gravada na pedra em colunas verticais, foi depois escrita horizontalmente e, mais tarde, estilizada para a escrita em forma de cunha em barras lisas de argila para se tornar na escrita cuneiforme que foi adotada pelos acádios, babilônios, assírios e outras nações do antigo Oriente Médio.
A decifração da língua e escrita sumérias e a percepção de que os sumérios e sua cultura eram o manancial das realizações acádio-babilônio-assírias estimularam as pesquisas arqueológicas na Mesopotâmia do Sul. Todas as provas concordavam, agora, que o princípio estava ali.
A primeira escavação signifIcativa de um campo sumério começou em 1877 com arqueologistas franceses; e os achados deste único campo foram tão numerosos que outros arqueologistas lá continuaram a escavar até 1933, sem conseguirem completar a tarefa.

Chamado pelos nativos Telloh ("monte"), o campo revelou-se uma antiga cidade suméria, a verdadeira Lagash, de cuja conquista Sargão de Akkad se vangloria. Era realmente uma cidade real, cujos governantes tinham o mesmo título que Sargão adotara, à exceção de ser em linguagem suméria: EN.SI ("o governante íntegro"). Sua dinastia começara cerca do ano 2.900 a.C. e durou aproximadamente 650 anos. Durante este tempo reinaram em Lagash 43 ensi's sem interrupção. Seus nomes, genealogias e duração de reinado estão todos nitidamente gravados.
As inscrições forneceram muita informação útil. Apelos aos deuses "para fazer crescer os rebentos de grão para a colheita... para fazer a planta regada gerar cereal" atestam a existência de agricultura e irrigação. Uma taça inscrita em honra de uma deusa pelo "supervisor do celeiro" indica que os cereais eram armazenados, medidos e comercializados.



SUMERIO			CUNEIFORME		Pronun-ciación	Signifi-cado
Original	Vuelto	Arcaico	Común	Asirio		
					KI	Tierra Territorio
					KUR	Montaña
					LU	Doméstico hombre
					SAL MUNUZ	Vulva Mujer
					SAG	Cabeza
					A	Agua
					NAG	Beber
					DU	Ir
					HA	Pez
					GUD	Buey Toro Fuerte
					SHE	Cebada

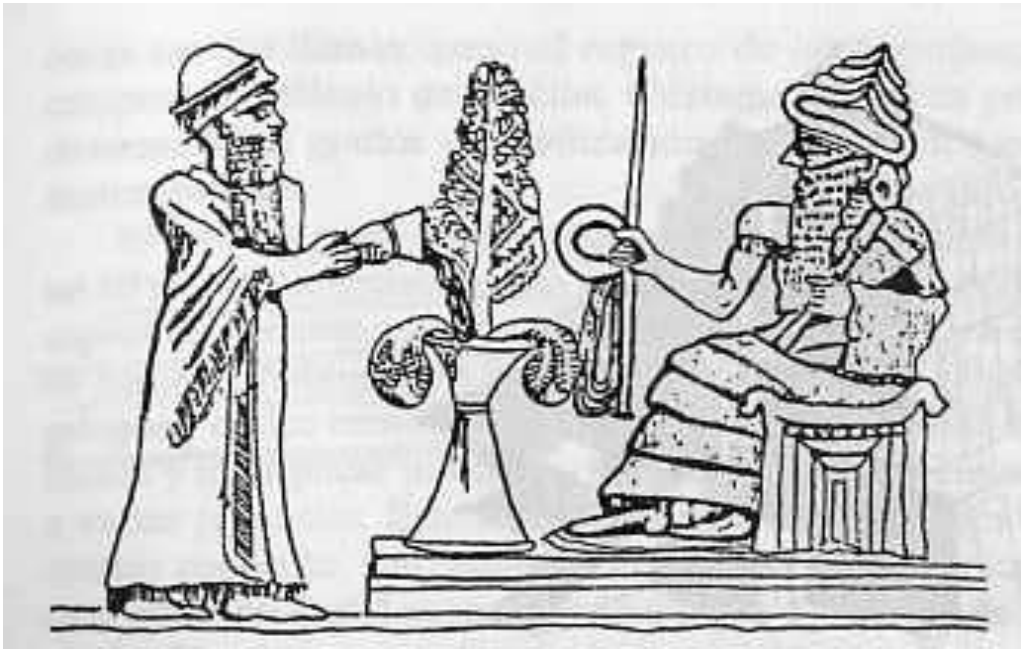
Um ensi chamado Eannatum deixou uma inscrição no tijolo de argila que torna claro que estes governantes sumérios podiam assumir o trono apenas com o aval dos deuses. Registra também a conquista de outra cidade, revelando a existência de outras cidades-estados na Suméria no início do 3º. milênio a.C.

O sucessor de Eannatum, Entemena, fala em construir um templo e de o ornamentar com ouro e prata, de nele plantar jardins, alargar paredes lineadas a tijolo. Ele gaba-se de construir uma fortaleza com torres de vigia e facilidades para a atracação de navios.

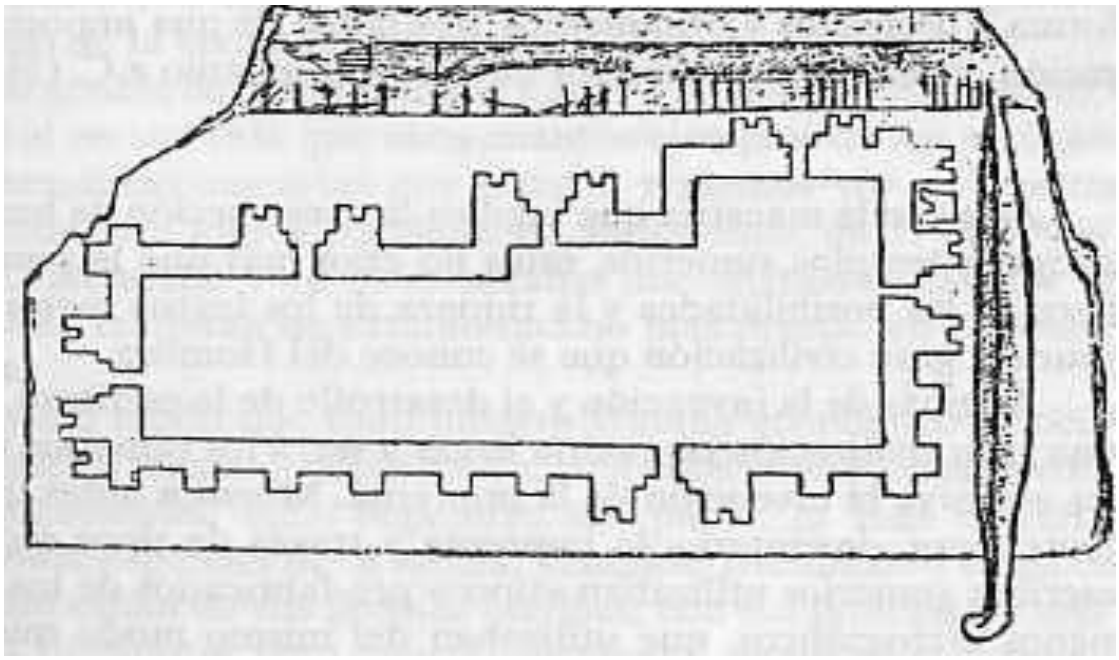
Um dos mais bem conhecidos governantes de Lagash foi Gudea. Ele fizera um grande número de estatuetas dele próprio, todas mostrando-o em atitude votiva, orando aos seus deuses. Esta atitude não era falsa: Gudea tinha-se realmente devotado à adoração de Ningirsu, sua principal deidade, e à construção e restauração de templos.

Suas muitas inscrições revelam que, na pesquisa de raros e delicados materiais de construção, ele extraiu ouro da África e da Anatólia, prata das montanhas Tauro, cedros do Líbano e outras madeiras raras de Ararat, cobre da cadeia montanhosa de Zagros, diorite do Egito, cornalina da Etiópia e outros materiais até agora não identifIcados pelos eruditos.

Quando Moisés construiu para o Senhor Deus uma residência no deserto, ele o fez de acordo com as detalhadíssimas instruções dadas pelo Senhor. Quando o rei Salomão construiu o primeiro templo em Jerusalém, fê-lo, apenas, depois de o Senhor "lhe ter dado sapiência". Ao profeta Ezequiel foram mostrados planos muito detalhados para o segundo templo "numa visão divina" por "uma pessoa que tinha aparência de bronze e que segurava na mão uma fita de linho e uma vara de medições". Ur-Nammu, governador de Ur, descrevia num milênio anterior como seu deus lhe ordenara que construísse para ele um templo e lhe dera instruções apropriadas, estendendo-lhe a vara de medições e a fita de linho enrolada para a execução da tarefa.

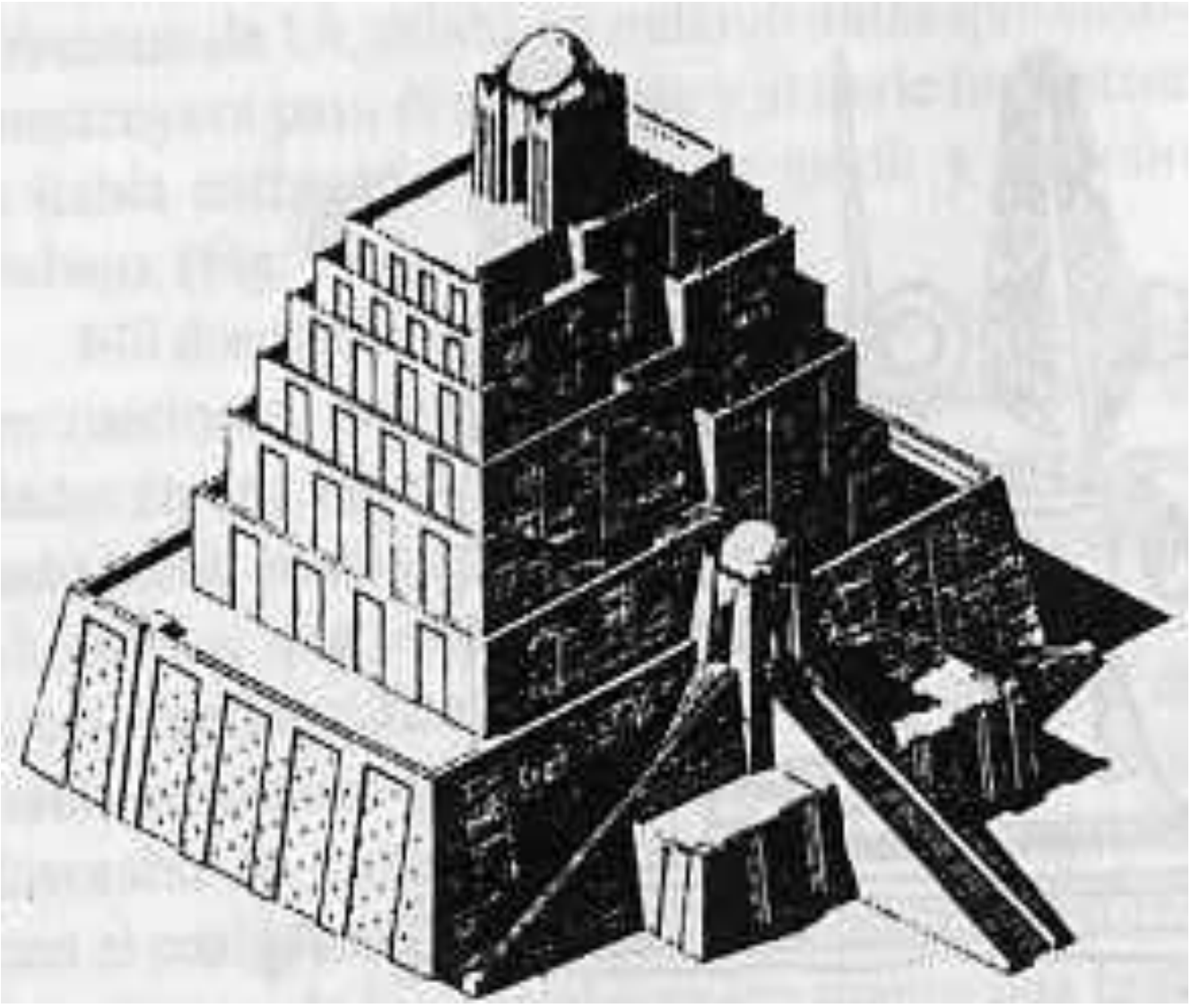


Mil e duzentos anos antes de Moisés, Gudea afIrmou o mesmo. As instruções, registrou ele numa inscrição muito longa, foram-lhe dadas numa visão. "Um homem que brilhava como os céus", ao lado de quem repousava. "um pássaro divino", "ordenou-me que construísse o seu templo". Este "homem" que tinha "uma coroa em sua cabeça" era, obviamente, um deus que foi mais tarde identifIcado como sendo o deus Ningirsu. Com ele estava uma deusa que "segurava uma agulha sagrada", com a qual ela indicava a Gudea "o planeta favorável". Um terceiro homem, também ele um deus, segurava em sua mão uma barra de preciosa pedra; "o plano de um templo estava aí contido". Uma das estatuetas de Gudea mostra-o sentado com esta barra nos joelhos: na barra o desenho divino pode ser claramente visto.



Sábio como era, Gudea ficou perplexo com estas instruções arquitetônicas e procurou o conselho de uma deusa que podia interpretar mensagens divinas. Ela explicou-lhe o significado destas instruções, as medidas do plano e o tamanho e forma dos tijolos a serem usados. Gudea, então, empregou um "advinho, fabricante de decisões", masculino, e uma "pesquisadora de segredos", feminina, para localizarem o lugar, às portas da cidade, onde o deus desejava que seu templo fosse construído. Recrutou depois 216 mil pessoas para o trabalho de construção.

O espanto de Gudea pode ser facilmente compreendido, porque o simples "plano térreo" deu-lhe a quantidade de informações necessárias para construir um complexo zigurate elevando-se por sete andares. Escrevendo em Der Alte Orient (O Velho Oriente), em 1900, A. Billerbeck foi capaz de decifrar pelo menos parte das divinas instruções arquitetônicas. O velho plano, mesmo na estátua parcialmente danificada, é ornado no topo por grupos de linhas verticais, cujo número diminui à medida que o espaço entre elas aumenta. Os arquitetos divinos, parece, eram capazes de fornecer, com um único plano térreo, acompanhado de sete escalas variáveis, as instruções completas de um enorme templo de sete andares.



Alguém disse que a guerra estimula o homem para o progresso científico e material. Na antiga Suméria, ao que parece, a construção de templos incitou o povo e seus governantes para maiores realizações tecnológicas. A capacidade de levar a cabo trabalhos de construção de grande envergadura, de acordo com planos arquitetônicos preparados, de organizar e sustentar uma gigantesca força de trabalho, de aplanar terra e erguer morros, de moldar tijolo e o transportar, de trazer metais raros e outros materiais de longe, de fundir o metal e moldar utensílios e ornamentos - tudo isto fala de uma alta civilização, já em plena maturidade no 3º. milênio a.C.

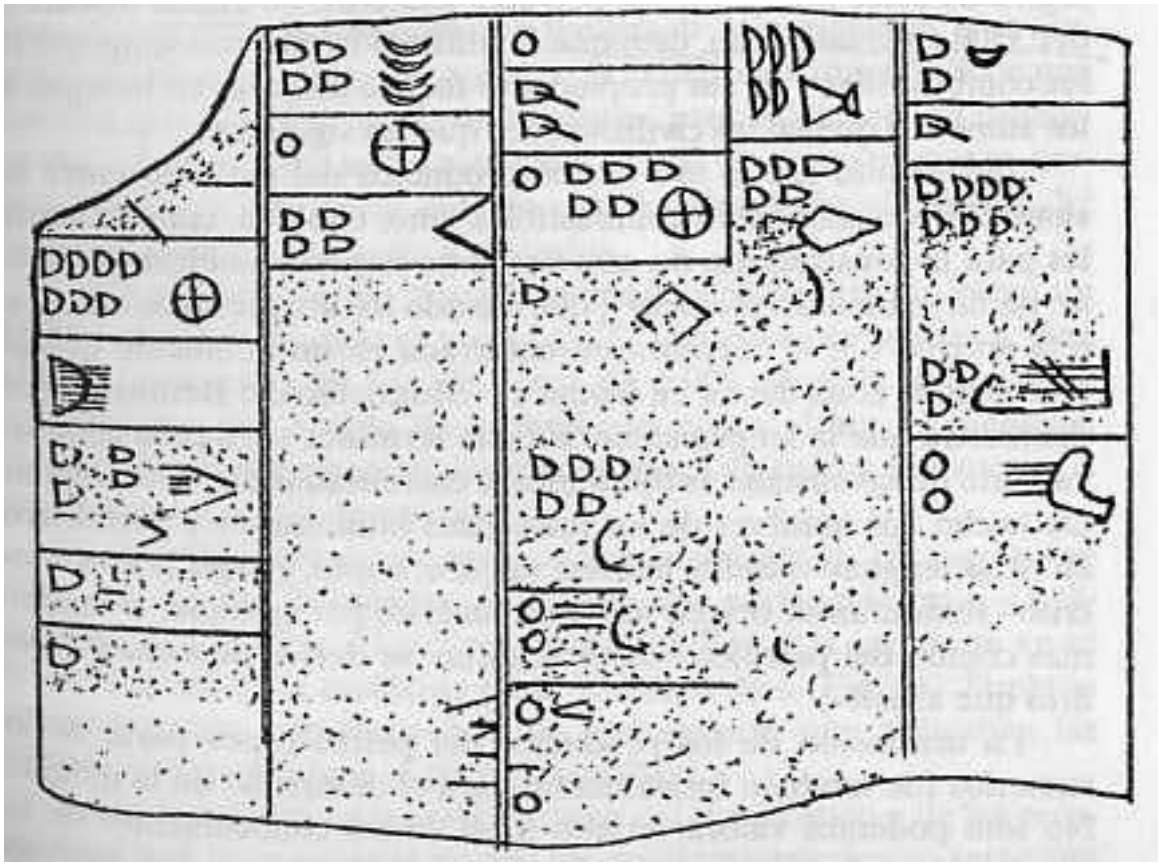
Magistrais como eram os mais remotos templos sumérios, eles representavam, ainda assim, apenas o topo do iceberg que é a extensão e riqueza das realizações materiais alcançadas pela primeira grande civilização conhecida pelo homem.

Juntando-se à invenção e desenvolvimento da escrita, sem a qual uma tão alta civilização não poderia ter existido, devemos conceder também aos sumérios o crédito de terem inventado a imprensa. Milênios antes de Johann Gutenberg ter "inventado" a imprensa pelo uso de tipos móveis, os escribas sumérios usavam tipos já feitos dos vários signos pictográficos, que utilizavam como nós hoje usamos os carimbos de borracha, para imprimir a seqüência desejada de signos na argila úmida.

Eles inventaram também aquilo que se pode considerar o precursor de nossas prensas rotativas - o selo cilíndrico. Feito de uma pedra excepcionalmente dura, este consistia de um pequeno cilindro no qual a mensagem ou desenho fora, gravado ao contrário; sempre que o selo era rolado na argila úmida, a impressão criava uma cópia "positiva" na argila. O selo dava também a possibilidade de assegurar a autenticidade dos documentos - no mesmo momento, podia ser feita uma nova impressão para ser comparada com a gravada no documento.

Muitos registros escritos sumérios e mesopotâmicos não diziam respeito, necessariamente, com o divino ou com o espiritual. Neles se falava também de tarefas do cotidiano, tais como registro de colheitas, medição de campos e cálculos de preços. Na verdade, nenhuma alta civilização podia ter sido possível sem um avançado sistema de matemáticas paralelo.

O sistema sumério, chamado sexagesimal, combinava um 10 mundano com um 6 "celestial" para obter o número de base 60. Este sistema é, em certos aspectos, superior ao nosso atual; de qualquer modo, ele é, indubitavelmente, superior aos posteriores sistemas grego e romano. Deu aos sumérios a possibilidade de dividir em frações e multiplicar em milhões, para calcular raízes ou elevar números várias vezes. Este foi não só o primeiro sistema matemático conhecido, como também aquele que nos deu o conceito de "posição". Tal como no sistema decimal o 2 pode ser ou 20 ou 200, dependendo do lugar do dígito, assim também no sistema sumério o 2 significa 2 ou 120 (2x60), e por aí adiante, dependendo da "posição".



O círculo de 360°, o pé e suas 12 polegadas e a "dúzia" como uma unidade não são mais do que alguns exemplos dos vestígios das matemáticas sumérias ainda presentes em nossa vida diária. Suas realizações concomitantes em astronomia, o estabelecimento de um calendário e outros feitos matemático-celestiais serão estudados com maior pormenor nos capítulos seguintes.

Tal como o nosso sistema econômico-social - os nossos livros de tribunal e registros de taxas, contratos comerciais e certidões de casamento etc. - depende do papel, a vida na Suméria e Mesopotâmia dependia da argila. Templos, tribunais e casas de comércio tinham os seus escribas prontos com barras de argila úmida na mão, nas quais inscreviam decisões, acordos, cartas ou se calculavam preços, salários, a área de um campo ou o número de tijolos requeridos para uma construção.

A argila era também uma matéria-prima fundamental para a manufatura de objetos de uso diário e recipientes para armazenagem e transporte de gêneros. Era também usada para fazer tijolo - outra invenção suméria -, o que tornou

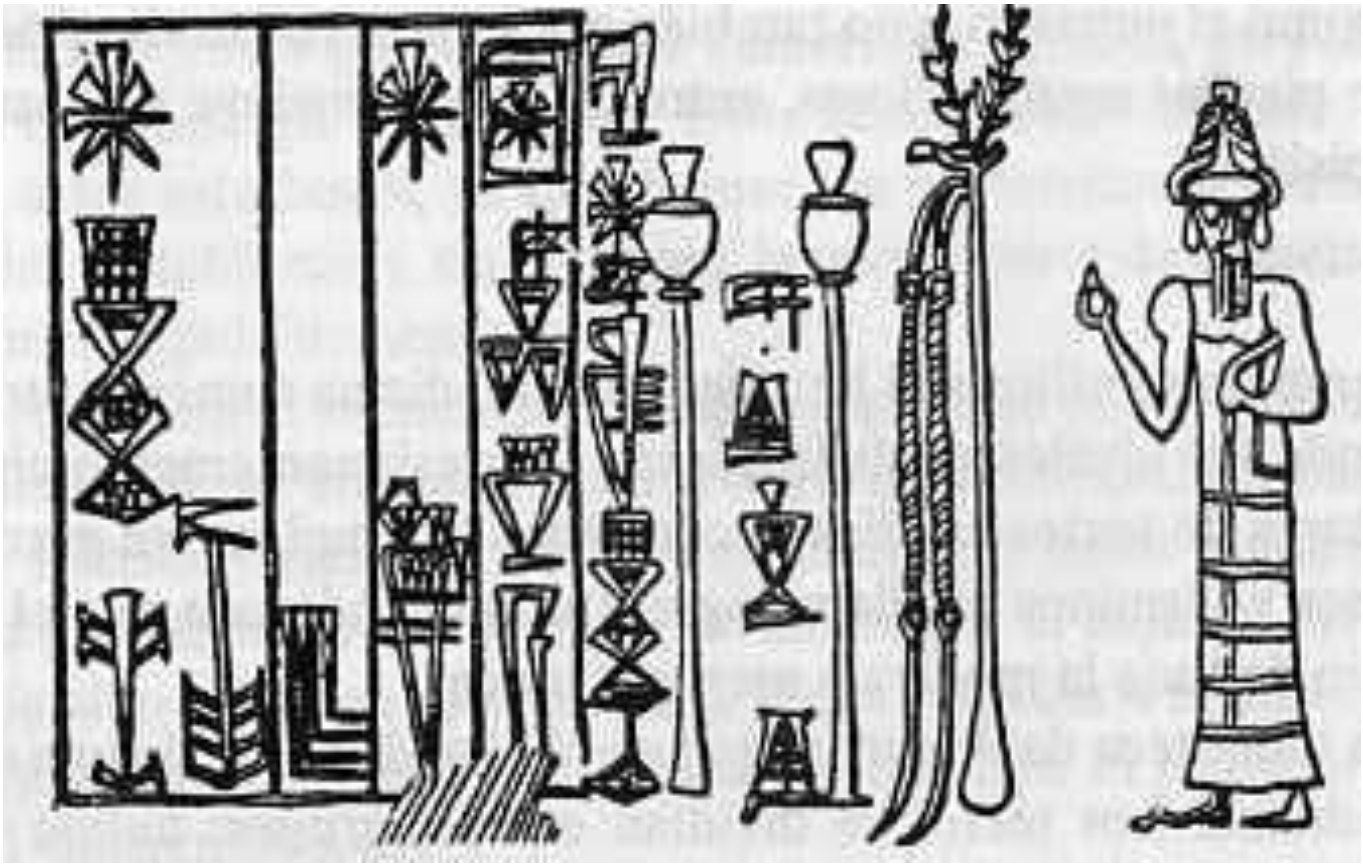
possível erigir casas para o povo, palácios para os reis e imponentes templos para os deuses.
Concede-se aos sumérios o crédito de terem desencadeado dois avanços tecnológicos que tornaram possível combinar leveza com força tênsil para todos os produtos de argila, reforçando e cozendo esse material. Os arquitetos modernos descobriram que o concreto armado reforçado, um material de construção extremamente forte, pode ser criado pela junção de cimento a moldes contendo varas de ferro. Há muito tempo, os sumérios davam grande força aos seus tijolos misturando a argila úmida com pedaços de junco cortados ou palha. Sabiam também que aos produtos de argila podia ser dada força tênsil e durabilidade cozendo-os num forno. Os primeiros arranha-céus e vãos em arco do mundo, assim como os duráveis utensílios de cerâmica, foram possíveis devido a estes avanços tecnológicos.
A invenção do forno - uma fornalha na qual temperaturas intensas, mas controláveis, podiam ser obtidas sem risco de contaminação dos produtos com cinzas - tornou possível um avanço tecnológico ainda maior - a Idade dos Metais.
Concluiu-se que o homem descobriu que podia trabalhar “pedras moles" - pepitas de ouro, cobre e compostos de prata ocorrendo naturalmente - em formas úteis ou agradáveis, em algum lugar por volta do ano 6.000 a.C. Os primeiros artefatos de metal batido foram encontrados nas terras altas dos montes Zagros e Tauros. Todavia, como salientou R. J. Forbes (The Birthplace of Old World Metallurgy) [O Berço da Velha Metalurgia Mundial], "no antigo Oriente Médio, a provisão natural de cobre foi rapidamente esgotada, e os mineiros tiveram de voltar ao minério bruto". Isto requereu conhecimento e capacidade para encontrar e extrair os minérios, esmagá-los e depois fundi-los e refiná-los - processos que não poderiam ter sido levados a bom termo sem os fornos de fundição e uma tecnologia generalizadamente avançada.
A arte da metalurgia depressa englobou a capacidade de ligar o cobre com outros metais inferiores, resultando daí o metal dificilmente fundível, mas maleável, a que chamamos bronze. A Idade do Bronze, nossa primeira idade metalúrgica, foi também uma contribuição mesopotâmica para a civilização moderna. Muito do antigo comércio era dedicado ao tráfico de metais; assim

se formou a base de desenvolvimento na Mesopotâmia de bancos e do primeiro dinheiro - o shekel ("lingote de peso") de prata.
As muitas variedades de metais e ligas para os quais foram encontrados nomes sumérios e acádios e a extensa terminologia tecnológica atestam o alto nível que a metalurgia alcançara na Mesopotâmia. Por um momento, isto confundiu os estudiosos, porque a Suméria, como tal, era desprovida de minérios de metal e, no entanto, a metalurgia começou aí, em termos quase definitivos.
A resposta é a energia. A mistura, refinação e liga, assim como a fundição, não podiam ser feitas sem uma ampla provisão de combustíveis para ativar os fornos, cadinhos e fornalhas. À Mesopotâmia podem ter faltado os minérios, mas combustíveis ela os teve em abundância, o que explica o grande número de artes remotas inscrições descrevendo a viagem de minérios de metal vindos de muito longe.
Os combustíveis que tornaram a Suméria suprema, em termos de tecnologia, foram os betumes e os asfaltos, produtos petrolíferos que se infiltraram naturalmente para a superfície em muitos lugares da Mesopotâmia. R. J. Forbes (Bitumen and Petroleum in Antiquity) [Betumes e Petróleo na Antiguidade] mostra que os depósitos de superfície da Mesopotâmia foram as antigas fontes primárias de combustível desde os mais remotos tempos até a era romana. Sua conclusão diz-nos que o uso tecnológico destes produtos começou na Suméria por volta do ano 3.500 a.C.; na verdade, ele mostra que o uso e conhecimento dos combustíveis e suas propriedades são maiores nos tempos da Suméria do que nas civilizações mais tardias.
O uso destes produtos petrolíferos pelos sumérios foi tão amplo - não apenas como combustível, mas também como material de construção de estradas, para impermeabilização, calafetagem, pintura, esmaltagem e moldagem - que, quando os arqueólogos pesquisavam a antiga Ur, encontraram esses produtos enterrados num morro a que os árabes nativos chamam "Morro do Betume". Forbes mostra que a língua suméria tem vocábulos para cada gênero e variedade das substâncias betuminosas encontradas na Mesopotâmia. Na verdade, os nomes dos materiais betuminosos e petrolíferos noutras línguas - acádia, hebraica, egípcia, copta, grega, latina e sânscrita - podem ser decompostos até as origens sumérias; por exemplo, a

palavra mais comum para petróleo - nafta - deriva de napatu ("pedras que cintilam").
O uso sumério dos produtos de petróleo era também básico para uma química avançada. Podemos avaliar o alto nível de conhecimento sumério não apenas pela variedade de tintas e corantes usados e processos como a esmaltagem, como também pela notável produção artificial de pedras semi-preciosas, incluindo um substituto do lápis-lazúli.

Os betumes eram também utilizados na medicina suméria, outro campo onde os níveis de progresso foram impressionantemente altos. As centenas de textos acádios encontrados empregam muitas frases e termos médicos sumérios, salientando a origem suméria de toda a medicina mesopotâmica.
A biblioteca de Assurbanipal em Nínive inclui uma seção médica. Os textos estavam divididos em três grupos - bultibu ("terapia"), shipir bel imti ("cirurgia") e urti mashmashshe ("ordens e encantamentos"). Primitivos códigos de leis incluem seções tratando dos salários pagos a cirurgiões por operações bem-sucedidas e penalidades a eles impostas em caso de fracasso: um cirurgião utilizando a lanceta para abrir a fronte de um paciente poderia perder a mão se, ainda que acidentalmente, destruísse a vista do doente.
Alguns esqueletos descobertos nos túmulos mesopotâmicos possuem indesmentíveis marcas de cirurgia craniana. Um texto médico incompleto parcialmente fala da remoção cirúrgica de "uma sombra cobrindo um olho de homem", provavelmente uma catarata; outro texto menciona o uso de um instrumento cortante, afirmando que "se a doença tivesse alcançado o interior do osso, o melhor seria raspar e retirar".
Nos tempos da Suméria, os doentes podiam escolher entre um A.ZU ("médico de água") e um IA.ZU ("médico de óleo"). Uma barra desenterrada em Ur, com quase 5.000 anos, nomeia um praticante de Medicina como "Lulu, o doutor". Havia também veterinários - conhecidos quer como "doutores de bois", quer como "doutores de asnos".
Um par de pinças cirúrgicas está descrito num cilindro muito antigo encontrado em Lagash e pertencendo a "Urlugaledina, o doutor". O selo mostra também a serpente numa árvore - o símbolo da medicina até hoje. Um

instrumento que era usado pelas mulheres parteiras para cortar, o cordão umbilical aparece também freqüentemente descrito.



Os textos médicos da Suméria tratam ainda de diagnósticos e receituário. Não deixam dúvidas de que os médicos sumérios não recorriam à magia ou bruxaria. Eles recomendavam limpeza e lavagem; banhos de imersão em água quente e soluções minerais; aplicação de derivados vegetais, massagens com compostos de petróleo.

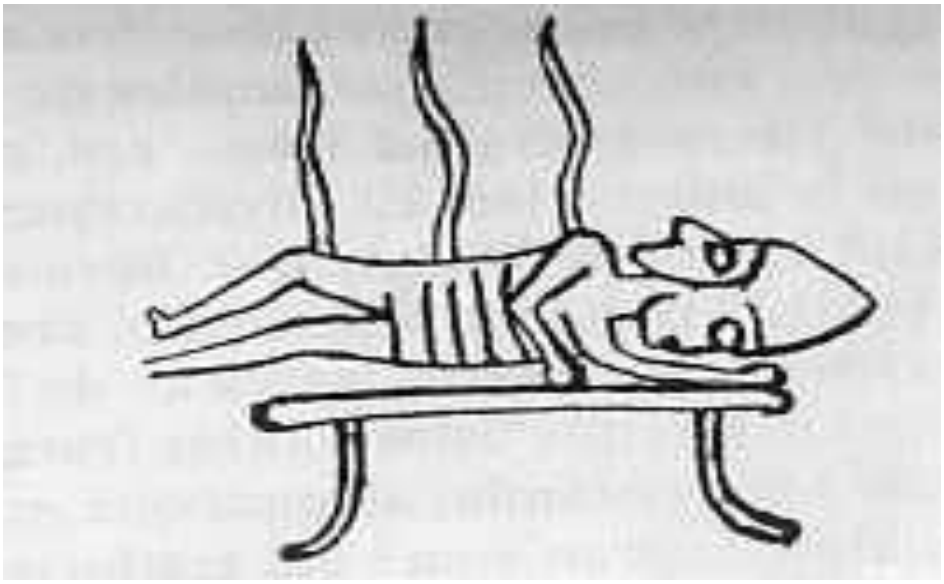
Os medicamentos eram feitos de compostos de plantas e minerais e eram misturados com líquidos ou solventes apropriados ao método de aplicação. Se tomados oralmente, os pós eram misturados no vinho, cerveja ou mel; se "colocados através do reto" - administrados num clister -, eram ministrados com óleos de plantas ou vegetais. O álcool, que atua de maneira tão importante na desinfecção cirúrgica e como base de muitos medicamentos, alcançou nossas línguas através do arábico kohl e do acádio kuhlu.

Modelos de fígado mostram que a medicina era ensinada em escolas médicas com a ajuda de modelos de órgãos humanos feitos de argila. A anatomia deve

ter sido uma avançada ciência, uma vez que os rituais do templo reclamavam elaboradas dissecações ou sacrifícios de animais, o que, se compararmos com nosso conhecimento atual da anatomia humana, significa apenas um mero passo atrás.
Várias descrições em selos cilíndricos ou barras de argila mostram pessoas estendidas numa espécie de mesa cirúrgica rodeadas por equipes de deuses ou pessoas. Sabemos a partir das epopéias e outros textos heróicos que os sumérios e seus sucessores na Mesopotâmia estavam preocupados com assuntos relativos à vida, doença e morte. Homens como Gilgamesh, um rei de Erech, procuraram a "Árvore da Vida", ou então algum mineral ("uma pedra") que pudesse dar a juventude eterna. Havia também referências a esforços para ressuscitar os mortos, especialmente se se tratasse de deuses:

Por sobre o corpo, dependurado do mastro, eles conduziam o pulso e a radiação.
Sessenta vezes a Água da Vida,
Sessenta vezes o Alimento da Vida,
Eles aspergiam por sobre o corpo;
E Inanna ergueu-se.

Seriam conhecidos e usados métodos ultra-modernos, sobre os quais apenas podemos especular, nessas tentativas de retorno à vida? Por uma cena de tratamento clínico descrita num selo cilíndrico datado dos primórdios da civilização suméria podemos pensar que no tratamento de algumas enfermidades eram já conhecidos e usados materiais radioativos. Esse selo mostra, sem sombra de dúvida, um homem deitado num leito especial, sua face está protegida por uma máscara e ele se sujeita a um tipo qualquer de radiação.



Uma das mais remotas realizações materiais sumérias foi o desenvolvimento das indústrias têxteis e de vestuário.

Considera-se que nossa própria Revolução Industrial começou com a introdução de máquinas de fiar e tecer na Inglaterra por volta de 1760. Muitas nações em vias de desenvolvimento aspiram, desde então, a desenvolver uma indústria têxtil como o primeiro passo em direção à industrialização. A evidência mostra que este foi o processo seguido não só desde o século 18, mas desde sempre, desde a primeira grande civilização do homem. O homem não podia ter feito tecidos antes do advento da agricultura que lhe proporcionou o linho e a domesticação de animais, criando uma fonte para a lã. Grace M. Crowfoot (Textiles, Basketry and Mats in Antiquity) [Têxteis, Cestaria e Esteiras na Antiguidade] expressa o consenso escolástico afirmando que a tecelagem têxtil apareceu primeiro na Mesopotâmia, cerca do ano 3.800 a.C.

Todavia, a Suméria foi renovada nos tempos antigos não apenas pelos seus tecidos, como também pelos seus trajes. O livro de Josué (7:21) relata que, durante o assalto a Jericó, certa pessoa não resistiu à tentação de "guardar" um "bom casaco de Shin'ar", que encontrara na cidade, embora a punição para tal delito fosse a morte. Os artigos de vestuário de Shinar (Suméria) eram tidos em tão alta conta que as pessoas se arriscavam a morrer para os possuírem.

Existia já na Suméria uma rica terminologia para descrever tanto o vestuário, como seus fabricantes. A peça da base do vestuário chamava-se TUG - sem dúvida alguma, o precursor tanto no estilo como no nome da toga romana. Estas roupas eram chamadas TUG.TU.SHE., o que significa em sumério "veste que se usa enrolada à volta".

As antigas representações revelam não só uma espantosa variedade e opulência em termos de vestuário, como falam também da elegância para a qual concorriam o bom gosto, a coordenação entre as peças de vestuário, os penteados, os toucados e as jóias.

Outra grande realização da Suméria foi sua agricultura. Num território de chuvas apenas de estação, todos os rios eram usados para regar durante todo o ano as colheitas através de um vasto sistema de canais de irrigação.
A Mesopotâmia - a Terra Entre-os-Rios - era um verdadeiro cesto de comida nesses tempos remotos. O damasqueiro - para o qual a palavra espanhola é damasco ("Árvore de Damasco") - tem o nome latino de armeniaca, uma palavra de empréstimo do termo acádio armanu. A cereja - kerasos em grego, kirsche em alemão - deriva da palavra acádia karshu. Todas as provas sugerem que estes e outros frutos e vegetais chegaram à Europa vindos da Mesopotâmia. O mesmo se passou com muitas sementes e condimentos especiais. A nossa palavra açafrão vem do termo acádio azupiranu; o crocus, de kurkanu (através do grego krokos); cominho vem de kamanu; hissopo, de zupu; mirra, de murru. A lista é longa: em muitas circunstâncias, os gregos forneceram a ponte física e etimológica pela qual estes produtos da terra

alcançaram a Europa. Cebolas, lentilhas, feijões, pepinos, couves e alfaces eram ingredientes vulgares no regime alimentar sumério.

O que é igualmente impressionante é a extensão e variedade dos métodos de preparação da comida na antiga Mesopotâmia, ou seja, sua cozinha. Textos e gravuras confirmam que os sumérios sabiam como transformar em farinha os cereais que cultivavam, e dos quais faziam uma série de pães, flocos, pastéis, bolos e biscoitos levedados e não-levedados. A cevada era também fermentada com vista a produzir cerveja. Foram encontrados, entre os textos, manuais técnicos para a produção de cerveja. O vinho era obtido a partir de uvas e tâmaras. O leite estava ao dispor dos sumérios, vindo das ovelhas, cabras e vacas; era usado como bebida, para cozinhar, e convertido em iogurte, manteiga, creme e queijos. O peixe era um elemento comum da dieta. A carne de carneiro era já usada e a carne de porco, animal que os sumérios guardavam em grandes rebanhos, era considerada uma verdadeira delícia. Gansos e patos devem ter sido reservados, talvez, para a mesa dos deuses.

Os antigos textos não deixam dúvidas de que a alta cozinha da antiga Mesopotâmia se desenvolveu nos templos e no serviço aos deuses. Um texto recomenda a oferta aos deuses de "pães de cevada... pães de trigo; uma pasta de mel e creme; tâmaras, pastéis... cerveja, vinho, leite... seiva de cedro, creme". A carne assada era oferecida com libações de "ótima cerveja, vinho e leite". Um corte específico de boi era preparado de acordo com determinado recipiente, exigindo uma "boa farinha... feita em pasta com água, boa cerveja e vinho" e misturada com gorduras animais, "ingredientes aromáticos tirados do coração das plantas", nozes, malte e condimentos. As instruções para "o sacrifício diário aos deuses da cidade de Uruk" exigiam que fossem servidas cinco bebidas diferentes com a refeição e especificavam o que os "moleiros na cozinha" e o "chefe que trabalhava nas massas" deviam fazer.

A nossa admiração pela cozinha suméria aumenta, certamente, à medida que deparamos com poemas que cantam as delícias da boa mesa. Na verdade, o que podemos nós dizer quando lemos num recipiente milenar para o coq au vin (galo no vinho) a seguinte inscrição:

No vinho da bebida,
Na perfumada água,
No óleo da unção,
Foi este pássaro por mim cozinhado e comido.

Esta economia florescente, esta sociedade de tão extensas empresas materiais não se poderiam ter desenvolvido sem um eficiente sistema de transportes. Os sumérios usaram os seus dois grandes rios e a rede artifIcial de canais para o transporte fluvial de pessoas, bens e gado. Algumas das mais antigas representações mostram, indubitavelmente, o que eram os primeiros barcos mundiais.

Sabemos a partir de muitos textos antigos que os sumérios se ocuparam também com viagens no mar alto, usando uma variedade de barcos para alcançar terras longínquas na busca de metais, madeiras raras, pedras e outros materiais impossíveis de obter dentro do espaço físico da Suméria. Descobriu-se num dicionário acádio da língua suméria uma seção de navios onde se listam 105 vocábulos sumérios para vários barcos de acordo com seu tamanho, destino ou objetivo (para carga, para passageiros ou para uso exclusivo de certos bens). Outros 69 termos sumérios relacionados com o equipamento e a construção de navios foram traduzidos para acádio. Só uma longa tradição náutica podia ter produzido navios de tal forma especializados e tal terminologia técnica.

Para o transporte pelo território, foi a Suméria a primeira a usar a roda.

Sua invenção e introdução na vida diária tornou possível uma quantidade de veículos desde carroças a carruagens e concedeu, indubitavelmente, aos sumérios a distinção de terem sido os primeiros a usar tanto a "força do boi" como a "força do cavalo" para a locomoção.

Em 1956, o prof. Samuel N. Kramer, um dos grandes sumeriologistas do nosso tempo, reviu o legado literário encontrado sob os montes da Suméria. O índice do conteúdo do livro (From the Tablets of Summer) [Das Barras da Suméria] é uma autêntica jóia, uma vez que cada um dos 25 capítulos relata uma estréia suméria, incluindo as primeiras escolas, o primeiro congresso com duas assembléias, o primeiro historiador, a primeira farmacopéia, o primeiro "almanaque" do agricultor, a primeira cosmogonia e cosmologia, o primeiro "Jó", os primeiros provérbios e ditos, os primeiros debates literários, o primeiro "Noé", o primeiro catálogo de biblioteca e a primeira Idade Heróica do Homem, seus primeiros códigos de leis e reformas sociais, sua primeira medicina, agricultura e pesquisa para a paz e harmonia universais.
E nada disto é exagero.
As primeiras escolas foram estabelecidas na Suméria como uma conseqüência direta da invenção e introdução da escrita. A evidência (tanto arqueológica, manifesta em reais edifícios escolares, como escrita, manifesta em barras de exercícios) indica a existência de um sistema formal de educação por volta do início do 3º. milênio a.C. Havia literalmente milhares de escribas na Suméria, que englobavam desde escribas júniores a altos escribas, escribas reais, escribas dos templos e escribas que assumiam altos cargos oficiais. Alguns atuavam como professores nas escolas, e ainda hoje

podemos ler seus ensaios nas escolas, seus ideais e objetivos, seu currículo e métodos de ensino.
As escolas ensinavam não só a ler e a escrever, mas também as ciências da época - botânica, zoologia, geografia, matemática e teologia. As obras literárias do passado eram estudadas e copiadas e outras novas eram compostas.
As escolas eram dirigidas pelos ummia ("professor perito") e a faculdade, invariavelmente, incluía não só um "homem encarregado do desenho" e um "homem encarregado do sumério", mas também um "homem encarregado do chicote". Aparentemente, a disciplina era estrita; o aluno de uma escola descreveu numa barra de argila o modo como fora açoitado por faltar à escola, por insuficiente asseio, por vadiar, por não estar em silêncio, por mau comportamento e até por não ter uma caligrafia nítida.
Um poema épico tratando da história de Erech diz diretamente respeito à rivalidade entre Erech e a cidade-estado de Kish. O texto épico relata como os enviados de Kish procederam com Erech, oferecendo um acordo pacífico para a sua disputa. Mas o governante de Erech naquele tempo, Gilgamesh, preferiu lutar a negociar. O que é interessante é que ele teve de sujeitar o assunto à votação na Assembléia de Anciões, o "Parlamento" local:

O Senhor Gilgamesh,
Antes que os Anciões de sua cidade colocassem o assunto,
Procurou a decisão:
Não nos submetamos à casa de Kish,
Derrotemo-los pelas armas.

A Assembléia de Anciões era, no entanto, pelas negociações. Intrépido, Gilgamesh levou o assunto à consideração dos mais jovens, a Assembléia dos Homens Lutadores, que votou pela guerra. O significado da narrativa reside na descoberta que um governante sumério tinha de submeter questões de guerra ou de paz ao primeiro Parlamento de duas Assembléias, há cerca de 5.000 anos.
O título de primeiro historiador foi concedido por Kramer a Entemena, rei de Lagash, que gravou em cilindros de argila sua guerra com o vizinho Umma.

Enquanto outros textos eram obras literárias ou poemas épicos, cujos temas eram acontecimentos históricos, as inscrições de Entemena eram pura prosa, escrita somente como registro factual de história.
Devido ao fato das inscrições da Assíria e da Babilônia terem sido decifradas muito antes dos registros sumérios, acreditou-se durante muito tempo que o segundo código de leis foi compilado e decretado pelo rei babilônico Hamurabi, cerca do ano 1.900 a.C. Mas como a civilização suméria não fora descoberta, tornou-se claro que as "estréias" no tocante a sistemas de leis, conceitos de ordem social e pura justiça administrativa pertenciam à Suméria.
Bastante antes de Hamurabi, um governante sumério da cidade-estado de Eshnunna (a nordeste da Babilônia) codificou leis que fixam os preços máximos dos alimentos e dos aluguéis de compartimentos e barcos para que os pobres não fossem explorados. Havia também leis tratando das ofensas contra pessoas e propriedades e regulamentos pertencentes à vida familiar e a relações senhor-servidor.
Ainda anteriormente foi promulgado um código por Lipit-Ishtar, um governante de Isin. As 38 leis que continuam legíveis na barra parcialmente preservada (uma cópia do original que foi gravada numa estela de pedra) legislam a compra de propriedades, escravos, trabalho de criados, matrimônios e heranças, aluguel de barcos, aluguel de bois e falta de pagamento de impostos. Como foi feito por Hamurabi, depois dele, Lipit--Ishtar explicou no prólogo de seu código que agia segundo instruções dos "grandes deuses", que lhe ordenaram que trouxesse "o bem-estar aos sumérios e aos acádios".
No entanto, nem Lipit-Ishtar foi o primeiro codificador de leis. Os fragmentos de barras de argila que foram encontrados contêm cópias de leis codificadas por Urnammu, um governante de Ur, cerca do ano 2.350 a.C. - mais de um milênio e meio antes de Hamurabi. As leis decretadas sobre a autoridade do deus Nannar eram projetadas para parar e punir "os que se apoderavam dos bois, ovelhas e burros dos cidadãos" com o fim "de que os órfãos não caíssem nas garras dos abastados, os fracos não fossem presa fácil dos poderosos, o homem de um shekel não caísse nas mãos do homem de

sessenta shekels". Urnammu decretou também "pesos e medidas honestos e constantes".
Mas o sistema legal sumério e o reforço da justiça remontam a tempos ainda mais longínquos.
Por volta do ano 2.600 a.C. já deviam ter tido lugar tantos acontecimentos na Suméria que o ensi Urukagina julgou necessário instituir reformas. Uma longa inscrição sua foi chamada pelos eruditos de registro precioso de uma reforma social humana baseada no sentido da liberdade, igualdade e justiça - uma "Revolução Francesa" imposta por um rei 4.400 anos antes de 14 de julho de 1789.
O decreto-reforma de Urukagina lista primeiro os males de seu tempo e depois as reformas. Os males consistem basicamente no uso injusto de poderes por parte dos supervisores no sentido de guardarem para eles a melhor parte; o abuso de status oficial; a extorsão de altos preços por grupos monopolizantes.
Todas estas injustiças, e muitas mais, foram proibidas por decreto-reforma. Um oficial já não podia fazer seu próprio preço para "um bom burro ou uma casa". Um "homem grande" não podia exercer coerção num cidadão comum. Os direitos dos cegos, dos pobres, dos viúvos e dos órfãos foram restabelecidos. À mulher divorciada, há quase 5.000 anos, era garantida a proteção da lei.
Durante quanto tempo teria a civilização suméria existido para requerer uma reforma de base? Com certeza, durante muito tempo, uma vez que Urukagina afirmava que fora o seu deus Ningirsu quem o chamara "para restaurar os decretos dos dias de outrora". A implicação é nítida: era preciso um retorno a sistemas ainda mais antigos e a leis ainda mais remotas.
As leis sumérias eram sustentadas por um sistema de tribunais nos quais tanto os processos como os julgamentos ou os contratos eram meticulosamente registrados e preservados. A justiça agia mais com jurados do que com juízes; um tribunal era normalmente constituído por três ou quatro juízes, um dos quais era um "juiz real" profissional e os outros destacados de um júri de 36 homens.
Enquanto os babilônios faziam leis e regulamentos, os sumérios estavam preocupados com a justiça, porque eles acreditavam que os deuses

designavam os reis, basicamente, para assegurar o cumprimento da justiça na Terra.
Mais que um paralelo pode ser aqui traçado com os conceitos de justiça e moralidade do Antigo Testamento. Ainda antes de os hebreus terem reis, eram governados por juízes; os reis eram julgados não pelas suas conquistas ou riqueza, mas pelo alcance que obtinham "fazendo aquilo que era justo". Na religião judaica, o ano-novo marca um período de dez dias durante os quais os feitos dos homens eram julgados e avaliados para determinar seu destino no ano vindouro. É, provavelmente, mais que uma coincidência que os sumérios acreditassem que uma deidade chamada Nanshe julgasse anualmente a humanidade da mesma maneira; afinal, o primeiro patriarca hebreu - Abraão - era da cidade suméria de Ur, a cidade de Urnammu e de seu código.
A preocupação suméria com a justiça ou com sua ausência encontrou também expressão naquele a que Kramer chamou o primeiro "Jó". Jogando com fragmentos de barras de argila no Museu de Antiguidades, em Istambul, Kramer foi capaz de ler boa parte de um poema sumério que, tal como o livro bíblico de Jó, trata da queixa de um homem justo que, em vez de ser abençoado pelos deuses, sofria toda a espécie de perdas e desrespeitos. "A minha palavra verdadeira foi tornada numa mentira", grita ele angustiado.
Em sua segunda parte, o anônimo sofredor dirige súplicas ao seu deus de uma maneira semelhante a alguns versos dos salmos hebreus:

Meu deus, tu que és o meu pai, que me criaste - ergue a minha face...
Até quando me negligenciarás...
Me deixarás desprotegido...
E sem orientação?

Segue-se depois um fim feliz. "As palavras justas, as palavras puras proferidas por ele, foram aceitas pelo seu deus... o seu deus retirou a sua mão da malfazeja manifestação." .
Precedendo o livro bíblico do Eclesiastes em cerca de dois milênios, os provérbios sumérios transmitiam muitos dos mesmos conceitos e graças:

Se estamos condenados a morrer - gozemos o tempo.
Se vivermos muito - salvemo-nos.
Quando um homem pobre morre, não o tentes fazer voltar à vida.

Ele que possui tanta prata, pode ser feliz;
Ele que possui tanta cevada, pode ser feliz;
Mas quem não tem nada, pode dormir!

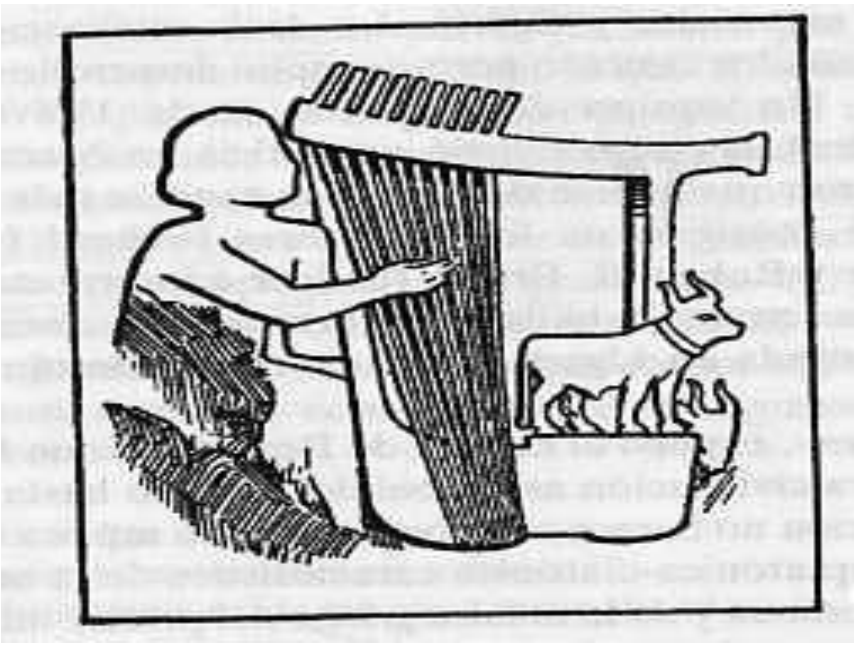
Homem: para o seu prazer: casamento;
Se volta a pensar nisso: divórcio.

Não é o coração que leva à animosidade;
A língua é que leva à aversão.

Numa cidade sem cão de guarda,
A raposa é quem vê tudo.

As realizações materiais e espirituais da civilização suméria foram também acompanhadas por um amplo desenvolvimento do desempenho artístico. Uma equipe de estudiosos da Universidade da Califórnia, em Berkeley, foi notícia em março de 1974, quando anunciou que fora decifrada a mais velha canção do mundo. O que os profs. Richard L. Crocker, Anne D. Kilmer e Robert R. Brown conseguiram foi ler e tocar realmente as notas musicais escritas numa barra cuneiforme de cerca do ano 1.800 a.C. encontrada em Ugarit na costa mediterrânea (Síria).
"Sempre soubemos", explica a equipe de Berkeley, "que havia música nas remotas civilizações assírio-babilônias, mas até à sua decifração não podíamos saber que tinha a mesma escala heptatônica-diatônica, que é característica da música ocidental contemporânea e da música grega do 1º. milênio a.C. Pensou-se até há pouco que a música ocidental tivera suas origens na Grécia; agora foi estabelecido que a nossa música - como tantos elementos mais de nossa civilização ocidental - nasceu na Mesopotâmia. Isto não deve surpreender, uma vez que o erudito Filo tinha já afirmado que os

mesopotâmios eram conhecidos por "procurarem a harmonia e o uníssono através dos tons musicais".
Não pode haver dúvida de que música e canções devem também ser reclamadas como "estréias" sumérias. De fato, o prof. Crocker apenas pôde tocar a velha melodia construindo uma lira como as que foram encontradas nas ruínas de Ur. Textos do 2º. milênio a.C. indicam a existência de "números-chave" musicais e de uma coerente teoria musical, e a própria profa. Kilmer escreveu ainda anteriormente (The Strings of Musical Instruments: Their Names, Numbers and Significance) [As Cordas de Instrumentos Musicais: Seus Nomes, Números e Significado] que muitos textos-hinos sumérios tinham "aquilo que parecia ser anotações musicais nas margens". "Os sumérios tinham uma vida muito musical", conclui ela. Não admira, então, que encontremos gravados em selos cilíndricos e barras de argila uma grande variedade de instrumentos musicais, assim como cantores e dançarinas atuando.



Como muitas outras conquistas sumérias, a música e a canção foram também criadas nos templos. Mas, começando a serviço dos deuses, estas artes foram rapidamente levadas para fora dos templos. Empregando o jogo de palavras favorito sumério, um dito popular comenta os salários exigidos pelos cantores: "Um cantor cuja voz não é doce é realmente um 'pobre' cantor".

Foram encontradas muitas canções de amor sumérias; eram indubitavelmente cantadas com acompanhamento musical. Muito comovente, no entanto, é a canção de ninar que uma mãe compôs e cantou para seu filho doente:

Vem sono, vem sono, vem ao meu filho.
Apressa-te para meu filho, sono;
Faz dormir seus olhos que não repousam...

Sofres, meu filho;
E eu estou perturbada; fico muda,
E fito as estrelas.

A nova lua brilha em tua face;
A tua sombra derrama lágrimas para ti.
Repousa, repousa no teu sono...

Possa a deusa da maturidade ser tua aliada;
Possas tu ter um eloqüente guardião no céu;
Possas tu alcançar um reino de dias felizes...
Possa uma mulher ser o teu apoio;
Possa um filho ser a tua futura sorte.

O que há de impressionante nestas músicas e canções não é só a conclusão de que a Suméria foi a fonte da música ocidental em estruturas e composições harmônicas. Não menos significativo é o fato de que, enquanto Ouvimos a música e lemos os poemas, eles não soam estranhos ou diferentes, mesmo em sua profundidade de emoção e em seus sentimentos. De fato, quando contemplamos a grande civilização suméria, descobrimos que não só nossa moral e nosso sentido de justiça, nossas leis e arquitetura, artes e tecnologia têm suas raízes na Suméria, como também as instituições sumérias nos parecem familiares e íntimas. No fundo, parece, somos todos sumérios.
Depois de escavarem em Lagash, as pás dos arqueólogos desvendaram Nippur, o centro religioso tanto da Suméria como de Akkad. Dos 30 mil textos aí encontrados, muitos ainda não foram decifrados. Em Shuruppak,

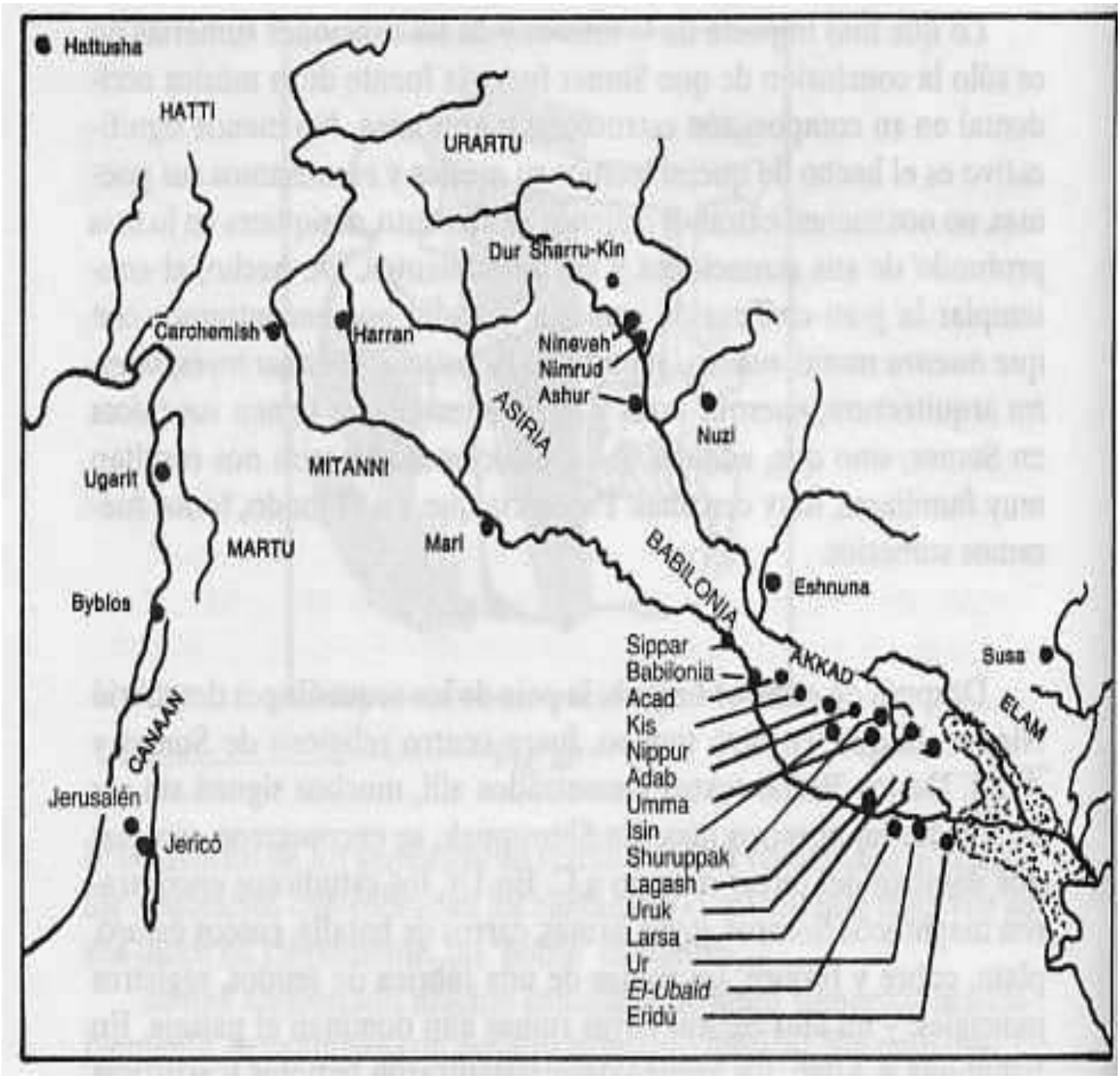
foram desenterrados edifícios escolares datados do 3º. milênio a.C. Em Ur, os eruditos encontraram vasos, jóias, armas, carros, elmos feitos de ouro, prata, cobre e bronze, vestígios de uma fábrica de tecidos, registros de tribunais e um zigurate de torres que ainda hoje domina a paisagem. Em Eshnunna e Adab, os arqueólogos descobriram templos e estatuetas artísticas dos tempos pré-sargônicos. Em Umma foram encontradas inscrições falando dos primitivos impérios, e em Kish foram descobertos edifícios monumentais que datam do ano 3.000 a.C., aproximadamente.

Uruk (Erech) levou os arqueólogos de volta ao 4º. milênio a.C. Aí foram descobertos os primeiros potes coloridos, cozidos em forno, e as provas do uso da primeira roda de oleiro. Um pavimento de blocos de pedra calcária é a mais velha construção de pedra encontrada até hoje. Em Uruk, os arqueólogos encontraram também o primeiro zigurate, um grande morro construído pelo homem, no topo do qual estão situados um templo branco e um templo vermelho. Os primeiros textos inscritos foram também encontrados aí, assim como os primeiros selos cilíndricos. Destes últimos, Jack Finegam (Light from the Ancient Past) [Luz do Passado Antigo] disse: "A qualidade dos selos em sua primeira aparição no período de Uruk é fantástica". Outros locais do período de Uruk dão provas da iminência da Idade do Metal.

Em 1919, H.R. Hall deparou com velhas ruínas numa vila agora chamada El-Ubaid. O local deve seu nome àquilo que os eruditos consideram como sendo a primeira fase da grande civilização suméria. As cidades sumérias daquela época, que se estendem desde a Mesopotâmia do Norte ao sul dos montes Zagros, testemunham o primeiro uso de tijolos de argila, paredes de gesso, mosaicos decorativos, cemitérios de túmulos delineados por tijolos, manufaturas de cerâmica pintada e decorada com desenhos geométricos, espelhos de cobre, contas de turquesa importada, pintura para as pálpebras, machados de guerra com acabamento em cobre, roupas, casas e, acima de tudo, monumentais edifícios de templos.

Mais para o sul, os arqueólogos encontraram Eridu, a primeira cidade suméria, de acordo com textos antigos. À medida que os escavadores cavavam mais fundo, depararam com um templo dedicado a Enki, o Deus da Sabedoria da Suméria, que parece ter sido construído e reconstruído vezes

sem conta. Os estratos levaram claramente os eruditos de volta aos inícios da civilização suméria: 2.500 a.C., 2.800 a.C., 3.000 a.C., 3.500 a.C.
Depois, as pás dos arqueólogos encontraram os alicerces do primeiro templo dedicado a Enki. Abaixo dele havia solo virgem: nada ali fora construído antes. Estava-se por volta do ano 3.800 a.C. Foi quando a civilização começou.

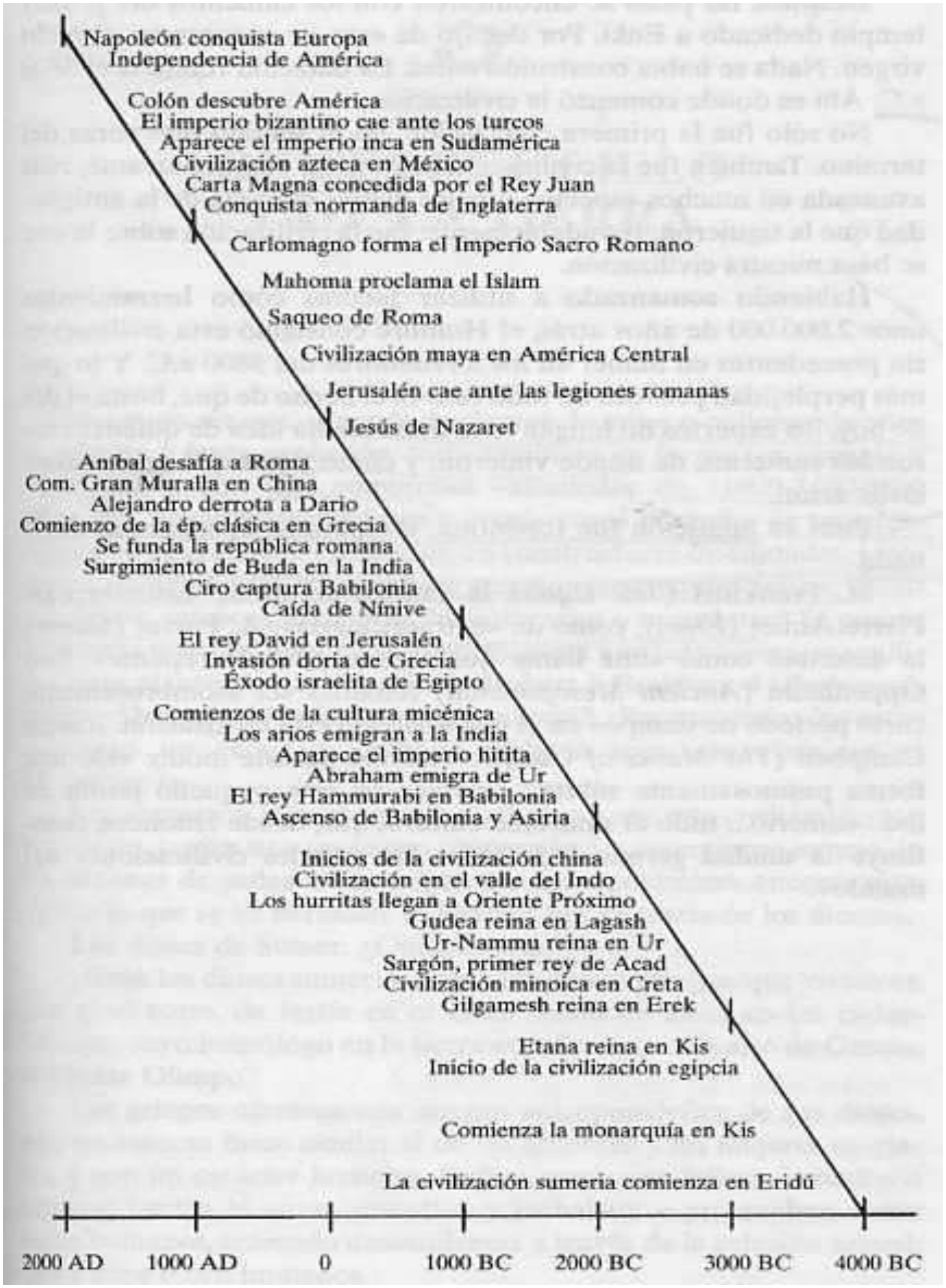


Não foi só a primeira civilização, no sentido estrito do termo. Foi uma civilização mais ampla, englobante, e de muitos modos mais avançada que as outras antigas culturas que a seguiram. Indubitavelmente, a nossa civilização se baseou naquela.

Começando a usar pedras como instrumentos há cerca de 2 milhões de anos, o homem alcançou uma civilização sem precedentes na Suméria por volta de 3.800 a.C. E o espantoso de tudo isto é que, até o presente, os eruditos não têm nenhuma suspeita acerca da identidade dos sumérios, de sua procedência e do como e porquê do aparecimento de sua civilização.

Porque seu aparecimento foi repentino, inesperado, vindo do nada.

H. Frankfort (Tell Uqair) diz que o fato é espantoso. Pierre Amiet (Ellam) taxou-o de extraordinário. A. Parrot (Sumer) [A Suméria] descreve-o como "uma chama que saltou repentinamente". Leo Oppenheim (Ancient Mesopotâmia) [A Antiga Mesopotâmia] salienta "o período de tempo espantosamente curto" no qual esta civilização se ergueu. Joseph Campbell (The Masks of God) [As Máscaras de Deus] resume-o deste modo: "Com uma atordoante brusquidão... aparece neste pequeno e barrento jardim sumério... toda a síndrome cultural que constitui desde então a unidade embrionária de todas as grandes civilizações do mundo".


Napoleón conquista Europa
Independencia de América
Colón descubre América
El imperio bizantino cae ante los turcos
Aparece el imperio inca en Sudamérica
Civilización azteca en México
Carta Magna concedida por el Rey Juan
Conquista normanda de Inglaterra
Carlomagno forma el Imperio Sacro Romano
Mahoma proclama el Islam
Saqueo de Roma
Civilización maya en América Central
Jerusalén cae ante las legiones romanas
Jesús de Nazaret
Aníbal desafía a Roma
Com. Gran Muralla en China
Alejandro derrota a Dario
Comienzo de la ép. clásica en Grecia
Se funda la república romana
Surgimiento de Buda en la India
Ciro captura Babilonia
Caída de Nínive
El rey David en Jerusalén
Invasión doria de Grecia
Éxodo israelita de Egipto
Comienzos de la cultura micénica
Los arios emigran a la India
Aparece el imperio hitita
Abraham emigra de Ur
El rey Hammurabi en Babilonia
Ascenso de Babilonia y Asiria
Inicios de la civilización china
Civilización en el valle del Indo
Los hurritas llegan a Oriente Próximo
Gudea reina en Lagash
Ur-Nammu reina en Ur
Sargón, primer rey de Acad
Civilización minoica en Creta
Gilgamesh reina en Erek
Etana reina en Kis
Inicio de la civilización egipcia
Comienza la monarquía en Kis
La civilización sumeria comienza en Eridú
2000 AD
1000 AD
0
1000 BC
2000 BC
3000 BC
4000 BC

3
Deuses do Céu e da Terra

O que é que, depois de centenas de milhares e mesmo milhões de anos de lento e doloroso desenvolvimento humano, mudou, de maneira repentina, tudo tão completamente e, num golpe de mágica - em aproximadamente 11.000 a.C., 7.400 a.C., 3.800 a.C. -, transformou os caçadores nômades primitivos e os catadores de alimentos em agricultores e fabricantes de cerâmica e, depois, em construtores de cidades, engenheiros, matemáticos, astrônomos, metalúrgicos, comerciantes, músicos, juízes, doutores, escritores, bibliotecários e padres? Pode-se ir ainda mais longe e colocar uma questão mais básica, formulada pelo prof. Robert J. Braidwood (Pre-Historic Men) [Os Homens Pré-Históricos]: "Por que é que todos os seres humanos não vivem ainda como os maglemosianos viviam?".

Os sumérios, povo por meio do qual esta alta civilização encontrou sua existência, tinham uma resposta já pronta. Ela aí está, resumida por uma das dezenas de milhares de antigas inscrições mesopotâmicas que foram desenterradas: "Tudo o que parece belo, nós o criamos pela graça dos deuses".

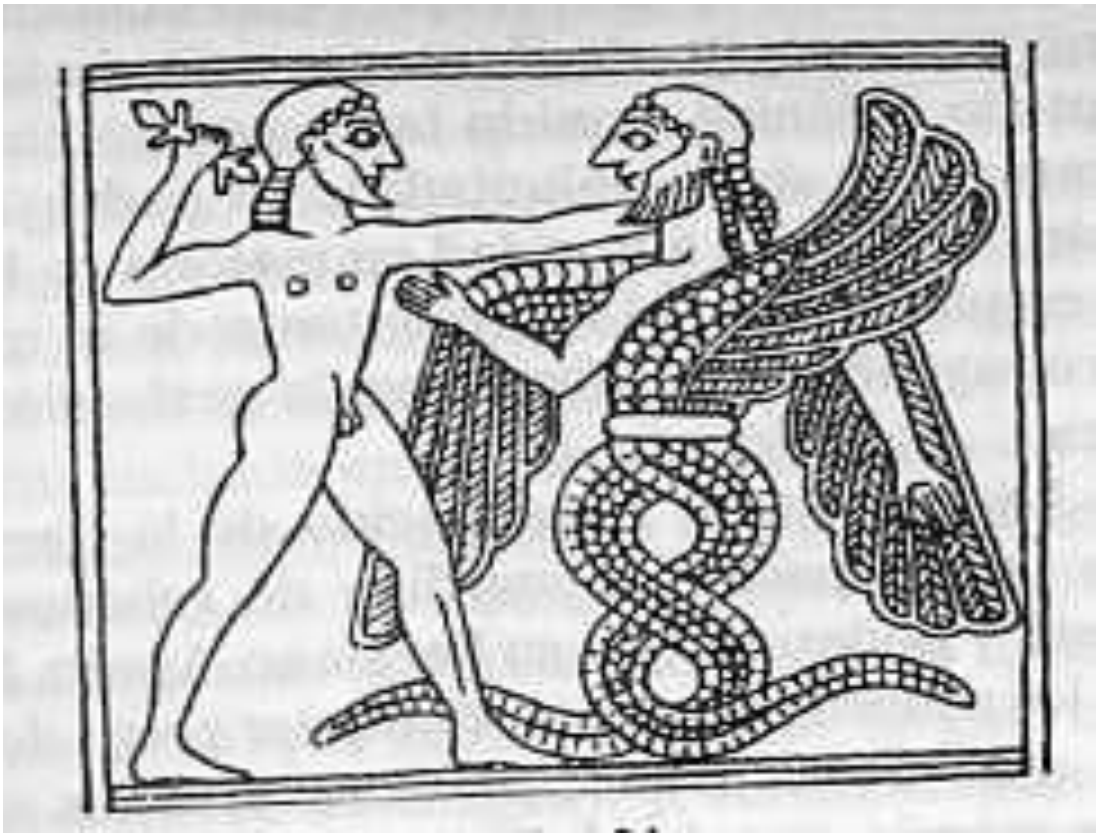
Os deuses da Suméria. Quem eram eles?

Os deuses da Suméria eram, como os deuses gregos, representados vivendo numa grande corte, festejando na Grande Ante-câmara de Zeus nos céus - o Olimpo, cujo correspondente na Terra era o pico grego mais alto, o monte Olimpo?

Os gregos descreveram seus deuses como antropomórficos, fisicamente semelhantes aos homens e mulheres mortais, e humanos na personalidade: podiam ficar alegres ou tristes e ciumentos; amavam, discutiam e lutavam; e procriavam como os humanos, trazendo à luz uma descendência numerosa por meio de relações sexuais quer entre si, quer com humanos.

Eram inatingíveis e, no entanto, imiscuíam-se permanentemente nos negócios humanos. Podiam viajar a velocidades enormes, aparecer e desaparecer; possuíam armas de imenso e invulgar poder. Cada um tinha funções específicas e, como resultado, uma atividade humana específica podia sofrer

ou beneficiar-se com as atitudes do deus encarregado dessa atividade particular; deste modo, os rituais de adoração e oferendas aos deuses eram considerados como benéficos para a obtenção de seus favores.
A deidade principal dos gregos durante a civilização helênica era Zeus, "o pai dos deuses e dos homens", "senhor do fogo celestial". Sua principal arma e símbolo era o raio. Era um "rei" na Terra que descera dos céus; um tomador de decisões e distribuidor do bem e do mal aos mortais, e, no entanto, alguém cujos domínios originais estavam nos céus.
Não era nem o primeiro deus na terra, nem a primeira divindade a aparecer nos céus. Misturando a teologia com a cosmologia para chegar àquilo que os estudiosos chamam mitologia, veremos que os gregos acreditavam que o primeiro fora o Caos; depois apareceram Gaia (Terra) e seu consorte Urano (Céu). Gaia e Urano deram ao mundo os doze Titãs, seis machos e seis fêmeas. Embora seus feitos legendários acontecessem na Terra, acreditava-se que tinham um equivalente astral.
Cronos, o Titã macho mais jovem, surgiu como a principal figura na mitologia do Olimpo. Alcançou a supremacia entre os Titãs mediante a usurpação, depois de castrar seu pai, Urano. Temendo os outros Titãs, Cronos aprisionou-os e expulsou-os. Por essa ação foi amaldiçoado pela mãe - ele deveria sofrer o mesmo destino que seu pai e seria destronado por um de seus próprios filhos.
Cronos contraiu matrimônio com a própria irmã Réia, que lhe deu três filhos e três filhas: Hades, Poséidon e Zeus; Héstia, Deméter e Hera. Uma vez mais foi decretado que seu filho mais novo seria aquele que deporia o pai, e a maldição de Gaia tornou-se real quando Zeus destronou Cronos, seu Pai.
A destituição, parece, não teria decorrido sem atritos. Por muitos anos se travaram batalhas entre os deuses e uma hoste de seres monstruosos. A batalha decisiva ocorreu entre Zeus e Tífon, uma divindade-serpente. A luta travou-se em largas áreas, na Terra e nos céus. A batalha final deu-se no monte Cásio, perto da fronteira entre o Egito e a Arábia - aparentemente, em algum lugar na península do Sinai.



Zeus e Tífon

Ao vencer o combate, Zeus foi reconhecido como a principal divindade. Mesmo assim, teve de partilhar o poder com seus irmãos. Por escolha (ou, de acordo com uma versão, por meio de sorteio), foi dado a Zeus o controle dos céus, a Hades, o irmão mais velho, se concedeu o Mundo Inferior, e ao irmão do meio, Poseidon, o domínio dos Mares.

Embora com o tempo Hades e sua região se tornassem sinônimos de Inferno, seu domínio original era um território situado num lugar "longe e abaixo" englobando pântanos, áreas desoladas e terras irrigadas por poderosos rios. Hades era descrito como "o invisível" - indiferente, proibitivo, austero; não demomível por súplicas ou sacrifícios. Poseidon, por outro lado, era freqüentemente visto segurando seu símbolo, o tridente. Embora governasse os mares, era também mestre das artes de metalurgia e escultura, assim como competente mágico e feiticeiro. Enquanto Zeus era representado na tradição e lenda gregas como severo para com a humanidade - tendo até mesmo planejado em determinada época aniquilar o gênero humano -, Poseidon era

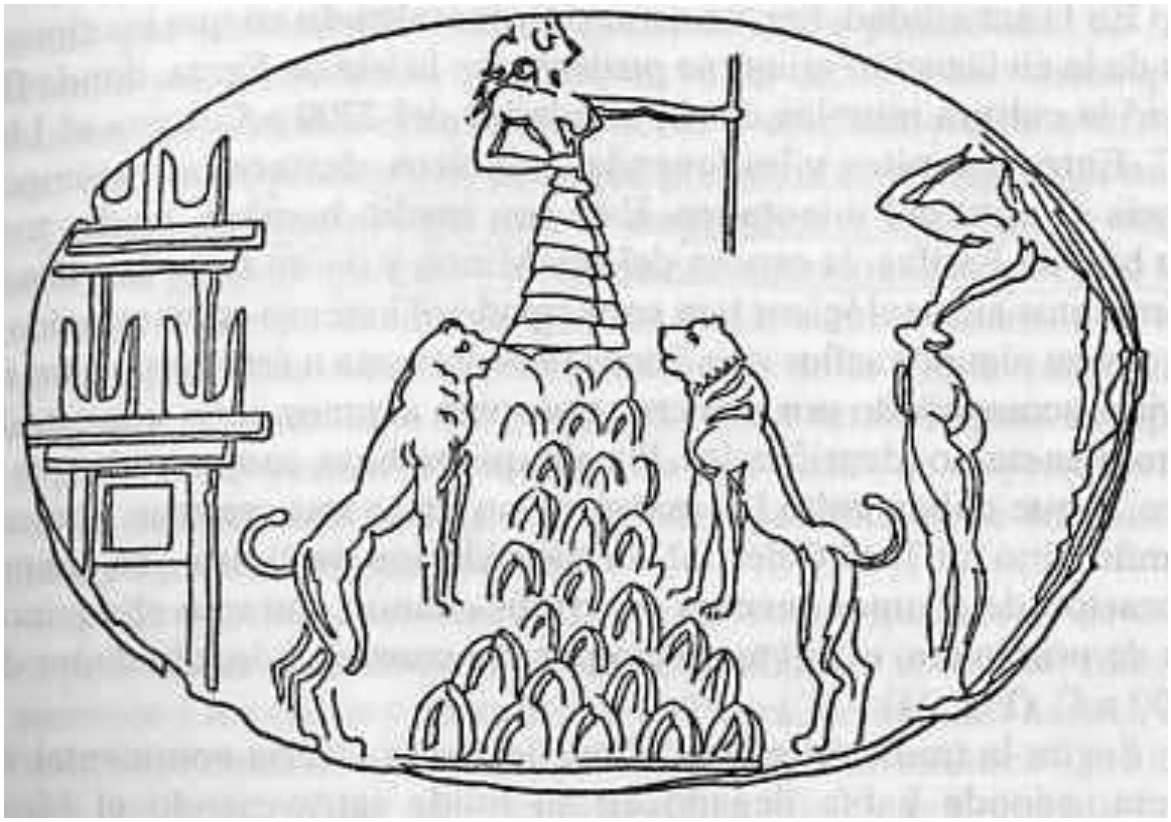
considerado amigo do homem e um deus que esforçava-se para ganhar o apreço dos mortais.
Os três irmãos e as três irmãs, todos filhos de Cronos e de sua irmã Réia, constituíam os membros mais antigos do Círculo Olímpico, o grupo dos Doze Grandes Deuses. Os outros seis eram prole de Zeus, e as lendas gregas tratavam sobretudo de sua genealogia e relações.
As deidades filhas de Zeus tinham por mãe várias e diferentes deusas. Casando primeiro com uma deusa chamada Métis, Zeus teve dela uma filha, a grande deusa Atena. Ela tinha a seu cargo o senso comum e a habilidade manual e era, deste modo, a Deusa da Sabedoria. Mas como foi a única grande divindade a permanecer com Zeus durante seu combate com Tífon (todos os outros desertaram), Atena adquiriu também qualidades marciais e tornou-se Deusa da Guerra. Era a "perfeita donzela" e não se tornou mulher de ninguém, embora algumas lendas a relacionem com freqüência com seu tio Poseidon que, mesmo mantendo como consorte oficial a divindade que se tornara Deusa do Labirinto da ilha de Creta, teve como amante sua sobrinha Atena.
Zeus casou depois com outras deusas, mas seus filhos não entraram para o Círculo Olímpico. Quando Zeus preocupou-se em arranjar um herdeiro masculino, voltou-se para uma de suas próprias irmãs. A mais velha era Héstia, uma solitária, talvez demasiado velha ou demasiado abatida para ser objeto de atividades matrimoniais. Zeus não precisou de grandes desculpas para voltar suas atenções para Deméter, a irmã do meio, Deusa da Fertilidade. Mas em vez de um filho, ela deu-lhe uma filha, Perséfone, que se tornou mulher de seu tio Hades e compartilhou seu domínio no Mundo Inferior.
Desapontado por não lhe ter nascido um filho, Zeus procurou outra deusa para lhe dar conforto e amor. De Harmonia, teve nove filhas. Depois, Leto concedeu-lhe uma filha e um filho, Ártemis e Apolo, que logo foram destacados para o grupo das deidades principais.
Apolo, como primeiro filho de Zeus, era um dos maiores deuses do panteão helênico. Temido do mesmo modo por homens e deuses, era o intérprete para os mortais da vontade de seu pai, Zeus, e, deste modo, a autoridade em matéria de lei religiosa e adoração nos templos. Representando as leis morais

e divinas, personificava a purificação e a perfeição, tanto espiritual como física.
O segundo filho de Zeus nascido da deusa Maia, era Hermes, patrono dos pastores, guardião dos rebanhos e manadas. Menos importante e poderoso que seu irmão Apolo, estava mais próximo dos negócios humanos; qualquer golpe de boa sorte lhe era atribuído. Como Dispensador das Boas Coisas, a seu cargo estava o comércio, e era o patrono de mercadores e viajantes. Mas seu principal papel no mito e na épica era o de arauto de Zeus, mensageiro dos deuses.
Impelido por certas tradições dinásticas, Zeus exigiu ainda um filho de uma das suas irmãs e voltou-se para a mais nova, Hera. Casando com ela nos ritos do sagrado matrimônio, Zeus proclamou-a rainha dos deuses, a Deusa-Mãe. O casamento, abençoado com um filho, Ares, e duas filhas, foi ameaçado por constantes infidelidades por parte de Zeus e por uma faladíssima infidelidade de Hera, que lançou a dúvida sobre a paternidade verdadeira de outro filho, Hefesto.
Ares foi desde logo incorporado no Círculo Olímpico dos Doze Grandes Deuses e foi feito tenente-chefe de Zeus, um Deus da Guerra. Foi representado como o Espírito do Massacre, e, no entanto, estava longe de ser invencível - lutando na Batalha de Tróia, do lado dos troianos, sofreu um ferimento que apenas Zeus podia curar.
Hefesto, por outro lado, teve de abrir seu caminho para alcançar o topo do Olimpo. Deus da Criatividade, a ele se atribuía o fogo da forja e a arte da metalurgia. Era um artífice divino, fabricante tanto de objetos práticos como de objetos mágicos para os homens e para os deuses.
As lendas dizem que nasceu coxo e foi por isso banido com raiva por sua mãe Hera. Outra versão, mais plausível, diz que foi Zeus que expulsou Hefesto, por causa da dúvida que pairava sobre sua paternidade, mas que Hefesto usou seus criativos poderes mágicos para forçar Zeus a dar-lhe assento entre os grandes deuses.
As lendas dizem ainda que Hefesto fabricou, um dia, uma cadeia invisível que se fechava sobre o leito de sua mulher, se fosse aquecida por um amante intrometido. Ele deve ter necessitado dessa proteção uma vez que sua mulher era Afrodite, a Deusa do Amor e da Beleza. Era muito natural que tantos

contos de casos amorosos fossem construídos à sua volta; em muito desses contos o sedutor era Ares, irmão de Hefesto (um dos rebentos deste caso de amor ilícito foi Eros, o Deus do Amor).

Afrodite foi incluída no Círculo Olímpico dos doze, e as circunstâncias de sua inclusão lançam luz sobre nosso tema. Ela não era nem irmã de Zeus nem sua fIlha e, no entanto, não a podiam ignorar. Viera das costas asiáticas do Mediterrâneo, em frente à Grécia (de acordo com o poeta grego Hesíodo, chegou vinda de Chipre); e reclamando sua grande antiguidade, fez remontar sua origem aos descendentes de Urano. Deste modo, genealogicamente, ela estava uma geração à frente de Zeus, sendo (por assim dizer) uma irmã do pai dele e a encarnação do castrado pai primitivo dos deuses.

Afrodite, assim, tinha de ser incluída entre os deuses do Olimpo. Mas seu número total, doze, aparentemente, não podia ser excedido. A solução foi engenhosa - juntar um, pondo outro de lado. Uma vez que a Hades fora dado domínio sobre o Mundo Inferior e não permanecera entre os grandes deuses no monte Olimpo, criou-se uma vaga, admiravelmente pronta para nela sentar-se Afrodite, no elitista grupo dos doze.



Parece também que o número doze era uma exigência que funcionava nos dois sentidos, ou seja, assim como não podia haver mais de doze habitantes no Olimpo, também não podia haver menos. Isto torna-se evidente através das circunstâncias que levaram à inclusão de Dioniso no Círculo Olímpico. Ele era um filho de Zeus, nascido quando Zeus engravidou sua própria filha, Sêmele. Dioniso, que teve de ser escondido da cólera de Hera, foi enviado para terras longínquas (chegando a alcançar a Índia), introduzindo o cultivo de vinhas e a fabricação de vinho onde quer que estivesse. Entretanto, ficou disponível uma vaga no Olimpo. Héstia, a irmã mais velha e mais fraca de Zeus, foi completamente esquecida pelo círculo dos deuses. Dioniso regressou então à Grécia e foi-lhe permitido tomar assento no Olimpo. Uma vez mais, havia doze habitantes no Olimpo.

Embora a mitologia grega não seja clara no tocante às origens da humanidade, as lendas e as tradições reivindicavam a ascendência divina para heróis e reis. Estes semi-deuses eram o elo entre o destino humano - suor diário, dependência dos elementos, pragas, doenças e morte - e um passado dourado quando apenas os deuses perambulavam pela Terra. E embora muitos desses deuses tivessem nascido na Terra, o seleto círculo dos doze olimpianos representava o aspecto celestial dos deuses. O Olimpo original era descrito na Odisséia como estando situado “no mais puro ar dos céus". Os genuínos doze grandes deuses eram divindades do céu que desceram à Terra e representavam os doze corpos celestiais na "abóbada celeste".

Os nomes latinos dos grandes deuses, que lhes foram conferidos quando os romanos adotaram o panteão grego, clarificam suas associações astrais: Gaia era a Terra, Hermes, Mercúrio; Afrodite, Vênus; Ares, Marte; Cronos, Saturno; e Zeus, Júpiter. Continuando com a tradição grega, os romanos encararam Júpiter como um deus trovejante cuja arma era a luminosa flecha; tal como os gregos, os romanos associam-no ao touro.

Existe agora um acordo geral sobre a colocação dos alicerces da distinta civilização grega na ilha de Creta, onde a cultura minóica floresceu desde cerca do ano 2.700 a.C. até 1.400 a.C. Na mitologia minóica é proeminente a lenda do Minotauro. Este semi-homem, semi-touro era o rebento de Pasífae, a mulher do rei Minos, e de um touro. Os achados arqueológicos confirmaram a ampla adoração dos minóicos ao touro e alguns selos cilíndricos descrevem o touro como um ser divino acompanhado de uma cruz que simbolizava qualquer planeta ou estrela não identificados. Conjetura-se desde aí, que o touro adorado pelos minóicos não é a criatura terrena comum, mas o Touro Celestial - a constelação de Touro - em comemoração de certos eventos ocorridos quando o equinócio primaveril do Sol apareceu nessa constelação, cerca de 4.000 a.C.

Pela tradição grega, chegou ao continente grego, via Creta, de onde escapara (nadando pelo Mediterrâneo), depois de raptar Europa, a linda filha do rei da cidade fenícia de Tiro. Na verdade, quando o mais remoto escrito minóico foi, finalmente, decifrado por Cyrus H. Gordon, demonstrou-se que se tratava "de um dialeto semita das costas do Mediterrâneo Oriental".
De fato, os gregos nunca disseram que seus deuses olímpicos vieram dos céus diretamente para a Grécia. Zeus chegou depois de atravessar o Mediterrâneo, via Creta. Afrodite, dizia-se, veio por mar do Oriente Médio, via Chipre. Poseidon (Netuno para os romanos) trouxe consigo o cavalo, vindo da Ásia Menor. Atena trouxe “a oliveira, fértil e que se cultiva por si própria" para a Grécia, vinda das terras da Bíblia.
Não há dúvida de que as tradições e religião gregas chegaram ao continente grego vindas do Oriente Médio, via Ásia Menor e ilhas mediterrâneas. Foi lá que seu panteão firmou raízes; é lá que devemos procurar as origens dos deuses gregos e suas relações astrais com o número doze.

O hinduísmo, a antiga religião da Índia, considera os Vedas - conjunto de hinos, fórmulas e sacrifícios e outros ditos pertencentes aos deuses - como escrituras sagradas "de origem não humana". Os próprios deuses os compuseram, dizem as tradições hindus, na idade que precedeu a presente. Mas, à medida que o tempo foi passando, mais e mais dos 100 mil versos originais transmitidos oralmente de geração em geração se foram perdendo e misturando. Finalmente, um sábio anotou os versos, que ficaram divididos

em quatro livros, e confiou-os a quatro de seus principais discípulos para que cada um preservasse um Veda.
Quando, no século 19, os estudiosos começaram a decifrar e a entender línguas esquecidas e a traçar elos entre elas, compreenderam que os Vedas estavam escritos numa língua indo-européia muito antiga, predecessora da língua de raiz indiana (sânscrito), do grego, do latim e de outras línguas européias. Quando, finalmente, foram capazes de ler e analisar os Vedas, os eruditos se surpreenderam com a misteriosa semelhança entre os contos de deuses védicos e gregos.
Os deuses, dizem os Vedas, eram todos membros de uma família grande, mas não necessariamente pacífica. Por entre os contos de ascensões aos céus e descidas à Terra, batalhas aéreas, armas magníficas, amizades e rivalidades, casamentos e infidelidades, parece existir uma preocupação básica com a preservação dos registros genealógicos - quem foi pai de quem, quem foi o primeiro fIlho de quem. Os deuses na Terra tiveram sua origem nos céus, e as principais divindades, mesmo na Terra, continuaram a representar corpos celestiais.
Em tempos primitivos, os Rishis ("os primevos dimanadores") "fluíam" celestialmente possuídos de irresistíveis poderes. Dentre eles, sete foram os Grandes Progenitores. Os deuses Rahu ("o demônio") e Ketu ("o desligado") constituíram outrora um mesmo corpo celestial que procurou juntar-se aos deuses sem permissão; mas o Deus das Tempestades brandiu sua flamejante arma contra ele, dividindo-o em duas partes - Rahu, “a cabeça do dragão", que incessantemente atravessa os céus à procura da vingança, e Ketu, "a cauda do dragão". Mar-Ishi, o progenitor da Dinastia Solar, fez nascer Kash-Yapa ("ele que é o trono"). Os Vedas descrevem-no como tendo sido bastante prolífero; mas a sucessão dinástica só foi continuada através de seus dez filhos por Prit-Hivi ("celestial mãe") .
Como principal membro da dinastia, Kash-Yapa era também chefe dos Devas ("os brilhantes") e tinha o título de Dyaus-Pitar ("o pai brilhante"). Em conjunto com sua consorte e dez filhos, a divina família constitui os Doze Adityas, deuses a cada um dos quais era associado um signo do zodíaco e um corpo celestial. O corpo celestial de Kash-Yapa era “a estrela brilhante"; Prit-

Hivi representava a Terra. Depois, havia os deuses cujos equivalentes celestiais incluíam o Sol, a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno.
Com o tempo, a chefia do panteão dos doze passou para Varuna, o Deus da Celestial Expansão. Ele era onipotente e tudo via. Um dos hinos a ele cantados soa como um salmo bíblico:

É ele quem faz o Sol brilhar nos céus,
E os ventos que sopram são seu alento.
Ele escavou os canais dos rios;
Eles fluem a uma ordem sua.
Ele fez as profundezas do mar.

Seu reino também encontrou, mais cedo ou mais tarde, um fim. Indra, o deus que assassinou o celestial "Dragão", reivindicou o trono matando seu pai. Ele era o novo Senhor dos Céus e o Deus das Tempestades. Raios e trovões eram suas armas, e seu epíteto era Senhor dos Exércitos. Ele tinha, contudo, de partilhar o domínio com seus dois irmãos. Um deles era Vivashvat, o progenitor de Manu, o primeiro homem. O outro, Agni ("o ígneo"), trouxe o fogo dos céus para a Terra, para que a humanidade o pudesse usar industrialmente.

As semelhanças entre os panteões védico e grego são óbvias. Os contos que dizem respeito às principais deidades, assim como os versos tratando da multitude de divindades inferiores - filhos, esposas, filhas, amantes -, são, nitidamente, duplicados (ou originais?) dos contos gregos. Não há dúvida de que Dyaus veio a querer dizer Zeus; Dyaus-Pitar, Júpiter; Varuna, Urano; e assim por diante. Em ambas as circunstâncias, o Círculo dos Grandes Deuses sempre foi de doze, não importa as mudanças que fossem ocorrendo na divina sucessão.
Como era possível gerar tamanha similitude em duas áreas tão distante uma da outra, tanto geográfica como cronologicamente?
Os estudiosos acreditam que em dada altura, no 2º. milênio a.C., um povo falando uma língua indo-européia e entrando no norte do Irã ou na área do Cáucaso empreendeu grandes migrações. Um grupo partiu para sudeste, para

a Índia. Os hindus chamavam-lhes arianos ("os homens nobres"). Trouxeram com eles os Vedas e também contos orais, por volta do ano 1.500 a.C. Outra onda desta migração indo-européia dirigiu-se para oeste, para a Europa. Alguns rodearam o mar Negro e chegaram à Europa, atravessando as estepes da Rússia. Mas a rota principal que permitiu a estes povos e às suas tradições e religião alcançarem a Grécia foi a mais curta - via Ásia Menor.

Mas quem eram estes indo-europeus que escolheram a Anatólia como seu domicílio? O saber ocidental pouco clarificou o assunto.

Mais uma vez se provou que a única fonte imediatamente disponível - e de confiança - era o Antigo Testamento. Lá os estudiosos encontraram várias referências aos hititas como o povo habitante das montanhas da Anatólia. Ao contrário da aversão refletida no Antigo Testamento em relação aos cananitas e outros vizinhos cujos costumes eram considerados como uma "abominação", os hititas eram vistos como amigos e aliados de Israel. Bathsheba, que o rei Davi cobiçava, era mulher de Uriah, o Hitita, um oficial do exército do rei Davi. O rei Salomão, que forjou alianças casando com as filhas de reinos distantes, tomou como mulheres as filhas tanto de um faraó egípcio, como de um rei hitita. Noutra época, uma armada invasora Síria fugiu ouvindo um rumor de que “o rei de Israel tinha aliado contra nós o rei dos hititas e o rei dos egípcios". Estas breves alusões aos hititas revelam a alta consideração em que suas forças militares eram tidas pelos outros povos do antigo Oriente Médio.

Com a decifração dos hieróglifos egípcios - e, mais tarde, das inscrições mesopotâmicas -, os estudiosos depararam com numerosas referências a uma "terra de Hatti", grande poderoso reino da Anatólia. Seria possível que um tão importante poder não deixasse traços?

Antecipadamente munidos das respostas fornecidas pelos textos egípcios e mesopotâmicos, os eruditos partiram em escavação a antigos acampamentos nas regiões dos montes da Anatólia. Os esforços foram recompensados: foram desenterradas cidades hititas, palácios, tesouros reais, túmulos reais, templos, objetos religiosos, ferramentas, armas, objetos de arte. Acima de tudo, encontraram muitas inscrições tanto na escrita pictográfica, como na cuneiforme. Os hititas da Bíblia ganhavam vida.

Um monumento único legado em testamento à nossa época pelo Oriente Médio é a gravação numa rocha, fora da antiga capital hitita (o local é hoje chamado Yazilikaya, que em turco significa "rocha inscrita"). Depois de passar por cancelas e santuários, o antigo adorador penetra numa galeria ao ar livre, uma clareira entre um semicírculo de rochas, nos quais todos os deuses dos hititas foram representados em procissão.
Movimentando-se para a esquerda, a longa procissão de deidades basicamente masculinas está nitidamente organizada em "companhias" de doze. Na extrema-esquerda, e deste modo a última a alinhar nesta espantosa parada, vêem-se doze figuras idênticas que parecem iguais em categoria, uma vez que todas carregam a mesma arma.

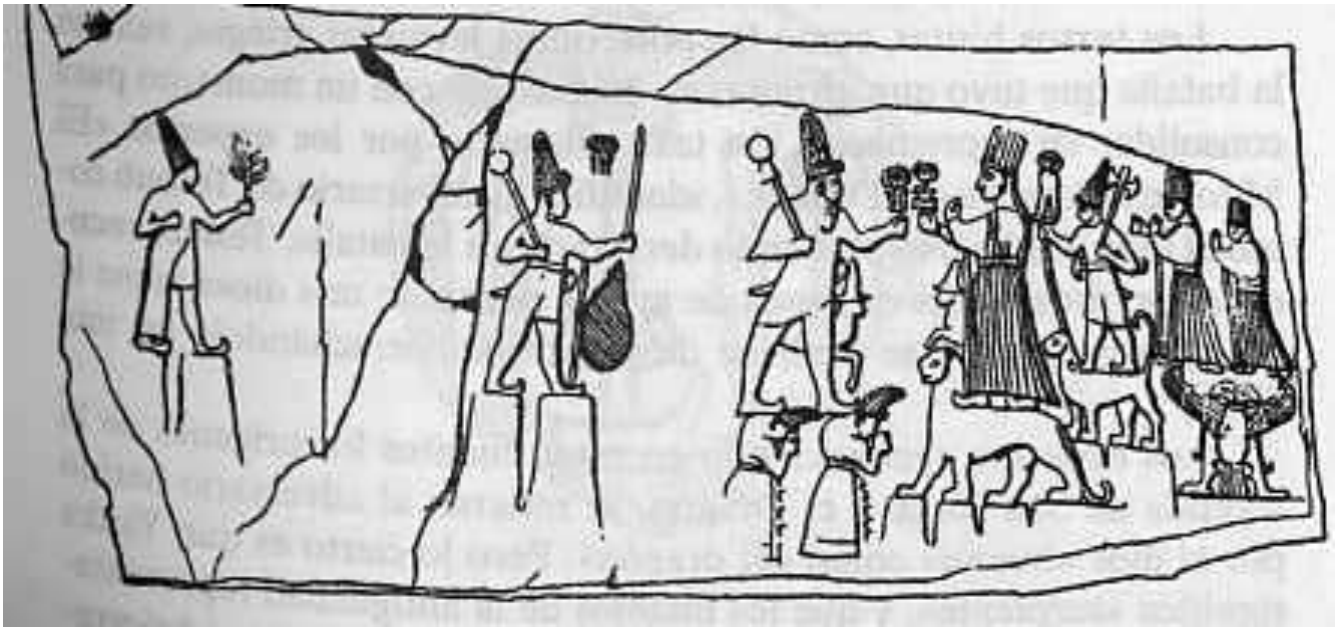
O grupo do meio de doze caminhantes inclui algumas divindades que parecem mais idosas, algumas transportando armas diversificadas e duas que estão iluminadas por um símbolo divino.

O terceiro grupo de doze (o da frente) é claramente constituído pelas mais relevantes divindades masculinas e femininas. Suas armas e emblemas são mais variados; quatro têm sobre elas o divino símbolo celestial; duas possuem asas. Este grupo inclui também participantes não divinos: dois touros segurando um globo e o rei dos hititas usando um solidéu com o emblema do disco alado.

Fig. 27

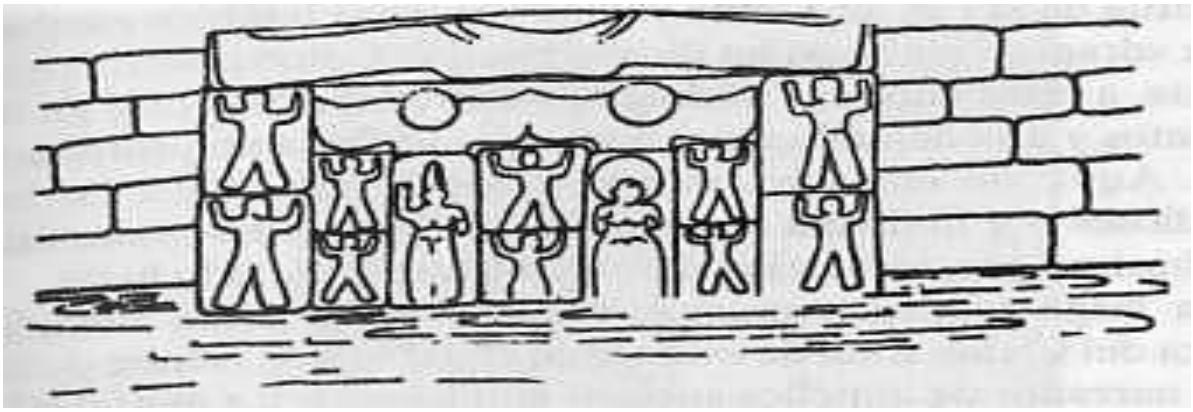
Marchando da direita, havia dois grupos de divindades femininas; as gravações na rocha, todavia, estão demasiado mutiladas para confirmar seu verdadeiro número. Não estaremos muito errados, talvez, se imaginarmos que, também elas, constituíam duas companhias de doze cada uma.

As duas procissões da esquerda e da direita encontram-se num painel central que representa claramente os grandes deuses, uma vez que todos eles são mostrados elevados no topo de montanhas ou aos ombros de animais, pássaros e mesmo de servidores divinos.

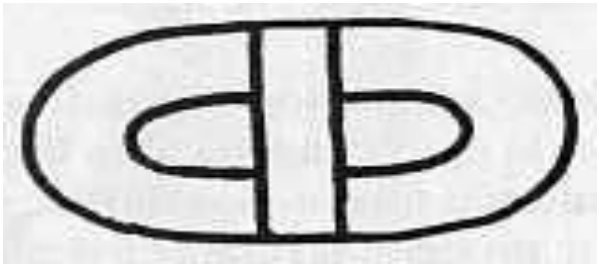


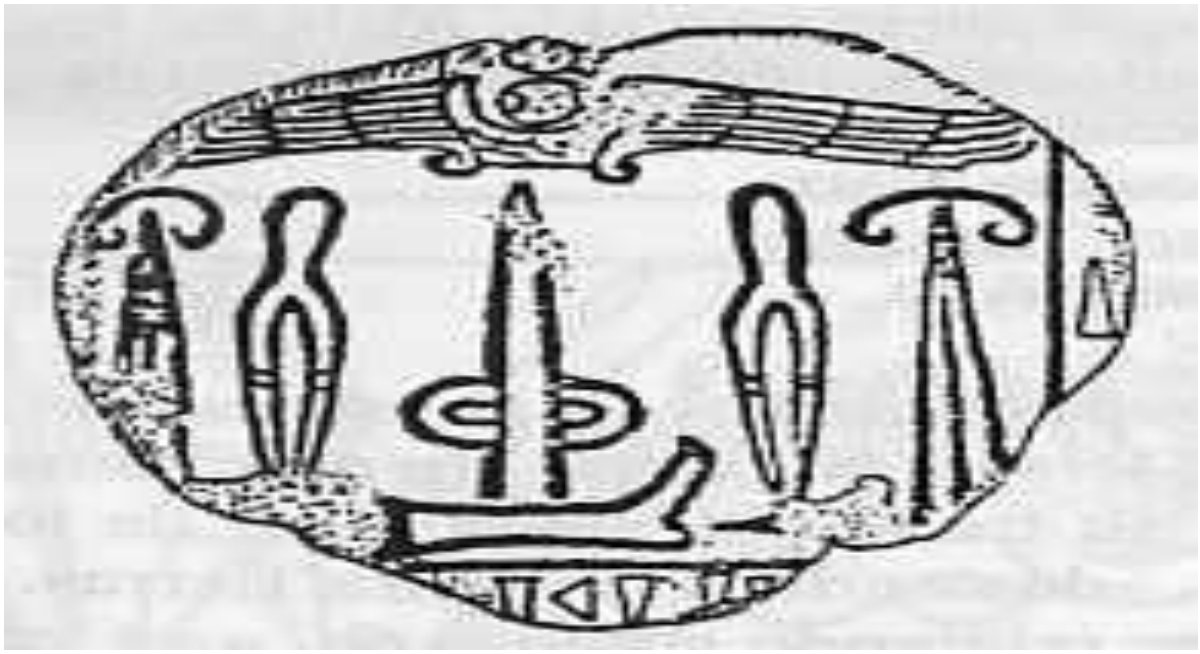
Os eruditos investiram muitos esforços, por exemplo, E. Laroche, (Le Panthéon de Yazilikaya) [O Panteão de Yazilikaya] para determinar a partir das representações e dos símbolos hieroglíficos, assim como dos textos parcialmente legíveis e dos nomes de deuses que estão realmente gravados nas rochas, os nomes, títulos e papéis das deidades presentes na procissão. Mas é evidente que também o panteão hitita era governado pelos “olímpicos" doze. Os deuses menores estavam organizados em grupos de doze e os grandes deuses na Terra estavam associados a doze corpos celestiais.

Podemos certificar-nos de que o panteão era governado pelo "número sagrado" doze com a prova adicional de ainda mais um monumento hitita. Trata-se de um santuário de alvenaria encontrado perto da atual Beit-Zehir. Aí, o casal divino está claramente representado, tendo à sua volta outros dez deuses, fazendo um total de doze.



Os achados arqueológicos mostram conclusivamente que os hititas adoravam deuses que pertenciam "ao céu e à terra", todos inter-relacionados e arranjados numa hierarquia genealógica. Alguns eram deuses grandes e "velhos", originários dos céus. Seu símbolo - que na escrita pictográfica hitita significa "divino" ou "deus celestial" - lembra pela forma um par de "óculos". Aparece freqüentemente em selos esféricos como parte de um objeto semelhante a um foguete.





Outros deuses estavam realmente presentes não meramente na Terra, mas entre os hititas, agindo como supremos governantes da Terra, nomeando os reis humanos e dando instruções a estes últimos em matéria de guerra, tratados e outros negócios internacionais.

À cabeça dos deuses hititas fisicamente presentes estava a divindade chamada Teshub, que significava o "soprador dos ventos". Ele era aquele a quem os eruditos chamam o Deus da Tempestade, associado a ventos,

trovões e relâmpagos. Era também chamado pelo diminutivo Taru ("o touro"). Tal como os gregos, os hititas descreveram a adoração a Taurus; como Júpiter, depois dele, Teshub era descrito como o Deus do Trovão e do Relâmpago, montado em cima de um touro.

Os textos hititas, como mais tarde as lendas gregas, relatam como sua deidade principal foi obrigada a se defrontar com um monstro para consolidar sua supremacia. Um texto a que os estudiosos chamaram "O Mito do Homicídio do Dragão" identifica o adversário de Teshub como sendo o Deus Yanka. Não conseguindo vencê-lo em batalha, Teshub apelou para os outros deuses à procura de ajuda, mas apenas uma deusa lhe veio dar apoio e aniquilou Yanka, embriagando-o durante uma festa.
Reconhecendo nestes contos as origens da lenda de São Jorge e o Dragão, os estudiosos referem-se ao adversário derrotado pelo "bom" deus como o "dragão". Mas o fato é que Yanka significava serpente e os povos antigos

simbolizavam assim o "mau" deus, como se pode ver no baixo-relevo de uma colônia hitita.

Também Zeus, como já mostramos, combateu não com um dragão, mas com um deus-serpente. Como mais adiante demonstraremos, havia um profundo significado ligado a estas antigas tradições de luta entre o Deus dos Ventos e uma deidade-serpente. Aqui, no entanto, apenas podemos acentuar que as batalhas entre os deuses pelo reino divino eram relatadas nos textos antigos como eventos que tinham indubitavelmente ocorrido.
Um conto épico hitita, longo e bem preservado, intitulado Reino do Céu, versa sobre este mesmo assunto - a origem celestial dos deuses. O contador destes acontecimentos pré-mortais invocou primeiro "doze poderosos e antigos deuses" para escutarem seu conto e serem testemunhas de sua precisão:

Deixem escutar os deuses que estão no céu,
E aqueles que andam sobre a escura terra!
Deixem-nos escutar, eles, os poderosos antigos deuses.

Estabelecendo deste modo, que os deuses de sempre eram tanto do céu, como da terra, a epopéia lista os doze "poderosos e antigos", os predecessores dos

deuses; e assegurando-se de sua atenção, o contador prossegue para narrar como foi que o deus que era "o rei do céu" veio para a escura terra:

Antigamente, nos dias de outrora, Alalu era deus no céu;
Ele, Alalu, estava sentado no trono.
O poderoso Anu, o primeiro entre os deuses, estava à sua frente,
E inclinado aos seus pés, colocou a taça em sua mão.
Por nove períodos contados, Alalu foi rei do céu.
No nono período, Anu travou batalha com Alalu
Alalu foi derrotado, e fugiu ante Anu -
Ele desceu à escura terra.
Para baixo, para a escura terra veio ele;
E no trono sentou-se Anu.

A epopéia atribui, assim, a chegada de um "rei do céu" à Terra à usurpação do trono. Um deus chamado Alalu foi deposto de seu trono (em algum lugar nos céus) pela força, fugindo para se salvar, desceu à "escura terra". Mas isto não foi o fim. O texto prossegue, contando como Anu, a seu tempo, foi também deposto por um deus chamado Kumarbi (o próprio irmão de Anu, segundo algumas interpretações).
Não há dúvida de que esta epopéia, escrita 1.000 anos antes da composição das lendas gregas, é a predecessora do conto que relata a destituição de Urano por Cronos e de Cronos por Zeus. Até o detalhe da castração de Cronos por Zeus pode ser encontrado no texto hitita, uma vez que foi exatamente isto que Kumarbi fez a Anu:

Por nove períodos contados Anu foi rei no céu;
No nono período, Anu teve de combater com Kumarbi.
Anu escapuliu-se do alcance de Kumarbi e fugiu
Correr, correu ele, subindo ao céu.
Atrás dele se apressou Kumarbi, laçou-o pelo pé;
E arrastou-o dos céus abaixo.
Ele mordeu seus quadris; e a virilidade de Anu,
Combinada com os interiores de Kumarbi fundiu-se como o bronze.

De acordo com esta velha lenda, a batalha não resultou em vitória completa para nenhuma das partes. Embora privado de sua virilidade, Anu conseguiu voar de regresso à sua "residência celestial", deixando Kumarbi controlando a Terra. Entretanto, a "virilidade" de Anu gerou várias deidades nos interiores de Kumarbi, que ele (como Cronos nas lendas gregas) foi forçado a libertar. Uma delas foi Teshub, a principal deidade hitita.
Todavia, mais uma batalha teria de ser travada antes que Teshub pudesse reinar em paz.
Sabendo do aparecimento de um herdeiro para Anu em Kummiya ("residência celestial"), Kumarbi arquitetou um plano para "erguer um rival ao Deus das Tempestades". "Em sua mão ele tomou seu bastão; em seus pés ele colocou os sapatos céleres como os ventos", e partiu de sua cidade de Ur-Kish para a abóbada da Dama da Grande Montanha. Alcançando-a.

O seu desejo cresceu;
Ele dormiu com a Dama da Montanha;
A sua virilidade fluiu para ela.
Cinco vezes ele a tomou...
Dez vezes ele a tomou...

Kumarbi era apenas luxurioso, lascivo? Temos razões para acreditar que algo mais estava envolvido. Nossa suposição é que as leis de sucessão dos deuses eram tais que diziam que um filho de Kumarbi e da Dama da Grande Montanha podia alegar ser ele o herdeiro do trono celestial, e que Kumarbi "tomou" a deusa cinco e dez vezes para ficar seguro de que ela concebera, como realmente aconteceu. Ela deu à luz um filho, a quem Kumarbi simbolicamente chamou de Ulli-Kummi ("supressor de Kummiya", residência de Teshub).
A batalha pela sucessão foi prevista por Kumarbi como algo que imporia a luta nos céus. Destinando seu filho para suprimir os beneficiados de Kummiya, Kumarbi aclamou mais tarde seu filho:

Que ele ascenda aos céus para reinar!
Que ele domine Kummiya, a bela cidade!

Que ele ataque o Deus das Tempestades,
E o rasgue em pedaços como um mortal!
Que ele expulse todos os deuses do céu!

Será que as batalhas particulares travadas por Teshub sobre a terra e nos céus ocorreram quando a Idade de Taurus começou, por volta do ano 4.000 a.C.? Foi por essa razão que ao vencedor se concedia a associação com o Touro? E estariam os acontecimentos de qualquer modo ligados ao início, exatamente na mesma época, da súbita civilização suméria?
Não há dúvida de que o panteão hitita e as lendas dos deuses têm, de fato, suas raízes na Suméria, assim como sua civilização e seus deuses.
O conto do desafio ao trono divino por Ulli-Kummi continua relatando as batalhas heróicas, mas de natureza não decisiva. Em certo sentido, o fracasso de Teshub em derrotar seu adversário levou sua esposa Hebat a tentar o suicídio. Finalmente, foi feito um apelo aos deuses para que moderassem a contenda e foi convocada uma assembléia dos deuses. Ela foi dirigida por um "vetusto deus" chamado Enlil, e outro "vetusto deus" chamado Ea, que foi chamado para fazer "as velhas barras com as palavras do destino" - uns registros antigos que aparentemente podiam decidir a disputa a respeito da sucessão divina.
Quando os registros falharam na tentativa de sanar a disputa, Enlil anunciou outra batalha com o desafiante, mas com a ajuda de algumas armas muito antigas. "Ouçam, vocês, antigos deuses, vocês que conhecem as velhas palavras", disse Enlil a seus seguidores:

Abram vocês os antigos depósitos
De vossos pais e daqueles que viveram antes!
Apresentem à luz a Velha Lança de Bronze
Com a qual o céu foi separado da terra;
E deixem-nos separar os pés a Ulli-Kummi.

Quem eram estes "velhos deuses"? A resposta é óbvia, uma vez que todos eles - Anu, Antu, Enlil, Ninlil, Ea, Ishkur - possuem nomes sumérios. Até o nome de Teshub, assim como o de outros deuses "hititas", eram

freqüentemente redigidos na escrita suméria para simbolizar suas identidades. Do mesmo modo, alguns dos locais nomeados na ação eram os de velhas cidades sumérias.

Esclareceu os eruditos o fato de que os hititas adorassem, realmente, um panteão de origem suméria e que a arena dos contos dos “velhos deuses” fosse a Suméria. Isto, no entanto, era apenas parte de uma mais extensa descoberta. Descobriu-se não apenas que a língua hitita se baseava em vários dialetos indo-europeus, como também se percebeu que eles foram objeto de uma substancial influência acádia no discurso e mais ainda na escrita. Desde o momento em que o acádio se tornou a língua internacional do Mundo Antigo no 2º. milênio a.C., sua influência no hitita pôde, de certo modo, ser racionalizada.

Mas houve motivos para um verdadeiro espanto quando os estudiosos descobriram durante o curso da decifração do hitita que este aplicava amplamente signos pictográficos, sílabas e até palavras inteiras do sumério! Ainda mais óbvio se tornou que o sumério era a língua de altos estudos. A língua suméria, nas palavras de O.R. Gurney (The Hitites) [Os Hititas], "era intensivamente estudada em Hattu-Shash [a cidade principal] e lá foram encontrados vocabulários sumério-hititas... Muitas das sílabas associadas com os signos cuneiformes no período hitita são realmente palavras sumérias cujo significado fora esquecido [pelos hititas]... Nos textos hititas os escribas substituíam freqüentemente palavras comuns hititas pela correspondente palavra sumério-babilônica".

Assim, quando os hititas alcançaram a Babilônia algum tempo depois do ano 1.600 a.C., já os sumérios desapareceram há muito da cena do Oriente Médio. Como foi então que sua língua, literatura e religião puderam dominar outro grande reino noutro milênio e noutra parte da Ásia?

Os estudiosos descobriram recentemente que a fonte foi um povo chamado hurrita.

Referidos no Antigo Testamento como os horitas ("povo livre"), eles dominaram a extensa área entre a Suméria e a Acádia, na Mesopotâmia, e o reino hitita, na Anatólia. Ao norte, seus territórios eram as antigas "terras de cedros", das quais países próximos e longínquos obtinham suas melhores madeiras. No leste, seus centros abrangiam os atuais campos petrolíferos do

Iraque; só numa cidade, Nuzi, os arqueólogos descobriram não apenas as estruturas comuns e artefatos, como também milhares de documentos legais e sociais de enorme valor. No oeste, o governo e a influência dos hurritas estendiam-se até a costa mediterrânea e abrangiam antigos centros de comércio, indústrias e cultura tão importantes como os de Carchemish e Alalakh.

Mas as rédeas do seu poder, os principais centros das velhas rotas de comércio e os locais dos mais adorados santuários, situavam-se no território central que ficava "entre os dois rios", a bíblica Naharayin. Sua mais antiga capital (ainda não descoberta) estava localizada em algum lugar ao longo do rio Khabur. Seu mais importante centro comercial, junto ao rio Balikh, era a bíblica Haran - a cidade onde a família do patriarca Abraão permaneceu temporariamente em seu caminho de Ur, na Mesopotâmia Sul, até a Terra de Canaã.

Os documentos reais egípcios e mesopotâmicos referem-se ao reino hurrita como Mitanni e tratam-no de igual para igual - um forte poder cuja influência se espalhou para além de suas fronteiras imediatas. Os hititas chamam aos seus vizinhos hurritas, "hurri". Alguns estudiosos salientam, contudo, que a palavra pode também ser lida "har" (tal como G. Conteneau em La Civilisation des Hitites et des Hurrites du Mitanni) [A Civilização dos Hititas e dos Hurritas de Mitanni] e adiantaram a hipótese de que no nome "harri" se possa ver o nome "ary" ou arianos para designar esse povo.

Não há dúvida de que os hurritas eram originalmente arianos ou indo--europeus. As suas inscrições invocam várias deidades pelos seus nomes védicos "arianos"; seus reis têm nomes indo-europeus e sua terminologia militar e de cavalaria deriva do indo-europeu. B. Hrozny, que nos anos 20 empenhou-se em deslindar os registros hititas e hurritas, foi tão longe que chama aos hurritas "os mais antigos hindus".

Estes hurritas dominaram os hititas cultural e religiosamente. Os textos mitológicos hititas acusam a proveniência hurrita e até os contos épicos de heróis pré-históricos e semi-divinos são de origem hurrita. Não há já lugar para mais dúvidas acerca do fato de os hititas adquirirem sua cosmologia, seus "mitos", seus deuses e seu panteão de doze através dos hurritas.

A tripla ligação - entre origens arianas, adoração hitita e fontes hurritas destas crenças - está notavelmente bem documentada numa súplica religiosa hitita proferida por uma mulher pela salvação de seu marido doente. Endereçando sua oração à deusa Hebat, a esposa de Teshub, ela entoa:

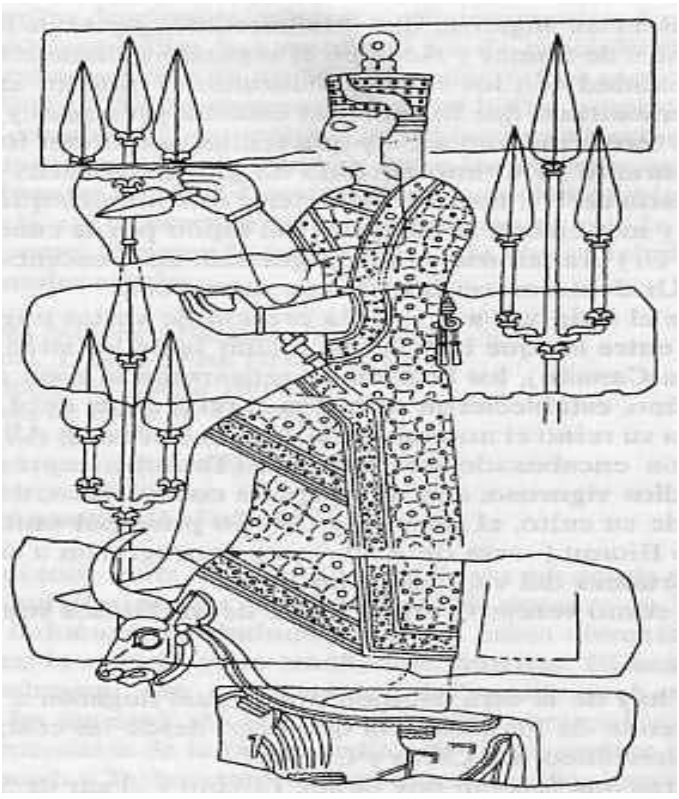
Oh, Deusa do Nascente Disco de Arynna,
Minha Senhora, ama das terras de Hatti,
Rainha dos céus e da terra...
Na região Hatti, é o teu nome
"Deusa do Nascente Disco de Arynna";
Mas na terra que tu dominas,
Na terra dos cedros,
Aí tu tens o nome de "Hebat".

Com tudo isto, a cultura e a religião adotadas e transmitidas pelos hurritas não podem realmente ser indo-européias. Até sua língua não era verdadeiramente indo-européia. Claro, havia traços acádios na língua, cultura e tradições hurritas. O nome da capital, Washugeni, era uma variante do semita resh-eni ("onde as águas começam"). O rio Tigre chamava-se Aranzakh, que (acreditamos) tem sua raiz etimológica nas palavras acádias para "rio dos puros cedros". Os deuses Shamash e Tashmetum tornaram-se em hurrita Shimiki e Tashimmetish, e por aí adiante.
Mas, uma vez que a cultura e a religião acádias eram simplesmente um desenvolvimento das tradições e crenças originais sumérias, os hurritas absorveram e transmitiram, de fato, a religião da Suméria. Que isto se passou assim, evidencia-se também no freqüente uso dos nomes sumérios originais para deuses, epítetos e signos da escrita.
Os contos épicos, apurou-se, eram os contos da Suméria; os locais de deambulação dos velhos deuses eram as cidades sumérias; a "velha língua" era a língua da Suméria. Até a arte hurrita duplicou a arte suméria - suas formas, seus temas e seus símbolos.
Quando e como aconteceu a "transmutação" dos hurritas pelo "gene" sumério?

As provas sugerem que os hurritas, vizinhos do norte dos sumérios e dos acádios no 2º. milênio a.C., tinham-se, realmente, misturado aos sumérios no milênio anterior. É fato estabelecido que os hurritas estavam presentes e ativos na Suméria no 3º. milênio a.C., que mantinham importantes posições na Suméria desde seu último período de glória, o da terceira dinastia de Ur. Há provas que afirmam que os hurritas dirigiram e equiparam a indústria de vestuário pela qual a Suméria (e especialmente Ur) era conhecida na Antiguidade. Os comerciantes famosos de Ur eram provavelmente hurritas em sua maior parte.

No século 13 a.C., sob a pressão de grandes migrações e invasões (incluindo a fuga israelita do Egito para Canaã), os hurritas recuaram até a posição nordeste do seu reino. Estabelecendo sua nova capital perto de Lake Van, eles chamaram Urartu ("Ararat") ao seu reino. Aí adoraram um panteão chefiado por Tesheba (Teshub), representando-o como um vigoroso deus usando um capacete de chifres, de pé em cima de seu símbolo de culto, o touro. Eles chamaram ao seu principal santuário Bitanu e dedicaram-se a fazer de seu reino "a fortaleza do vale de Anu".

E Anu, como veremos, era o pai sumério dos deuses.



E que foi feito da outra avenida através da qual os contos e a adoração aos deuses alcançaram a Grécia, da costa leste ao Mediterrâneo, via Creta e Chipre?
Os territórios que incluem atualmente Israel, o Líbano e a Síria Meridional e que formavam a região sudoeste do antigo Crescente Fértil eram, então, o habitat de povos que podem ser agrupados sob a designação de cananitas. Uma vez mais, tudo o que se sabia há até pouco tempo sobre eles aparecia em referências (a maior parte das vezes contraditórias) no Antigo Testamento e disperso em inscrições fenícias. Ainda os arqueólogos começavam a compreender os cananitas quando duas descobertas vieram à luz. Uma, foram certos textos egípcios em Luxor e Saggara, e a outra, muito mais importante, foram textos históricos, literários e religiosos desenterrados num centro importante cananita. O local agora chamado Ras Shamra, na costa Síria, era a antiga cidade de Ugarit.
A língua das inscrições de Ugarit, a cananita, era aquela a que os estudiosos chamam semita ocidental, um ramo do grupo de línguas que inclui também o antiqüíssimo acádio e o atual hebreu. Na verdade, quem quer que saiba ler hebraico pode com relativa facilidade compreender as inscrições hititas. A língua, o estilo literário e a terminologia têm reminiscências do Antigo Testamento.
O panteão que se desvenda nos textos cananitas possui muitas semelhanças com o grego posterior. À cabeça do panteão cananita há também uma divindade suprema chamada El, uma palavra que tem, tanto no nome pessoal do deus, como no termo genérico, o sentido de "elevada deidade". Ele era a autoridade final em todos os negócios humanos ou divinos. Ab Adam ("pai dos homens") era seu título, o Generoso, o Misericordioso, seus epítetos. Era o "criador das coisas criadas, e o único que sozinho podia conceder domínio".
Os textos cananitas ("mitos" para a maioria dos eruditos) representam El como uma deidade sábia e idônea que se mantinha afastada dos negócios quotidianos. Sua residência ficava longe, nas "nascentes dos dois rios", o Tigre e o Eufrates. Aí, tomando assento em seu trono, recebia emissários e contemplava os problemas e disputas que os outros deuses traziam à sua presença.

Uma estela encontrada na Palestina descreve uma idônea divindade sentada num trono e a quem é servida uma bebida por uma deidade mais jovem. A divindade que está sentada usa um toucado cônico adornado de chifres, uma marca dos deuses, como vimos, desde os tempos pré-históricos, e a cena é dominada pelo símbolo de uma estrela alada, o onipresente emblema que iremos encontrar cada vez mais freqüentemente. É aceite, de modo geral, pelos eruditos que este relevo esculpido representa El, a principal deidade cananita.

El, no entanto, nem sempre era um velho senhor. Um de seus epítetos era Tor (significando "touro"), simbolizando (acreditam os estudiosos) sua destreza sexual e seu papel como pai dos deuses. Um poema cananita chamado "O Nascimento dos Graciosos Deuses" coloca El à beira-mar (provavelmente nu) na companhia de duas mulheres encantadíssimas com as proporções de seu pênis. Enquanto um pássaro morria de calor na praia, El teve relações físicas com as duas mulheres, e, deste modo, nasceram os dois deuses, Shahar ("alvorada") e Shalem ("conclusão" ou "crepúsculo").
Estes não foram nem seus únicos filhos nem seus principais filhos varões (aparentemente, ele teve sete). Seu filho mais importante foi Baal de novo, o nome pessoal da deidade é também o termo genérico para "senhor". Tal

como os gregos fizeram em seus contos, os cananitas falaram dos desafios feitos pelo filho à autoridade e governo do seu pai. Tal como El, seu pai, Baal era aquilo a que os estudiosos chamam um Deus de Tempestades, um Deus de Trovões e Relâmpagos. Um diminutivo de Baal era Hadad ("o astuto"). Suas armas eram o machado de guerra e a lança relampejante; seu animal de culto, como o de El, era o touro, e, como El, era representado usando o toucado cônico adornado com um par de chifres.
Baal tinha também o nome de Elyon ("supremo"), ou seja, o príncipe reconhecido, o herdeiro visível. Mas Baal não conquistara este título sem lutar, primeiro com seu irmão Yam ("príncipe do mar") e depois com Mot, também seu irmão. Um longo e comovente poema, reunido passo à passo através de numerosas barras fragmentadas, começa com a intimação do "Mestre Artesão" à abóbada de El, "às fontes das águas, por entre as nascentes dos dois rios":

Ele vem através dos campos de El
Entra no pavilhão do Pai dos Anos,
Inclina-se aos pés de El, cai,
Prostra-se, prestando homenagem.

Ao Mestre Artesão é ordenado que erija um palácio para Yam como marco de sua subida ao poder. Incentivado por este fato, Yam envia seus mensageiros para a assembléia dos deuses, para exigir de Baal sua rendição. Yam instrui seus emissários no sentido de serem provocadores, e os deuses, reunidos em assembléia, capitulam, de fato. Mesmo El aceita a nova hierarquia entre seus filhos. "Baal é o teu escravo, ó Yam", declara ele.
A supremacia de Yam seria, contudo, de pouca duração. Armado de duas "divinas armas", Baal lutou com ele e derrotou-o apenas para ser desafiado por Mot (o nome significava "assassino"). Nesta contenda, Baal foi rapidamente dominado, mas sua filha Anat recusou-se a aceitar a retirada de Baal como definitiva. "Ela capturou Mot, o filho de El, e cravou-o com uma espada.”
De acordo com a lenda cananita, a destruição de Mot levou à miraculosa ressurreição de Baal. Os estudiosos tentaram raciocinar sobre o relato,

sugerindo que todo o conto era simplesmente alegórico, representando nada mais que uma história da luta anual do Oriente Médio entre os verões quentes e sem chuva que secam a vegetação e a vinda da estação chuvosa no outono, que faz reviver, ou "ressuscitar", a vegetação. Mas não há dúvida de que a lenda cananita não tinha nenhuma pretensão de ser alegórica. Ela relatava, sim, os acontecimentos que se acreditava serem verdadeiros na época, ou seja, como é que os filhos da deidade principal lutaram entre si e como é que um deles, recusando a derrota, reaparece para se tornar o herdeiro aceite, fazendo El rejubilar:

El, o generoso, o misericordioso, rejubila.
Ele assenta seus pés no escabelo.
Ele abre sua garganta e ri;
Aqui me sentarei e tranqüilizarei,
A alma repousará em meu peito;
Porque Baal, o poderoso, está vivo,
Porque o Príncipe da Terra existe!

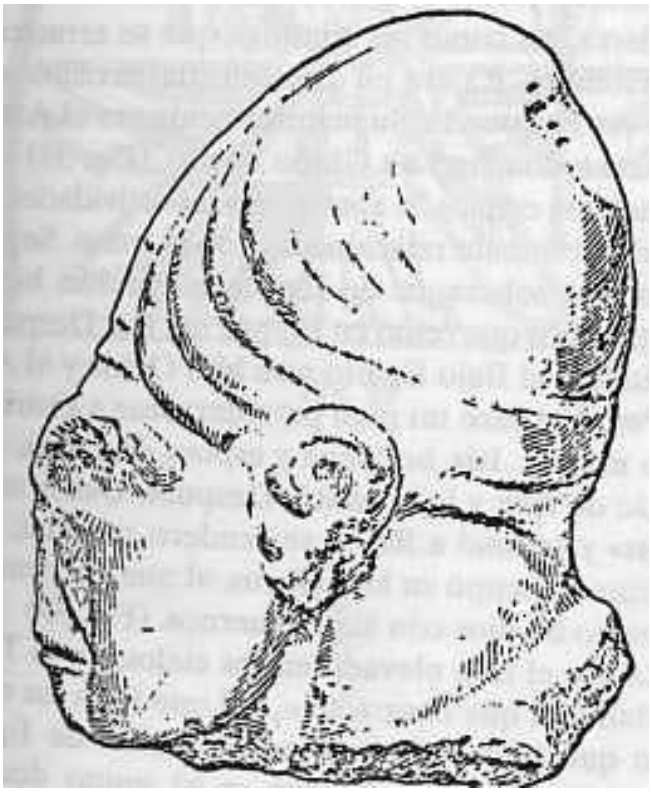
Assim, Anat, de acordo com as tradições cananitas, manteve-se ao lado de seu irmão, o Senhor (Baal), ao longo de sua luta de vida ou de morte com o diabólico Mot. O paralelo entre isto e a tradição grega que nos fala da deusa Atena permanecendo junto do supremo deus Zeus em sua luta de morte com Tífon, é demasiado óbvio. Atena, como vimos, era chamada a "perfeita donzela", mantendo, no entanto, muitos casos de amor ilícitos. Da mesma forma, as tradições cananitas (que precederam as gregas) empregaram o epíteto "A Donzela Anat", e, a despeito disto, não deixam de proceder ao relato de seus vários casos amorosos, especialmente dos que envolviam seu próprio irmão Baal. Um texto descreve a chegada de Anat à residência de Baal no monte Zafon, e a apressada licença de saída que Baal concede às suas esposas. Depois, ele atira-se aos pés de sua irmã; olham-se nos olhos e roçam-se mutuamente os "chifres":

Ele avalia e toma o colo dela...
Ela avalia e toma suas “pedras”

.. A donzela Anat... concebe e dá à luz.

Não admira que Anat seja freqüentemente representada completamente nua, para salientar seus atributos sexuais - como na impressão de um selo que ilustra um Baal de elmo batalhando com outro deus.

Tal como a religião grega e seus predecessores diretos, o panteão cananita incluía uma deusa-mãe, consorte oficial da deidade reinante. Chamavam-lhe Ashera, e é a correspondente da deusa grega Hera. Astarte (a bíblica Ashtoreth) é o paralelo de Afrodite e seu consorte comum era Athtar, a quem um brilhante planeta estava associado, e cujo paralelo é, provavelmente, Ares, o irmão de Afrodite. Havia outras jovens divindades masculinas e femininas cujos paralelos astrais e gregos podem ser facilmente subentendidos.
Mas, para além destas deidades, havia os "vetustos deuses", indiferentes aos negócios mundanos, mas disponíveis quando os próprios deuses se viam envolvidos em qualquer problema grave. Algumas de suas esculturas, mesmo parcialmente danificadas, mostram-nos com um aspecto autoritário, como seres reconhecíveis pelo seu adorno de chifres.



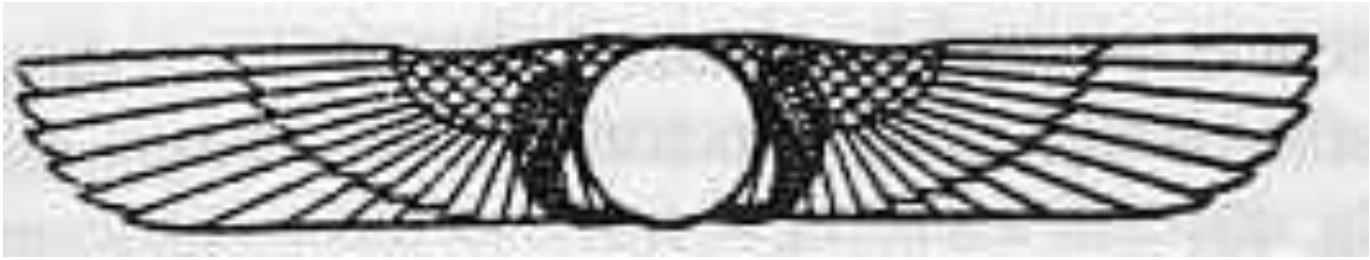
Pela parte que lhes diz respeito, por onde teriam os cananitas duplicado os modelos de sua cultura e religião?

O Antigo Testamento considera-os parte da família hamítica, de nações cujas raízes se situam nas quentes terras da África (ham significa quente) e, por isso, irmãos dos egípcios. Os artefatos e registros escritos desenterrados pelos arqueólogos confirmam a íntima afinidade entre os dois, assim como as muitas semelhanças entre as deidades cananitas e egípcias o confirmam também.

A quantidade de deuses nacionais e locais, e a quantidade de seus nomes e epítetos, a diversidade de seus papéis, emblemas e mascotes animais começaram por tornar os deuses do Egito uma multidão imprescrutável de atores sobre um estranho palco. Mas um olhar mais atento revelamos que, em essência, eles não eram diferentes daqueles de outras terras no Mundo Antigo.

Os egípcios acreditavam em deuses do céu e da terra, grandes deuses que se distinguiam claramente da multidão de divindades inferiores. G .A. Wainwright (The Sky-Religion in Egypt) [A Religião do Céu no Egito] adiciona todas as provas e conclui que a crença egípcia: em deuses do céu

que desceram à terra vindos dos céus “era extremamente antiga". Alguns dos epítetos dos grandes deuses - o Deus Maior, Touro do Céu, Senhor/Dama das Montanhas, soam familiares.
Embora os egípcios contassem pelo sistema decimal, seus negócios religiosos eram governados pelo sistema sexagesimal sumério, sessenta, e os assuntos celestiais estavam sujeitos ao número divino doze. Os céus estavam divididos em três partes, cada uma delas compreendendo doze corpos celestiais. De dia e de noite cada uma delas estava dividida em doze horas. E todas estas divisões tinham seu paralelo em "companhias" de deuses que, por sua vez, eram formadas por doze elementos cada uma.
O chefe do panteão egípcio era Ra ("criador"), que presidia a uma assembléia dos deuses de doze elementos. Ele levava a cabo suas assombrosas obras da criação nos tempos primevos trazendo à luz Geb ("Terra") e Nut ("Céu"). Depois ele fez as plantas crescer na terra, e depois, as criaturas rastejantes e, finalmente, Ra criou o homem. Ra era um deus celestial invisível que se manifestava apenas periodicamente. Sua manifestação era Aten, o Disco Celestial gravado como um globo alado.



De acordo com a tradição egípcia, o aparecimento e as atividades de Ra na terra estavam diretamente relacionados com os reinos no Egito. Segundo essa tradição, os primeiros governantes do Egito não foram homens, mas deuses, e o primeiro deus a governar o Egito foi Ra. Ele dividiu depois o reino, dando o Baixo Egito a seu filho Osíris e o Alto Egito a seu filho Seth. Mas Seth planejou destronar Osíris, e, de fato, afogou-o. Ísis, mulher e irmã de Osíris, recuperou o corpo mutilado do deus e ressuscitou-o. A partir daí, ele passou através "das portas secretas" e juntou-se a Ra na qualidade de celestial. Seu lugar no trono do Egito foi tomado por seu filho Horo, que era, por vezes, representado como uma divindade alada e de chifres.

Embora Ra fosse o mais sublime nos céus, sobre a terra ele era o filho do deus Ptah ("o desenvolvedor", "aquele que imagina as coisas"). Os egípcios acreditavam ter sido realmente Ptah que elevou a terra do Egito acima das águas de inundação com a construção de diques até ao ponto em que o Nilo se ergue. Este grande deus, diziam eles, viera para o Egito de qualquer outro sítio; estabeleceu não só o Egito, como também as "terras de montanha e longínquas terras estrangeiras". De fato, os egípcios reconheceram que todos os "seus deuses vetustos" chegaram do sul em barcos, e foram encontrados muitos desenhos rupestres pré-históricos que nos mostram estes antigos deuses, diferenciados pelo seu toucado de chifres, chegando do Egito de barco.

A única rota marítima que leva ao Egito partindo do sul é a que passa pelo mar Vermelho, e é significativo que seu nome egípcio seja mar de Ur. Hieroglificamente, o signo de Ur queria dizer "longínqua [terra] estrangeira no Oriente". Não pode ser excluída a hipótese de que se trate da cidade suméria de Ur, situada nessa mesma direção.
A palavra egípcia para "ser divino" ou "deus" era NTR, que quer dizer "aquele que chefia". Esse é exatamente o significado do nome sumério "a terra daqueles que vigiam".
A antiga tese de que a civilização poderá ter começado no Egito foi já posta de lado. Há numerosas provas, hoje em dia, que mostram que a sociedade e a civilização organizadas egípcias, que terão começado a meio do 1º. milênio a.C. e, mais ainda, depois da civilização suméria, retiraram sua cultura, arquitetura e tecnologia, arte de escrita e muitos outros aspectos de uma alta civilização da Suméria. O peso da evidência mostra também que os deuses egípcios derivam dos sumérios.
Cultural e biologicamente semelhantes aos egípcios, os cananitas partilharam os mesmos deuses com eles. Mas, situados na faixa de terra que constituía a ponte entre a Ásia e a África desde tempos imemoriais, os cananitas vieram também sob fortes influências, semitas ou mesopotâmicas. Tal como os hititas para o norte, os hurritas para o nordeste, os egípcios para o sul, os cananitas não podiam se orgulhar de possuir um panteão original. Também eles adquiriram sua cosmogonia, deidades e contos lendários em qualquer outra parte. Seus contatos diretos com as fontes sumérias foram os amoritas.

A terra dos amoritas situa-se entre a Mesopotâmia e os territórios mediterrâneos da Ásia Ocidental. Seu nome deriva do termo acádio amurru e do sumério martu ("ocidentais"). Não eram tratados como estranhos, mas como gente relacionada que vagava nas províncias a oeste da Suméria e da Acádia.
Nomes amoritas constam nas listas de funcionários de templos na Suméria. Quando Ur caiu nas mãos dos invasores elamitas, cerca do ano 2.000 a.C., um martu chamado Ishbi-Irra restaurou o reino sumério em Larsa e estabeleceu como sua primeira tarefa a recaptura de Ur e a restauração, aí, do grande santuário do deus Sin. "Chefes de tribos" amoritas estabeleceram a

primeira dinastia independente na Assíria por volta do ano 1.900 a.C. E Hamurabi, que trouxe grandeza à Babilônia cerca do ano 1.800 a.C., foi o sexto sucessor da primeira dinastia babilônica, que era amorita.
Nos anos 30, os arqueólogos alcançaram o centro e a cidade principal dos amoritas, conhecida por Mari. Numa curva do Eufrates, onde a fronteira Síria corta atualmente o rio, os escavadores revelaram uma cidade principal cujos edifícios foram erigidos e tornados a erigir, continuamente, entre os anos 3.000 e 2.000 a.C., em alicerces que datam de séculos anteriores. Estes remotos vestígios incluem uma pirâmide de degraus e templos e deidades sumérias Inanna, Ninhursag e Enlil.
Só o palácio de Mari ocupava 2 hectares e incluía uma sala do trono pintada com notáveis murais, tinha três centenas de quartos, câmaras de escrita, e (mais importante para o historiador) muito mais de 20 mil barras em escrita cuneiforme, tratando da economia, comércio, política e vida social daqueles tempos, com assuntos de Estado e militares e, claro, com a religião da terra e de seu povo. Uma das pinturas de parede no grande palácio de Mari descreve a investidura do rei Zimri-Lim pela deusa Inanna (a quem os amoritas chamam Ishtar).

Tal como nos outros panteões, a deidade principal presente entre os amuru era um deus do clima ou da tempestade. Chamavam-lhe Adad - o equivalente

ao cananita Baal ("senhor") - e davam-lhe o diminutivo de Hadad. Seu símbolo, como não podia deixar de ser, eram raios em ziguezague.
Nos textos cananitas, Baal é freqüentemente apelidado como o "filho do Dagon". Os textos mari falam também de uma divindade mais idosa chamada Dagan, um "senhor da abundância", que, como El, é representado como uma deidade afastada, que se queixou, em dada ocasião, porque já não era consultada sobre a estratégia de certa guerra.
Os membros do panteão incluíam o Deus da Lua, a quem os cananitas chamavam Yerah, os acádios, Sin, e os sumérios, Nannar; o Deus Sol, comumente chamado Shamash, e outras deidades cujas identidades não deixam dúvidas acerca do fato de Mari ser uma ponte geográfica e cronológica ligando as terras e os povos do Mediterrâneo Oriental com as fontes mesopotâmicas.
Entre os achados em Mari, como em qualquer parte nas terras da Suméria, havia dúzias de estátuas do próprio povo: reis, nobres, padres e cantores. Eles estão invariavelmente representados com as mãos enlaçadas em oração e com o olhar fixo sempre na direção de seus deuses.

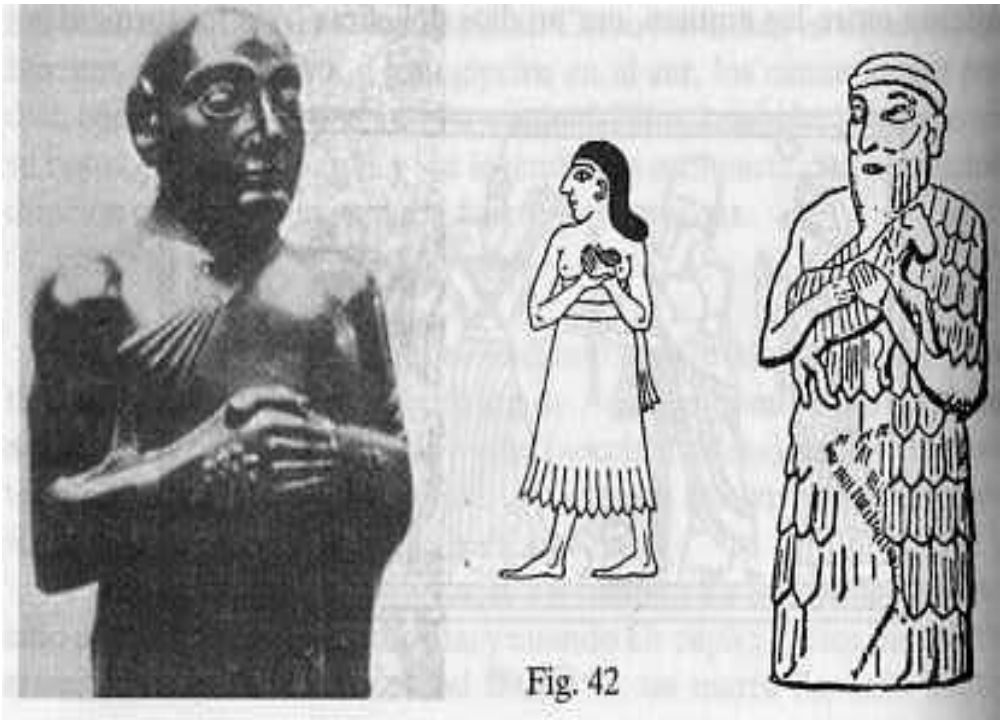


Fig. 42

Quem eram estes deuses do céu e da terra, divinos e, no entanto, humanos, sempre chefiados por um panteão ou círculo reservado de doze deidades?

Entramos nos templos arianos, nos gregos, nos hititas e nos hurritas, nos cananitas, nos egípcios e nos amoritas. Seguimos rotas que nos levaram através de continentes e mares, e pistas que nos arrastaram ao longo de vários milênios.
E todos os corredores de todos os templos nos levaram a uma mesma fonte: a Suméria.

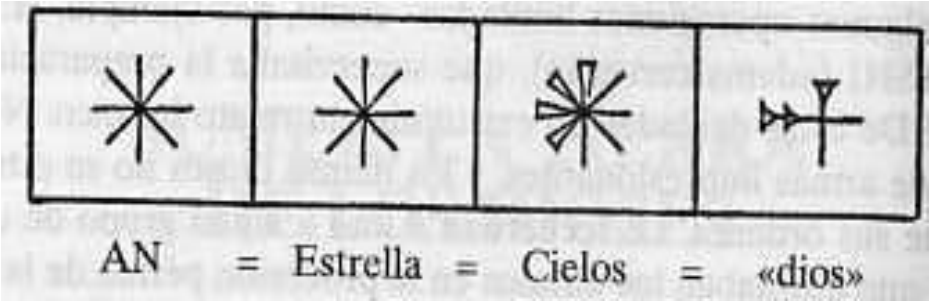
4
A Suméria - Terra de Deuses

Não há dúvida de que as "velhas palavras", que durante milhares de anos constituíram a língua de altos estudos e de escrituras religiosas, eram o idioma da Suméria. Também não há dúvida de que os "velhos deuses" foram o deuses da Suméria; registros, contos e genealogias da Suméria não foram encontrados num local ao acaso.
Quando estes deuses (nas formas sumérias originais ou nas posteriores acádias, babilônicas ou assírias) são nomeados e contados, a lista chega a centenas. Mas, uma vez classificados, torna-se claro que eles não formaram um amálgama de divindades. Elas eram chefiadas por um panteão de grandes deuses, governadas por uma assembléia de deidades e relacionadas umas com as outras. Uma vez excluídas as numerosas deidades inferiores (sobrinhas, sobrinhos, netos e semelhantes), emerge um grupo muito mais reduzido e coerente de divindades, cada uma com um papel a desempenhar, cada uma com certos poderes e responsabilidades.
Havia deuses (acreditavam os sumérios) que "vinham dos céus". Textos tratando do tempo "antes das coisas terem sido criadas" falam destes deuses celestiais pelos nomes de Apsu, Tiamat, Anshar e Kishar. Não há notícia nenhuma que nos diga que deuses desta categoria alguma vez aparecessem sobre a Terra. À medida que nos formos aproximando destes "deuses", que existiram antes que a Terra fosse criada, compreendemos que eles eram os corpos celestiais que constituíam nosso sistema solar. E, como demonstraremos, os assim chamados mitos sumérios referentes a estes deuses

são, de fato, precisa e cientificamente, conceitos cosmológicos plausíveis debruçando-se sobre a criação do nosso sistema solar.
Havia também deuses inferiores que eram "da terra". Seus centros de culto eram, em sua maior parte, cidades de província e estes deuses não eram mais que simples deidades locais. Na melhor das hipóteses, estavam incumbidos de missões limitadas - como, por exemplo, a deusa NIN.KA SHI ("senhora-cerveja"), que inspecionava a preparação de bebidas. Destes deuses, nenhuma lenda se conta. Não possuíam armas que intimidassem, e os outros deuses não estremeciam sob suas ordens. Fazem lembrar aquele grupo de jovens deuses que marcham no final da procissão gravada nas rochas hititas de Yazilikaya.
Entre os dois grupos de deuses havia os deuses do céu e da terra, chamados "os antigos deuses". Eles eram os "velhos deuses" dos contos épicos, e, na crença suméria, desceram à terra vindos do céu.
Não eram meras deidades locais. Eram deuses nacionais - de fato, internacionais. Alguns deles estavam presentes e ativos na Terra mesmo antes de o primeiro homem aparecer sobre ela. Na verdade, a própria existência do homem foi considerada como sendo o resultado de um empreendimento deliberadamente criativo por parte desses deuses. Eram poderosos, capazes de feitos para além da capacidade e compreensão mortais. E, no entanto, estes deuses não só tinham um aspecto humano, como comiam e bebiam como os humanos e gozavam, virtualmente, de todas as emoções humanas de amor e ódio, lealdade e infidelidade.
Embora os papéis e hierarquias de algumas das principais deidades mudem de posição ao longo dos milênios, certo número deles nunca perdeu sua posição de destaque e sua veneração nacional e internacional. À medida que lançamos um olhar mais atento sobre este grupo central, surge a imagem de uma dinastia de deuses, uma família divina, intimamente relacionada e, no entanto, amargamente dividida.

O chefe desta família de deuses do céu e da terra era AN (ou Anu nos textos assírio-babilônicos). Ele era o Grande Pai dos Deuses, o Rei dos Deuses. O seu domínio era a extensão dos céus e seu símbolo, uma estrela. Na escrita pictográfica suméria, o signo da estrela representava também An, "céus" e

"ser divino" ou "deus" (descendente de An). Este desdobramento em quatro do significado do símbolo manteve-se através dos anos, à medida que a escrita passava da pictográfica suméria à cuneiforme acádia, e à estilizada babilônica e assíria.



Desde os mais remotos tempos até ao desaparecimento da escrita cuneiforme - do 4º. milênio a.C. até quase ao tempo de Cristo -, este símbolo precedeu os nomes dos deuses, indicando que o nome escrito no texto não era o de um mortal, mas o de uma deidade de origem celeste.

A residência de Anu e a sede de seu reino estavam nos céus. Para ali se dirigiam os outros deuses do céu e da terra quando precisavam de conselho particulares ou favores, ou quando se reuniam em assembléia para aplacar disputas entre si ou chegar às mais importantes decisões. Numerosos textos descrevem o palácio de Anu (cujos portais eram guardados por um deus da Árvore da Verdade, por um deus da Árvore da Vida), seu trono, o modo como os outros deuses o abordavam e como se sentavam em sua presença.

Os textos sumérios podiam também reproduzir circunstâncias em que era permitida a ascensão à residência de Anu não apenas a outros deuses, como até mesmo a alguns mortais escolhidos, a maior parte das vezes, com o objetivo de fugirem à mortalidade. Um destes contos pertence a Adapa ("modelo de homem"). Ele era tão perfeito e leal ao deus Ea, que o criara, que Ea fez com que ele fosse recebido por Anu. Ea informou, então, aquilo que Adapa deveria esperar:

Adapa, tu vais estar na presença de Anu, o rei;
Vais tomar a estrada do céu.
Quando tiveres subido aos céus,

E te tiveres aproximado da porta de Anu,
O “Possuidor da Vida" e o "Plantador da Verdade”;
Estarás em frente da porta de Anu.

Guiado por seu criador, Adapa "aos céus subiu... ascendeu aos céus e chegou perto da porta de Anu". Mas quando lhe foi oferecida a oportunidade de se tomar imortal, Adapa recusou comer o Pão da Vida, pensando que o irado Anu lhe oferecia comida envenenada. Deste modo, foi remetido para a terra como um sacerdote sagrado, mas sempre mortal.

A afirmação suméria de que não apenas deuses, mas também mortais escolhidos podiam subir à residência divina nos céus, encontra eco nas narrativas do Antigo Testamento sobre as ascensões ao céu de Enoc e do profeta Elias.

Embora Anu vivesse numa residência celestial, os textos sumérios relatam circunstâncias em que ele descia à terra, quer em épocas de grandes crises, quer em visitas cerimoniais (quando sua esposa ANTU o acompanhava), ou (o que aconteceu pelo menos uma vez) para fazer de sua bisneta IN.ANNA sua consorte na terra.

Uma vez que ele não residia permanentemente na terra, aparentemente não havia necessidade de lhe garantir a exclusividade de uma cidade ou centro de culto, e a residência ou "alta casa" erigida para ele estava localizada em Uruk (a Erech bíblica), domínio da deusa Inanna. As ruínas de Uruk incluem, hoje em dia, um gigantesco monte feito pelo homem, no qual os arqueólogos encontraram provas da construção e reconstrução de um grande e alto templo - o templo de Anu; nada menos de dezoito estratos ou fases distintas foram aí descobertas, indicando, assim, a existência de razões obrigatórias para a manutenção do templo naquele local sagrado.

O templo de Anu chamava-se E.ANNA ("casa de An"). Mas este simples nome aplicava-se a uma estrutura que, pelo menos em algumas de suas fases, era digna de ser admirada. Era, de acordo com os textos sumérios, "o sagrado E.Anna, o puro santuário". As tradições defendem que os próprios grandes deuses "idealizaram suas partes". "Sua cornija era como o cobre", "sua grande muralha focava as nuvens" - era um local supremo de domicilio; "era a Casa de encanto irresistível e fascínio infinito". E os textos tornam também

claro o objetivo do templo, uma vez que lhe chamam "a casa para descer dos céus".
Uma barra que pertenceu a um arquivo em Uruk esclarece-nos sobre a pompa e o fausto que presidiam à chegada de Anu e de sua esposa numa "visita oficial". Devido à danificação da barra, apenas podemos decifrar as cerimônias a partir de um momento intermédio, quando Anu e Antu se acham já sentados na sala de recepções do templo. Os deuses "exatamente na mesma ordem que anteriormente" formaram depois uma procissão à frente e atrás do possuidor do cetro. O protocolo exigia em seguida:

Depois eles descerão à exaltada corte,
E voltar-se-ão na direção de Anu.
O Sacerdote da Purificação fará as libações ao cetro,
E o possuidor do cetro entrará e se sentará.
As deidades Papsukal, Nusku e Shala
Sentar-se-ão então na corte do rei Anu.

Enquanto isso, as deusas, a "Divina Prole de Anu, As Divinas Filhas de Uruk", carregavam um segundo objeto (cujo nome ou fim não são claros) até ao E.NIR, "A Casa do Leito Dourado e da Deusa Antu". Depois, regressavam em procissão à sala da corte, até o lugar onde Antu estava sentada. Enquanto a refeição da tarde era preparada de acordo com um rígido ritual, um sacerdote especial untava com uma mistura de "bom azeite" e vinho as dobradiças da porta do santuário para o qual Anu e Antu se retirariam à noite - um gesto atencioso com o qual se pretendia (ao que parece) eliminar o rangido das portas durante o sono das duas deidades.
Enquanto uma "refeição da tarde" era servida (várias bebidas e aperitivos), um sacerdote-astrônomo dirigia-se ao "mais elevado piso da torre do templo principal" para perscrutar os céus. Ele estava ali para observar o aparecimento numa específica parte do céu de um planeta chamado Grande Anu do Céu. Ali no topo, ele tinha de recitar as composições intituladas “Aquele que cresce brilhante, o celestial planeta do Senhor Anu" e "A Imagem do Criador ascendeu".

Uma vez descortinado o planeta e recitados os poemas, Anu e Antu lavavam as mãos com água numa tina dourada e começava a primeira parte da festa. Depois, os sete grandes deuses lavavam também as mãos em grandes travessas douradas e dava-se início à segunda parte da festa. O "rito da lavagem da boca" era então cumprido e os sacerdotes recitavam o hino "O Planeta de Anu é o Herói dos Céus". Acendiam-se os archotes, e deuses, sacerdotes, cantores e carregadores de comida organizavam-se em procissão, acompanhando os dois visitantes ao santuário para a noite.
Quatro grandes divindades eram designadas para permanecer na sala da corte montando guarda até o raiar do dia. Outras eram colocadas em vários portões designados. Entretanto, toda a região animava e celebrava a presença dos dois divinos visitantes. A um sinal do templo principal, os sacerdotes de todos os outros templos de Uruk tinham de "usar tochas para acender fogueiras" e os sacerdotes noutras cidades, vendo as fogueiras em Uruk, procediam do mesmo modo. Então:

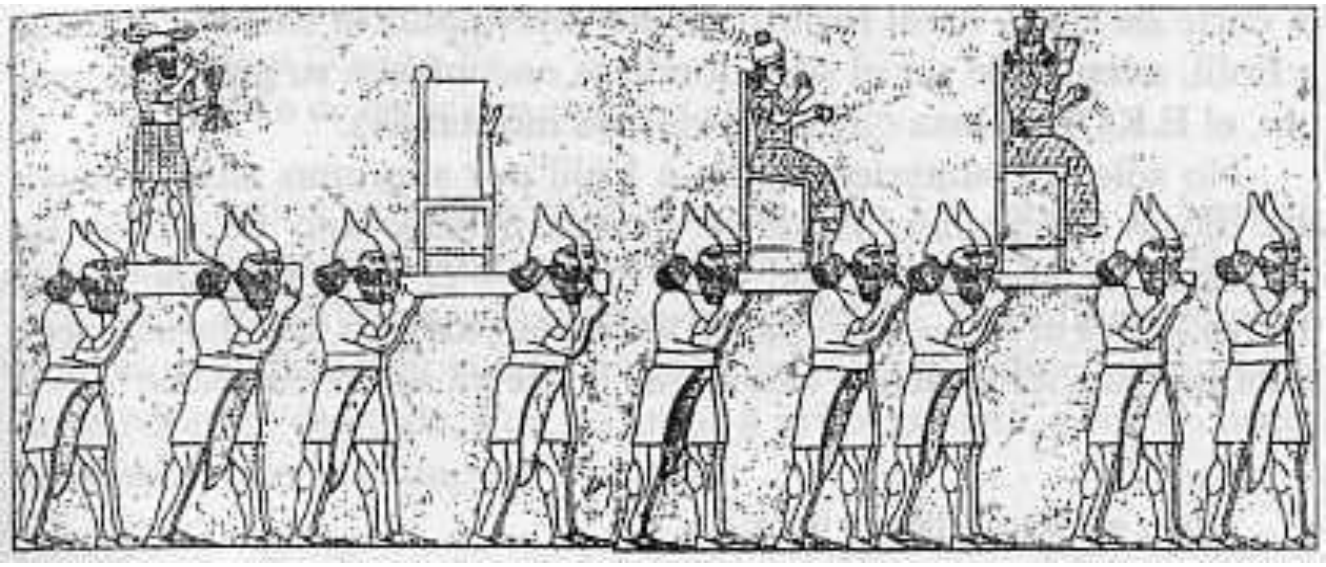
O povo da terra incendiará fogueiras em seus lares,
E oferecerá banquetes a todos os deuses...
Os guardas das cidades acenderão fogueiras
Nas ruas e nas praças.

A partida dos dois grandes deuses estava também planejada não só até um dia, como até um minuto.

Ao décimo sétimo dia,
Quarenta minutos depois do nascer do Sol,
O portão abrir-se-á perante os deuses Anu e Antu,
Pondo fim à sua estada breve.

A parte final desta barra se quebrou, mas outro texto descreve, com todas as probabilidades, a partida: a refeição da manhã, os encantamentos, os apertos de mão ("a posse das mãos") dos outros deuses. Os grandes deuses eram levados até seu ponto de partida em liteiras semelhantes a tronos aos ombros de funcionários do templo. Uma descrição assíria de uma procissão de

deidades (embora de uma época mais tardia) dá-nos, provavelmente, uma boa idéia da maneira como Anu e Antu eram levados durante sua procissão em Uruk.



Eram recitados encantamentos especiais quando a procissão passava através da "Rua dos Deuses", outros salmos e hinos eram cantados à medida que a procissão se aproximava "do cais sagrado" e quando alcançava "o canal do navio de Anu". Proferiam-se então as despedidas e recitavam-se e cantavam-se mais encantamentos "com gestos, erguendo as mãos".
Depois, todos os sacerdotes e funcionários do templo que carregavam os deuses, conduzidos por um grande sacerdote, ofereciam uma oração de partida especial. "Grande Anu, possam céu e terra abençoar-te!", entoavam eles sete vezes. Rezavam então pela bênção dos sete deuses celestiais e invocavam os deuses que estavam no céu e os que andavam por sobre a terra. Por fim, proclamavam o adeus a Anu e Antu deste modo:

Possam os deuses das profundezas
E os deuses da residência divina abençoar-vos!
Possam eles abençoar-vos diariamente –
Cada dia de cada mês de cada ano!

Entre milhares e milhares de descrições dos deuses antigos que foram desenterradas, nenhuma parece descrever Anu. E, no entanto, ele examina--

nos de cada estátua e de cada retrato de cada rei que existiu desde a Antiguidade até nossos próprios dias. Anu não era só o Grande Deus, Rei dos Deuses, mas também aquele por cuja graça outros podiam ser coroados reis. Pela tradição suméria, a chefia dimanava de Anu, e o termo exato para "Reino" era Anutu ("Chefia-Anu"). As insígnias de Anu eram a tiara (o toucado divino), o cetro (símbolo de poder) e o bastão (simbolizando a guia dos pastores).

O bastão do pastor, hoje em dia, pode ser mais facilmente encontrado nas mãos de bispos do que nas de reis. Mas a coroa e o cetro são ainda usados não importando sobre que reis e tronos a humanidade tenha se firmado.

A segunda mais poderosa deidade do panteão sumério era EN.LIL. Seu nome significava "Senhor do Espaço" - é o protótipo e pai dos posteriores Deuses de Tempestade que iriam chefiar os panteões do Mundo Antigo.

Ele era o filho mais velho de Anu, nascido na residência celestial paterna. Mas em algum momento dos longínquos tempos, desceu à terra e tornou-se, deste modo, o principal Deus do céu e da terra. Quando os deuses se reuniam em assembléia na residência celestial, Enlil presidia à reunião ao lado de seu pai. Quando os deuses se reuniam em assembléia na terra, encontravam-se na corte de Enlil, no divino recinto de Nippur, a cidade dedicada a Enlil e o local de seu templo principal, o E.KUR ("casa que é como uma montanha").

Não apenas os sumérios, mas também os próprios deuses da Suméria consideravam Enlil supremo. Chamavam-lhe Governante de Todas as Terras e esclareceram que "no céu - ele é o príncipe; na terra - ele é o chefe". Sua "palavra [ordem] lá no alto fez tremer os céus; cá em baixo, fez a terra estremecer":

Enlil,
Cujo comando alcança até longe;
Cuja “palavra" é suprema e sagrada;
Cuja sentença é imutável;
Que decreta destinos ao longo do distante futuro...
Os deuses da terra inclinam-se voluntariamente perante ele;
Os deuses celestiais que estão na terra,
Humilham-se em sua frente;

Aguardam fielmente, de acordo com as ordens.

Enlil, segundo as crenças sumérias, chegou à terra muito antes de esta se ter estabelecido e civilizado. Um hino a Enlil, o "Todo-Beneficente", reconta os vários aspectos da sociedade e civilização que não teriam existido sem as instruções de Enlil para que "suas ordens fossem executadas por toda a parte".

Cidade alguma teria sido construída; nenhuma colônia fundada;
Estábulo algum teria sido construído; nenhum curral erigido;
Rei algum teria subido ao trono; nenhum alto sacerdote nascido.

Os textos sumérios afirmam também que Enlil chegou à terra antes que o "povo de cabeça preta" - a alcunha suméria para a humanidade fosse criado. Durante estes tempos pré-humanidade, Enlil erigiu Nippur como seu centro ou "posto de comando", no qual céu e terra estavam ligados através de um qualquer "elo". Os textos sumérios chamam a este elo DUR.AN.KI ("elo céu-terra") e usam linguagem poética para descrever as primeiras ações de Enlil sobre a terra:

Enlil,
Quando tu estabeleceste colônias na terra,
Nippur tu decidiste que seria tua própria cidade.
A Cidade da Terra, a suprema,
O teu puro local cuja água é doce.
Fundaste o Dur-An-Ki
No centro dos quatro cantos do mundo.

Nesses dias do princípio, quando apenas os deuses habitavam Nippur e o homem ainda não fora criado, Enlil encontrou a deusa que se tornaria sua mulher. De acordo com uma versão, Enlil viu sua futura noiva enquanto ela se banhava na corrente de Nippur - nua! Foi amor à primeira vista, mas não necessariamente com fins matrimoniais:

O pastor Enlil, que decreta os destinos,
O de brilhantes-olhos, viu-a.
O Senhor fala-lhe de amor, mas ela não quer.
Enlil fala-lhe de amor, e ela não quer:

Minha vagina é demasiado pequena [diz ela],
Não conhece a cópula;
Meus lábios são demasiado pequenos,
Não conhecem o beijo.

Mas Enlil não aceitou o não como resposta, revelando a seu camareiro Nushku o ardente desejo pela "jovem donzela", cujo nome é SUD ("a enfermeira") e que vive com a mãe em E.RESH ("casa perfumada"). Nushku sugeriu então um passeio pelo rio e trouxe um barco. Enlil persuadiu Sud a ir navegar com ele e, uma vez no barco, violentou-a.
A velha lenda relata, em seguida, que, embora Enlil fosse chefe dos deuses, estes ficaram tão irados que o agarraram e expulsaram para o Mundo Inferior! "Enlil, imoral!" - gritaram-lhe. - "Põe-te fora da cidade!" Esta versão diz ainda que Sud, grávida de Enlil, o seguiu, casando com ele depois. Outra versão descreve o arrependido Enlil à procura da moça e enviando seu camareiro à mãe dela para lhe pedir a mão da filha. De uma forma ou de outra, Sud tornou-se mulher de Enlil e ele concedeu-lhe o titulo de NIN.LIL ("Senhora do Espaço").
Mas ele pouco fez; e os deuses sabiam, quando o baniram, que não fora ele que seduzira Ninlil, mas que as coisas se passaram de forma inversa. A verdade é que Ninlil se banhava nua no rio segundo instruções da própria mãe, na esperança de que Enlil, que normalmente dirigia seus passeios para os lados do rio, reparasse em Ninlil e desejasse “sem demora abraçar-te e beijar-te".
A despeito da maneira como os dois se apaixonaram, Ninlil foi tida na mais elevada estima a partir do momento em que Enlil lhe concedeu “as vestes de soberana". Com uma exceção, que (acreditamos) se prendeu a questões de sucessão dinástica, não se conhecem de Enlil outras fugas à fidelidade.

Uma barra votiva encontrada em Nippur mostra Enlil e Ninlil sendo servidos de comer e de beber em seu templo. A barra fora autorizada por Ur-Enlil, o "Criado de Enlil".

Além de ser chefe dos deuses, Enlil era também considerado como o Senhor Supremo da Suméria (esta última, chamada, por vezes, simplesmente "A Terra") e de seu "povo de cabeça preta". Um salmo sumério fala em veneração ao seu deus do seguinte modo:

Senhor que conhece o destino da Terra,
Digno de confiança em sua chamada;
Enlil que conhece o destino da Suméria;
igno de confiança em sua chamada;
Pai, Enlil,
Senhor de todas as terras;

Pai Enlil,
Senhor do justo comando;
Pai Enlil,
Pastor dos de cabeça preta...

Da montanha da alvorada à montanha do crepúsculo,
Não há outro Senhor na terra;
Tu só és rei.

Os sumérios reverenciavam Enlil tanto por medo, como por gratidão. Ele era quem assegurava que os decretos da assembléia dos deuses se voltassem contra a humanidade; era seu "vento" que soprava obliterando tempestades contra cidades ofensoras. Fora ele que, no tempo do dilúvio, procurara a destruição da humanidade. Mas quando em paz com o gênero humano, era um deus amigável que concedia favores. De acordo com o texto sumério, o conhecimento da agricultura, conjuntamente com o arado e a picareta, foram dádivas de Enlil à humanidade.

Enlil também selecionava os reis que iriam governar a humanidade não como soberanos, mas como servidores do deus incumbido da administração das leis divinas de justiça. Do mesmo modo, os reis sumérios, acádios e babilônios abriram suas inscrições de auto-adoração descrevendo como Enlil os chamara ao poder. Estas "chamadas" - executadas por Enlil em seu próprio interesse e no interesse de seu pai Anu - garantiam legitimidade ao governante e delineavam suas funções. Mesmo Hamurabi, que reconheceu um deus chamado Marduk como o deus nacional da Babilônia, prefaciou seu Código de Leis, afirmando: "Anu e Enlil chamaram-me para promover o bem-estar do povo... para fazer com que a justiça prevaleça na região".

Deus do Céu e da Terra, Primogênito de Anu, Doador de Poder, Chefe Executivo da Assembléia de Deuses, Pai dos Deuses e dos Homens, Doador da Agricultura, Senhor do Espaço - estes eram alguns dos atributos de Enlil que revelam sua grandeza e poderes. Seu "comando alcançava até longe", suas "sentenças eram imutáveis"; ele "decretava os destinos". Ele possuía o "elo céu-terra" e, da "intimidante cidade de Nippur", podia "levantar os feixes que procuram o coração de todas as terras" - "olhos que podiam esquadrinhar todas as terras".

E, no entanto, ele era tão humano como qualquer jovem homem embevecido por uma beleza nua; estava sujeito a leis morais impostas pela comunidade de deuses, a transgressões puníveis pela expulsão, e nem sequer imune a queixas humanas. Pelo menos numa circunstância conhecida, um rei sumério de Ur

queixou-se diretamente à assembléia dos deuses que uma série de problemas que caíram sobre Ur e o seu povo podiam ter origem no fato de triste memória de "Enlil ter dado o poder a um homem inútil... que não era de raiz suméria".
À medida que formos prosseguindo, veremos o papel central que Enlil desempenhou nos negócios divinos e mortais na terra e como é que seus vários filhos se bateram entre si pela sucessão divina, dando origem, indubitavelmente, às posteriores lendas sobre as batalhas entre os deuses.

O terceiro Grande Deus da Suméria era outro filho de Anu; ele tinha dois nomes: E.A. e EN.KI. Tal como seu irmão Enlil, era também um Deus do céu e da Terra, uma deidade original dos céus que descera para a Terra.
Sua chegada à Terra é associada, nos textos sumérios, como a época em que as águas do golfo Pérsico alcançaram o interior muito mais profundamente que hoje em dia, transformando a parte sul da região em pântanos. Ea (o nome literalmente signifIcava "casa-água"), um perito engenheiro, planejou e supervisionou a construção de canais, diques nos rios e a drenagem dos pântanos. Ele adorava navegar nesses canais de água e, especialmente, nos pântanos. As águas, como seu nome denota, eram realmente seu elemento. Ele construiu sua "grande casa" na cidade que fundara numa das extremidades dos pântanos, uma cidade apropriadamente chamada HA.A.KI ("local dos peixes-na-água"), também conhecida por E.RI.DU ("casa de ir longe").
Ea era "Senhor das Águas Salgadas", os mares e os oceanos. Os textos sumérios falam repetidamente de um tempo muito recuado em que os três grandes deuses dividiram os domínios entre si. "Os mares foram dados a Enki, o príncipe da terra", concedendo assim a Enki "o domínio de Apsu" (o "Abismo"). Como Senhor dos Mares, Ea construiu barcos que navegaram para terras longínquas e, em especial, para lugares de onde eram trazidos para a Suméria metais preciosos e pedras semi-preciosas.
Os selos cilíndricos sumérios mais antigos representam Ea como uma divindade rodeada por rios fluindo, onde às vezes se vêem peixes. Os selos associam Ea, como se mostra aqui, à Lua (indicada na sua fase crescente), uma associação enraizada, talvez, no fato de a Lua ser a causadora das marés.

Sem dúvida, o epíteto NIN.IGI.KU ("senhor dos olhos brilhantes") de Ea referia-se a esta imagem astral.

Segundo os textos sumérios, incluindo uma autobiografIa de Ea verdadeiramente espantosa, ele nasceu nos céus e desceu à terra antes de haver qualquer colônia ou civilização sobre a terra. "Quando eu me aproximei do território, havia muitas inundações", afirmava ele. Prossegue depois escrevendo a série de medidas que tomou para tornar a terra habitável: encheu o rio Tigre de água fresca e "geradora de vida"; indicou um deus para supervisionar a construção de canais, para fazer o Tigre e o Eufrates navegáveis; desobstruiu os pântanos, enchendo-os de peixe e transformando-os em abrigos para pássaros de todos os gêneros e fazendo crescer aí juncos, que eram um útil material de construção.

Mudando dos mares e rios para a terra seca, Ea pretende ter sido o deus que "dirigiu o arado e a junta... abriu os sagrados sulcos... construiu os estábulos... erigiu os currais". Continuando, o texto autopanegírico (chamado "Enki e a ordem do mundo", pelos eruditos) dá ao deus o crédito de ter sido ele a trazer para a terra as artes da fabricação de tijolos, construção de domicílios e cidades, metalurgia, e assim por diante.

Apresentando esta deidade como o maior benfeitor da humanidade, o deus que ocasionou a civilização, muitos textos descrevem-no também como

protagonista-chefe da humanidade nos conselhos de deuses. Os textos diluvianos-acádios e sumérios, nos quais se devem ter baseado os relatos bíblicos, descrevem Ea como o deus que, desafiando a decisão da Assembléia dos deuses, permitiu a um seguidor de confiança (o "Noé" mesopotâmico) escapar ao desastre.

De fato, os textos acádios e sumérios, que (tal como o Antigo Testamento) aderiram à crença de que um deus ou deuses criaram o homem através de um ato consciente e deliberado, atribuem a Ea um papel-chave: como cientista-chefe dos deuses, ele delineou o método e o processo pelo qual o homem seria criado. Com tanta afinidade com a "criação" ou a emergência do homem, não admira que Ea tenha guiado Adapa - o "homem modelo" criado pela "sabedoria" de Ea - para a residência de Anu nos céus, desafiando a determinação dos deuses de negarem a "vida eterna" ao gênero humano.

Estava Ea do lado do homem simplesmente porque participara de sua criação, ou teria Ea outros motivos bem mais subjetivos? À medida que dissecamos o registro, vemos invariavelmente que o desafio de Ea - tanto em assuntos de mortais como em assuntos divinos - tem, a maior parte das vezes, o objetivo de frustrar decisões ou planos emanados de Enlil.

O registro está repleto de indicações de Ea "ardendo" de inveja de seu irmão Enlil. De fato, o outro nome, talvez mesmo o primeiro de Ea, era EN.KI ("senhor da terra"), e os textos tratando da divisão do mundo entre os deuses sugerem que possa ter sido apenas pelo lançamento de sortes que Ea perdeu o domínio da terra a favor de seu irmão Enlil.

Os deuses trocaram apertos de mão,
Lançaram sortes e dividiram.
Anu subiu ao céu;
A terra foi dada a Enlil como incumbência,
Os mares, enlaçados como numa cadeia,
Foram dados a Enki, o Príncipe da Terra.

Por muito amargo que Ea/Enki ficasse com os resultados deste lançamento de sortes, ele parece nutrir um ressentimento muito mais profundo ainda. A razão para isso dá o próprio Enki em sua autobiografia: era ele, e não Enlil, o

filho primogênito, clamava Enki; deste modo, era ele, e não Enlil, quem estava no direito de ser o herdeiro efetivo de Anu:

Meu pai, o rei do universo, trouxe-me à luz para o universo...
Eu sou a semente fecunda, engendrada pelo Grande Touro Selvagem;
Eu sou o filho primogênito de Anu.
Eu sou o Grande Irmão dos deuses...
Eu sou o que nasceu como primeiro filho do divino Anu.

Uma vez que os códigos de leis pelos quais os homens viveram no antigo Oriente Médio foram dados pelos deuses, não há razão para que as leis sociais e de família aplicáveis aos homens não fossem cópias das que eram aplicáveis aos deuses. Registros de arte e família encontrados em locais como Mari e Nuzi confirmaram que os costumes e as leis bíblicos com os quais os patriarcas hebreus viveram eram as leis às quais reis e nobres estiveram obrigados ao longo do antigo Oriente Médio. Os problemas de sucessão que os patriarcas enfrentaram são, portanto, instrutivos.

Abraão, privado de ter um filho devido à aparente esterilidade de sua mulher Sara, teve um filho primogênito da servidora de sua mulher. No entanto, seu filho (Ismael) foi excluído da sucessão patriarcal logo que Sara deu a Abraão um filho dela própria, Isaac.

A mulher de Isaac, Rebeca, ficou grávida de dois gêmeos. Esaú, ruivo, peludo e robusto, foi tecnicamente o primogênito. Agarrado ao calcanhar de Esaú nasceu Jacó, mais refinado, e a quem Rebeca encheu de carinhos. Quando o idoso e meio cego Isaac se preparava para proclamar seu testamento, Rebeca serviu-se de um ardil para ter a bênção de saber que a sucessão seria garantida por Jacó, e não por Esaú.

Finalmente, os problemas de sucessão de Jacó resultaram do fato de que, embora tivesse servido Labão durante vinte anos para obter a mão de Raquel em casamento, Labão forçou-o a casar primeiro com a irmã mais velha de Raquel, Lia. Foi Lia quem deu a Jacó seu primeiro filho (Rubens), e ele teve mais filhos e uma filha dela e de duas concubinas. No entanto, quando Raquel, finalmente, lhe deu seu filho primogênito (José), Jacó preferiu-o aos seus irmãos.

Conhecendo estes costumes e leis de sucessão, podemos entender as reivindicações conflituosas entre Enlil e Ea/Enki. Enlil, filho de Anu e de sua consorte oficial Antu em todos os registros, era o primogênito legal. Mas o grito angustiado de Enki: Eu sou a semente fecunda... Eu sou o primogênito filho de Anu, deve ter sido uma exposição de fatos. Teria ele então nascido de Anu, mas de outra deusa que foi apenas uma concubina? O conto de Isaac e Ismael ou a história dos gêmeos Esaú e Jacó podem ter tido um paralelo anterior na residência celestial.

Embora Enki pareça ter aceitado as prerrogativas da sucessão de Enlil, alguns estudiosos vêem provas suficientes para mostrar uma contínua luta de poderes entre os dois deuses. Samuel N. Kramer intitulou um dos textos antigos "Enki e o Seu Complexo de Inferioridade". Como mais tarde veremos, vários contos bíblicos - de Eva e da serpente no Jardim do Éden, ou o conto do dilúvio - envolvem em suas versões originais sumérias momentos de desafio de Enki aos éditos de seu irmão.

Em determinado instante, parece, Enki reconheceu que não fazia sentido lutar pelo trono divino e concentrou seus esforços em fazer um filho seu - de preferência a um filho de Enlil - ser o herdeiro da terceira geração. Procurou alcançar isto, pelo menos a princípio, com a ajuda de sua irmã NIN.HUR.SAG ("senhora do topo da montanha").

Ela era também uma filha de Anu, mas não evidentemente de Antu, e nesse particular residia outra regra de sucessão. Os eruditos perguntaram-se em anos passados por que razão tanto Abraão como Isaac anunciaram o fato de que suas respectivas esposas eram também suas irmãs - uma afirmação que confunde, tendo em vista a proibição bíblica de relações sexuais entre irmãos. Mas, quando os documentos legais foram desenterrados em Mari e Nuzi, tornou-se claro que um homem podia casar com uma meia-irmã. E ainda mais, considerando-se todas as crianças de todas as mulheres, o filho de uma esposa assim - sendo cinqüenta por cento de mais "pura semente" que um filho de mulher não aparentada - era o herdeiro legal, fosse ou não o filho primogênito. Isto, incidentalmente, levou à prática (em Mari e Nuzi) da adoção de uma "irmã" como esposa preferida visando fazer do filho que ela tivesse o incontestado herdeiro legal.

Foi de uma destas meias-irmãs, Ninhursag, que Enki procurou ter um filho. Também ela era do céu, tendo descido à terra nos tempos mais remotos. Alguns textos afirmam que, quando os deuses dividiam os domínios da terra entre si, a ela foi dada a Terra de Dilmun - "um lugar puro... uma terra pura... um lugar tão brilhante". Um texto chamado pelos eruditos "Enki e Nihursag - Um Mito do Paraíso" trata da viagem de Enki a Dilmun com fins conjugais. Ninhursag, acentua repetidamente o texto, "estava sozinha", descomprometida, solteirona. Embora em tempos posteriores ela seja descrita como uma velha matrona, deve ter sido muito atraente quando jovem, uma vez que o texto informa-nos, sem nenhum pudor, que, quando Enki se aproximou dela, à sua vista "seu pênis fez transbordar os diques de água".
Dando ordem para que ficassem sozinhos, Enki "depositou o sêmen no ventre de Ninhursag. Ela aceitou-o dentro do ventre, ao sêmen de Enki" e, depois, "após os nove meses de feminilidade... ela deu à luz nas margens das águas". Mas a criança era uma menina.
Tendo falhado em obter um herdeiro masculino, Enki resolveu depois fazer amor com sua própria filha. "Ele abraçou-a, ele beijou-a; Enki depositou o sêmen no ventre". Mas também ela lhe deu uma filha. Enki correu então atrás de sua neta e engravidou-a também, mas mais uma vez o resultado desta ligação foi um rebento feminino. Firmemente decidida a parar com estes esforços, Ninhursag amaldiçoou Enki, que, tendo digerido algumas plantas, ficou mortalmente doente. Os outros deuses, no entanto, forçaram Ninhursag a retirar a praga.
Enquanto estes acontecimentos tiveram grande repercussão nos negócios divinos, outros contos referentes a Enki e Ninhursag tiveram enorme influência nos negócios terrenos humanos, uma vez que, segundo os textos sumérios, o homem foi criado por Ninhursag, seguindo processos e fórmulas legadas por Enki. Ela era a enfermeira-chefe, aquela que tinha a seu cargo o equipamento médico: era nesse seu papel que a deusa era chamada NIN.TI ("senhora-vida").

Alguns eruditos vêem em Adapa (o "homem modelo" de Enki) o bíblico Adama ou Adão. O duplo significado do sumério “TI” suscita também paralelos bíblicos. Ti podia significar tanto "vida" como "costela.", e, assim, o nome de Ninti significava não só "senhora de vida" como também “senhora da costela". A Eva bíblica, cujo nome signifIcava "vida", foi criada à partir da costela de Adão, e, portanto, Eva, de certo modo, era também uma "senhora de vida" e "senhora da costela".
Como doador de vida tanto aos deuses, como aos homens, fala-se de Ninhursag como de uma deusa-mãe. Seu diminutivo era "Mammu" a palavra predecessora do nosso atual "mamã" - e seu símbolo era o "cortador"- o utensílio usado na Antiguidade pelas parteiras para cortar o cordão umbilical depois do nascimento.

Enlil, irmão e rival de Enki, teve a boa sorte de conseguir um "justo herdeiro" da sua irmã Ninhursag. O mais jovem dos deuses sobre a terra, que nasceu nos céus, tinha o nome de NIN.UR.TA ("senhor que completa a fundação").

Ele era o "heróico filho de Enlil que avançava com cadeias e raios de luz" para se bater por seu pai; "o filho vingador... que desfere flechas de luz".

Sua esposa BA.U era também enfermeira ou médica e seu epíteto era "senhora que os mortos traz à vida"”.
Os desenhos antigos de Ninurta mostram-no empunhando uma arma única, sem dúvida a tal que podia desferir "flechas de luz". Os textos antigos aclamam-no como um poderoso caçador, um deus lutador conhecido por suas capacidades marciais. Mas seu mais proeminente feito heróico não foi executado no interesse de seu pai, mas em seu próprio. Foi uma batalha de grande alcance com um deus maligno chamado Zu (“sensato”) e envolveu nada menos que a chefia dos deuses da terra, uma vez que Zu capturara ilegalmente a insígnia e os objetos que Enlil mantinha como chefe dos deuses.
Os textos descrevendo estes acontecimentos estão quebrados no princípio, e a história só se torna legível no ponto em que Zu chega a E-Kur, o templo de Enlil. Aparentemente, ele é conhecido e tem alguma categoria, uma vez que Enlil lhe dá as boas-vindas, "confiando-lhe a guarda da entrada de seu santuário". Mas o "malvado Zu" retribuiria a confiança com a traição, uma vez que “tramou em seu coração a destituição de Enlil", a apreensão de seus poderes.
Para consegui-lo Zu tinha de entrar na posse de certos objetos, incluindo a mágica Barra dos Destinos. O maligno Zu teve sua oportunidade quando

Enlil se despiu ao entrar na piscina para seu banho diário, negligenciando seus adornos.

A entrada do santuário,
Que ele estivera a avistar,
Zu aguarda o início do dia.
Enquanto Enlil se lavava com água pura
Tendo retirado sua coroa,
Tendo-a depositado no trono
Zu agarrou a Barra dos Destinos em suas mãos,
E destituiu o Reino de Enlil.

Enquanto Zu fugia em sua MU (traduzido "nome", mais indicando uma máquina voadora) para um longínquo esconderijo, as conseqüências de seu ousado ato começavam a surtir efeito.

Suspensas as fórmulas divinas,
A quietude espalhou-se por todo o lado; o silêncio reinou...
O esplendor do santuário desapareceu.

"O Pai Enlil ficou sem fala." "Os deuses da terra foram-se reunindo um a um, à volta das notícias." O assunto era tão grave que até Anu em sua residência celestial foi informado. Ele reviu a situação e concluiu que Zu devia ser capturado para que as "fórmulas" fossem restauradas. Voltando-se "para os deuses, seus filhos", Anu perguntou, "Quem, entre os deuses, matará Zu? Seu nome será o mais glorioso de todos!”
Vários deuses conhecidos por seu valor foram convocados. Mas todos salientaram que, tendo roubado a Barra dos Destinos, Zu possuía agora os mesmos poderes que Enlil, e, assim, aquele "que a ele se opuser tornar-se-á como a argila". Nesta altura, Ea teve uma grande idéia. "Por que não chamar Ninurta para assumir aquela luta sem esperança?”
Os deuses em reunião não podiam ter deixado de compreender o engenhoso ardil de Ea. Sem dúvida, as chances da sucessão se resolver pelo lado de sua prole aumentariam se Zu fosse derrotado; do mesmo modo, ele se

beneficiaria se Ninurta fosse assassinado durante este processo. Para estupefação dos deuses, Ninhursag (chamada neste texto NIN.MAH ("grande senhora") concordou. Dirigindo-se a seu filho Ninurta, explicou-lhe que Zu retirara não só Enlil, mas também Ninurta do reino de Enlil. "Dei à luz com gritos de dor", bradou ela, e foi ela quem "tornou certo para meu irmão e para Anu" a continuidade do "Reino dos Céus". Para que suas dores não tivessem sido em vão, ela deu instruções a Ninurta para se retirar e lutar para vencer:

Desfere a tua ofensiva... captura o fugitivo Zu...
Deixa que a aterradora ofensiva se ire contra ele...
Corta sua garganta! Conquista Zu!
Que os sete ventos da doença se dirijam contra ele,
Faz com que todos os furacões o ataquem,
Que a radiação vá contra ele...
Que os ventos levem suas asas até um lugar secreto...
Que a soberania regresse a E-kur;
Que as fórmulas divinas regressem
Ao pai que te gerou.

As várias versões da epopéia fornecem então emocionantes descrições da batalha que se seguiu. Ninurta disparou "flechas" contra Zu, mas as "flechas" não podiam aproximar-se do corpo de Zu... enquanto ele tivesse em suas mãos a Barra dos Destinos dos deuses. Desferidas, as "armas eram paradas a meio" do seu trajeto. Como a inconseqüente batalha começava a fatigar, Ea aconselhou Ninurta a juntar um til-lum às suas armas e dispará-las para dentro das "penas", ou pequenas "rodas-dentadas", das "asas" de Zu. Seguindo este conselho e gritando "Asa a asa", Ninurta disparou o til-lum para as penas de Zu. Atingidas deste modo, as penas começaram a espalhar-se e as "asas" de Zu caíram em espiral. Zu fora derrotado e a Barra dos Destinos voltava à Enlil.

Quem era Zu? Seria ele, como defendem alguns estudiosos, um "pássaro mitológico"?

É evidente que ele podia voar. Mas também qualquer homem hoje em dia o pode fazer se tomar um avião, ou qualquer astronauta que viaje numa nave espacial. Ninurta também podia voar tão habilidosamente como Zu (talvez mesmo melhor). Mas ele próprio não era um pássaro fosse de que tipo fosse, como retratam abundantemente as suas muitas descrições (por ele próprio ou pela sua consorte BA.U, também chamada GU.LA). Muito pelo contrário, ele executava seu vôo com a ajuda de um notável “pássaro", que mantinha guardado em seu recinto sagrado (o GIR.SU) na cidade de Lagash.

Nem sequer Zu era um "pássaro". Aparentemente ele tinha à sua disposição um "pássaro" no qual podia fugir voando até o esconderijo. Foi do interior destes "pássaros" que a batalha do céu entre os dois deuses teve lugar. E não podem restar dúvidas relativas à natureza da arma que finalmente liquidou o "pássaro" de Zu. Chamado TIL em sumério e til-lum em assírio, e devia querer dizer o que til significa hoje em dia em hebraico: "míssil".
Zu, então, era um deus, um dos deuses que tinha razões para planejar a usurpação dos poderes de Enlil, um deus com quem Ninurta, como legítimo sucessor, tinha todos os motivos para lutar.

Seria ele, talvez, MAR.DUK ("filho do puro morro"), o primogênito de Enki com sua mulher DAM.KI.NA, impaciente o suficiente para tomar por um ardil aquilo que não lhe pertencia legalmente?

Há razões para crer que, não tendo conseguido um filho com sua irmã e produzido deste modo um competidor legal para o reino de Enlil, Enki confiou a tarefa a seu filho Marduk. De fato, quando o antigo Oriente Médio foi tomado por grandes sublevações sociais e militares no início do 2º. milênio a.C., Marduk foi elevado na Babilônia à categoria de deus nacional da Suméria e da Acádia. Marduk foi proclamado rei dos deuses, substituindo Enlil, e aos outros deuses foi exigido que lhe jurassem fidelidade e viessem residir na Babilônia, onde suas atividades podiam ser facilmente supervisionadas.

Esta usurpação do reino de Enlil (muito tempo depois do incidente com Zu) foi acompanhada por um esforço extensivo dos babilônios para falsificar os textos antigos. Os mais importantes textos foram reescritos e alterados de forma a fazer de Marduk o Senhor dos Céus, o Criador, o Benfeitor, o Herói, em lugar de Anu ou Enlil ou até Ninurta. Entre os textos alterados figurava o "Conto de Zu", e, de acordo com a versão babilônica, Marduk (e não Ninurta) lutou com Zu. Nesta versão, Marduk clama: "Mahasti moh il Zu" ("Eu esmaguei o esqueleto do deus Zu"). Como fica evidente, então, Zu não podia ter sido Marduk.

Nem pareceria plausível que Enki, "Deus das Ciências", tivesse ensinado Ninurta tendo em vista a escolha e o uso das armas vitoriosas contra seu próprio filho Marduk. Enki, a julgar por seu comportamento, assim como por sua urgência em dizer a Ninurta para "cortar a garganta de Zu", esperava ganhar algo com a luta, não importa quem fosse o vencido. A única conclusão lógica é que também Zu era, de algum modo, um candidato legal ao reino de Enlil.

Isto sugere apenas um deus: Nanna, o primogênito de Enlil com sua consorte oficial Ninlil, porque, se Ninurta fosse eliminado, Nanna estaria na pista desobstruída da sucessão.

Nanna (diminutivo para NAR.NAR, "o brilhante") chegou até nós, através dos anos, em seu nome acádio (ou "semita") mais conhecido – Sin.

Como primogênito de Enlil, a ele era garantida a soberania sobre a mais famosa cidade-Estado da Suméria, UR ("A Cidade"). Seu templo chamava-se

E.GISH.NU.GAL ("casa da semente do trono"). Dessa residência, Nanna e sua esposa NIN.GAL ("grande senhora") conduziam os negócios da cidade e do seu povo com grande benevolência. O povo de Ur retribuía aos governantes divinos com grande afeição, chamando seu deus de "Pai Nanna" e outros nomes carinhosos.
A prosperidade de Ur foi atribuída pelo seu povo diretamente a Nanna. Shulgi, um governante de Ur (pela graça de deus) no 3º. milênio a.C., descreveu a "casa" de Nanna como "um grande lugar cheio de abundância", um "copioso local de ofertas de pão", onde as ovelhas se multiplicavam e os bois eram abatidos, um local de música doce onde soavam tambores e tamborins.
Sob a administração do deus protetor Nanna, Ur tornou-se o celeiro da Suméria, a fornecedora de cereais e de ovelhas e gado a outros templos por toda a parte. Um "Lamento da Destruição de Ur" informa-nos (pela forma negativa) de como era Ur antes de sua decadência:

Nos celeiros de Nanna não havia cereal.
As refeições da tarde dos deuses foram suprimidas;
Em suas grandes salas de jantar, vinho e mel cessaram...
Em seu supremo forno do templo, já bois e carneiros não são preparados;
O zumbido cessou no grande Lugar de Grilhetas;
Aquela casa onde se gritavam as encomendas de bois
Seu silêncio é opressivo...
Seu tormentoso almofariz e pilão estão inertes...
Os barcos de oferendas não trazem oferendas...
Não trazem pão de oferendas a Enlil em Nippur.
O rio de Ur está vazio, nenhuma barcaça aí se move...
Nenhum pé pisa suas margens; longas ervas crescem aí.

Outro lamento, deplorando "os currais que foram entregues ao vento", os estábulos abandonados, os pastores que partiram, é extremamente invulgar: não foi escrito pelo povo de Ur, mas pelo próprio deus Nanna e por sua esposa Ningal. Estes e outros lamentos sobre a queda de Ur revelam o trauma de alguns acontecimentos pouco comuns. Os textos sumérios informaram-

nos que Nanna e Ningal deixaram a cidade antes que sua decadência fosse completa. Foi uma partida precipitada, descrita de maneira comovente:

Nanna, que amava sua cidade, partiu da cidade.
Sin, que amava Ur, não mais ficou em sua casa.
Ningal...
Fugindo de sua cidade através de território inimigo, pôs à pressa uma veste,
E partiu de sua casa.

A queda de Ur e o exílio de seus deuses foram descritos nos lamentos como resultado de uma decisão deliberada de Anu e Enlil. Nanna apelou aos dois no sentido de cancelar o castigo.

Possa Anu, o rei dos deuses, proferir: "Basta";
Possa Enlil, o rei das terras, decretar um destino favorável!

Apelando diretamente para Enlil, Sin trouxe seu coração sofredor ao seu pai; fez uma cortesia perante Enlil, o pai que o gerou, e suplicou-lhe:

Ó meu pai que me criaste,
Até quando olharás como inimigo para a minha expiação?
Até quando?..
No oprimido coração que tu fizeste vacilar como uma chama –
Lança, por favor, uma expressão amigável.

Em nenhum lugar os lamentos revelam as causas da ira de Anu e Enlil. Mas, se Nanna era Zu, a punição seria justificável pelo seu crime de usurpação. Seria ele Zu?
Podia certamente tê-lo sido, porque Zu tinha a posse de um tipo qualquer de máquina voadora - o "pássaro" no qual escapou e do qual lutou com Ninurta. Salmos sumérios falavam, com adoração, do "Barco do Céu".

Pai Nanna, Senhor de Ur...
Cuja glória no sagrado Barco do Céu é...

Senhor, filho primogênito de Enlil.
Quando ao Barco do Céu tu ascendes,
Tu és glorioso
Enlil adornou tua mão
Com um cetro eterno
Quando sobre Ur ao sagrado Barco tu subiste.

Mas há provas adicionais: o outro nome de Nanna, Sin, derivado de SU.EN, que era um modo diferente de pronunciar ZU.EN. O mesmo significado complexo de uma palavra de duas sílabas podia ser obtido colocando as sílabas em qualquer ordem: ZU.EN e EN.ZU eram "espelho" uma da outra. Nana/Sin como ZU.EN não era outro senão EN.ZU ("senhor Zu"). Foi ele, devemos concluir, que tentou tomar o reino de Enlil.

Podemos compreender agora por que é que, a despeito da sugestão de Ea, o senhor Zu (Sin) foi punido, não com a execução, mas com o exílio. Tanto os textos sumérios como as provas arqueológicas indicam que Sin e sua esposa fugiram para Haran, a cidade hurrita protegida por vários rios e terrenos montanhosos. É digno de nota o fato de que, quando o clã de Abraão deixou Ur, conduzido pelo seu pai Terah, dirigiu também sua caravana na direção de Haran, onde ficaram por muitos anos a caminho da Terra Prometida.

Embora Ur permanecesse para todo o sempre uma cidade dedicada a Nanna/Sin, Haran deve ter sido sua residência por um longo período de tempo, uma vez que a fizeram assemelhar-se quase exatamente a Ur, com seus templos, edifícios e ruas. André Parrot (Abraham et son Temps) [Abraão e o seu Tempo] resume as similitudes dizendo que "existem todas as provas de que o culto de Haran não era senão uma réplica exata do de Ur".

Quando o templo de Sin em Haran, construído e reconstruído ao longo dos milênios, foi desenterrado durante escavações que duraram mais de 50 anos, os achados incluíram duas estelas (pilares de pedra de memoriais), nas quais estava inscrito um registro único. Era um registro ditado por Adadguppi, uma alta sacerdotisa de Sin, de como ela rezara e planejara o regresso de Sin, porque em algum momento do passado.

Sin, o rei de todos os deuses,
Enfureceu-se com sua cidade
E seu templo, e subiu ao céu.

Que Sin, desgostoso ou desesperado, tenha "feito as malas" e "subido ao céu" é corroborado por outras inscrições. Estas dizem-nos que o rei assírio Assurbanipal obteve de certos inimigos um sagrado “selo cilíndrico do mais caro jaspe" e melhorou-o "desenhando-lhe uma gravura de Sin". Mais tarde, ele inscreveu na pedra sagrada "um elogio de Sin e dependurou-a à volta do pescoço da imagem de Sin". Aquele selo de pedra de Sin devia ter sido uma relíquia dos velhos tempos, porque mais tarde se afirma que “ele é aquele cuja face foi danificada naqueles dias durante a destruição lavrada pelo inimigo".

Supõe-se que a alta sacerdotisa que nasceu durante o reinado de Assurbanipal fosse ela própria de sangue real. Em seus apelos a Sin, ela propõe um "acordo" prático: a restauração dos poderes de Sin sobre seus adversários em troca da ajuda que prestaria a seu filho Nabunaid para este se tornar governante da Suméria e da Acádia. Registros históricos confirmam que, no ano 555 a.C., Nabunaid, então comandante das armadas babilônicas, foi nomeado pelos seus colegas oficiais para ocupar o trono. Para isto, afirma-se, contribuiu a ajuda direta de Sin. Foi "no primeiro dia do seu aparecimento", informam-nos as inscrições de Nabunaid, que Sin, usando "a arma de Anu", conseguiu "tocar com um feixe de luz" os céus e esmagar os inimigos embaixo na terra.

Nabunaid cumpriu a promessa de sua mãe ao deus. Reconstruiu o templo de Sin, E.HUL.HUL ("casa de grande alegria"), e declarou Sin como Deus Supremo. Foi então que Sin pôde agarrar em suas mãos "o poder do cargo de Anu, empunhou todo o poder do cargo de Enlil, apoderou-se de todo o poder do cargo de Ea - segurando, deste modo, em sua mão todos os celestiais poderes". Derrotando, assim, o usurpador Marduk, capturando mesmo os poderes de Ea, pai de Marduk, Sin assumiu o título de "Crescente Divino" e firmou sua reputação como Deus Lua.

Como conseguiu Sin, que se diz ter voltado aos céus desgostoso, realizar tais feitos de volta à terra?

Nabunaid, confirmando que Sin tinha realmente "esquecido sua zangada disposição... e decidiu regressar ao templo Ehulhul", exigiu um milagre. Um milagre "que não acontecia à terra desde os dias de outrora" tivera lugar. Uma deidade "descera vinda do céu".

Este é o grande milagre de Sin,
Que não acontecia na terra
Desde os dias de outrora;
Que o povo da terra
Não vira nem escrevera
Nas barras de argila, para preservar para sempre:
Que Sin,
Senhor de todos os deuses e de todas as deusas,
Residindo nas alturas,
Desceu vindo dos céus.

Lamentavelmente, não nos são fornecidos mais detalhes acerca do lugar e modo em que Sin aterrissou. Mas sabemos que foi nos campos fora de Haran que Jacó, no seu caminho para Canaã para encontrar uma noiva "na velha região", viu "uma escada fixada no solo e cujo topo se erguia em direção aos céus e havia anjos do Senhor subindo e descendo por ela ".

Ao mesmo tempo que Nabunaid restaurava os poderes e os templos de Nanna/Sin, restaurou também os templos e a adoração dos dois filhos gêmeos de Sin: IN.ANNA ("senhora de Anu") e UTU ("o brilhante").
Os dois nasceram de Sin e sua esposa oficial Ningal, e eram, deste modo, membros por nascimento da dinastia divina. Inanna era tecnicamente a primogênita, mas seu irmão gêmeo Utu era o filho primogênito e assim o herdeiro dinástico legal. Ao contrário da rivalidade que existiu em circunstâncias semelhantes entre Esaú e Jacó, as duas crianças divinas cresceram muito afeiçoadas uma à outra. Partilharam experiências e aventuras, auxiliavam-se mutuamente, e quando Inanna teve de escolher um marido entre dois deuses, voltou-se para seu irmão em busca de conselho.

Inanna e Utu nasceram em tempos imemoriais, quando apenas os deuses habitavam a Terra. A cidade-domínio de Utu - Sippar - estava na lista entre as primeiríssimas cidades estabelecidas pelos deuses na Suméria. Nabunaid relatou numa inscrição quando empreendeu a reconstrução do templo de Utu E.BABBARA ("casa brilhante") em Sippar:

Eu procurei pela sua antiga plataforma-alicerce,
E cavei dezoito cúbitos no interior do solo.
Utu, o Grande Deus de Ebabbara...
Mostrou-me pessoalmente a plataforma-alicerce
De Naram-Sin, filho de Sargão, que desde há 3.200 anos
Nenhum rei antes de mim vira.

Quando floresceu a civilização na Suméria e o homem se juntou aos deuses na "Terra Entre-os-Rios", Utu foi primeiramente associado com a lei e a justiça. Alguns primitivos códigos de leis, além de invocarem Anu e Enlil, eram também apresentados como requisições de aceitamento e aderência porque eram promulgados “em acordo com a verdadeira palavra de Utu". O rei babilônico Hamurabi inscreveu seu código de leis numa estela, no topo da qual se representou o rei recebendo as leis do deus.

Barras desenterradas em Sippar atestam sua reputação nos tempos antigos como um lugar de justas e corretas leis. Alguns textos descrevem o próprio Utu sentado em julgamento de deuses e igualmente de homens. Sippar era, de fato, a sede da "suprema corte" suméria.
A justiça advogada por Utu lembra a do Sermão da Montanha registrada no Novo Testamento. Uma "barra da sabedoria" sugere o seguinte comportamento para agradar a Utu:

Não faças mal ao teu adversário;
Teu malfeitor recompensarás com o bem.
Ao teu inimigo, deixa que seja feita justiça...
Não deixes que teu coração seja induzido para o mal...
Aquele que pede esmola
Dá alimento para comer, dá vinho para beber...
Sê útil; faze o bem.

Talvez porque ele assegurava a justiça e prevenia a opressão - e talvez também por outras razões como mais tarde veremos, Utu era considerado o protetor dos viajantes. No entanto, os mais comuns e duradouros epípetos aplicados a Utu fazem referência, sobretudo, ao seu esplendor. Desde os mais remotos tempos ele era chamado Babbar ("o brilhante"). Ele era "Utu, que emana uma larga luz", aquele que "ilumina céus e terra".
Hamurabi, em sua inscrição, chamou o deus pelo seu nome acádio, Shamash, que nas línguas semitas significa "Sol". Julgam os estudiosos, desde aí, que Utu/Shamash era o Deus Sol mesopotâmico. Mostraremos, à medida que avançarmos, que, enquanto a este deus era associado o Sol como seu equivalente celestial, havia outro trecho das inscrições em que se dizia que ele "emana uma brilhante luz" quando realiza as tarefas especiais que lhe são confiadas pelo seu avô Enlil.
Tal como os códigos de leis e os registros de corte são testemunhos humanos da real presença entre os antigos povos da Mesopotâmia de uma deidade chamada Utu/Shamash, assim existem inscrições sem fim, textos, encantamentos, oráculos, orações e descrições atestando a presença física e a existência da deusa Inanna, cujo nome acádio era Ishtar. Um rei

mesopotâmico do século 13 a.C. afirma que ele reconstruíra o templo da deusa da cidade de seu irmão - Sippar - em alicerces que no tempo tinham 800 anos de existência. Mas em sua cidade central, Uruk, os contos referentes a Ishtar recuam até mais vetustos tempos.

Conhecida pelos romanos como Vênus, pelos gregos como Afrodite, pelos cananitas e hebreus como Astarte, pelos assírios, babilônios, hititas e outros povos antigos como Ishtar ou Eshdar, pelos acádios e sumérios como Inanna, ou Innin, ou Ninni, ou por outros de seus muitos apelidos, diminutivos e epítetos, ela foi em todos os tempos a Deusa da Arte Guerreira e a Deusa do Amor, uma impetuosa e bela mulher que, embora apenas quatrineta de Anu, gravou para si própria, por si própria, um lugar de destaque entre os grandes deuses do céu e da terra.

Como jovem deusa, aparentemente, foi-lhe concedido um domínio numa região longínqua a leste da Suméria, a Terra de Aratta. Era aí que "a Suprema, Inanna, rainha de toda a terra", tinha sua "casa". Mas Inanna tinha ambições mais altas. Na cidade de Uruk estava o grande templo de Anu, ocupado apenas durante suas ocasionais visitas de Estado à terra; e Inanna dirigiu seus olhares para esta sede do poder.

Listas de reis sumérios confirmam que o primeiro governante não divino de Uruk foi Meshkiaggasher, um filho do deus Utu e de uma mãe humana. A ele sucedeu seu filho Enmerkar, um grande rei sumério. Inanna, então, era a tia-avó de Enmerkar, e encontrou poucas dificuldades em persuadi-lo de que ela devia, realmente, ser a deusa de Uruk, de preferência ao remoto Aratta.

Um longo e fascinante texto chamado "Enmerkar e o Senhor de Aratta" descreve como Enmerkar enviou emissários para Aratta, usando todos os argumentos possíveis numa "guerra de nervos" para forçar Aratta a submeter-se porque "o Senhor Enmerkar, que era servo de Inanna, a fizera rainha da casa de Anu". O fim pouco claro da epopéia sugere um final feliz: enquanto Inanna se mudava para Uruk, ela não "abandonou sua Casa em Aratta". Não é totalmente improvável que ela se tivesse tornado uma "deusa viajora", uma vez que Inanna/Ishtar era conhecida de outros textos como uma aventureira viajante.

Sua ocupação do templo de Anu em Uruk não podia ter acontecido sem seu conhecimento e consentimento, e os textos dão-nos idéias definidas sobre o

modo como tal consentimento foi obtido. Em breve Inanna foi conhecida por "Anunitum", um diminutivo significando "amada de Anu". Acontece que Inanna partilhava não só o templo, como o leito de Anu sempre que ele vinha a Uruk, ou nas referidas ocasiões de sua ascensão à residência celestial.
Tendo deste modo aberto seu próprio caminho como deusa de Uruk e senhora do templo de Anu, Ishtar continuou a usar truques para elevar a posição de Uruk e aumentar seus próprios poderes. Muito mais longe, descendo o Eufrates ficava a cidade antiga de Eridu, o centro de Enki. Sabendo de seu grande conhecimento de todas as artes e ciências da civilização, Inanna resolveu pedir, fazer empréstimo ou roubar esses segredos. Pretendendo, obviamente, usar seu "encanto pessoal" sobre Enki (seu tio-avô), Inanna procurou visitá-lo sozinha. O fato não passou despercebido a Enki, que ordenou a seu mordomo para preparar jantar para dois.

Vem, meu mordomo Isimud, ouve minhas instruções;
Dir-te-ei uma palavra; atende às minhas palavras:
A donzela, completamente sozinha, dirigiu seus passos para o Abzu...
Faz a donzela entrar no Abzu de Eridu,
Dá-lhe bolos de cevada com manteiga para comer,
Serve-lhe a fresca água que refresca o coração,
Dá-lhe cerveja para beber...

Feliz e embriagado, Enki estava pronto a fazer o que quer que fosse por Inanna. Quando ela ousadamente lhe pediu as fórmulas divinas, que eram a base de uma alta civilização, Enki concedeu-lhe cerca de cem. Entre estas encontravam-se algumas pertencentes à suprema senhoria, ao reino, às funções sacerdotais, armas, procedimentos legais, profissão-escriba, trabalho em madeira, e até o conhecimento de instrumentos musicais e prostituição do templo. Quando Enki despertou e compreendeu o que fizera, já Inanna estava a caminho de Uruk. Enki ordenou que a perseguissem "intimidantes armas", mas foi em vão, porque Inanna já se apressara para Uruk em seu "Barco dos Céus".

Bastante freqüentemente, Ishtar era representada como uma deusa nua; pavoneando sua beleza, ela era mesmo representada levantando suas saias para revelar as partes inferiores de seu corpo.

Gilgamesh, um governante de Uruk por volta do ano 2.900 a.C., que era também parcialmente divino (tendo nascido de um pai humano e de uma deusa), relatou como Inanna o seduziu, mesmo depois de ela ter já um esposo oficial. Tendo-se lavado depois de uma batalha e envergado "um manto de fímbrias douradas, apertado com uma faixa".

Gloriosa Ishtar ergueu o olhar até a sua beleza.
Vem, Gilgamesh, sê o meu amante!
Vem, concede-me o teu fruto.
Tu serás meu parceiro masculino, eu serei tua mulher.

Mas Gilgamesh conhecia a história. "Qual de teus apaixonados amaste para sempre?", perguntou ele. "Qual de teus pastores te agradou para todo o sempre?" Recitando uma longa lista de seus casos amorosos, ele recusou.
À medida que o tempo passava - à medida que assumia mais altas posições no panteão e com elas a responsabilidade de negócios de Estado -, Innana/Ishtar começou a dispor de mais altas qualidades marciais e foi freqüentemente descrita como uma Deusa de Guerra, armada até os dentes.

As inscrições deixadas pelos reis assírios descrevem o modo como partiram para a guerra por ela e sob seu comando, como ela os aconselhou diretamente a atacar ou a esperar, como ela às vezes marchava à frente das tropas e como, pelo menos numa ocasião, ela concedeu uma teofania e apareceu perante todas as tropas. Em troca de sua lealdade, prometeu aos reis assírios uma longa vida e sucesso. "De uma câmara dourada nos céus eu olharei por vocês", assegurou-lhes.

Ter-se-ia ela tornado uma amarga guerreira porque também passou por tempos difíceis com a subida de Marduk à supremacia? Numa de suas inscrições, Nabunaid disse: "Inanna de Uruk, a princesa exaltada domiciliada numa célula dourada, que cavalgava num carro de batalha ao qual estavam atrelados sete leões - os habitantes de Uruk mudaram seu culto durante o governo do rei Erba-Marduk, retiraram sua célula e desarmaram sua equipe". Inanna, relata Nabunaid, "tinha, pois, deixado E-Anna zangada, e permaneceu, por esta razão, num local inconveniente" (que ele não nomeia).

Procurando talvez combinar amor com poder, a cortejadíssima Inanna escolheu para seu marido DU.MU.ZI, filho mais novo de Enki. Muitos dos antigos textos abordam os amores e as disputas dos dois. Alguns trazem canções de amor de grande beleza e vívida sexualidade. Outros contam como Ishtar, regressando de uma de suas viagens, encontrou Dumuzi celebrando sua ausência. Nessa altura, ela planejou sua captura e desaparecimento no Mundo Inferior, um domínio governado pela sua irmã E.RESH.KI.GAL e seu consorte NER.GAL. Alguns dos mais celebrados textos sumérios e acádios falam da viagem de Ishtar até o Mundo Inferior procurando seu amado expulso.

Dos seis filhos conhecidos de Enki, três deles foram retratados em contos sumérios: o primogênito Marduk, que finalmente usurpou a supremacia; Nergal, que se tornou governante do Mundo Inferior, e Dumuzi, que casou com Inanna/Ishtar.

Também Enlil teve três filhos que representaram papéis-chave tanto nos negócios divinos como nos humanos: Ninurta, que, tendo nascido de Enlil e

sua irmã Ninhursag, era o legal sucessor; Nanna/Sin, primogênito da esposa oficial de Enlil, Ninlil; e um filho mais novo de Ninlil, chamado ISH.KUR ("montanhoso", "terra das longínquas montanhas"), que era mais freqüentemente chamado Adad ("amado").
Como irmão de Sin e tio de Utu e Inanna, Adad parece ter-se sentido mais à vontade com eles do que em seu próprio lar. Os textos sumérios agrupam constantemente os quatro. As cerimônias ligadas à visita de Anu a Uruk falam também dos quatro como de um grupo. Um texto, descrevendo a entrada na corte de Anu, afirma que se chegava à sala do trono através do "portão de Sin, Shamash, Adad e Ishtar". Outro texto, publicado primeiramente por V. K. Shileiko (Academia Russa de História de Culturas Materiais), descreveu poeticamente os quatro como retirando-se em conjunto para o descanso noturno.
A maior afinidade parece ter existido entre Adad e Ishtar, e os dois chegam mesmo a ser representados lado a lado, como no relevo mostrando um governante assírio sendo abençoado por Adad (segurando o anel e o raio) e por Ishtar, segurando seu arco. (A terceira deidade está muito mutilada para poder ser identificada.)

Haveria nesta "afinidade" mais do que esta platônica relação, especialmente tendo em vista o "registro" de Ishtar? Será digno de nota que no bíblico

Cântico dos Cânticos a jocosa donzela chame ao seu amante dod, palavra que significa simultaneamente "amante" e "tio"? Então, era Ishkur chamado Adad, um derivativo do sumério DA.DA, porque ele era o tio que era o amante?
Mas Ishkur não era só um conquistador, era um deus poderoso, endossado pelo seu pai Enlil com poderes e prerrogativas de um deus da tempestade. E como tal era reverenciado, como o eram o hurrita/hitita Teshub e o urastio Teshubu ("soprador de vento"), o amorita Ramanu ("trovejante"), o cananita Raginu ("o lançador de granizo"), o indo-europeu Buriash ("fazedor de luz"), o semita Meir ("ele que ilumina" os céus).

Uma lista de deuses guardada no Museu Britânico, como é mostrada por Hans Schlobies (Der Akkadische Wíttergott in Mesopotamen) [O Deus do Clima Acádio na Mesopotâmia], esclarece que Ishkur era realmente o divino senhor em terras distantes da Suméria e da Acádia. Como revelam os textos sumérios, isto não aconteceu acidentalmente. Enlil, ao que parece, endossou intencionalmente seu neófito como "deidade residente" nas terras de montanha a norte e a leste da Mesopotâmia.
Por que afastou Enlil seu mais jovem e amado filho para tão longe de Nippur?

Foram encontrados vários textos épicos sumérios abordando discussões e até lutas sangrentas entre os mais jovens deuses. Muitos selos cilíndricos descrevem cenas em que um deus se defronta com um deus.

Parece que a primitiva rivalidade entre Enki e Enlil foi continuada pelos filhos de ambos, acontecendo algumas vezes que irmãos se virassem contra irmãos - um conto divino de Caim e Abel. Algumas destas lutas eram contra uma deidade identificada como Kur, com toda a certeza, Ishkur/Adad. Isto bem pode explicar a razão pela qual Enlil julgou aconselhável garantir ao seu filho mais novo um domínio longínquo, a fim de o manter afastado das perigosas batalhas pela sucessão.

A posição dos filhos de Anu, Enlil e Enki e de suas proles emerge claramente na linhagem dinástica através de um artifício único sumério: a distribuição de uma categoria numérica a certos deuses. A descoberta deste sistema faz também vir à superfície a relação entre os membros do grande círculo dos deuses do céu e da terra quando a civilização suméria floresceu. Veremos que este supremo panteão era constituído por doze deidades.

A primeira pista sugerindo a aplicação aos grandes deuses do sistema numérico criptográfico apareceu com a descoberta de que os nomes dos

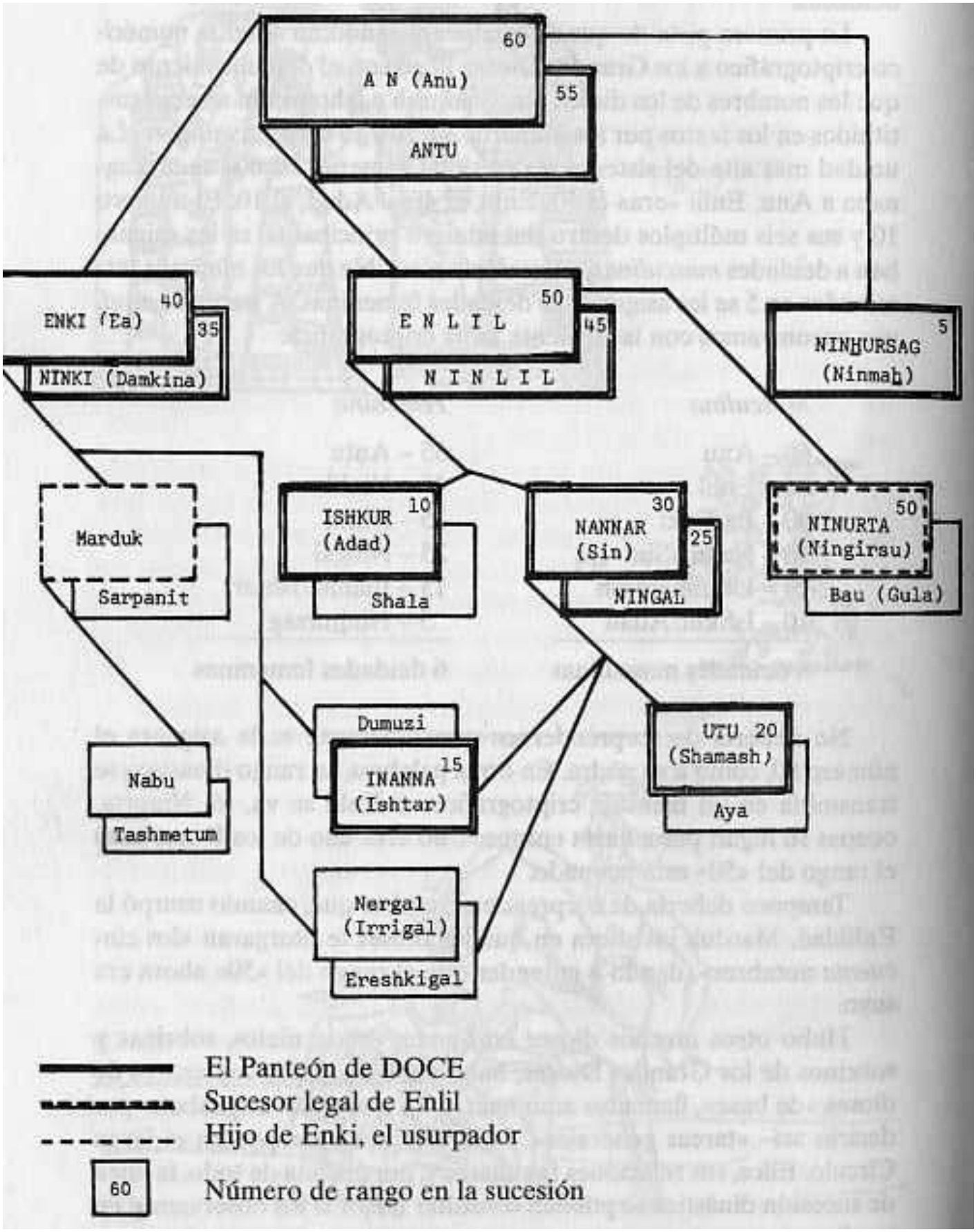
deuses Sin, Shamash e Ishtar eram freqüentemente substituídos nos textos pelos números 30, 20 e 15, respectivamente. A mais alta unidade do sistema sexagesimal sumério - 60 - era associada a Anu; Enlil "era" o 50; Enki, o 40, e Adad, o 10. O número 10 e seus seis múltiplos dentro do número de base 60 eram deste modo associados a deidades masculinas e parecerá plausível que os números terminados em 5 fossem associados às deidades femininas. A partir daqui, surge a seguinte tábua criptográfica:

MASCULINO	FEMININO
60 - Anu	55 - Antu
50 - Enlil	45 - Ninlil
40 - Ea/Enki	35 - Ninki
30 - Nanna/Sin	25 - Ningal
20 - Utu/Shamash	15 – Inanna/Ishtar
10 - Ishkur/Adad	5 - Ninhursag
6 deidades masculinas	6 deidades femininas

A Ninurta (e não nos devemos admirar com o fato), era associado o no. 50, tal como a seu pai. Por outras palavras, sua categoria dinástica foi convencionada numa mensagem criptográfIca: "Se Enlil vai, tu, Ninurta, calçarás seus sapatos; mas, até lá, não és ainda um dos doze, porque a categoria de '50' está ocupada".

Não devemos ficar admirados ao saber que, quando Marduk usurpou o reino de Enlil, ele insistiu em que os deuses o endossaram com “os cinqüenta nomes" para dar a entender que a categoria de "50" se tornara sua.

Houve muitos outros deuses na Suméria - filhos, netos, sobrinhas e sobrinhos dos grandes deuses - e houve também várias centenas de deuses de categoria vulgar, aos quais se chamavam "Anunnaki", e que estavam incumbidos (digamos assim) de "deveres gerais". Mas apenas doze constituíam o grande círculo. Eles, suas relações familiares e suas linhas de sucessão dinástica podem ser mais bem entendidos se observamos o quadro da página seguinte.


60
A N (Anu)
55
ANTU
40
ENKI (Ea)
35
NINKI (Damkina)
50
E N L I L
45
N I N L I L
5
NINHURSAG
(Ninmah)
Marduk
Sarpanit
10
ISHKUR
(Adad)
Shala
30
NANNAR
(Sin)
25
NINGAL
50
NINURTA
(Ningirsu)
Bau (Gula)
Nabu
Tashmetum
Dumuzi
15
INANNA
(Ishtar)
UTU 20
(Shamash)
Aya
Nergal
(Irrigal)
Ereshkigal
El Panteón de DOCE
Sucesor legal de Enlil
Hijo de Enki, el usurpador
60
Número de rango en la sucesión

5
Os Nefilim - Povo dos Foguetes Faiscantes

Os textos sumérios e acádios não deixam dúvidas de que os povos do antigo Oriente Médio estavam convencidos que os deuses do céu e da terra eram capazes de se erguer da terra e ascender até aos céus, assim como de vaguear à vontade pela atmosfera terrestre.
Um texto aborda a violação de Inanna/Ishtar por uma pessoa não identificada, que justifica deste modo sua ação:

Um dia minha rainha,
Depois de ter cruzado os céus, cruzado a terra –
Inanna,
Depois de ter cruzado os céus, cruzado a terra
Depois de ter cruzado Elam e Shubur,
Depois de ter cruzado...
O hieródulo aproximou-se exausto, adormeceu.
Eu vi-a dos limites do meu jardim,
Beijei-a, fiz amor com ela.

Inanna, descrita aqui vagando pelos céus sobre várias terras situadas longe umas das outras - façanhas possíveis apenas voando -, fala, ela própria, numa outra ocasião, de seu vôo. Num texto a que S. Langdon (in Revista de Assiriologia e de Arqueologia Oriental) chamou "Uma Liturgia Clássica para Innini", a deusa lamenta sua expulsão da cidade que lhe pertencia. Agindo sob ordens de Enlil, um emissário, que trouxe "para mim a palavra do céu", entrou na sala do trono, "tocou-me com suas mãos sujas" e, depois de outras indignidades.

A mim, do meu templo, eles me fizeram voar;
Uma rainha, eu sou, a quem da minha cidade,
Tal como um pássaro, me fizeram voar.

Tal capacidade, tanto de Inanna como de outras importantes deidades, era com freqüência indicada pelos artistas antigos ao representarem os deuses, antropomórficos em todos os aspectos, como já vimos, com asas. As asas, como pode ser verificado através de numerosas descrições, não eram naturais, não faziam parte integrante do corpo, mas constituíam antes um acessório decorativo da indumentária dos deuses.

Inanna/Ishtar, cujas longas viagens são mencionadas em muitos textos antigos, alternava-se entre seu distante domínio original em Aratta e sua ambicionada residência em Uruk. Ela visitou Enki em Eridu e Enlil em Nippur, e também seu irmão Utu em seu quartel-general, em Sippar. Mas sua mais celebrada viagem foi ao Mundo Inferior, o domínio de sua irmã Ereshkigal. A viagem serviu de tema para contos épicos, como também de representações artísticas em selos cilíndricos - os mais antigos mostram a deusa com asas para acentuar o fato de ter voado sobre a Suméria até ao Mundo Inferior.

Os textos que relatam certa viagem arriscada mencionam o modo como Inanna colocou nela própria, meticulosamente, sete objetos primordiais para o início da viagem e como teve de ir se desfazendo deles à medida que passava através dos sete portões que conduziam ao domicílio da irmã. Estes objetos são também mencionados noutros textos que tratam das jornadas rumo ao céu de Inanna:

1. O SHU.GAR.RA ela pôs na cabeça.
2. "Brincos de medida" nas orelhas.
3. Correntes de pequenas pedras azuis à volta do pescoço.
4. "Pedras" gêmeas em seus ombros.
5. Um cilindro dourado nas mãos.
6. Fitas segurando seus seios.
7. A veste PALA envolvendo seu corpo.

Embora ainda ninguém tenha sido capaz de explicar a natureza e o significado destes sete objetos, nós sentimos que a resposta está desde há muito disponível. Escavando a capital assíria, Assur, de 1903 a 1914, Walter Andrae e seus colegas encontraram no templo de Ishtar uma estátua quebrada da deusa, que a mostra com vários "dispositivos" ligados ao peito e às costas. Em 1934, os arqueólogos escavando em Mari encontraram enterrada no solo uma estátua similar, mas intacta. Era uma imagem de tamanho natural de uma bela mulher. Seu invulgar toucado estava adornado com chifres,

indicando que era uma deusa. Na presença dessa estátua de 4.000 anos, os arqueólogos ficaram emocionados com sua aparência de vida (num instantâneo, mal se pode distinguir entre a estátua e os homens vivos). Chamaram-lhe Deusa com um Vaso, porque ela segura um objeto cilíndrico.

Ao contrário das gravações planas ou baixos-relevos, esta representação tridimensional e em tamanho natural da deusa revela aspectos interessantes de seu traje. Na cabeça, não usa nenhum chapéu da moda, mas um elmo especial, em cujas laterais aparecem, salientes e adaptados às orelhas, uns objetos que fazem lembrar os fones de um piloto. Em seu pescoço e na parte superior do tronco, usa um colar de muitas e pequenas pedras (talvez preciosas); nas mãos segura um objeto cilíndrico que parece demasiado denso e pesado para ser um vaso de guardar água.

Debaixo de uma blusa de tecido transparente, duas fitas paralelas percorrem o peito ligando-se atrás e mantendo no lugar uma invulgar caixa de forma retangular. A caixa é mantida firme de encontro à parte traseira do pescoço da deusa e está firmemente ligada ao elmo por uma fita horizontal. O que quer que a caixa possa ter contido no seu interior era, com certeza, pesado, uma vez que o dispositivo é ainda suportado por duas almofadas largas nos ombros. O peso da caixa é ainda aumentado por um tubo que se liga à sua base por um fecho circular. Todo o complexo de instrumentos, porque se trata realmente de instrumentos, é mantido em posição com a ajuda de dois conjuntos de fitas que se entrecruzam nas costas e no peito da deusa.

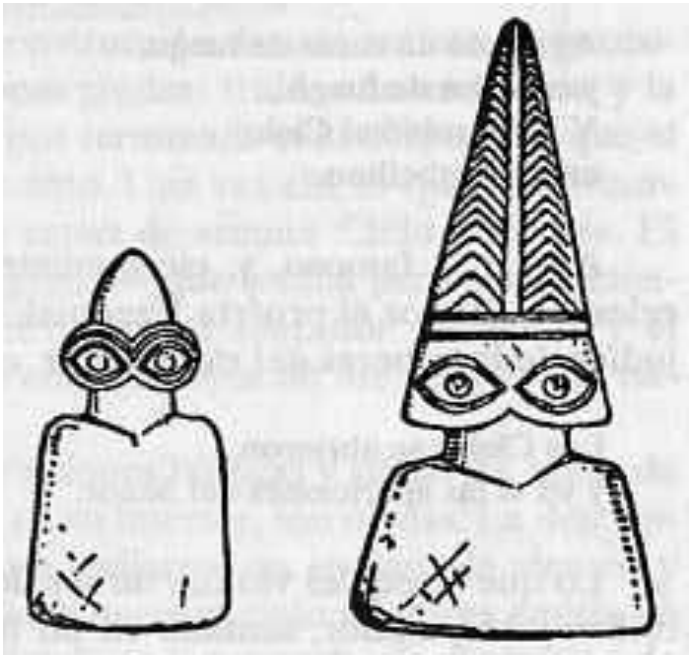
O paralelo entre os sete objetos requeridos por Inanna para suas jornadas aéreas e o vestido e os objetos envergados pela estátua de Mari (e provavelmente também pela estátua mutilada encontrada no templo de Ishtar, em Ashur) é facilmente provado. Vemos os "brincos de medida" - os fones - em suas orelhas; as fiadas de "correntes" de pequenas pedras à volta do seu pescoço; as "pedras gêmeas" - as duas almofadas - nos ombros da deusa; o "cilindro circular" em suas mãos, e as fitas de apertar que cruzam seu peito. Ela está realmente vestida com um "traje PALA" ("veste de governante") e na cabeça usa o elmo SHU.GAR.RA, que significa literalmente "aquilo que faz andar longe pelo universo".

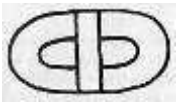
Tudo isto nos sugere que a indumentária era a de um aeronauta ou astronauta. O Antigo Testamento chamava aos "anjos" do senhor malachim - literalmente, "emissários", que transportavam mensagens divinas e executavam ordens divinas. Como revelam tantas circunstâncias, eram homens divinos do ar: Jacó viu-os subindo uma escada para o céu, e foram eles que trouxeram a destruição aérea a Sodoma e Gomorra.

A versão bíblica dos acontecimentos que precedem a destruição das duas cidades pecaminosas ilustra o fato de que estes emissários eram, por um lado, antropomórficos em todos os aspectos e, por outro lado, podiam ser identificados como "anjos" assim que eram avistados. Compreendemos também que seu aparecimento era repentino. Abraão "levantou seus olhos e, ali à vista, estavam três homens a seu lado". Inclinando-se e chamando-lhes "Meus Senhores", ele rogou-lhes "Não passem sobre o vosso servo", e insistiu com eles para lhes lavar os pés e providenciar descanso e alimento.
Tendo agido como lhes pedia Abraão, dois dos anjos (o terceiro "homem" era afinal o Senhor em pessoa) prosseguiram depois viagem para Sodoma. Lot, o sobrinho de Abraão, "estava sentado às portas de Sodoma; e quando os viu, levantou-se ao encontro deles e, inclinando-se até o chão, disse: 'Se agrada aos meus senhores, peço-vos que venham à casa deste vosso servo e aí lavem vossos pés e pernoitem'. Depois, fez para eles uma festa, e eles comeram". Quando a notícia da chegada dos dois se espalhou, "todo o povo da cidade, velhos e novos, rodearam a casa e chamaram Lot para fora, perguntando-lhe: 'Onde estão os dois homens que vieram à tua casa esta noite'"?
Como podiam ser homens, que comiam, bebiam, dormiam e lavavam os pés e, não obstante, eram imediatamente reconhecidos como anjos do Senhor? A única explicação plausível é que aquilo que envergavam - os elmos ou uniformes - ou aquilo que transportavam - suas armas tornavam-nos reconhecíveis de imediato.
É certamente possível que transportassem armas características: os dois "homens" em Sodoma, que quase foram linchados pela multidão, "aniquilaram o povo à entrada da casa com a cegueira... e eles foram incapazes de achar o caminho". E outro anjo, aparecendo a Gedeão, quando ele foi escolhido para ser juiz em Israel, deu-lhe um sinal divino tocando uma rocha com seu bastão, fazendo logo saltar chamas da pedra.
A equipe chefiada por Andrae encontrou, no entanto, outra invulgar descrição de Ishtar em seu templo em Ashur. Mais uma escultura de parede do que o habitual relevo, mostra a deusa com um elmo justo decorado com "fones" estendidos como se tivessem suas próprias antenas, e usando ainda uns "óculos" muito evidentes, que faziam parte do elmo.

É inútil dizer que qualquer indivíduo que visse uma pessoa, do sexo masculino ou feminino, assim trajada, compreenderia imediatamente que encontrara um aeronauta divino.
As estatuetas de argila encontradas em colônias sumérias e que se acredita terem 5.500 anos de idade podem perfeitamente tratar-se de grosseiras representações desses malachim segurando armas parecidas com varinhas de condão. Em certos casos, a face é vista através de um visor de elmo. Em outros, o "emissário" usa um inconfundível toucado cônico divino e um uniforme com objetos circulares de função desconhecida.

As viseiras ou "óculos" das estatuetas apresentam um traço muito interessante, porque o Oriente Médio no 4º. milênio a.C. estava literalmente atolado de estatuetas muito finas que representavam, de maneira estilizada, a parte superior das deidades, exagerando sua característica mais marcante: um elmo cônico com visores ou óculos elípticos.



Uma enorme quantidade destas estatuetas foi encontrada em Tell Brak, um sítio pré-histórico no rio Khabur, o rio em cujas margens Ezequiel viu o carro divino, alguns milênios mais tarde.
Indubitavelmente, não se trata de mera coincidência que os hititas, unidos à Suméria e à Acádia através da área de Khabur, tivessem adotado como signo escrito para "deuses" o símbolo  nitidamente decalcado dos "olhos" das estatuetas. Não admira também que este símbolo ou hieróglifo para "ser divino", expresso em estilos artísticos, tenha dominado a arte não só da Ásia Menor, mas também dos primeiros gregos durante os períodos minóico e micênico.

Os textos antigos indicam que os deuses colocavam esta peça especial não apenas para seus vôos nos céus da terra, mas também quando ascendiam aos distantes céus. Falando de suas visitas ocasionais a Anu em sua residência celestial, Inanna explica que ela própria podia empreender estas jornadas porque "o próprio Enlil cingia a divina peça ME à volta do meu corpo". O texto põe na boca de Enlil as seguintes palavras dirigidas à deusa:

Tu ergueste o ME,
Tu ligaste o ME às tuas mãos,
Tu reuniste o ME,
Tu juntaste o ME ao teu peito...
Ó rainha de todos os ME, ó radiante luz
Que com suas mãos se apodera dos sete ME.

Um antigo governador sumério convidado pelos deuses para ascender aos céus chamava-se EN.ME.DUR.AN.KI, que significava, literalmente, "governante cujo me liga céus e terra". Uma inscrição de Nabucodonosor II,

descrevendo a reconstrução de um pavilhão especial para o "carro celestial" de Marduk, afirma que este pavilhão era parte da "casa fortificada dos sete ME do céu e da terra".
Os eruditos referem-se ao ME como "objetos de poder divino". Literalmente o termo tem sua raiz no conceito de "nadar nas águas celestiais". Inanna descreveu-o como parte da "veste celestial" que envergava para suas jornadas no Barco dos Céus. Os me eram, pois, partes da indumentária especial para voar nos céus da terra e também pelo firmamento afora.
A lenda grega de Ícaro situa o herói tentando voar com asas revestidas com penas adaptadas com cera a seu corpo. As provas do antigo Oriente Médio mostram que, embora os deuses possam ter sido representados com asas para indicar suas capacidades voadoras - ou por vezes talvez com uniformes alados como marca de sua posição de homens do ar -, eles nunca tentaram usar asas adaptadas para voar. Muito pelo contrário, usavam veículos para tais viagens.
O Antigo Testamento informa-nos que o patriarca Jacó, passando a norte num campo fora de Harah, viu "uma escada instalada na terra, e cujo topo alcançava os céus", pela qual "anjos do Senhor", laboriosamente, subiam e desciam. O próprio Senhor estava no topo da escada. E o estupefato Jacó "estava receoso e disse":

De fato, um Deus está presente neste lugar,
E eu não o sabia...
Quão intimidante é este lugar!
De fato, esta não é senão a residência do Senhor,
E esta é sua porta de entrada para os céus!

Há também dois pormenores interessantes neste conto. O primeiro, é que os seres divinos, subindo e descendo por esta "porta de entrada para os céus", usavam um equipamento mecânico, uma "escada". O segundo, é que o que Jacó viu o deixou na mais completa surpresa. A "residência do Senhor", a "escada" e os "anjos do Senhor" que usavam essa escada não estavam lá quando Jacó se estendeu para dormir ao relento. Repentinamente, aconteceu

a intimidante "visão". E, pela manhã, a "residência", a "escada" e seus ocupantes desapareceram.
Podemos concluir que o equipamento usado pelos seres divinos era uma espécie qualquer de aeroplano que podia aparecer sobre um local, flutuar por um momento e desaparecer de vista outra vez.
O Antigo Testamento relata também que o profeta Elias não morreu na Terra, mas "subiu ao firmamento num furacão". Este não foi um acontecimento repentino ou inesperado. A ascensão de Elias aos céus fora previamente arranjada. Ele foi mandado a Beth-El ("casa do Senhor") num dia específico. Já se espalhara, entretanto, um rumor entre seus discípulos de que ele estava prestes a ser levado para os céus. Quando questionaram seu substituto acerca da veracidade do rumor, ele confirmou que, realmente, o "Senhor levará hoje o mestre". E depois:

Ali apareceu um carro de chamas,
E cavalos de chamas...
E Elias subiu até ao céu num furacão.

Ainda mais celebrado e certamente mais bem descrito foi o carro celestial visto pelo profeta Ezequiel, que habitou entre os deportados judeus nas margens do rio Khabur, na Mesopotâmia do Norte.

Os céus estavam abertos,
E eu vi as aparições do Senhor.

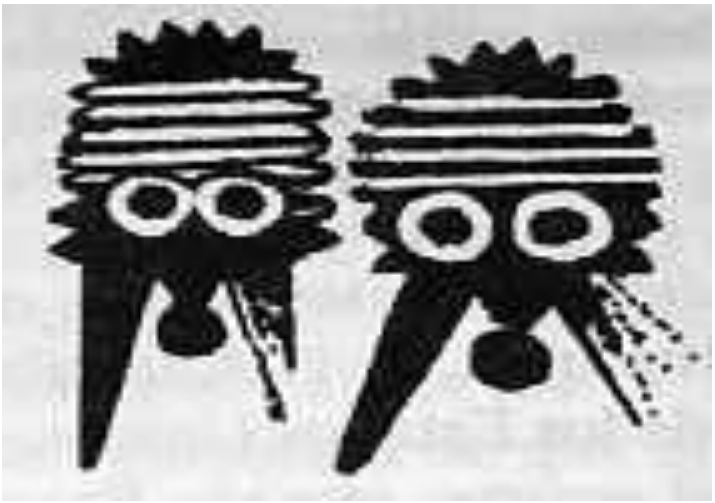
O que Ezequiel viu foi um ser de aparência humana, rodeado de brilho e esplendor, sentado num trono que estava colocado num "firmamento" de metal dentro do carro. O próprio veículo, que podia se mover para qualquer direção sobre rodas-dentro-de-rodas e levantar-se verticalmente do chão, foi descrito pelo profeta como um furacão resplandecente.

E eu vi
Um furacão vindo do norte,
Como uma grande nuvem com reflexos de fogo

E esplendor à sua volta.
E dentro dele, de dentro do fogo,
Havia uma radiação semelhante a um halo cintilante.

Alguns estudiosos da descrição bíblica (tais como Josef F. Blumrich, da NASA, EUA.) concluíram que o "carro", visto por Ezequiel, era um helicóptero consistindo em uma cabina assente em quatro suportes, cada um deles equipados com asas rotativas - um verdadeiro "furacão".
Cerca de dois milênios mais cedo, quando o governante sumério Gudea comemorava a construção do templo para seu deus Ninurta, ele descreveu que lhe aparecera "um homem que brilhava como os céus... pelo elmo em sua cabeça, ele era um deus". Quando Ninurta e dois companheiros divinos apareceram a Gudea, eles estavam por detrás do "divino pássaro preto do vento" de Ninurta. Como se apurou, o objetivo primário da construção do templo era fornecer uma zona de segurança, um recinto fechado dentro dos limites territoriais do templo para este "divino pássaro".
Para a construção deste recinto, relatou Gudea, foram necessárias gigantescas vigas e pedras maciças importadas de longe. Apenas quando o "divino pássaro" foi colocado dentro dos limites do recinto é que se considerou completa a construção do templo. E, uma vez no lugar, o "pássaro divino" "podia estacionar nos céus" e era capaz de "reunir céus e terra". O objeto era tão importante, "sagrado", que estava constantemente guardado e protegido por duas "armas divinas", o "supremo caçador" e o "supremo assassino", armas que emitiam feixes de luz e raios mortíferos.
A similitude das descrições bíblicas e sumérias, tanto nos veículos como nos seres que viajavam dentro deles, é óbvia. A descrição dos veículos como "pássaros", "pássaros de vento" e "furacão" que se podiam erguer em direção ao alto enquanto emitiam um esplendor não deixa dúvidas de que se tratava de um tipo qualquer de máquina voadora.
Enigmáticos murais desenterrados em Tell Ghassul, um local a leste do mar Morto, cujo nome antigo é desconhecido, podem lançar alguma luz no nosso tema. Datados de cerca do ano 3.500 a.C., os murais descrevem um largo "compasso" de oito pontas, a cabeça de uma pessoa de elmo dentro de uma

câmara,em forma de sino e dois desenhos de aeroplanos mecânicos que bem podiam ter sido os "furacões" da Antiguidade.



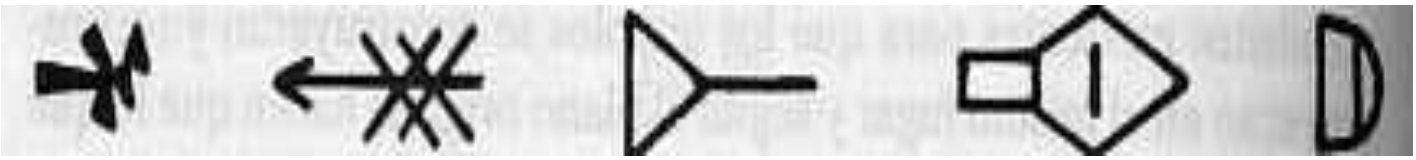
Os textos antigos descrevem ainda alguns veículos usados para erguer aeronautas aos céus. Gudea relata que, enquanto o "pássaro divino" se levantava para rodear as terras, ele "lampejou sobre os tijolos erguidos". O recinto protegido foi descrito como MU.NA.DA.TUR.TUR ("pedra forte, lugar de descanso do MU"). Urukagina, que governava em Lagash, disse a respeito do "divino pássaro de vento": "O MU que ilumina como uma fogueira, eu fiz alto e forte". De igual modo, Lu-Utu, que governou em Umma no 3º. milênio a.C., construiu um local para um mu, "que avança numa fogueira", para o Deus Um, "no local indicado dentro do seu templo".
O rei babilônico Nabucodonosor II, registrando a reconstrução do recinto sagrado de Marduk, disse que, dentro de muros fortificados feitos de tijolo queimado e fulgurante mármore ônix.

Eu ergui a cabeça do barco ID.GE.UL
O carro da nobreza de Marduk.
O barco ZAC.MUKU, cuja abordagem é observada,
O supremo viajante entre céus e terra,
No meio do pavilhão eu o encerrei,
Protegendo bem os seus lados.

ID.GE.UL, o primeiro epíteto empregado para descrever este supremo viajante, ou "carro de Marduk", significa literalmente "alto para o céu, brilhante à noite". ZAG.MU.KU, o segundo epíteto descrevendo o veículo - claramente um "barco" aninhado num pavilhão especial - significa o "brilhante MU que serve para ir longe".
Felizmente, podemos provar que um mu, um objeto cônico terminando em linhas ovais, estava realmente instalado no interior, no sagrado recinto fechado dos templos dos grandes deuses do céu e da terra. Uma moeda antiga, encontrada em Biblos (a Gebal bíblica) na costa mediterrânica do atual Líbano, representa o Grande Templo de Ishtar. Embora mostrado como se pertencesse ao 1º. milênio a.C., a exigência de que fossem construídos e reconstruídos templos sobre o mesmo local e de acordo com o plano original significa, sem dúvida, que vemos os elementos básicos do templo original de Biblos copiados de milênios mais cedo.
A moeda representa um templo composto de duas partes. Numa face da moeda está gravada a estrutura do templo principal, imponente com sua entrada de colunas. Por detrás dela há um pátio interior, ou "área sagrada", escondido e protegido por um alto e maciço muro. É nitidamente uma área elevada, uma vez que só se pode chegar a ela subindo vários lances de escadas.

No centro desta área sagrada está situada uma plataforma especial, cuja trave-mestra lembra a da Torre Eiffel, como que construída para suportar um enorme peso. E na plataforma está o objeto de toda esta segurança e proteção - um objeto que só pode ser um mu.

Tal como a maior parte das palavras silábicas sumérias, mu tinha um significado primário: "aquele que se ergue em linha reta". Suas trinta e tantas gradações de significado englobam "alturas", "fogo", "comando", "período contado", como também (em tempos posteriores) "aquele pelo qual alguém é lembrado". Se remontarmos no tempo à procura do sinal escrito para mu desde suas estilizações cuneiformes assírias e babilônias até a original pictografia suméria, vemos surgir a seguinte prova pictórica:

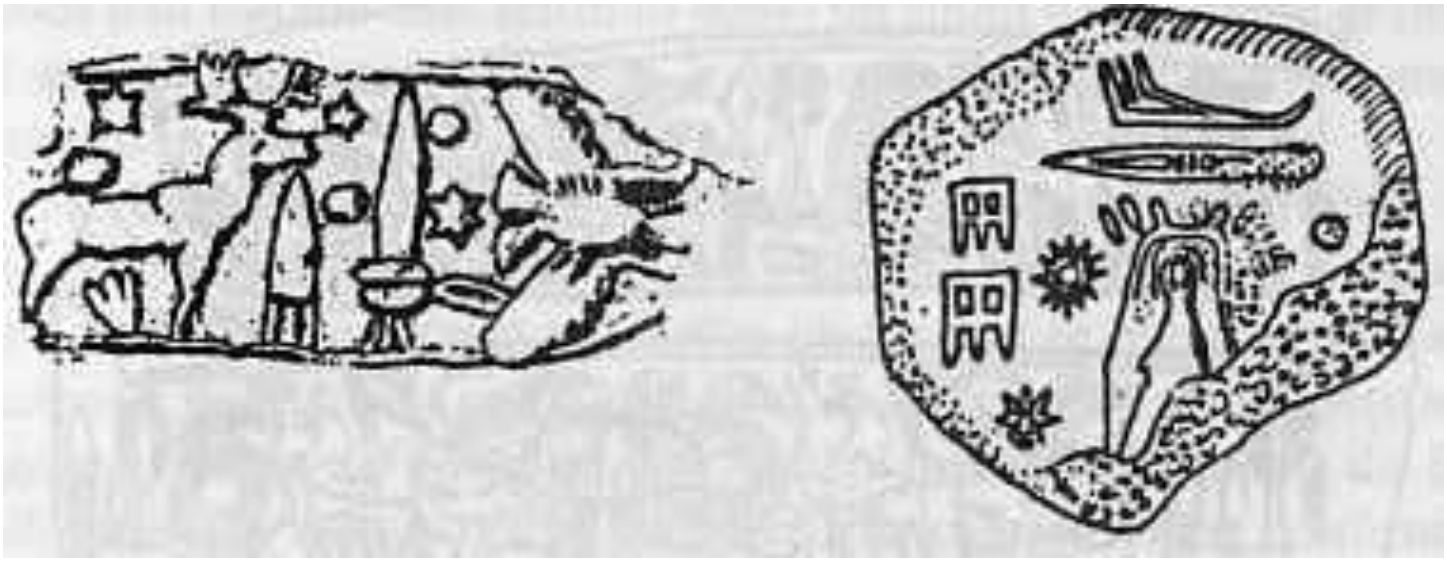


Vemos nitidamente uma câmara cônica representada separadamente ou com uma estreita seção ligada a ela. "De uma dourada 'câmara-no-céu' eu olharei por vocês", prometeu Inanna ao rei Assírio. Seria este mu a "câmara celestial"?

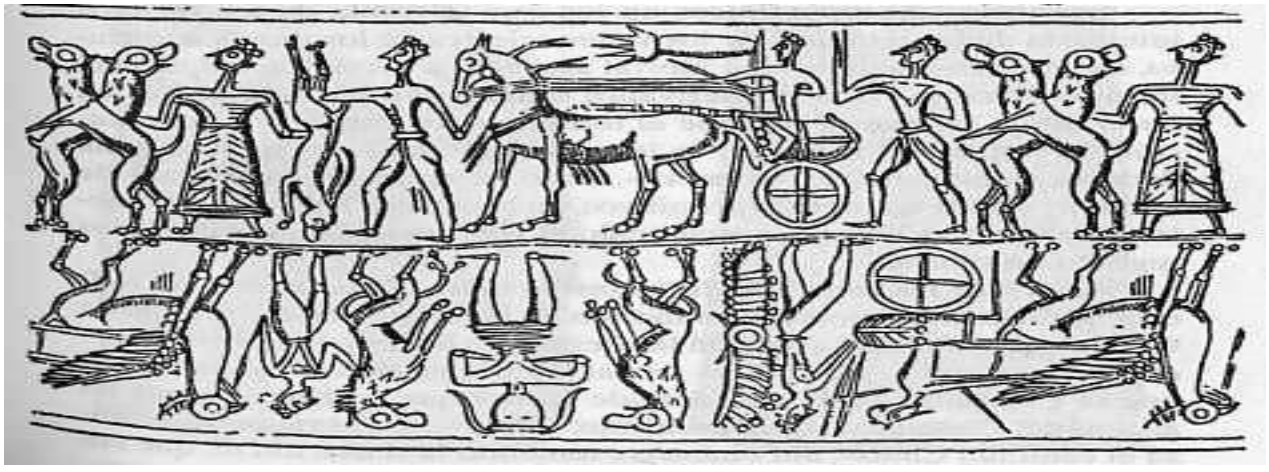
Um hino a Inanna/Ishtar e às suas jornadas no Barco dos Céus indica claramente que o mu era o veículo no qual os deuses deambulavam alto e longe pelos céus:

Senhora dos céus:
Ela enverga a veste celestial;
E corajosamente ascende até às alturas.
Por sobre todas as terras povoadas
Ela voa no seu MU.
Senhora, que no seu MU
Até às alturas do céu se levanta alegremente.
Sobre todos os locais de descanso ela voa no seu MU.

Há provas que mostram que o povo do Mediterrâneo Oriental avistou realmente tal objeto semelhante a um foguete não apenas no recinto do templo, mas em vôo real. Os glifos hititas, por exemplo, mostram de encontro ao fundo de um céu estrelado mísseis que se cruzam, foguetes montados em plataformas de lançamento e um deus no interior de uma radiante câmara.

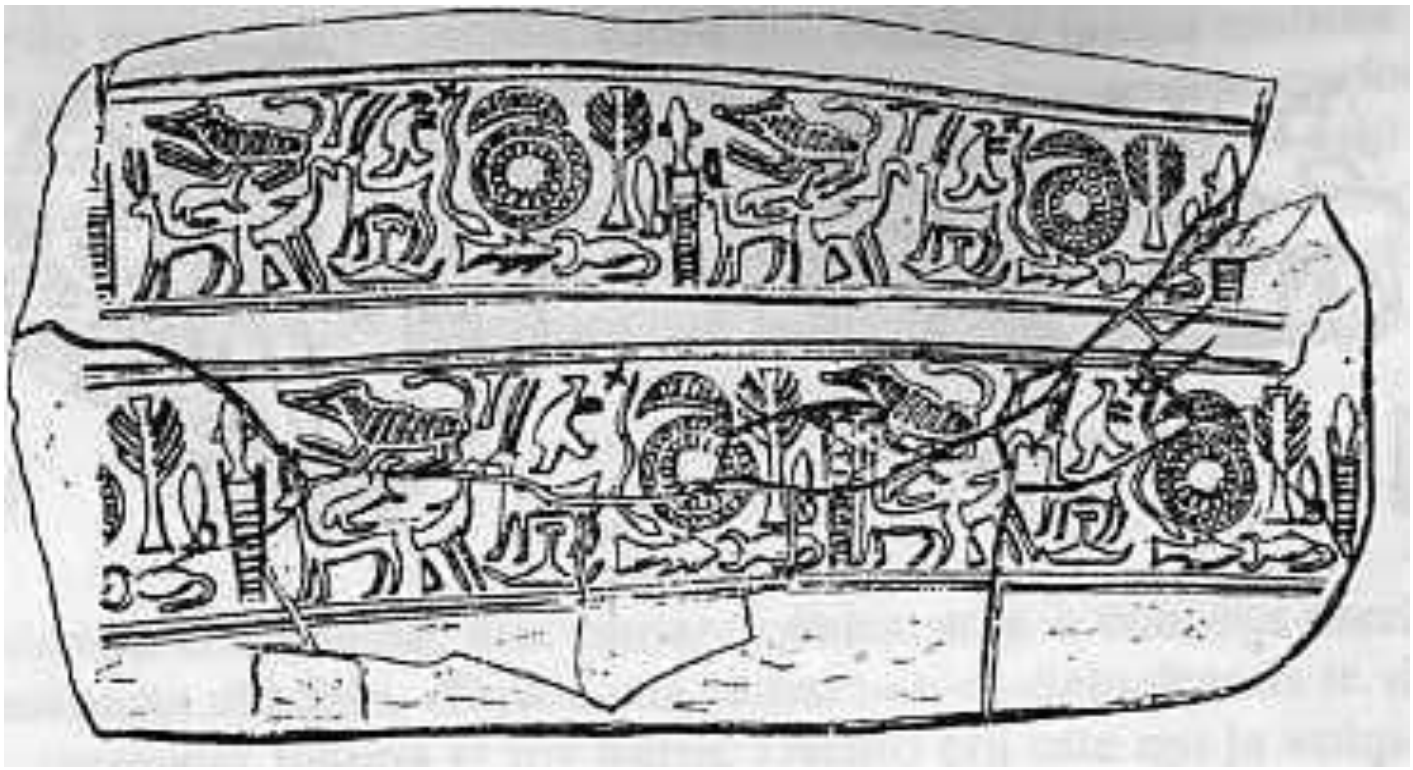


O prof. H. Frankfort (Cylinder Seals) [Selos Cilíndricos], demonstrando como tanto a arte da fabricação dos selos cilíndricos mesopotâmicos e os assuntos neles representados se espalharam através do Mundo Antigo, reproduz o desenho de um selo encontrado em Creta e datado do século 13 a.C. O desenho do selo descreve claramente uma nave espacial movendo-se nos céus e propulsionada por chamas que escapam da sua retaguarda.



Os cavalos alados, os animais enlaçados, o globo celestial alado e a deidade com chifres salientes em seu toucado são todos temas mesopotâmicos conhecidos. Podemos certamente concluir que o foguete faiscante mostrado no selo cretense era também um objeto familiar ao longo de todo o antigo Oriente Médio.

De fato, um foguete com "asas" ou estabilizadores - alcançáveis por uma "escada" - pode ser visto numa barra escavada em Gezer, uma cidade da antiga terra de Canaã, a oeste de Jerusalém. A dupla impressão do mesmo selo mostra também um foguete pousado no solo ao lado de uma palmeira. O destino ou a natureza celestial dos objetos é atestado pelos símbolos do Sol, da Lua e das constelações zodiacais que adornam o selo.



Os textos mesopotâmicos que se referem aos recintos interiores sagrados dos templos ou às celestiais jornadas dos deuses, ou até a circunstâncias em que os mortais ascenderam aos céus, empregam o termo sumério mu ou seus derivativos semitas shu-mu ("aquilo que é um mu"), sham ou shem. Devido ao fato de o termo definir também "aquele pelo qual alguém é lembrado", a palavra acabou por significar "nome". Mas a aplicação universal de "nome" a

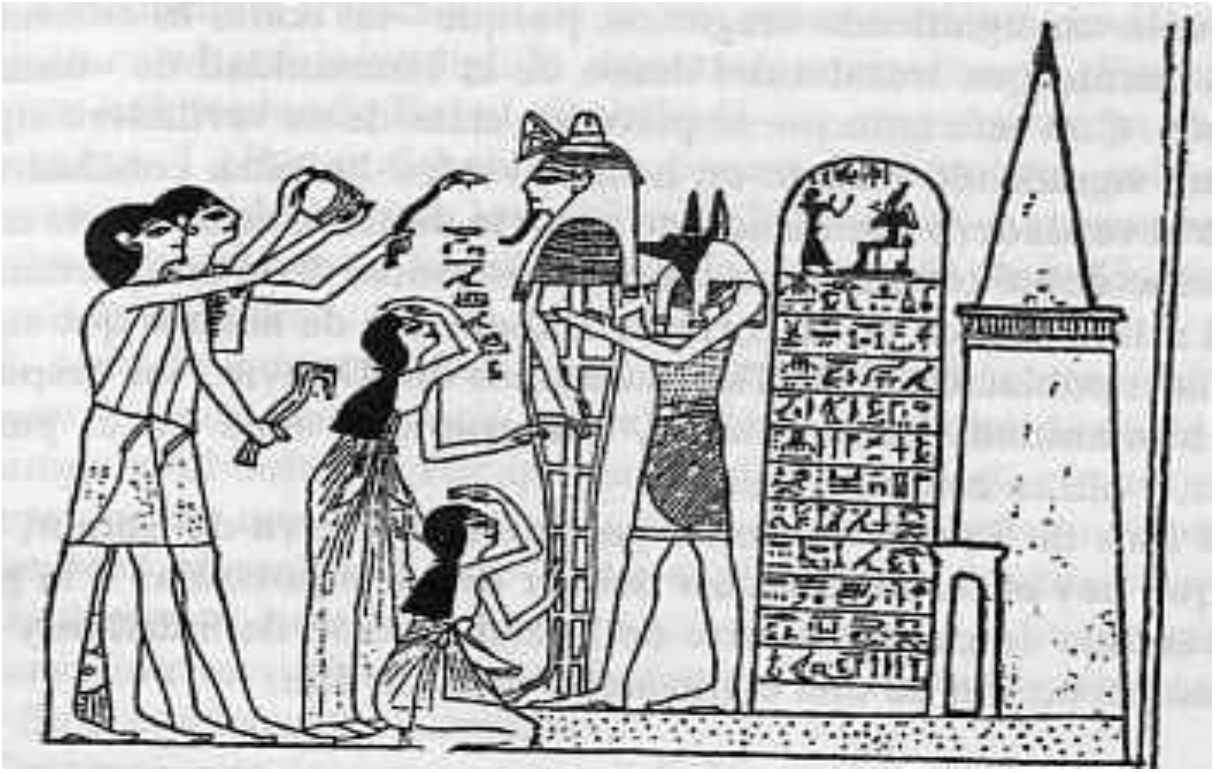
remotos textos que falam de um objeto usado para voar obscureceu o, verdadeiro significado dos antigos registros.
Deste modo, G.A. Barton (The Royal Inscriptions of Summer and Akkad) [As Inscrições Reais da Suméria e da Acádia] estabeleceu a irrefutável tradução da inscrição do templo de Gudea - de "seu MU abraçará as terras de horizonte a horizonte" para "o seu nome encherá as terras". Da mesma maneira, um hino a Ishkur enaltecendo seu "MU emissor de raios" que podia atingir as alturas do céu é traduzido como segue: "Teu nome é radiante, alcança o zênite dos céus". Pressentindo, no entanto, que mu ou shem podem significar um objeto e não "nome", alguns eruditos trataram o termo como um sufixo ou fenômeno gramatical sem tradução, evitando deste modo a conclusão global.
Não é difícil recuar até a etimologia do termo e traçar a rota através da qual a "câmara do céu" assumiu o significado "nome". Foram encontradas esculturas que mostram um deus no interior de uma câmara em forma de foguete, como neste objeto de extrema antiguidade (agora em posse do Museu Universitário de Filadélfia) onde a natureza celestial da câmara é atestada pelos doze globos que a decoram.

Similarmente muitos selos representam um deus (e às vezes dois) dentro destas "câmaras divinas" ovais; em muitas circunstâncias, estes deuses dentro das suas sagradas ovais estão descritos como objetos de veneração.
Desejando adorar seus deuses através das terras, e não apenas na "casa" oficial de cada divindade, os povos antigos desenvolveram o costume de construir imitações do deus dentro da sua divina "câmara-do-céu". Pilares de pedra desenhados para dissimular o veículo oval foram erigidos em locais selecionados e a imagem do deus era gravada dentro da pedra para indicar que ele estava no interior do objeto.
Foi uma mera questão de tempo até que reis e governantes, associando estes pilares (chamados estelas) com a capacidade de ascender à residência celestial, começassem a gravar suas próprias imagens sobre as estelas como forma de se associarem eles próprios à residência celestial. Se eles não podiam fugir ao esquecimento físico, era importante que pelo menos seu nome fosse para sempre celebrado.

Mais adiante pode ser deduzido, a partir do termo pelo qual estas pedras eram conhecidas na Antiguidade, que o objetivo dos pilares de pedra comemorativos era o de representar uma atividade espacial de fogo. Os sumérios chamavam-lhes NA.RU ("pedras que se erguem"). Os acádios, babilônios e assírios chamavam-lhes naru ("objetos que lançam luz"). Os amurru apelidam-nos de nuras ("objetos de fogo") - em hebraico, ner significa ainda hoje um pilar que emite luz, ou seja, a popular vela. Nas línguas indo-européias dos hurritas e dos hititas, as estelas receberam o nome de hu-uashi ("pássaro de fogo de pedra").
Referências bíblicas indicam familiaridade com dois tipos de monumentos comemorativos, um yad e um shem. O profeta Isaías comunicou do seguinte modo ao povo sofredor da Judéia a promessa do Senhor de um futuro melhor e mais seguro:

E eu dar-lhes-ei,
Em minha casa e dentro de minhas paredes,
Um yad e um shem.

Traduzido literalmente e cumulando significados, isto queria dizer que a promessa do Senhor falava em fornecer a seu povo uma "mão" e um "nome". Felizmente, contudo, aprendemos, a partir de monumentos antigos chamados yad e que ainda se erguem da Terra Sagrada, que estes se distinguem por seus topos de forma piramidal. Os shem, por outro lado, eram memoriais de topo oval. Ambos, parece evidente, começaram como simulações da "câmara do céu", o veículo dos deuses para ascender à residência eterna. No Egito Antigo, de fato, os devotos faziam peregrinações a um templo especial em Heliópolis para ver e adorar o ben-ben - um objeto de forma piramidal no qual os deuses chegaram à terra em tempos imemoriais. Os faraós egípcios, à hora da morte, se submetiam a uma cerimônia de "abertura da boca", durante a qual supunha-se que eram transportados à divina residência da vida eterna por um yad ou um shem.



A persistência dos tradutores da Bíblia em empregar "nome" sempre que deparavam com o termo shem foi ignorada por um avançado estudo publicado há mais de um século por G.M. Redslob (in Revista da Sociedade Alemã Oriental), no qual ele corretamente salientou que o termo shem e o termo shamaim ("céu") derivam da palavra de raiz shamash, significando "aquilo que está para o céu". Quando o Antigo Testamento relata que o rei Davi "fez um shem" para marcar a vitória sobre os aramaicos, disse Redslob, ele "não fez um nome", mas edificou um monumento apontado para os céus.

A compreensão de que em muitos textos mesopotâmicos mu ou shem devia ser lido não como "nome", mas como "veículo do céu" abriu caminho para a compreensão do verdadeiro significado de muitos contos antigos, incluindo a história bíblica da Torre de Babel.

O livro do Gênesis, no capítulo XI, relata a tentativa dos humanos no sentido de levantarem um shem. O relato bíblico é feito em concisa (e precisa) linguagem que revela um fato histórico. No entanto, gerações de estudiosos e tradutores procuraram conceder à narrativa apenas um significado alegórico porque (tal como eles o entenderam) o conto dizia respeito à ânsia do gênero humano em "fazer um nome" para si próprio. Tal aproximação esvaziou o conto do seu significado factual. Nossa conclusão no que se refere ao

verdadeiro significado de shem torna o conto tão rico em significado como o deve ter sido para os próprios povos da Antiguidade.
O conto bíblico da Torre de Babel trata dos acontecimentos que se seguiram ao repovoamento da terra depois do dilúvio, quando alguns dos povos "viajaram do leste, e encontraram uma terra plana na Terra de Shinar, e aí se estabeleceram".
A Terra de Shinar é, claro, a terra da Suméria, na planície entre os dois rios da Mesopotâmia do Sul. E o povo, já familiarizado com a arte da fabricação de tijolo e alta construção para uma civilização urbana, disse:

Construamos para nós uma cidade,
E uma torre cujo topo alcance os céus;
E façamos para nós um shem,
Para que não sejamos espalhados sobre a face da terra.

Mas este esquema humano não estava conforme os desejos de Deus.

E o Senhor desceu,
Para ver a cidade e a torre
Que os filhos de Adão erigiram.
E ele disse: Contempla,
Todos são como um povo com uma língua,
E isto é apenas o começo dos seus empreendimentos.
Agora, tudo o que eles planejarem fazer
Não mais lhes será impossível realizar.

E o Senhor disse (a alguns companheiros que o Antigo Testamento não nomeia):

Vinde, desçamos,
E uma vez lá, confundamos sua língua;
Para que eles não entendam a fala uns dos outros
E o Senhor espalhou-os dali
Por sobre a face de toda a terra,

E eles cessaram a construção da cidade.
Por isso o seu nome foi Babel,
Porque foi aí que o Senhor confundiu a língua da terra.

A tradução tradicional de shem por "nome" tornou o conto ininteligível durante gerações. Por que é que os antigos residentes de Babel - Babilônia - se empenharam em "fazer um nome", por que é que o "nome" teria de ser colocado no topo de uma "torre cujo cume tocará os céus", e como é que "a construção de um nome" poderia contrariar os efeitos da dispersão do gênero humano sobre a terra?
Se tudo o que aqueles povos queriam era fazer (como explicam os estudiosos) uma "reputação" para eles próprios, por que é que esta tentativa aborreceu tanto o Senhor? Por que é que a composição de um "nome" era considerada pela Divindade como um feito a seguir ao qual “tudo o que eles planejaram fazer, não mais lhes será impossível realizar"? As explicações tradicionais são certamente insuficientes para esclarecer por que o Senhor considerou necessário convocar outros deuses sem nome para descer à terra e pôr um fim a este esforço humano.
Acreditamos que as respostas para todas estas perguntas se tomam plausíveis, óbvias até, assim que lemos "veículo em direção ao céu" em vez de "nome" para traduzir a palavra shem, que é o termo empregado no texto original hebraico da Bíblia. A história trataria então da preocupação da humanidade com a dispersão dos povos sobre a face da terra, que resultaria numa perda de contatos entre si. Por isso, eles decidiram construir um "veículo em direção ao céu" e erigir uma "torre de lançamento" para tal veículo para que também eles, tal como, por exemplo, a deusa Ishtar, pudessem voar num mu "sobre todas as terras povoadas".
Uma parte do texto babilônico conhecido como a "Epopéia da Criação" relata que o "portão dos deuses" foi construído na Babilônia pelos próprios deuses. Aos Anunnaki, os deuses de condição inferior, foram dadas ordens para:

Construir o portão dos deuses...
Deixemos que seu trabalho de tijolo seja desenhado.
O seu shem será posto no lugar designado.

Durante dois anos, os Anunnaki afadigaram-se - "aplicaram as ferramentas... moldaram tijolos" - até que "levantaram até ao cume de Eshagila" ("casa dos grandes deuses") e "construíram a torre de andares tão alta como os Altos Céus".

Foi, portanto, um desaforo da parte da humanidade estabelecer sua própria torre de lançamento, criada originalmente para uso dos deuses, uma vez que o nome do local, Babili, significava literalmente "portão dos deuses".

Haverá mais provas que corroborem o conto bíblico e a nossa interpretação dele?

O sacerdote-historiador babilônico Berossus, que no século 3 a.C. compilou uma história da humanidade, relatou que “os primeiros habitantes da terra, ufanando-se de sua própria força... empreenderam erguer uma torre cujo 'topo' devia alcançar o céu". Mas a torre foi derrubada pelos deuses e por fortes ventos, "e os deuses introduziram uma diversidade de idiomas entre os homens, que até àquele dia tinham todos falado a mesma língua".

George Smith (The Chaldean Account of Genesis) [A Versão da Caldéia sobre o Gênesis] encontrou nos escritos do historiador grego Hestaeus um relato em que, de acordo com as "vetustas tradições", o povo que escapara ao dilúvio veio até Senaar na Babilônia, mas foi afastado dali por uma diversidade de idiomas. O historiador Alexander Polyistor (século 1 a.C.) escreveu que, antigamente, todos os homens falavam a mesma língua. Depois, alguns pensaram erigir uma enorme e suprema torre para que pudessem "subir ao céu". Mas o Deus principal frustra seus desígnios enviando um furacão, e a cada tribo foi dada uma língua diferente. "A cidade onde isso aconteceu foi Babilônia.”

Hoje em dia poucas dúvidas restam de que os contos bíblicos, assim como os relatos dos historiadores gregos de há 2.000 anos e do seu predecessor Berossus, derivam das mesmas antiqüíssimas raízes sumérias. A.H. Sayce (The Religion of the Babylonians) [A Religião dos Babilônios] apresentou um estudo sobre uma barra fragmentária do Museu Britânico, a "versão babilônica da construção da Torre de Babel". Em todas as circunstâncias, a tentativa de alcançar os céus e a conseqüente confusão de línguas são elementos básicos desta versão. Há outros textos sumérios que

registram a deliberada confusão das línguas humanas como resultado da ira de um deus.
Presumivelmente, o gênero humano não possuía naquele tempo a tecnologia necessária para tal projeto aeroespacial; a orientação e a colaboração de um deus no conhecimento dessas técnicas era, pois, essencial. Teria um deus desafiado os outros para ajudar a humanidade? Um selo sumério descreve um confronto entre deuses armados, aparentemente devido à disputada construção pelo homem de uma torre de andares.

Uma estela suméria, agora em exposição em Paris, no Louvre, pode bem descrever o incidente relatado no livro do Gênesis. Foi construída por volta do ano 2.300 a.C. por Naram-Sin, rei da Acádia, e os estudiosos consideram que ela descreve o rei vitorioso sobre seus inimigos. Mas a grande figura central é a de uma divindade, e não a de um rei humano, uma vez que a pessoa usa um elmo adornado com chifres, a marca característica exclusiva dos deuses. Além disso, esta figura central não parece ser o chefe dos humanos (de menor estatura), mas antes parece espezinhá-los. Estes homens, por seu turno, não parecem envolvidos em nenhuma atividade guerreira: eles marcham em frente e estão adorando o mesmo enorme objeto cônico, no qual se focaliza também a atenção do deus. Armado com um arco e uma lança, a deidade parece olhar o objeto mais em atitude de ameaça do que de adoração.

O objeto cônico está apontado na direção de três corpos celestiais. Se seu tamanho, forma e objetivo indicam que se trata de um shem, então a cena retrata um deus zangado e completamente armado atropelando as pessoas que comemoram a ascensão de um shem.

Tanto os textos mesopotâmicos como a versão bíblica revelam a mesma mensagem: as máquinas voadoras eram para os deuses e não para o gênero humano.

Os homens, afirmam tanto os textos mesopotâmicos como os bíblicos, podiam ascender à residência celestial apenas sob o expresso desejo dos deuses. E a esse respeito existem muitos contos de subidas ao céu e até de vôos espaciais.

O Antigo Testamento registra a subida aos céus de vários seres mortais. O primeiro foi Enoc, um patriarca antediluviano a quem Deus favoreceu e que "andava com o Senhor". Ele era o sétimo patriarca na linha de Adão e o bisavô de Noé, herói do dilúvio. O capítulo V do livro do Gênesis lista as genealogias de todos estes patriarcas e as idades com que eles morreram, exceto a de Enoc, "que partiu, porque o Senhor o levou". Por conseqüência e tradição, foi na direção dos céus, para escapar à mortalidade terrena, que Deus levou consigo Enoc. O outro mortal foi o profeta Elias, erguido da terra e levado em direção aos céus por um "furacão"”.
Uma referência pouco conhecida a um terceiro mortal que visitou a divina residência e que foi dotado com grande sabedoria é fornecida pelo Antigo Testamento e diz respeito ao governante de Tiro (um centro fenício na costa oriental do Mediterrâneo). Lemos no capítulo XXVIII do livro de Ezequiel que o Senhor ordenou ao profeta que lembrasse ao rei como ele estava capacitado, perfeita e sabiamente, pela divindade a abençoar com os deuses:

Tu estás moldado por um plano
Cheio de sabedoria, perfeito na beleza.
Tu estiveste no Éden, o jardim de Deus;
Cada pedra preciosa era o teu bosque...
Tu és um sagrado querubim protegido;
E eu coloquei-te na montanha sagrada,
Como se fosses um deus,
Movendo-se por entre pedras de fogo.

Predizendo que o governante de Tiro sofreria uma morte "dos não circuncidados" pela mão de estrangeiros mesmo que ele lhes gritasse "Eu sou uma divindade", o Senhor explicou então a Ezequiel a razão disto: depois de o rei ter sido levado à residência celestial e de lhe ter sido dado acesso a toda a sabedoria e riqueza, seu coração "crescera arrogante", ele empregara mal sua sabedoria e profanara os templos.

Porque teu coração é arrogante, dizendo:
Um deus eu sou!

Na residência da divindade eu me sento,
No meio das águas.
Embora sejas um homem, não um deus,
Tu consideras teu coração como o de um deus.

Os textos sumérios falam também de vários homens aos quais foi dado o privilégio de ascender às alturas. Um deles foi Adapa, o "homem modelo" criado por Ea. A ele Ea "dera sabedoria; vida eterna não lhe fora concedida". À medida que os anos decorriam, Ea decidiu evitar o fim mortal de Adapa, fornecendo-lhe um shem com o qual ele deveria alcançar a celestial residência de Anu, para aí partilhar do Pão da Vida e da Água da Vida. Quando Adapa chegou à residência celestial de Anu, este perguntou quem fornecera a Adapa o shem com o qual pudera alcançar o celestial local.

Há várias pistas importantes a serem encontradas tanto nos textos bíblicos como nos contos mesopotâmicos das raras ascensões de mortais à residência dos deuses. Adapa, tal como o rei de Tiro, também foi feito de um "molde" perfeito. Todos tinham de conseguir e usar um shem - "pedra de fogo" - para alcançar o "Éden" celestial. Alguns subiram e regressaram depois à terra; outros, como o herói mesopotâmico do dilúvio, permaneceram lá fruindo a companhia dos deuses. Foi para encontrar este "Noé" mesopotâmico e obter dele o segredo da Árvore da Vida que o sumério Gilgamesh partiu.

A procura fútil pelos homens mortais da Árvore da Vida é o objeto de um dos mais longos e poderosos textos épicos legados à cultura humana pela civilização suméria. Chamada pelos estudiosos modernos "A Epopéia de Gilgamesh", o comovente conto diz respeito ao governador de Uruk, nascido de pai mortal e mãe divina. Como resultado, Gilgamesh era considerado "dois terços divino e um terço humano", uma situação que lhe concedia o direito de procurar escapar à morte, destino do comum dos mortais.

A tradição informara-o de que um de seus antecessores, Utnapishtim, o herói do dilúvio, escapara à morte, sendo transportado à celestial residência com sua esposa. Gilgamesh decidiu assim alcançar tal lugar e obter de seu antepassado o segredo da vida eterna.

O que o instigou a partir foi aquilo que tomou como sendo um convite de Anu. Os versos descrevem a observação da queda de volta à terra de um

foguete usado. Gilgamesh descreveu a ação deste modo à sua mãe, a deusa NIN.SUN:

Minha mãe,
Durante a noite eu senti-me alegre
E eu andei por entre os meus nobres.
As estrelas reuniram-se nos céus.
O trabalho manual de Anu desceu na minha direção.
Eu procurei erguê-lo; era demasiado pesado.
Procurei movê-lo; movê-lo eu não podia!
O povo de Uruk reuniu-se à sua volta.
Enquanto os nobres beijavam suas pernas.
Quando ergui minha fronte, eles apoiaram-me.
Eu levantei-o! Eu trouxe-o a ti!

A interpretação do incidente pela mãe de Gilgamesh está mutilada no texto e é, deste modo, confusa. Mas, obviamente, Gilgamesh foi encorajado pela observação da queda do objeto, o "trabalho manual de Anu", a embarcar na aventura. Na introdução à epopéia, o antigo relator chama a Gilgamesh "o sensato, aquele que tudo experimentou":

Coisas secretas ele viu,
O que está escondido ao homem ele viu.
Ele até trouxe notícias de um tempo anterior ao dilúvio.
Ele fez também uma longínqua viagem, fatigante e sob dificuldades.
Ele regressou e gravou todo seu esforço sobre um pilar de pedra.

A "longínqua viagem" que Gilgamesh empreendeu foi, claro, sua jornada à residência dos deuses. Foi acompanhado pelo seu amigo Enkidu. Seu objetivo era a Terra de Tilmun, porque aí Gilgamesh podia erguer um shem para si próprio. As traduções correntes empregam o suposto "nome" sempre que nos textos antigos aparece o sumério mu ou o acádio shumu. Nós, no entanto, empregaremos shem para que o verdadeiro sentido do termo - um "veículo em direção aos céus" - possa transparecer:

O governante Gilgamesh orienta seu espírito
Na direção da Terra de Tilmun.
E ele diz ao seu companheiro Enkidu:
Ó Enkidu...
Eu entrarei na terra, farei o meu shem.
Nos locais onde os shem's eram levantados
Eu erguerei o meu shem

Incapazes de o dissuadir, tanto os anciães de Uruk como os deuses a quem Gilgamesh consultou, aconselharam-no a obter primeiro o consentimento e a assistência de Utu/Shamash. "Se tu vais entrar na terra, informa Utu", avisaram-no eles. "A terra está a cargo de Utu", acentuaram e insistiram eles. Deste modo, previamente avisado e aconselhado, Gilgamesh apelou para Utu para obter permissão:

Deixa-me entrar na terra,
Deixa-me construir meu shem.
Nos locais onde os shem's são erguidos,
Deixa-me erguer o meu shem...
Traz-me até ao local de aterrissagem em...
Estabelece sobre mim tua proteção!

Uma infeliz quebra na barra deixa-nos na ignorância quanto à localização do "local de aterrissagem". Mas, onde quer que fosse, Gilgamesh e seu companheiro conseguiram, finalmente, alcançar os seus arredores. Era uma "zona restrita", protegida por intimidantes guardas. Fatigados e com sono, os dois amigos decidiram pernoitar antes de prosseguir viagem.
Mal o sono os vencera, e logo algo os fez estremecer e os despertou. "Ergueste-me?", perguntou Gilgamesh ao seu parceiro. "Estou acordado?", perguntou este, uma vez que testemunhava tão invulgares visões, tão intimidantes que duvidava se estaria acordado ou sonhando. Ele disse a Enkidu:

No meu sonho, meu amigo, o alto solo ruiu.
Atirou-me por terra, amassou meus pés...
O esplendor era poderosíssimo!
Um homem apareceu;
O mais puro da terra era ele.
A sua graça...
De sob o solo em ruínas ele me puxou,
Deu-me água para beber; meu coração aquietou-se!

Quem era este homem, "o mais puro da terra", que puxou Gilgamesh de entre as ruínas, lhe deu água, "aquietou seu coração"? E que era o "poderosíssimo esplendor" que acompanhou o inexplicado desmoronamento de terras?
Inseguro, perturbado, Gilgamesh voltou a adormecer, mas não por muito tempo.

No meio da vigília seu sono terminou.
Ele ergueu-se, dizendo ao amigo:
Meu amigo, chamaste-me tu?
Por que estou eu desperto?
Não me tocaste?
Por que estou eu confuso?
Não passou por aqui nenhum deus?
Por que está o meu corpo paralisado?

Assim, de novo misteriosamente acordado, Gilgamesh perguntou-se quem lhe tocara. Se não fora seu parceiro, seria "algum deus" que passara? Mais uma vez, Gilgamesh passou pelo sono, para logo ser acordado pela terceira vez. Ele descreve a perturbante ocorrência ao seu amigo, assim:

A visão que eu tive era inteiramente medonha!
Os céus gritaram, a terra agitou-se ruidosamente;
A luz do dia falhava, a escuridão sobreveio.
O relâmpago faiscou, uma chama disparou.
As nuvens avolumaram-se, chovia morte!

Depois a incandescência esvaiu-se; o fogo extinguiu-se.
E tudo o que caíra se tornou cinzas.

Não é preciso ter muita imaginação para ver nestes poucos versos uma antiga versão do testemunho do lançamento de um foguete. Primeiro, o tremendo baque quando os motores do foguete se ligaram ("os céus gritaram"), acompanhado por um notável estremecimento do solo ("a terra agitou-se ruidosamente"). Nuvens de fumo e pó envolveram o local de lançamento ("a luz do dia falhou, a escuridão sobreveio"). Depois, o brilho dos motores acionados surgiu ("o relâmpago faiscou"); à medida que o foguete começava a subir em direção aos céus, "uma chama disparou". A nuvem de poeira e destroços "aumentou" em todas as direções; depois, à medida que começava a descer, "chovia morte!". Agora a nave estava lá no alto, riscando o céu em direção aos deuses ("a incandescência desvaneceu-se, o fogo extinguiu-se"). O foguete desapareceu de vista e os destroços "que caíram tornaram-se cinzas".
Apavorado com o que via, e, no entanto, mais determinado que nunca a chegar a seu destino, Gilgamesh apelou uma vez mais para Shamash para que o protegesse e apoiasse. Ultrapassando um "monstruoso guarda", alcançou a montanha de Mashu, onde se podia ver Shamash "levantar-se para a residência do céu".
Agora, estava próximo do seu primeiro objetivo, o "lugar onde os shem's são erguidos". Mas a entrada para o local, aparentemente penetrando a montanha, estava guardada por destemidos guardas:

O seu terror é pavoroso, o seu olhar é morte.
O seu cintilante foco de luz varre as montanhas.
Eles vigiam Shamash.
Enquanto ele ascende e descende.

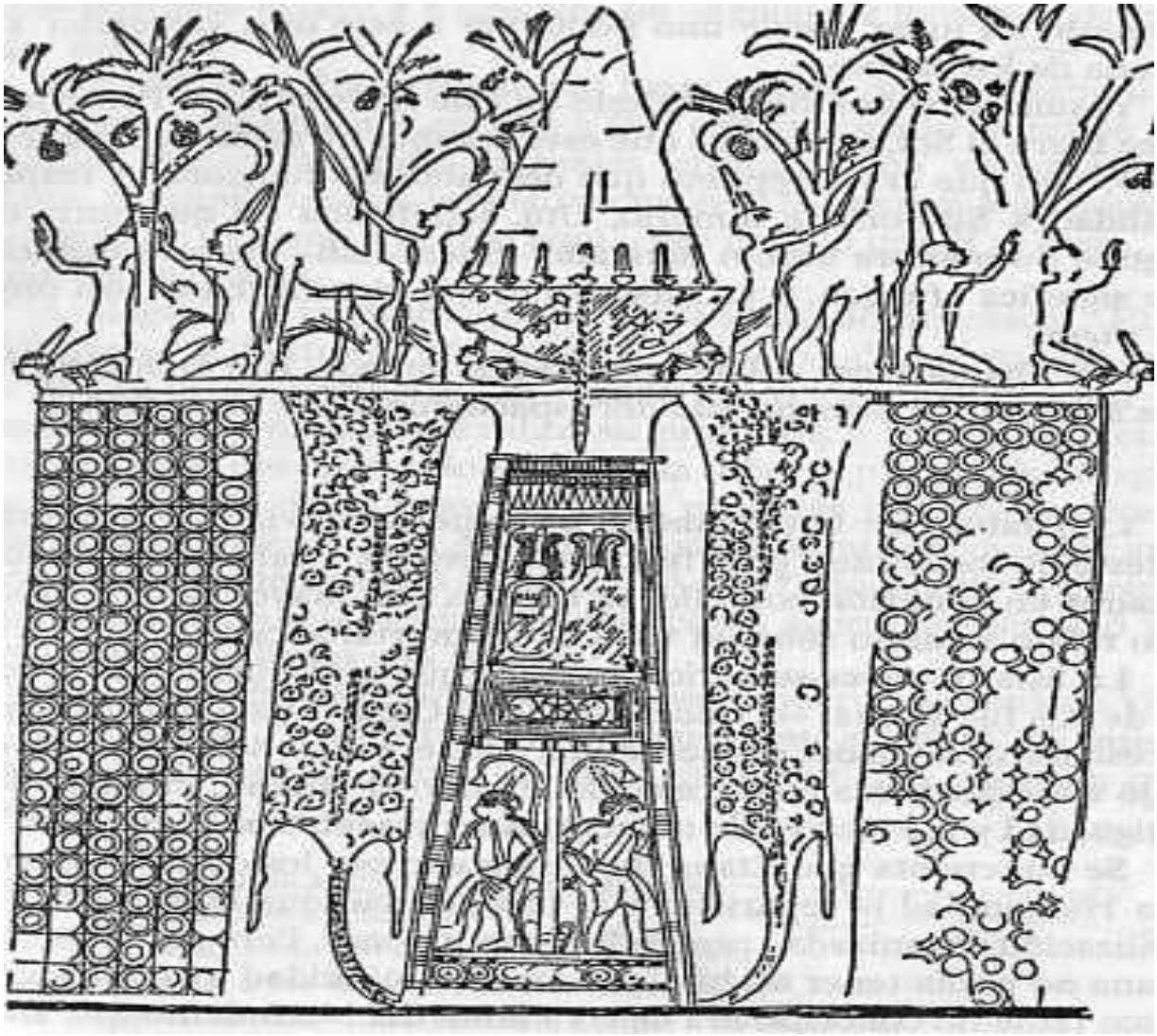
Uma representação em selo (fig. 76) mostrando Gilgamesh (segundo da esquerda) e o seu companheiro Enkidu (extrema direita) pode bem descrever a intercessão de um deus junto de um dos guardas semelhantes a autômatos que podiam varrer a área com focos luminosos e emitir raios mortais. A

descrição traz à mente a afirmação do livro do Gênesis, segundo a qual Deus colocara a "espada giratória" à entrada do Jardim do Éden para bloquear seu acesso aos humanos.

Quando Gilgamesh explicou sua origem parcialmente divina, o objetivo da sua viagem ("desejo interrogar Utnapishtim sobre a vida e a morte") e o fato de seguir caminho com o consentimento de Utu/Shamash, os guardas permitiram-lhe continuar.
Seguindo "ao lado da rota de Shamash", Gilgamesh encontrou-se na mais completa escuridão; "não vendo nada à frente ou atrás", gritou em pânico. Viajando durante muitos beru (uma unidade de tempo, distância ou o arco dos céus), continuou submerso em escuridão. Finalmente, "quando atingiu doze beru, a luz nasceu".
O texto danificado e borrado situa depois Gilgamesh chegando a um magnífico jardim onde as árvores e os frutos estavam cravejados de pedras semi-preciosas. Utnapishtim residia ali. Colocando seu problema a seu antecessor, Gilgamesh recebeu uma resposta desapontadora: "O homem, disse Utnapishtim, não pode escapar a seu mortal destino". No entanto, ofereceu a Gilgamesh um meio de adiar a morte, revelando-lhe a localização da Planta da Juventude - "O homem torna-se jovem na velhice", tal como a planta era chamada. Triunfante, Gilgamesh obteve a planta. Mas, tal como o destino queria, ele perdeu-a loucamente no caminho de regresso e voltou de mãos vazias a Uruk.

Colocando de lado os valores literários e filosóficos do conto épico, a história de Gilgamesh interessa-nos aqui, principalmente, por seus aspectos "aeroespaciais". O shem de que Gilgamesh teve necessidade para alcançar o domicílio dos deuses era, indubitavelmente, uma nave-foguete, cujo lançamento ele avistara quando se aproximou do "local de aterrissagem". Os foguetes, parece, estavam dentro de uma montanha, e a área era uma zona bem vigiada e restrita.

Nenhuma representação pictórica de Gilgamesh veio até agora à luz do dia. Mas um desenho encontrado no túmulo de um governador egípcio de uma longínqua terra mostra uma cápsula de foguete sob o solo num local onde crescem árvores de época. A cápsula é claramente armazenada sob o solo, num silo feito pelo homem, construído com segmentos tubulares e decorado com peles de leopardo.



Muito ao modo dos modernos desenhistas, os antigos artistas mostram o silo subterrâneo em corte transversal, no qual se pode ver os compartimentos do foguete. O compartimento inferior mostra dois homens rodeados de tubos curvos, Sobre eles há três painéis circulares. Comparando o tamanho da cápsula - o ben-ben - com o tamanho dos dois homens no interior do foguete, é evidente que a cápsula, equivalente ao sumério mu, a "celestial câmara", podia facilmente transportar um ou dois operadores ou passageiros.
TIL.MUN era o nome da terra para onde Gilgamesh viajou. O nome significa literalmente "terra dos mísseis", Nesta terra os shem's eram erguidos, uma terra sob a autoridade de Utu/Shamash, um local onde se podia ver este deus "erguer-se até a residência dos céus".
E embora o correspondente celestial deste membro do Panteão de Doze fosse o Sol, nós sugerimos que seu nome não significasse "Sol ", mas fosse antes um epíteto descrevendo as suas funções e responsabilidades. Seu nome sumério Utu queria dizer "ele que brilhantemente entra". Seu derivado nome acádio, Shem-Esh, era mais explícito: Esh significa "fogo"; e nós sabemos agora o que é que shem significava originalmente.
Utu/Shamash era "o das naves-foguetes faiscantes", Ele era, sugerimos, o comandante do porto espacial dos deuses.

O papel de comando de Utu/Shamash em assuntos de viagens para o domicílio celeste dos deuses e as funções desempenhadas pelos seus subordinados nesta conexão são abordados com mais pormenores em mais de um conto sumério de uma jornada às alturas empreendida por um mortal.
As listas de reis informam-nos que o 13º. governante de Kish era Etana, "aquele que aos céus ascendeu". Este breve depoimento não precisava de elaboração, uma vez que o conto do rei mortal que viajou até aos mais altos céus era bem conhecido por todo o antigo Oriente Médio e era objeto de numerosas representações em selos.
Etana, dizem-nos, foi designado pelos deuses para trazer à humanidade a segurança e a prosperidade que a monarquia, uma civilização organizada, devia fornecer. Mas Etana, ao que parece, não podia assumir a paternidade de um filho que lhe continuaria a dinastia. O único remédio conhecido era uma certa Planta do Nascimento que Etana só podia obter colhendo-a nas alturas.

Tal como Gilgamesh mais tarde, Etana voltou-se para Shamash para obter permissão e assistência. Como revela a epopéia, torna-se claro que Etana pedia a Shamash um shem!

Ó senhor, possa tua palavra realizar isso!
Concede-me a Planta do Nascimento!
Mostra-me a Planta do Nascimento!
Retira minha deficiência!
Faz para mim um shem!

Lisonjeado pelas orações e mantido pelos carneiros dos sacrifícios, Shamash concorda em aceder ao pedido de Etana e fornecer-lhe um shem. Mas em vez de lhe falar de um shem, Shamash diz a Etana que uma "águia" o levará até ao local celestial desejado.
Dirigindo Etana até o fosso onde a águia fora colocada, Shamash informou-a antes do tempo da missão a cumprir. Trocando mensagens críticas com "Shamash, seu senhor", a águia foi assim instada: "Um homem eu mandarei para ti; ele tomará tua mão... leva-o daqui... faz o que quer que ele diga. .. faz como eu digo".
Chegando à montanha que lhe fora indicada por Shamash, "Etana viu o fosso", e, dentro dele, "estava a águia". "Ao comando do valente Shamash", a águia entrou em comunicações com Etana. Uma vez mais, Etana explicou seu fim e destino, e, logo depois, a águia começou a ensinar a Etana o processo de "levantar a águia de seu fosso". As duas primeiras tentativas falharam, mas, à terceira, a águia ergueu-se corretamente. Quando o dia nasceu, a águia anunciou a Etana: "Meu amigo... para cima, até ao céu de Anu eu te transportarei!" Ensinando-lhe como parar a nave, a águia levantou vôo e eles ficaram no alto, subindo rapidamente.
Como que relatado por um moderno astronauta observando o afastamento da terra à medida que sua nave-foguete se ergue, o antigo contador de histórias descreve o modo como a terra ia ficando cada vez menor aos olhos de Etana:

Quando já o elevara um beru no alto,
A águia diz-lhe, a Etana:

Vê, meu amigo, como a terra aparece!
Examina o mar dos lados da casa da montanha:
A terra tinha-se, realmente, tornado num mero monte,
O largo mar é apenas uma bacia.

Quanto mais alto se erguia a águia, tanto menor se tornava a terra. Quando se tinham já elevado um segundo beru, a águia disse:

Meu amigo,
Lança um olhar e vê como aparece a terra!
A terra tornou-se um único sulco,
O largo mar é apenas um cesto de pão...
Quando já o elevara um terceiro beru,
A águia diz-lhe, a Etana:
Vê, meu amigo, como a terra aparece!
A terra tornou-se uma vala de jardineiro!

E depois, enquanto ascendiam, a terra ficou subitamente fora de vista.

Enquanto relanceava meu olhar, a terra desaparecera,
E sobre o largo mar minha vista não se podia já alongar.

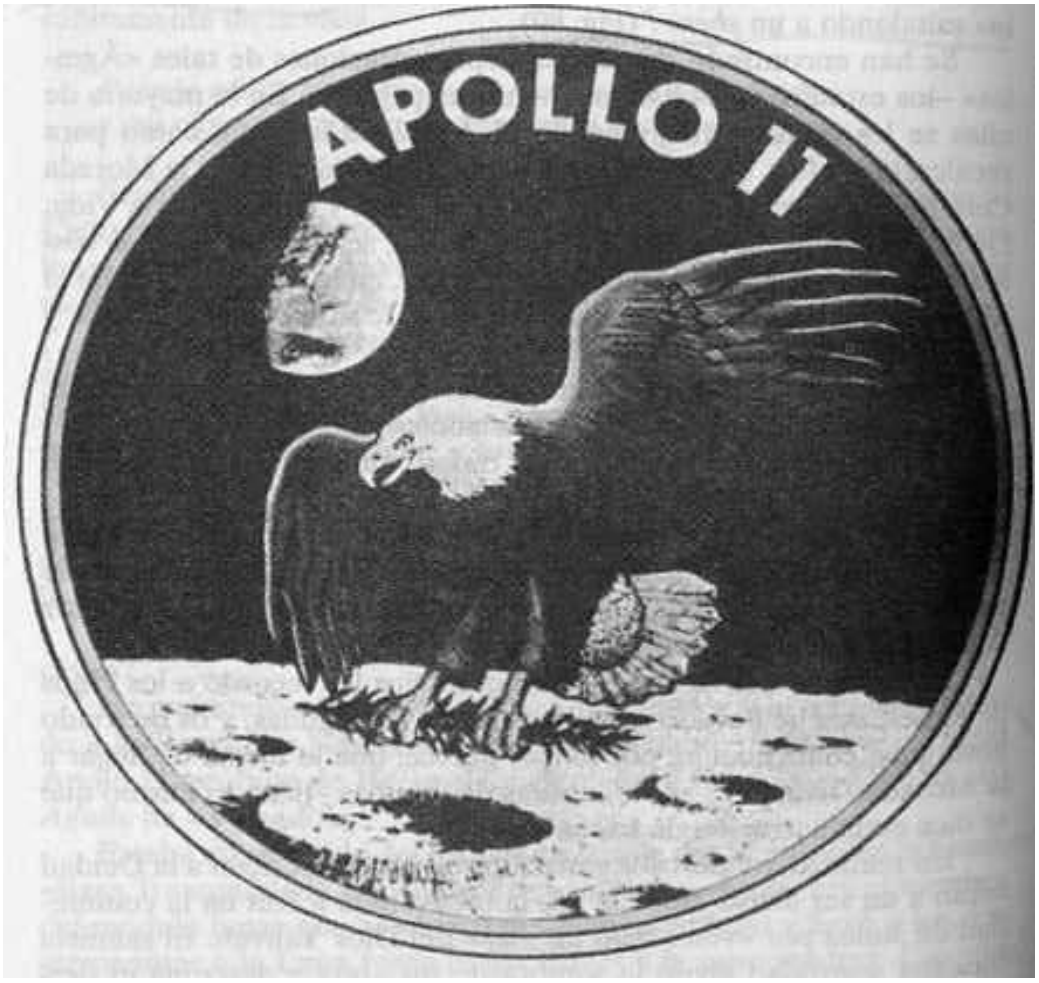
De acordo com uma versão deste conto, a águia e Etana alcançaram o céu de Anu. Mas outra versão afirma que Etana ficou gelado de medo quando deixou de ver a terra, e ordenou à águia que mudasse o curso e "mergulhasse" na terra.
Uma vez mais, encontra:mos um paralelo bíblico para tão invulgar relato de observação aérea da terra a grande distância. Exaltando o Senhor Javé, o profeta Isaías disse: "É ele que se senta sobre o círculo da terra, e os habitantes vistos daí parecem insetos".
O conto de Etana informa-nos que ele, procurando um shem, tinha de comunicar com uma águia dentro de um fosso. Uma descrição de selo mostra uma alta estrutura alada (uma torre de lançamento?) sobre a qual uma águia levanta vôo.

Que ou quem era a águia que levou Etana até os distantes céus?

Não podemos impedir-nos de associar o antigo texto com a mensagem transmitida à terra, em julho de 1969, por Neil Armstrong, comandante da Missão Apolo 11: "Houston! Aqui mar da Tranqüilidade! A Águia aterrissou!”

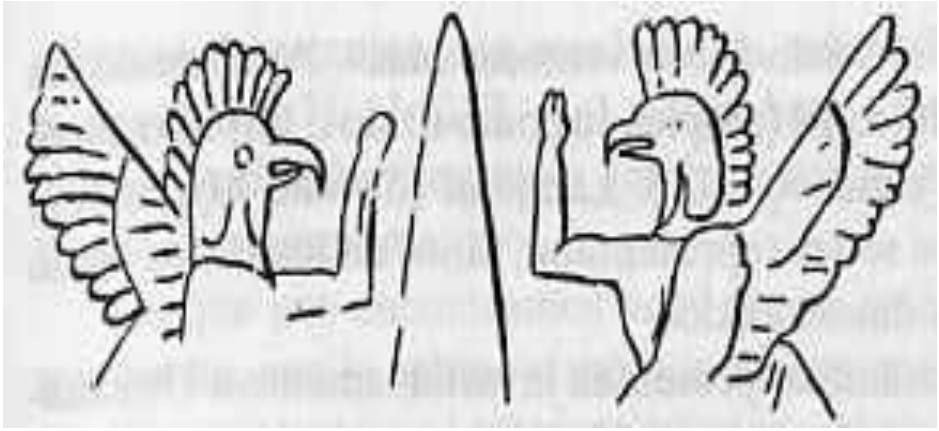
Ele relatava a primeira aterrissagem do homem na Lua. O "mar da Tranqüilidade" era o local de aterrissagem; Águia era o nome do módulo lunar que se separou do foguete e levou no seu interior os dois astronautas até a Lua (e depois de volta à nave-mãe). Quando o módulo lunar se separou pela primeira vez para iniciar seu próprio vôo na órbita lunar, os astronautas disseram à Missão de Controle em Houston: "A Águia tem asas".

Mas "Águia", podia também designar os astronautas que tripulavam a missão. Na Missão Apollo 11, a "águia" era também o símbolo dos próprios astronautas, que o usavam como emblema em seus uniformes. Tal como no conto de Etana, também eles eram "águias" que podiam voar, falar e comunicar.

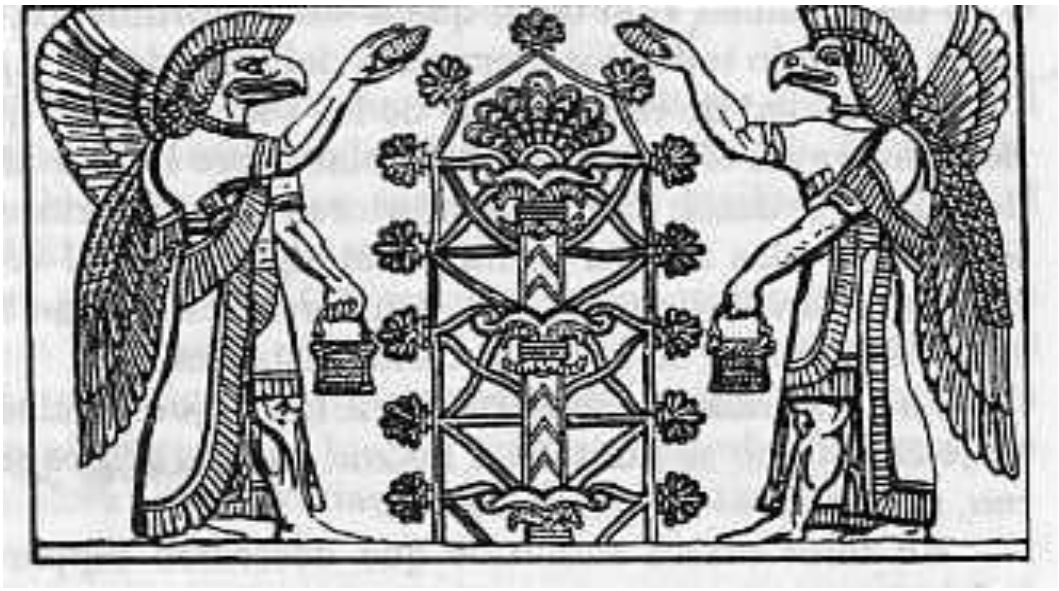


Como podia um antigo artista ter representado os pilotos das naves dos deuses? Poderia ele, por alguma obra do acaso, tê-los representado como águias?

Foi exatamente isto que nós descobrimos. Um selo assírio gravado, datado de cerca do ano 1.500 a.C., mostra dois "homens-águias" saudando um shem!



Foram encontradas numerosas representações destas "águias" - os eruditos chamam-lhes "homens-pássaros". Muitas representações mostram-nos flanqueando a Árvore da Vida, como que para realçar que eles, nos seus shem's, forneciam a ligação com a residência celestial onde o Pão da Vida e a Água da Vida seriam encontrados. De fato, a representação comum dos águias mostra-os segurando numa mão o Fruto da Vida e na outra a Água da Vida, em completa conformidade com os contos de Adapa, Etana e Gilgamesh.

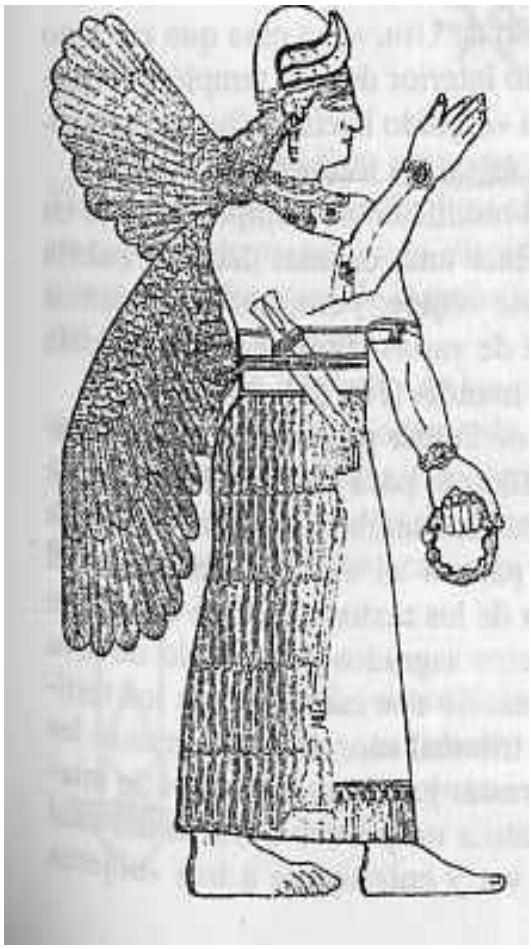


As muitas representações destes águias mostram claramente que não se tratava de seres monstruosos, "pássaros-homens", mas de seres antropomórficos usando roupas ou uniformes que lhes davam a aparência de águias.

O conto hitita com respeito ao deus Telepinu, que desaparecera, relata que os "grandes deuses e os deuses inferiores começaram à procura de Telepinu" e "Shamash enviou uma veloz águia" para o encontrar.

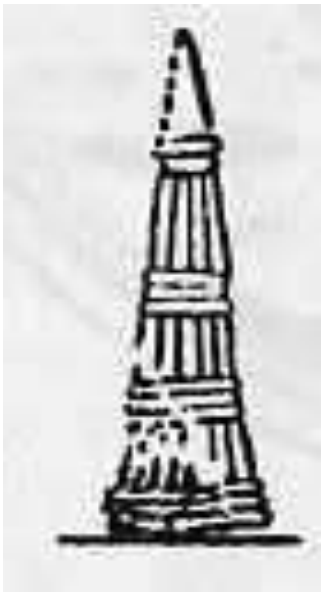
No livro do Êxodo, diz-se que Deus lembrou às crianças de Israel: "Eu trouxe-vos sobre as asas das águias e transportei-vos até mim", confirmando, ao que parece, que a via para alcançar a divina residência passava por sobre as asas das águias, tal como relata o conto de Etana. Na verdade, numerosos versos bíblicos descrevem a divindade como um ser alado. Boaz deu as boas-vindas a Ruth e à comunidade judaica como "tendo vindo sob as asas" do

Deus Javé. O salmista procurou segurança "sob a sombra das asas" do Senhor e descreveu a descida dele dos céus. "Ele montou um querubim e partiu voando; Ele pairou nos ares sobre asas de vento." Analisando as similitudes entre o bíblico El (empregado como título ou termo genérico para a deidade) e o cananita El, S. Langdon (Mitologia Semita) demonstra que ambos eram representados, em textos e em moedas, como deuses alados.
Os textos mesopotâmicos apresentam, invariavelmente, Utu/Shamash como o deus encarregado do local de aterrissagem dos shem's e das águias. E tal como seus subordinados, por vezes ele aparecia envergando com todo o esplendor uma veste de águia.



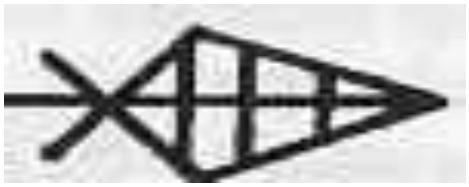
No exercício de tal capacidade, ele podia conceder aos reis o privilégio de "voar nas asas dos pássaros" e de se "erguer desde os mais baixos céus até as mais supremas alturas". E quando era lançado ao alto num foguete faiscante, "atingia distâncias desconhecidas, durante horas sem conta". Adequadamente, "sua rede era a terra, sua teia, os longínquos céus".

A terminologia suméria para objetos relacionados com viagens celestiais não estava limitada aos me's que os deuses envergavam ou aos mu's, seus "carros" de forma cônica.
Os textos sumérios, descrevendo Sippar, relatam que possuía uma parte central escondida e protegida por poderosas paredes. Dentro destas paredes estava o templo de Utu, "uma casa que é como uma casa dos céus". Num pátio interior do templo, protegido também por altos muros, ficava "erigido em direção ao alto, o poderoso APIN" ("um objeto que abre caminho através", de acordo com os tradutores).
Um esboço encontrado no monte do templo de Anu em Uruk representa tal objeto. Teríamos tido dificuldade há algumas décadas em adivinhar de que objeto se tratava; hoje, sabemos que é um foguete espacial de múltiplos andares, no topo do qual descansa o cônico mu, ou cabina de comando.



A prova de que os deuses da Suméria possuíam não só "câmaras voadoras" para deambular pelos céus da terra, mas também naves-foguetes espaciais de múltiplos andares surge também do exame de textos que descrevem os objetos sagrados no templo de Utu em Sippar. Dizem-nos que às testemunhas na suprema corte suméria era requerido um juramento prestado num pátio interior, em que eles, através de um portão, podiam ver e estar na frente de três "divinos objetos". Tinham o nome de "esferas douradas" (a cabina da tripulação?), de GIR, e as alikmahrati - um termo que significava,

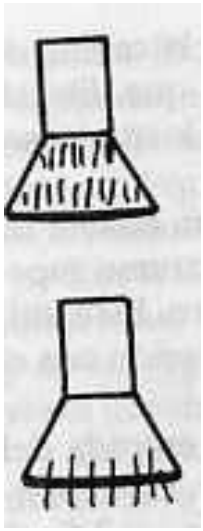
literalmente, "acelerador que faz andar a nave", ou aquilo a que nós chamamos uma máquina, um motor.
O que ressalta daqui é uma referência a uma nave-foguete de três partes, com a cabina ou módulo de comando no topo, os motores em baixo e o gir no meio. Este último termo foi usado extensivamente em relação à noção de vôo espacial. Os guardas que Gilgamesh encontrou à entrada do local de aterrissagem de Shamash tinham o nome de homens-giro. No templo de Ninurta, a sagrada ou a muito guardada área interior era chamada GIR.SU ("onde o gir é acionado").
Gir, reconhece-se de modo geral, é um termo usado para descrever um objeto de pontas agudas. Um olhar mais profundo ao signo pictórico para gir fornece uma melhor compreensão da natureza "divina" do termo; por aquilo que vemos, trata-se de um objeto longo, em forma de seta, dividido em várias partes ou compartimentos:



Que o mu podia flutuar nos céus da terra por si próprio, ou voar por sobre os solos da Terra quando associado a um gir, ou tornado em módulo de comando no topo de um apin de múltiplos andares, é testemunho nítido da ingenuidade da engenharia dos deuses da Suméria, os deuses do céu e da terra.
Uma vista de olhos pelos pictografismos não deixa dúvidas de que quem quer que desenhasse estes sinais estava familiarizado com as formas e objetivos de foguetes com caudas de chamas de fogo, veículos semelhantes a mísseis e "cabinas" celestiais.
Finalmente, lancemos uma vista de olhos pelo signo pictográfico sumério para "deuses". O termo é uma palavra dissilábica, DIN.GIR. Já vimos qual era o símbolo GIR; um foguete de dois andares com estabilizadores. DIN, a primeira sílaba, significava "justo", "puro", "brilhante". Em conjunto, então, DIN.GIR tal como "deuses" ou "seres divinos" levam ao significado

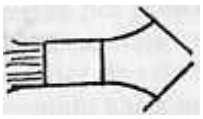
facilmente traz ao espírito a idéia de um motor a jato expelindo chamas da cauda e cuja parte da frente está aberta, para nossa confusão. Mas a confusão redunda em estupefação se "soletrarmos" dingir combinando os dois pictografismos. A cauda do gir com estabilizadores entra perfeitamente na abertura da frente do din.

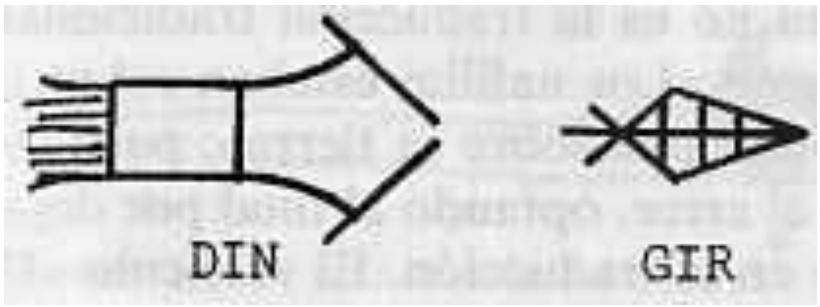
KA.GIR (“boca do foguete”) mostrava um gir equipado de estabilizadores, ou foguete, dentro de um recinto subterrâneo semelhante a um dardo.

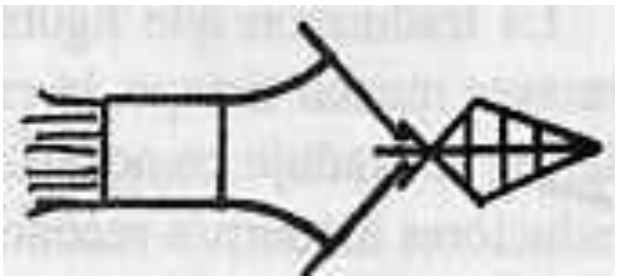


O primeiro era ESH (“celestial residência”), a câmara ou módulo de comando de um veículo espacial.
O segundo era ZIK (“ascender”), um módulo de comando levantando vôo?

“Os justos, dos brilhantes objetos pontiagudos”, ou, mais explicitamente, “os puros dos foguetes resplandecentes”.

O signo pictográfico para din era este:  que facilmente traz ao espírito a idéia de um motor a jato expelindo chamas da cauda e cuja parte da frente está aberta, para nossa confusão. Mas a confusão redunda em estupefação se “soletrarmos” dingir combinando os dois pictografismos. A cauda do gir com estabilizadores entra perfeitamente na abertura da frente do din.





O espantoso resultado é uma gravura de nave espacial propulsionada por um foguete com uma nave de aterrissagem perfeitamente incorporada tal como o módulo lunar que estava incorporado à nave espacial Apollo 11. É, na verdade, um veículo de três estágios em que cada parte se ajusta exatamente à seguinte: a parte da propulsão, contendo os motores, a seção intermediária, contendo reservas e equipamento e a cilíndrica "câmara do céu", abrigando pessoas chamadas dingir - os deuses da Antiguidade, os astronautas de há milênios.

Poderão subsistir dúvidas de que os povos antigos, ao chamar suas deidades "deuses do céu e da terra", queriam dizer literalmente que eles tinham vindo de algum lugar para a terra, descendo dos céus?

A evidência acerca dos antigos deuses e seus veículos, já longamente exposta à apreciação, não deixa dúvidas de que eles eram realmente seres vivos de carne e osso, literalmente gente que desceu à terra vinda dos céus.
Até os antigos compiladores do Antigo Testamento, que dedicaram a Bíblia a um único Deus, acharam necessário manifestar a presença sobre a terra em tempos remotos de tais criaturas divinas.
A seção enigmática, um horror para tradutores e teólogos, constitui o início do capítulo VI do Gênesis. Está interposta entre o retrospecto sobre a expansão do gênero humano ao longo das gerações após Adão e a história da desilusão divina com a humanidade que precedeu o dilúvio. Afirma-se aí, inequivocamente, que naquele tempo:

Os filhos dos deuses,
Viram as filhas dos homens, elas estavam bem;
E eles levaram-nas como esposas,
De todas as que escolheram.

As implicações destes versos e os paralelos com os contos sumérios de deuses de seus filhos e netos, e da prole semi-divina resultante da coabitação entre os deuses e mortais, acumula-se à medida que continuamos a ler os versos bíblicos:

Os Nefilim estavam sobre a terra,
Naqueles dias e depois também,
Quando os filhos dos deuses
Viviam com as filhas de Adão,
E elas lhes deram filhos.
Eles eram os poderosos filhos da Eternidade –
O povo do shem.

A tradução acima citada não é a tradicional. Durante muito tempo, a expressão "Os Nefilim estavam sobre a terra" foi traduzida como "Havia gigantes sobre a terra", até que os tradutores mais recentes, reconhecendo o erro, recorreram simplesmente ao expediente de deixar o termo hebraico

intacto na tradução. O verso "o povo do shem", como se poderia esperar, foi entendido como "o povo que tem um nome" e, deste modo, "o povo de renome". Mas como já estabelecemos, o termo shem deve ser tomado em seu significado original, um foguete, uma nave espacial.

Então, que quer dizer o termo "Nefilim"? Derivado da palavra de raiz semita NFL ("a ser lançado"), significa literalmente isso, ou seja, aqueles que foram lançados para a terra!

Teólogos contemporâneos e eruditos da Bíblia tiveram tendência a evitar os versos problemáticos. Para isso, elaboraram uma tentativa de explicação alegórica ou então, muito simplesmente, ignoraram esses versos. Mas os escritos judeus da época do Segundo Templo reconheceram nestes versos os ecos de antigas tradições de "anjos malditos". Alguns dos antigos trabalhos acadêmicos mencionam até os nomes destes seres divinos "que caíram do céu e estavam na terra naqueles dias": Sham-Hazzai ("a atenção do shem"), Uzza ("poderoso") e Uzi-El ("poder de Deus").

Malbim, um comentador bíblico de renome do século 19, reconheceu estas antigas raízes e explicou que “em tempos remotos os governadores de regiões eram os filhos das deidades que chegaram à terra vindos dos céus, e governaram a terra, e casaram com as filhas do homem; e sua prole incluía heróis e pessoas poderosas, princesas e soberanos". Estas histórias, diz Malbim, eram de deuses pagãos, "filhos de deidades que em tempos imemoriais caíram das alturas sobre a terra... é por isso que eles chamaram a si próprios 'Nefilim'", ou seja, "Aqueles que se arruinaram".

Não levando em conta as implicações teológicas, o significado literal e original dos versos não nos pode escapar: os filhos dos deuses que vieram para a terra, do alto dos céus, eram os Nefilim.

E os Nefilim eram o povo do Shem - povo das naves-foguetes. Daqui em diante, chama-los-emos pelo seu nome bíblico.

6
O Décimo Segundo Planeta

A sugestão de que a Terra foi visitada por seres inteligentes vindos de outros lugares postula a existência de outro corpo celestial sobre o qual os seres inteligentes estabeleceram uma civilização mais avançada que a nossa.
A especulação sobre a possibilidade da visita de seres inteligentes à Terra vindos de alguma outra parte estabeleceu como seu lugar de origem planetas como Marte e Vênus. No entanto, agora que está provado que estes dois vizinhos planetários da Terra não possuem nem vida inteligente nem uma civilização avançada, aqueles que acreditam na visita à Terra olham para as outras galáxias e estrelas distantes como pátria destes astronautas extraterrestres.
A vantagem destas sugestões é que, enquanto não podem ser provadas, também não podem ser desacreditadas. A desvantagem é que estes “lares" sugeridos ficam a distâncias fantásticas da Terra, sendo necessários anos e anos de viagem à velocidade da luz para os alcançar. Os autores destas sugestões postulam, assim, viagens de sentido único à Terra: uma equipe de astronautas numa missão-sem-retorno, ou, talvez uma nave espacial perdida e fora de controle, aterrissando de emergência sobre a Terra.
Esta não é, com toda a certeza, a noção suméria da celestial residência dos deuses.
Os sumérios aceitaram a existência de tal "residência celestial", "um local puro", "uma primeva residência". Enquanto Enlil, Enki e Ninhursag foram para a Terra e aí construíram seu lar, seu pai Anu permaneceu na residência celestial como seu governante. Não só referências ocasionais, mas também detalhadas "listas de deuses" nomeiam realmente 21 casais divinos da dinastia que precedeu Anu no trono do "puro lugar".
O próprio Anu reinou sobre uma corte de grande esplendor e extensão. Tal como Gilgamesh relatou (e o livro de Ezequiel confirmou), era um lugar com um jardim artificial completamente esculpido de pedras semi-preciosas. Aí Anu residiu com sua esposa oficial Antu e mais seis concubinas, oitenta descendentes (dos quais catorze eram de Antu), um primeiro-ministro, três

comandantes encarregados dos mu's (naves espaciais), dois comandantes das armas, dois grandes mestres do conhecimento escrito, um ministro das Finanças, dois chefes da Justiça, dois "que com o seu som impressionam", dois chefes escribas com cinco escribas assistentes.
Os textos mesopotâmicos referem constantemente a magnificência do domicílio de Anu e os deuses e as armas que guardavam seu portão. O conto de Adapa relata também que o deus Enki, tendo fornecido a Adapa um shem:

Fê-lo tomar a estrada para o céu,
E para o céu ele subiu.
Quando ele ascendera ao céu,
Aproximou-se do portão de Anu.
Tammuz e Gizzida montavam guarda
Ao portão de Anu.

Guardada pelas armas divinas SHAR.UR ("caçador real") e SHAR.GAZ ("real assassino"), a sala do trono de Anu era o local da assembléia dos deuses. Nestas ocasiões, um estrito protocolo governava a ordem de entrada e lugares:

Enlil entrou na sala do trono de Anu,
Senta-se no lugar da justa tiara,
À direita de Anu.
Ea entra [na sala do trono de Anu],
Senta-se no lugar da sagrada tiara,
À esquerda de Anu.

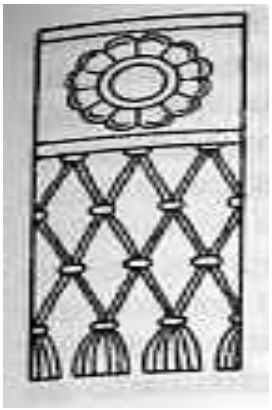
Os deuses do céu e da terra do antigo Oriente Médio não só são originários dos céus, como podiam também regressar à residência celestial. Anu, numa ocasião, desceu à Terra em visitas de estado; Ishtal reuniu-se no alto com Anu pelo menos duas vezes. O centro de Enlil em Nippur estava equipado com o "elo céu-terra". Shamash estava encarregado das águias e do local de lançamento das naves espaciais. Gilgamesh subiu ao Local da Eternidade e

regressou a Uruk. Adapa também fez a viagem e regressou para contar tudo; e assim o fez o bíblico rei de Tiro.
Um grande número de textos mesopotâmicos tratam da Apkallu, um termo acádio derivado do sumério AB.GAL ("o grande que conduz" ou "senhor que aponta o caminho"). Um estudo de Gustavo Guterbock (Die Historische Tradition und Ihre Literarische Gestaltung bei Babylonier und Hethiten) [A Tradição Histórica e a Sua Forma Literária entre os Babilônios e os Hititas] assegura que estes são os "homens-pássaros" representados como águias, como já mostramos. Os textos que falavam dos seus feitos dizem de um que de "fez descer Inanna dos céus, para o templo E-Anna ele a fez descer". Esta e outras referências indicam que estes Apkallu eram os pilotos das naves dos Nefilim.
Viagens de dois sentidos eram não só possíveis, como planejadas em primeiro lugar, uma vez que nos é dito que, tendo decidido estabelecer na Suméria o portão dos deuses (Babili), o chefe dos deuses explica:

Quando à fonte primeva
Para a assembléia vocês ascenderem,
Aí haverá um lugar de repouso para a noite
Para vos receber a todos.
Quando dos céus para a assembléia vocês descerem,
Aí haverá um lugar de repouso para a noite para vos receber a todos.

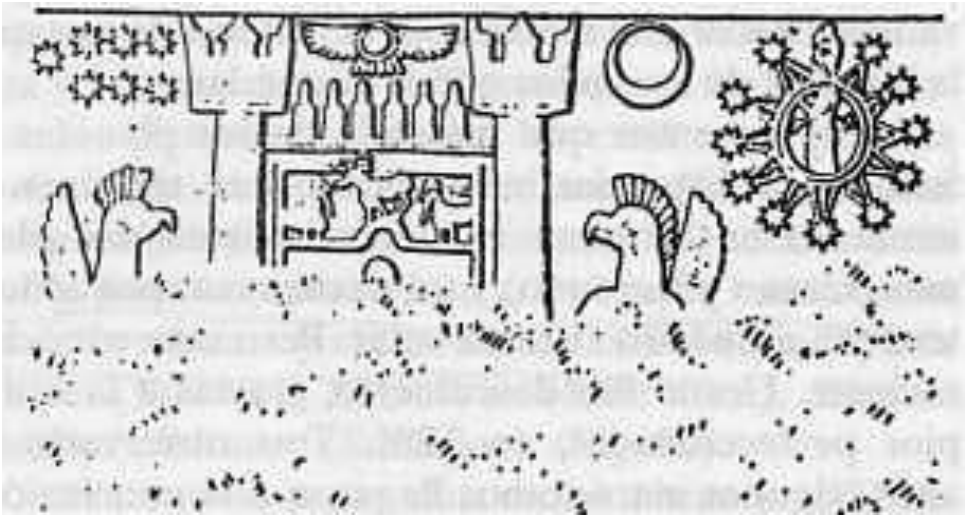
Compreendendo que estas viagens de dois sentidos entre a Terra e a residência celestial eram não só planejadas, como praticadas, o povo da Suméria não exilou seus deuses para distantes galáxias. O domicílio dos deuses, revela-nos o legado sumério, estava dentro do nosso próprio sistema solar.
Vimos Shamash no seu uniforme oficial como comandante das águias. Em cada um de seus pulsos ele usa um objeto que lembra um relógio, mantido em posição por fivelas de metal. Outras descrições das águias revelam que todos os importantes usavam tais objetos. Se eram eles puramente decorativos ou se serviriam para algum útil fim, não sabemos. Mas todos os

acadêmicos estão de acordo que os objetos representam rosáceas - um aglomerado circular de "pétalas" irradiando de um ponto central.



A rosácea era o símbolo decorativo mais comum de templos em todas as terras antigas, predominantemente na Mesopotâmia, Ásia Ocidental, Anatólia, Chipre, Creta e Grécia. É opinião geralmente aceita que a rosácea como símbolo de templo era uma expansão ou estilização de um fenômeno celestial: um sol rodeado por seus satélites. O fato de os antigos astronautas usarem este símbolo em seus pulsos dá ainda mais credibilidade a esta opinião.

Uma representação assíria do portão de Anu na celestial residência confirma a antiga familiaridade com um sistema celestial análogo ao do nosso Sol e seus satélites. O portão de Anu na celestial residência é flanqueado por duas águias, indicando que eram necessários seus serviços para atingir tal local. O Globo Alado, o supremo emblema divino, assinala o portão. Ele é ladeado ainda pelos símbolos divinos do número sete e do crescente lunar representando (acrescentamos nós) Anu ladeado por Enlil e Enki.



Onde estão os corpos celestiais representados por estes símbolos? Onde está a residência celestial? O artista antigo responde com mais uma representação, desta vez de uma grande deidade celestial lançando seus raios para onze corpos celestes menores que a circundam. Um sol em cuja órbita gravitam onze planetas.

A reprodução de outras descrições em selos cilíndricos como este, em exposição no Museu do Antigo Oriente Médio, em Berlim, provam facilmente que esta não foi uma representação isolada.

Quando se aumenta o deus central ou corpo celeste no selo de Berlim, vê-se uma grande estrela emitindo raios, rodeada por sete corpos celestes, os planetas. Estes, por sua vez, repousam numa cadeia de 24 globos menores.

Tratar-se-á apenas de uma coincidência que o número de todas as "luas" ou satélites dos planetas de nosso sistema solar (os astrônomos excluem aqueles com dezesseis quilômetros ou menos de diâmetro) seja também exatamente 24?

Agora, claro, há uma boa razão para reivindicar que estas representações (um sol com onze planetas) reproduzem o nosso sistema solar, uma vez que os estudiosos nos dizem que o sistema planetário, do qual a Terra faz parte, compreende o Sol, a Terra e a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão. Isto perfaz a quantidade de um Sol e apenas dez planetas (se contarmos a Lua também como planeta).
Mas não é isso que os sumérios dizem. Eles afirmam que nosso sistema é constituído pelo Sol e mais onze planetas (contando a Lua) e defendem firmemente a opinião de que, para além dos planetas hoje conhecidos, existiu um décimo segundo membro do sistema solar - o planeta pátria dos Nefilim.
A este chamaremos Décimo Segundo Planeta.

Antes de verificarmos a exatidão das informações sumérias, passemos em revista a história do nosso próprio conhecimento da terra e dos céus que a circundam.

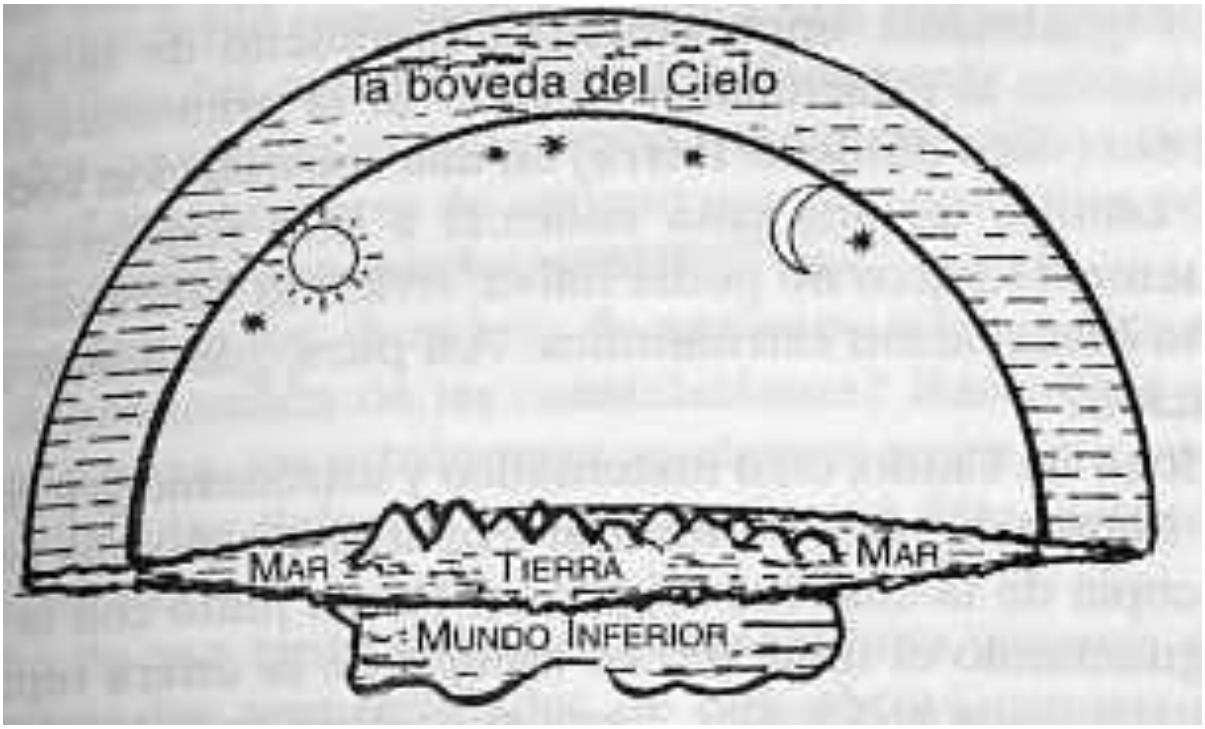
Sabemos hoje que, para além dos gigantescos planetas Júpiter e Saturno, a distâncias insignificantes em termos de universo, mas imensas à dimensão humana, mais dois grandes planetas (Urano e Netuno) e um terceiro pequeno (Plutão) pertencem a nosso sistema solar. Mas este conhecimento é bastante recente. Urano foi descoberto por meio do uso de telescópios aperfeiçoados em 1781. Depois de o observarem durante cerca de cinqüenta anos, alguns astrônomos chegaram à conclusão de que sua órbita revelava a influência de outro planeta ainda. Guiado por estes cálculos matemáticos, o planeta desaparecido, chamado Netuno, foi detectado pelos astrônomos em 1846. Depois, por volta do fim do século 19, tornou-se evidente que mesmo Netuno estava sujeito a uma atração gravitacional. Haveria então outro planeta em nosso sistema solar? O quebra-cabeça foi solucionado em 1930 com a observação e localização de Plutão.

Até 1780 pois, e durante séculos antes desta data, acreditou-se que havia sete membros do nosso sistema solar: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte Júpiter e Saturno. Nosso planeta não era contado como tal, uma vez que se acreditava que outros corpos celestes circundavam a Terra, o mais importante corpo celestial criado por Deus sobre o qual vivia a mais importante criação de Deus - o homem.

Nossos manuais dão geralmente a Nicolau Copérnico o crédito de ter descoberto que a Terra é apenas um dos vários planetas num sistema heliocêntrico (centrado no Sol). Temendo a ira da Igreja Católica por contestar a posição central da Terra, Copérnico publicou seu estudo (De Revolutionibus Orbium Coelestium) [Das Revoluções dos Mundos Celestes}, apenas quando se encontrava já no seu leito de morte em 1543.

Levado a examinar as pistas legadas por seculares conceitos astronômicos primeiramente pelas necessidades navegatórias da Idade das Descobertas e pelas descobertas de Colombo (1492), Magalhães (1520) e outros, de que a Terra não era plana, mas esférica, Copérnico baseou-se em cálculos matemáticos e procurou as respostas em antigos textos. Um dos poucos homens da Igreja que apoiou Copérnico, o cardeal Schonberg, escreveu-lhe em 1536: "Soube que conhece não só o trabalho de base das antigas doutrinas matemáticas, como acabou de criar também uma nova teoria... de acordo

com a qual a Terra se movimenta e é o Sol que ocupa a posição fundamental e por isso mesmo cardinal".
Os conceitos depois defendidos baseavam-se em tradições gregas e romanas, segundo as quais a Terra, que era plana, era "abobadada por cima" pelos distantes céus, nos quais as estrelas estavam fixas. Contra os céus salpicados de estrelas, os planetas (da palavra grega para "vagabundo") movem-se à volta da Terra. Havia assim sete corpos celestes dos quais derivam os sete dias da semana e os seus nombres, por exemplo, nas línguas francesa e inglesa: o Sol (Sun) - Sunday (domingo, em inglês); a Lua (Moon) - Monday (segunda-feira, em inglês); Marte (Mars) - mardi (terça-feira, em francês); Mercúrio (Mercure) - mercredi (quarta-feira, em francês); Júpiter (Jupiter) - jeudi (quinta-feira, em francês); Vênus (Venus) vendredi (sexta-feira, em francês); Saturno (Saturn) - Saturday (sábado, em inglês).



Estas noções astronômicas procedem dos trabalhos e codificações de Ptolomeu, um astrônomo da cidade de Alexandria, no Egito, no século 2 a.C. Suas descobertas definitivas dizem-nos que o Sol, a Lua e mais cinco planetas se movem em círculos à volta da Terra. A astronomia ptolomaica predominou durante mais de 1.300 anos, até que Copérnico colocou o Sol no centro.

Enquanto alguns chamaram Copérnico de "Pai da Moderna Astronomia", outros viram-no mais como um pesquisador e reconstrutor de primitivas idéias. O fato é que ele se embebeu na leitura dos escritos dos astrônomos gregos que precederam Ptolomeu, como, por exemplo, Hiparco e Aristarco de Samos. Este último sugeriu no século 3 a.C. que os movimentos dos corpos celestiais poderiam ser mais bem explicados se o Sol, e não a Terra, fosse considerado como centro do sistema. De fato, 2.000 anos antes de Copérnico, os astrônomos gregos enumeram os planetas na sua ordem correta a partir do Sol, reconhecendo assim que o Sol, e não a Terra, era o ponto focal do sistema solar.

O conceito heliocêntrico só foi redescoberto por Copérnico, e, o mais interessante, os astrônomos sabiam mais no ano 500 a.C. do que nos anos 500 e 1500 d.C.

De fato, os eruditos encontram hoje dificuldades para explicar como é que, primeiro, os antigos gregos e, depois, os romanos puderam considerar a Terra como plana, erguida de um leito de tenebrosas águas sob as quais ficava o Hades ou "Inferno", quando algumas das provas deixadas pelos astrônomos gregos dos primórdios indicam que eles pensavam de modo diferente.

Hiparco, que viveu na Ásia Menor no século 2 a.C., discutiu o "deslocamento do signo solsticial e equinocial", o fenômeno agora chamado precessão dos equinócios. Mas o fenômeno pode ser explicado apenas em termos de uma "astronomia esférica", na qual a Terra está rodeada por outros corpos celestiais como uma esfera dentro de um universo esférico.

Saberia Hiparco que a Terra era um globo e terá ele feito seus cálculos em termos de uma astronomia esférica? Igualmente importante, oferece-se ainda outra questão. O fenômeno da precessão podia ser observado relacionando a chegada da primavera com a posição solar (tal como se fosse vista da Terra) em dada constelação zodiacal. Mas a passagem de uma casa zodiacal para outra requer 2.160 anos. Hiparco não pode ter vivido o suficiente para fazer aquela observação astronômica. Então, de onde obteve ele essa informação?

Eudóxio de Cnido, outro matemático e astrônomo grego que viveu na Ásia Menor dois séculos antes de Hiparco, desenha uma esfera celestial, da qual uma das cópias foi colocada em Roma numa estátua de Atlas segurando o mundo em seus ombros. Os desenhos na esfera representam as constelações

zodiacais. Mas, se Eudóxio concebeu os céus como uma esfera, onde, em relação aos céus, ficava a Terra? Terá ele pensado que o globo celeste assentava sobre uma Terra plana - uma composição bastante difícil -, ou será que ele tinha conhecimento de uma Terra esférica, envolta por uma esfera celestial?

Os trabalhos de Eudóxio, perdidos nos seus originais, chegaram até nós graças aos poemas de Arato que, no 3º. milênio a.C., "traduziu" os fatos introduzidos pelos astrônomos para linguagem poética. Neste poema (que deve ter sido familiar a São Paulo, que o cita) as constelações são descritas com grande detalhe, "desenhadas a toda a volta"; e seu agrupamento e designação são atribuídos a uma época precedente muitíssimo mais remota. "Alguns homens dos velhos tempos pensaram e projetaram uma nomenclatura e encontraram formas apropriadas.”

Quem eram os "homens dos velhos tempos" a quem Eudóxio atribuiu a designação das constelações? Baseados em certas pistas do poema, os

astrônomos modernos acreditam que os versos gregos descrevem os céus tal como eram observados na Mesopotâmia por volta do ano 2.200 a.C.
O fato de tanto Hiparco como Eudóxio terem vivido na Ásia Menor levanta a possibilidade de eles terem retirado seu conhecimento das fontes hititas. Talvez tenham mesmo visitado a capital hitita e observado aí a procissão divina gravada nas rochas do local. Na verdade, o fato de ter observado entre os deuses que marcham dois homens-touros segurando um globo pode ter inspirado Eudóxio a esculpir Atlas e a esfera celeste.

Seriam os remotos astrônomos gregos que viveram na Ásia Menor, mais bem informados que seus sucessores, porque podiam aproximar-se das fontes mesopotâmicas?
Hiparco confirmou em seus escritos que seus estudos se baseavam em conhecimento acumulado e verificado ao longo de muitos milênios. Ele nomeia como seus mentores "astrônomos babilônicos de Erech, Borsippa e Babilônia". Geminus de Rodes designa os "caldeus" (os antigos babilônicos) como os descobridores dos movimentos exatos da Lua. O historiador Diodoro Sículo, escrevendo no século 1 a.C., confirmou a exatidão da astronomia mesopotâmica; ele afirma que "os caldeus deram nome aos planetas... no centro do seu sistema estava o Sol, a maior luz, da qual os planetas 'descendiam', refletindo o brilho e a posição do Sol".
A fonte reconhecida da sabedoria astronômica grega era, então, a Caldéia. Invariavelmente, estes remotos caldeus possuíam um mais extenso e apurado conhecimento do que o dos povos que os seguiram. Durante gerações ao longo do Mundo Antigo, o nome "caldeu" foi sinônimo de
"contemplador de estrelas", astrônomo.

Abraão, originário da cidade de "Ur dos caldeus", foi instalado por Deus para contemplar as estrelas quando as futuras gerações hebraicas fossem discutidas. De fato, o Antigo Testamento estava repleto de informações astronômicas. José compara-se e aos seus irmãos a doze corpos celestes, e o patriarca Jó abençoa seus doze descendentes associando-os com as doze constelações do zodíaco. Os salmos e o livro de Jó referem-se repetidamente a fenômenos celestes, às constelações zodiacais e a outros grupos de estrelas (tal como as Plêiades). O conhecimento do zodíaco, a divisão científica dos céus e outras informações astronômicas eram, pois, comuns no antigo Oriente Médio muito antes dos dias da Grécia Antiga.

O alcance da astronomia mesopotâmica no qual os antigos astrônomos gregos se basearam deve ter sido vasto, porque só o que os arqueólogos encontraram forma uma avalanche de textos, inscrições, impressões de selos, relevos, esboços, listas de corpos celestes, presságios, calendários, tábuas das horas do nascer e pôr-do-sol e dos planetas e previsões de eclipses.

Muitos destes textos mais tardios eram por natureza mais astrológicos que astronômicos. Os céus e os movimentos dos corpos celestes parecem ter sido uma preocupação essencial dos poderosos reis, sacerdotes do templo e povos da Terra, em geral. A contemplação de estrelas, ao que parece, deve ter tido como objetivo a descoberta nos céus de uma resposta para o curso dos acontecimentos na Terra - guerra, paz, abundância e fome.

Compilando e analisando centenas de textos do 1º. milênio a.C., R.C. Thompson (The Reports of the Magicians and Astrologers of Nineveh and Babylon) [Os Relatos dos Mágicos e Astrólogos de Nínive e Babilônia] foi capaz de demonstrar que estes contempladores de estrelas estavam preocupados com os destinos da terra, dos seus povos e dos seus governantes, de um ponto de vista nacional, e não com os destinos individuais (ao contrário da astrologia "horoscópica" atual):

Quando a Lua no seu tempo previsto não for vista, haverá uma invasão de uma poderosa cidade.

Quando um cometa atinge a órbita do Sol, a inundação do solo será diminuída; por duas vezes acontecerão tumultos.

Quando Júpiter acertar com Vênus, as orações da Terra chegarão aos corações dos deuses.
Se o Sol permanece na estação da Lua, o rei da Terra estará seguro em seu trono.

Até esta astrologia requereu um conhecimento astronômico integrado e apurado, sem o qual nenhum presságio era possível. Os mesopotâmicos, na posse deste conhecimento, fizeram a distinção entre as estrelas "fixas" e os planetas que "vagueavam", e sabiam que o Sol e a Lua não eram nem estrelas fixas nem planetas comuns. Eles estavam familiarizados com cometas, meteoros e outros fenômenos celestes e podiam calcular as relações entre os movimentos do Sol, da Lua e da Terra e predizer eclipses. Seguiam os movimentos dos corpos celestes e relacionavam-nos com a órbita da rotação da Terra através do sistema helicoidal, ainda hoje em uso, que calcula o nascimento e o ocaso de estrelas e planetas nos céus da Terra em relação ao Sol.
Para acompanhar o desenvolvimento dos movimentos dos corpos celestes e de suas posições nos céus em relação à Terra e em relação de uns com os outros, os babilônios e assírios elaboraram efemérides precisas. Estas tábuas catalogavam e prediziam as posições futuras de corpos celestes. O prof. George Sarton (Chaldean Astronomy of the Last Three Centuries a.C.) [Astronomia Caldéia dos Últimos Três Séculos a.C.] descobriu que elas eram calculadas segundo dois métodos: um posterior, usado na Babilônia, e um mais antigo, vindo de Uruk. A inesperada descoberta revelou que o antigo método de Uruk era mais sofisticado e preciso do que o sistema posterior. O professor explica esta surpreendente situação concluindo que as noções astronômicas errôneas dos gregos e dos romanos resultaram da mudança para a filosofia que explica o mundo em termos geométricos, enquanto os sacerdotes-astrônomos da Caldéia seguiam as fórmulas e as tradições sumérias prescritas.
A descoberta das civilizações mesopotâmicas há 100 anos não deixa dúvidas de que, no campo da astronomia, como em tantos outros, as raízes profundas de nosso conhecimento estão na Mesopotâmia. Também neste campo nos aproximamos e damos continuidade à herança da Suméria.

As conclusões de Sarton foram reforçadas pelos estudos de largo alcance do prof. O. Neugebauer (Astronomical Cuneifonn. Texts) [Textos Cuneiformes Astronômicos], que se admirou ao descobrir que as efemérides, precisas como eram, não se baseavam em observações feitas pelos astrônomos babilônicos, que as preparavam. Em vez disso, eram calculadas "a partir de esquemas aritméticos fixos... que eram determinados e não podiam sofrer interferências dos astrônomos que os usavam".

Esta adesão automática a "esquemas aritméticos" foi adquirida com a ajuda de "textos de conduta" que acompanhavam as efemérides, os quais "forneciam as regras para calcular as efemérides passo a passo" de acordo com uma "estrita teoria matemática". Neugebauer concluiu que os astrônomos babilônicos ignoravam as teorias em que se baseavam as efemérides e seus cálculos matemáticos. Ele admitiu também que "a fundamentação empírica e teórica" destas tábuas precisas, em grande parte, escapa até aos eruditos de hoje. Ainda assim, ele está convencido de que "devem ter existido antigas teorias astronômicas, porque é impossível projetar esquemas de cálculo altamente complexos sem um plano muito elaborado".

O prof. Alfred Jeremias (Handbuch der Altorientalischen Geistkultur) [Livro de Bolso da Cultura Espiritual do Antigo Oriente] concluiu que os astrônomos babilônicos estavam familiarizados com o fenômeno do movimento retrógrado, com o aparentemente irregular movimento de serpente descrito pelos planetas quando vistos da Terra, causado pelo fato de a Terra girar ao redor do Sol com maior ou menor velocidade que os outros planetas. O significado deste conhecimento repousa não só no fato do movimento retrógrado ser um fenômeno relacionado com as órbitas à volta do Sol, como também por serem necessários longos períodos de observação para as compreender e seguir seu curso.

Onde foram desenvolvidas estas complicadas teorias, e quem fez as observações sem as quais elas não poderiam ter sido desenvolvidas? Neugebauer salienta que “nos textos de conduta deparamos com um grande número de termos técnicos de leitura totalmente desconhecida, se não de desconhecido significado". Alguém muito anteriormente aos babilônios

possuiu conhecimento astronômico e matemático muito superior ao da posterior cultura da Babilônia, Assíria, Egito, Grécia e Roma.
Os babilônios e os assírios dedicaram uma parte substancial dos seus esforços astronômicos na manutenção de um calendário exato. Tal como o calendário judaico até hoje, era um calendário solar-lunar correlacionando ("intercalando") o ano solar de pouco mais de 365 dias com um mês lunar de pouco menos de trinta dias. Enquanto se impunha um calendário para os negócios e outras necessidades mundanas, sua precisão era requerida primordialmente para determinar o exato momento e dia do ano-novo e outras festas e adoração dos deuses.
Para medir e correlacionar os intricados movimentos do Sol, Terra, Lua e planetas, os sacerdotes-astrônomos mesopotâmicos baseavam-se numa complexa astronomia esférica. A Terra era considerada como uma esfera com um equador e pólos; os céus estavam também divididos em linhas equatoriais e polares imaginárias. A passagem dos corpos celestes relacionava-se com a elíptica, a projeção do plano da órbita da Terra à volta do Sol sobre a esfera celestial, os equinócios (os pontos e os horários em que o Sol no seu movimento anual aparente cruza a norte e a sul o equador celestial) e os solstícios (a época em que o Sol durante o seu movimento anual aparente ao longo da elíptica está na sua maior inclinação a norte e a sul). Todos estes conceitos astronômicos são usados até hoje.
Mas os babilônios e os assírios não foram os inventores do calendário nem dos engenhosos métodos para seu cálculo. Seus calendários, tal como os nossos, são originários da Suméria. Aí os estudiosos encontraram um calendário em uso desde os tempos mais remotos, que é a base de todos os calendários posteriores. O principal calendário e modelo era o de Nippur, a sede e o centro de Enlil. O nosso calendário atual tem aquele como modelo.
Para os sumérios, o ano-novo começava no momento exato em que o Sol atravessava o equinócio da primavera. O prof. Stephen Langdon (Tablets from the Archives of Drehem) [Barras dos Arquivos de Drehem] descobriu que registros deixados por Dungi, um governante de Ur por volta do ano 2.400 a.C., mostram que o calendário de Nippur selecionava certo corpo celeste cuja posição contra o nascer do Sol possibilitava a determinação do

momento exato da chegada do novo ano. Isto, concluiu ele, era feito "talvez 2.000 anos antes da era de Dungi", ou seja, cerca do ano 4.400 a.C.!

É possível que os sumérios, sem os instrumentos atuais, tenham, ainda assim, tido o sofisticado conhecimento astronômico e matemático requerido por uma astronomia e geometria esféricas? De fato, tal como nos mostra sua língua, tiveram-no.

Eles possuíam um termo - DUB - que significava (em astronomia) a "circunferência do mundo" de 360°, em relação à qual falavam da curvatura ou arco dos céus. Para seus cálculos astronômicos e matemáticos desenharam o AN.UR, - um "horizonte celeste" imaginário contra o qual podiam calcular o nascimento e ocaso dos corpos celestes. Perpendicularmente a este horizonte colocaram uma linha vertical imaginária, a NU.BU.SAR.DA; com sua ajuda, obtiveram o ponto de zênite e chamaram-lhe AN.PA. Traçaram as linhas a que chamamos meridianos e puseram-lhes o nome de "as meias-luas graduadas"; as linhas de latitude chamavam-se "linhas médias do céu". A linha de latitude marcando o solstício de verão, por exemplo, era chamada AN.BIL. ("ponto de fogo dos céus").

Os textos acádios, hurritas, hititas e outras obras-primas literárias do antigo Oriente Médio, sendo traduções ou versões dos originais sumérios, estavam repletos de palavras emprestadas da língua suméria dos campos vocabulares dos corpos celestiais e fenômenos. Os estudiosos babilônicos e assírios que redigiram listas de estrelas e assentaram cálculos dos movimentos planetários fizeram freqüentes notas nos originais sumérios em barras indicando que se tratava de cópias ou traduções. Os 25 mil textos dedicados à astronomia e astrologia, que se diz terem estado incluídos na biblioteca de Nínive do rei Assurbanipal, contêm freqüentemente a indicação de suas origens sumérias.

Uma série astronômica principal, a que os babilônios chamavam "O Dia do Senhor", foi declarada por seus escribas como tendo sido copiada de uma barra suméria escrita no tempo de Sargão de Acádia, no 3º. milênio a.C. Uma barra datada da terceira dinastia de Ur, também no 3º. milênio a.C., descreve e lista uma série de corpos celestes com tanta clareza que os estudiosos modernos tiveram poucas dificuldades em reconhecer no texto uma classificação de constelações, entre as quais a Ursa Maior, o Dragão, a Lira, o Cisne e Cefeu, e o Triângulo nos céus do norte; Órion, Cão Maior, Hidra,

Corvo e Centauro nos céus do sul; e as constelações zodiacais normais na faixa celeste central.

Na Mesopotâmia Antiga os segredos do conhecimento celestial eram preservados, estudados e transmitidos por astrônomos-sacerdotes. Talvez de acordo com esta tradição, três dos estudiosos a quem se dá o crédito de nos terem devolvido esta perdida ciência "caldaica" são padres jesuítas: Joseph Epping, Johann Strassman e Franz X. Kugler. Kugler, num primoroso trabalho (Sternkunde und Sterndienst in Babel) [Astronomia e Astrologia na Babilônia], analisou, decifrou, selecionou e explicou um vasto número de textos e listas. Em dada altura, "invertendo os céus" matematicamente, conseguiu apresentar uma lista de 33 corpos celestiais nos céus da Babilônia no ano 1.800 a.C. que estava nitidamente sistematizada de acordo com os atuais agrupamentos!

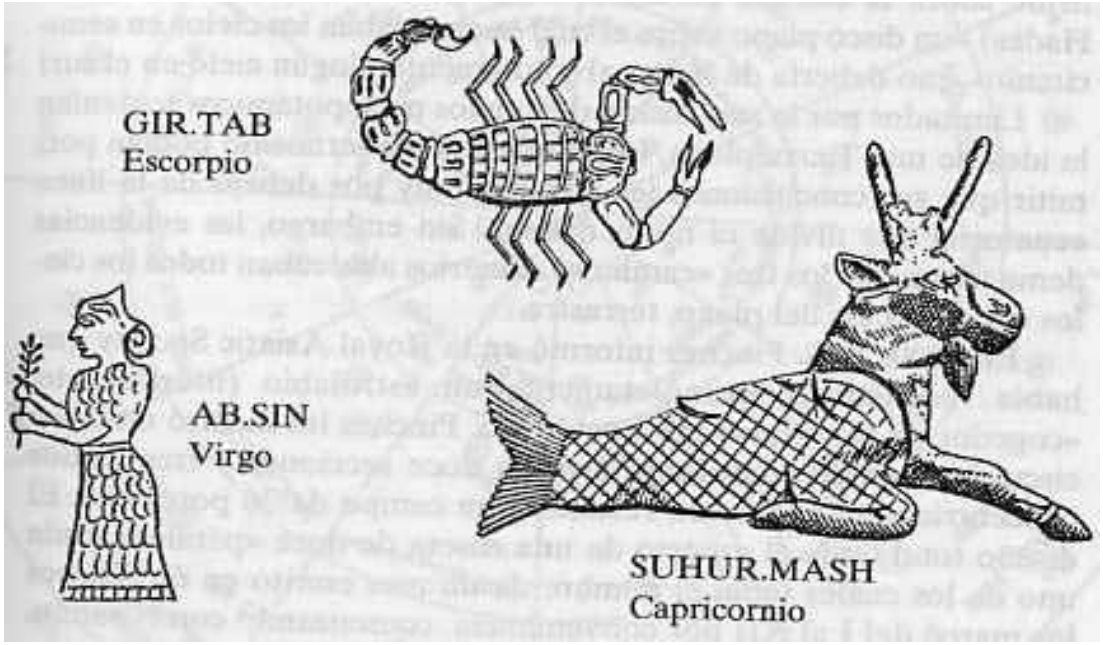
Depois de muito trabalho, decidindo quais os verdadeiros grupos e aqueles que eram meramente subgrupos, a comunidade astronômica mundial concordou (em 1925) em dividir os céus, tal como são vistos da Terra, em três regiões - norte, centro e sul - e agrupar as estrelas em 88 constelações, veio-se a descobrir mais tarde que não havia nada de novo nisto, porque os sumérios foram os primeiros a dividir os céus em três faixas ou "caminhos" - o "caminho" do norte tomou o nome de Enlil, o do sul, de Ea, e a faixa central era a "Via de Anu" - e associou a estas faixas várias constelações. A atual faixa central, com doze constelações zodiacais, corresponde exatamente à Via de Anu, na qual os sumérios agruparam as estrelas em doze casas.

Na Antiguidade, como hoje em dia, o fenômeno era relacionado com o conceito do zodíaco. O grande círculo da Terra à volta do Sol estava dividido em doze partes iguais de 30° cada uma. As estrelas vistas em cada um destes segmentos, ou "casas", eram agrupadas numa constelação; depois, cada uma delas era denominada de acordo com a forma que as estrelas do grupo pareciam tomar.

Devido ao fato das constelações e suas subdivisões, e até das estrelas individuais dentro das constelações, terem alcançado a civilização ocidental com os nomes e descrições emprestados em grande parte da mitologia grega, o mundo ocidental inclinou-se durante quase dois milênios a conceder o crédito desta conquista aos gregos. Mas agora está evidente que os mais

remotos astrônomos gregos simplesmente adaptaram à sua língua e mitologia uma astronomia já existente obtida dos sumérios. Já observamos como Hiparco, Eudóxio e outros obtiveram o seu conhecimento. Até Tales, o mais antigo astrônomo grego de peso, que se diz ter previsto o eclipse solar total de 28 de maio de 585 a.C., que fez parar a guerra entre lídios e medos, confessou que as fontes de seu conhecimento eram de origem mesopotâmica pré-semita, nomeadamente, suméria.
Adquirimos o termo "zodíaco" da palavra grega zodiakos kiklos ("ciclo animal"), porque a exposição dos grupos de estrelas assemelhava-se à forma de um leão, de peixes, e por aí adiante. Mas estas formas e nomes imaginários foram, na verdade, idealizados pelos sumérios, que chamavam às doze constelações zodiacais UL.HE. ("o brilhante rebanho"):

1. GU.AN.NA ("touro celestial"), Touro.
2. MASH.TAB.BA ("gêmeos"), nosso Gêmeos.
3. DUB ("pinças", "tenazes"), o Caranguejo ou Câncer.
4. UR.GULA ("leão"), Leão.
5. AB.SIN ("o pai dela era Sin"), a Donzela, Virgem.
6. ZI.BA.AN.NA ("destino celestial"), as escalas da Balança, Libra.
7. GIR.TAB ("que crava e corta"), Escorpião.
8. PA.BIL ("defensor"), o Arqueiro, Sagitário.
9. SUHUR.MASH ("peixe-cabra"), Capricórnio.
10. GU ("senhor das águas"), o Carregador de Água, Aquário.
11. SIM.MAH ("peixes"), Peixes.
12. KU.MAL ("o habitante do campo"), Carneiro, Áries.



As representações pictóricas ou signos do zodíaco, tal como seus nomes, permaneceram virtualmente intactos desde sua introdução na Suméria.

Até a introdução do telescópio, os astrônomos europeus aceitaram o reconhecimento ptolomaico de apenas dezenove constelações nos céus do norte. Por volta de 1925, quando se chegou a um acordo sobre a classificação corrente, já 28 constelações tinham sido identificadas naquela que os sumérios chamavam a Via de Enlil. Não nos devemos admirar que, ao contrário de Ptolomeu, os antigos sumérios reconheceram, identificaram, agruparam, denominaram e listaram todas as constelações dos céus do norte!

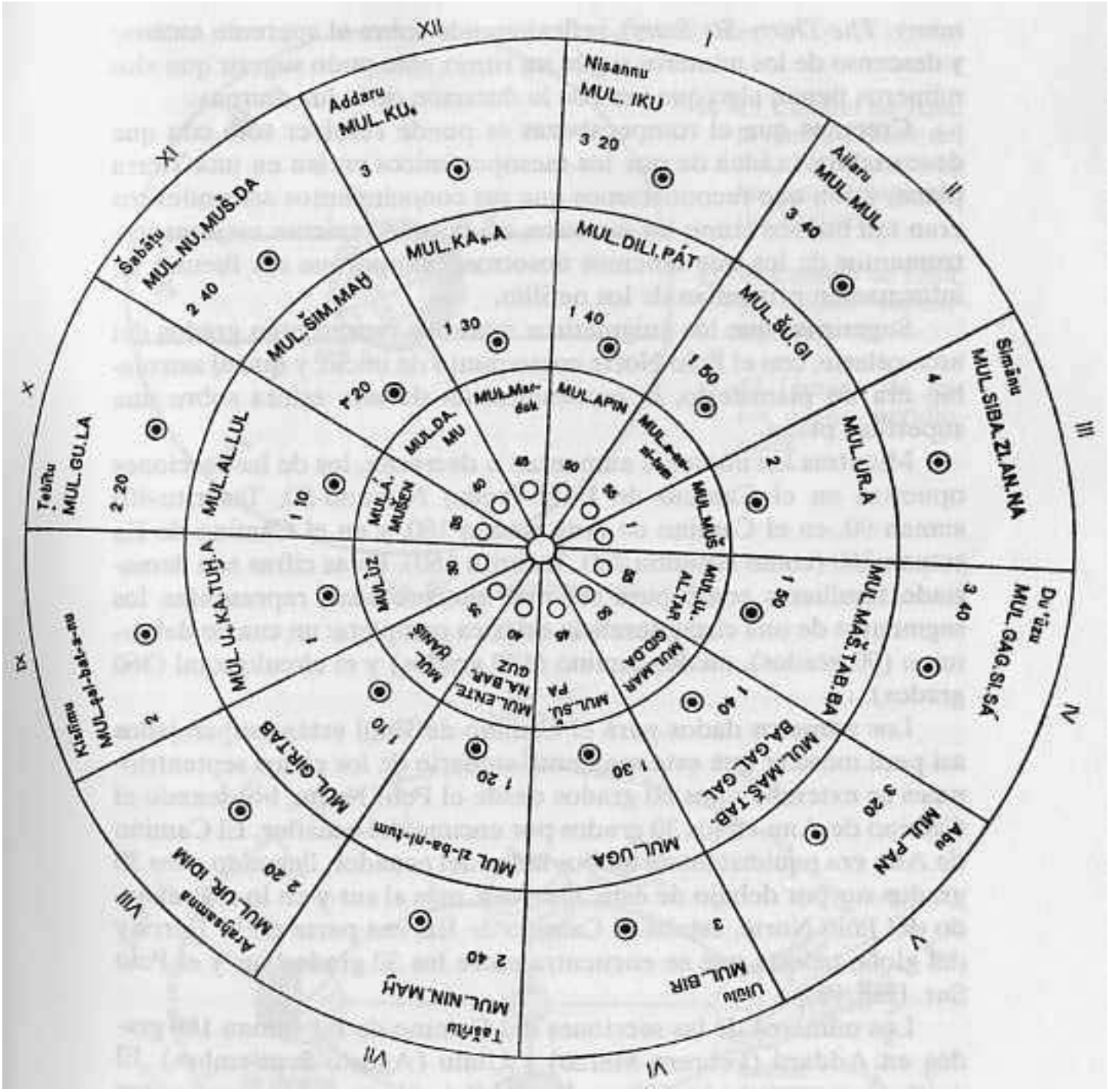
Dos corpos celestiais na Via de Enlil, doze eram julgados como sendo de Enlil, estabelecendo um paralelo com os doze corpos celestes zodiacais da Via de Anu. Do mesmo modo, no hemisfério sul dos céus - a Via de Ea - doze constelações foram listadas não meramente como fazendo parte dos céus meridionais, como também sendo do deus Ea. Em adição a estas doze constelações principais de Ea, várias outras foram listadas para os céus do sul - embora não tantas como as até hoje identificadas.

A Via de Ea pôs sérios problemas aos assiriologistas que empreenderam a imensa tarefa de desenredar o antigo conhecimento astronômico não apenas em termos de conhecimento moderno, mas também baseados no aspecto dos céus de séculos e milênios atrás. Observando os céus meridionais de Ur ou Babilônia, os astrônomos podiam apenas ver pouco mais de metade dos céus

do sul - o resto ficava já abaixo do horizonte. Ainda assim, se corretamente identificadas, algumas das constelações da Via de Ea ficam bem abaixo do horizonte. Mas surgiu um problema ainda mais grave: se (tal como consideraram os estudiosos) os mesopotâmios acreditaram (tal como os gregos em tempos posteriores) que a Terra era uma massa de terra seca pousada sobre uma caótica escuridão de um mundo inferior (o Hades grego) - um disco chato sobre o qual os céus se arqueavam em semicírculo -, então, não deveria haver nenhum céu do sul!

Limitados à pressuposição de que os mesopotâmios estavam obrigados a um conceito de Terra plana, os eruditos modernos não podiam permitir que suas conclusões os levassem muito mais abaixo do que à linha equatorial dividindo norte e sul. A evidência, no entanto, mostra que as três "vias" sumérias englobavam os céus inteiros de uma Terra esférica e, claro, não plana.

Em 1900, T. G. Pinches relatou à Real Sociedade Asiática que conseguira reunir e reconstruir um astrolábio mesopotâmico completo (literalmente, um "tomador de estrelas"). Ele apresentou um disco circular, dividido como uma pizza em doze segmentos e três anéis concêntricos, resultando num campo de 36 frações. Todo o desenho tinha a aparência de uma rosácea de doze "folhas", cada uma das quais com o nome de um mês aí escrito. Pinches numerou-as então de I a XII, por conveniência, começando com Nisannu, o primeiro mês do calendário mesopotâmico.



Cada uma das 36 frações contém também um nome com um pequeno círculo embaixo, significando que se tratava do nome de um corpo celeste. Desde então, esses nomes têm sido encontrados em muitos textos e "listas de estrelas" e são indubitavelmente os nomes de constelações, estrelas ou planetas.

Cada um dos 36 segmentos tinha também um número escrito sob o nome do corpo celeste. No anel mais interior, os números vão de 30 a 60; no anel

central, de 60 (escrito como "1") a 120 (este "2" no sistema sexagesimal significava 2 x 60 = 120); e no anel exterior, de 120 a 240. Que representavam estes números?

Escrevendo quase cinqüenta anos depois da apresentação de Pinches, o astrônomo e assiriologista O. Neugebauer (A History of Ancient Astronomy: Problems and Methods) [Uma História da Antiga Astronomia: Problemas e Métodos] só pode dizer que "todo o texto constitui uma espécie qualquer de mapa celestial esquemático... em cada um dos 36 campos encontramos o nome de uma constelação e números simples cujo significado não está ainda hoje claro". Um importante perito no assunto, B. L. van der Waerden (Babylonian Astronomy: the Thirty-Six Stars) [Astronomia Babilônica: as Trinta e Seis Estrelas], refletindo sobre a clara ascensão e queda dos números em alguns ritmos, pode apenas sugerir que "os números têm algo a ver com a duração da luz diurna".

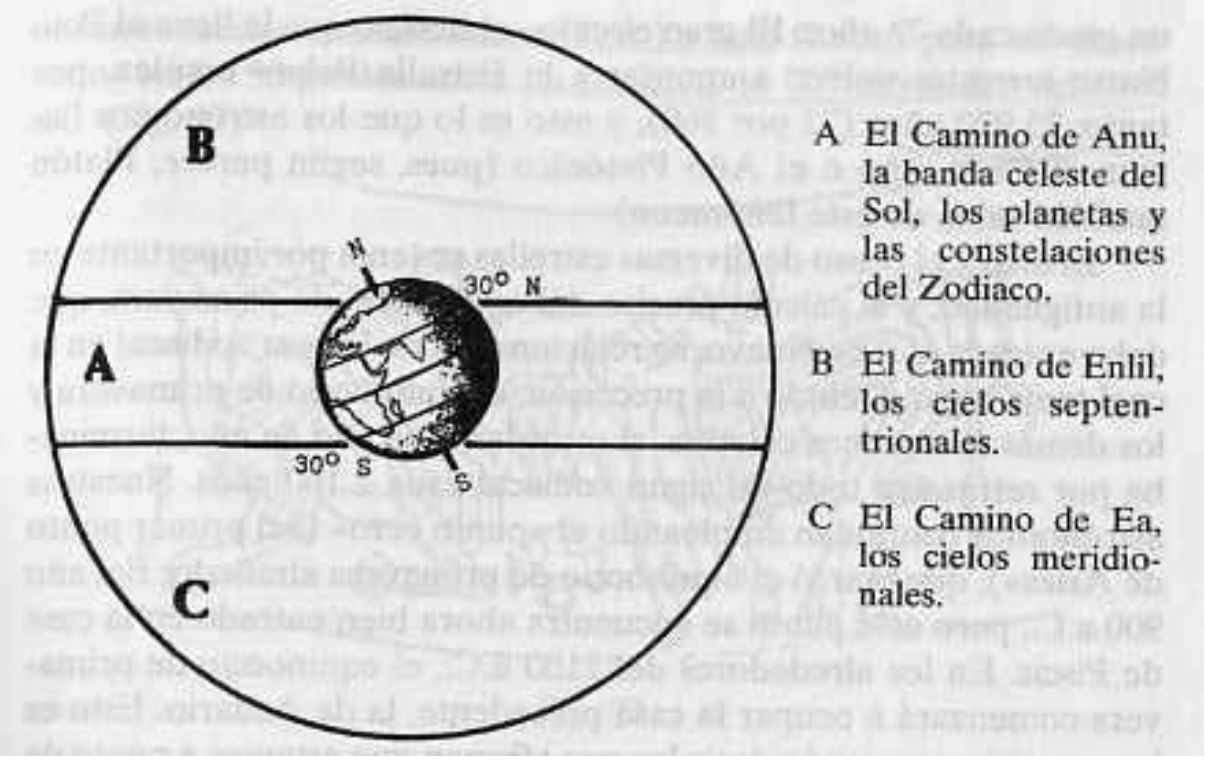
O quebra-cabeça, acreditamos, só pode ser resolvido se nos afastarmos da idéia de que os mesopotâmios acreditaram numa Terra plana e se reconhecermos que seu conhecimento astronômico era tão bom como o nosso - não porque eles tivessem melhores instrumentos que nós, mas porque sua fonte de informação eram os Nefilim.

Sugerimos que os números enigmáticos representam graus do arco celestial, tendo o Pólo Norte como ponto de partida, e que o astrolábio era um planisfério, a representação de uma esfera sobre a superfície plana.

Enquanto os números aumentam e diminuem, aqueles que estão nos segmentos opostos à Via de Enlil (tal como Nisannu - 50, Tashritu 40) somam 90; todos os da Via de Anu somam 180; e os da Via de Ea somam 360 (tal como Nisannu, 200, Tashritu, 160). Estas figuras são demasiado familiares para serem mal interpretadas; representam segmentos de uma circunferência esférica completa: um quarto (90°), metade (180°), ou o círculo completo (360°).

Os números dados para a Via de Enlil estão emparelhados de modo a mostrar que este segmento sumério dos céus setentrionais se expandia ao longo de 60° desde o Pólo Norte, fazendo fronteira com a Via de Anu a 30° abaixo do equador. Depois, mais para sul e ainda mais longe do Pólo Norte, fica a Via

de Ea - aquela parte da terra e do globo celeste situada entre 30° sul e o Pólo Sul.

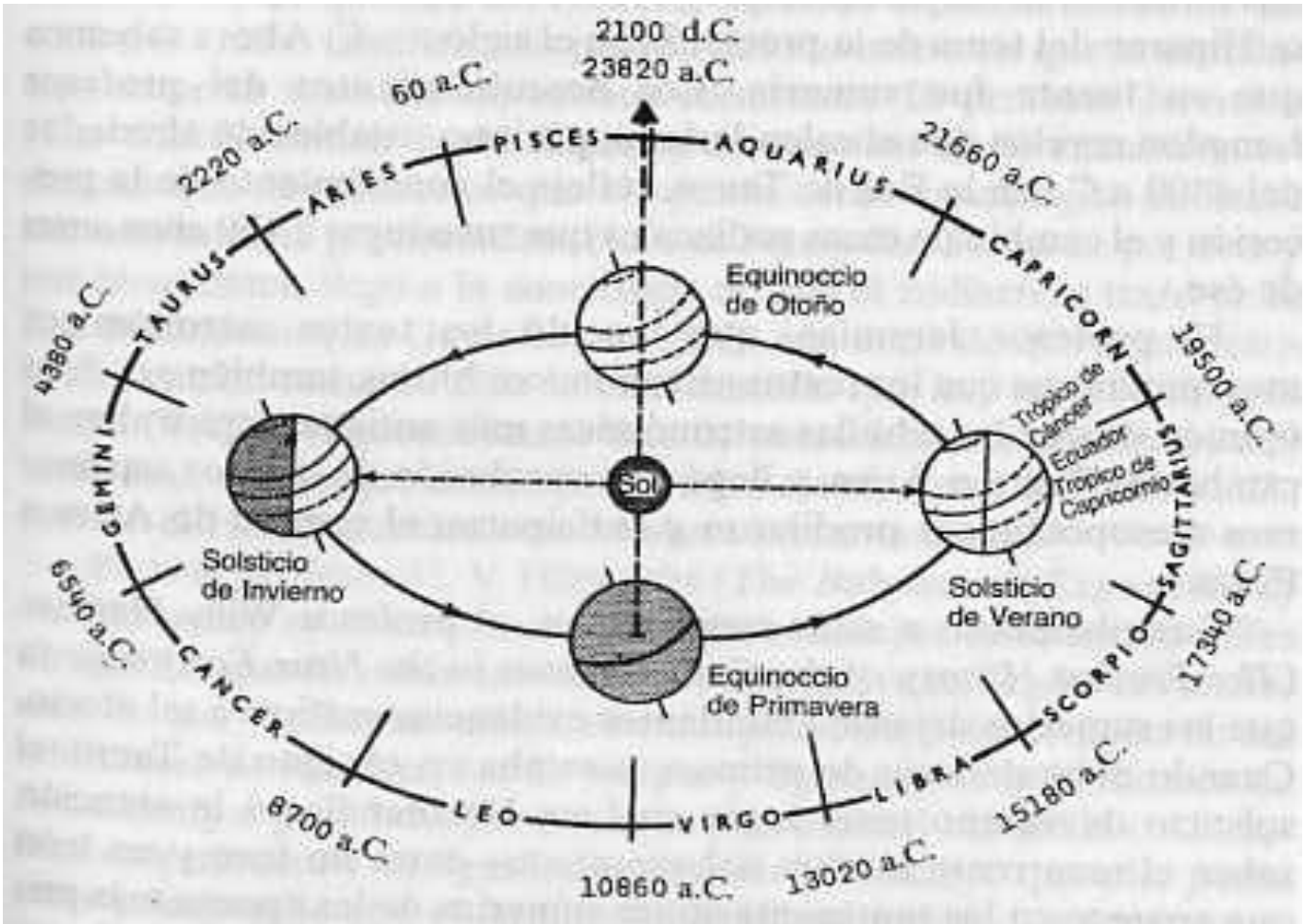

B
A
C
N
30° N
30° S
S
A El Camino de Anu, la banda celeste del Sol, los planetas y las constelaciones del Zodiaco.
B El Camino de Enlil, los cielos septentrionales.
C El Camino de Ea, los cielos meridionales.

Os números nos segmentos da Via de Ea perfazem 180° em Addaru (fevereiro-março) e Ululu (agosto-setembro). O único ponto que está a 180° de distância do Pólo Norte é o Pólo Sul, quer se dirija para o sul pelo leste ou pelo oeste. E isto só pode ser verdadeiro se se tratar de uma esfera.

A precessão é o fenômeno causado pela oscilação do eixo norte-sul da Terra, fazendo com que o Pólo Norte (aquele que indica a Estrela do Norte) e o Pólo Sul descrevam um grande círculo nos céus. O evidente atraso da Terra contra as estreladas constelações chega acerca de cinqüenta segundos de arco durante um ano, ou um grau em 72 anos. O grande círculo - o tempo que leva o Pólo Norte da Terra para apontar a mesma Estrela do Norte - dura, deste modo, 25.920 anos (72 x 360) e é aquilo a que os astrônomos chamam o Grande Ano ou o Ano Platônico (uma vez que, ao que parece, também Platão estava a par deste fenômeno).

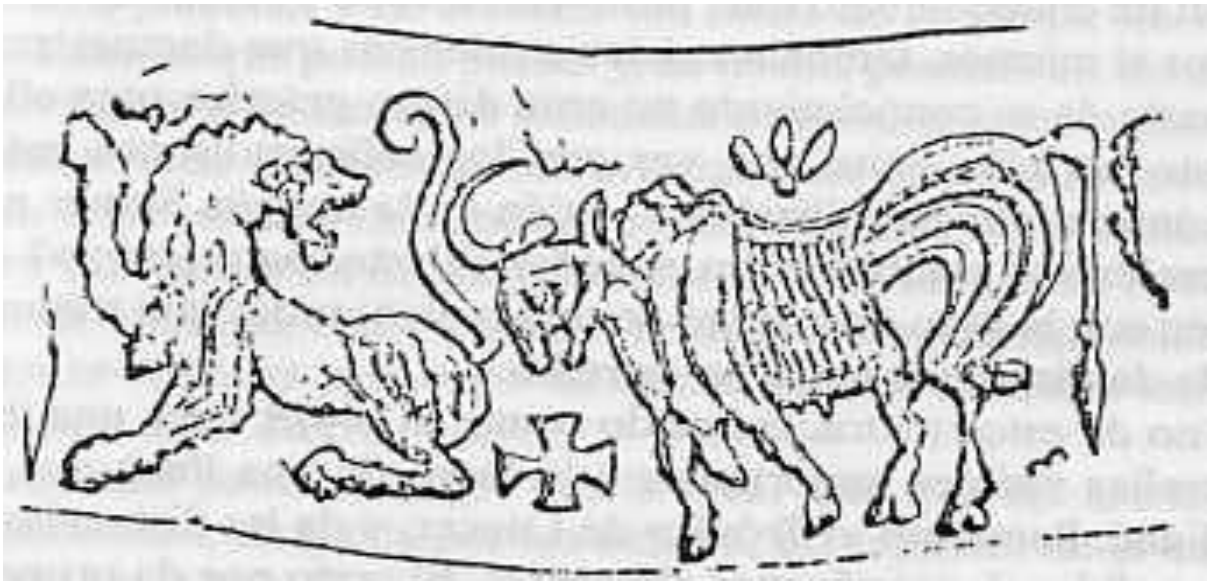
O nascimento e ocaso de várias estrelas consideradas significantes na Antiguidade e a determinação precisa do equinócio da primavera, ou vernal (que anunciava o ano-novo) estavam relacionadas com a casa zodiacal na

qual ocorriam. Devido à precessão, o equinócio vernal e outros fenômenos celestiais, retardados de ano para ano, foram, finalmente, atrasados uma vez em 2.160 anos por uma casa zodiacal completa. Os nossos astrônomos continuam a empregar um "ponto zero" ("o primeiro ponto de Áries") que marcava o equinócio vernal por volta do ano 900 a.C., mas este ponto foi agora desviado até a casa de Peixes. Cerca do ano 2.100 da nossa era, o equinócio vernal começará a ocorrer na casa de Aquário precedente. É isto que querem dizer aqueles que falam que estamos para entrar para a Era de Aquário.



Uma vez que o deslocamento de uma casa zodiacal para outra leva mais de dois milênios, perguntaram-se os eruditos, como e quando poderia Hiparco ter aprendido o fenômeno da precessão no século 2 a.C. É agora claro que esta fonte de conhecimento era suméria. As descobertas do prof. Langdon revelam que o calendário de Nippur, estabelecido por volta do ano 4.400 a.C., na Idade do Touro, reflete o conhecimento da precessão e deslocamento

das casas zodiacais que ocorreram 2.160 anos mais cedo. O prof. Jeremias, que correlacionou os textos astronômicos mesopotâmicos com os textos astronômicos hititas, foi também da opinião de que as mais velhas barras astronômicas registravam a mudança de Touro para Áries e, concluiu ele, os mesopotâmios predisseram e anteciparam a mudança de Áries para Peixes.
Reforçando estas conclusões, o prof. Willy Hartner (The Earliest History of the Constellations in the Near East) [A Remota História das Constelações no Oriente Médio] sugeriu que os sumérios deixaram uma vasta evidência pictórica que concorre para essas mesmas conclusões. Quando o equinócio vernal estava no zodíaco de Touro, o solstício de verão ocorria no zodíaco de Leão. Hartner chamou a atenção para o tema constante de um "combate" Touro-Leão aparecer nas descrições sumérias desde os mais remotos tempos e sugeriu que estes temas representaram as posições-chave das constelações de Touro (o touro do "combate") e de Leão para um observador a 30° norte (tal como se fosse de Ur) por volta do ano 4.000 a.C.



A maior parte dos estudiosos considera que a tônica dos sumérios em apresentarem Touro como sua primeira constelação, prova não só a antiguidade do zodíaco - datado de cerca do ano 4.000 a.C. -, como é testemunha também da época em que a civilização suméria tão repentinamente começou. O prof. Jeremias (The Old Testament in the Light of the Ancient East) [O Antigo Testamento à Luz do Antigo Oriente]

encontrou provas mostrando que o "ponto zero" zodíaco-cronológico dos sumérios ficava precisamente entre Touro e Gêmeos; deste e de outros fatos, ele concluiu que o zodíaco fora idealizado na Idade de Gêmeos - ou seja, antes até do início da civilização suméria. Uma barra suméria no Museu de Berlim (VAT.7847) começa a lista das constelações zodiacais com Leão, levando-nos de volta até cerca do ano 11.000 a.C., quando o homem acabara de começar a lavrar a terra.

O prof. H. V. Hilprecht (The Babylonian Expedition of the University of Pensylvania) [A expedição Babilônica da Universidade de Pensilvânia] foi ainda mais longe. Estudando milhares de barras com classificações matemáticas, concluiu que "todas as tábuas de multiplicação e divisão das bibliotecas do templo de Nippur e Sippar e da biblioteca de Assurbanipal [em Nínive] se baseiam sobre [o número] 12.960.000". Analisando este número e seu significado, concluiu que só se podia relacionar com o fenômeno da precessão e que os sumérios tinham conhecimento do Grande Ano de 25.920 anos.

Isto é, na verdade, uma fantástica sofisticação astronômica impossível em tal época.

Tal como é evidente que os astrônomos sumérios possuíram um conhecimento que com toda a certeza não podiam ter adquirido por eles próprios, assim há também provas que mostram que uma boa parte do seu conhecimento não tinha uso prático para eles.

Isto diz respeito não apenas aos muito sofisticados métodos astronômicos que eram usados - quem na antiga Suméria precisava realmente estabelecer um equador celestial, por exemplo? -, como também a uma variedade de textos elaborados que tratam das medições das distâncias interestelares.

Um destes textos, conhecido como AO.6478, lista as 26 estrelas principais, visíveis ao longo da linha a que hoje chamamos Trópico de Câncer, e fornece as distâncias entre elas como medidas de três formas diferentes. O texto dá-nos, primeiro, as distâncias entre estas estrelas por intermédio de uma unidade chamada mana shukultu ("medido e pesado"). Crê-se que este engenhoso artifício relacionava o peso da água fluindo com a passagem do tempo. Tornou possível a determinação das distâncias entre duas estrelas em termos de tempo.

A segunda coluna de distâncias era em termos de graus do arco dos céus. O dia completo (período de luz e noite) estava dividido em doze horas duplas. O arco dos céus compreendia um círculo completo de 360°. Por isso, um beru ou "hora dupla" representava 30° do arco dos céus. Por este método, a passagem do tempo na terra fornecia uma medida das distâncias em graus entre os corpos celestes nomeados.

O terceiro método de medição era o beru ina shame ("comprimento nos céus"). F. Thureau-Dargin (Distâncias entre Estrelas Fixas) salientou que, enquanto os dois primeiros métodos eram relativos a outros fenômenos, este terceiro método fornecia medições absolutas. Um "beru celestial", acredita ele e outros, equivalia a 10.692 metros atuais. A "distância nos céus" entre as 26 estrelas foi calculada no texto como sendo somada a 655,200 "beru desenhados no céu".

A existência de três diferentes métodos de medição de distâncias entre as estrelas dá-nos a exata noção da importância vinculada a semelhante assunto. E, no entanto, quem entre os homens e as mulheres da Suméria precisava de tal conhecimento, e quem entre eles podia ter idealizado os métodos e servir-se apropriadamente deles? A única resposta possível é esta: os Nefilim, eles sim, tinham o conhecimento e a necessidade de tão exatas medições.

Capazes de viajar no espaço, chegando à Terra vindos de outro planeta, deambulando pelos céus da terra, eles eram os únicos que podiam possuir, e possuíam, à época da alvorada da civilização humana, o conhecimento astronômico que requereu milênios para se desenvolver; os métodos sofisticados, a matemática e os conceitos de uma avançada astronomia, e a necessidade de ensinar os escribas humanos a copiar e registrar, meticulosamente, tábua após tábua, as distâncias nos céus, a ordem de estrelas e grupos de estrelas, os helicoidais nascimentos e ocasos, um complexo calendário Sol-Lua-Terra, e o restante e notável conhecimento tanto do céu como da terra.

Contra este painel de fundo, ainda poderemos julgar que os astrônomos mesopotâmicos, guiados pelos Nefilim, não tinham consciência dos planetas para além de Saturno, não sabiam de Urano, Netuno e Plutão? Seu conhecimento da própria família da terra, o sistema solar, seria menos

completo do que o das longínquas estrelas, de sua ordem e de suas distâncias?

As informações astronômicas dos tempos antigos contidas em centenas de textos detalhados inventariam corpos celestes, nitidamente arranjados por sua ordem celestial, ou pelos deuses, com meses, terras ou constelações às quais estavam associados. Um destes textos, analisado por Ernst F. Weidner (Handbuch der Babylonischen Astronomie) [Livro de Bolso da Astronomia Babilônica], é chamado "A Grande Lista de Estrelas". Nele estão inventariadas em cinco colunas dezenas de corpos celestes relacionados uns com os outros, com os meses, regiões e deidades. Outro texto lista corretamente as principais estrelas das constelações zodiacais. Um texto indexado com a referência B.M. 86378 sistematizava (em sua parte intacta) 71 corpos celestes por sua localização nos céus - e o mesmo se passa em muitos outros textos.

Esforçando-se por dar um sentido a esta avalanche de textos, e especialmente em identificar corretamente os planetas de nosso sistema solar, uma série de estudiosos chegou a intrigantes resultados. Como sabemos agora, seus esforços estavam condenados ao fracasso porque consideraram, erradamente, que os sumérios e seus sucessores desconheciam que o sistema solar era heliocêntrico, que a Terra não era senão um entre vários outros planetas e que existiam mais planetas para além de Saturno.

Ignorando a possibilidade de certos nomes nas listas de estrelas poderem ter sido aplicados à própria Terra, e procurando aplicar o grande número de outros nomes e epítetos apenas aos cinco planetas que julgavam ser os únicos conhecidos pelos sumérios, os estudiosos chegaram a conflituosas conclusões. Alguns sugeriram até que a confusão não era deles, mas sim dos caldeus. Por alguma razão desconhecida, diziam eles, os caldeus agitaram-se à volta dos nomes dos cinco planetas "conhecidos".

Os sumérios referem-se a todos os corpos celestiais (planetas, estrelas ou constelações) por MUL ("quem brilha nas alturas"). O termo acádio kakkab era, do mesmo modo, aplicado pelos babilônios e assírios como o termo geral para designar qualquer corpo celeste. Esta prática continuou a frustrar os estudiosos, que procuravam decodificar os antigos textos astronômicos. Mas

alguns mul's, denominados LU.BAD, designavam claramente planetas de nosso sistema solar.
Sabendo que o nome grego para os planetas era "vagabundos", os eruditos leram em LU.BAD "carneiros vagabundos", derivando de LU. ("Aqueles que são guardados pelo pastor") e de BAD ("alto e longínquo"). Mas agora que mostramos que os sumérios tinham plena consciência da verdadeira natureza do sistema solar, os outros significados do termo bad ("os vetustos", "a fundação", "aquele onde está a morte") assumem uma significação direta.
Estes epítetos são apropriados para o Sol e segue-se que, por lubad, os sumérios entendiam não só "carneiros vagabundos", mas também "carneiros" guardados pelo pastor Sol - os planetas do nosso Sol.
A localização e a relação dos lubad entre si e com o Sol eram descritas em muitos textos astronômicos mesopotâmicos. Havia referências aos planetas situados "acima" e aos situados "abaixo", e Kugler imaginou corretamente que o ponto de referência era a própria Terra.
Mas, em sua maior parte, as composições dos textos astronômicos, falavam dos planetas como MUL.MUL, um termo que fez os estudiosos usarem a imaginação. Na ausência de uma melhor solução, a maior parte dos estudiosos concordaram em que o termo designava as Plêiades, um conglomerado de estrelas na constelação zodiacal do Touro, através do qual passava o eixo do equinócio da primavera (visto da Babilônia) cerca do ano 2.200 a.C. Os textos mesopotâmicos indicavam freqüentemente que o mulmul incluía sete LU.MASH (sete "vagabundos que são familiares"), e os eruditos julgaram que estes eram os mais brilhantes componentes das Plêiades, que podem até ser vistos a olho nu. O fato de que, dependendo da classificação, o grupo tem seis ou nove estrelas de grande magnitude, e não sete, colocou um problema; mas ele foi posto de lado pela falta de melhores sugestões acerca do significado de mulmul.
Franz Kugler (Sternkunde und Stemdienst in Babel) aceitou relutantemente as Plêiades como solução, mas exprimiu sua surpresa ao encontrar nos textos mesopotâmicos, sem nenhuma ambigüidade, a indicação de que mulmul incluía não só os "vagabundos" (planetas), mas também o Sol e a Lua - o que torna impossível a aceitação da idéia das Plêiades. Ele deparou com textos

que afirmam claramente que "mulmul ul-shu 12" ("mulmul é uma faixa de doze"), dos quais dez formam um grupo distinto.
Nossa sugestão é que o termo mulmul se referia ao sistema solar, usando a repetição (MUL.MUL) para indicar o grupo como um todo, como "o corpo celeste compreendendo todos os corpos celestes".
Charles Virolleaud (L'Astrologie Chaldéenne) [À Astrologia Caldéia] fez a transliteração de um texto mesopotâmico (K.3558) que descreve os membros do mulmul ou grupo kakkabu/kakkabu. As últimas linhas do texto são explícitas:

Kakkabu!kakkabu.
O número dos seus corpos celestes é doze.
Doze as estações dos seus corpos celestes.
Os meses completos da Lua são doze.

O texto não deixa dúvidas: o mulmul - o nosso sistema solar - era constituído por doze membros. Talvez que isto não devesse constituir surpresa, uma vez que o estudioso grego Diodoro, explicando as três "vias" dos caldeus e a conseqüente listagem de 36 corpos celestes, afirmou que "desses deuses celestiais, doze sustinham uma grande autoridade; a cada um destes os caldeus associam um mês e um signo do zodíaco".
Ernst Weidner (Der Tierkreis und die Wege am Himmel) [O Zodíaco e os Caminhos no Céu] relata que, além da Via de Anu e de suas doze constelações zodiacais, alguns textos se referem também à "via do Sol", constituída também por doze corpos celestes: o Sol, a Lua e outros dez. A linha 20 da assim chamada barra TE afirmava: "naphar 12 sheremesh ha.la sha kakkab.lu sha Sin u Shamash ina libbi ittiqu", o que significa, "ao todo, doze membros aos quais pertencem a Lua e o Sol, onde os planetas orbitam".
Podemos agora entender o significado do número doze no Mundo Antigo. O grande círculo dos deuses sumérios e, depois deles, os deuses olímpicos consistiam exatamente em doze membros. Os deuses mais jovens apenas podiam juntar-se a este círculo se os mais velhos se retirassem. De modo semelhante, qualquer vaga tinha de ser preenchida para manter o divino número de doze. O principal círculo celestial, a via do Sol com seus doze

membros, estabelece o padrão, de acordo com o qual cada outra faixa celestial foi dividida em doze segmentos ou a ela se atribuíram doze corpos celestes principais. Do mesmo modo, havia doze meses num ano, doze horas duplas em cada dia. A cada divisão da Suméria se associavam doze corpos celestes como medida de boa sorte.

Muitos textos, como, por exemplo, o de S. Langdon (Babylonian Menologies and the Semitic Calendar) [Menologias Babilônicas e Calendários Semitas], mostram que a divisão do ano em doze meses era, desde seus primórdios, relacionada com os doze grandes deuses. Fritz Hommel (Die Astronomie der alten Chaldäer) [A Astronomia dos Antigos Caldeus] e outros, depois dele, mostraram que os doze meses estavam intimamente relacionados com os doze signos zodiacais e que ambos derivaram de doze corpos celestes principais. Charles F. Jean (Lexicologie Sumerienne) [Lexicologia Suméria] reproduz uma lista suméria de 24 corpos celestes emparelhando doze constelações zodiacais com doze membros do nosso sistema solar.

Num longo texto, identificado por F. Thureau-Dangin (Ritueles Accadiens) [Rituais Acádios] como um programa de templo para o Festival de Ano-Novo na Babilônia, as provas da consagração do doze como o fenômeno celeste central são persuasivas. O grande templo, o Esagila, tinha doze portões. Os poderes de todos os deuses celestes eram investidos em Marduk pela récita, doze vezes pedida, da declaração "Meu Senhor, não é Ele o meu senhor". Depois, era invocada a misericórdia do deus doze vezes, e a de sua esposa doze vezes também. O total de 24 era então conjugado com as doze constelações zodiacais e os doze membros do sistema solar.

Uma pedra fronteiriça, gravada com os símbolos dos corpos celestes por um rei de Susa, descreve aqueles 24 signos: os doze familiares signos do zodíaco e os símbolos que representam os doze membros do sistema solar. Estes eram os doze deuses astrais da Mesopotâmia, assim como dos povos hurrita, hitita, grego, e todos os outros antigos panteões.

Embora nosso número de base natural seja o número dez, o número doze penetrou em todos os assuntos celestes e divinos, muito depois dos sumérios terem desaparecido. Havia doze Titãs gregos, doze tribos de Israel, doze partes da couraça mágica do alto sacerdote israelita. O poder deste doze celeste transportou-se até os doze apóstolos de Jesus, e mesmo em nosso sistema decimal nós contamos de um a doze, e apenas depois do doze, regressamos ao "dez e três" (treze), "dez e quatro", e assim por diante.

De onde proveio este poderoso e decisivo número doze? Dos céus.

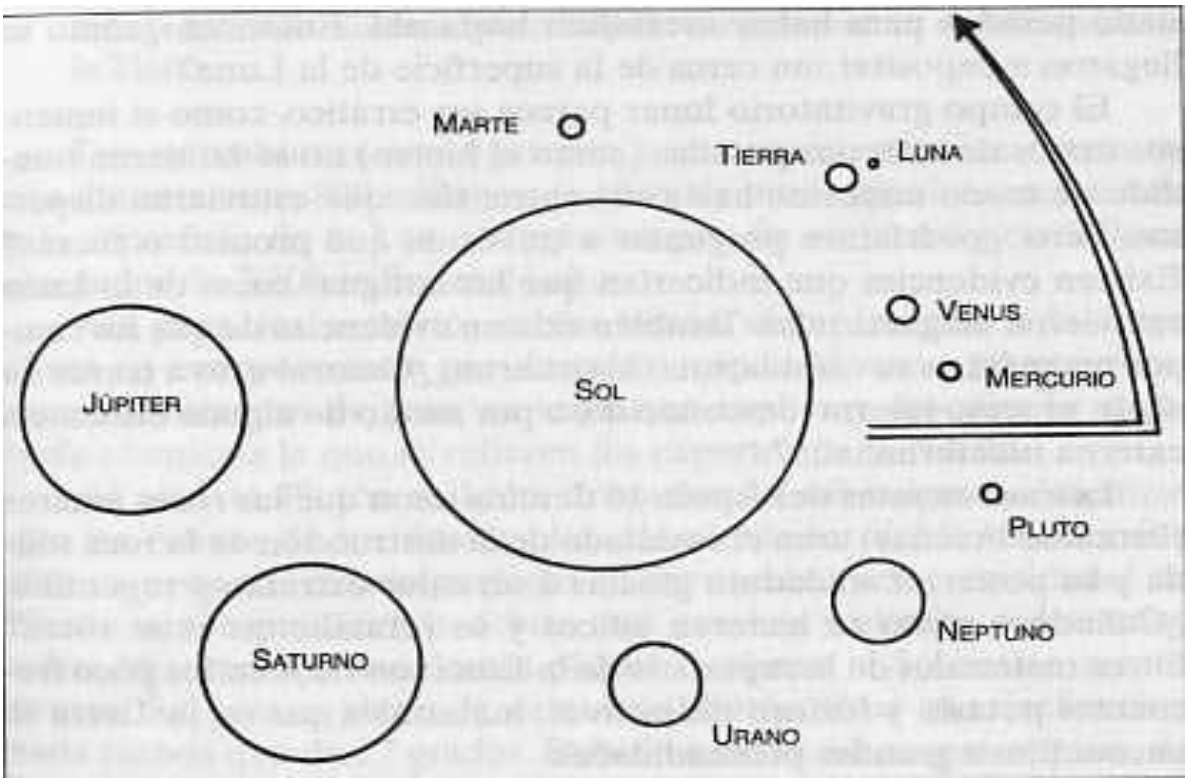
Uma vez que o sistema solar - o mulmul - incluía, também, além de todos os planetas por nós conhecidos, o planeta de Anu, aquele cujo símbolo - um

radioso corpo celeste - representava na escrita suméria o deus Anu e "divino". "O kakkab do cetro supremo é aquele dos carneiros em mulmul", explicava um texto astronômico. E quando Marduk usurpou a supremacia e repôs Anu como o deus associado a este planeta, os babilônios disseram: "O planeta Marduk aparece dentro do mulmul".
Comunicando à humanidade a verdadeira natureza da terra e dos céus, os Nefilim informaram os antigos astrônomos-sacerdotes não apenas acerca dos planetas para além de Saturno, como também da existência do mais importante planeta, aquele de onde eles provinham: O DÉCIMO SEGUNDO PLANETA.

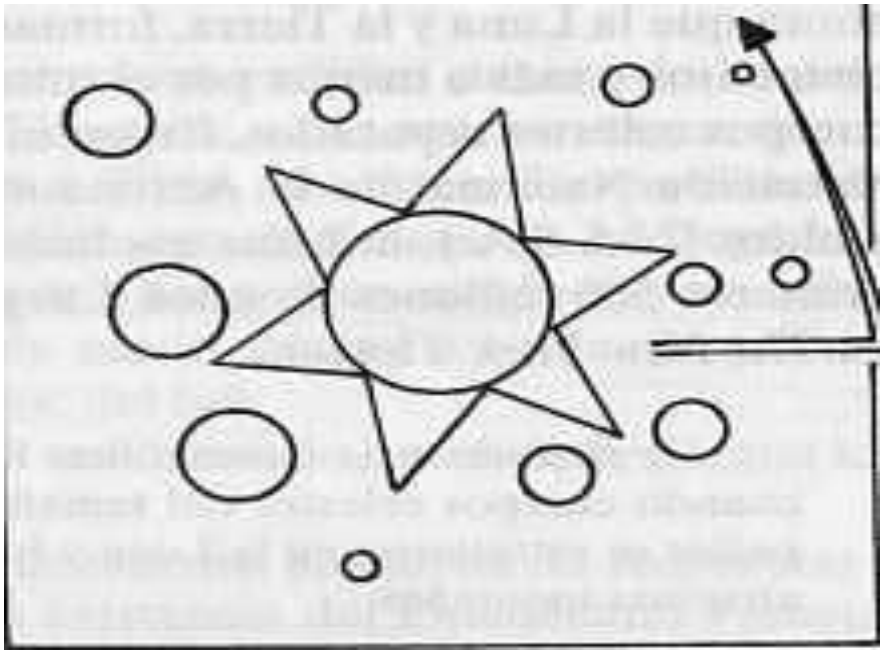
7
A Epopéia da Criação

Na grande maioria dos antigos selos cilíndricos até hoje encontrados, os símbolos que substituem certos corpos celestes, membros do nosso sistema solar, aparecem sobre as figuras de deuses ou humanos.
Um selo acádio do 3º. milênio a.C., agora na posse do Departamento Pré-Asiático do Museu de Estado de Berlim Oriental (com o número de catálogo VA/243), desvia-se da maneira habitual de representação dos corpos celestes. Não os mostra individualmente, mas antes como um grupo de sete globos rodeando uma grande estrela raiada. Trata-se nitidamente da descrição do sistema solar tal como era conhecido pelos sumérios - um sistema consistindo em doze corpos celestiais.

Normalmente, representa-se esquematicamente nosso sistema solar por uma linha de planetas estendendo-se a partir do Sol em distâncias progressivamente maiores. Mas se nós representarmos os planetas não num eixo, mas um a seguir ao outro num círculo (sendo o mais próximo, Mercúrio, o primeiro, depois Vênus, em seguida a Terra, e assim por diante), o resultado seria algo semelhante na figura abaixo. (Todos os desenhos são esquemáticos e não em escala; as órbitas planetárias nos desenhos que se seguem são mais circulares do que elípticas para facilidade de apresentação.)



Se lançarmos agora um segundo olhar para uma ampliação do sistema solar gravada no selo cilíndrico VA/243, veremos que os "pontos" que rodeiam a estrela são, na verdade, globos cujos tamanhos e ordem se adaptam ao do sistema solar representado na figura anterior. O diminuto Mercúrio é seguido de um Vênus maior. A Terra, do mesmo tamanho que Vênus, é acompanhada pela pequena Lua. Prosseguindo na direção anti-horária, Marte é corretamente mostrado menor que a Terra, mas maior que a Lua ou Mercúrio.



A antiga representação mostra, depois, o planeta desconhecido por nós - consideravelmente maior que a Terra, mas menor que Júpiter e Saturno, que claramente o seguem. Mais distante; outro par se ajusta perfeitamente ao nosso Urano e Netuno. Finalmente, aparece o minúsculo Plutão, mas não no local onde agora o colocamos (depois de Netuno); em vez disso, aparece situado entre Saturno e Urano.

Tratando a Lua como um autêntico corpo celeste, a representação suméria dá conta completa de todos os planetas nossos conhecidos, coloca-os na ordem correta (à exceção de Plutão) e mostra-os por tamanho.

No entanto, esta representação com 4.500 anos insiste também em que havia, ou houvera, outro planeta principal entre Marte e Júpiter. Este é, como veremos, o Décimo Segundo Planeta, o planeta dos Nefilim.

Se este mapa celeste sumério fosse descoberto e estudado há dois séculos, os astrônomos julgariam que os sumérios tinham uma total falta de informação e imaginavam loucamente a existência de outros planetas para além de Saturno. Hoje em dia, no entanto, sabemos que Urano, Netuno e Plutão estão realmente lá. Será que os sumérios imaginaram as outras discrepâncias, ou estariam eles corretamente informados pelos Nefilim de que a Lua era um membro do sistema solar por direito próprio, de que Plutão estava situado perto de Saturno e de que havia um Décimo Segundo Planeta entre Marte e Júpiter?

A teoria persistentemente defendida de que a Lua não era mais que uma "gelada bola de golfe" não foi abandonada senão quando as missões norte-americanas Apolo à Lua chegaram a uma feliz conclusão. As melhores sugestões alvitravam que a Lua era um pedaço de matéria que se separara da Terra quando esta estava ainda em fusão e tinha plasticidade. Sem o impacto de milhões de meteoritos que deixaram crateras na face da Lua, este satélite seria um pedaço de matéria, inerte e sem relevo, que solidificara e para sempre seguiria a Terra.

Observações efetuadas por satélites não tripulados começavam, entretanto, a pôr em dúvida estas velhas crenças. Determinou-se que a composição química e mineral da Lua era suficientemente diferente da composição química da Terra, o que podia desafiar a teoria da "separação". As experiências conduzidas na Lua pelos astronautas americanos e o estudo e a análise das amostras de solo e rocha lunares que trouxeram consigo estabeleceram, sem margem para dúvidas, que a Lua, apesar de ser hoje estéril, foi outrora um "planeta vivo". Tal como a Terra, a Lua possui um solo em camadas, o que significa que solidificou desde sua própria idade original de fusão. Tal como a Terra, gera calor, mas, enquanto o calor da Terra provém de seus materiais radioativos "cozidos" dentro da Terra sob uma enormíssima pressão, o calor da Lua, aparentemente, tem sua origem em camadas de materiais radioativos situados muito próximos da superfície. Estes materiais, no entanto, são demasiado pesados para terem flutuado. Então, o que os depositou próximo da superfície lunar?

O campo de gravidade da Lua parece ser bastante irregular, como se enormes pedaços de matéria pesada (tal como o ferro) não tivessem penetrado até o

seu núcleo de forma igual, mas se tivessem espalhado ao acaso pela superfície. Por que processo ou força, podemos perguntar? Há provas que afirmam que as antigas rochas da Lua eram magnetizadas. Há também provas de que os campos magnéticos foram mudados ou invertidos. Terá sido por algum desconhecido processo interno, ou por uma influência exterior indeterminada?

Os astronautas da Apolo 16 encontraram na Lua rochas (chamadas brechas) que resultam dos estilhaços de rocha sólida de novo soldada por um súbito e enorme calor. Quando e como se despedaçaram e voltaram a se fundir essas rochas? Outros materiais da superfície lunar são ricos em fósforo e potássio radioativos raros, materiais que na Terra se encontram apenas a grandes profundidades.

Conjugando todos estes achados, os cientistas têm agora a certeza de que a Lua e a Terra, formadas quase pelos mesmos elementos por volta da mesma época, evoluíram como corpos celestes separados. Na opinião dos cientistas da NASA, a Lua evoluiu "normalmente" durante seus primeiros 500 milhões de anos. Depois, dizem eles (citado no jornal norte-americano The New York Times):

O período de maiores cataclismos ocorreu há 4 bilhões de anos, quando corpos celestes do tamanho de grandes cidades e pequenas províncias vieram colidir com a Lua formando as extensas bacias e as altaneiras montanhas. As enormes quantidades de matérias radioativas deixadas pelas colisões começaram a aquecer a rocha por debaixo da superfície, fundindo quantidades maciças desses materiais e forçando os mares de lava a entrar para as crateras da superfície.

A Apolo 15 encontrou uma queda de rochedos na cratera Tsiolovsky seis vezes maior que qualquer queda de rochas na Terra. A Apolo 16 descobriu que a colisão que criara o mar do Néctar depositara também detritos num raio superior a 1.500 quilômetros.

A Apolo 17 alunissou próximo de uma escarpa oito vezes mais alta que qualquer uma na Terra, o que significa que foi formada por um abalo sísmico lunar oito vezes mais violento que qualquer outro na história da Terra.

As convulsões que se seguiram a este evento cósmico continuaram durante 800 milhões de anos para que a composição da Lua e sua superfície adquirissem sua forma gelada há cerca de 3,2 bilhões de anos.
Os sumérios, então, tinham razão em representar a Lua como um corpo celeste por direito próprio. E, como em breve veremos, deixaram-nos também um texto que explica e descreve a catástrofe cósmica a que se referem os peritos da NASA.
O planeta Plutão foi cognominado "o enigma". Enquanto as órbitas à volta do Sol executadas pelos outros planetas se afastam apenas um pouco de ser um círculo perfeito, o desvio ("excentricidade") de Plutão é tal, que ele descreve a mais extensa e elíptica órbita à volta do Sol. Enquanto os outros planetas orbitam o Sol mais ou menos dentro do mesmo plano, Plutão está fora de ordem por uns largos 17º. Devido a estes dois padrões pouco usuais de sua órbita, Plutão é o único planeta que atravessa a órbita de outro planeta, Netuno.
Pelo tamanho, Plutão está, na realidade, na classe dos "satélites". Seu diâmetro, 5.800 quilômetros, não é muito maior que o de Tritão, um satélite de Netuno, ou o de Titã, um dos dez satélites de Saturno. Devido às suas características pouco comuns, sugeriu-se que esta "inadaptação" poderia ter iniciado sua vida celeste como um satélite que, de uma forma ou de outra, escapou ao seu senhor e passou a orbitar o Sol por si próprio.
Como veremos em breve, foi isto o que realmente aconteceu, de acordo com os textos sumérios.
E atingimos agora o clímax da busca de respostas para os primeiros eventos celestes: a existência do Décimo Segundo Planeta. Por mais espantoso que isto possa parecer, o fato é que os astrônomos têm procurado as provas que demonstrem que, na realidade, tal planeta existiu outrora entre Marte e Júpiter.
Já próximo do fim do século 18, mesmo antes de Netuno ter sido descoberto, vários astrônomos demonstraram que “os planetas estavam colocados a certas distâncias do Sol de acordo com alguma lei definida". A sugestão, que veio a ser conhecida como a Lei do Presságio, convenceu os astrônomos de que o planeta devia ter girado num local onde até agora se desconhecia a

existência de qualquer corpo celeste - ou seja, entre as órbitas de Marte e Júpiter.
Instigados por estes cálculos matemáticos, os astrônomos começaram a esquadrinhar os céus na zona indicada para o "planeta desaparecido". No primeiro dia do século 19, o astrônomo italiano Giuseppe Piazzi descobriu, na exata distância indicada, um diminuto planeta (780 quilômetros de largura), a que chamou Ceres. Por volta de 1804, o número de asteróides ("pequenos planetas") encontrados elevou-se para quatro. Até o presente, foram contados quase 3.000 asteróides orbitando o Sol, no chamado Cinturão de Asteróides. Sem margem de dúvidas, trata-se aqui dos fragmentos de um planeta que foi reduzido a pedaços. Os astrônomos russos chamaram-lhe Phayton ("Carro Triunfal").
Entretanto, se os astrônomos estão seguros da existência de tal planeta, são incapazes de explicar seu desaparecimento. Teria o planeta explodido por si próprio? Mas, neste caso, seus fragmentos voariam em todas as direções e nunca se concentrariam num único cinturão. Se uma colisão despedaçasse o planeta desaparecido, onde estaria o corpo celeste responsável pela colisão? Ter-se-á ele também despedaçado? Mas os destroços circundando o Sol, quando reunidos, são insuficientes até para formar um só planeta completo, quanto mais dois. Do mesmo modo, se os asteróides englobavam os fragmentos de dois planetas, deveriam ter mantido a rotação axial de dois planetas. Mas todos os asteróides têm uma única rotação axial, o que indica que vieram todos de um único corpo celeste. Como se despedaçou então o planeta desaparecido, e o que o terá despedaçado?
As respostas para estes quebra-cabeças nos foram legadas pela Antiguidade.

Há cerca de um século, a decifração dos textos encontrados na Mesopotâmia transformou-se inesperadamente na compreensão que lá mesmo, na Mesopotâmia, existiam textos que não só constituíam um paralelo, como também precediam algumas partes das Sagradas Escrituras. Die Kielschriften und das alte Testament [Os Escritos à Pena e o Antigo Testamento], escrito por Eberhard Schräder em 1872, deu origem a uma avalanche de livros, artigos, conferências e debates que duraram metade de um século. Houve, nos dias remotos, um elo entre a Babilônia e a Bíblia? Uma comparação entre

as capitulares afirmam-no ou denunciam-no provocantemente: BABEL e BIBEL.

Entre os textos descobertos por Henry Layard nas ruínas da biblioteca de Assurbanipal em Nínive havia um que contava a lenda da criação de modo não diferente daquele usado no livro do Gênesis. As barras partidas, reunidas e publicadas pela primeira vez por George Smith, em 1876 (The Chaldean Genesis) [A Gênese Caldéia], estabelecem bastante definidamente que aí existiu, na verdade, um texto acádio, escrito no dialeto babilônico antigo, que narra como certa divindade criou o céu e a terra e tudo o que existe sobre a terra, incluindo o homem.

Existe agora uma vasta literatura que compara o texto mesopotâmico com a narrativa bíblica. O trabalho da deidade babilônica foi executado, senão em seis "dias", então no curto espaço de tempo de seis barras. Paralelamente ao bíblico sétimo dia de descanso e distração de Deus do seu trabalho manual, a epopéia mesopotâmica dedica uma sétima barra à exaltação da divindade babilônica e de suas realizações. Adequadamente, L.W. King dá ao seu autorizado texto acerca do assunto o nome de The Seven Tablets of Creation [As Sete Barras da Criação].

Agora chamado "A Epopéia da Criação", o texto era conhecido na Antiguidade por suas palavras de abertura, Enuma Elish ("Quando nas alturas"). O conto bíblico da criação começa com a criação dos céus e da terra; o texto da Mesopotâmia é uma verdadeira cosmogonia, abordando importantes acontecimentos e transportando-nos até o princípio dos tempos:

Enuma elish la nabu shamamu.
Quando nas alturas o céu não fora nomeado.
Shaplitu ammatum shuma la zakrat.
E embaixo, solo firme [terra] não fora chamado.

Foi nessa altura, diz-nos a epopéia, que dois primitivos corpos celestes deram à luz uma série de "deuses" celestiais. À medida que o número de seres celestiais aumentava, começaram a fazer grande barulho e agitação perturbando o Pai Primevo. O seu fiel mensageiro fez-lhe ver, então, a pressa de tomar fortes medidas para disciplinar os jovens deuses, mas estes

conspiraram contra ele e privaram-no de seus poderes criativos. A Mãe Primeva procurou tirar vingança. O deus que liderara a revolta contra o Pai Primevo fez uma nova sugestão: deixar, ou melhor, fazer que seu jovem filho fosse convidado a reunir-se à assembléia dos deuses e lhe fosse concedida supremacia para que ele pudesse lutar sem ajuda com o "monstro" em que a mãe deles se tornara.

Garantida sua supremacia, o jovem deus - Marduk, de acordo com a versão babilônica - decidiu enfrentar o monstro, e, depois de uma renhida batalha, venceu-o e dividiu-o em duas partes. De uma parte ele criou o céu, e da outra, fez a terra.

Depois proclamou uma ordem fixa nos céus e associou a cada deus celestial uma posição permanente. Na terra, produziu montanhas, mares e rios, estabeleceu estações e vegetação, e criou o homem. A Babilônia e seu templo altaneiro foram construídos na terra como duplicação da residência celestial. Homens e deuses receberam nomeações, ordens e rituais para serem cumpridos. Os deuses proclamaram depois Marduk como a suprema deidade e concederam-lhe os "cinqüenta nomes", as prerrogativas e a categoria numérica do reino de Enlil.

À medida que mais barras e fragmentos eram encontrados e traduzidos, tornou-se evidente que o texto não era um simples trabalho literário; tratava-se, sim, da mais reverenciada epopéia histórico-religiosa da Babilônia, lida como parte dos rituais de ano-novo. Pretendendo propagar a supremacia de Marduk, a versão babilônica faz dele o herói do conto da criação. Isto, contudo, nem sempre se passou assim. Há provas suficientes para demonstrar que a versão da epopéia era uma poderosa falsificação político-religiosa das versões sumérias anteriores, nas quais Anu, Enlil e Ninurta eram os heróis.

No entanto, não importa que nomes tivessem os atores neste drama divino e celeste, o conto é com certeza tão antigo quanto a civilização suméria. Muitos estudiosos consideram-no uma obra filosófica - a mais antiga versão da eterna luta entre o Bem e o Mal - ou um conto alegórico da natureza verão e inverno, nascer e pôr-do-Sol, morte e ressurreição.

Mas por que não tomarmos a epopéia em seu valor nominal, como nada menos ou nada mais que o relato de fatos cosmológicos, tal como eram conhecidos pelos sumérios, tal como os Nefilim lhos transmitiram? Usando

esta ousada e romanesca aproximação, descobrimos que a "Epopéia da Criação" explica perfeitamente os acontecimentos que, provavelmente, tiveram lugar em nosso sistema solar.
O palco no qual se revela o drama celeste do Enuma Elish é o universo primevo. Os atores celestes são os que criaram e também os que estão sendo criados. Ato I:

Quando nas alturas o céu não fora nomeado,
E embaixo, a terra não fora chamada;
Nada, exceto o primordial APSU, seu criador,
MUMMU e TIAMAT - ela que os deu à luz, a todos;
As suas águas foram reunidas.

Nenhum junco se formara, nenhum pântano aparecera.
Nenhum dos deuses tinha já sido trazido à vida,
Nenhum tinha nome, seus destinos estavam indeterminados;
Foi então que os deuses se formaram no meio.

Com uns poucos rasgos do estilete de junco sobre a primeira barra de argila - em nove curtas linhas - o antigo poeta-cronista consegue fazer-nos sentar no centro da fila da frente, e ousada e dramaticamente levanta a cortina para o mais majestoso espetáculo de tempo: a criação do nosso sistema solar.
Na grande superfície do espaço, os "deuses" - os planetas - estão ainda por aparecer, por nomear, por ter seus "destinos" - suas órbitas - estabelecidos. Existem apenas três corpos: "o primordial AP.SU" ("um que existe desde o princípio"); MUM.MU ("um que nasceu"), e TIA-MAT ("donzela da vida"). As "águas" de Apsu e Tiamat juntaram-se, e o texto deixa bem claro que isto não se refere às águas onde os juncos cresciam, mas às águas primordiais, os elementos básicos portadores de vida do universo.
Assim sendo, Apsu é o Sol, "um que existe desde o princípio".
Mais próximo dele está Mummu. Mais para diante, a narrativa épica esclarece-nos que Mummu era o auxiliar e emissário de confiança de Apsu - uma boa descrição de Mercúrio, o pequeno planeta girando em torno de seu gigantesco senhor. Na verdade, este era o conceito que os antigos

gregos e os romanos tinham acerca do deus-planeta Mercúrio, o rápido mensageiro dos deuses.
Mais longe ficava Tiamat. Ela era o "monstro" que, mais tarde, Marduk despedaçaria, o "planeta desaparecido". Mas, em tempos primordiais, ela fora a primeira Mãe Virgem da primeira Divina Trindade. O espaço entre ela e Apsu não era de vácuo - estava preenchido com os elementos primordiais de Apsu e Tiamat. Estas "águas" misturaram-se intimamente e foi gerado um par de deuses celestiais - planetas - no espaço entre Apsu e Tiamat.

As suas águas foram confundidas...
Deuses foram gerados entre elas:
O deus LAHMU e o deus LAHAMU foram dados à luz;
Pelo nome eles foram chamados.

Etimologicamente, os nomes destes dois planetas derivam da raiz LHM ("fazer guerra"). Os antigos legaram-nos a tradição de que Marte era o Deus da Guerra e Vênus, simultaneamente, a Deusa do Amor e da Guerra. LAHMU e LAHAMU são, respectivamente, nomes masculino e feminino, e a identidade dos dois deuses da epopéia e dos planetas Marte e Vênus é assim confirmada tanto etimológica como mitologicamente. E astrologicamente o fato é também confirmado, uma vez que o planeta desaparecido, Tiamat, se localizava para além de Marte. Marte e Vênus estão, de fato, localizados no espaço entre o Sol (Apsu) e "Tiamat". Isto pode ser ilustrado se seguirmos o mapa celeste sumério.

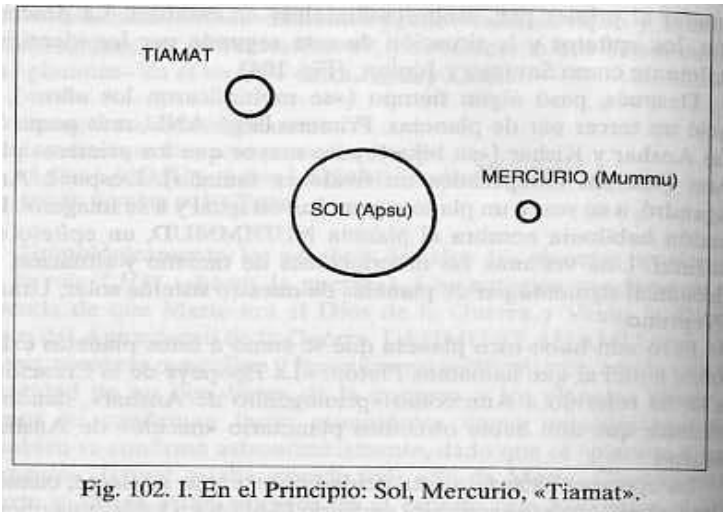


Fig. 102. I. En el Principio: Sol, Mercurio, «Tiamat».

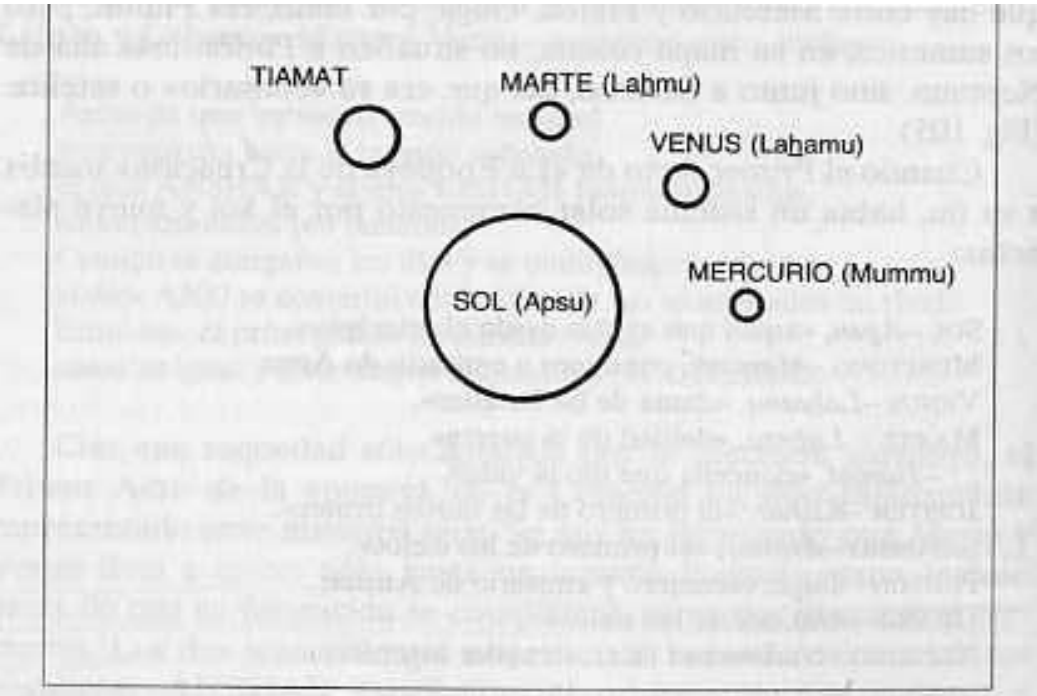


Fig. 103. II. Los Planetas Interiores –los «dioses en el medio»– nacen.

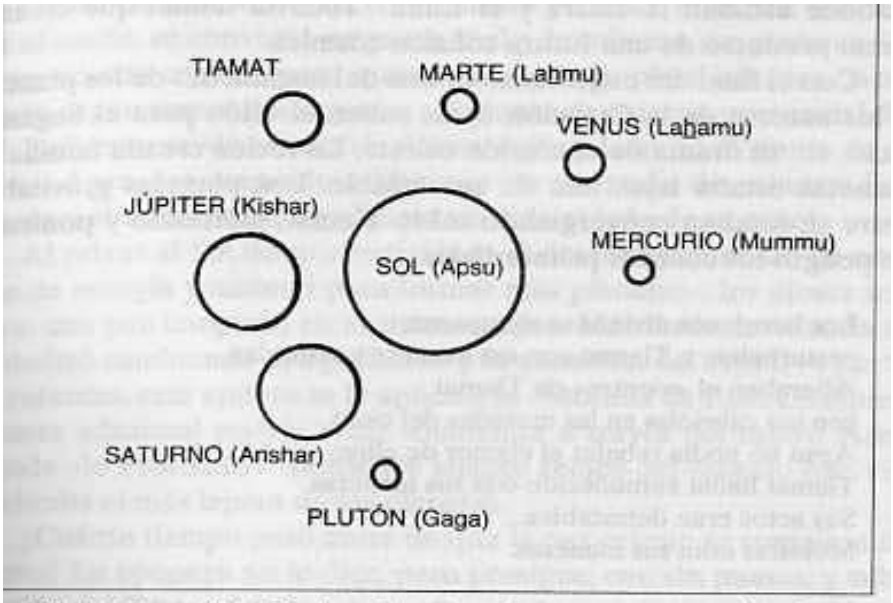
O processo de formação do sistema solar prosseguiu então. Lahmu e Lahamu - Marte e Vênus - foram dados à luz, mas mesmo:

Antes que eles avançassem nos anos
E em estatura até ao tamanho idealizado
Formaram-se o deus ANSHAR e o deus KISHAR,
Que os ultrapassaram [em tamanho].

À medida que os dias se alongavam e os anos se multiplicavam,
O Deus ANU tornou-se filho deles - um rival de seus antecessores.
Depois o primogênito de Anshar, Anu,
Engendrou à sua imagem e semelhança NUDIMMUD.

Com uma elegância conjugada apenas com a precisão da narrativa, desenrolou-se, ligeiro, ante nossos próprios olhos o ato I da Epopéia da criação. Sabemos que Marte e Vênus deviam desenvolver-se até determinado tamanho, mas, antes mesmo de sua formação estar completa, outro par de planetas foi gerado e formado. Eram dois planetas majestosos, como se pode

evidenciar pelos seus nomes: AN.SHAR ("príncipe, o primeiro nos céus") e KI.SHAR ("o primeiro nas terras firmes"). Eles deixaram para trás, em tamanho, o primeiro par, "ultrapassando-o" em estatura. A descrição, os epítetos e a localização deste segundo par facilmente os identificam como Saturno e Júpiter.

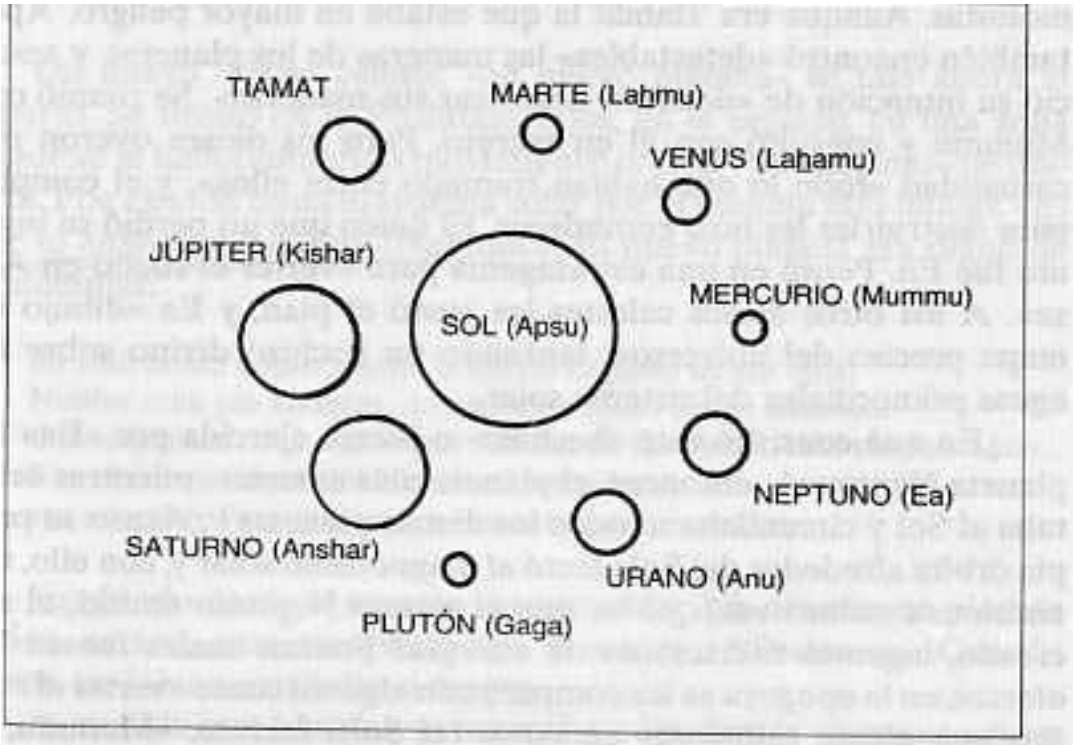


104. III. Los SHAR –los planetas gigantes– son creados, junto con su «emisario».

Decorreu, então, mais algum tempo ("multiplicaram-se os anos"), e outro par de planetas, o terceiro, foi dado à luz. Primeiramente veio ANU, menor que Anshar e Kishar ("filho deles"), mas, maior que os primeiros planetas ("de seus antepassados", um rival). Depois Anu, por seu turno, gerou um planeta gêmeo, "à sua imagem e semelhança". A versão babilônica chama a este planeta NUDIMMUD, um epíteto de Ea/Enki. Uma vez mais, as descrições de tamanhos e localizações adaptam-se ao seguinte par de planetas conhecido em nosso sistema solar, Urano e Netuno.

Havia ainda um outro planeta a ser explicado entre estes planetas exteriores, ao qual chamamos Plutão. A Epopéia da Criação referiu-se já a Anu como "o primogênito de Anshar", implicando assim a existência de outro deus planetário "nascido" a Anshar/Saturno. A epopéia alcança esta deidade celeste mais tarde, quando relata como Anshar enviou seu emissário GAGA em várias missões aos outros planetas. Gaga aparece igual em função e

estatura ao emissário de Apsu, Mummu. Isto traz à mente as muitas semelhanças entre Mercúrio e Plutão. Gaga era, então, Plutão. Mas os sumérios, em seu mapa dos céus, não colocam Plutão para além de Netuno, mas ao lado de Saturno, do qual ele era "emissário", ou satélite.



g. 105. IV. Se añaden los dos últimos planetas –iguales en su imagen.

Quando o ato I da Epopéia da Criação chegou ao fim, existia já um sistema solar constituído pelo Sol e por nove planetas:

SOL - Apsu, "um que existiu desde o princípio".
MERCÚRIO - Mummu, conselheiro e emissário de Apsu.
VÊNUS - Lahamu, "senhora de batalhas".
MARTE - Lahamu, "divindade da guerra".
- Tiamat, "donzela que deu vida".
JÚPITER - Kishar, "O primeiro em terra firme".
SATURNO - Anshar, "o primeiro nos céus".
PLUTÃO - Gaga, conselheiro e emissário de Anshar.
URANO - Anu, "ele dos céus".
NETUNO - Nudimmud (Ea), "engenhoso criador".

Onde estavam a Terra e a Lua? Ainda por criar, elas resultariam da futura colisão cósmica.
Com o fim do majestoso drama do nascimento dos planetas, os autores da Epopéia da Criação levantam agora a cortina para o ato II, um drama de celestiais distúrbios. A família de planetas recentemente criada estava longe de ter atingido a estabilidade. Os planetas gravitavam na direção uns dos outros convergindo para Tiamat, o que perturbava e punha em perigo os corpos primordiais.

Os divinos irmãos juntavam-se em grupo;
Eles perturbavam Tiamat enquanto se agitavam [para a frente e para trás].
Eles incomodavam a “barriga" de Tiamat
Com suas palhaçadas nas casas do céu.
Apsu não podia diminuir seu clamor;
Tiamat estava emudecida com suas maneiras.
Seus atos eram repugnantes...
Fastidiosas as suas maneiras.

Temos aqui referências óbvias a órbitas irregulares. Os novos planetas "agitavam-se para a frente e para trás"; ficavam demasiado próximos uns dos outros ("juntavam-se em grupo"); interferiam na órbita de Tiamat, aproximando-se demasiado de sua "barriga"; suas "maneiras" eram fastidiosas. Embora fosse Tiamat a que maior perigo corria, também Apsu achou as maneiras dos planetas "repugnantes". Ele anunciou sua intenção de "destruir, arruinar suas vias". Ele reuniu-se às pressas com Mummu, pediu-lhe conselho em segredo. Mas "o que quer que tenham tramado entre si" foi escutado pelos deuses e o plano para sua destruição deixou-os mudos. O único que não perdeu suas capacidades foi Ea. Ele arquitetou um plano para "derramar o sono sobre Apsu". Quando os outros deuses celestiais concordaram com o plano, Ea "desenhou um mapa fiel do universo" e lançou um feitiço divino sobre as primevas águas do sistema solar.
Que seria este "feitiço" ou força exercida por "Ea" (o planeta Netuno) - ou seja, o planeta mais exterior - enquanto orbitava o Sol e rodeava todos os outros planetas? Teria sua própria órbita à volta do Sol afetado o magnetismo

solar e, deste modo, suas emanações radioativas? Ou teria o próprio. Netuno, por sua iniciativa, emitido algumas vastas radiações de energia? Quaisquer que fossem os efeitos, a epopéia igualou-os a um "derrame de sono." - um efeito calmante - sobre Apsu (o Sol). Até "Mummu, o Conselheiro, ficou incapaz de se mexer".
Como no conto bíblico de Sansão e Dalila, o herói, derrotado pelo sono, pôde facilmente ser privado de seus poderes. Ea agiu rapidamente para roubar de Apsu seu papel criativo. Extinguindo, ao que parece, as imensas imanações de matéria primitiva do Sol, Ea/Netuno "tirou de Apsu a tiara, retirou seu manto de aura". Apsu estava "conquistado". Mummu já não podia deambular. Ele foi "despachado e deixado para trás", um planeta sem vida ao lado do seu senhor.
Privando o Sol de sua criatividade - travando o processo de emissão de mais energia e matéria para a formação de planetas adicionais -, os deuses trouxeram uma paz temporária ao sistema solar. A vitória foi ainda marcada pela mudança do significado e localização de Apsu. Este epíteto foi, a partir daí, aplicado à "residência de Ea". Quaisquer planetas adicionais, a partir deste momento, podiam apenas vir do novo Apsu, do "Abismo", os longínquos limites de espaço que o planeta mais exterior enfrentava.
Quanto. tempo decorreu até que a paz celestial fosse de novo quebrada? A Epopéia não o diz. Mas prossegue, com uma pequena pausa, e levanta a cortina para o ato III:

Na Câmara da Fortuna, o local dos Destinos,
Foi engendrado um deus, o mais capaz e sensato dos deuses;
No âmago do Abismo foi MARDUK criado.

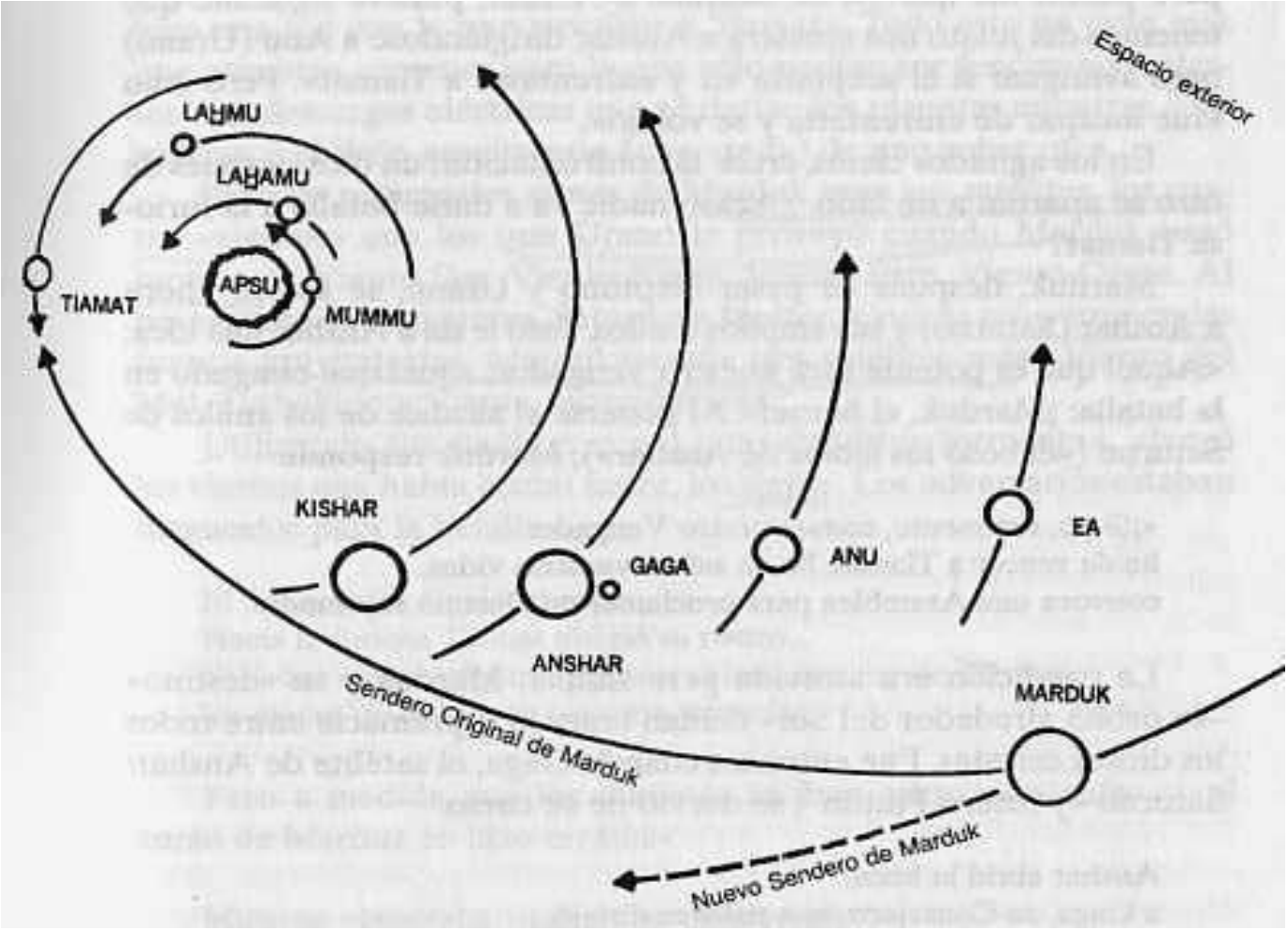
Um novo "deus" celestial, um novo planeta, junta-se à casta. Ele foi formado no Abismo, longe no espaço, numa zona em que o movimento orbital - o "destino" de um planeta - lhe tinha de ser comunicado. Foi atraído para o sistema solar pelo planeta de órbita mais exterior: "Aquele que o criou foi Ea (Netuno.)". O novo planeta era digno de contemplação:

Fascinante era sua figura, cintilante o erguer dos seus olhos;

Altivo seu porte, autoritário como de velhos tempos...
Entre os deuses ele era intensamente exaltado, excedendo [através...]
Ele era o mais supremo dos deuses, incomparável sua altura;
Seus membros eram enormes, ele era extremamente alto.

Aparecendo do espaço exterior, Marduk era ainda um planeta recém-nascido, vomitando fogo e emitindo radiação. "Quando ele abria seus lábios, o fogo resplandecia em frente."
À medida que Marduk se aproximava dos outros planetas, "eles encaminhavam em sua direção seus medonhos raios", e ele cintilou deslumbrantemente, "vestido com o halo de dez deuses". Sua aproximação estimulou emissões elétricas (e outras) dos restantes membros do sistema solar. E uma única palavra confirma aqui a nossa decifração da Epopéia da Criação: Dez corpos celestiais o aguardavam: o Sol e apenas outros nove planetas.
A narrativa épica leva-nos agora ao longo da velocíssima rota de Marduk. Ele passa primeiro. pelo planeta que o "criou", que o atraiu para o sistema solar, o planeta Ea/Netuno. À medida que Marduk se aproxima de Netuno, a força gravitacional deste último sobre o recém-chegado aumenta de intensidade. Torna redonda a via de Marduk, "fazendo-a boa para seu objetivo".
Marduk devia estar ainda nessa época num estágio muito plástico. À medida que passava por Ea/Netuno, a força gravitacional fez com que a face de Marduk adquirisse um bojo, como se possuísse uma "segunda cabeça". No entanto, nenhuma parte de Marduk foi arrancada como resultado desta passagem. Mas, enquanto alcançava as vizinhanças de Anu/Urano, pedaços de matéria começaram a separar-se dele, resultando daí a formação de quatro satélites de Marduk. "Anu deu à luz e idealizou os quatro lados, concedeu seus poderes ao chefe da hoste." Chamados "ventos", os quatro satélites foram arremessados para uma órbita rápida em torno de Marduk, "redemoinhando como um furacão".
A ordem de passagem, primeiro por Netuno, depois por Urano, indica que Marduk se aproximava do sistema solar não na direção orbital do sistema (direção contrária à dos ponteiros do relógio), mas no sentido horário.

Prosseguindo, o planeta em movimento foi em breve apanhado pelas imensas forças gravitacionais e magnéticas dos gigantes Anshar/Saturno e depois Kishar/Júpiter. Sua trajetória inclinou-se ainda mais para o interior, na direção de Tiamat.



A aproximação de Marduk em breve começou a perturbar Tiamat e os planetas interiores (Marte, Vênus, Mercúrio). "Ele produziu correntes, perturbou Tiamat; os deuses não tinham descanso, levados como numa tempestade."

Embora neste ponto as linhas do antigo texto estejam parcialmente danificadas, é-nos ainda possível ler que o planeta que se aproximava "enfraqueceu seus órgãos vitais... comprimiu seus olhos". A própria Tiamat "andava de um lado para o outro, enlouquecida", com sua órbita evidentemente perturbada.

A força gravitacional do grande planeta que se aproximava em breve começou a arrancar pedaços de Tiamat. De seu centro surgiram onze "monstros", um tropel "resmungão e enraivecido" de satélites que "se separaram a si próprios" do corpo de Tiamat e "marcharam a seu lado". Preparando-se para enfrentar o apressado Marduk, Tiamat "coroou-os com halos", dando-lhes a aparência de "deuses" (planetas).
De particular importância para a Epopéia e para a cosmogonia mesopotâmica foi o satélite principal de Tiamat, cujo nome era KINGU, "o primogênito entre os deuses que formaram sua assembléia".

Ela exaltou Kingu,
No meio deles ela o fez grande...
O alto comando da batalha
Ela depositou nas mãos dele.

Sujeito a forças gravitacionais conflitantes, este grande satélite de Tiamat, começou a flutuar na direção de Marduk. Esta concessão a Kingu de uma Barra dos Destinos - um caminho planetário próprio - preocupou, em especial, os planetas exteriores. "Quem concedera a Tiamat o direito de dar à luz novos planetas?", inquiriu Ea. Ele conduziu o problema até Anshar, o gigante Saturno.

Tudo o que Tiamat arquitetara, ele lhe repetiu:
... Ela constituiu uma assembléia e está furiosa com raiva...
Ela juntou armas sem rival, produziu monstros-deuses...
Além dos doze do seu gênero que ele trouxe ao mundo;
De entre os deuses que formaram sua assembléia,
Ela elevou Kingu, seu primogênito, o fez chefe...
Deu-lhe uma Barra dos Destinos, cingiu-a a seu peito.

Voltando-se para Ea, Anshar perguntou-lhe se ele podia partir e assassinar Kingu. A resposta perdeu-se devido a uma fratura nas barras, mas, ao que parece, Ea não satisfez Anshar, uma vez que a continuação da narrativa apresenta Anshar voltando-se para Anu (Urano) para tentar saber se deveria

"ir e fazer frente a Tiamat". Mas Anu "foi incapaz de a enfrentar e regressou".
Nas agitadas alturas forma-se um confronto; um deus depois do outro, todos vão se desviando. Será que nenhum vai batalhar com a irada Tiamat?
Marduk, tendo passado Netuno e Urano, aproxima-se agora de Anshar (Saturno) e dos seus extensos anéis. Isto dá uma idéia a Anshar: "Ele que é potente será nosso vingador; ele que gosta de batalhas: Marduk, o Herói!" Chegando ao alcance dos anéis de Saturno ("ele beijou os lábios de Anshar"), Marduk responde:

Se, na verdade, eu como vosso Vingador
Tenho de conquistar Tiamat, salvar vossas vidas
Convoquem uma assembléia para proclamar a supremacia do meu Destino!

A condição era audaciosa, mas simples: Marduk e seu "destino" - sua órbita em torno do Sol - teriam de ser supremas entre todos os deuses celestiais. Foi então que Gaga, o satélite de Anshar/Saturno - e o futuro Plutão - foi desligado de sua órbita:

Anshar abriu sua boca,
A Gaga, seu Conselheiro, ele dirigiu uma palavra...
Fica no teu caminho, Gaga,
Manifesta tua posição entre os deuses,
E aquilo que eu te disser
Tu o repetirás a eles.

Passando pelos outros deuses/planetas, Gaga instigou-os a "fixar vossos decretos para Marduk". A decisão foi como que antecipada: os deuses estavam apenas demasiado desejosos de ter alguém mais para marcar pontos para o lado deles. "Marduk é rei", gritaram eles e incitaram-no a não perder mais tempo: "Vai e corta a vida de Tiamat!”
A cortina ergue-se agora para o ato IV, a batalha celeste.
Os deuses decretaram o "destino" de Marduk; sua força gravitacional combinada determinou já a via orbital de Marduk para que ele

não possa seguir senão um caminho, o que leva a uma "batalha", uma colisão com Tiamat.
Como compete a um guerreiro, Marduk armou-se com uma grande variedade de armas. Encheu seu corpo com uma "abrasadora chama"; "construiu um arco... ligou-lhe uma seta... em sua frente ele colocou o relâmpago"; e "depois fez uma rede para envolver Tiamat". Estes são nomes comuns para aquilo que pode apenas ter sido uma série de fenômenos celestiais - a descarga de raios elétricos quando os dois planetas convergiram, a força gravitacional (uma "rede") de um planeta sobre o outro.
Mas as principais armas de Marduk eram seus satélites, os quatro “ventos" que Urano lhe fornecera quando Marduk passou por ele - Vento Sul, Vento Norte, Vento Leste e Vento Oeste. Passando agora pelos gigantes, Saturno e Júpiter, e sujeito às suas tremendas forças gravitacionais, Marduk "deu à luz" mais três satélites - Vento Vil, Furacão e Vento Incomparável.
Usando seus satélites como um "carro de tempestades", "fez avançar os ventos que dera à luz, todos os sete". Os adversário estavam prontos para a batalha.

O Senhor avançou, seguiu seu caminho;
Na direção da irada Tiamat ele virou sua face...
O Senhor aproximou-se para esquadrinhar a face interior de Tiamat -
Para se aperceber do esquema de Kingu, seu esposo.

Mas à medida que os planetas orbitavam mais e mais perto uns dos outros, a rota de Marduk tornou-se errante:

Enquanto olha, sua trajetória fica perturbada.
Sua direção é desviada, seus atos, confusos.

Até os satélites de Marduk começaram a desviar sua rota:

Quando os deuses, seus ajudantes,
Que marchavam a seu lado,
Viram o valente Kingu, sua visão ofuscou-se.

Será que, no fim de tudo, os combatentes iriam faltar?
Mas a decisão estava tomada, os rumos irrevogavelmente em rota de colisão. "Tiamat emitiu um rugido"... "o Senhor levantou a tempestade caudalosa, sua poderosa arma". Enquanto Marduk se aproximava cada vez mais, a "fúria de Tiamat crescia", "as raízes de suas pernas balançavam para trás e para a frente". Ela começou a lançar "feitiços" contra Marduk, a mesma espécie de ondas celestiais que Ea usara anteriormente contra Apsu e Mummu. Mas Marduk continuou em sua direção de encontro a ela.

Tiamat e Marduk, os mais sensatos de todos os deuses,
Avançavam de encontro um ao outro;
Apressaram-se para o combate individual,
Aproximaram-se para a batalha.

A Epopéia volta-se agora para a descrição da batalha celestial, na seqüência da qual foram criados os céus e a terra.

O Senhor espalhou sua rede para a envolver;
O Vento Vil, o da retaguarda, ele desatrelou à frente dela.
Quando ela, Tiamat, abriu a boca para o devorar –
Ele dirigiu o Vento Vil para ela, para que não pudesse fechar os lábios.
Os ferozes ventos de tempestade atacaram então sua barriga;
Seu corpo distendeu-se - sua boca estava escancarada.
Através dela ele disparou uma seta, ela rasgou sua barriga;
Cortou suas entranhas, rasgou até seu ventre.
Tendo-a assim submetido, ele extinguiu seu hálito de vida.

Aqui está uma teoria muito original explicativa dos quebra-cabeças com que ainda hoje nos confrontamos. Um sistema solar, composto pelo Sol e nove planetas, foi invadido por um grande planeta parecido com um cometa vindo do espaço exterior. Primeiro ele encontrou Netuno; quando passou por Urano, pelo gigante Saturno e por Júpiter, sua rota foi profundamente inclinada para dentro, em direção ao centro do sistema solar, e deu à luz sete

satélites. Depois, foi inalteravelmente colocado em rota de colisão com Tiamat, o planeta seguinte na linha.

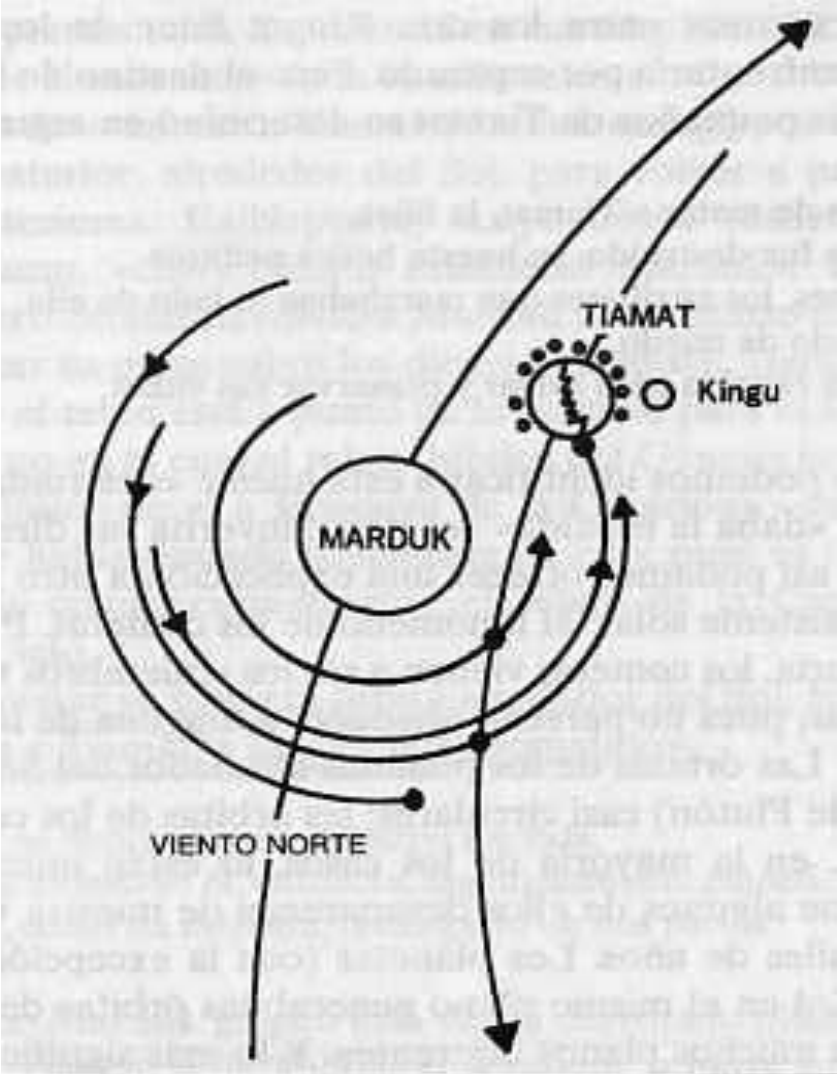


Fig. 107. LA BATALLA CELESTE

Mas os dois planetas não colidiram, fato de importância astronômica fundamental: foram os satélites de Marduk que se chocaram com Tiamat, e não o próprio Marduk. Eles "distenderam" o corpo de Tiamat, fizeram nela uma larga rachadura. Através destas fissuras em Tiamat, Marduk disparou uma "seta", um "relâmpago divino", um imenso raio de eletricidade que saltou como uma faísca de Marduk carregado de energia, o planeta que estava cheio de "esplendor". Encontrando seu caminho nas entranhas de Tiamat, "extinguiu seu hálito de vida". Neutralizou as forças e os campos elétricos e magnéticos próprios de Tiamat, e "extinguiu-os".

O primeiro encontro entre Marduk e Tiamat deixou-a cheia de fissuras e estéril, mas seu destino final seria ainda determinado por encontros futuros entre os dois. Kingu, chefe dos satélites de Tiamat, seria tratado separadamente. Mas o destino dos outros dez satélites menores de Tiamat foi desde logo determinado.

Depois de ele ter trucidado Tiamat, a líder,
Seu grupo foi despedaçado, sua hoste partida.
Os deuses, seus ajudantes que marchavam a seu lado,
Tremendo de medo,
Voltaram suas costas para salvar e preservar suas vidas.

Poderemos identificar este exército "despedaçado... partido", que tremeu e "voltou suas costas", inverteu sua direção?
Fazendo isto oferecemos uma explicação para ainda mais um quebra-cabeça do nosso sistema solar: o fenômeno dos cometas. Minúsculos globos de matéria, são freqüentemente referidos como os "membros em rebelião" do sistema solar, uma vez que parecem não obedecer a quaisquer normas usuais de estrada. As órbitas dos planetas à volta do Sol (à exceção de Plutão) são quase circulares; as órbitas dos cometas são alongadas, e, em algumas circunstâncias, tão alongadas que alguns deles desaparecem de nossa vista durante centenas ou milhares de anos. Os planetas (à exceção de Plutão) orbitam o Sol no mesmo plano geral; as órbitas dos cometas repousam em vários planos diversos. Significativamente, enquanto todos os planetas que conhecemos giram à volta do Sol, no sentido anti-horário, muitos cometas movem-se na direção inversa.
Os astrônomos são incapazes de dizer que força, que acontecimento criou os cometas e os lançou para suas extravagantes órbitas. Nós respondemos: Marduk! Passando rapidamente na direção inversa, num plano orbital próprio, ele despedaçou, fraturou a hoste de Tiamat em cometas menores e afetou-os com sua força gravitacional, sua assim chamada rede:

Atirados para a rede, eles viram-se presos no laço...
O grupo completo de demônios que marchara ao lado dela.

Ele lançou-lhe grilhões, ligou suas mãos...
Estreitamente rodeados, eles não podiam escapar.

Depois de terminada a batalha, Marduk levou de Kingu a Barra dos Destinos (a órbita independente de Kingu) e prendeu-a a seu próprio peito (o de Marduk): sua trajetória foi inclinada para uma permanente órbita solar. A partir desse tempo, Marduk passou a ser obrigado a regressar sempre à cena da batalha celeste.
Tendo "conquistado" Tiamat, Marduk flutuou nos céus, fora no espaço, à volta do Sol, e voltou a traçar sua passagem pelos planetas exteriores: Ea/Netuno, "cujo desejo Marduk alcançou", Anshar/Saturno, "cujo triunfo Marduk estabeleceu". Depois, seu novo caminho orbital fez Marduk regressar à cena de seu triunfo, "para fortalecer seu poder sobre os deuses conquistados ", Tiamat e Kingu.
Quando a cortina se prepara para erguer para o ato V, aqui - e apenas aqui, embora até hoje não se tenha entendido isto -, o conto bíblico do Gênesis encontra a Epopéia da Criação da Mesopotâmia. É apenas neste ponto que a narrativa da Criação dos Céus e da Terra realmente começa.
Completando sua primeira e eterna órbita à volta do Sol, Marduk "regressou então a Tiamat, a quem ele subjugara".

O Senhor fez uma pausa para apreciar seu corpo sem vida.
Então engenhosamente planejou dividir o monstro.
Depois, ele separou-a em duas partes, como um mexilhão.

O próprio Marduk agride agora o planeta derrotado, separando Tiamat em dois, arrancando seu "crânio" ou parte superior. Depois, outro satélite de Marduk, o chamado Vento Norte, colidiu de encontro a uma das metades separadas. O pesado sopro transportou esta parte, destinada a tornar-se a Terra, até uma órbita em que nenhum planeta orbitara antes:

O Senhor calcou a parte traseira de Tiamat;
Com sua arma, cortou a fundo o crânio ligado;
Arrancou os canais de seu sangue;

E fez com que o Vento Norte a levasse
Até locais desconhecidos.

A Terra fora criada!
A parte inferior teve outro destino: na segunda órbita, o próprio Marduk chocou-se com ela reduzindo-a a pedaços:

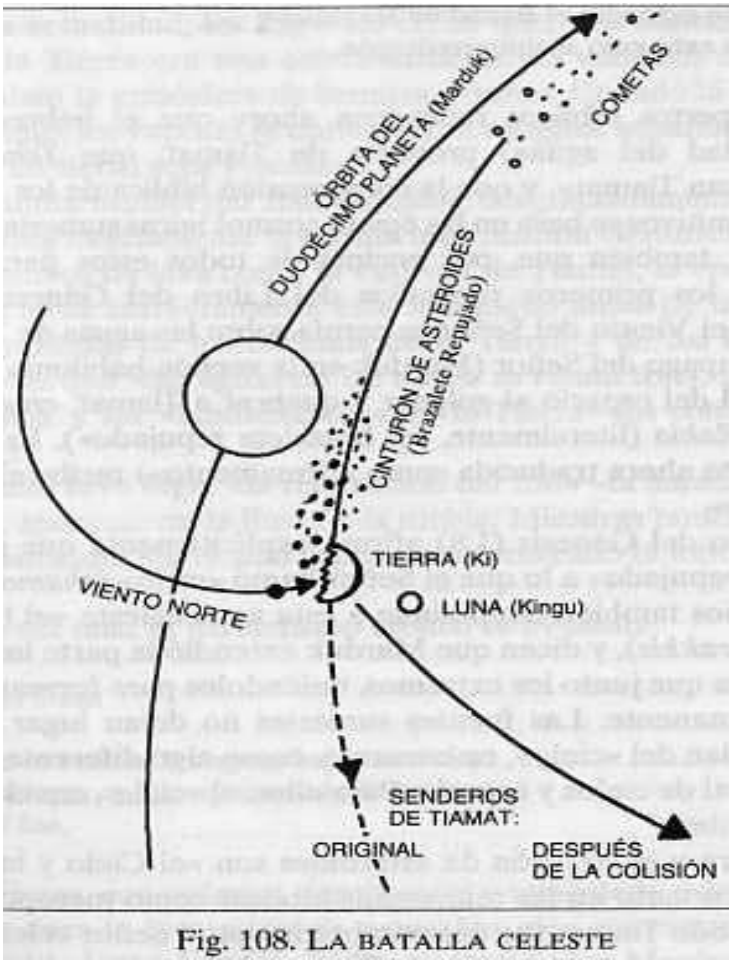


Fig. 108. LA BATALLA CELESTE

A [outra] metade dela ele colocou como um anteparo para os céus:
Fechando-os juntos, como vigilantes ele os estacionou...
Inclinou a cauda de Tiamat para formar com o Grande Grupo um bracelete.

Tiamat foi dividida: a sua despedaçada metade é o céu. - o Cinturão de Asteróides; a outra metade, a Terra, é levada para outra órbita nova pelo satélite de Marduk "Vento Norte". O principal satélite de Tiamat, Kingu,

torna-se a Lua da Terra! Os seus outros satélites constituem agora os cometas.

Os pedaços desta metade quebrada foram batidos até se tornarem um "bracelete" nos céus, atuando como um anteparo entre os planetas interiores e os planetas exteriores. Eles foram estendidos num "grande grupo". Estava criado o Cinturão de Asteróides.

Astrônomos e físicos reconhecem a existência de grandes diferenças entre os planetas interiores, ou "terrestres" (Mercúrio, Vênus, Terra, com sua Lua, e Marte), e os planetas exteriores (Júpiter e para além dele), dois grupos separados pelo Cinturão de Asteróides. Encontramos agora, na epopéia suméria, uma identificação antiga destes fenômenos.

E, mais que isso, é-nos oferecida pela primeira vez uma explicação cosmogônico-científica coerente dos acontecimentos celestes que levaram ao desaparecimento do "planeta desaparecido" e à conseqüente criação do Cinturão de Asteróides (mais os cometas) e da Terra. Depois que vários de seus satélites e de seus raios elétricos dividiram Tiamat em dois, outro satélite de Marduk desviou sua metade superior para uma nova órbita, fez em pedaços a parte inferior e dispersou-os numa enorme faixa celeste.

Cada quebra-cabeça que mencionamos encontra sua resposta na Epopéia da Criação tal como nós a deciframos. Além disso, possuímos também a resposta para a questão de a Terra ter seus continentes concentrados num lado, e uma enorme e profunda cavidade (o leito do oceano Pacífico) no extremo oposto. A constante referência às "águas" de Tiamat é também esclarecedora. Ela era chamada o Monstro das Águas e é fácil perceber que a Terra, como parte de Tiamat, receba, do mesmo modo, como legado estas águas. De fato, alguns estudiosos modernos descrevem a Terra como o "Planeta Oceano", uma vez que é o único planeta conhecido de nosso sistema solar a ser abençoado com estas águas que doam a vida.

Por muito novas que possam parecer estas teorias cosmológicas, eram fato assente e aceite pelos profetas e sábios cujas palavras enchem o Antigo Testamento. O profeta Isaías relembrou "os primevos dias" quando o poder do Senhor "gravou O Altivo, fez rodar o monstro das águas, secou as águas de Tehom-Raba". Chamando ao Senhor Javé "meu primevo rei", o salmista

transmite em poucos versos a cosmogonia da epopéia da criação. "Pelo teu poder tu fizeste as águas dispersar; o chefe dos monstros aquosos tu partiste." Jó relembrou como este Senhor celestial assassinou também "os assistentes do Altivo" e com uma impressionante sofisticação astronômica exaltou o Senhor que:

A abóbada partida ele estendeu no lugar de Tehom,
A Terra suspendeu no vazio...
Seus poderes prenderam as águas,
Sua energia fendeu
O Altivo Seu Vento mediu o Bracelete Partido;
Sua mão extinguiu o tortuoso dragão.

Os eruditos da Bíblia reconhecem agora que o hebraico Tehom (“abismo aquoso") deriva de Tiamat; que Tehom-Raba significa "grande Tiamat" e que a compreensão bíblica dos acontecimentos primevos se baseia nas epopéias cosmológicas sumérias. Deveria também ficar claro que o primeiro e principal destes paralelos são os versos de abertura do livro do Gênesis, descrevendo como o vento do Senhor pairou sobre as águas de Tehom e como o relâmpago do Senhor (Marduk na versão babilônica) iluminou a escuridão do espaço quando atingiu e separou Tiamat, criando a Terra e a Rakia (literalmente, o "bracelete partido"). Esta faixa celestial (traduzida aqui como "firmamento") é chamada "os céus".

O livro do Gênesis (1:8) afirma explicitamente que a este "bracelete partido" o Senhor chamou "céu" (shamaim). Os textos acádios chamam também a esta zona celestial "o bracelete partido" (rakkis) e descrevem como Marduk estendeu a parte inferior de Tiamat de extremo a extremo e a cingiu num grande círculo permanente. As fontes sumérias não deixam dúvida de que o "céu" específico, distinto do conceito geral de céus e espaço, era o cinturão de asteróides.

A nossa Terra e o cinturão de asteróides são o "céu e a terra" tanto das referências bíblicas como das mesopotâmicas, criadas quando Tiamat foi desmembrado pelo celeste Senhor.

Depois do Vento Norte de Marduk ter empurrado a Terra para sua nova localização celeste, ela obteve sua própria órbita à volta do Sol (resultando daí as nossas estações) e recebeu seu fuso axial (dando-nos o dia e a noite). Os textos mesopotâmicos sustentam que uma das tarefas de Marduk depois de ter criado a Terra foi, de fato, "atribuir [à Terra] os dias do Sol e estabelecer os limites do dia e da noite". Os conceitos bíblicos são idênticos:

E o Senhor disse:
Que haja luzes no céu partido,
Para dividir o dia e a noite;
E que eles sejam sinais celestiais
E para estações e para dias e para anos.

Os estudiosos modernos acreditam que, depois de a Terra se ter tomado planeta, ela era uma bola quente de vulcões ardentes, enchendo os céus com nevoeiros e nuvens. A medida que as temperaturas começaram a arrefecer, os vapores condensaram-se em água, separando a face da Terra em terra seca e oceanos.

A quinta barra de Enuma Elish, embora muito mutilada, comunica exatamente a mesma informação científica. Descrevendo o fluxo de lava como a "saliva" de Tiamat, a narrativa épica da criação coloca corretamente este fenômeno de atmosfera, dos oceanos da Terra e dos continentes. Depois de as "nebulosas águas estarem reunidas", os oceanos começaram a formar-se e os "alicerces" da Terra - seus continentes - foram erguidos. À medida que acontecia "a fabricação de frio" - um arrefecimento -, apareceram a chuva e as névoas. Entretanto, "a saliva" continuou a "derramar-se", formando camadas, dando forma à topografia da Terra.

Uma vez mais o paralelo bíblico é claro:

E o Senhor disse:
Que se reúnam as águas sobre os céus, juntas num só lugar, e que surja a terra seca.
E assim se fez.

A Terra, com oceanos, continentes e uma atmosfera, estava agora pronta para a formação de montanhas, rios, nascentes e vales. Atribuindo toda a criação ao Senhor Marduk, Enuma Elish continuou a narração:

Colocando em posição a cabeça de Tiamat [Terra],
Ele ergueu aí as montanhas.
Ele abriu nascentes, afastou as torrentes.
Através dos olhos dela ele libertou o Tigre e o Eufrates.
De seios ele formou as supremas montanhas,
Furou nascentes para a água ser levada em regos.

Em perfeito acordo com os achados modernos, tanto o livro do Gênesis como o Enuma Elish e outros textos mesopotâmicos relacionados situam o começo da vida sobre a terra no seio das águas, seguindo pelas "criaturas vivas que pululam" e "pela criação que voa". Só nessa altura é que "criaturas vivas do gênero deles, gado e coisas e animais rastejantes"; apareceram sobre a terra, culminando com o aparecimento do homem - o ato final da criação.
Como parte da nova ordem celestial sobre a terra, Marduk "fez aparecer a divina Lua... designou que ela marcasse a noite e definisse os dias em cada mês".
Quem era este deus celeste? O texto chama-lhe SHESH.KI ("deus celeste que protege a terra"). Não há nenhuma menção anterior na epopéia a um planeta com este nome; e, no entanto, aí está ele, "dentro de sua pressão celestial [campo gravitacional]". E a quem se refere este "sua": a Tiamat ou à Terra?
Os papéis de Tiamat e da Terra e as referências sobre elas parecem ser permutáveis. A terra é a reencarnação de Tiamat. A Lua chama-se o "protetor" da Terra, ou seja, exatamente como Tiamat chamava a Kingu, seu satélite principal.
A criação épica exclui especificamente Kingu da "hoste" de Tiamat, que foi despedaçada, disseminada e posta em movimento inverso à volta do Sol como cometas. Depois de Marduk ter completado sua primeira órbita própria e ter regressado à cena da batalha, ele decretou o destino se parado de Kingu:

E a Kingu, que se tornara chefe entre eles,

Ele fez tremer;
Como deus DUG.GA.
E ele o contou.
Ele tirou-lhe a Barra dos Destinos,
Que não era legalmente sua.

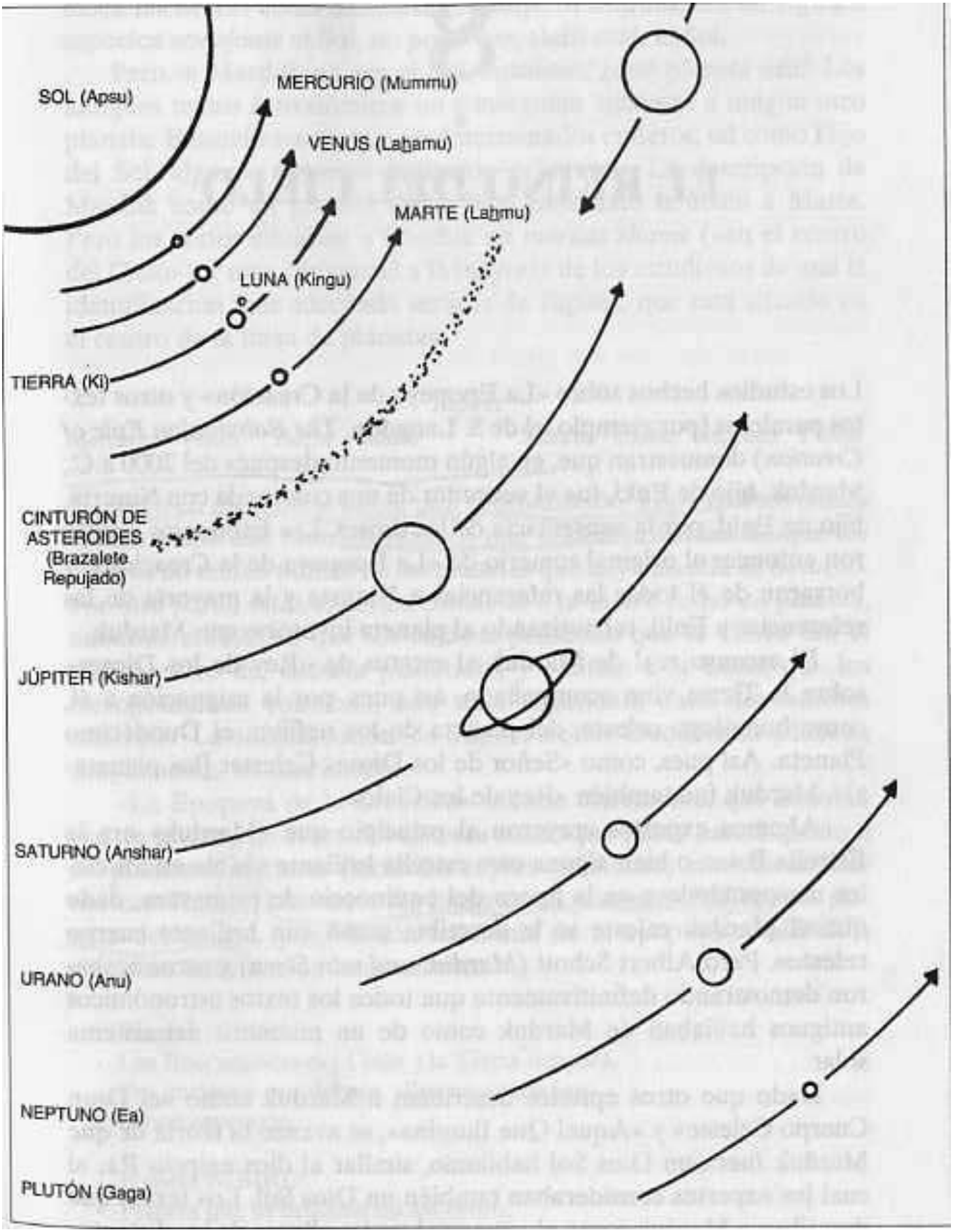
Marduk, então, não destruiu Kingu: puniu-o com a retirada de sua órbita independente que Tiamat lhe concedera quando aumentou de tamanho. Reduzido a um tamanho menor, Kingu ficou um "deus", um membro planetário de nosso sistema solar. Sem uma órbita, ele podia apenas tornar-se de novo um satélite. Como a parte superior de Tiamat foi arremessada para uma nova órbita (como o novo planeta Terra), nós sugerimos que Kingu foi levado com ela. Nossa Lua, pensamos, é Kingu, o satélite anterior de Tiamat.
Transformado num duggae celeste, Kingu fora privado de seus elementos "vitais" - atmosfera, águas, matéria radioativa -, ele diminuiu de tamanho e tornou-se "uma massa de argila sem vida". Estes termos sumérios descrevem adequadamente nossa estéril Lua, a sua história recentemente descoberta e o destino que este planeta recebeu começando como KIN.GU ("o grande emissário") e terminando como DUG.GA.E ("pote de chumbo").
L. W. King (The Seven Tablets of Creation) relata a existência de três fragmentos de uma barra astronômico-mitológica que apresentava outra versão na batalha de Marduk com Tiamat, incluindo versos que tratavam do modo como Marduk despachou Kingu. "Kingu, sua esposa, com uma arma não de guerra ele separou... As Barras do Destino de Kingu ele tomou em sua mão." Uma tentativa posterior levada a cabo por B. Landesberger (em 1923, no Arquivo para a Pesquisa da Escrita Cuneiforme), no sentido de editar e traduzir completamente o texto, demonstrou a permutabilidade dos nomes Kingu/Ensu/Lua.
Estes textos não só confirmam nossa conclusão sobre o fato do satélite principal de Tiamat se ter tornado nossa Lua; eles explicam também as descobertas da NASA referentes a uma enorme colisão "quando corpos celestes do tamanho de grandes cidades chocaram-se com a Lua". Tanto as descobertas da NASA como o texto encontrado por L. W. King descrevem a Lua como o "planeta que foi deixado deserto".

Foram descobertos selos cilíndrios que descrevem a batalha celeste, mostrando Marduk lutando com uma feroz deidade feminina. Tal descrição mostra Marduk disparando seu relâmpago contra Tiamat, com Kingu, claramente identificado com a Lua, tentando proteger Tiamat, seu criador.

Esta prova pictórica de que a Lua da Terra e Kingu foram o mesmo satélite é posteriormente sublinhada pelo fato etimológico de que o nome; do deus SIN, em tempos posteriores associado com a Lua, derivou de SU.EN ("senhor da Terra deserta").
Tendo derrotado Tiamat e Kingu, Marduk mais uma vez "atravessou os céus e inspecionou as regiões". Desta vez sua atenção focaliza-se na "habitação de Nudimmud" (Netuno), para fixar um "destino" final para Gaga, outrora o satélite de Anshar/Saturno que foi feito um "emissário" para outros planetas.

A epopéia informa-nos que, como um de seus atos finais nos céus, Marduk atribuiu a este deus celeste "um lugar escondido", uma órbita até hoje desconhecida em frente ao "abismo" (espaço exterior), e concedeu-lhe "o cargo de conselheiro da Aquosa Profundidade". De acordo com sua nova posição, o planeta voltou a receber nome - US.MI ("um que indica o caminho"), o planeta mais exterior, nosso Plutão.
Segundo a Epopéia da Criação, Marduk em certa altura alardeia: "As vias dos deuses celestiais eu alterarei engenhosamente... em dois grupos elas serão divididas".

E, de fato, ele cumpriu o que dissera. Eliminou dos céus o primeiro companheiro-de-criação do Sol, Tiamat. Deu vida à Terra, lançando-a numa nova órbita mais próxima do Sol. Ele partiu um "bracelete" nos céus - o cinturão de asteróides que separa o grupo dos planetas interiores do grupo dos planetas exteriores. Transformou a maior parte dos satélites de Tiamat em cometas; ao principal satélite de Tiamat, Kingu, pôs em órbita à volta da Terra, convertendo-o na Lua. E desviou um satélite de Saturno, Gaga, para o transformar no planeta Plutão, transmitindo-lhe algumas das características orbitais próprias de Marduk (como, por exemplo, um plano orbital diferente).
Os quebra-cabeças de nosso sistema solar - as cavidades oceânicas sobre a Terra, a devastação na Lua, as órbitas invertidas dos cometas, o enigmático fenômeno de Plutão - são todos integral e perfeitamente respondidos pela epopéia mesopotâmica da criação, tal como a interpretamos.
Tendo deste modo "construído as estações" para os planetas, Marduk guardou para si próprio a "Estação Nibiru" e "atravessou os céus e inspecionou" o novo sistema solar. Este era agora constituído por doze corpos celestes, com doze grandes deuses como seus correspondentes.


SOL (Apsu)
MERCURIO (Mummu)
VENUS (Lahamu)
MARTE (Lahmu)
LUNA (Kingu)
TIERRA (Ki)
CINTURÓN DE ASTEROIDES (Brazalete Repujado)
JÚPITER (Kishar)
SATURNO (Anshar)
URANO (Anu)
NEPTUNO (Ea)
PLUTÓN (Gaga)

8
A Realeza do Céu

Estudos da "Epopéia da Criação" e textos paralelos (por exemplo, o de S. Langdon, The Babylonian Epic of Creation [A Epopéia Babilônica da Criação]), mostram que, em algum lugar, por volta do ano 2.000 a.C., Marduk, filho de Enki, foi o bem-sucedido vencedor de uma disputa com Ninurta, filho de Enlil, pela supremacia entre os deuses. Os babilônios reuniram então o original sumério da "Epopéia da Criação", expungiram dele todas as referências a Ninurta e a maior parte das referências a Enlil e voltaram a nomear o planeta invasor Marduk.

A verdadeira elevação de Marduk ao estado de "rei dos deuses" sobre a terra foi assim acompanhada pela associação a ele, como sua contraparte celestial, do planeta dos Nefilim, o Décimo Segundo Planeta. Como "senhor dos deuses celestes [os planetas] ", Marduk era também, e do mesmo modo, "rei dos céus".

Alguns estudiosos começaram por acreditar que "Marduk" era ou a Estrela do Norte ou qualquer outra brilhante estrela avistada nos céus da Mesopotâmia na altura do equinócio da primavera, uma vez que o celeste Marduk era descrito como um "brilhante corpo celestial". Mas Albert Schott (Marduk und sein Stern) [Marduk e Sua Estrela] e outros mostraram, concludentemente, que todos os antigos textos astronômicos falam de Marduk como de um membro do sistema solar.

Uma vez que outros epítetos descrevem Marduk como o "grande corpo celestial" e "um que ilumina", foi aventada a teoria de que Marduk era o Deus Sol babilônico, paralelo ao deus Ra egípcio, a quem os egípcios viam também como um Deus Sol. Textos descrevendo Marduk como aquele "que esquadrinha as alturas dos distantes céus... vestindo um halo cujo esplendor inspira o temor" apóiam esta teoria. Mas o mesmo texto continuava dizendo que "ele vistoria as terras como Shamash [o Sol]". Se Marduk era, em alguns aspectos, semelhante ao Sol, é claro que ele não podia ser o Sol.

Se Marduk não era o Sol, qual dos planetas era ele? Os antigos textos astronômicos não são capazes de identificá-lo com nenhum planeta.

Baseando suas teorias em certos epítetos (tais como, Filho do Sol), alguns estudiosos apontaram para Saturno. A descrição de Marduk, como um planeta de cor avermelhada fez também de Marte um candidato. Mas os textos colocavam Marduk em markas shame ("no centro do céu"), e isto convenceu muitos estudiosos de que a correta identificação devia ser Júpiter, que está localizado no centro da linha dos planetas:

Júpiter

Mercúrio Vênus Terra Marte Saturno Urano Netuno Plutão

Esta teoria padece de uma contradição. Os mesmos estudiosos que a apresentam são aqueles que defenderam o ponto de vista de que os caldeus não tinham consciência da existência de planetas para além de Saturno. Estes estudiosos listam a Terra como um planeta, enquanto defendem que os caldeus pensavam na Terra como um centro plano do sistema planetário. E eles omitem a Lua, que os mesopotâmios contaram definitivamente como um dos "celestes deuses". Equiparar o Décimo Segundo Planeta com Júpiter não resolve a questão.

A "Epopéia da Criação" afirma claramente que Marduk era um invasor vindo de fora do sistema solar, passando pelos planetas exteriores (incluindo Saturno e Júpiter) antes de colidir com Tiamat. Os sumérios chamaram NIBIRU, a esse planeta, o "planeta da travessia", e a versão babilônica da epopéia conservou as seguintes informações astronômicas:

Planeta NIBIRU:
As estradas cruzadas do céu e da terra ele ocupará.
Acima e por baixo eles não atravessarão.
Eles terão de o aguardar.

Planeta NIBIRU:
Planeta que é brilhante nos céus.
Ele tem a posição central;
A ele renderão homenagem.

Planeta NIBIRU:
É ele que sem enfado
Continua a atravessar o meio de Tiamat.
Que "TRAVESSIA" seja o seu nome –
Aquele que ocupa o centro.

Estas linhas fornecem as informações adicionais e concludentes que nos permitem dizer que, com a divisão dos outros planetas em dois grupos iguais, o Décimo Segundo Planeta “continua a atravessar o meio de Tiamat" - ou seja, sua órbita leva-o uma e outra vez sempre ao local da batalha celeste, onde antes estava Tiamat.
Nós descobrimos que os textos astronômicos que tratam, de um modo altamente sofisticado, dos períodos planetários, assim como as listas de planetas em sua ordem celestial, sugerem também que Marduk apareceu algures entre Júpiter e Marte. Uma vez que os sumérios sabiam de todos os planetas, o aparecimento do Décimo Segundo Planeta "na posição central" confirma nossas conclusões:

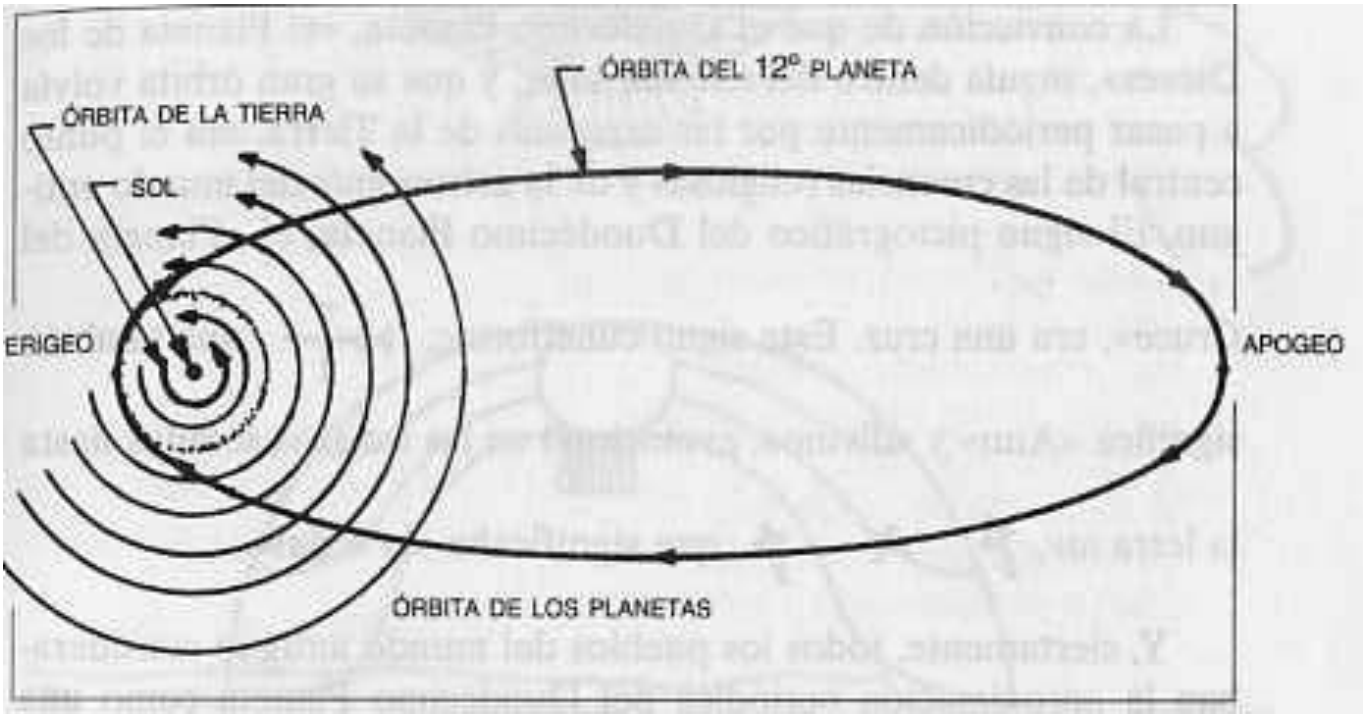
Marduk
Mercúrio Vênus Lua Terra Marte Júpiter Saturno Urano Netuno Plutão

Se a órbita de Marduk o leva até onde Tiamat estava outrora, relativamente próximo de nós (entre Marte e Júpiter), por que ainda não avistamos este planeta que, supostamente, é grande e brilhante?
Os textos mesopotâmicos falam de Marduk alcançando regiões desconhecidas dos céus e os longínquos confins do universo. "Ele perscruta o escondido conhecimento... ele vê todos os quadrantes do universo." Ele era descrito como o "monitor" de todos os planetas, aquele cuja órbita lhe dá possibilidade de rodear todos os outros. "Ele segura suas faixas [órbitas]", faz um "arco" à volta deles. Sua órbita é "mais suprema" e "superior" que qualquer outra de outro planeta. Ocorreu deste modo a Franz Kugler (Sternkunde und Sterndienst in Babylon) que Marduk fosse um corpo celeste movendo-se a altas velocidades, orbitando numa via de grande elíptica tal como um cometa.

Uma tal órbita elíptica, focalizada no Sol como um centro de gravidade, tem um apogeu - o ponto mais longínquo do Sol, onde se inicia o vôo de regresso - e um perigeu - o ponto mais próximo do Sol, onde se inicia o regresso para o espaço exterior. Descobrimos que estas duas “bases" estão de fato associadas com Marduk nos textos mesopotâmicos. Os textos sumérios descreviam o planeta como indo desde AN.UR ("Base do Céu") a E.NUN ("Residência Senhorial"). A Epopéia da Criação diz de Marduk:

Ele atravessou o céu e inspecionou as regiões...
Depois ele mediu a estrutura do abismo do Senhor.
Estabeleceu E-Shara como sua notável residência;
Como um grande domicílio ele estabeleceu E-Shara.

Uma "residência" era assim "notável" - distante nas profundas regiões do espaço. A outra foi estabelecida no "céu", nos limites do cinturão de asteróides, entre Marte e Júpiter.



Segundo os ensinamentos de seu antecessor sumério, Abraão de Ur, os antigos hebreus associaram também sua deidade suprema com o supremo planeta. Tal como os textos mesopotâmicos, muitos livros do Antigo

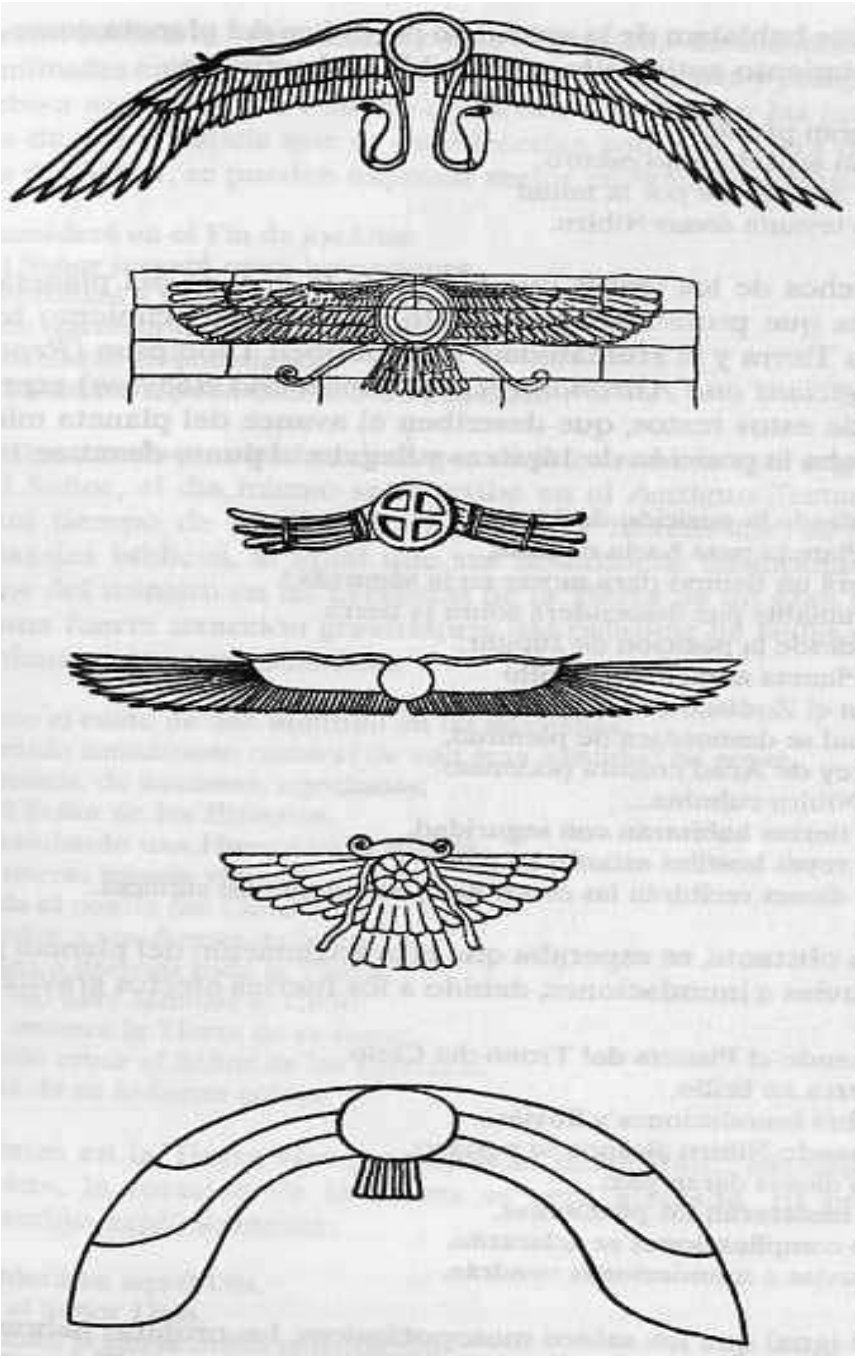
Testamento descrevem o "Senhor" como tendo sua residência nas "alturas do céu", onde ele “observa os principais planetas tal como foram erguidos"; um Senhor celestial que, invisível, "nos céus gira como um círculo". O livro de Jó, tendo descrito a colisão celeste, contém estes significativos versos que nos dizem para onde se dirigira o altaneiro e senhorial planeta:

Por sobre o abismo ele delineou uma órbita;
Onde a luz e a escuridão {se fundem}
É o seu mais longínquo limite.

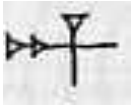
Não menos explicitamente, os Salmos sublinham a majestosa rota do planeta:

Os céus sugerem a glória do Senhor;
O Bracelete Partido proclama seu trabalho manual...
Ele avança como um camareiro vindo da abóbada;
Como um atleta ele deleita-se a correr a rota.
Dos confins dos céus ele emana,
E seu circuito fica no fim deles.

Reconhecido como um grande viajante nos céus, planando em alturas imensas no seu apogeu e depois "descendo, inclinando-se para o céu" no seu perigeu, o planeta é representado como um globo alado.
Toda vez que os arqueólogos descobriram vestígios de povos do Oriente Médio, o símbolo do globo alado estava visível, dominando templos e palácios, esculpido em rochas, gravado em selos cilíndricos, pintado em paredes. Acompanhava reis e sacerdotes, aparecia sobre seus tronos, "flutuava" sobre eles em cenas de batalhas, aparecia gravado em seus carros. Objetos de argila, metal, pedra e madeira eram adornados com este símbolo. Os governantes da Suméria e da Acádia, Babilônia e Assíria, Elam e Urartu, Mari e Nuzi, Mitanni e Canaã - todos eles reverenciaram o símbolo. Os reis hititas, os faraós egípcios, os shar's persas - todos proclamaram a supremacia do símbolo (e daquilo que ele representava). E assim permaneceu durante milênios.



Elemento central nas crenças religiosas e na astronomia do Mundo Antigo, era a convicção de que o Décimo Segundo Planeta, o "Planeta dos Deuses", permanecia no interior do sistema solar e que sua grandiosa órbita regressava periodicamente às proximidades da Terra. O signo pictográfico para o Décimo Segundo Planeta, o "Planeta da Travessia", era uma cruz. Este signo

cuneiforme  que significava também “Anu” e "divino", evoluiu nas línguas semitas para a letra tav, que queria dizer "o signo".
De fato, todos os povos do Mundo Antigo consideravam a aproximação periódica do Décimo Segundo Planeta como um indício de convulsões sociais, grandes modificações e novas eras. Os textos mesopotâmicos falam do aparecimento periódico do planeta como de um acontecimento antecipado, previsível e observável:

O grande planeta:
A sua aparência, vermelho-escuro.
O céu ele divide ao meio
E permanece como Nibiru.

Muitos textos abordando a chegada do planeta profetizavam os efeitos que o evento desencadearia na terra e sobre a humanidade. R. Campbell Thompson (The Reports of the Magiciens and Astronomers of Nineveh and Babylon) reproduziu vários destes textos que delineiam o progresso do planeta quando ele "rodeou a estação de Júpiter" e chegou ao posto de cruzamento, Nibiru:

Quando da estação de Júpiter
O planeta passa em direção ao oeste,
Esse será um tempo de residir em segurança.
Gentilmente a paz descerá sobre as terras.
Quando da estação de Júpiter
O planeta aumenta de brilho

E no zodíaco de câncer se torna Nibiru,
A Acádia será inundada com a abundância,
O rei de Acádia crescerá poderoso.
Quando Nibiru culmina...
As terras serão habitadas seguramente,

Reis hostis ficarão em paz,
Os deuses receberão preces e ouvirão súplicas.

Esperava-se, no entanto, que o planeta que se aproximava causasse chuvas e inundações, devido aos seus conhecidos efeitos gravitacionais de grande poder:

Quando o planeta do trono do céu
Crescer em brilho,
Haverá inundações e chuvas...
Quando Nibiru atinge seu perigeu,
Os deuses darão paz;
Os distúrbios serão resolvidos,
As complicações deslindar-se-ão.
Chuvas e inundações virão.

Tal como os sábios mesopotâmicos, os profetas hebreus consideraram a época da aproximação do planeta à Terra e de sua manifestação visível à humanidade como um período introdutor de uma nova era. A similaridade entre os presságios mesopotâmicos de paz e prosperidade que acompanhariam o planeta do trono do céu e as profecias bíblicas de paz e justiça que se estabeleceriam sobre a Terra depois do Dia do Senhor pode ser mais bem expressa nas palavras de Isaías:

E virá para passar no fim dos dias:
...O Senhor julgará entre as nações
E repreenderá muitos povos.
Eles forjarão suas espadas para relhas de arado
E suas lanças em podões;
Nenhuma nação levantará a espada contra outra nação.

Em contraste com as bênçãos da nova era, que se seguiriam ao Dia do Senhor, o próprio dia é descrito no Antigo Testamento como uma época de chuvas, inundações e terremotos. Se pensarmos nas passagens bíblicas como

referências, tal como suas correspondentes mesopotâmicas, à passagem pela Terra de um grande planeta de enorme força gravitacional, as palavras de Isaías serão plenamente compreendidas:

Como o barulho da multidão nas montanhas,
Um tumultuoso ruído como o de muita gente junta,
De reinos e nações reunidos em conjunto;
Assim é o Senhor dos Exércitos,
Comandando uma hoste para a batalha.
De uma longínqua terra eles vêm,
Do extremo oposto do céu
Vem o Senhor e suas armas de fúria
Destruir a terra inteira...
Por isso eu agitarei o céu
E a terra será sacudida do seu local
Quando o Senhor dos Exércitos atravessar
O dia de sua ardente cólera.

Enquanto na superfície da terra "montanhas se fundirão... vales serão fendidos", o fuso axial da Terra será também afetado. O profeta Amós prediz explicitamente:

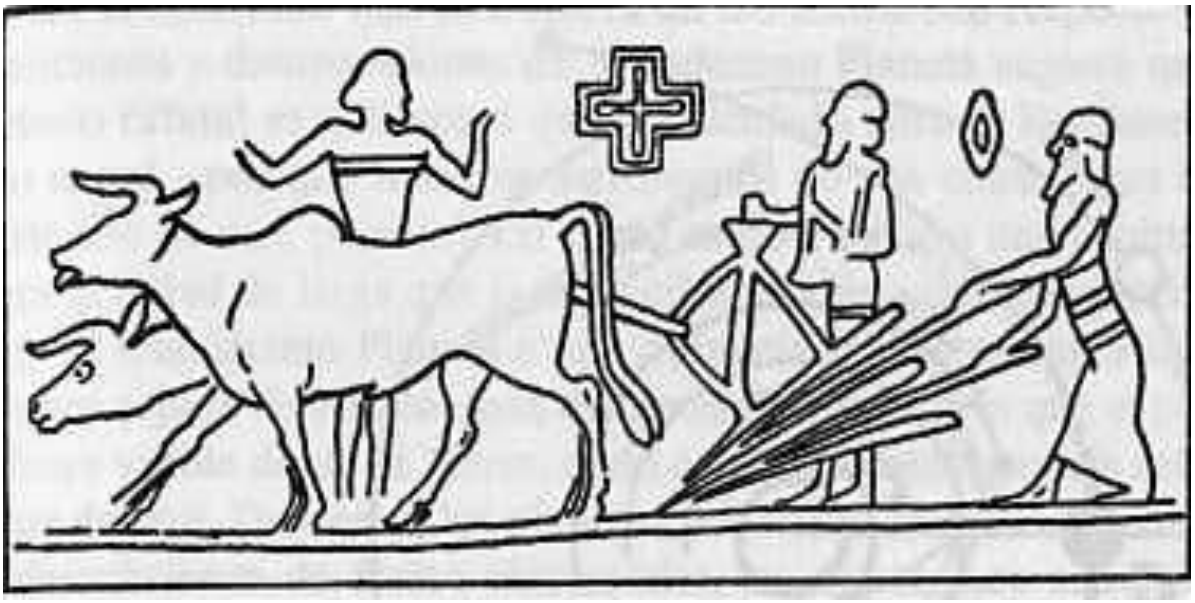
E nesse dia acontecerá,
Disse o Senhor Deus,
Que eu farei o Sol descer à tarde
E eu farei a terra escurecer a meio do dia.

Anunciando, "observem, o Dia do Senhor está para vir", o profeta Zacarias informou o povo que este fenômeno de prisão do eixo da Terra à volta do seu próprio eixo duraria apenas um dia:

E nesse dia sucederá,
Que não haverá luz alguma - anormalmente, fará frio.
E haverá um dia, conhecido por Deus,

Que não será nem dia nem noite,
Quando à tardinha houver ainda luz.

No Dia do Senhor, disse o profeta Joel, "o Sol e a Lua serão obscurecidos, as estrelas retirarão seu esplendor", "o Sol será transformado em escuridão e a Lua será como sangue vermelho".
Os textos mesopotâmicos exaltaram o brilho do planeta e sugeriram que ele podia ser visto até de dia: "Visível ao nascer do Sol, desaparecendo de vista ao pôr-do-sol". Um selo cilíndrico encontrado em Nippur representa um grupo de homens com o arado olhando com temor enquanto o Décimo Segundo Planeta (descrito com seu símbolo-cruz) é visível nos céus.

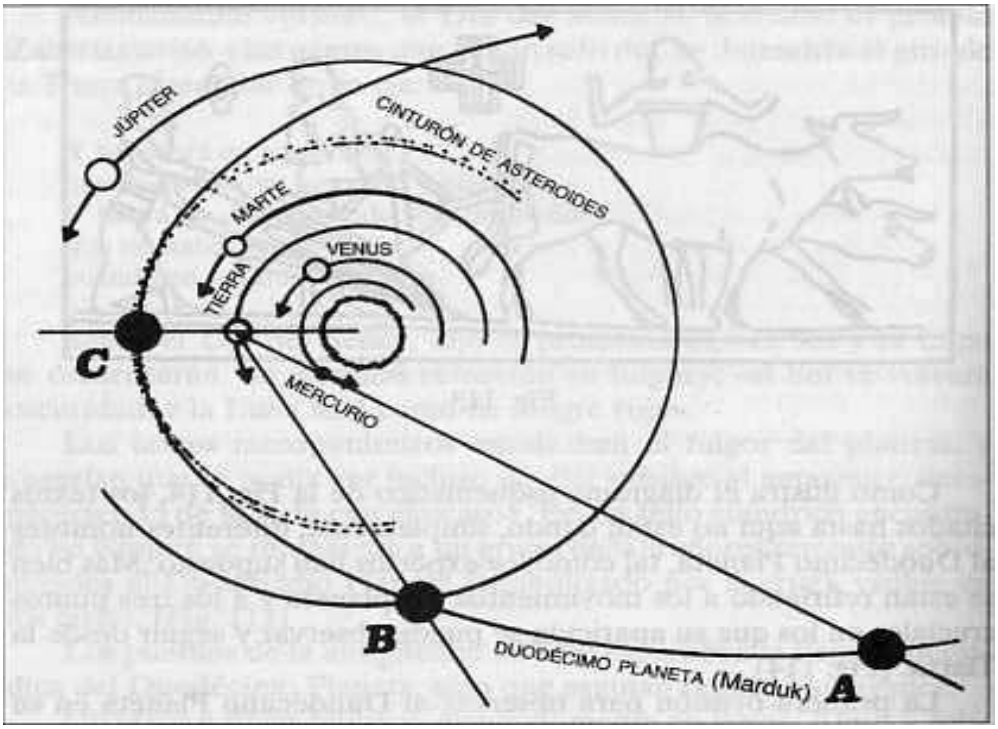


Os povos antigos não só esperavam a chegada periódica do Décimo Segundo Planeta, como também desenhavam em quadro sua progressiva rota.
Várias passagens bíblicas - especialmente em Isaías, Amós e Jó - relatam o movimento do celestial Senhor para várias constelações. "Sozinho, ele alongou-se pelos céus e trilhou sobre o mais alto abismo; ele chega à Ursa Maior, Órion e Sírius e às constelações do Sul." Ou: "Ele faz sua face sorrir sobre Touro e Áries; de Touro a Sagitário ele viajará". Estes versos descrevem um planeta que não só transpõe os mais altos céus, como também entra vindo do Sul e gira na direção dos ponteiros do relógio - tal como nós deduzimos dos dados fornecidos pelos mesopotâmios. Bastante

explicitamente, o profeta Habacuque afirmava: "O Senhor virá do Sul... sua glória encherá a Terra... e Vênus será como que uma luz, seus raios dados pelo Senhor".
Entre os muitos textos mesopotâmicos que abordam o assunto, um é particularmente claro:

Planeta do deus Marduk:
Ao seu aparecimento: Mercúrio.
Subindo trinta graus do arco celestial: Júpiter
Quando colocado no local da batalha celeste: Nibiru.

Como o seguinte quadro esquemático ilustra, os textos acima transcritos não aplicam simplesmente ao Décimo Segundo Planeta vários nomes (como julgaram os estudiosos). Eles abordam, antes, os movimentos do planeta e os três pontos cruciais nos quais seu aparecimento pode ser observado e desenhado a partir da Terra.



A primeira oportunidade de observar o Décimo Segundo Planeta no momento em que sua órbita o traz de novo às proximidades da Terra era, então, quando o planeta alinhava com Mercúrio (ponto A) - pelos nossos

cálculos, num ângulo de 30° em relação ao imaginário eixo celestial Sol-Terra-perigeu. Aproximando-se mais da Terra e parecendo deste modo "levantar-se" mais alto nos céus da Terra (outros 30° para sermos exatos), o planeta atravessa a órbita de Júpiter no ponto B. Finalmente, chegando ao local em que se travara a batalha celeste, o perigeu, ou o Local de Cruzamento, o planeta é Nibiru, ponto C. Desenhando um eixo imaginário entre o Sol, a Terra e o perigeu da órbita de Marduk, os observadores na Terra viram Marduk primeiramente alinhado com Mercúrio num ângulo de 30º (ponto A). Avançando outros 30° Marduk atravessa a via orbital de Júpiter no ponto B.

Depois, no seu perigeu (ponto C) Marduk alcança o Cruzamento: de volta ao local da batalha celeste, ele estava mais próximo da Terra e começou em sua órbita de novo até aos longínquos confins do espaço.

A antecipação do Dia do Senhor em antigos escritos mesopotâmicos e hebreus (cujo eco é encontrado nas esperanças expressas no Novo Testamento na vinda do Reino dos Céus) era, deste modo, baseada nas reais experiências do povo da Terra: seu testemunho do regresso periódico do planeta do reino às vizinhanças da Terra.

O aparecimento e o desaparecimento periódico deste planeta, contemplado da Terra, confirmam a suposição de sua permanência em órbita solar. Assim sendo, ele age como muitos cometas. Alguns dos cometas conhecidos, tal como o cometa de Halley, que se aproxima da Terra de 75 em 75 anos, desapareceriam de vista por períodos de tempo tão longos que os astrônomos tinham dificuldade em perceber que observavam o mesmo cometa. Outros cometas foram vistos apenas uma vez na memória humana e julga-se que possuem períodos orbitais de milhares de anos. O cometa Kohoutek, por exemplo, descoberto pela primeira vez em março de 1973, chegou a 120 milhões de quilômetros da Terra em janeiro de 1974 e desapareceu por detrás do Sol pouco tempo depois. Os astrônomos calculam que ele reaparecerá em algum lugar daqui a 7.500 até 75.000 anos no futuro.

A familiaridade humana com os aparecimentos periódicos do Décimo Segundo Planeta sugere que seu período orbital é mais curto do que aquele calculado para Kohoutec. Se é assim, por que nossos astrônomos não têm consciência da existência deste planeta? O fato é que mesmo uma órbita com

metade da duração da estimativa mais baixa proposta para Kohoutec levaria o Décimo Segundo Planeta cerca de seis vezes mais longe de nós do que o planeta Plutão - uma distância em que tal planeta não seria visível da Terra, uma vez que mal poderia refletir (ou não refletiria sequer) a luz do Sol em direção à Terra. De fato, os planetas conhecidos para além de Saturno foram primeiramente descobertos não visual, mas matematicamente. As órbitas dos planetas conhecidos, descobriram os astrônomos, eram aparentemente afetadas por outros corpos celestes.

Os astrônomos poderão "descobrir" o Décimo Segundo Planeta pelo mesmo caminho. Houve já especulação acerca da existência do "Planeta X" que, embora invisível, pode ser "sentido" através de seus efeitos nas órbitas de certos cometas. Em 1972, Joseph L. Brady, do Laboratório Lawrence Livennore da Universidade da Califórnia, descobriu que as discrepâncias na órbita do cometa de Halley poderiam ser causadas por um planeta do tamanho de Júpiter orbitando o Sol de 1.800 em 1.800 anos. À distância estimada de 9 bilhões de quilômetros a sua presença podia ser detectada apenas matematicamente.

Enquanto tal período orbital não pode ser traçado, as fontes mesepotâmicas e bíblicas apresentam fortes provas de que o período orbital do Décimo Segundo Planeta é de 3.600 anos. O número 3.600 era escrito em sumério como um largo círculo. O epíteto do planeta - shar ("supremo governante") - significa um "círculo perfeito", um "ciclo completo", e também o número 3.600. E a identidade dos três termos - planeta/órbita/3.600 - não podia ser mera coincidência.

Berossus, o estudioso sacerdote-astrônomo babilônico, falava de dez governantes que reinaram sobre a Terra antes do dilúvio. Resumindo os escritos de Berossus, Alexandre Polyhistor escreveu: "No segundo livro havia a história de dez reis dos caldeus e dos períodos de cada reino, que consistia coletivamente em 120 shar's ou 432.000 anos, atingindo o tempo do dilúvio".

Abydenus, um discípulo de Aristóteles, cita também Berossus em termos de dez governantes pré-diluvianos cujos reinados totais somavam 120 shar's. Ele deixa bem claro que estes governantes e suas cidades estavam localizados na antiga Mesopotâmia:

Diz-se que o primeiro rei da Terra foi Alorus. ... Ele reinou dez shar's.
Agora, um shar crê-se que representa 3.600 anos...
Depois dele Alaprus reinou três shar's; a ele sucedeu Amillarus, da cidade de Panti-Biblon, e ele reinou treze shar's...
Depois dele, Ammenon reinou doze shar's; ele era da cidade de Panti-Biblon.
Depois Megalurus da mesma cidade, governou dezoito shar's.
Depois Daos, o Pastor, governou pelo espaço de dez shar's...
Depois deles, houve outros governantes, e o último de todos foi Sisithrus; assim, ao todo foram dez reis e a duração de seus reinados eleva-se a 120 shar's.

Apollodorus de Atenas relatou também as revelações pré-históricas de Berossus em termos semelhantes - dez governantes reinaram durante um total de 120 shar's (432.000 anos) e o reinado de cada um deles é também medido em unidades shar de 3.600 anos.
Com o advento da sumeriologia, os "vetustos textos" aos quais Berossus se referia foram encontrados e decifrados; tratava-se de listas de reis sumérios que aparentemente estabelecem a tradição dos dez governantes que reinaram sobre a Terra desde o tempo em que “a realeza desceu dos céus" até ao tempo em que o "dilúvio varreu a face da Terra".
Uma lista suméria de reis, conhecida como texto WB/144, registra os reinos divinos em cinco lugares estabelecidos ou "cidades". Na primeira cidade, Eridu, houve dois governantes. O texto prefixa ambos os nomes com a sílaba-título "A", significando "progenitor".

Quando a realeza desceu dos céus,
Ela chegou primeiro a Eridu.
Em Eridu,
A.LU.LIM tornou-se rei; ele governou 28.800 anos.
A.LAL.GAR governou 36.000 anos.
Dois reinaram sobre Eridu durante 64.800 anos.

A realeza transferiu-se depois para outras sedes de governo onde os governantes eram chamados en, ou "senhor" (e, em certa época, pelo divino título dingir).

Eu renunciei a Eridu;
Sua realeza foi levada até Bad-Tibira.
Em Bad-Tibira,
EN.MEN.LU.AN.NA governou 43.200 anos;
EN.MEN.GAL.AN.NA governou 28.800 anos.
O Divino DU.MU.ZI, Pastor, reinou 36.000 anos.
Três reis governaram a cidade durante 108.000 anos.

A lista nomeia as cidades que se seguiram, Larak e Sippar, e seus governantes divinos; e, por último, a cidade de Shuruppak, onde um humano de ascendência divina era rei. O fato impressionante acerca das fantásticas durações destes governos é que, sem exceção, elas são múltiplos de 3.600:

Alulim	-	8 x 3.600 = 28.800
Alalgar	-	10 x 3.600 = 3. 000
Enmenluanna	-	12 x 3.600 = 43.200
Enmengalanna	-	8 x 3.600 = 28 800
Dumuzi	-	10 x 3.600 = 36.000
Ensipazianna	-	8 x 3.600 = 28.800
Enmenduranna	-	6 x 3.600 = 21.600
Urbartutu	-	5 x 3.600 = 18.000

Outro texto sumério (W-B/62) adicionava Larsa e seus dois governantes divinos à lista de reis e os períodos de reinado que ele fornece são múltiplos perfeitos do shar de 3.600 anos. Com ajuda de outros textos, a conclusão a que chegamos é que houve, de fato, dez governantes na Suméria antes do dilúvio: cada governo durou tantos shar's e no conjunto seus reinados duraram 120 shar's - tal como relatou Berossus.
A própria conclusão sugere que estes shar's de reinado estavam relacionados com o período orbital shar (3.600 anos) do planeta "Shar", o "Planeta do

Reino", e que Alulim reinou durante oito órbitas do Décimo Segundo Planeta, Alalgar durante dez órbitas, e assim por diante.
Se estes governantes pré-diluvianos eram, como sugerimos, os Nefilim que vieram para a Terra do Décimo Segundo Planeta, então, não surpreenderá a ninguém que seus períodos de "reinado" na Terra estejam relacionados com o período orbital do Décimo Segundo Planeta. Os períodos de tal exercício de poder ou reinado duravam desde o instante de uma aterrissagem até ao momento de uma decolagem; assim que um comandante chegava do Décimo Segundo Planeta, terminava o tempo de outro. Uma vez que as aterrissagens e as decolagens devem ter estado relacionadas com a aproximação da Terra do Décimo Segundo Planeta, os períodos de exercício de poder dos comandantes só podiam mesmo ter sido medidos em termos de tais períodos orbitais, ou seja em shar's.
É claro que podemos perguntar se algum dos Nefilim, tendo aterrissado na Terra, poderia ter permanecido no comando aqui pelos referidos 28.800 ou 36.000 anos. Não admira que os eruditos falem da duração destes reinados como "lendária".
Mas que é um ano? O nosso "ano" é simplesmente o tempo que leva a Terra a completar uma órbita à volta do Sol. Porque a vida se desenvolveu na Terra quando ela já girava à volta do Sol, a vida na Terra é tipificada por esta duração de órbita. (Até um menor tempo de órbita, como o da Lua, ou ciclo dia-noite, é suficientemente poderoso para afetar quase todas as fontes da vida na Terra.) Nós vivemos determinado número de anos porque nossos relógios biológicos estão engrenados a determinado número de órbitas à volta do Sol.
Poucas dúvidas poderão restar de que a vida num outro planeta seria "cronometrada" pelos ciclos desse mesmo planeta. Se a trajetória do Décimo Segundo Planeta à volta do Sol fosse tão extrema que uma órbita sua se completasse no mesmo tempo que leva a Terra para completar 100 órbitas, então um ano dos Nefilim equivaleria a 100 dos nossos anos. Se sua órbita fosse 1.000 vezes mais longa que a nossa, então 1.000 anos terrestres equivaleriam apenas a um único anos dos Nefilim.
E que aconteceria se, tal como pensamos, sua órbita à volta do Sol durasse 3 600.anos da Terra? Então 3600 dos nossos anos seriam apenas um ano no

calendário dos Nefilim e também apenas um ano no seu tempo de vida. Os períodos de exercício da realeza relatados pelos sumérios e Berossus não seriam, assim, nem "lendários" nem fantásticos: eles teriam durado cinco, ou oito, ou dez anos dos Nefilim.

Já salientamos em capítulos anteriores que a marcha da humanidade para a civilização, através da intervenção dos Nefilim, passou por três estágios separados por períodos de 3.600 anos: o período Mesolítico (cerca do ano 11.000 a.C.), a fase da cerâmica (cerca do ano 7.400 a.C.) e a súbita civilização suméria (cerca do ano 3.800 a.C.). É provável então que os Nefilim tivessem periodicamente revisto (e resolvido continuar) o progresso da humanidade, uma vez que podiam reunir-se em assembléia a cada vez que o Décimo Segundo Planeta se abeirava da Terra.

Muitos estudiosos (por exemplo, Heinrich Zimmern, in The Babylonian and Hebrew Genesis [O Gênesis Babilônico e Hebreu]) salientaram que o Antigo Testamento continha tradições de chefes de clãs ou antecessores pré-diluvianos e que a linha de Adão a Noé (o herói do dilúvio) lista dez destes governantes. Recapitulando a situação anterior ao dilúvio, o livro do Gênesis (capítulo VI) descreveu o desencanto divino com a humanidade. "E o Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na Terra... e o Senhor disse: Eu destruirei a humanidade que criei."

E o Senhor disse:
Meu espírito não protegerá o Homem para sempre;
Tendo errado, ele não é senão carne.
E seus dias foram 120 anos.

Gerações e gerações de eruditos leram o verso "E seus dias serão 120 anos" como a concessão ao homem de um período de vida de 120 anos pela divindade. Mas isto não faz nenhum sentido. Se o texto trata do desejo de Deus em destruir a humanidade, por que razão ofereceria ele simultaneamente uma longa vida? E nós descobrimos que, mal o dilúvio abrandou, e já Noé vivera muito mais que o suposto limite de 120 anos, tal como aconteceu também aos seus descendentes Shem (600), Arpakhshad (438) Shelah (433), e assim por diante.

Procurando aplicar o período de vida de 120 anos ao homem, os estudiosos ignoram o fato de que a linguagem bíblica não usa o futuro - "Seus dias serão" -, mas o passado - "E seus dias foram 120 anos". Então, a pergunta óbvia é: a quem pertence o período de tempo referido aqui?
Nossa conclusão é de que a conta de 120 anos se destinava a ser aplicada à divindade.
A situação de um acontecimento momentâneo em sua correta perspectiva temporal é um padrão comum aos textos épicos sumérios e babilônicos. A Epopéia da Criação inicia-se com as palavras Enuma elish ("quando nas alturas"). A história do encontro do deus Enlil com a deusa Ninlil é situada no tempo "em que o homem ainda não fora criado", e por assim adiante.
A linguagem e o objetivo do capítulo VI do Gênesis estão engrenados para servir um mesmo fim: colocar os acontecimentos momentosos da grande inundação em sua correta perspectiva temporal. Logo, a primeira palavra do primeiro verso do capítulo VI é quando:

Quando os terráqueos
Começaram a aumentar de número
Sobre a face da Terra,
e começaram a nascer filhas entre eles.

Este, continua a narrativa, foi o tempo em que:

Os filhos dos deuses
Viram as filhas dos terráqueos
E elas eram compatíveis;
E eles levaram para eles próprios
Esposas de todas as que escolheram.

Foi o tempo em que:

Os Nefilim estavam sobre a Terra
Nesses dias, e depois também;
Quando os filhos dos deuses

Co-habitaram com as filhas dos terráqueos
E elas conceberam.
Eles eram os poderosos que são de Olam,
O povo do Shem.

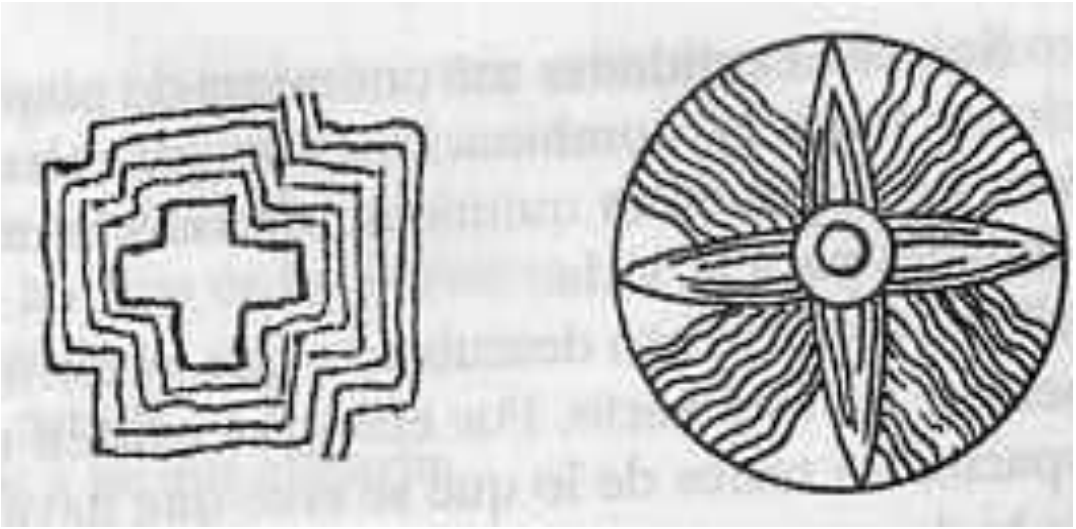
Foi então, nesses dias, naquela época em que o homem estava para ser varrido da face da Terra pelo dilúvio.
Quando se passou isso exatamente?
O versículo 3 diz-nos inequivocamente quando: quando sua, a vida da divindade, era 120 anos. Cento e vinte "anos", não do homem e não da Terra, mas tal como eram medidos pelos poderosos, o "Povo dos Foguetes", os Nefilim. E seu ano era o shar, 3.600 anos terrestres.
Esta interpretação não só clarifica os desorientadores versículos do capítulo VI do Gênesis, como mostra também de que modo os versículos se conjugam com a informação suméria: 120 shar's, 432.000 anos da Terra, decorreram entre a primeira aterrissagem dos Nefilim na Terra e o dilúvio.
Baseados em nossas estimativas sobre quando terá ocorrido o dilúvio, situamos a primeira aterrissagem dos Nefilim na Terra há cerca de 450.000 anos.

Antes de voltarmos aos antigos registros referentes às viagens dos Nefilim à Terra e seu estabelecimento aí, há duas questões básicas que precisam encontrar resposta: poderiam seres obviamente não muito diferentes de nós ter evoluído noutro planeta? Poderiam tais seres ter tido a capacidade, 1 milhão de anos atrás, de realizar viagens interplanetárias?
A primeira questão aborda outra de caráter ainda mais essencial: haverá vida tal como nós conhecemos em outros lugares para além do planeta Terra? Os cientistas sabem hoje que existem numerosas galáxias como a nossa, contendo inumeráveis estrelas semelhantes ao nosso Sol, com números astronômicos de planetas fornecendo todas as combinações imagináveis de temperaturas, atmosferas e produtos químicos e oferecendo bilhões de possibilidades de existência de vida.
Eles descobriram também que nosso próprio espaço interplanetário não é vazio. Por exemplo, há moléculas de água no espaço, resíduos daquilo que se

julga terem sido nuvens de cristais de gelo que aparentemente envolviam as estrelas em seus mais remotos estágios de desenvolvimento. Esta descoberta empresta seu apoio às persistentes referências mesopotâmicas às águas do Sol que se misturaram intimamente com as águas de Tiamat.

As moléculas básicas da matéria viva foram também descobertas "flutuando" no espaço interplanetário, e a crença de que a vida só pode existir dentro de certas atmosferas ou limites e temperaturas foi também abandonada. Além disso, a noção de que a única fonte de energia e calor disponível aos organismos vivos são as emissões do Sol foi descartada. Assim, a missão espacial Pioneer 10 descobriu que Júpiter, embora muito mais longe do Sol que a Terra, era tão quente como esta e deve ter tido suas próprias fontes de energia e calor.

Um planeta com uma abundância de elementos radioativos em suas profundezas não geraria apenas seu próprio calor, ele experimentaria também uma substancial atividade vulcânica. Esta atividade vulcânica dá origem a uma atmosfera. Se o planeta é suficientemente grande para exercer uma intensa força gravitacional, ele manterá sua atmosfera quase indefinidamente. Tal atmosfera, por seu turno, cria um efeito de estufa: protege o planeta do frio do espaço exterior e impede que o calor próprio do planeta se dissipe no espaço - muito à semelhança do que faz nosso vestuário mantendo-nos quentes por não permitir que o calor do corpo se dissipe. Com isto em mente, as descrições dos textos antigos do Décimo Segundo Planeta (como que "vestidas com um halo") assumem mais do que apenas significado poético. A ele se referem sempre como um planeta radiante - "o mais radiante dos planetas é ele" -, e suas descrições mostram-no como um corpo emissor de raios. O Décimo Segundo Planeta podia gerar seu próprio calor e reter esse mesmo calor devido a seu manto atmosférico.



Os cientistas chegaram também à inesperada conclusão de que a vida podia não só ter evoluído nos planetas exteriores (Júpiter, Saturno, Urano, Netuno), como provavelmente evoluiu. Estes planetas são constituídos pelos elementos mais leves do sistema solar, têm uma composição mais semelhante à do universo em geral e oferecem uma profusão de hidrogênio, hélio, metano, amônia e provavelmente neônio e vapor de água em suas atmosferas - todos os elementos requeridos para a produção de moléculas orgânicas.

Para a vida, tal como nós sabemos que ela se desenvolveu, a água é um elemento essencial. Os textos mesopotâmicos não deixam dúvidas de que o Décimo Segundo Planeta era um planeta aquoso. Na Epopéia da Criação, a lista de cinqüenta nomes do planeta incluía um grupo exaltando seus aspectos aquosos. Baseados no epíteto A.SAR ("rei aquoso"), "quem estabeleceu os níveis de água", os nomes descrevem o planeta como A.SAR.U ("supremo, brilhante rei aquoso"), A.SAR.U.LU.DU ("supremo, brilhante rei aquoso cuja profundidade é variada"), e assim por diante.

Os sumérios não tinham dúvidas de que o Décimo Segundo Planeta era um verdejante planeta de vida; de fato, eles chamam-lhe NAM.TIL.LA.KU, "o deus que mantém vida". Ele era também "concessor de culturas", "criador de cereais e ervas que causam o rebento da vegetação... que abriu regos, trazendo as águas de abundância" - o "irrigador do céu e da terra".

A vida, concluíram os cientistas, evoluiu não sobre os planetas terrestres com seus pesados compostos químicos, mas nas orlas exteriores do sistema solar. Destas orlas do sistema solar veio para o meio de nós o Décimo Segundo

Planeta, um avermelhado e resplandecente planeta, gerando e irradiando seu próprio calor, fornecendo a partir de sua própria atmosfera os ingredientes necessários para a química da vida.

Se há um verdadeiro quebra-cabeça, ele é o aparecimento da vida na Terra. A Terra formou-se há cerca de 4,5 bilhões de anos, e os cientistas acreditam que as formas de vida mais simples já estavam presentes na Terra depois de algumas centenas de milhões de anos. Há também várias indicações de que as mais velhas e simples formas de vida, com mais de 3 bilhões de anos, tinham moléculas de origem biológica, ao invés de não-biológica. Diferentemente afirmado, isto significa que a vida que existiu na Terra logo que ela nasceu, descendia de uma forma prévia de vida, e não o resultado da combinação de produtos químicos e gases estéreis.

O que tudo isto sugere aos estupefatos cientistas é que a vida, que não podia facilmente ter evoluído na Terra, de fato, não evoluiu na Terra. Escrevendo na revista científica Icarus (setembro 1973), o vencedor do Prêmio Nobel, Francis Crick, e o dr. Leslie Orgel aventaram a teoria de que "a vida na Terra pode ter surgido de ínfimos organismos de um distante planeta".

Eles iniciaram seus estudos a partir do conhecido constrangimento entre os cientistas acerca das teorias correntes das origens da vida na Terra. Por que é que haverá apenas um código genético para toda a vida terrestre? Se a vida começou do "caldo" primitivo, como acredita a maior parte dos estudiosos, dever-se-iam ter desenvolvido organismos com uma variedade de códigos genéticos. E depois, por que é que o elemento molibdênio desempenha um papel-chave nas reações enzimáticas essenciais à vida, se o molibdênio é um elemento tão raro? Por que é que elementos como o cromo ou o níquel têm tão pouca importância nas reações bioquímicas?

A bizarra teoria oferecida por Crick e Orgel não só dizia que toda a vida na Terra pode ter surgido de um organismo de outro planeta, como acrescenta que esta "sementeira" foi deliberada - que seres inteligentes de outro planeta lançavam a "semente da vida" de seu planeta natal para a Terra numa nave espacial, seguindo o objetivo expresso de iniciar a cadeia da vida na Terra.

Sem se beneficiarem dos dados fornecidos por este livro, esses dois eminentes cientistas chegaram perto do fato real. Não houve sementeira "premeditada": em vez disso, houve uma colisão celeste. Um planeta

portador de vida, o Décimo Segundo Planeta e seus satélites, colidiu com Tiamat e dividiu este em dois, "criando" a Terra de uma de suas metades.
Durante esta colisão, o solo e o ar portadores de vida do Décimo Segundo Planeta "semearam" a Terra, dando-lhe as remotas e complexas formas biológicas de vida para cujo primitivo aparecimento não existe outra explicação.
Se a vida no Décimo Segundo Planeta começou até mesmo 1% antes que na Terra, então ela começou lá cerca de 45 milhões de anos mais cedo. Mesmo por esta margem insignificante, seres tão desenvolvidos como o homem podiam já viver sobre o Décimo Segundo Planeta quando os pequenos mamíferos tinham apenas começado a aparecer na Terra.
Dado este remoto início para a vida no Décimo Segundo Planeta, foi possível ao seu povo realizar viagens no espaço uns meros 500.000 anos atrás.

9
Aterrissagem no Planeta Terra

Até agora só pisamos a Lua e sondamos apenas os planetas mais próximos de nós em missões não tripuladas. Para além de nossos vizinhos relativamente próximos, tanto o espaço interplanetário como o exterior estão ainda fora do alcance, até de pequenas missões de sonda. Mas o planeta próprio dos Nefilim, com sua vasta órbita, serviu como observatório itinerante, levando-os através das órbitas de todos os planetas exteriores e possibilitando-lhes a observação em primeira mão da maior parte do sistema solar.
Não admira, então, que, quando eles aterrissaram na Terra, uma grande parte do conhecimento que traziam consigo dissesse respeito à astronomia e à matemática celestial. Os Nefilim, "deuses do céu" sobre a Terra, ensinaram o homem a erguer os olhos para os céus, tal como Javé vivamente recomendou a Abraão.
Não admira, também, que até as mais remotas esculturas e esboços possuam símbolos celestes de constelações e planetas e que, quando os deuses tinham de ser representados ou invocados, seus símbolos celestiais fossem usados como uma abreviatura gráfica. Invocando os símbolos celestiais ("divinos"),

o homem já não estava só: os símbolos ligavam os terráqueos com os Nefilim, a terra com o céu, a humanidade com o universo.
Alguns dos símbolos, acreditamos nós, convencionam também a informação que apenas podia estar relacionada com viagens espaciais à Terra.
Fontes antigas fornecem uma profusão de textos e listas falando de corpos celestes e suas associações com as várias deidades. O antigo hábito de associar vários nomes e epítetos tanto aos corpos celestes como às deidades tornam difícil a identificação. Mesmo no caso de identificações estabelecidas, tais como Vênus/Ishtar, a gravura está confundida pelas mudanças no panteão. Deste modo, em tempos mais anteriores, Vênus estava associada com Ninhursag.
De qualquer modo, obteve-se uma maior explicitação com eruditos, tais como E. D. Von Buren (Symbols of the Gods in Mesopotamian Art) [Símbolos dos Deuses na Arte Mesopotâmica], que reuniram e classificaram os mais de oitenta símbolos - de deuses e corpos celestes - que podem ser encontrados em rolos cilíndricos, esculturas, estelas, relevos, murais e marcos de pedra de fronteira (kudurru, em acádio), com grande pormenor e clareza. Quando se faz a classificação de símbolos, torna-se evidente que, à parte de representarem algumas das mais bem conhecidas constelações meridionais e setentrionais (como, por exemplo, a Serpente do Mar para a constelação Hidra), eles representam ou as doze constelações do zodíaco (por exemplo, Câncer para Escorpião), os doze deuses do céu e da terra, ou os doze membros do sistema solar. O kudurru estabelecido por Melishipak, rei de Susa, mostra os doze símbolos do zodíaco e os símbolos dos doze deuses astrais.
Uma estela erigida pelo rei assírio Asaradão mostra o governante segurando a Taça da Vida enquanto olha na sua frente os principais doze deuses do céu e da terra. Vemos quatro deuses sobre animais, entre os quais Ishtar, que monta o leão, e Adad, que segura o raio dentado, podem ser definitivamente identificados. Quatro outros deuses estão representados pelas ferramentas de seus atributos especiais, como, por exemplo, o deus da guerra Ninurta com seu bastão de cabeça de leão. Os restantes quatro deuses são mostrados como corpos celestes - o Sol (Shamash), o Globo Alado (o Décimo Segundo

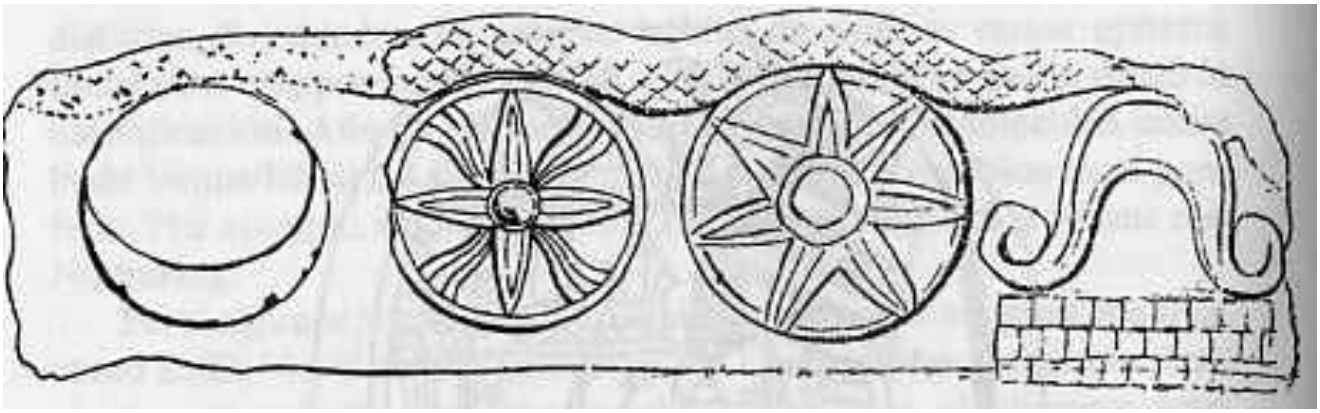
Planeta, o domicílio de Anu), o Crescente Lunar e um símbolo consistindo em sete pontos.

Embora em tempos posteriores o deus Sin estivesse associado com a Lua, identificada pelo crescente, um vasto leque de provas diz-nos que em "tempos antigos" o crescente era o símbolo de uma idônea deidade de barbas, um dos verdadeiros "vetustos deuses" sumérios. Freqüentemente mostrado como tendo à sua volta correntes de água, este deus é indubitavelmente Ea. O crescente era também associado à ciência de medição e cálculo da qual Ea era o divino mestre. Era correto que ao Deus dos Mares e Oceanos, Ea, fosse associada como sua contraparte celestial a Lua, que está na origem da formação das marés dos oceanos.

Qual era o significado do símbolo dos sete pontos?

Muitas pistas não deixam dúvida de que se tratava do símbolo celestial de Enlil. A representação do Portão de Anu (o Globo Alado) flanqueado por Ea e Enlil, representa-os pelo crescente e pelo símbolo dos sete pontos. Algumas das mais nítidas representações dos símbolos celestes que foram meticulosamente copiadas por Sir Henry Rawlinson (The Cuneiform

Inscriptions of Western Asia) [As Inscrições Cuneiformes da Ásia Ocidental] atribuem a posição mais proeminente a um grupo de três símbolos que representam Anu ladeado por seus dois filhos; estas inscrições mostram que o símbolo para Enlil podia ser tanto os sete pontos como a "estrela" de sete pontas. O elemento essencial na representação celestial de Enlil era o número sete (a filha, Ninhursag, era por vezes incluída e representada pela faca umbilical).

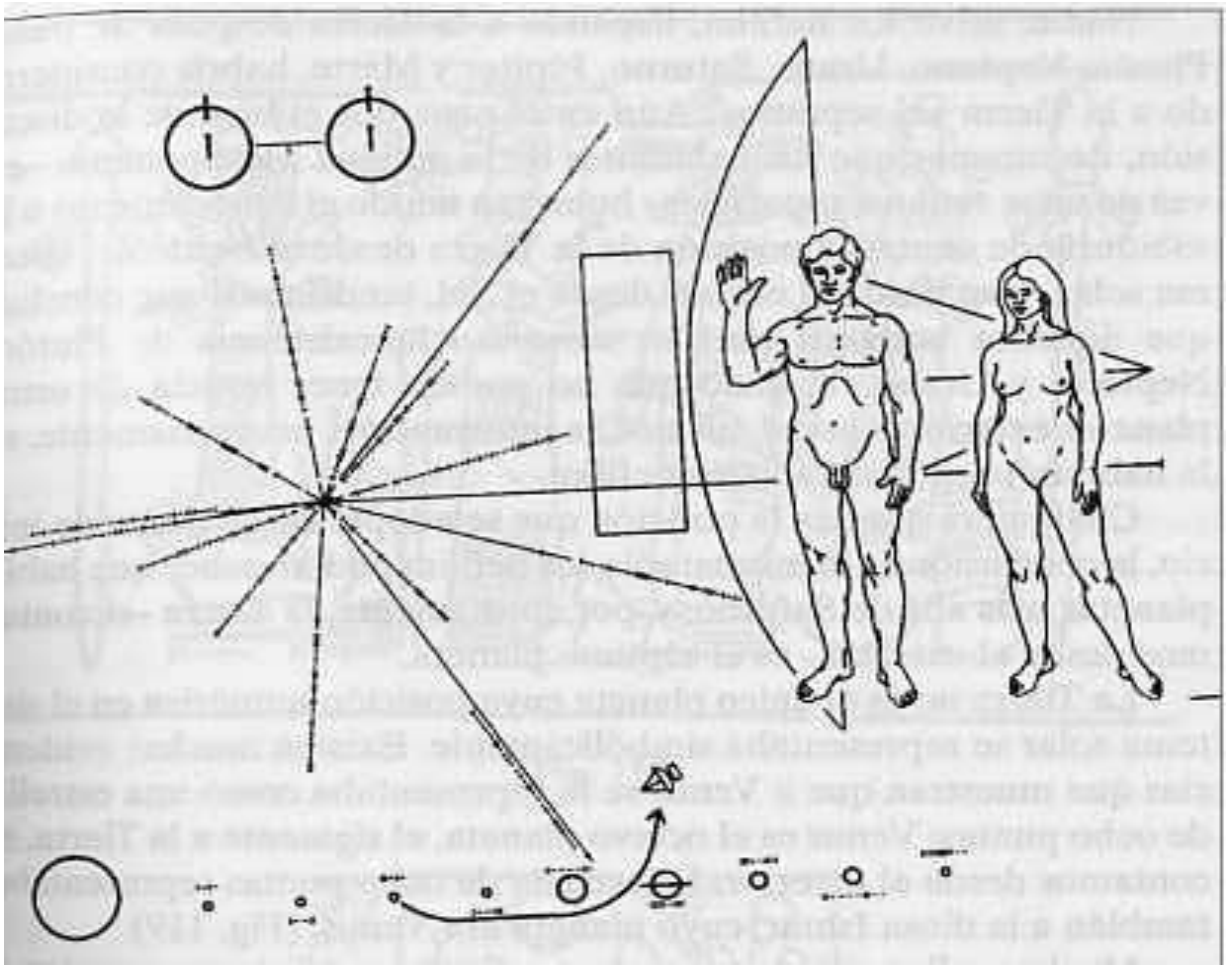


Os eruditos têm sido incapazes de entender uma afirmação de Gudea, rei de Lagash, onde ele diz: "o celestial 7 é 50". Tentativas de soluções aritméticas - algumas fórmulas pelas quais o número sete tomaria parte do cinqüenta - não conseguiram revelar o significado da afirmação. Todavia, nós vemos uma resposta simples: Gudea afirmou que o corpo celestial que é "sete" representa o deus que é "cinqüenta". O deus Enlil, cuja categoria numérica era cinqüenta, tinha como sua contraparte celestial o planeta que ocupava a sétima posição.

Que planeta era o de Enlil? Recordemos os textos que falam dos remotos tempos em que pela primeira vez os deuses vieram à Terra, quando Anu permaneceu no Décimo Segundo Planeta e seus dois filhos que desceram à Terra lançavam sortes. A Ea foi dada a "supremacia sobre as profundezas" e a Enlil "a Terra foi dada para seu domínio". E a resposta para o quebra-cabeça brota em todo o seu significado:

O planeta de Enlil era a Terra.
A Terra, para os Nefilim, era o sétimo planeta.

Em fevereiro de 1971, os Estados Unidos lançaram uma nave espacial não tripulada na mais longa missão empreendida até a data. A nave viajou durante 21 meses, passou Marte e o Cinturão de Asteróides para um encontro precisamente marcado com Júpiter. Depois, como o previram os cientistas da NASA, a imensa força gravitacional de Júpiter "apoderou-se" da nave espacial e arremessou-a para o espaço.
Especulando acerca das possibilidades de a Pioneer 10 poder ser algum dia atraída pela força gravitacional de outro "sistema solar" e ser esmagada contra algum planeta no universo, os cientistas da Pioneer 10 juntaram-lhe uma placa em alumínio gravada com a "mensagem".

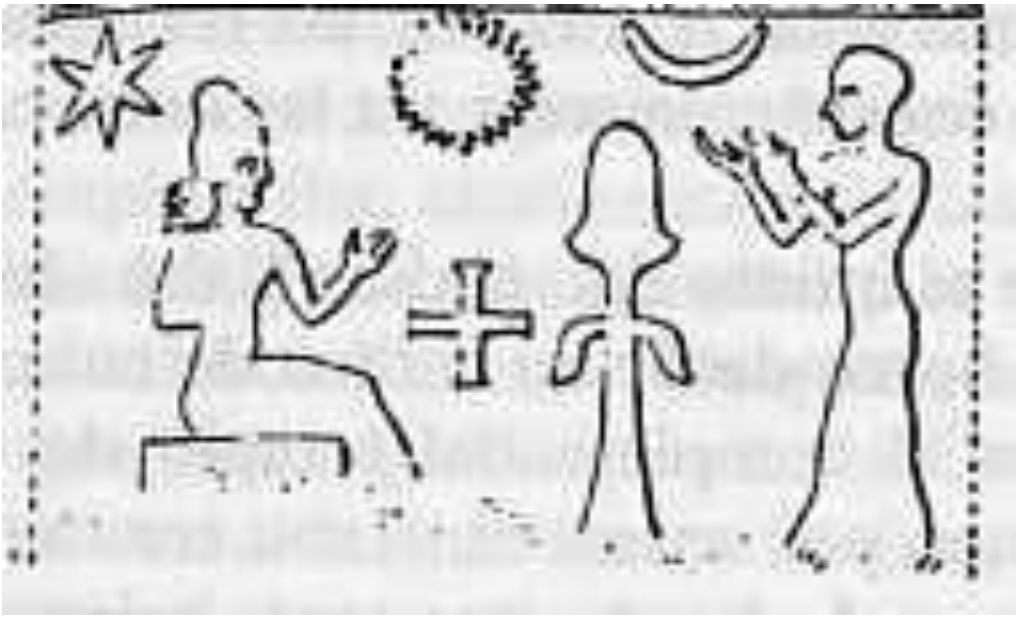


A mensagem emprega uma linguagem pictográfica - signos e símbolos não muito diferentes dos usados na primeiríssima escrita pictográfica da Suméria. Ela tenta contar, a quem quer que venha a encontrar a placa, que a humanidade é masculina e feminina, de uma estatura relacionada com o

tamanho e forma da nave espacial. Ela descreve os dois elementos químicos básicos de nosso mundo e nossa localização relativamente a certa fonte interestelar de emissão de rádio. Representa ainda nosso sistema solar como tendo um Sol e nove planetas, narrando ao descobridor: "A nave que encontraste vem do terceiro planeta deste Sol".
Nossa astronomia está encadeada com a noção de que a Terra é o terceiro planeta - que, de fato, o é, se começarmos a contar desde o centro do nossos sistema, o Sol.
Mas para alguém aproximando-se do nosso sistema solar vindo do exterior, o primeiro planeta com que depararia seria Plutão, depois, em segundo lugar, Netuno, e, em terceiro, Urano - não a Terra. O quarto planeta seria Saturno, o quinto Júpiter, e o sexto, Marte.
E a Terra seria o sétimo.

Ninguém, a não ser os Nefilim, viajando para a Terra passando por Plutão, Netuno, Urano, Saturno, Júpiter e Marte, poderia ter considerado a Terra como "o sétimo". Mesmo se, por amor da tese, se considerasse que os habitantes da Mesopotâmia antiga, mais do que viajantes pelo espaço, tinham o conhecimento ou a sabedoria para contar a posição da Terra não a partir do Sol central, mas dos limites do sistema solar, então seguir-se-ia que os povos antigos sabiam da existência de Plutão, Netuno e Urano. Uma vez que eles não podem ter adquirido por eles próprios o conhecimento da existência dos planetas exteriores, essa informação deve ter-lhes sido comunicada parcialmente pelos Nefilim.
Não importa que suposição seja adotada como ponto de partida, a conclusão é sempre a mesma: apenas os Nefilim podiam saber da existência de planetas para além de Saturno, como conseqüência dos quais a Terra, contando a partir do exterior, é o sétimo planeta.
A Terra não é o único planeta cuja posição numérica no sistema solar é representada simbolicamente. Uma vasta quantidade de provas mostra que Vênus era representada como uma estrela de oito pontas - Vênus é o oitavo planeta, seguindo a Terra, quando os numeramos a partir do exterior. A estrela de oito pontas representa ainda a deusa Ishtar, cujo planeta era Vênus.

Muitos selos cilíndricos e outras relíquias gráficas representam Marte como o sexto planeta. Um selo cilíndrico mostra o deus associado a Marte (originalmente Nergal, depois Nabu) sentado num trono sob uma "estrela" de seis pontas como seu símbolo. Outros símbolos no selo mostram o Sol, muito ao jeito da nossa maneira atual de o descrever, a Lua e a cruz, símbolo do "Planeta da Travessia", o Décimo Segundo Planeta.



Em tempos assírios, a "conta celestial" de um planeta de um deus era freqüentemente indicada pelo número correto de símbolos-estrelas colocados próximo ao trono do deus. Deste modo, uma placa representando o deus Ninurta continha quatro símbolos-estrelas em seu trono. Seu planeta Saturno é, de fato, o quarto planeta, tal como era contado pelos Nefilim. Foram encontradas descrições similares para a maior parte dos outros planetas.

O acontecimento religioso central da Mesopotâmia antiga, o Festival de Ano Novo de doze dias, estava repleto de simbolismo relacionado com a órbita do Décimo Segundo Planeta, a composição do sistema solar e a viagem dos Nefilim para a Terra. As mais bem documentadas destas "afirmações de fé" eram os rituais babilônicos do ano-novo; mas a evidência mostra-nos que os babilônios apenas copiavam as tradições que remontavam ao início da civilização suméria.

Na Babilônia, o festival seguia um austero e detalhado ritual; cada parte, ato e oração tinha um motivo tradicional e um significado específico. As cerimônias iniciavam-se no primeiro dia de Nisan - ou seja, o primeiro mês do ano, coincidindo com o equinócio da primavera. Durante onze dias, os outros deuses com status celeste reuniam-se com Marduk numa ordem prescrita. Ao décimo segundo dia, cada um dos outros deuses partia para sua própria residência e Marduk era deixado sozinho em seu esplendor. O paralelo para o aparecimento de Marduk dentro do sistema planetário, sua "visita" com os outros onze membros do sistema solar e a separação ao décimo segundo dia - deixando o Décimo Segundo Deus continuar a ser o rei dos deuses, mas isolado deles - é óbvio.

As cerimônias do Festival do Ano Novo têm seu paralelo na rota do Décimo Segundo Planeta. Os primeiros quatro dias, conjugando-se com a passagem de Marduk pelos primeiros quatro planetas (Plutão, Netuno, Urano e Saturno), eram dias de preparação. No fim do quarto dia, os rituais exigiam que se marcasse o aparecimento do planeta Iku (Júpiter) dentro dos limites visuais de Marduk. O celestial Marduk aproximava-se do local da batalha celeste; simbolicamente, o alto-sacerdote começava a recitar a "Epopéia da Criação", o conto daquela batalha celeste.

A noite era passada em claro. Terminada a recitação do conto da batalha celeste e enquanto o quinto dia nascia, os rituais exigiam a proclamação doze vezes repetida de Marduk como "O Senhor", afirmando que, como conseqüência da batalha celeste, havia agora doze membros no sistema solar. As récitas nomeavam então os doze membros do sistema solar e as doze constelações do zodíaco.

Em alguma parte, durante o quinto dia, o deus Nabu, filho e herdeiro de Marduk, chegava de barco do seu centro de culto, Borsippa. Mas ele apenas penetrava no complexo do templo da Babilônia ao sexto dia, porque por essa altura Nabu era um membro do panteão babilônico de doze e o planeta associado a ele era Marte, o sexto planeta.

O livro do Gênesis informa-nos que em seis dias "o céu e a Terra e toda a sua hoste" estavam completados. Os rituais babilônicos comemorando os acontecimentos celestiais que resultaram na criação do Cinturão de Asteróides e da Terra foram também completados nos primeiros seis dias de Nisan.

Ao sétimo dia, o festival voltava sua atenção para a Terra. Embora os detalhes dos rituais do sétimo dia sejam escassos, H. Frankfort (Kingship and the Gods) [A Realeza e os Deuses] acredita que eles envolviam uma representação dos deuses liderados por Nabu, da libertação de Marduk de sua prisão nas "Montanhas da Terra Inferior". Uma vez que foram encontrados textos que descrevem em detalhes lutas épicas entre Marduk e outros candidatos ao domínio da Terra, podemos deduzir que os acontecimentos do sétimo dia eram uma nova representação da luta de Marduk pela supremacia na Terra ("O Sétimo"), suas derrotas iniciais e sua vitória final e usurpação de poderes.

No oitavo dia do Festival de Ano Novo na Babilônia, Marduk, vitorioso na Terra, tal como o trabalhado Enuma Elish o fizera nos céus, recebeu os poderes supremos. Tendo-os legado a Marduk, os deuses, assistidos pelo rei e pela populaça, embarcavam, então, ao nono dia numa procissão ritual que levava Marduk de sua casa dentro do sagrado recinto fechado da cidade até a "Casa de Akitu", fora das portas da cidade. Marduk e os onze deuses visitantes permaneciam aí ao longo do décimo primeiro dia; no décimo

segundo dia, os deuses dispersavam-se para seus vários domicílios e o festival terminava.

Dos muitos aspectos do festival babilônico, que revelam suas origens sumérias mais antigas, um dos mais significativos era aquele que pertencia à Casa de Akitu. Vários estudos, tais como o de S. A. Pallis (The Babylonian Akitu Festival) [O Festival Babilônico de Akitu], estabeleceram que esta casa é retratada em cerimônias religiosas na Suméria em períodos tão remotos como o 3º. milênio a.C. A essência da cerimônia era uma procissão sagrada que observava o Deus reinante abandonar seu domicílio ou templo e ir, passando por várias estações, até um local bem fora da cidade. Um navio especial, um "Divino Barco", era usado para o propósito. Depois o deus, bem-sucedido em sua missão junto da Casa de A.KI.TI, regressava ao cais da cidade no mesmo Barco Divino e refazia seu caminho de volta ao templo por entre os festejos e o júbilo do rei e da populaça.

O termo sumério A.KI.TI (do qual derivou o babilônio akitu) significava, literalmente “construir vida na Terra”. Isto, adicionado aos vários aspectos da misteriosa jornada, leva-nos a concluir que a procissão simbolizava a arriscada, mas bem-sucedida, viagem dos Nefilim desde sua residência até o sétimo planeta, a Terra.

Escavações conduzidas ao longo de cerca de vinte anos no local da antiga Babilônia, brilhantemente correlacionadas com os textos rituais babilônicos, possibilitaram a equipes de estudiosos conduzidas por F. Wetsel e F. H. Weissbach (Das Hauptheiligtum des Marduks in Babylon) [O Santuário de Marduk na Babilônia] a reconstrução do sagrado recinto de Marduk, dos padrões arquitetônicos do seu zigurate, e da Via Processional, dos quais foram reerigidas partes no Museu do Antigo Oriente Médio, em Berlim Oriental.

Os nomes simbólicos das sete estações e o epíteto de Marduk em cada estação são dados tanto em acádio, como em sumério - atestando tanto a antiguidade, como as origens sumérias da procissão e de seu simbolismo.

A primeira estação de Marduk, na qual seu epíteto era "Governante dos Céus", era chamada "Casa da Santidade", em acádio, e "Casa das Brilhantes Águas", em sumério. O epíteto do deus na segunda estação está ilegível; a estação chamava-se "Onde o Campo se Separa". O nome parcialmente

mutilado da terceira estação começava com as palavras "Local em face ao planeta...", e o epíteto do deus muda aí para "Deus do Fogo Derramado".
A quarta estação se chamava "Sagrado Local de Destinos", e Marduk era aí chamado "Senhor da Tempestade das Águas de An e Ki". A quinta estação parece ser menos turbulenta. Chamava-se "A Estrada", e Marduk assumia o título "Onde Aparece a Palavra do Pastor". Uma navegação mais suave é também indicada na sexta estação, chamada "O Navio do Viajante", onde se muda o epíteto de Marduk para "Deus do Portão Assinalado".
A sétima estação era Bit Akitu ("Casa de Construir Vida na Terra"). Aí, Marduk tomava o título "Deus da Casa de Repouso".
Estamos convencidos de que as sete estações na procissão de Marduk representavam a viagem espacial dos Nefilim desde seu planeta até a Terra; que a primeira "estação", a "Casa de Brilhantes Águas", representava a passagem por Plutão; a segunda ("Onde o Campo se Separa"), era Netuno; a terceira, Urano; a quarta, um local de celestes tempestades, Saturno; a quinta, onde "A Estrada" se torna clara, "Onde Aparece a Palavra do Pastor", era Júpiter; a sexta, onde a jornada se desvia para "O Navio do Viajante", era Marte.
E a sétima estação era a Terra, o fim da jornada, onde Marduk oferecia a "Casa de Repouso" (a "casa de construir vida na Terra" dos deuses).

Como teria a "Administração da Aeronáutica e Espaço" dos Nefilim visto o sistema solar em termos de vôos espaciais para a Terra?
Logicamente, e de fato, eles encaram o sistema em duas partes. Uma zona real de preocupação era a zona de vôo que abarcava o espaço ocupado pelos sete planetas de Plutão à Terra. O segundo grupo, para além da zona de navegação, era constituído por quatro corpos celestes: Lua, Vênus, Mercúrio e Sol. Em astronomia e genealogia divinas, os dois grupos eram considerados separadamente.
Genealogicamente, Sin (tal como a Lua) era a cabeça do grupo dos "quatro". Shamash (tal como o Sol) era seu filho e Ishtar (Vênus), sua filha. Adad, tal como Mercúrio, era o tio, irmão de Sin, que acompanhava com seu sobrinho Shamash e (especialmente) com sua sobrinha Ishtar.

Os "sete", por outro lado, eram aglomerados em conjunto em textos tratando dos negócios tanto de deuses, como de homens e de acontecimentos celestes. Eles eram "os sete que julgam", "sete emissários de Anu, seu rei", e foi depois deles que o número sete foi consagrado. Havia "sete vetustas cidades"; as cidades tinham sete portas; as portas tinham sete ferrolhos; as bênçãos pediam sete anos de abundâncias; as maldições lançavam fome e pragas durando sete anos; os casamentos divinos eram celebrados com "sete dias de amor", e assim sempre por diante.

Durante cerimônias solenes, como as que acompanhavam as raras visitas à terra de Anu e sua consorte, às divindades representando os sete planetas eram atribuídas certas posições e vestes cerimoniais, enquanto os quatro eram tratados como um grupo à parte. Por exemplo, antigas regras de protocolo afirmam: "As deidades Adad, Sin, Shamash e Ishtar sentar-se-ão na corte até o romper do dia".

Nos céus, esperava-se que cada grupo ficasse em sua própria zona celeste e os sumérios julgavam que havia uma "barra celeste" mantendo os dois grupos separados. "Um importante texto mitológico astral", segundo A. Jeremias (The Ola Testament in the Light of the Ancient Near Bast) aborda alguns notáveis eventos celestes quando os sete "irromperam sobre a Barra Celeste". Nesse levantamento, que aparentemente se tratou de um alinhamento incomum dos sete planetas, "eles fIzeram aliados do herói Shamash [o Sol] e do valente Adad [Mercúrio]" - significando, talvez, que todos exerciam uma força gravitacional numa única direção. "Ao mesmo tempo, Ishtar, procurando um glorioso local de residência com Anu, envidou todos os seus esforços no sentido de se tornar Rainha dos Céus" - Vênus estava, de um ou de outro modo, desviando sua morada para um "local de residência" mais "glorioso". O maior efeito foi exercido em Sin (a Lua). "Aos sete que não temem as leis... Sin, o concessor de luz, sitiou violentamente." De acordo com este texto, o aparecimento do Décimo Segundo Planeta salvou a escurecida Lua e fê-la "brilhar adiante nos céus" uma vez mais.

Os quatro estavam localizados numa zona celestial a que os sumérios chamavam GIR.HE.A ("águas celestes onde se confundem os foguetes"), MU.HE ("confusão de missão espacial"), ou UL.HE ("faixa de confusão"). Estes desconcertantes termos fazem sentido logo que percebemos que os

Nefilim consideravam os céus do sistema solar em termos de suas viagens espaciais. Apenas recentemente, os engenheiros da Comsat (Corporação das Comunicações Via Satélite) descobriram que o Sol e a Lua "enganam" os satélites e "desligam-nos". Os satélites da Terra podem ser "confundidos" por chuvas de partículas das chamas solares ou por alterações na reflexão pela Lua de raios infravermelhos. Também os Nefilim tinham plena consciência de que as naves-foguetes ou naves espaciais entravam numa "zona de confusão" uma vez ultrapassada a Terra e aproximando-se de Vênus, de Mercúrio e do Sol.

Separados dos quatro por uma suposta barra celeste, os sete estavam numa zona celestial, para a qual os sumérios usavam o termo UB. O ub consistia em sete partes chamadas (em acádio) giparu ("residência da noite"). Há poucas dúvidas de que esta fosse a origem das crenças do Oriente Médio nos "Sete Céus".

As sete "orbes" ou "esferas" do ub compreendiam o acádio kishshatu ("a totalidade"). A origem do termo era o sumério SHU, que implicava também "aquela parte que é mais importante", o Supremo. Os sete planetas eram por isso e por vezes chamados "os Sete Brilhantes SHU.NU" os sete que "repousam na Parte Suprema".

Os sete eram tratados com maior detalhe técnico que os quatro. As listas celestiais sumérias, babilônicas e assírias descrevem-nos com vários epípetos e listam-nos na sua ordem correta. A maior parte dos estudiosos, considerando que os textos antigos não podiam de forma alguma ter abordado planetas para além de Saturno, acharam dificultosa a correta identificação dos planetas descritos nos textos. Mas as nossas próprias descobertas tornam a identificação e a compreensão dos significados dos nomes relativamente fácil.

O primeiro a ser encontrado pelos Nefilim aproximando-se do sistema solar foi o planeta Plutão. As listas da Mesopotâmia chamam a este planeta SHU.PA ("supervisor do SHU"), o planeta que guarda a aproximação à Suprema Parte do sistema solar.

Como veremos, os Nefilim só podiam aterrissar na Terra se sua nave espacial fosse lançada do Décimo Segundo Planeta bastante antes de se aproximar das vizinhanças da Terra. Deste modo, eles podiam ter atravessado a órbita de

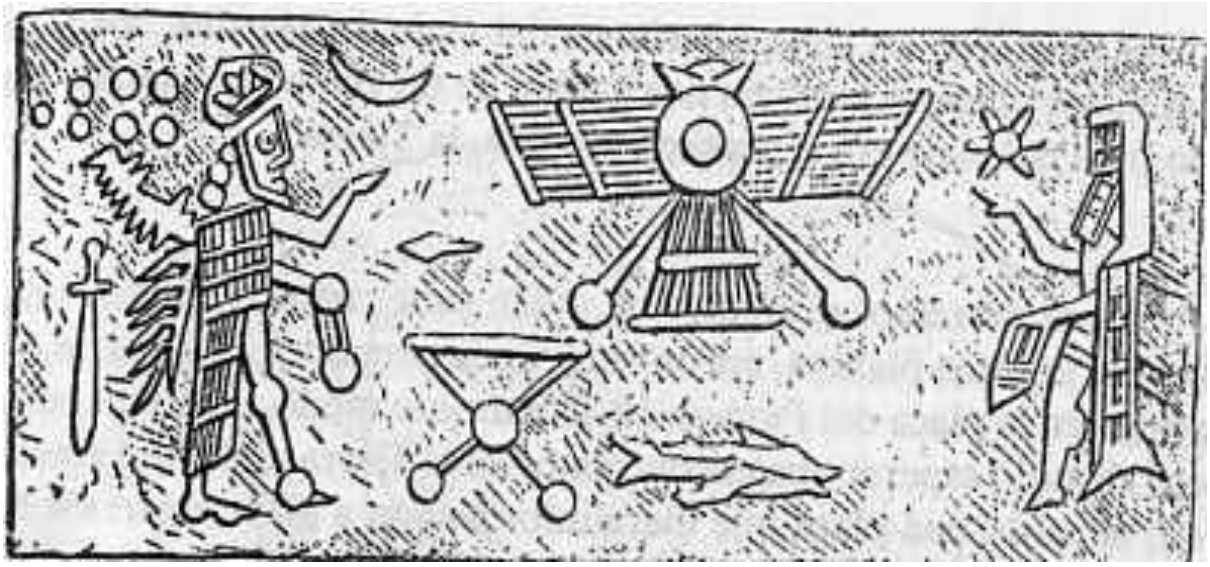
Plutão não só como habitantes do Décimo Segundo Planeta, mas também como astronautas de uma nave espacial nova. Um texto astronômico dizia que o planeta Shupa era aquele onde "a deidade Enlil fixara o destino para a Terra" - onde o deus, encarregado de uma missão espacial, estabelecera a rota correta para o planeta Terra e para a terra da Suméria.
A seguir à Shupa ficava IRU ("volta completa"). Em Netuno, a missão espacial começava provavelmente sua larga curva ou "volta completa" em direção ao seu alvo final. Outra lista apelida o planeta HUM.BA, que conota "vegetação de terreno pantanoso". Quando, e se algum dia sondarmos Netuno, será que descobriremos que sua persistente associação com águas se deve aos aquosos pântanos que os Nefilim viram sobre o planeta?
A Urano se dava o nome de Kakkab Shanamma ("planeta que é o duplo"). Urano é, na verdade, o gêmeo de Netuno em tamanho e aspecto. Uma lista suméria chama-lhe EN.TI.MASH.SIG ("planeta de radiante vida esverdeada"). Será também Urano um planeta no qual abundava a vegetação pantanosa?
Para além de Urano assoma Saturno, um planeta gigante (quase dez vezes maior que a Terra) distinguível pelos seus anéis que se estendem por mais do dobro em distância que o diâmetro do planeta. Armado de uma tremenda força gravitacional e dos misteriosos anéis, Saturno deve ter representado muitos perigos aos Nefilim e suas missões espaciais. Isto bem pode explicar o fato de eles chamarem ao quarto planeta TAR.GALLU ("o grande destruidor"). O planeta era também apelidado KAK.SI.DI ("arma de integridade") e SI.MUTU ("ele que pela justiça mata"). Ao longo do antigo Oriente Médio o planeta representou o castigador dos injustos. Seriam estes nomes expressões de temor ou referências a reais acidentes no espaço?
Os rituais Akitu, como vimos, fazem referência a "tempestades das águas" entre An e Ki no quarto dia, quando a missão espacial estava entre Anshar (Saturno) e Kishar (Júpiter).
Um texto sumério muito antigo, considerado desde sua primeira publicação em 1912 como sendo "um antigo texto mágico", registra muito possivelmente a perda de uma nave espacial e seus cinqüenta ocupantes. Relata como Marduk, chegando a Eridu, se apressou a ir ter com seu pai Ea com algumas terríveis novidades:

Foi criado como uma arma;
Atacou para a frente como a morte...
Os Anunnaki, que são cinqüenta,
Ele assassinou...
O voador, semelhante a uma ave SHU.SAR,
Ele assassinou no peito.

O texto não identifica o "ele" aquilo que destruiu o SHU.SAR (o voador "supremo perseguidor") e seus cinqüenta ocupantes. Mas o medo de um perigo celeste é evidente só em relação a Saturno.

Os Nefilim devem ter passado por Saturno e chegado à vista de Júpiter com uma grande sensação de alívio. Eles chamavam ao quinto planeta Barbaru ("o brilhante"), assim como SAG.ME.GAR ("o grande, onde as vestes espaciais são apertadas"). Outro nome para Júpiter, SIB.ZI.AN.NA ("verdadeiro guia dos céus"), descreve também seu papel provável na viagem à Terra - ele era o sinal para fazer a curva na difícil passagem entre Júpiter e Marte e entrar na zona perigosa do Cinturão de Asteróides. A partir dos epítetos, pareceria que neste ponto os Nefilim colocam os seus me's, suas vestes espaciais.

Marte, muito corretamente, era chamado UTU.KA.GAB.A ("luz estabelecida à porta das águas"), recordando-nos as descrições sumérias e bíblicas do Cinturão de Asteróides como o "bracelete" celeste separando as "águas superiores" das "águas inferiores" do sistema solar. Mais precisamente, a Marte se referiam como Shelibbu ("um próximo do centro" do sistema solar). Um invulgar esboço num selo cilíndrico sugere que, passando Marte, uma missão espacial dos Nefilim que chegasse estabelecia constante comunicação com o "Controle da Missão" na Terra.



O objeto central neste antigo esboço simula o símbolo do Décimo Segundo Planeta, o Globo Alado. E, ainda assim, ele parece diferente: é mais mecânico, mais manufaturado que natural. As suas "asas" parecem quase os painéis solares com os quais as missões espaciais norte-americanas são equipadas para converter a energia solar em eletricidade. As duas antenas são inconfundíveis.

A nave circular, com seu topo semelhante a uma coroa e suas extensas asas e antenas, está situada nos céus, entre Marte (a estrela de seis pontas) e a Terra e sua Lua. Na Terra, uma divindade estende sua mão para cumprimentar um astronauta ainda fora nos céus, perto de Marte. O astronauta é mostrado usando um elmo com um visor e um escudo. A parte inferior de sua veste assemelha-se a um "homem-peixe", um requisito necessário, talvez, no caso de uma aterrissagem de emergência no oceano. Numa mão ele segura um instrumento; com a outra, retribui o cumprimento da Terra.

E depois, seguindo viagem, estava a Terra, o sétimo planeta. Nas listas dos "Sete Deuses Celestes", ela era chamada SHU.GI ("justo local de repouso de SHU"). Significava ainda a "Terra no fim do SHU", da Suprema Parte do sistema solar, o destino de longa jornada pelo espaço.

Enquanto no antigo Oriente Médio o som gi se transformava por vezes no mais familiar ki ("terra", "terra seca"), a pronúncia e sílaba gi ganharam nos nossos tempos seu significado original, exatamente como os Nefilim o entendiam: geo-grafia, geo-metria, geo-logia.

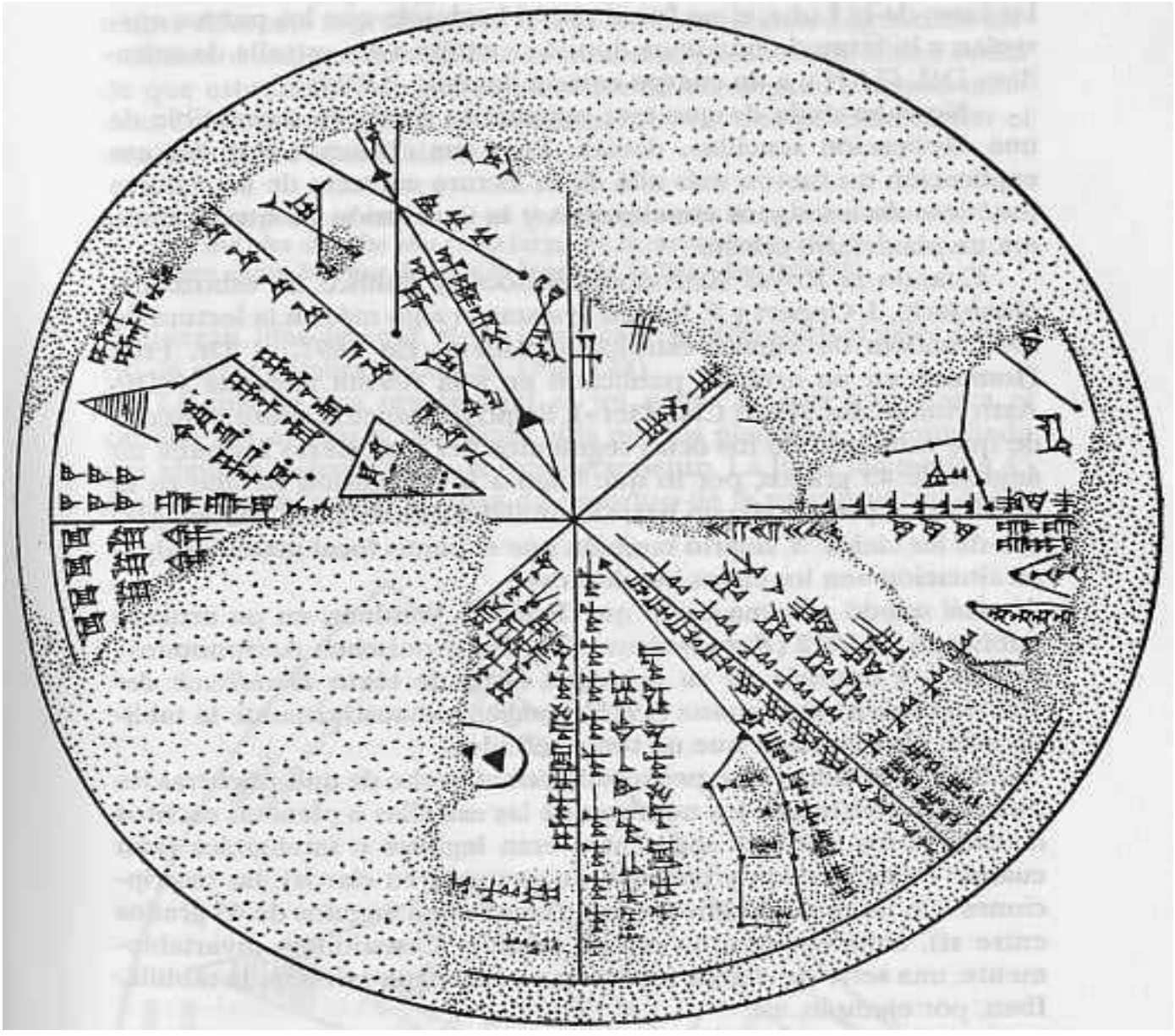
Na mais remota forma de escrita pictográfica, o signo SHU.GI significava também shibu ("o sétimo"). E os textos astronômicos explicavam:

Shar shadi il Enlil ana kakkab SHU.GI ikkabi.
"Senhor das Montanhas, divindade Enlil, é idêntica ao planeta Shugi."

Estabelecendo o paralelo com as sete estações da viagem de Marduk, os nomes dos planetas falam ainda de vôo espacial. A terra no fim da jornada era o sétimo planeta, a Terra.

Talvez nunca saibamos se, daqui a anos sem conta, alguém noutro planeta encontrará e entenderá a mensagem desenhada na placa fixada à Pioneer 10. Do mesmo modo, uma tal placa ao inverso, ou seja, uma placa trazendo aos terráqueos informações sobre a localização e a rota do Décimo Segundo Planeta.
E, no entanto, tal prova extraordinária existe.
A prova é uma barra de argila encontrada nas ruínas da Real Biblioteca de Nínive. Tal como muitas das outras barras, é sem dúvida uma cópia assíria de uma barra suméria anterior. Ao contrário de outras, é um disco circular, e, embora alguns signos cuneiformes nela inscritos estejam excelentemente preservados, os poucos estudiosos que se entregaram à tarefa de decifração da barra acabaram por lhe chamar "o mais desconcertante documento mesopotâmico".
Em 1912, L. W. King, conservador de antiguidades assírias e babilônicas no Museu Britânico, fez uma meticulosa cópia do disco que está dividido em oito segmentos. As partes não danificadas contêm formas geométricas não vistas em nenhum outro artefato antigo, desenhadas e esboçadas com uma considerável precisão. Nelas se incluem setas, triângulos, linhas que se intersecionam e até uma elipse, uma curva geométrico-matemática anteriormente considerada como estranha aos tempos antigos.
A invulgar e desconcertante placa de argila chegou ao conhecimento da comunidade científica num relato submetido à apreciação da Real Sociedade Britânica de Astronomia em 9 de janeiro de 1880. R. H. M. Bosanquet e A. H. Sayce, num dos mais antigos tratados sobre "A Astronomia Babilônica",

referem-se a ela como a um planisfério (a reprodução de uma superfície esférica como um mapa plano). Eles anunciaram que alguns dos signos cuneiformes nela inscritos "sugerem medidas... parecem carregar algum significado técnico", Os muitos nomes dos corpos celestes que apareceram nos oito segmentos da placa estabeleceram claramente seu caráter astronômico. Bosanquet e Sayce ficaram particularmente intrigados com os sete "pontos" num segmento. Disseram que podiam representar as fases da Lua, se não fosse pelo fato de os pontos parecerem correr ao longo de uma linha nomeando a "estrela das estrelas" DIL.GAN e um corpo celeste chamado APIN.



"Não podem restar dúvidas de que esta enigmática figura é suscetível de uma explicação simples", diziam eles. Mas seu próprio esforço para fornecer tal explicação não foi além da correta leitura dos valores fonéticos dos signos cuneiformes e da conclusão de que o disco era um planisfério celeste.
Quando a Real Sociedade de Astronomia publicou um esboço do planisfério, J. Oppen e P. Jensen melhoraram a leitura dos nomes de algumas estrelas ou planetas. O dr. Fritz Hommel, escrevendo numa revista alemã em 1891 ("A Astronomia dos Antigos Caldeus"), chamou a atenção para o fato de cada um dos oito segmentos do planisfério formar um ângulo de 45°, fato a partir do qual ele concluiu que estava representada uma curva total dos céus - todos os 360° das alturas. Ele sugeriu que o ponto focal marcasse qualquer local "nos céus babilônicos".
E por aí ficou o assunto, até que Ernst F. Weidner, primeiro num artigo publicado em 1912 (Babyloniaca: "Para Uma Astronomia Babilônica") e depois em sua principal obra Handbuch der Babylonischen Astronomie (1915), analisou cabalmente a barra apenas para concluir que ela não fazia sentido.
Sua estupefação foi causada pelo fato de que, enquanto as formas geométricas e os nomes das estrelas ou planetas escritos nos limites dos vários segmentos eram legíveis ou inteligíveis (mesmo se seu significado ou objetivo era pouco claro), as inscrições ao longo das linhas (passando em ângulos de 45º de umas para as outras) não faziam, pura e simplesmente, sentido. Elas eram, invariavelmente, uma série de sílabas repetidas na língua assíria das barras. Elas passavam-se assim, por exemplo:

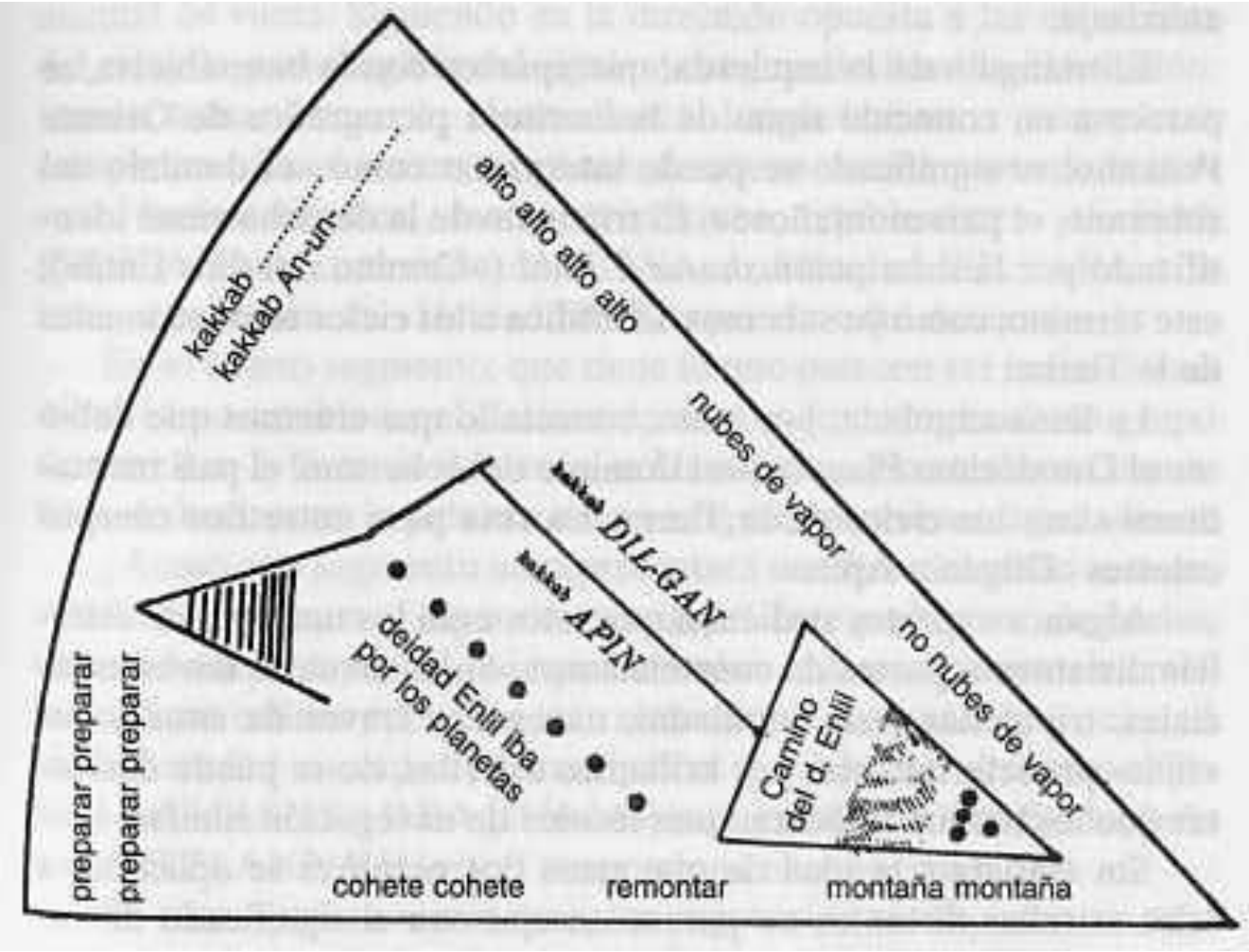
la bur di lu bur di bur di
bat bat bat kash kash kash kash alu alu alu alu

Weidner concluiu que a placa era não só astronômica, como também astrológica, usada como barra mágica para exorcismos, como muitos outros textos consistindo em sílabas repetidas. Com isto, negou qualquer interesse posterior à singular barra.
Mas suas inscrições assumem um aspecto completamente diferente se nós a tentarmos ler não em palavras-signos assírias, mas em palavras silábicas

sumérias; porque então podem restar poucas dúvidas de que a barra representa uma cópia assíria de um anterior original sumério. Quando olharmos para um dos segmentos (que podemos numerar como I), as sílabas sem nexo:

na na na na a na a na nu (ao longo da linha descendente)
sha sha sha sha sha sha (ao longo da circunferência)
sham sham bur bur Kur (ao longo da linha horizontal)

Brotam em toda sua significação se penetrarmos no significado sumério destas palavras silábicas.



O que aqui se revela é um mapa de órbitas, assinalando o caminho pelo qual o deus Enlil "passou pelos planetas", acompanhado de algumas instruções de

operações. A linha inclinada a 45º parece indicar a linha descendente de uma nave espacial de um ponto que é "alto alto alto alto", através de "nuvens de vapor" e uma zona inferior sem nenhum vapor, na direção do ponto do horizonte, no qual céus e terra se encontram.

Nos céus perto da linha horizontal, as instruções para os astronautas fazem sentido: é-lhes ordenado "ajustar ajustar ajustar" seus instrumentos para a aproximação final; depois, enquanto se aproximam do solo, "foguetes foguetes" são ligados para abrandar a força da nave, que aparentemente devia ser erguida ("acumulada") antes de atingir o ponto de aterrissagem porque tem de passar sobre terreno alto ou escarpado ("montanha montanha").

A informação fornecida neste segmento pertence claramente a uma viagem espacial empreendida pelo próprio Enlil. Neste primeiro segmento é-nos dado um preciso esboço geométrico de dois triângulos ligados por uma linha que faz um determinado ângulo. A linha representa uma rota, uma vez que a inscrição afirma claramente que o esboço mostra como a "deidade Enlil passou pelos planetas".

O ponto de partida é o triângulo à esquerda representando os longínquos limites do sistema solar; a área de objetivo está à direita, onde todos os segmentos convergem na direção do ponto de aterrissagem.

O triângulo à esquerda, desenhado com a base aberta, é semelhante a um signo conhecido na escrita pictográfica do Oriente Médio; seu significado pode ser lido como "o domínio do governante, a terra montanhosa". O triângulo à esquerda é identificado pela inscrição shu-ut il Enlil ("via do deus Enlil"); o termo, como sabemos, denota os céus setentrionais da Terra.

A linha oblíqua, então, liga aquilo que acreditamos ter sido o Décimo Segundo Planeta - "o domínio do governante, a terra montanhosa" com os céus da Terra. A rota passa entre dois corpos celestiais - Dilgan e Apin.

Alguns estudiosos defenderam que estes eram os nomes de estrelas distantes ou partes de constelações. Se as modernas missões tripuladas e não tripuladas podem navegar por uma "determinação de posição" em brilhantes estrelas pré-determinadas, não se pode excluir para os Nefilim uma similar técnica navegacional. No entanto, a teoria de que os dois nomes representam essas estrelas distantes não concorda, de certo modo, com o significado de seus

nomes: DIL.GAN significava, literalmente, "a primeira estação" e APIN, "onde a rota correta é ajustada".
Os significados dos nomes indicam estações de caminhos, pontos já ultrapassados. Tendemos a concordar com tais autoridades como Thompson, Epping e Strassmaier que identificavam Apin com o planeta Marte. Se é assim, o significado do esboço torna-se claro: a rota entre o Planeta da Realeza e os céus por sobre a Terra passava entre Júpiter ("a primeira estação") e Marte ("onde a rota correta é ajustada").
Esta terminologia pela qual os nomes descritivos dos planetas estavam relacionados com seu papel na viagem espacial dos Nefilim, combina com nomes e epítetos nas listas dos Sete Shu Planetas. Como que para confirmar nossas conclusões, a inscrição afirmando que esta era a rota de Enlil aparece debaixo de uma fileira de sete pontos - os Sete Planetas que se estendem de Plutão à Terra.
Sem constituir surpresa, os quatro corpos celestes restantes, aqueles na "zona de confusão", são mostrados separadamente, para além dos céus setentrionais da Terra e da faixa celestial.
Em todos os outros segmentos há também provas de que se tratava de um mapa celeste e manual de vôo. Continuando no sentido anti-horário a parte legível do segmento seguinte contém a inscrição: "tomar tomar tomar lançar lançar lançar lançar completo completo completo". No terceiro segmento, onde se vê uma seção da invulgar forma elíptica, as inscrições legíveis rezam "kakkab SIB.ZI.AN.NA... enviado de AN.NA... deidade ISH.TAR" e a intrigante frase: "A deidade NI. NI, supervisor da descida ".
No quarto segmento, que contém aquilo que parecem ser instruções de como estabelecer o destino de cada um de acordo com certo grupo de estrelas, a linha descendente é especifIcamente identificada como a linha do céu: a palavra é repetida onze vezes sob a linha.
Representará este segmento uma fase de vôo já mais próxima da Terra, mais próxima do ponto de aterrissagem? Pode ser realmente este o conteúdo da legenda sobre a linha horizontal: "montes montes montes montes topo topo topo topo cidade cidade cidade cidade". A inscrição no centro diz: "kakkab MASH.TAB.BA [Gêmeos] cujo encontro é fixado: kakkab SIB.ZI.AN.NA [Júpiter] fornece conhecimento".

Se, como parece ser o caso, os segmentos estão organizados numa seqüência de aproximação, então nós quase podemos partilhar a excitação dos Nefilim à medida que se aproximam do aeroporto espacial da Terra. O segmento seguinte, de novo identificando a linha descendente como “céu céu céu", anuncia também:

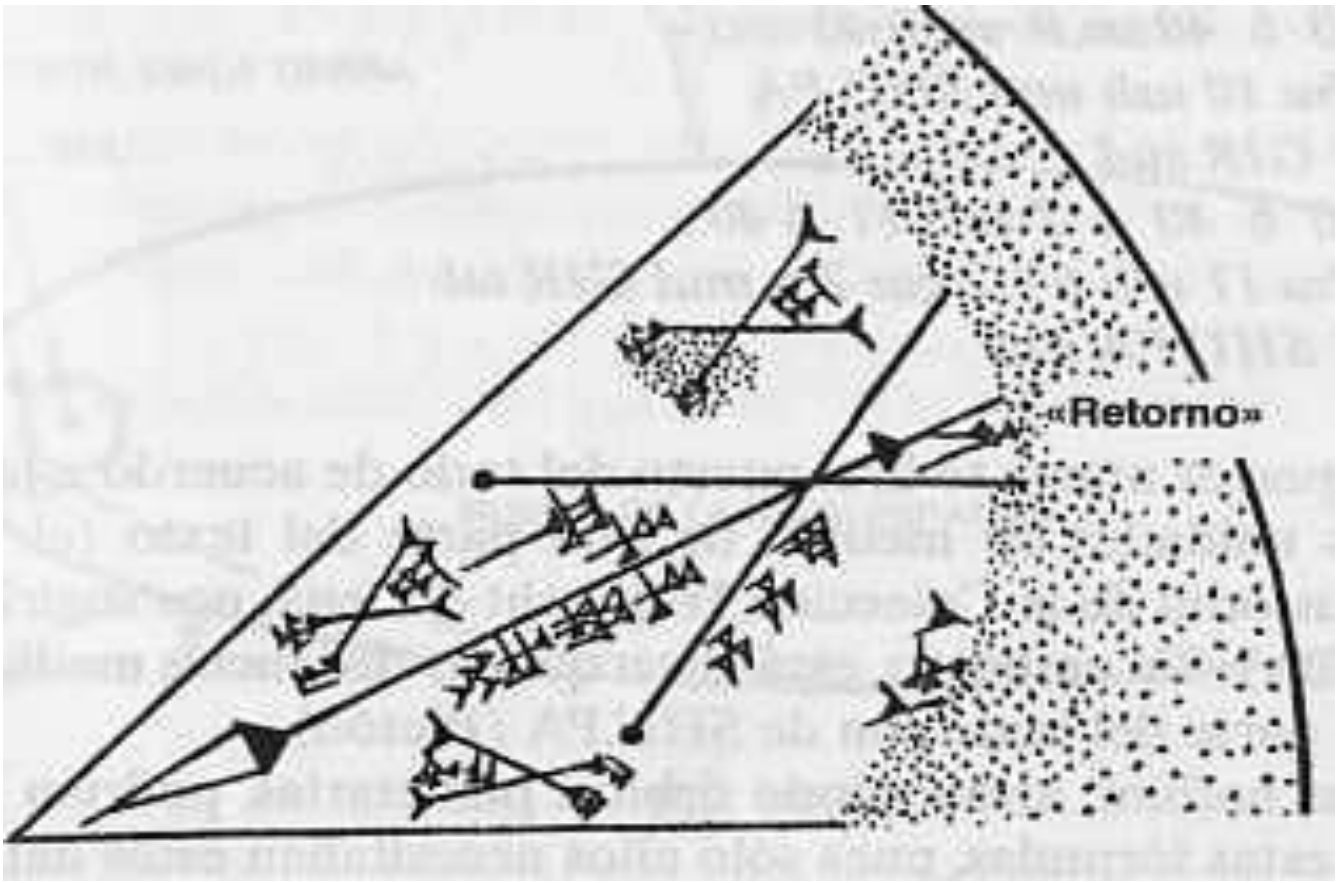
nossa luz nossa luz nossa luz
mudança mudança mudança mudança
atenção caminho e solo alto
... terra plana...

A linha horizontal contém, pela primeira vez, números:

foguete foguete
foguete levantar planar
40 40 40
40 40 20 22 22

A linha superior do segmento seguinte já não afIrma: "céu céu"; pelo contrário ela chama "canal canal 100 100 100 100 100 100 100". Pode-se perceber um desenho neste segmento grandemente danificado. Ao longo de uma das linhas, a inscrição diz-nos: "Ashshur", que pode significar "Ele que vê" ou "Vendo".
O sétimo segmento está demasiado danificado para ser somado à nosso exame; as poucas sílabas discerníveis significam "distante distante... vista vista" e as palavras de instruções são "pressionar para baixo". O oitavo e último segmento, no entanto, está quase integral. Linhas direcionais, setas e inscrições marcam um caminho entre dois planetas. Instruções para "acumular montanha montanha", mostram quatro conjuntos de cruzes, inscritas por duas vezes "combustível água cereal" e duas vezes "vapor água cereal".
Seria este um segmento tratando das preparações para o vôo em direção à Terra, ou um segmento tratando do armazenamento para o vôo de regresso ao encontro do Décimo Segundo Planeta? Talvez seja o último caso, uma vez

que a linha com a aguçada seta apontando para o local de aterrissagem na Terra tem em sua extremidade final outra "seta" apontando para a direção oposta, e a legenda "Regressos".



Quando Ea conseguiu que o emissário de Anu "fizesse Adapa tomar a estrada do céu" e Anu descobriu o ardil, ele exigiu saber:

Por que é que Ea, a um indigno humano
Revelou o plano de céu-terra –
Tornando-o distinto,
Fazendo um Shem para ele?

No planisfério que acabamos de decifrar, podemos, de fato, ver tal mapa de rotas, um "plano céu-terra". Em linguagem de signos e em palavras, os Nefilim desenharam para nós a rota desde seu planeta ao nosso.
Textos, de outro modo inexplicáveis, tratando de distâncias celestes fazem também sentido se os lermos em termos de viagem espacial a partir do

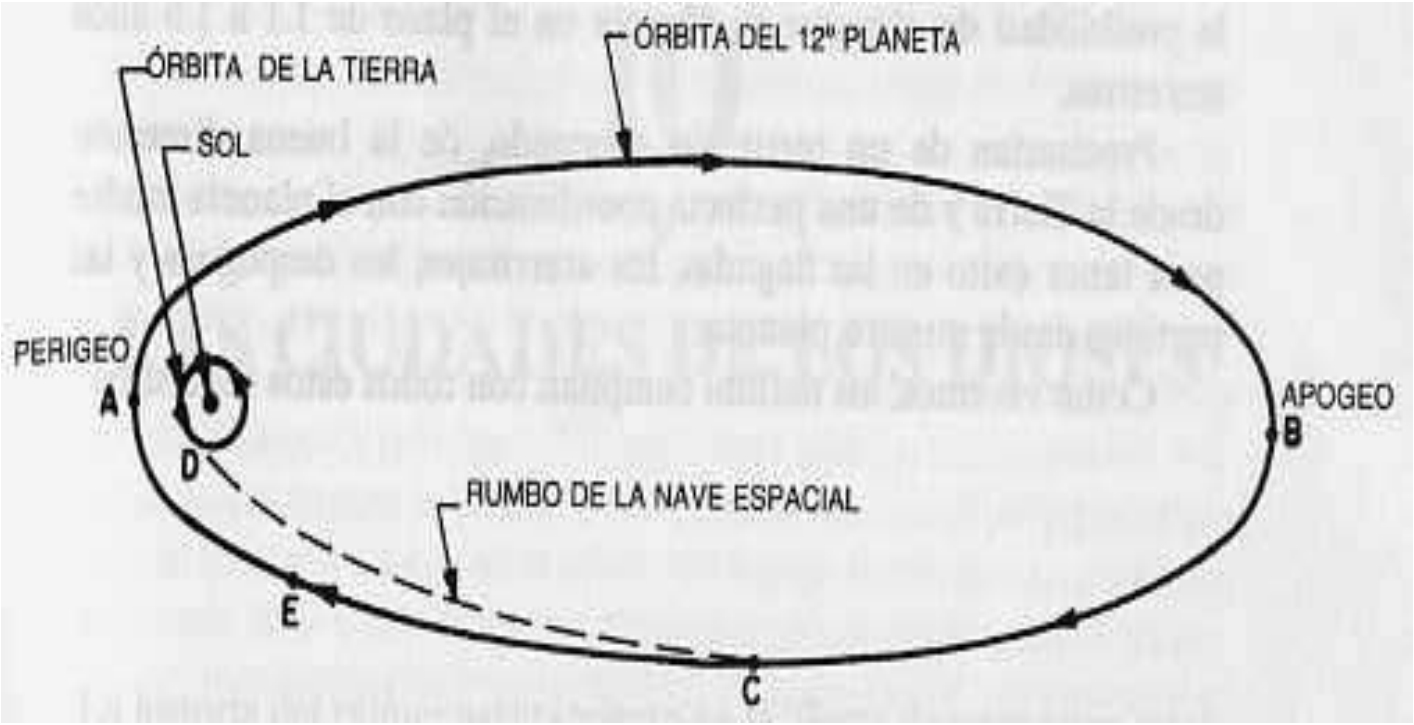
Décimo Segundo Planeta. Determinado texto, encontrado nas ruínas de Nippur e que se crê ter 4.000 anos de antiguidade, está agora guardado na coleção Hilprecht na Universidade de Jena, na Alemanha. O. Neugebauer (The Exact Sciences in Antiquity) [As Ciências Exatas na Antiguidade] demonstrou que a barra era indubitavelmente uma cópia de "uma composição original mais antiga"; contém relações de distâncias celestes começando da Lua até a Terra e depois através do espaço para seis outros planetas.
A segunda parte do texto parece ter fornecido as fórmulas matemáticas para a resolução de qualquer problema interplanetário, afirmando (de acordo com algumas leituras):

40 4 20 6 40 X 9 é 6 40
13 kasbu 10 ush mul SHU.PA
eli mul GIR sud
40 4 20 6 40 X 7 é 5 11 6 40
10 kasbu 11 ush 6 ½ gar 2 u mul GIR tab
eli mul SHU.PA sud

Nunca houve um acordo total entre os eruditos quanto à correta leitura das unidades de medição nesta parte do texto (uma nova leitura foi-nos sugerida numa carta do dr. J. Oelsner, encarregado da Coleção Hilprecht, em Jena). É claro, no entanto, que a segunda parte do texto media distâncias a partir de SHU.PA (Plutão).
Apenas os Nefilim, atravessando as órbitas planetárias, podiam ter concebido estas fórmulas; apenas eles tinham necessidade destes dados.
Levando em consideração que seu próprio planeta e seu objetivo, a Terra, estavam ambos em contínuo movimento, os Nefilim tiveram que direcionar sua nave não para onde a Terra estava na época do lançamento, mas para onde ela estaria na época da chegada. Podemos julgar, com segurança, que os Nefilim projetavam suas trajetórias de modo muito semelhante àquele que empregam os cientistas modernos para fazer os mapas das missões à Lua e a outros planetas.

A missão espacial dos Nefilim foi provavelmente lançada do Décimo Segundo Planeta em direção à própria órbita do Décimo Segundo Planeta, mas muito antes de sua chegada às vizinhanças da Terra. Baseando-se nestes e em inúmeros outros fatores, Amnon Sitchin, doutorado em Aeronáutica e Engenharia, elaborou para nós duas trajetórias alternativas para a missão espacial. De fato, com pouco gasto de energia, a nave não só mudaria seu curso, mas também diminuiria sua velocidade. Enquanto o Décimo Segundo Planeta (também um veículo espacial, embora de enorme tamanho) continuava sua ampla órbita elíptica, a nave espacial seguiria um curso elíptico muito mais reduzido e alcançaria a Terra bem antes do Décimo Segundo Planeta. Esta alternativa pode ter oferecido tanto vantagens como desvantagens aos Nefilim.

O período completo de 3.600 anos terrestres que se aplicava a períodos de exercício de poder e outras atividades sobre a Terra sugere que eles devem ter preferido a segunda alternativa, a de uma pequena viagem e uma estada nos céus da Terra, coincidindo com a chegada do próprio Décimo Segundo Planeta. Isto teria exigido o lançamento da nave espacial (C) quando o Décimo Segundo Planeta estava acerca de meio caminho de perigeu, início de sua rota de volta ao apogeu. Com a velocidade própria do planeta aumentando rapidamente, a nave espacial requereu fortes motores para ultrapassar seu planeta natal e alcançar a Terra (D) uns anos antes do Décimo Segundo Planeta.



Baseados em complexos dados técnicos assim como em textos mesopotâmicos, podemos dizer que nos parece que os Nefilim adotaram para suas missões à Terra a mesma aproximação que a NASA adotou para as missões à Lua: quando a nave espacial principal se aproximava do planeta objetivo (Terra), entrava em órbita à volta desse planeta sem aterrissar realmente. Em vez disso, uma nave menor era libertada da nave-mãe e executava a aterrissagem real.

Difíceis e precisas como eram as aterrissagens, as decolagens da Terra devem ter sido ainda mais delicadas. A nave de aterrissagem precisava reunir-se à nave-mãe, que tinha então de aquecer os motores e acelerar até velocidades extremamente altas, uma vez que devia alcançar o Décimo Segundo Planeta, que, por essa altura, passava por seu perigeu entre Marte e Júpiter à sua máxima velocidade orbital. O dr. Sitchin calculou que havia três pontos na órbita da nave à volta da Terra, que propiciavam um impulso na direção do Décimo Segundo Planeta. As três alternativas ofereciam aos Nefilim a escolha de alcançar o Décimo Segundo Planeta no espaço de 1,1 até 1,6 anos terrestres.

Terreno apropriado, orientação da Terra e coordenação perfeita com o planeta natal eram os requisitos necessários para chegadas, aterrissagens, decolagens e partidas bem-sucedidas da Terra.

Como veremos, os Nefilim preencheram todos estes requisitos.

10
Cidades dos Deuses

A história da primeira colonização da Terra por seres inteligentes é uma saga de tirar a respiração, não menos inspirada que a descoberta da América ou a circunavegação da Terra. Foi, com certeza, um acontecimento de importância maior, porque, como resultado desta colonização, nós e nossas civilizações estamos hoje aqui.
A Epopéia da Criação informa-nos que os "deuses" vieram para a Terra seguindo uma decisão deliberada de seu chefe. A versão babilônica, atribuindo a decisão a Marduk, explica que ele esperou até o solo da Terra secar e endurecer o suficiente para permitir as operações de aterrissagem e construção. Depois, Marduk anunciou sua decisão ao grupo de astronautas:

Nas profundas alturas, onde tu tens residido,
"A Real Casa das Alturas" eu construí.
Agora, uma contraparte dela
Eu construirei lá embaixo.

Marduk explicou então seu objetivo:

Quando das alturas para assembléia vocês descerem
Haverá um lugar de repouso para a noite para vos receber a todos.
Eu lhe chamarei "Babilônia" - O Portão dos Deuses.

A Terra não era assim meramente o objeto de uma visita ou de uma rápida estada de exploração; estava destinada a ser um permanente "lar longe do lar".
Viajando a bordo de um planeta que era uma espécie de nave espacial, atravessando as rotas da maior parte dos outros planetas, sem dúvida os Nefilim esquadrinhavam primeiro os céus a partir da superfície do próprio

planeta. Sondas não tripuladas devem ter-se-lhes seguido. Mais tarde ou mais cedo eles adquiriram a capacidade de enviar missões tripuladas aos outros planetas.
Quando os Nefilim procuraram uma "casa" adicional, a Terra deve tê-los impressionado favoravelmente. Seus matizes azuis indicavam que ela possuía água e ar mantenedores de vida; os castanhos revelavam a existência de terra firme; os verdes falavam-lhes da vegetação e da base para vida animal. No entanto, quando os Nefilim finalmente viajaram para a Terra, ela deve ter-lhes parecido de algum modo diferente da visão atual que nossos astronautas têm dela. Não esqueçamos que, quando os Nefilim vieram pela primeira vez à Terra, ela estava no meio de uma idade do gelo - período glacial que se constitui em fases de congelamento e descongelamento do clima da Terra:

Glaciação remota - iniciada há cerca de 600.000 anos.
Primeiro aquecimento (período inter-glacial) – 550.000 anos atrás.
Segundo período glacial - há 480.000 e 430.000 anos.

Quando os Nefilim aterrissaram pela primeira vez na Terra, há cerca de 450.000 anos, cerca de um terço de sua área firme estava coberta com lençóis de gelo e glaciares. Com uma porção tão grande das águas da Terra congeladas, a queda de chuva foi reduzida, mas não por toda a parte. Devido às peculiaridades dos padrões de vento e terreno, entre outras coisas, algumas áreas que são hoje bem irrigadas eram estéreis na época, e algumas áreas que hoje têm apenas chuvas de estação experimentavam na época chuvas durante todo o ano.
Os níveis de água eram também mais baixos porque muita água fora capturada como gelo nas massas de terra. As provas indicam que, no auge das duas maiores idades do gelo, os níveis do mar eram cerca de 180 ou 200 metros mais baixos que hoje em dia. Assim, havia terra seca onde atualmente temos mares e praias. Onde os rios continuaram a correr, foram criadas profundas gargantas e desfiladeiros se seus cursos os levaram por terreno rochoso; se suas águas correram em terra macia e argila, chegaram à idade do gelo através de vastos pântanos.

Chegando à Terra em tais condições climáticas e geográficas, onde poderiam os Nefilim colocar seu primeiro domicilio?

Eles procuraram, sem dúvida, um local com um clima relativamente temperado, onde não eram precisos mais que simples abrigos e onde podiam se movimentar com leves roupas de trabalho em vez de pesadas vestes isolantes. Devem ter procurado também água para beber, lavar e para fins industriais, assim como para manter a vida animal e vegetal necessárias à alimentação. Os rios facilitam a irrigação de largas faixas de terra e simultaneamente deviam fornecer um meio de transporte conveniente.

Apenas uma zona relativamente estreita da Terra podia preencher todos estes requisitos, assim como satisfazer a necessidade de longas e planas áreas adequadas às aterrissagens. A atenção dos Nefilim, sabemo-lo agora, focalizou-se em três principais sistemas de rios e suas planícies: o Nilo, o Indo e o Tigre-Eufrates. Cada uma das bacias destes rios era adequada à primitiva colonização; cada uma, a seu tempo, se tornou o centro de uma antiga civilização.

Os Nefilim apenas muito dificilmente podiam ter ignorado outra necessidade: uma fonte de combustível e energia. Na Terra, o petróleo tem sido uma versátil e abundante fonte de energia, calor e luz e ainda matéria-prima a partir da qual inúmeros bens essenciais são produzidos. Os Nefilim, a julgar pelas práticas e registros sumérios, fizeram uso extensivo do petróleo e seus derivados; é lógico que ao procurar o habitat mais adequado na Terra, os Nefilim preferissem um local rico em petróleo.

Com isto em mente, os Nefilim colocaram, provavelmente, a planície do Indo em último lugar, uma vez que não se trata de uma área onde possa ser encontrado petróleo. O vale do Nilo foi posto em segundo lugar; geologicamente, está situado numa zona principal de rochas sedimentares, mas a área do petróleo só se encontra a alguma distância do vale e requer profunda perfuração. A Terra dos Dois Rios, Mesopotâmia, foi, indubitavelmente, colocada em primeiro lugar. Alguns dos mais ricos campos petrolíferos estendem-se desde a orla do golfo Pérsico até às montanhas onde o Tigre e o Eufrates nascem. E, enquanto na maior parte dos locais se tem de perfurar profundamente para trazer à superfície o petróleo

bruto, na antiga Suméria (agora sul do Iraque) os betumes, alcatrões, resinas e asfaltos fervilhavam ou afloravam espontaneamente na superfície.
É interessante que os sumérios tinham nomes para todas as substâncias betuminosas - petróleo, óleo bruto, asfaltos nativos, asfaltos de rocha, alcatrão, asfaltos pirogênicos, mástique, ceras e resinas. Tinham nove nomes diferentes para os vários betumes. Por comparação, a antiga linguagem egípcia tinha apenas dois e o sânscrito apenas três.
O livro do Gênesis descreve o domicilio de Deus na Terra - Éden como um local de clima temperado, ameno e, no entanto, refrescado pela brisa, uma vez que Deus passeava à tarde para aproveitar a refrescante brisa. Era um local de bom solo, oferecendo-se à agricultura e horticultura, especialmente ao cultivo de pomares. O local obtinha suas águas de uma cadeia de quatro rios. "E o nome do terceiro rio [era] Hidekel [Tigre]; é aquele que flui na direção do leste da Assíria; e o quarto era o Eufrates."
Enquanto as opiniões referentes à identidade dos primeiros dois rios, Fison, ("abundante") e Geon ("que jorra para a frente"), são inconclusivas, não há incertezas no que se refere aos outros, o Tigre e o Eufrates. Alguns estudiosos localizam o Éden na Mesopotâmia do Norte, onde os dois rios e os dois afluentes secundários têm sua origem; outros (tais como E. A. Speiser, in The Rivers of Paradise) [Os Rios do Paraíso] acreditam que as quatro correntes convergiam no topo do golfo Pérsico, e assim o Éden não ficava situado na Mesopotâmia do Norte, mas sim na do Sul.
O nome bíblico de Éden é de origem mesopotâmica, derivando do acádio edinu, significando "planície". Lembramos que o título "divino" dos antigos deuses era DIN.GIR ("os íntegros/justos dos foguetes"). Um nome sumério para o domicílio dos deuses, E.DIN, terá significado "casa dos íntegros", uma descrição adequada.
A escolha da Mesopotâmia como o lar na Terra foi provavelmente motivada por, pelo menos, uma outra importante razão. Embora, a seu devido tempo, os Nefilim tivessem estabelecido um aeroporto espacial em terra seca, algumas provas sugerem que, pelo menos inicialmente, eles aterrissaram chapinhando no mar numa cápsula hermeticamente selada. Se foi este o método de aterrissagem, a Mesopotâmia oferece não um, mas dois mares - o oceano Índico ao sul e o Mediterrâneo a oeste - para que, em caso de

emergência, a aterrissagem não dependesse apenas de um único local aquoso. Como veremos, uma boa baía ou golfo a partir da qual podiam ser iniciadas viagens por mar era também essencial.

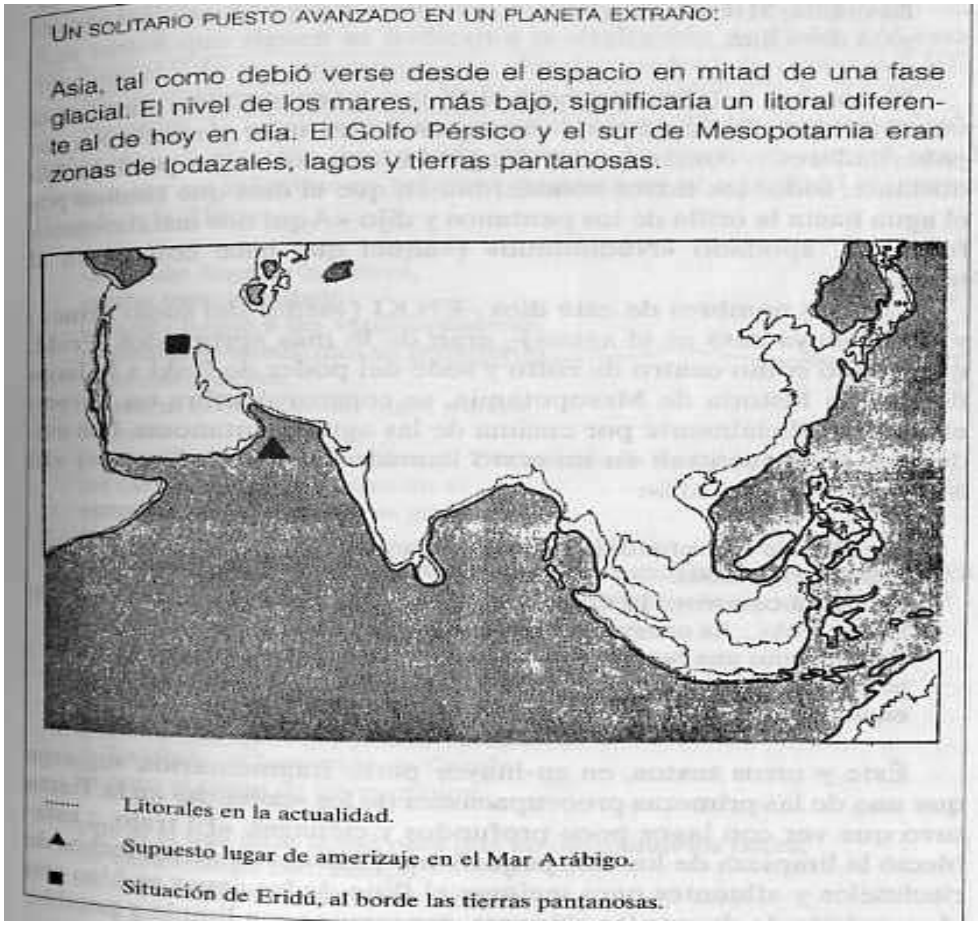
Em antigos textos e gravuras, as naves dos Nefilim eram inicialmente chamadas "barcos celestiais". A aterrissagem de tais astronautas "marítimos", podemos imaginar, podia ter sido descrita em antigos contos épicos como o aparecimento de um gênero qualquer de submarino-dos-céus no mar, a partir do qual "homens-peixes" emergiam e vinham à costa.

Na verdade, os textos mencionam que alguns dos AB.GAL que navegaram nas naves espaciais estavam vestidos como peixes. Um texto abordando as divinas viagens de Ishtar cita-a procurando alcançar o "grande gallu" (navegador-chefe) que partira "num barco submerso". Berossus transmitiu lendas referentes a Oannes, o "Sendo Dotado de Razão", um deus que fez seu aparecimento do "mar Eritreu que era limítrofe à Babilônia" no primeiro ano da descida da realeza do céu. Berossus relatou que, embora Oannes parecesse um peixe, tinha uma cabeça humana e pés como um homem sob sua cauda de peixe. "Também sua voz e linguagem eram articuladas e humanas."

Os três historiadores gregos, através dos quais sabemos o que Berossus escreveu, relatavam que tais divinos homens-peixes apareciam periodicamente vindo à costa do "mar Eritreu", a massa de água a que hoje chamamos mar Arábico (a parte ocidental do oceano Índico).
Por que teriam os Nefilim aterrissado chapinhando no oceano Índico, a centenas de quilômetros do seu lugar escolhido na Mesopotâmia, em vez de pararem no golfo Pérsico, que fica muito mais perto desse local? Os antigos relatos confirmam indiretamente nossa conclusão de que as primeiras aterrissagens ocorreram durante o segundo período glacial quando o atual golfo Pérsico não era um mar, mas uma extensão de pântanos e lagos superficiais nos quais era impossível uma aterrissagem aquática.

Descendo no mar Arábico, os primeiros seres inteligentes na Terra fizeram depois seu caminho em direção à Mesopotâmia. Os pântanos estendiam-se mais profundamente para o interior que a atual linha de costa. Aí, nos limites dos pauis, estabeleceram sua primeiríssima colônia em nosso planeta.
A essa colônia chamavam eles E.RI.DU ("casa na lonjura construída"). Como é apropriado o nome!

Até hoje mesmo, o termo persa ordu significa "acampamento". É uma palavra cujo significado tomou raízes em todas as línguas: a terra colonizada chama-se Erde em alemão, Erda no velho alto-alemão, fördh em irlandês, ford em dinamarquês, Airtha em gótico, Ertha no inglês médio; e, voltando atrás geográfica e cronologicamente, "terra" era Aratha ou Ereds em aramaico, Erd ou Ertz em curdo, Eretz em hebraico.
Em Eridu, na Mesopotâmia do Sul, os Nefilim fundaram a Estação Terrestre I, um solitário posto avançado num planeta semi-gelado.


UN SOLITARIO PUESTO AVANZADO EN UN PLANETA EXTRAÑO:
Asia, tal como debió verse desde el espacio en mitad de una fase glacial. El nivel de los mares, más bajo, significaría un litoral diferente al de hoy en día. El Golfo Pérsico y el sur de Mesopotamia eran zonas de lodazales, lagos y tierras pantanosas.
Litorales en la actualidad.
Supuesto lugar de amerizaje en el Mar Arábigo.
Situación de Eridú, al borde las tierras pantanosas.

Um posto avançado isolado num planeta estranho A Ásia como seria vista do ar em pleno período glaciar. Um nível do mar mais baixo provocou um recorte litoral diferente do de hoje. O Golfo Pérsico e a Mesopotâmia meridional não passavam de pântanos, lagos e terras barrentas.

..... A linha de costa atual.
Triângulo preto – Presumível redemoinho no Mar Arábico
Quadrado preto – Posição de Eridu, na orla dos pântanos.

Os textos sumérios, confirmados por posteriores traduções acádias, listam as colônias originais ou "cidades" dos Nefilim pela ordem em que foram sendo fundadas. É-nos dito até qual dos deuses foi encarregado de cada uma destas colônias. Um texto sumério, que se acredita ter sido o original das "Barras do Dilúvio" acádias, relata o seguinte a propósito das cinco primeiras sete cidades:

Depois de a realeza ter descido dos céus,
Depois de a exaltada coroa, o trono da realeza
Ter descido dos céus,
Ele... completou os procedimentos,
Os divinos mandados...
Fundou cinco cidades em locais puros,
Deu-lhes nomes,
Transformou-os em centros.

A primeira destas cidades, ERIDU,
Ele deu a Nudimmud, o chefe,
A segunda, BAD-TIBlRA,
Ele deu a Nugig.
A terceira, LARAK,
Ele deu a Pabilsag.
A quarta, SIPPAR,
Ele deu ao herói Utu.
A quinta, SHURUPPAK,
Ele deu a Sud.

O nome do deus que desceu a realeza dos céus à terra, que planejou a fundação de Eridu e quatro outras cidades e designou seus governadores ou comandantes está, infelizmente, apagado. Todos os textos, no entanto, concordam que o deus que, com dificuldades, passou a vau os pauis até aos seus limites e disse "Aqui ficaremos" era Enki, apelidado "Nudimmud" ("ele que fez coisas") no texto acima transcrito.
Os dois nomes deste deus - EN.KI ("senhor do solo firme") e E.A. ("cuja casa é água") - eram muito apropriados. Eridu, que permaneceu a sede de poder de Enki e seu centro de adoração ao longo de toda a história da Mesopotâmia, estava construída em solo artificialmente elevado acima das águas dos pântanos. As provas estão contidas num texto chamado (por S. N. Kramer) o "Mito de Enki e Eridu":

O senhor das profundezas aquáticas, o rei Enki...
Construiu sua casa...
Em Eridu ele construiu a Casa da Margem da Água...
O rei Enki... construiu uma casa:
Eridu, como uma montanha,
Ele levantou acima do solo;
Num bom local ele a construiu.

Estes e outros textos, em sua maior parte fragmentários, sugerem que uma das primeiras preocupações destes "colonizadores" na Terra tinha a ver com os lagos superficiais e os pântanos aquáticos. "Ele trouxe...; determinou a limpeza dos pequenos rios". O espaço para dragar os leitos e afluentes para permitir um melhor corrimento das águas tinha por intenção drenar os pântanos, obter água potável, mais pura, e adicionar irrigação controlada. A narrativa suméria indica também alguns aterros ou levantamento de diques para proteger as primeiras casas das águas onipresentes.
Um texto chamado pelos eruditos "o mito" de "Enki e a Ordem da Terra" é um dos mais longos e mais bem preservados dos poemas narrativos sumérios até agora desenterrados. Seu texto consiste em cerca de 470 linhas, das quais 375 são perfeitamente legíveis. Seu início (cerca de cinqüenta linhas) está, infelizmente, partido. Os versos que se seguem são dedicados a uma exaltação de Enki e ao estabelecimento de suas relações com a deidade principal Anu (seu pai), Ninti (sua irmã) e Enlil (seu irmão).
Seguindo estas introduções, o próprio Enki "toma o microfone". Por mais fantástico que possa soar, o fato é que o texto inclui um relato na primeira pessoa, pelo próprio Enki, falando de sua aterrissagem na Terra.

Quando eu abordei a Terra,
Havia muita inundação.
Quando me aproximei de seus verdes prados,
Morros e montes acumularam-se
A uma ordem minha.
Eu construí minha casa num puro local...
Minha casa

Sua sombra alonga-se por sobre o Pântano da serpente...
Os peixes de água doce agitam aí suas caudas
Por entre os pequenos juncos de gizi.

O poema passa depois a descrever e registrar, na terceira pessoa, as realizações de Enki. Aqui estão alguns versos selecionados:

Ele assinalou o pântano,
Colocou nele carpas e... - peixe;
Ele marcou as canas do bosque,
Colocou nele... - juncos e canas verdes
Enbilulu, o inspetor de canais,
Ele colocou no cargo dos pântanos.

Ele que colocou redes para que nenhum peixe escapasse,
De cuja armadilha nenhum... escapa,
De cujo laço nenhum pássaro foge,
...O filho de... um deus que ama peixe
Enki colocou no cargo dos peixes e pássaros.

Enkimdu, o da vala e do dique.
Enki colocou no cargo da vala e do dique.

Ele cujo... molde dirige,
Kulla, o fabricante de tijolo da terra,
Enki colocou no cargo do molde e do tijolo.

O poema lista outras realizações de Enki, incluindo a purificação das águas do rio Tigre e a junção (por meio de um canal) do Tigre e do Eufrates. Sua casa, perto da margem da água, ficava junto do cais no qual jangadas de juncos e barcos podiam ser ancorados e do qual podiam partir e navegar. Muito apropriadamente, a casa chamava-se E.ABZU ("casa do Abismo"). O sagrado recinto de Enki em Eridu foi conhecido por este nome durante milênios depois.

Não há dúvida de que Enki e sua equipe de aterrissagem exploraram as terras à volta de Eridu, mas Enki parece ter preferido viajar pela água. O pântano, dizia ele num dos textos, "é meu ponto favorito; ele estende para mim seus braços". Noutros textos, Enki descreveu a navegação por entre os pântanos em seu barco, chamado MA.GUR (literalmente, "barco para voltear"), nomeadamente, um barco de recreio. Ele diz como os homens da tripulação "moviam os remos em uníssono", como eles costumavam "cantar doces melodias, fazendo o rio rejubilar". Nessas alturas, confessou ele, "canções sagradas e encantamentos enchiam minhas Aquáticas Profundezas". Até um detalhe tão mínimo como o nome do capitão do barco de Enki é registrado.

As listas de reis sumérios indicam que Enki e seu primeiro grupo de Nefilim permaneceram sozinhos na Terra durante bastante tempo: oito shar's decorreram (28.800 anos) até que o segundo-comandante ou "chefe de colônia" fosse nomeado.
É lançada uma interessante luz sobre o assunto quando examinamos as provas astronômicas. Os estudiosos ficam estupefatos com a aparente “confusão" suméria no que toca a qualquer uma das doze casas zodiacais que está associada com Enki. O signo do peixe-cabra, que representa a constelação Capricórnio, estava aparentemente associado com Enki (e pode, de fato, explicar o epíteto do descobridor de Eridu, A.LULIM, que talvez significasse "carneiro das fulgentes águas"). Ainda assim, Ea/Enki era freqüentemente descrito segurando vasos de águas correntes - o original

Portador de Água, ou Aquário; e ele era certamente o deus dos peixes e assim associado ao signo Peixes.
Os astrônomos encontram muitas dificuldades para esclarecer como é que os antigos contempladores de estrelas realmente viam num grupo de estrelas os contornos de, digamos, peixes ou de um aquário. A resposta que vem à mente é que os signos do zodíaco não foram nomeados segundo a forma do grupo de estrelas, mas de acordo com o epíteto ou atividade principal de um deus primariamente associado com a época em que o equinócio vernal estava naquela específica casa zodiacal.
Se Enki pousou na Terra - como acreditamos - no início da Idade de Peixes, ele presenciou um desvio precessional para Aquário e permaneceu durante um Grande Ano (25.920 anos) até que começou uma Idade de Capricórnio, uma vez que ele esteve verdadeiramente no comando solitário da Terra durante os supostos 28.800 anos.
A passagem do tempo relatada confirma também nossa anterior conclusão de que os Nefilim chegaram à Terra no meio de uma idade de gelo. O difícil trabalho de levantar diques e cavar canais começou quando as condições climáticas eram ainda rigorosas. Mas, depois de passados uns poucos shar's de sua aterrissagem, o período glacial deu lugar a um clima mais quente e com mais chuvas (há cerca de 430.000 anos). Foi então que os Nefilim decidiram mudar-se avançando para o interior e expandindo suas colônias. Convenientemente, os anunnaki (os Nefilim de baixa condição) chamaram ao segundo-comandante de Eridu "A.LAL.GAR" ("ele que é tempo de chuva trouxe descanso").
Mas enquanto Enki experimentava as agruras do pioneirismo na Terra, Anu e seu outro filho Enlil vigiavam do Décimo Segundo Planeta os desenvolvimentos de nosso planeta. Os textos mesopotâmicos deixam bem claro que aquele que estava realmente encarregado da missão na Terra era Enlil, e, mal foi decretada a decisão de prosseguir com a missão, o próprio Enlil desceu à Terra. Para ele foi construída uma colônia especial ou base chamada Larsa por EN.KI.DU.NU ("Enki escava fundo"). Quando Enlil tomou pessoalmente conta do local, ele foi apelidado ALIM ("carneiro"), coincidindo com a "idade" da constelação zodiacal de Áries.

A fundação de Larsa iniciou uma nova fase na colonização da Terra pelos Nefilim. Ela assinalou a decisão de prosseguir com as tarefas para as quais fora destacado para a Terra, tarefas essas que requeriam o envio para a Terra de mais "força humana", ferramentas e equipamento e o regresso de valiosas mercadorias para o Décimo Segundo Planeta.

Aterrissagens no mar deixaram de ser adequadas para estes pesados carregamentos. As mudanças climáticas tornaram o interior da região mais acessível - era tempo de deslocar o local de aterrissagem para o centro da Mesopotâmia. Neste momento crítico, Enlil veio à Terra e procedeu de Larsa ao estabelecimento de "Controle Central da Missão" - um sofisticado posto de comando a partir do qual os Nefilim na Terra podiam coordenar viagens espaciais para e de seu planeta natal, guiar os pousos das naves que iam e vinham e aperfeiçoar as decolagens e entradas com a nave espacial orbitando a Terra.

O local que Enlil selecionou para este fim, conhecido durante milênios por Nippur, era por eles chamado NIBRU.KI ("travessia da Terra"). (Lembramos que o local celeste em que o Décimo Segundo Planeta passa mais perto da Terra era chamado "Local Celeste da Travessia"). Aí Enlil estabeleceu o DUR.AN.KI, o "elo céu-terra".

A tarefa era compreensivelmente complexa e absorvedora de tempo. Enlil ficou em Larsa durante 6 shar's (21.600 anos) enquanto Nippur estava em construção. O empreendimento de Nippur era também longo, como o evidenciam as alcunhas zodiacais de Enlil. Tendo feito o paralelo com Carneiro (Áries) enquanto esteve em Larsa, ele foi subseqüentemente associado ao Touro. Nippur foi fundada na "idade" de Touro.

Um poema de devoção composto como um "Hino a Enlil, o Todo--Beneficente", ao glorioso Enlil, à sua consorte Ninlil, à sua cidade Nippur e à sua "suprema casa", à E.KUR, diz-nos muito acerca de Nippur. Em primeiro lugar, Enlil tinha à sua disposição alguns instrumentos altamente sofisticados: um "'olho' erguido que esquadrinha a terra" e um "feixe erguido que pesquisa o coração de toda a terra". Nippur, diz-nos o poema, estava protegida por medonhas árvores: "Sua vista inspira pavoroso medo, terror"; "do seu exterior, nenhum poderoso deus pode se aproximar". Seu "braço" era "uma ampla rede" e no seu núcleo agachava-se um "pássaro que marcha

rápido", um "pássaro" a cuja "mão" os mesquinhos e os maus não podem escapar. Seria o local protegido por alguma espécie de raio mortífero, por um campo de poder eletrônico? Haveria em seu centro um estrado para helicóptero, um "pássaro" tão veloz que ninguém podia ficar fora de seu alcance?

No centro de Nippur, no alto de uma plataforma elevada artificialmente, ficavam os aposentos e um quartel-general de Enlil, o KI.UR ("local da raiz da Terra"), onde o "elo entre céus e terra" se ergue. Este era o centro de comunicações do Controle da Missão, o local a partir do qual os Anunnaki na Terra se comunicavam com seus camaradas, os IGI.GI ("eles que voltam e vêem") na nave espacial que ficava orbitando.

Neste centro, continua o texto a dizer, havia um "alto pilar dirigido às alturas, alcançando o céu". Este "pilar" extremamente alto, firmemente plantado no solo "como uma plataforma que não pode ser contornada", era usado por Enlil para "pronunciar sua palavra" para os céus. Esta é uma descrição simples de uma torre de radiodifusão. Logo que a "palavra de Enlil" - a sua ordem - "se aproximava dos céus, a abundância escorria para a Terra". Que maneira simples de descrever o fluxo de matérias, comidas especiais, medicamentos e ferramentas trazidos para baixo pela missão vaivém, logo que soava a "palavra" de Nippur!

Este Centro de Controle numa plataforma erguida, a "suprema casa" de Enlil, continha uma misteriosa câmara chamada DIR.GA:

Tão misteriosa como as distantes águas,
Como o celestial zênite.
Entre os seus... emblemas,
Os emblemas das estrelas.
O ME leva-a à perfeição.
Suas palavras são para emissão...
Suas palavras são graciosos oráculos.

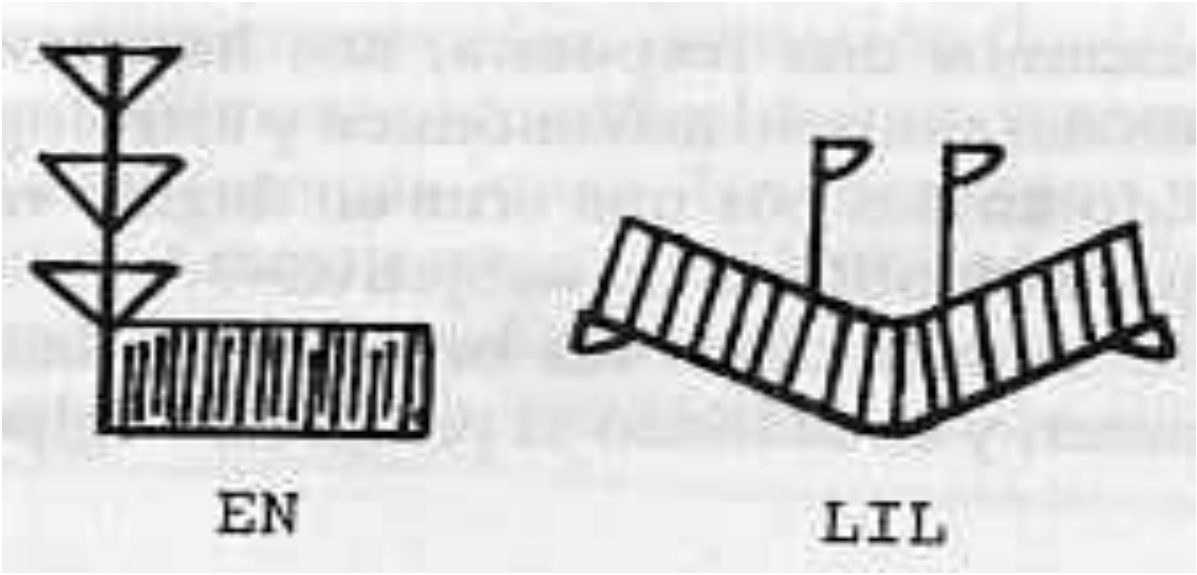
Que era esta dirga? Fraturas na antiga barra furtaram-nos o conhecimento de mais dados; mas o nome fala por si próprio, uma vez que significa "a câmara

escura semelhante a uma coroa", um local onde eram guardados quadros de estrelas, onde eram feitas previsões, onde os ME (as comunicações dos astronautas) eram recebidos e transmitidos. A descrição faz-nos lembrar o Controle de Missões Espaciais, e em Houston, no Texas, orientando os astronautas em suas missões à Lua, amplificando suas comunicações, traçando seus cursos de encontro ao céu estrelado, dando-lhes "graciosos oráculos" de orientação.

Podemos relembrar aqui o conto do deus Zu, que fez seu caminho até o santuário de Enlil e surripiou a Barra dos Destinos, após o que "suspensa estava a emissão de ordens... a santificada câmara interior perdeu seu fulgor... a quietude se espalhou... o silêncio prevaleceu".

Na "Epopéia da Criação", os "destinos" dos deuses planetários eram suas órbitas. É compreensível imaginarmos que a Barra dos Destinos, tão vital às funções de Enlil no "Centro de Controle da Missão", também controlava as órbitas e rotas de vôo das naves espaciais que mantinham o "elo" entre o céu e a terra. Ela bem pode ter sido a indispensável "caixa-preta" contendo os programas de computador que guiavam as naves espaciais, sem os quais o contato entre os Nefilim na Terra e sua ligação com o planeta natal era interrompido.

Muitos estudiosos tomam o nome de EN.LIL para dizer "senhor do vento", o que se ajusta à teoria de que os antigos "personificavam" os elementos da natureza e, deste modo, encarregavam um deus de tomar conta dos ventos e tempestades. Ainda assim, alguns estudiosos já sugeriram que, nesta circunstância, o termo LIL significa não um tempestuoso vento da natureza, mas o "vento" que sai da boca, uma elocução, uma ordem, uma comunicação falada. Uma vez mais, os arcaicos pictogramas sumérios para o termo EN - especialmente como são aplicados a Enlil - e para o termo LIL lançaram luz sobre o assunto. Pelo que vemos, é uma estrutura com uma alta torre de antenas projetando-se dela, assim como uma engenhoca que lembra bastante as gigantescas cadeias de radares hoje erigidas para capturar e emitir sinais, a "ampla rede" descrita nos textos.



Em Bad-Tibira, estabelecida como um centro industrial, Enlil instalou seu filho Nannar/Sin no comando; os textos falam dele na lista de cidades como NU.GIG ("ele do céu noturno"). Aí, acreditamos, nasceram os gêmeos Inanna/Ishtar e Utu/Shamash, acontecimento assinalado pela associação de seu pai Nannar com a constelação zodiacal seguinte, os Gêmeos. Como deus especializado em foguetes, a Shamash foi associada a constelação GIR (significando tanto "foguete" e "garra do caranguejo" ou Câncer), seguida por Ishtar e pelo Leão, sobre o dorso do qual ela era tradicionalmente representada.

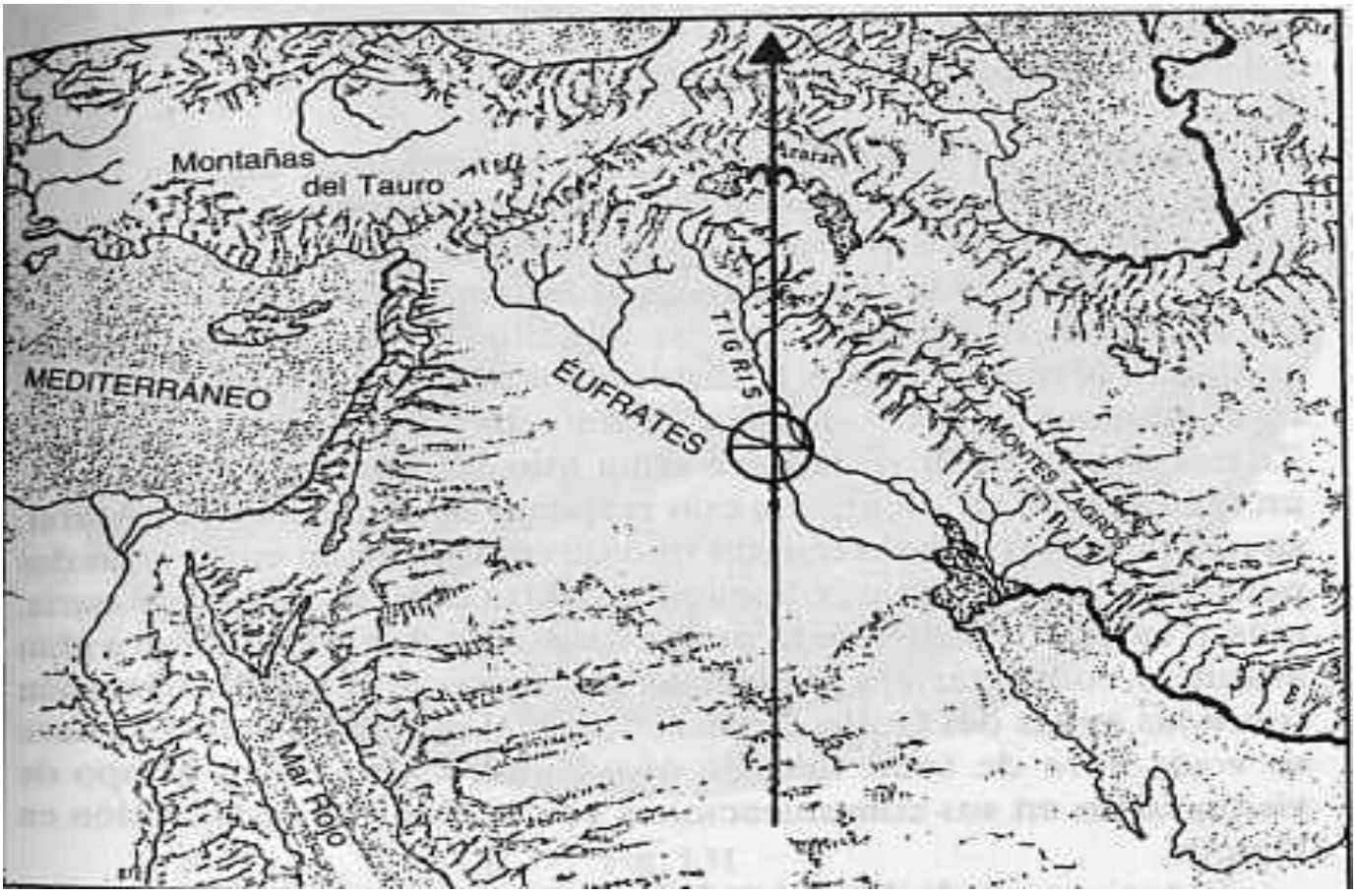
A irmã de Enlil e Enki, "a enfermeira" Ninhursag (SUD), não foi negligenciada; a seu cargo, Enlil colocou Shuruppak, o centro médico dos Nefilim - acontecimento assinalado pela designação de sua constelação "A Donzela" (Virgem).

Enquanto estes centros eram fundados, o acabamento de Nippur foi seguido pela construção do aeroporto espacial dos Nefilim sobre a Terra. Os textos tornam claro que Nippur era o local em que as "palavras" ordens - eram pronunciadas: aí, quando "Enlil ordenou: 'Para o céu!'... aquele que cintila sempre elevou-se como um foguete dos céus". Mas a própria ação teve lugar "onde Shamash se ergue", e aquele local- o "cabo Kennedy" dos Nefilim - era Sippar, a cidade a cargo do chefe das águias, onde foguetes de múltiplos estágios eram levantados do interior deste especial enclave, o "sagrado recinto".

Quando Shamash amadureceu para tomar o comando dos foguetes faiscantes, e a seu tempo também para se tornar o Deus da Justiça, a ele foram atribuídas as constelações Escorpião e Libra (a Balança).
Completando a lista das primeiras sete cidades dos deuses e a correspondência com as doze constelações zodiacais veio Larak, onde Enlil colocou seu filho Ninurta no comando. As listas da cidade chamam-lhe PA.BIL.SAG ("grande protetor"), o mesmo nome pelo qual é chamada a constelação Sagitário.

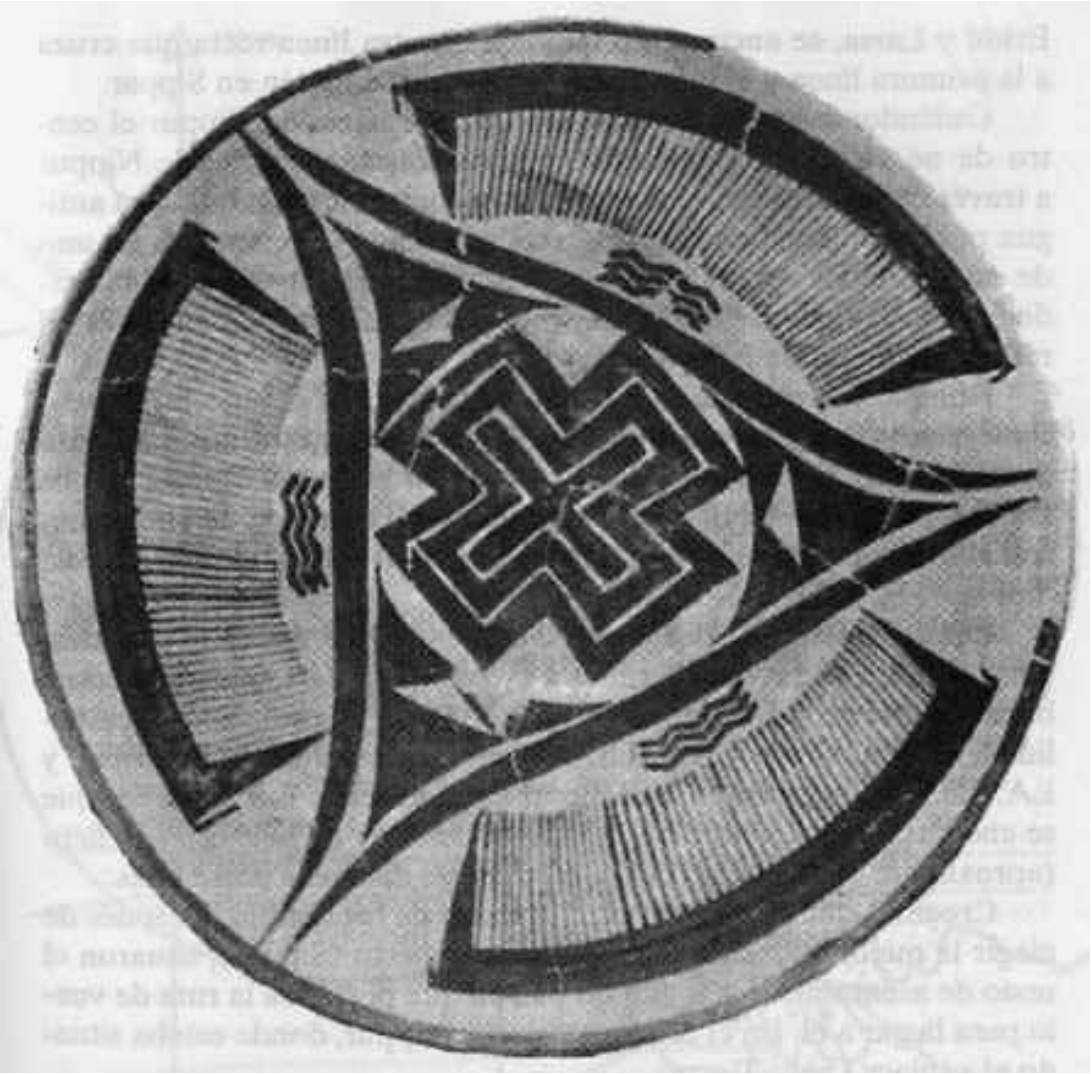
Seria pouco realista supor que as primeiras sete cidades dos deuses foram fundadas por acaso. Estes "deuses", capazes de realizar viagens espaciais, localizaram as primeiras colônias de acordo com um plano definido, servindo uma necessidade vital: tornar possível pousar na Terra e deixar a Terra para seu próprio planeta.
Qual era este plano-mestre?
Quando procuramos uma resposta, nos perguntamos: qual é a origem do símbolo astronômico e astrológico da Terra, um círculo bisseccionado por uma cruz de ângulos retos, o símbolo que usamos para significar "alvo"?
O símbolo remonta às origens da astronomia e da astrologia na Suméria I e é idêntico ao hieróglifo egípcio para "local".
Será isso coincidência ou significativa evidência? Teriam os Nefilim pousado na Terra sobrepondo em sua imagem ou mapa alguma espécie de "alvo"?
Os Nefilim eram estranhos à Terra. Quando do espaço esquadrinhavam sua superfície, devem ter prestado especial atenção às montanhas e cadeias montanhosas. Elas podiam representar incidentes inesperados por ocasião das aterrissagens e das decolagens, mas podiam também servir de marcos no terreno para a navegação.
Se os Nefilim, quando pairavam sobre o oceano Índico, olharam na direção da Terra Entre-os-Rios, que escolheram para suas primeiras tentativas de colonização, um marco de terreno lhes deve ter, indiscutivelmente, aparecido: o monte Ararat.
Como maciço vulcânico extinto, o Ararat domina o planalto armênio onde hoje se encontram as fronteiras da Turquia, Irã e Armênia Soviética. Ele se ergue nos lados oriental e setentrional acerca de 900 metros acima do nível

do mar, e, no lado noroeste, a 1.500 metros. Todo o maciço tem cerca de 40km de diâmetro, um imponente cume salientando-se da superfície da terra.
Outras características o tornam proeminente não apenas no horizonte, mas também de cima, visto dos céus. Primeiro, está localizado entre dois lagos, o Van e o Se-Van. Segundo, dois picos se erguem do alto maciço: o Pequeno Ararat (3.900m) e o Grande Ararat (5.195m). Nenhuma outra montanha rivaliza com as solitárias alturas dos dois picos, que estão permanentemente cobertos de gelo. São como dois brilhantes faróis entre os dois lagos que, durante o dia, agem como refletores gigantes.
Temos razões para crer que os Nefilim selecionaram seu local de pouso coordenando um meridiano norte-sul com um iniludível marco de terreno e uma conveniente localização de raios. Ao norte da Mesopotâmia, o facilmente identificável Ararat com seus picos gêmeos devia ter sido o marco óbvio de terreno. Um meridiano desenhado através do centro do Ararat de picos gêmeos dividia ao meio o Eufrates. Esse era o alvo, o local escolhido para o aeroporto espacial.



Seria um local apropriado para aterrissagens e decolagens?
A resposta é sim. O local escolhido fica num plano; as cadeias de montanhas que rodeiam a Mesopotâmia se encontram a uma distância razoável. As mais altas (para leste, nordeste e norte) não atrapalhariam o pouso daquela espécie de ônibus espacial que vinha de sudeste.
Seria um local acessível? Astronautas e materiais poderiam ser trazidos até ali sem muita difIculdade?
De novo, a resposta é sim. O local podia ser atingido por terra e, via rio Eufrates, por missões aquáticas.
E mais uma pergunta decisiva: haveria por ali uma fonte de energia, de combustível para a força e a luz? A resposta é um enfático sim. A curva do rio Eufrates, onde seria fundada Sippar, era, na Antiguidade, uma das mais ricas fontes em betumes de superfície, produtos petrolíferos que vertem de poços naturais e podiam ser reconhecidos da superfície sem nenhuma escavação ou perfuração a grandes profundidades.
Podemos imaginar Enlil, rodeado por seus ofIciais no posto de comando da missão espacial, desenhando a cruz dentro de um círculo no mapa.
"Como vamos chamar a este local?", pode ter perguntado.
"Por que não Sippar?", alguém devia ter sugerido.
Nas línguas do Oriente Médio, o nome significava "pássaro". Sippar era o local onde as Águias viriam fazer ninho.
Como pousariam os ônibus espaciais em Sippar?
Podemos visualizar um dos navegadores espaciais apontando a melhor rota: à esquerda, eles tinham o Eufrates e o planalto montanhoso a oeste deste; à direita, o Tigre e a cadeia Zagros a leste deste. Se a nave devia aproximar-se de Sippar ao ângulo relativamente simples de 45° em relação ao meridiano de Ararat, seu caminho leva-la-ia seguramente entre estas duas zonas acidentadas. Além disso, entrando na Terra com tal ângulo, a nave atravessaria ao sul por sobre a orla rochosa da Arábia em alta altitude e começaria seu pouso por sobre as águas do golfo Pérsico. Indo e vindo, a missão teria um campo de visão e comunicação desobstruído com o Controle da Missão em Nippur.

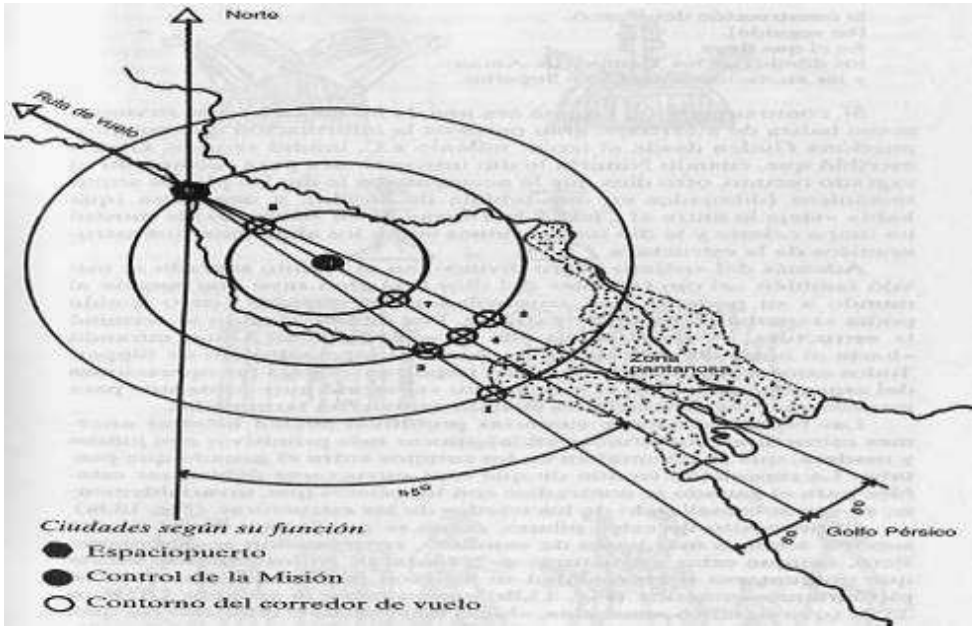
O oficial de Enlil faria então um rápido esboço - um triângulo com águas e montanhas nos lados, apontando com uma seta na direção de Sippar. Um "X" assinalaria Nippur, no centro.



Por mais incrível que possa parecer, este esboço não foi feito por nós; o desenho estava delineado num objeto de cerâmica desenterrado em Susa, num estrado datado de cerca do ano 3.200 a. C. Ele dá a idéia do planisfério que descrevia a rota de vôo e os procedimentos, baseados em segmentos de 45°.

O estabelecimento de colônias na Terra pelos Nefilim não constituiu uma tentativa a esmo. Todas as alternativas foram estudadas, todas as soluções avaliadas, todos os acasos levados em conta; além disso, o próprio plano de colonização foi cuidadosamente esquematizado para que cada local se

adequasse à forma final, cujo objetivo era esboçar o caminho de aterrissagem para Sippar.
Ninguém antes tentou reconhecer um plano-mestre nas dispersas colônias sumérias. Mas, se olharmos para as primeiras sete cidades fundadas, descobrimos que Bad-Tibira, Shuruppak e Nippur ficam situadas numa linha que corre precisamente a um ângulo de 45° do meridiano de Ararat, e essa linha atravessava o meridiano exatamente em Sippar! As outras duas cidades cujas localizações são conhecidas, Eridu e Larsa, ficam também situadas numa outra linha reta que atravessa a primeira e o meridiano de Ararat também em Sippar.
Orientando-nos pelo antigo esboço que faz de Nippur o centro de um círculo, e desenhando circunferências concêntricas a Nippur através das várias cidades, descobrimos que outra antiga cidade suméria, Lagash, estava localizada exatamente num destes círculos - numa linha eqüidistante desde a linha de 45°, como a reta Eridu-Larsa-Sippar. A localização de Lagash reflete a de Larsa.
Embora o local de LA.RA.AK ("vendo brilhante halo") permaneça desconhecido, o lugar lógico para ela seria no ponto 5, uma vez que lá situava-se a Cidade dos Deuses, completando o anel de cidades na rota central do vôo em intervalos de seis bem: Bad-Tibira, Shuruppak, Nippur, Larak, Sippar.



1. Eridu
2. Larsa
3. Nippur
4. Bad-Tibira
5. Larak
6. Sippar
7. Shuruppak
8. Lagash

As duas linhas de fora, flanqueando a linha central que passa por Nippur, ficam a 6° em cada lado dela, atuando como delimitadores sudoeste e nordeste da rota central de vôo. Apropriadamente, o nome LA.AR.SA significava "vendo a luz vermelha"; e LA.AG.ASH significava "vendo o halo em seis". As cidades ao longo de cada linha estavam, na verdade, a seis bem (aproximadamente 60km) de distância umas das outras.
Este, acreditamos, era o plano-mestre dos Nefilim. Tendo escolhido a melhor localização para seu aeroporto espacial (Sippar), fundaram as outras colônias de uma forma que delineia a rota de vôo vital para eles. No centro, colocaram. Nippur, onde se localizava o "elo céu-terra".

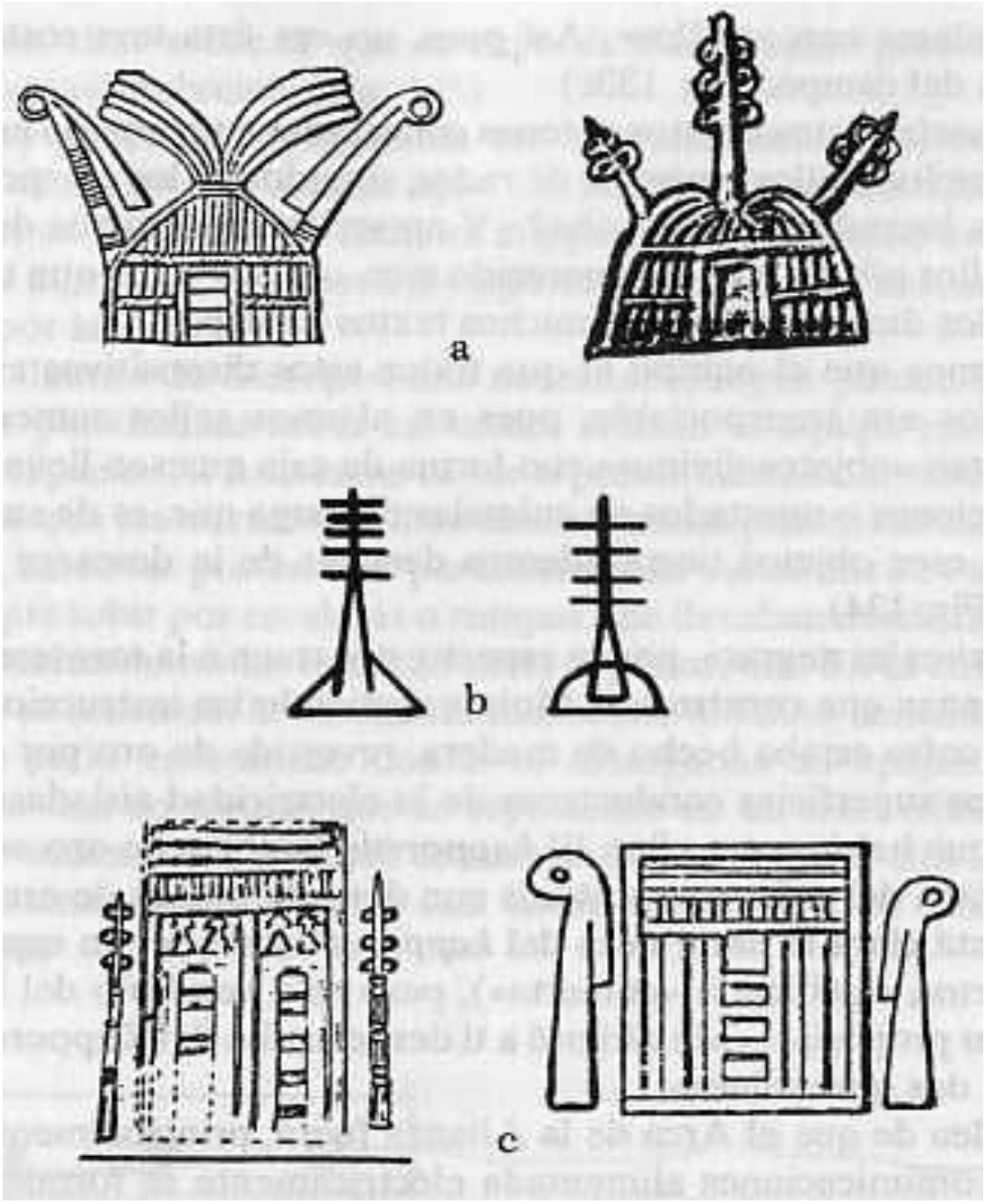
Nem as cidades originais dos deuses nem seus vestígios poderão ser vistos de novo pelo homem - tudo isso foi destruído pelo dilúvio; que mais tarde assolou a terra. Mas podemos saber muito deles, porque era sagrado dever dos reis da Mesopotâmia reconstruir continuamente os recintos sagrados exatamente no mesmo ponto e de acordo com os planos originais. Os reconstrutores enfatizam sua escrupulosa fidelidade aos planos originais nas inscrições de consagração como nesta (descoberta por Layard), que afirma:

O eterno plano de base,
Aquele que para o futuro
A construção determinou
[Eu segui].
É aquele que suporta
Os desenhos dos vetustos tempos

E a escritura dos céus superiores
Cidades de acordo com a função
O Aeroporto espacial .
Controle de missão
O Esboço do corredor de vôo

Se Lagash, como nós sugerimos, era uma das cidades que servia de farol de aterrissagem, então grande parte da informação fornecida por Gudea no 3º. milênio a.C. passa a fazer sentido. Ele escreveu que, quando Ninurta lhe deu instruções para reconstruir o sagrado recinto, um deus acompanhante forneceu-lhe os planos arquitetônicos (esboçados numa barra de pedra) e uma deusa (que "viajara entre o céu e a terra" na sua "câmara") mostrou-lhe um mapa celestial e deu-lhe instruções sobre os alinhamentos astronômicos da estrutura.
Além do "pássaro preto divino", foram instalados no recinto sagrado o "terrível olho" do deus ("o grande feixe de luz que submete o mundo ao seu poder") e o "controlador do mundo" (cujo som podia "reverberar por todos os lados"). Finalmente, quando a estrutura ficou pronta, o "emblema de Utu" foi erguido sobre ela, de frente "para o local de levantamento de Utu", em direção ao aeroporto espacial de Sippar. Todos estes objetos luminosos eram importantes para as operações no aeroporto espacial, uma vez que o próprio Utu "apareceu alegremente" para inspecionar as instalações acabadas.
Remotas descrições sumérias mostram freqüentemente estruturas sólidas, construídas em tempos primevos de juncos e madeira, situadas em campos por entre o gado que pastava. A suposição corrente de que estas estruturas seriam estábulos para gado é contestada pelos pilares que, invariavelmente, são mostrados projetando-se dos telhados de tais estruturas.
O objetivo do pilar, como se pode ver, era suportar um ou mais pares de "anéis", cuja função não é mencionada. Embora estas estruturas fossem erigidas nos campos, devemos perguntar-nos se elas foram construídas para abrigar gado. Os pictogramas sumérios expressam a palavra DUR ou TUR significando ("residência", "local de reunião") por meio de desenhos que, indubitavelmente, representam as mesmas estruturas mostradas já nos selos cilíndricos; mas estes tornam claro que o principal modelo da estrutura não

eram os "chapéus' " mas a torre das antenas. Pilares similares com "anéis" foram colocados também nas entradas dos templos, nos limites dos recintos sagrados dos deuses, e não apenas no exterior, no campo.
Seriam estes objetos antenas ligadas a equipamento de radiodifusão? Seriam os pares de anéis radares emissores, colocados nos campos para guiar os ônibus espaciais que chegavam? Os pilares semelhantes a olhos seriam aparelhos de perscrutação, os "olhos-que-tudo-vêem" dos deuses, dos quais muitos textos falavam?



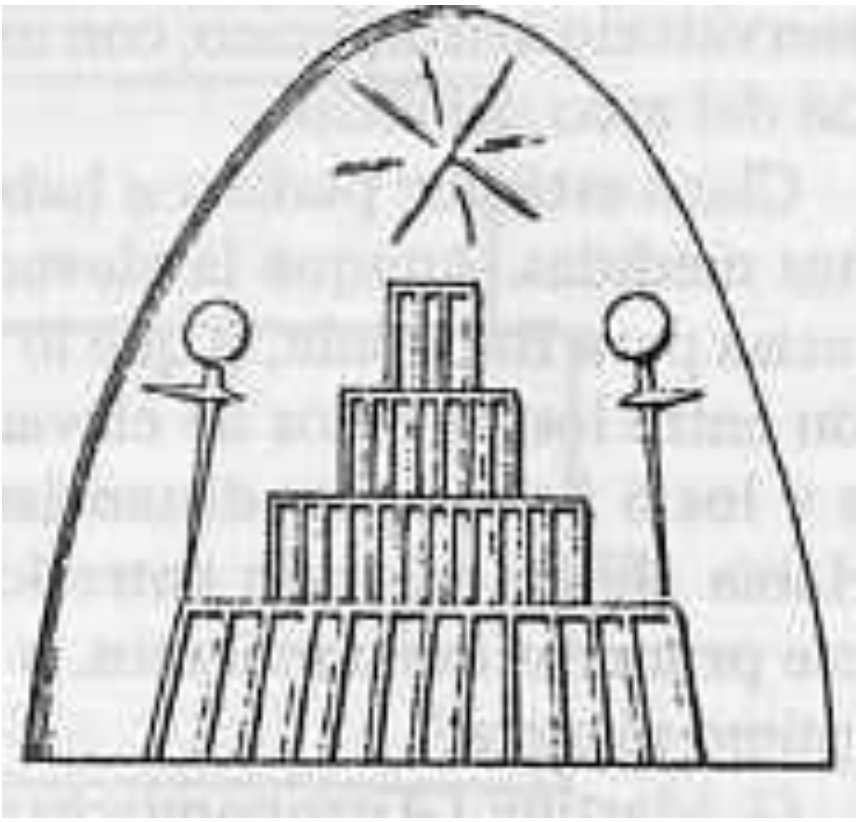
Sabemos que o equipamento ao qual estavam ligados estes vários aparelhos era portátil, uma vez que os selos sumérios representam "objetos divinos" semelhantes a caixas, sendo transportados por barco ou instalados em animais, que carregavam os objetos mais para o interior depois de os barcos terem atracado.

Quando vemos o aspecto dessas "caixas-pretas", vêem-nos à mente a imagem da Arca da Aliança construída por Moisés sob as instruções de Deus. O cofre teria de ser feito de madeira, coberto de ouro tanto por dentro como por fora - as duas superfícies condutoras de eletricidade eram isoladas pela madeira entre elas. Um kapporeth, também feito de ouro, teria de ser colocado sobre o cofre e segurado por dois querubins moldados em ouro sólido. A natureza do kapporeth (significando, especulam os estudiosos, "cobrindo") não é clara, mas este versículo do livro do Êxodo sugere seu fim: "E eu me dirigirei a ti de sobre o Kapporeth, de entre os dois Querubins".
A conclusão de que a Arca da Aliança era fundamentalmente uma caixa de comunicações operada eletricamente é corroborada pelas instruções referentes ao modo de carregá-la. Ela devia ser transportada por meio de bastões de madeira passados através de quatro argolas de ouro. Ninguém devia tocar no próprio cofre, e, quando um israelita o fez, ele foi instantaneamente morto, como que por uma carga elétrica de alta-voltagem.

Este equipamento aparentemente sobrenatural, que tornava possível comunicar com uma deidade embora essa deidade estivesse fisicamente num outro local, tornou-se objeto de veneração, "símbolo sagrado do culto". Os templos em Lagash, Ur, Mari e outros antigos locais incluíam entre os objetos de devoção "ídolos de olho". O exemplo mais proeminente foi encontrado num "templo de olho" em Tell Brak, no noroeste da Mesopotâmia. Este templo do 4º. milênio era assim chamado não só porque foram desenterradas centenas de símbolos “olho", mas principalmente porque o interior do lugar sagrado do templo tinha apenas um altar, no qual estava exposto, numa enorme pedra, um símbolo de "olho duplo".

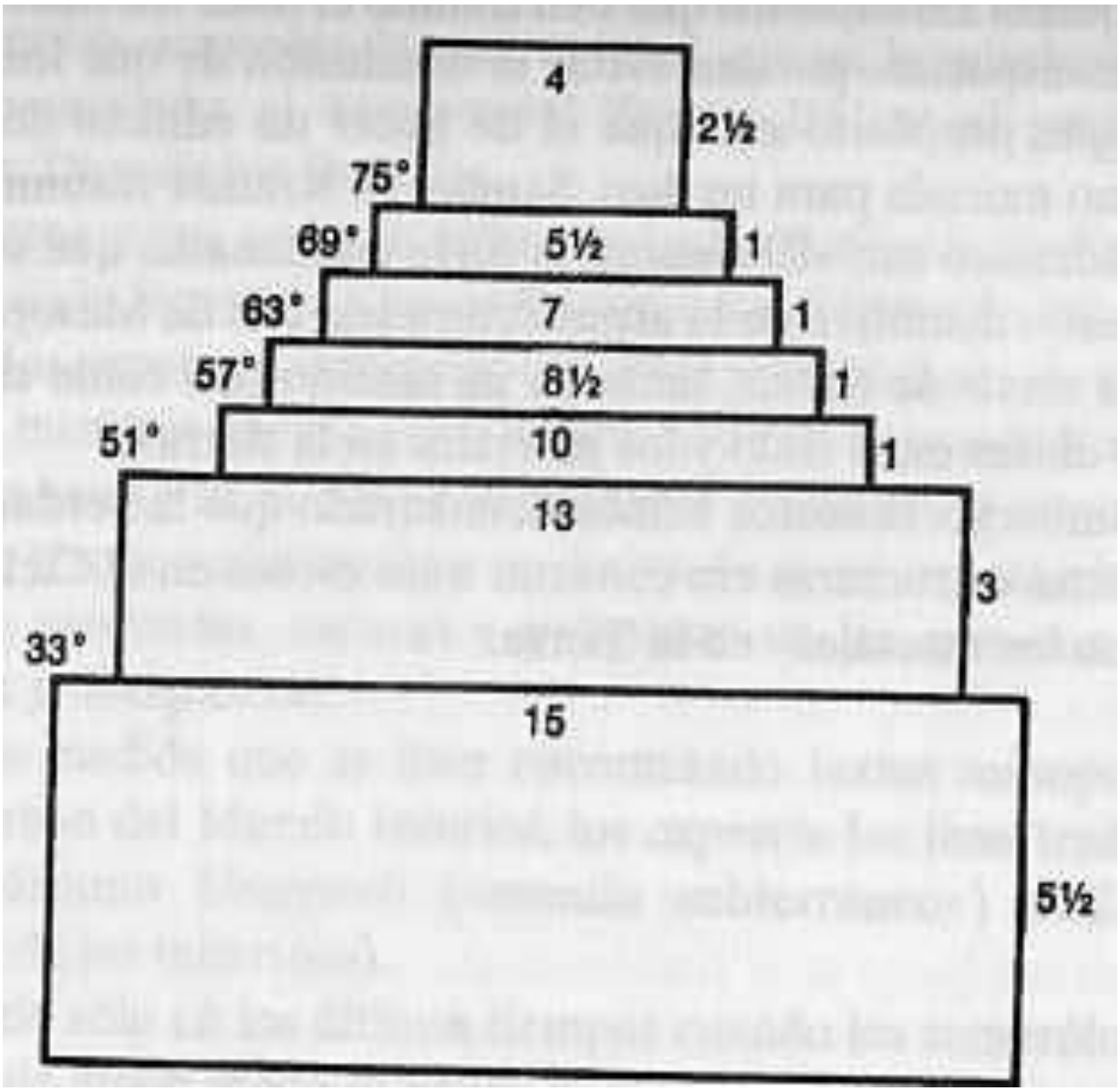
Com toda a certeza, este era uma simulação do atual objeto divino, o "terrível olho" de Ninurta, ou o que estava no Centro de Controle da Missão de Enlil em Nippur, sobre o qual o antigo escriba relatou: "Seu Olho erguido perscruta a Terra... Seu Feixe erguido pesquisa a Terra".

O planalto sem relevos da Mesopotâmia necessitava, ao que parece, da elevação artificial de plataformas nas quais o equipamento relacionado com o espaço teria de ser colocado. Textos e representações pictóricas não deixam dúvidas de que as estruturas abrangem desde as mais remotas cabanas de campo até as posteriores plataformas de andares, alcançáveis por lances de escadas e rampas que conduzem de um andar mais baixo e largo até um patamar superior mais estreito, e assim por diante. No topo do zigurate era construída uma verdadeira residência para os deuses, rodeada por um pátio plano emparedado para abrigar o "pássaro" e as "armas". Um zigurate retratado num selo cilíndrico não só mostra a costumeira construção patamar-sobre-patamar, como também duas "antenas de anel", cuja altura parece equivaler a três andares.



Marduk afirmou que o zigurate e o complexo do templo em Babilônia (o E.SAG.IL) foram construídos sob suas próprias instruções, de acordo também com a "escritura dos céus superiores". Uma barra (conhecida por Barra de Smith, de acordo com o nome de seu decifrador) analisada por André Parrot (Zigurates e a Torre de Babel) demonstrou que o zigurate de

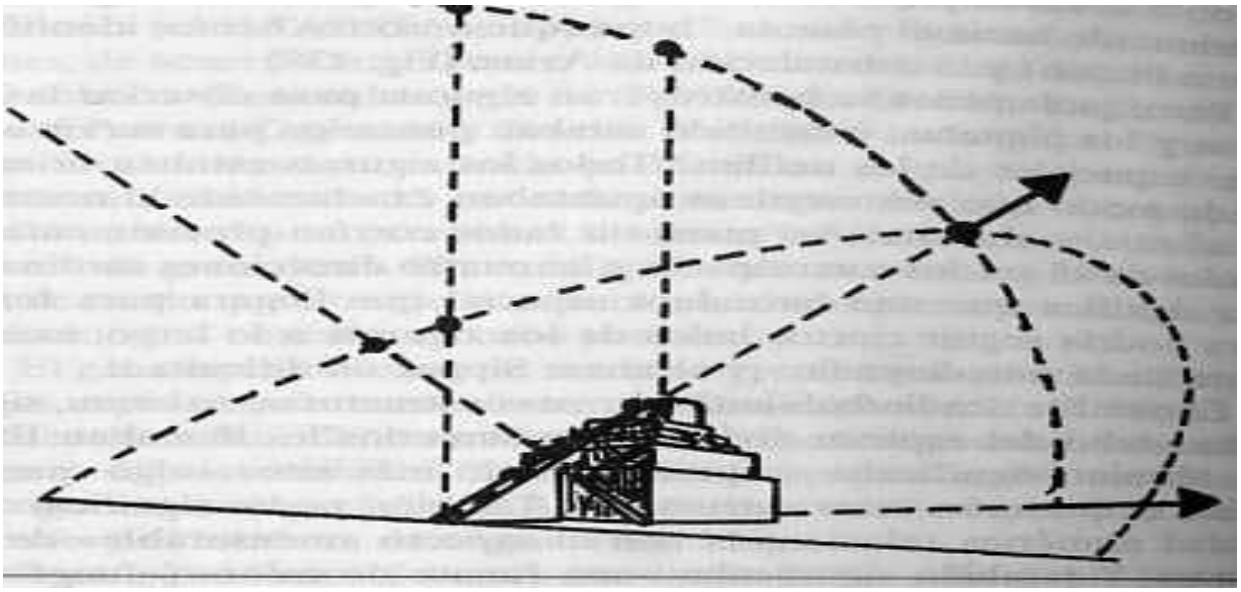
sete andares era um quadrado perfeito mas com o primeiro andar ou base tendo lados de 15 gar cada um. Cada andar sucessivo era menor em área e em altura, exceto o último patamar (a residência do deus), que tinha uma maior altura. A altura total, todavia, era de novo igual a 15 gar, e assim a estrutura inteira não só era um perfeito quadrado, como também um perfeito cubo.
O gar empregado nestas medições era equivalente a 12 pequenos cúbitos - aproximadamente 6m. Dois estudiosos, H. G. Wood e L. C. Stecchini, mostraram que a base sexagesimal suméria, o no. 60, determinava todas as medições primárias dos zigurates mesopotâmicos. Assim, cada lado media 3 por 60 cúbitos em sua base e o total era de 60 gar.



Qual o fator que determinou a altura de cada patamar? Stecchini descobriu que, se multiplicasse a altura do primeiro andar (5.5 gar) por cúbitos quadrados, o resultado seria 33, ou seja, a latitude aproximada da Babilônia (32,5° N.). Calculando de modo similar, o segundo andar elevava o ângulo de observação para 51°, e cada um dos quatro andares seguintes erguia esse ângulo em 6°. O sétimo andar ficava, deste modo, no topo de uma plataforma erguida a 75° acima do horizonte à latitude geográfica da Babilônia. Este patamar final acrescentava 15°, permitindo ao observador erguer os olhos em linha reta, a um ângulo de 90°. Stecchini concluiu que cada patamar atuava como um patamar de observatório astronômico, com uma elevação predeterminada relativa ao arco do céu.

Claro que pode ter havido outras razões "ocultas" nestas medições. Enquanto a elevação de 33° não era muito exata para a Babilônia, era precisa para Sippar. Haveria relação entre a elevação de 6° em cada um dos quatro andares e as distâncias de 6 beru entre as cidades dos deuses? Estariam os sete andares relacionados de algum modo com a localização das primeiras sete colônias, ou com a posição da Terra como o sétimo planeta?

G. Martiny (Astronomisches zur babylonischen Turm) [O Astronômico para a Torre Babilônica] mostrou que estes padrões do zigurate tomavam-no adequado às observações celestes e que o andar mais elevado do Esagila estava voltado na direção do planeta Shupa (que identificamos como Plutão) e a constelação Áries.



Mas teriam os zigurates sido erguidos unicamente para observar as estrelas e os planetas, ou será que tinham também a finalidade de servir as missões espaciais dos Nefilim? Todos os zigurates estavam orientados de modo que seus cantos apontassem exatamente o norte, o sul, o leste e o oeste. Como resultado, seus lados corriam precisamente em ângulos de 45° em relação às quatro direções cardeais. Isto significava que um ônibus espacial estranho podia seguir certos lados do zigurate para pousar exatamente ao longo da rota de vôo, e chegar a Sippar sem dificuldade!

O nome acádio/babilônico para estas estruturas, zukiratu, conotava "tubo de espírito divino". Os sumérios chamavam ESH aos zigurates; o termo designava "supremo" ou "mais alto", o que de fato estas estruturas eram. Podia também denotar uma entidade numérica relacionada com o aspecto de "medição" dos zigurates. E significava ainda "uma fonte de calor" ("fogo" em acádio e hebreu).

Até os estudiosos que abordaram o assunto sem nossa interpretação “espacial" não puderam fugir à conclusão de que os zigurates tinham outra finalidade além de fazer da residência de deus um edifício "construído alto". Samuel N. Kramer resumiu o consenso escolástico: "O zigurate, a torre de andares, que se tornou a marca do contraste da arquitetura de templos da Mesopotâmia... tinha por intenção servir de elo de ligação, tanto real como simbólico, entre os deuses no céu e os mortais na terra.”

Nós mostramos, todavia, que a verdadeira função destas estruturas era pôr em contato os deuses no céu com os deuses - não os mortais - na Terra.

11
Motim dos Anunnaki

Depois de Enlil ter chegado em pessoa à Terra, o "Comando Terra" foi transferido das mãos de Enki. Provavelmente nesta altura o nome ou epíteto de Enki foi mudado para E.A ("senhor das águas") mais do que para "senhor da terra".

Os textos sumérios explicam que nessa remota idade, à chegada dos deuses à Terra, foi acordada uma separação de poderes: Anu devia ficar nos céus e

governar o Décimo Segundo Planeta; Enlil devia comandar as terras; e Ea foi encarregado dos AB.ZU (apsu em acádio). Levados pelo significado "aquático" do nome E.A, os estudiosos traduziram AB.ZU como "profundeza aquática", imaginando que, como na mitologia grega, Enlil representava o trovejante Zeus e Ea era o protótipo de Poséidon, deus dos oceanos.

Noutras circunstâncias, o domínio de Enlil é referido como o Mundo Superior e o de Ea é o Mundo Inferior; de novo, os estudiosos consideraram que os termos significavam que Enlil controlava a atmosfera da Terra enquanto Ea era governante das "águas subterrâneas", o paralelo do Hades grego em que os mesopotâmios supostamente acreditavam. O nosso próprio termo abismo (abyss, em inglês), que deriva de apsu, denota águas escuras e profundas nas quais podemos afundar e desaparecer. Deste modo, quando os estudiosos deparavam com textos mesopotâmicos descrevendo este Mundo Inferior, traduziam-no por Unterwelt ("mundo subterrâneo", em alemão) ou Totenwelt ("mundo dos mortos", em alemão). Apenas há poucos anos puderam os sumeriologistas mitigar, de algum modo, a agourenta conotação usando na tradução o termo mundo baixo.

Os textos mesopotâmicos mais responsáveis por esta má interpretação foram uma série de liturgias lamentando o desaparecimento de Demuzi, mais conhecido nos textos bíblicos e cananitas como deus Tamuz. Foi com ele que Inanna/Ishtar manteve seu mais celebrado caso de amor; e quando ele desapareceu, ela desceu ao Mundo Inferior para o procurar.

A importante obra de P. Maurus Witzel (Tammuz-Liturgen und Verwandtes) {Liturgias de Tamuz e Aparentadas}, sobre os "Textos de Tamuz" sumérios e acádios, apenas ajudou a perpetuar esta concepção errônea. Os contos épicos da procura de Ishtar foram tomados para significar uma viagem "ao reino dos mortos, e o seu [de Inanna] eventual regresso à terra dos vivos".

Os textos sumérios e acádios descrevendo a descida de Inanna/Ishtar ao Mundo Inferior informam-nos que a deusa decidiu visitar sua irmã Ereshkingal, senhora do local. Ishtar não foi a tal local nem morta nem contra sua expressa vontade - foi lá viva e sem convite, abrindo seu caminho, ameaçando o guarda do portão:

Se tu não abrires o portão para que eu não possa entrar,
Eu esmagarei a porta, eu despedaçarei o ferrolho,
Eu esmagarei o poste da porta, eu moverei as portas.

Um a um, os sete portões que levam à residência de Ereshkigal abriram-se para Ishtar; quando finalmente chegou, Ereshkigal viu-a e enfureceu-se, literalmente (o texto acádio diz "explodiu à sua presença"). O texto sumério, vago acerca do objetivo da viagem ou da causa da ira de Ereshkigal, revela que Inanna esperava tal recepção. Ela preocupou-se em notificar as outras deidades principais com a devida antecedência sobre sua viagem e assegurou-se de que elas dariam os passos necessários para a salvarem, caso fosse aprisionada no "Grande Abismo".
O esposo de Ereshkigal - e Senhor do Mundo Inferior - era Nergal. A maneira pela qual chegou ao Grande Abismo e se tornou seu senhor não só nos esclarece acerca da natureza humana dos "deuses", como representa também o Mundo Inferior como nada mais que "um mundo dos mortos".
O conto, encontrado em várias versões, começa com um banquete, no qual os convidados de honra eram Anu, Enlil e Ea. O banquete foi celebrado "nos céus", mas não na residência de Anu no Décimo Segundo Planeta. Talvez esse banquete tivesse lugar a bordo de uma nave espacial em órbita porque, quando Ereshkigal não pôde subir para se reunir a eles, os deuses mandaram-lhe um mensageiro que "desceu a longa escadaria dos céus, alcançou o portão de Ereshkigal". Tendo recebido o convite, Ereshkigal instruiu seu conselheiro, Namtar:

Ascende, Namtar, a longa escadaria dos céus;
Retira o prato da mesa, toma minha parte;
O que quer que Anu te dê, traz tudo isso a mim.

Quando Namtar penetrou na sala do banquete, todos os deuses, exceto um "deus calvo, sentado atrás", se levantaram para o cumprimentar. Namtar relatou o incidente a Ereshkigal quando regressou ao Mundo Inferior. Ela e todos os deuses secundários do seu domínio foram insultados. Ela exigiu então que o deus ofensor lhe fosse enviado para ser castigado.

O ofensor, porém, era Nergal, um filho do grande Ea. Depois de uma severa reprimenda passada por seu pai, Nergal foi instruído no sentido de fazer a viagem sozinho, armado apenas de muitos conselhos paternais sobre o seu comportamento. Quando Nergal chegou ao portão, foi reconhecido por Namtar como o deus ofensor e conduzido ao "largo pátio da corte de Ereshkigal", onde o submeteram a vários testes.
Mais cedo ou mais tarde, Ereshkigal foi tomar seu banho diário.

...Ela revelou seu corpo.
O que é normal para um homem e uma mulher,
Ele... no seu coração...
...Eles abraçaram-se,
Apaixonadamente eles dirigiram-se ao leito.

Durante sete dias e sete noites eles fizeram amor. No Mundo Superior foi dado o alarme pelo desaparecido Nergal. "Liberta-me", disse ele a Ereshkigal. "Eu partirei e eu regressarei", prometeu. Mas mal tinha ele partido e logo Namtar foi ter com Ereshkigal e acusou Nergal de não ter nenhuma intenção de regressar. Mais uma vez Namtar foi enviado a Anu. A mensagem de Ereshkigal era clara:

Eu, tua filha, fui jovem;
Não conheci os jogos das donzelas...
Aquele deus que tu mandaste,
E que teve relações comigo -
Envia-o a mim para que possa ser meu marido,
Para que possa recolher-se comigo.

Talvez não ainda com a vida matrimonial em mente, Nergal organizou uma expedição militar e assaltou os portões de Ereshkigal, pretendendo "cortar sua cabeça". Mas Ereshkigal suplicou:

Sê tu meu marido e serei tua mulher.
Eu deixar-te-ei possuir domínio

Sobre a larga Terra Inferior.
Eu colocarei a Barra da Sabedoria em tuas mãos.
Tu serás o Senhor, eu serei a Senhora.

E depois aconteceu o final feliz:

Quando Nergal ouviu as palavras dela,
Segurou sua mão e beijou-a,
Secando as lágrimas:
Aquilo que tu desejaste para mim
Desde há meses - que aconteça agora!

Os acontecimentos narrados não sugerem uma Terra dos Mortos. Muito pelo contrário, é um local onde os deuses podiam entrar e sair, um lugar de amor, suficientemente importante para ser confiado a uma neta de Enlil e a um filho de Enki. Reconhecendo que os fatos não comprovam a concepção anterior de uma região triste, W. F. Albright (Mesopotamian Elements in Canaanite Eschatology) [Elementos Mesopotâmicos na Escatologia Cananita] sugeriu que o domicílio de Dumuzi no Mundo Inferior era um "brilhante e fecundo lar no paraíso subterrâneo chamado 'a boca dos rios' que estava intimamente associado ao lar de Ea no Apsu".
O local ficava longe e era difícil de alcançar; com toda a certeza, tratava-se de uma "área restrita" de algum modo, mas dificilmente um "local sem regresso". Dizia-se de Inanna, assim como de outras divindades dominantes, que iam e voltavam deste Mundo Inferior. Enlil foi banido para o Abzu durante uns tempos depois de ter violado Ninlil. E Ea era um viajante virtual entre Eridu na Suméria e o Abzu, trazendo ao Abzu "a habilidade. dos artesãos de Eridu" e estabelecendo ali "um santuário supremo" para si próprio.
Longe de ser escuro e desolado, o local era descrito como resplandecente com água corrente.

Uma terra rica, amada por Enki;
Explodindo em riquezas, perfeita na abundância...

Cujo poderoso rio corre através da terra.

Vimos as muitas representações de Ea como o Deus das Águas Fluentes. É evidente, a partir das fontes sumérias, que estas águas fluentes existem realmente não na Suméria, mas no Grande Abismo. W. F. Albright chamou a atenção para um texto tratando do Mundo Inferior como a terra de UT.TU - "no oeste" da Suméria. Esse texto fala de uma viagem de Enki ao Apsu:

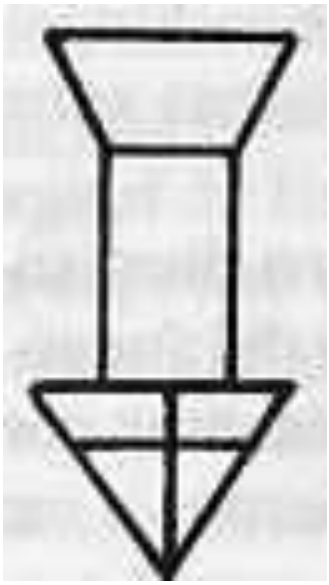
Para ti, Apsu, pura terra,
Onde as grandes águas fluem rapidamente,
Para o Domicílio das Águas Fluentes
A que o próprio Senhor recorre...
O Domicílio das Águas Fluentes
Enki nas puras águas estabeleceu;
No meio do Apsu,
Um grande santuário ele estabeleceu.

Segundo dizem, o local ficava situado para além de um mar. Um lamento pelo "filho puro", o jovem Dumuzi, relata que ele foi levado num barco para o Mundo Inferior. A "Lamentação sobre a Destruição da Suméria" descreve como Inanna conseguiu introduzir-se furtivamente a bordo de um barco que estava à espera. "Das suas possessões ela avançou navegando. Ela desce ao Mundo Inferior."
Um longo texto, pouco compreendido porque dele não foi encontrada nenhuma versão intacta, aborda uma grande disputa entre Ira (título de Nergal como Senhor do Mundo Inferior) e seu irmão Marduk. Durante o curso da disputa, Nergal deixou seu domínio e confrontou-se com Marduk na Babilônia; Marduk, por outro lado, ameaçou: "Para o Apsu eu descerei, para inspecionar os Anunnaki... minhas furiosas armas contra eles erguerei". Para alcançar o Apsu, ele deixou a terra da Mesopotâmia e viajou sobre "águas que se elevavam". Seu destino era Arali na "fundação" da terra, e os textos fornecem uma pista precisa quanto à localização desta "fundação":

No mar distante,
100 beru de água [ao longe]...
O solo de Arali [é]...
É onde as Pedras Azuis causam doença
Onde o artífice de Anu
Carrega o Machado de Prata, que brilha como o dia.

O beru, tanto uma unidade agrária como cronológica, era provavelmente usado na última acepção quando estavam envolvidas viagens sobre a água. Porque equivalia a uma hora dupla, uma centena de beru significava duzentas horas de navegação. Não temos meios de determinar a velocidade real ou média de navegação empregada nestes antigos cálculos de distância. Mas não há dúvida de que uma terra realmente distante era alcançada depois de uma viagem por mar de mais de 3 ou 4 mil quilômetros.
Os textos indicam que Arali situava-se a oeste e ao sul da Suméria. Um barco viajando 3 ou 4 mil quilômetros na direção de sudoeste a partir do golfo Pérsico podia ter apenas um destino: as costas da África do Sul.
Só tal conclusão pode explicar os termos Mundo Inferior, significando o hemisfério sul, onde ficava a terra de Arali, quando contrastado com o Mundo Superior, ou o hemisfério norte, onde ficava situada a Suméria. Tal divisão dos hemisférios da terra entre Enlil (a norte) e Ea (a sul) comparava-se à designação dos céus setentrionais como a Via de Enlil e os céus meridionais como a Via de Ea.
A capacidade dos Nefilim em empreender viagens interplanetárias, orbitar a Terra e nela aterrissar devia evitar a questão sobre a possibilidade dos Nefilim saberem da existência da África Meridional, para além da Mesopotâmia. Muitos selos cilíndricos descrevendo animais característicos da área (tais como a zebra ou a avestruz), cenas da selva ou governantes envergando peles de leopardo segundo a tradição africana atestam uma "conexão africana".
Que interesse tinham os Nefilim nesta parte de África, desviando para ela o gênio científico de Ea e concedendo aos importantes deuses encarregados da Terra uma "Barra da sabedoria" única?

O termo sumério AB.ZU, que os estudiosos acreditaram que significasse "profundeza aquática", requer uma nova e crítica análise. Literalmente, o termo significava "profunda fonte primeva" - não necessariamente de águas. De acordo com as regras gramaticais sumérias, das duas sílabas de um termo qualquer podia proceder a outra sem alterar o significado da palavra, com o resultado de AB.ZU e ZU.AB significarem a mesma coisa. A pronúncia posterior do termo sumério permite a identificação do seu paralelo nas línguas semitas, uma vez que za-ab sempre significou e ainda significa "metal precioso", especificamente "ouro", em hebraico e nas línguas irmãs.
O pictograma sumério para AB.ZU era uma escavação profunda na Terra, com uma haste sobreposta. Deste modo, Ea não era o senhor de uma "profundeza aquática" indefinida, mas o deus encarregado da exploração dos minerais da Terra!



De fato, o grego abyssos, adotado do apsu acádio, significava também um buraco extremamente profundo no solo. Os manuais acádios explicavam que "apsu é nikbu"; o significado da palavra e de seu equivalente hebraico nikba é muito preciso: trata-se de um corte ou perfuração profundos e feitos pelo homem no solo.
P. Jensen (Die Cosmologie der Babylonier) [A Cosmologia dos Babilônios] observava em 1890 que o termo acádio Bit Nimiku (freqüentemente encontrado) não devia ser traduzido. como "casa de sabedoria", mas como

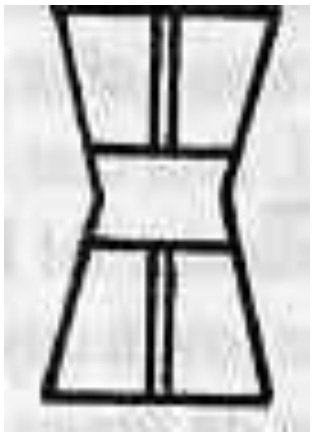
"casa da profundidade". Ele citava um texto (V.R.30, 49-50ab) que afirmava: "É de Bit Nimiku que vinham o ouro e a prata". Outro texto (III.R.57, 35ab), salientou ele, explicava que o nome acádio "Deusa Shala de Nimiki" era a tradução do epíteto sumério "Deusa que Manuseia o Brilhante Bronze". O termo acádio nimiku, que foi traduzido por "sabedoria", concluiu Jensen, "tinha a ver com metais". Perguntado por que, admitiu ele simplesmente: "Eu não o sei".

Alguns hinos mesopotâmicos exaltam Ea como Bea Nimiki, traduzido "senhor da sabedoria", a tradução correta devia ser, indubitavelmente, "senhor das minas". Tal como a Barra dos Destinos em Nippur contém dados orbitais, segue-se que a Barra da Sabedoria confiada a Nergal e Ereshkigal era de fato uma "Barra de Mineração" um "banco de dados" pertencendo às operações mineiras dos Nefilim.

Como Senhor do Abzu, Ea era assistido por outro filho, o deus GI.BIL ("ele que queima o solo"), que tinha a seu cargo o fogo e a fundição. O Ferreiro da Terra era normalmente representado como um jovem deus cujos ombros emitiam raios quentes e vermelhos ou chispas de fogo, emergindo do solo ou prestes a descer para seu exterior. Os textos afIrmam que Gibil foi embebido por Ea em "sabedoria", significando que Ea lhe ensinara técnicas de mineração.

Os minérios de metal extraídos no sudeste da África pelos Nefilim eram levados para a Mesopotâmia por navios de carga especialmente desenhados

para esse fim, chamados MA.GUR UR.NU AB.ZU ("barco para minérios do Mundo Inferior"). Ali, os minérios eram levados para Bad-Tibira, cujo nome significava, literalmente, "a fundação do trabalho em metal". Fundidos e refinados, os minérios eram moldados em lingotes cuja forma permaneceu inalterável ao longo do Mundo Antigo durante milênios. Estes lingotes foram realmente encontrados em várias escavações no Oriente Médio, confirmando a credibilidade dos pictogramas sumérios como representações verdadeiras dos objetos que eles "transcreviam"; o signo sumério para o termo ZAG ("purificado precioso") era a gravura de tal lingote. Em tempos mais anteriores, esse lingote tinha claramente um orifício ao longo do seu comprimento, através do qual era inserida uma vara para transporte.



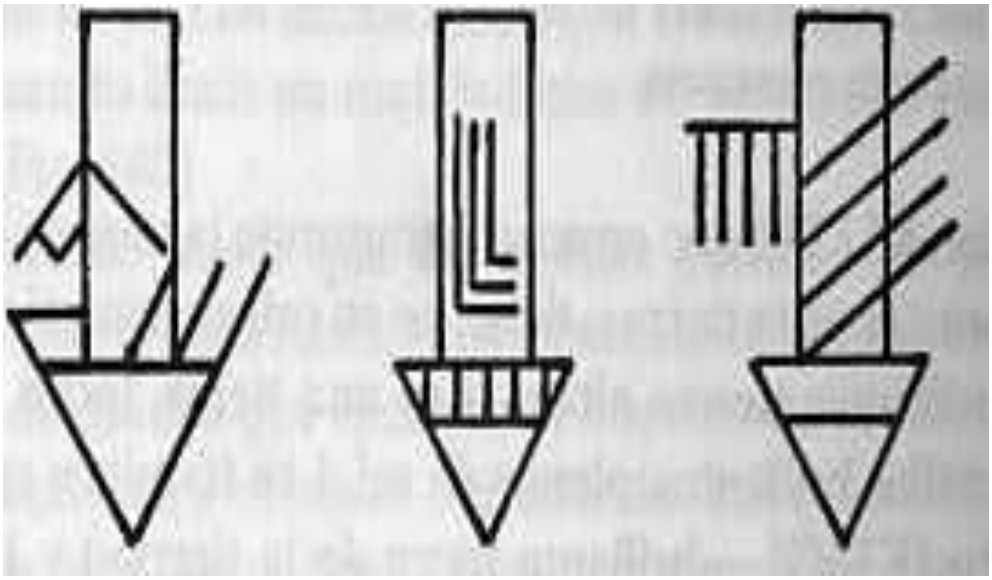
Várias descrições de um Deus das Águas Fluentes mostram-no flanqueado por portadores de tais preciosos lingotes de metal, indicando que ele era também o Deus da Mineração.

Os vários nomes e epítetos para a Terra de Minas africana de Ea estão repletos de pistas para sua localização e natureza. Era conhecida como A.RA.LI ("local dos brilhantes veios"), a terra de onde vinham os minérios de metal. Inanna, planejando sua descida ao hemisfério sul, refere-se ao lugar como a terra onde "o precioso metal é coberto com o solo", onde é encontrado no subsolo. Um texto mencionado por Erica Reiner, listando as montanhas e os rios do mundo sumério, afirmava: "Monte Arali: lar do ouro"; um texto fragmentário descrito por H. Radau confirmou que Arali era a terra da qual Bad-Tibira dependia para a continuidade de suas operações.
Os textos mesopotâmicos falavam da Terra de Minas como sendo montanhosa, com planaltos e estepes cobertos de relva e luxuriante vegetação. A capital de Ereshkigal nessa terra era descrita pelos textos sumérios como sendo GAB.KUR.RA ("no coração das montanhas"), bem para o interior. Na versão acádia da viagem de Ishtar, o guarda do portão dá-lhe as boas-vindas:

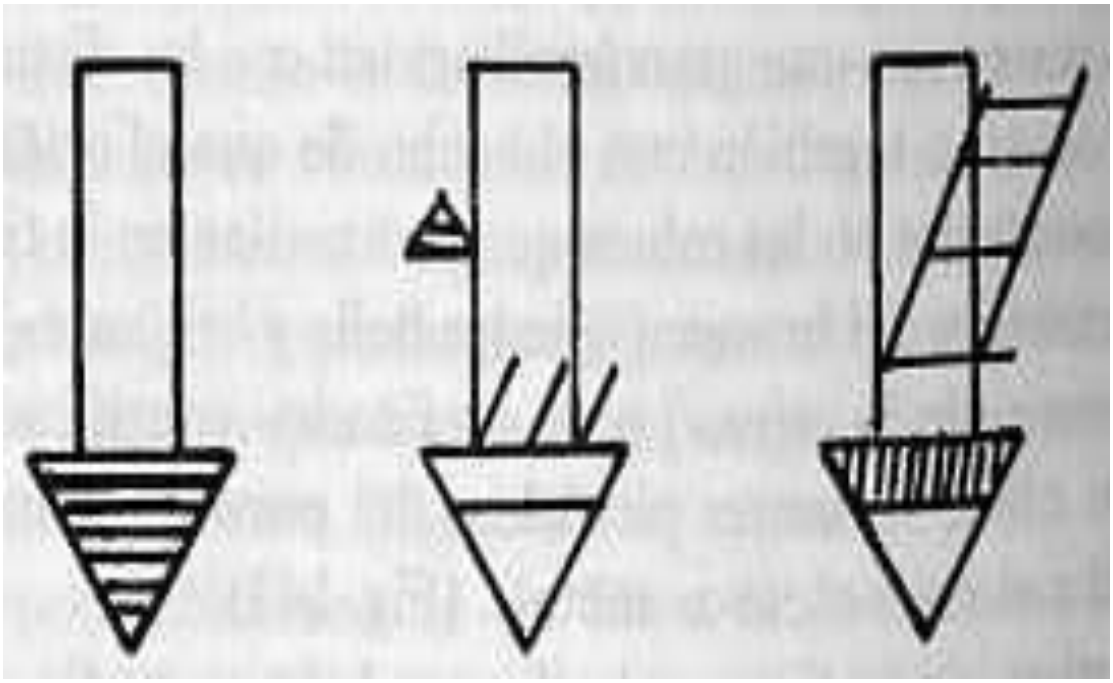
Entra, senhora minha,
Que Kutu rejubile com tua presença;
Que o palácio da terra de Nugia
Tenha prazer com tua presença.

Transportando para o acádio o significado “aquele que está no coração da terra", o termo KU.TU em sua origem suméria significava também "os brilhantes terrenos elevados". Era uma região, sugerem todos os textos, de dias brilhantes, inundados pela luz do Sol. Os termos sumérios para ouro (KU:GI - "brilhante fora da terra") e prata (KU.BABBAR - "brilhante ouro") mantiveram a associação original destes metais preciosos com o resplandecente (Ku) domínio de Ereshkigal.
Os signos pictográficos usados na primeira escrita da Suméria revelam grande familiaridade não só com diversos processos metalúrgicos, mas também com o fato de as fontes de metais serem minas escavadas dentro da terra. Os termos para cobre e bronze ("pedra bonita-brilhante"), ouro ("o supremo metal minerado") ou "refinado" ("brilhante-purificado") eram todos

pictogramas diferentes para poço de mina ("abertura/boa para metal vermelho-escuro").



O nome da terra - Arali - podia ser escrito também como uma variante do pictograma para "vermelho-escuro" (solo), de Kush ("vermelho-escuro", mas ao tempo significando "negro"), ou dos metais aí minerados; os pictogramas descreviam sempre variantes de um poço de mina.



Amplas referências a ouro e outros metais nos textos antigos sugerem familiaridade com a metalurgia desde os mais remotos tempos. Existiu nos primórdios da civilização um comércio ativo de metais, resultado do conhecimento legado à humanidade pelos deuses que, dizem os textos, se ocuparam com a mineração e metalurgia muito antes do aparecimento do homem. Muitos estudos que correlacionam os contos divinos mesopotâmicos com a lista de patriarcas bíblicos do período pré-diluviano salientam que, de acordo com a Bíblia, Tubal-cainera um "artífice de ouro, cobre e ferro" muito antes do dilúvio.

O Antigo Testamento reconhecia a terra de Ophir, que ficava provavelmente na África, como uma fonte de ouro na Antiguidade. Os comboios de barcos do rei Salomão desceram o mar Vermelho desde Ezion-geber (atual Elath). "E eles foram para Ophir e apanharam aí ouro." Não desejando arriscar-se a uma demora na construção do Templo do Senhor em Jerusalém, Salomão combinou com seu aliado Hiram, rei de Tiro, enviar uma segunda frota a Ophir por uma rota alternativa:

E o rei tinha no mar uma armada de Tarshish
Com a armada de Hiram.
Sempre, de três em três anos, vinha a armada de Tarshish,
Trazendo ouro e prata, marfim e chimpanzés e macacos.

A frota de Tarshish levava três anos a completar uma viagem de ida e volta. Dando um tempo apropriado para carregar em Ophir, a viagem em cada uma das direções deve ter levado bem mais de um ano. Isto sugere um caminho mais longo do que a rota direta via mar Vermelho e oceano Índico, à volta da África.

A maior parte dos estudiosos localiza Tarshish no Mediterrâneo Ocidental, possivelmente no ou próximo do atual estreito de Gibraltar. Este local seria ideal para embarcar numa viagem à volta do continente africano. Alguns acreditam que o nome de Tarshish significava "fundição".

Muitos estudiosos da Bíblia sugeriram que Ophir podia ser identificado com a atual Rodésia. Z. Herman (Peoples, Seas, Ships) {Povos, Mares, Navios} reuniu provas mostrando que os egípcios obtinham vários minerais da Rodésia em tempos muito antigos. Engenheiros de minas na Rodésia, assim como na África do Sul, muitas vezes procuraram ouro investigando provas de mineração pré-histórica.

Como se atingia a residência de interior de Ereshkigal? Como eram transportados os minérios desde o "coração da terra" até os portos do litoral?

Conhecendo a segurança dos Nefilim em navegação fluvial, não devíamos nos surpreender por encontrar um rio importante e navegável no Mundo Inferior. O conto de "Enlil e Nelil" informa-nos que Enlil foi banido para o exílio no Mundo Inferior. Quando chegou à região, teve de ser transportado por um largo rio.

Um texto babilônico abordando as origens e o destino da humanidade refere-se ao rio do Mundo Inferior como o rio Habur, o "Rio de Peixes e Pássaros". Alguns textos sumérios alcunhavam a terra de Ereshkigal de "Região de Pradaria de HA.BUR".

Dos quatro poderosos rios da África, um, o Nilo, corre ao norte para o Mediterrâneo; o Congo e o Níger deságuam a oeste no oceano Atlântico, e o Zambeze corre desde o coração da África num semicírculo em direção ao oriente até que atinge a costa leste. Este oferece um amplo delta com bons locais de porto e é navegável para o interior até uma distância de centenas de quilômetros.

Seria o Zambeze o "Rio de Peixes e Pássaros" do Mundo Inferior? Seriam suas majestosas cataratas de Vitória as quedas de água mencionadas num texto como o local da capital de Ereshkigal?

Conscientes de que muitos sítios mineiros na África do Sul "recentemente descobertos" e promissores foram locais de mineração na Antiguidade, a Corporação Anglo-Americana convocou equipes de arqueologistas para examinar a localidade antes que os modernos equipamentos de remoção de terras varressem todos os vestígios de trabalho antigo. Fazendo a reportagem de suas descobertas na revista Optima, Adrian Boshier e Peter Beaumont afirmaram que depararam com camadas sobre camadas de vestígios de atividades mineiras antigas e pré-históricas e com ossadas humanas. A datação por carbono na Universidade de Yale e na Universidade de Croningen (Holanda) estabeleceu a idade dos objetos, que abrange desde uns prováveis 2.000 a.C. até uns espantosos 7.690 a.C.

Intrigados pela inesperada antiguidade dos achados, a equipe alargou sua zona de investigação. Na base de um rochedo virado para as escarpadas vertentes ocidentais do pico do Leão, uma laje de cinco toneladas de hematita bloqueava o acesso a uma caverna. Vestígios de carvão de lenha datavam as operações de mineração dentro da caverna de 20.000 a 26.000 a.C.

Seria possível a mineração de metais durante a velha Idade da Pedra? Incrédulos, os estudiosos escavaram um poço num ponto em que, claramente, os antigos mineiros começaram suas operações. Uma amostra de carvão de lenha aí encontrada foi enviada ao laboratório de Croningen. O resultado foi uma datação do ano 41.250 a.C., com uma margem, para mais ou para menos, de 1.600 anos!

Os cientistas sul-africanos sondavam, então, locais de minas pré-históricos na Suazilândia, ao sul. Nos limites das cavernas de minas desenterradas, eles encontraram ramos de árvore, folhas e relva e até penas, tudo isto, presumivelmente, trazido para dentro pelos antigos mineiros para improvisar leitos. Datando do ano 35.000 a.C., encontraram ossos fendidos que "indicam a capacidade do homem em contar naquele remoto período". Outros vestígios avançavam a idade dos objetos até cerca do ano 50.000 a.C.

Acreditando que “a verdadeira idade da investida da mineração na Suazilândia é mais provável ser encontrada na ordem do ano 70.000-80.000 a.C.", os dois cientistas sugeriram que "o sul da África... podia bem ter estado na vanguarda da invenção e inovação tecnológica durante grande parte do período subseqüente ao ano 100.000 a.C."

Comentando as descobertas, o dr. Kenneth Oakley, ex-antropólogo-chefe do Museu de História Natural em Londres, encontrou uma significação bastante diferente nos achados. "Os achados lançam uma importante luz sobre as origens do homem... é agora possível que o sul da África tivesse sido o lar evolucionário do homem", e o "local de nascimento" do Homo sapiens.

Como mostraremos, foi realmente aí que o homem moderno apareceu na Terra, através de uma cadeia de acontecimentos engatilhados pela procura de metais pelos deuses.

Tanto os cientistas sérios como os escritores de ficção científica sugeriram que uma boa razão para nós estabelecermos colônias noutros planetas ou asteróides poderia ser a possibilidade de utilização de minerais raros desses corpos celestes, demasiado escassos ou demasiado dispendiosos de minerar na Terra. Poderia ter sido este o objetivo dos Nefilim ao colonizarem a Terra?

Os estudiosos modernos dividem as atividades do homem na Terra em Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro, e assim por diante; nos tempos

antigos, no entanto, o poeta grego Hesíodo, por exemplo, listava cinco idades - Ouro, Prata, Bronze, Heróica e Ferro. Exceto quanto à Idade Heróica, todas as antigas tradições aceitavam a seqüência ouro-prata-cobre-ferro. O profeta Daniel teve uma visão na qual viu "uma grande imagem" com uma cabeça de ouro fino, peito e braços de prata, abdômen de bronze, pernas de ferro e extremidades, ou pés, de barro.

Mito e folclore estão repletos de memórias nebulosas de uma Idade do Ouro, associada em grande parte ao tempo em que os deuses deambulavam pela terra, seguida por uma Idade da Prata e depois pelas idades em que os deuses e os homens partilhavam a terra - as Idades dos Heróis, do Cobre, do Bronze e do Ferro. Serão estas lendas, de fato, vagas lembranças de reais acontecimentos na Terra?

Ouro, prata e cobre são todos elementos nativos do grupo do ouro. Entram na mesma família na classificação periódica por peso atômico e por número; têm propriedades cristalográficas, químicas e físicas similares: todos são moles, maleáveis e dúcteis. São os melhores condutores de calor e eletricidade de todos os elementos conhecidos.

Dos três, o ouro é o mais durável, virtualmente indestrutível. Embora conhecido sobretudo por seu uso como dinheiro e em joalheria ou objetos finos, seu valor na indústria eletrônica é quase incalculável. Uma sociedade sofisticada precisa do ouro para montagens microeletrônicas, condutores de circuitos impressos e "cérebros" de computador.

A paixão do homem pelo ouro pode ser seguida até os inícios de sua civilização e religião, aos seus contatos com os deuses antigos. Os deuses da Suméria exigiam que lhes fosse servida comida em travessas de ouro, água e vinho em taças de ouro e que fossem vestidos com trajes dourados. Embora os israelitas tivessem abandonado o Egito tão rapidamente que não lhes sobrou tempo para deixar levedar o pão, foram-lhes fornecidas instruções para requererem dos egípcios todos os objetos de prata e ouro disponíveis. Esta ordem, como mais tarde descobriremos, antevia a necessidade destes materiais para a construção do tabernáculo e seus equipamentos eletrônicos.

O ouro, a que chamamos o metal real, é na verdade o metal dos deuses. Falando ao profeta Ageu, o Senhor deixou bem claro, em relação ao seu regresso para o julgamento das nações: "A prata é minha e o ouro é meu".

As provas sugerem que a própria paixão do homem por estes metais tem suas raízes na grande necessidade dos Nefilim em obterem ouro. Os Nefilim, ao que parece, vieram à Terra à procura do ouro e dos metais relacionados. Podem ter vindo também para procurar outros metais raros, tal como a platina (abundante no sul da África), que pode ativar células de combustível de uma maneira extraordinária. E não deve ser excluída a possibilidade de terem vindo à Terra sondar fontes de minerais radioativos, tais como o urânio e o cobalto - as "pedras azuis que causam doença" do Mundo Inferior, que alguns textos mencionam. Muitas representações mostram Ea, como o Deus da Mineração, emitindo tão poderosos raios enquanto sai de uma mina que os deuses que o aguardam têm de usar visores de proteção; em todas estas representações, Ea é mostrado segurando uma serra de rocha dos mineiros.

Embora Enki estivesse encarregado do primeiro grupo na Terra e do desenvolvimento do Abzu, o crédito de tudo aquilo que foi realizado como aconteceria com todos os generais - não deve ir integral apenas para ele. Aqueles que realmente executaram um trabalho, dia após dia, foram os membros inferiores do grupo, os Anunnaki.
Um texto sumério descreve a construção do centro de Enlil em Nippur. "Os Anunna, deuses do céu e da terra, estão trabalhando. O machado e o cesto de

transporte, com os quais fazem os alicerces das cidades, seguram em suas mãos.”
Os textos antigos descrevem os Anunnaki como os deuses de segunda categoria que foram envolvidos na colonização da Terra - os deuses "que realizaram as tarefas". A "Epopéia da Criação" babilônica atribui a Marduk a distribuição dos encargos aos Anunnaki. (O original sumério, podemos imaginar seguramente, falava de Enlil como o deus que deu ordem a estes astronautas.)

Designados para Anu, para observarem suas instruções,
Três centenas nos céus eles estavam como uma guarda;
Para marcar os caminhos dos céus à Terra;
E na Terra,
Seis centenas ele fez residir.
Depois de ter ordenado todas as suas instruções,
Aos Anunnaki do céu e da terra
Ele distribuiu seus encargos.

Os textos revelam que três centenas deles - os "Anunnaki do céu", ou IGIGI - eram verdadeiros astronautas que ficaram a bordo da nave espacial sem aterrissarem realmente na Terra. Orbitando a Terra, esta nave espacial lançava e recebia o ônibus que viajava para a Terra.
Como chefe dos "Águias", Shamash era um convidado bem-vindo e heróico a bordo "da poderosa grande câmara no céu" dos Igigi. Um "Hino a Shamash" descreve como os Igigi observaram Shamash aproximando-se em seu ônibus:

Com teus aparecimentos, todos os príncipes estão contentes;
Todos os Igigi rejubilam por ti...
No brilho da tua luz, seu caminho...
Eles olham constantemente para teu esplendor...
Bem aberta está a porta, inteiramente...
As ofertas de pão de todos os Igigi [esperam-te]

Ficando no alto, os Igigi, evidentemente, nunca foram encontrados pela humanidade. Vários textos dizem que eles estavam "demasiado alto para a humanidade, e, como conseqüência, não estavam preocupados com o povo". Os Anunnaki, por outro lado, que aterrissaram e ficaram na Terra, eram conhecidos e reverenciados pelo gênero humano. Os textos que afirmam que "os Anunnaki do céu... são 300", afirmam também que "os Anunnaki da terra... são 600".

Ainda assim, muitos textos persistem em se referir aos Anunnaki como "os cinqüenta grandes príncipes". Uma pronúncia vulgar do seu nome em acádio, An-nun-na-ki, cria prontamente o significado “os cinqüenta que foram do céu à terra". Haverá meios de estabelecer uma ponte entre as aparentes contradições?

Relembramos o texto que relata como Marduk correu para seu pai Ea para dar conta da perda de uma nave espacial transportando “os Anunnaki que são cinqüenta" quando ela passou próximo de Saturno. Um texto de exorcismo do tempo da terceira dinastia de Ur fala dos anunna eridu ninnubi ("os cinqüenta Anunnaki da cidade de Eridu"). Isto sugere bem que o grupo de Nefilim que fundou Eridu sob o comando de Enki perfazia os cinqüenta elementos. O número de Nefilim em cada grupo que aterrissava poderia ser cinqüenta?

É, acreditamos, bastante compreensível que os Nefilim chegassem à Terra em grupos de cinqüenta. Quando as visitas à Terra se tornaram regulares, coincidindo com horários de lançamento oportunos a partir do Décimo Segundo Planeta, mais Nefilim devem ter começado a vir. De cada vez, alguns dos primeiros visitantes deviam subir num módulo da Terra e reunir-se à nave espacial para a viagem para casa. Mas, de cada vez, deviam ficar também mais Nefilim e o número de astronautas do Décimo Segundo Planeta para colonizar a Terra aumentou dos cinqüenta do grupo de aterrissagem inicial para os "seiscentos que se estabeleceram na Terra".

Como esperavam os Nefilim levar a bom termo sua missão de conseguir na Terra os minerais desejados e enviar os lingotes de volta para o Décimo Segundo Planeta, com um número tão escasso de mãos?

Sem nenhuma sombra de dúvida, eles confiavam em seu conhecimento científico. É aí que se torna claro todo o valor de Enki, a razão de ele, e não Enlil, ter sido o primeiro a aterrissar, a razão de a ele ter sido atribuído o Abzu.
Um famoso selo agora em exibição no Museu do Louvre mostra Ea com apenas suas usuais águas fluentes, que estas parecem emanar de, ou serem filtradas através de, uma série de garrafas de laboratório.

Uma interpretação tão antiga da associação de Ea com o elemento água levanta a possibilidade de a esperança original dos Nefilim ter sido obter os minerais a partir do mar. As águas dos oceanos contêm realmente vastas quantidades de ouro e outros minerais vitais, mas diluídos em tão larga escala que são necessárias técnicas baratas e altamente sofisticadas para justificar tal "mineração aquática". Sabe-se também que os leitos do mar contêm quantidades imensas de minerais na forma de nódulos do tamanho de ameixas, viáveis apenas se alguém pudesse descer a uma grande profundidade e coletá-los.
Os antigos textos referem-se repetidamente a um tipo de barco usado pelos deuses chamado elippu tebiti ("navio afundado", que agora chamamos submarino). Vimos os "homens-peixes" que estavam associados a Ea. Será isto prova das tentativas em mergulhar nas profundezas dos oceanos e daí

retirar as riquezas minerais? A Terra das Minas, como já observamos, foi primeiramente chamada A.RA.LI, "local das águas dos brilhantes veios". Pode referir-se a uma terra em que o ouro era peneirado nos rios e pode também referir-se a tentativas para obter ouro dos mares.
Se estes eram os planos dos Nefilim, claramente não deram em nada. Pouco depois de terem fundado suas primeiras colônias, às poucas centenas de Anunnaki foi atribuída uma tarefa inesperada e muito árdua: descer às profundidades do solo africano e minerar ali os minerais desejados.
Foram encontradas representações em selos cilíndricos que mostram deuses à porta daquilo que parecem ser entradas de minas ou veios de minas. Um mostra Ea numa região em que Gibil está acima da terra e outro deus labuta sob o solo, de joelhos e mãos no chão.

Em tempos posteriores, os textos babilônicos e assírios revelam que homens, novos e velhos, eram sentenciados a um duro trabalho nas minas do Mundo Inferior. Trabalhando na escuridão e recebendo farinha para comer, estavam condenados a nunca mais regressarem à sua pátria. É por este motivo que o epíteto sumério para a terra - KURNU.GI.A - adquiriu a interpretação "terra sem regresso"; seu significado literal era "terra onde deuses-que-trabalham, em profundos túneis, acumulam os veios". Ao tempo em que os Nefilim

colonizaram a Terra todas as antigas fontes o atestam, o homem não habitava ainda a Terra, e, na ausência da humanidade, os poucos Anunnaki tinham de trabalhar arduamente. Ishtar, em sua descida ao Mundo Inferior, descrevia o cansado Anunnaki comendo alimentos misturados com argila e bebendo água poluída com poeira.

Com este pano de fundo, podemos entender por completo um longo texto épico chamado (segundo seu verso de abertura, como era costume) "Quando os deuses, como homens, faziam o trabalho".

Reunindo muitos fragmentos tanto das versões babilônicas como das assírias, W. G. Lambert e A. R. Millard (Atra-Hasis: The Babylonian Story of the Flood) [Atra-Hasis: A História Babilônica do Dilúvio] conseguiram apresentar um texto contínuo. Concluíram que se baseava em versões anteriores e possivelmente em tradições orais ainda mais remotas acerca da chegada dos deuses à Terra, da criação do homem e de sua destruição pelo dilúvio.

Enquanto muitos versos têm apenas valor literário para seus tradutores, nós os achamos altamente significativos, uma vez que confirmam nossas descobertas e conclusões dos capítulos precedentes. Eles explicam também as circunstâncias que levaram ao motim dos Anunnaki.

A história começa no tempo em que apenas os deuses viviam na Terra:

Quando os deuses, como os homens,
Faziam o trabalho, e sofriam a fadiga
A lida dos deuses era grande,
O trabalho era pesado,
A angústia era muita.

Naquele tempo, relata a epopéia, as deidades principais tinham já dividido os poderes entre si.

Anu, pai dos Anunnaki, era o rei celestial;
Seu chanceler era o guerreiro Enlil.
O oficial-chefe era Ninurta,
E seu corregedor era Ennugi.

Os deuses trocaram apertos de mão,
Lançaram sortes e dividiram.
Anu subira ao céu,
[Deixado] a terra a seus súditos.
Os mares, reunidos em cadeia,
Eles deram a Enki, o príncipe.

Sete cidades foram fundadas, e o texto refere-se aos sete Anunnaki que dirigiam as cidades. A disciplina devia ter sido rígida, uma vez que, diz-nos o texto, "os Sete Grandes Anunnaki faziam os deuses inferiores sofrer todo o trabalho".
De todos os cansativos trabalhos, o de escavação era o mais comum, árduo e odioso. Os deuses inferiores escavavam as margens dos rios para os tornar navegáveis; escavavam canais para a irrigação e escavavam também no Apsu para trazer à superfície os minérios da Terra. Embora, indubitavelmente, tivessem algumas sofisticadas ferramentas - os textos falam do "machado de prata que brilha como o dia", até debaixo do solo - o trabalho era demasiado exigente. Durante um longo período - durante quarenta "períodos", para ser exato - os Anunnaki "sofreram a exaustão", e depois gritaram: "Basta!”

Eles queixavam-se, falavam mal,
Resmungavam nas escavações.

A ocasião para o motim parece ter sido uma visita de Enlil à área de mineração. Aproveitando a oportunidade, os Anunnaki disseram uns aos outros:

Vamos enfrentar o nosso... oficial-chefe,
Para que ele nos alivie de nosso pesado trabalho.
Ao rei dos deuses, o herói Enlil,
Enervemo-lo em seu domicílio!

Rapidamente foi encontrado um dirigente ou organizador do motim. Ele era o "oficial-chefe do velho tempo", que devia ter mantido alguma divergência

com o oficial-chefe da época do motim. Seu nome, lamentavelmente, está fraturado no texto, mas sua incitante inventiva é bastante clara:

Agora, proclamemos a guerra;
Planejemos as hostilidades e batalhemos.

A descrição do motim é tão vívida que nos ocorrem ao espírito cenas da tomada da Bastilha:

Os deuses consideraram suas ordens.
Eles lançaram fogo sobre suas ferramentas;
Puseram fogo em seus machados;
Eles perturbaram o deus na mineração dos túneis;
Eles seguraram-[no] enquanto se dirigiam
Ao portão do herói Enlil.

O antigo poeta dá vida ao drama e à tensão dos eventos:

Era noite, a meio caminho ia o relógio.
Sua casa estava rodeada -
Mas o deus, Enlil, não o sabia.
Kalkal [então] observou-o, estava perturbado.
Ele fez deslizar o ferrolho e vigiou...
Kalkal despertou Nusku;
Eles prestaram atenção ao ruído de...
Nusku despertou seu senhor -
Ele tirou-o de seu leito, [dizendo:]
Meu senhor, tua casa está cercada,
A luta veio direta até tuas portas.

A primeira reação de Enlil foi pegar em armas contra os amotinados. Mas Nusku, seu chanceler, aconselhou uma assembléia dos deuses:

Transmite uma mensagem para que Anu desça;
Que Enki seja trazido à tua presença.
Ele transmitiu-a e Anu foi trazido para baixo;
Também Enki foi trazido à sua presença.
Com os grandes Anunnaki presentes,
Enlil ergueu-se... abriu sua boca
E dirigiu-se aos grandes deuses.

Tomando o motim como coisa pessoal, Enlil exigiu saber:

É contra mim que isto é feito?
Devo me comprometer em hostilidades...?
Que viram meus próprios olhos?
Aquela batalha veio direta até meu portão!

Anu sugeriu que devia ser aberto um inquérito. Investido na autoridade de Anu e dos outros comandantes, Nusku foi até aos amotinados sitiantes. "Quem é o instigador da batalha?", perguntou ele. "Quem é o provocador das hostilidades?"
Os Anunnaki mantiveram-se unidos:

Cada um de nós, deuses, declarou a guerra!
Nós temos o nosso... nas escavações;
A fadiga excessiva matou-nos,
Nosso trabalho era pesado, muita a angústia.

Quando Enlil ouviu o relato destas queixas feitas por Nusku, "suas lágrimas soltaram-se". Ele apresentou um ultimato: ou o chefe dos amotinados era executado ou ele abdicava. "Leva o cargo, retoma o teu poder", disse ele a Anu, "e eu ascenderei aos céus para ti". Mas Anu, que descera dos céus, apoiou os Anunnaki:

De que os acusamos nós?
Seu trabalho era pesado, sua angústia muita!

Todos os dias...
O lamento era pesado; nós podíamos ouvir a queixa.

Encorajado pelas palavras de seu pai, Ea também “abriu sua boca" e repetiu a conclusão de Anu. Mas ele tinha uma conclusão para oferecer: que um lulu, um "trabalhador primitivo", fosse criado!

Enquanto está presente a deusa do nascimento,
Que ela crie um trabalhador primitivo;
Que ele suporte o jugo...
Que ele sofra a fadiga dos deuses!

A sugestão da criação de um "trabalhador primitivo" que tomaria às suas costas o fardo dos Anunnaki foi rapidamente aceita. Unanimemente, os deuses votaram a criação do "trabalhador". "Homem será o seu nome", disseram eles:

Eles intimaram e pediram à deusa,
A parteira dos deuses, a sensata Mami, [e disseram-lhe:]
Tu és a deusa do nascimento, cria trabalhadores!
Gera um trabalhador primitivo,
Para que ele possa suportar o jugo!
Que ele carregue o jugo atribuído por Enlil,
Que o trabalhador suporte a fadiga dos deuses!

Mami, a mãe dos deuses, disse que iria precisar da ajuda de Ea, "com quem repousa a capacidade". Na casa de Shimti, um local semelhante a um hospital, os deuses aguardavam. Ea ajudou a preparar a mistura da qual a deusa-mãe passou a idealizar o "homem". Estavam presentes deusas do nascimento. A deusa-mãe continuou seu trabalho enquanto eram recitados encantamentos a todo o instante. Então, ela gritou triunfante:

Eu criei
Minhas mãos o fizeram!

Ela "convocou os Anunnaki, os grandes deuses... ela abriu sua boca, dirigiu-se aos grandes deuses":

Vocês me incumbiram de uma tarefa -
Eu a completei...
Eu retirei vosso pesado trabalho
Eu impus vossa fadiga no trabalhador, 'homem'
Vocês lançaram o grito para um gênero - trabalhador:
Eu soltei o jugo,
Eu vos dei liberdade.

Os Anunnaki receberam seu anúncio entusiasticamente. "Eles correram em grupo e beijaram-lhe os pés". Daí em diante seria o trabalhador primitivo, o homem, "quem suportaria o jugo".
Os Nefilim, chegando à Terra para fundar suas colônias, criaram uma espécie de escravatura não com escravos importados de outro continente, mas com trabalhadores primitivos idealizados pelos próprios Nefilim.
Um motim de deuses levara à criação do homem.

12
A Criação do Homem

A afirmativa, primeiro registrada e transmitida pelos sumérios, de que o "homem" fora criado pelos Nefilim, parece encaixar-se à primeira vista tanto na teoria da evolução, como nos dogmas judaico-cristãos baseados na Bíblia. Mas, de fato, as informações encerradas nos textos sumérios, e apenas essas informações, podem garantir tanto a teoria da evolução, como a veracidade do conto bíblico e mostrar ainda que não há, realmente, nenhum conflito entre as duas.

Na epopéia "Quando os deuses como homens", noutros textos específicos e em referências de passagem, os sumérios descreveram o homem quer como uma criação deliberada dos deuses, quer como um elo na cadeia evolucionária que começou com os eventos celestiais narrados na "Epopéia da Criação". Defendendo firmemente a crença de que o homem fora precedido por uma era durante a qual apenas os Nefilim estavam na Terra, os textos sumérios registram momento a momento (como no caso do incidente entre Enlil e Ninlil) os acontecimentos que ocorreram "quando o homem não tinha ainda sido criado, quando Nippur era apenas habitada pelos deuses". Ao mesmo tempo, os textos descrevem também a criação da Terra e o desenvolvimento da vida vegetal e animal sobre ela, em termos que se amoldam às teorias evolucionistas correntes.
Os textos sumérios declaram que, quando os Nefilim vieram pela primeira vez à Terra, as artes de cultivo de cereal, de plantação de fruta e de criação de gado ainda não estavam estabelecidas. O relato bíblico coloca, similarmente, a criação do homem no sexto "dia" ou fase do processo evolucionário. O livro do Gênesis, do mesmo modo, faz constar que num prévio estágio evolucionário:

Nenhuma planta do campo desbravado estava ainda na terra,
Nenhuma erva que é plantada fora ainda produzida...
E o homem ainda não estava lá para trabalhar o solo.

Todos os textos sumérios indicam que os deuses criaram o homem para fazer o trabalho que era deles. A Epopéia da Criação usa palavras proferidas por Marduk para dar a explicação:

Eu produzirei um primitivo inferior;
"Homem" será seu nome.
Eu criarei um trabalhador primitivo;
Ele será encarregado do serviço dos deuses,
Para que estes possam ter seu descanso.

Os próprios termos pelos quais os sumérios ou acádios chamavam o "homem" revela-nos seu status e finalidade: ele era um lulu ("primitivo"), um lulu amelu ("trabalhador primitivo"), um awilum ("labutador"). A idéia de o homem ter sido criado para ser um servo dos deuses não chocou em nada os povos antigos, como sendo uma idéia peculiar. Nos tempos bíblicos, a deidade era "senhor", "soberano", "rei", "governante", "dono". O termo normalmente traduzido como "adoração" era, de fato, avod ("trabalho"). O homem antigo e bíblico não "adorava" seu deus - trabalhava para ele.
Mal a divindade bíblica, tal como os deuses dos contos sumérios, acabara de criar o homem, logo essa mesma divindade plantou um jardim e designou o homem para ali trabalhar:

E o Senhor Deus tomou o “homem"
E colocou-o no Jardim do Éden
Para o arar e por ele velar.

Mais adiante, a Bíblia descreve a Deidade "passeando no jardim à brisa do dia", agora que o novo ser criado estava lá para velar pelo Jardim do Éden. A que distância está esta versão dos já citados textos sumérios que descrevem como os deuses exigiam trabalhadores para que eles pudessem descansar e distrair-se?
Nas versões sumérias, a decisão de criar o homem foi adotada pelos deuses em assembléia. Significativamente, o livro do Gênesis, que pressupostamente exalta as realizações de uma única deidade, usa o plural Elohim (literalmente, "deidades") para denotar "deus", e relata uma espantosa observação:

E Elohim disse:
Façamos o homem à nossa imagem,
E semelhança.

A quem se endereçava a única mas plural deidade e quem eram os "nós" a cuja imagem plural e semelhança plural o homem iria ser feito? O livro do Gênesis não nos fornece a resposta. Depois, quando Adão e Eva comeram o fruto da Árvore da Sabedoria, Elohim emitiu um aviso aos mesmos colegas

anônimos: "Observem, o homem tornou-se um de nós, para conhecer o bem e o mal".
Uma vez que a história bíblica da criação, como os outros contos dos primórdios no Gênesis, deriva de raízes sumérias, a resposta é óbvia. Concentrando a multitude de deuses numa só divindade, o conto bíblico não é senão uma versão editada dos relatos sumérios das discussões na assembléia dos deuses.
O Antigo Testamento envidou os melhores esforços para deixar bem claro que o homem nem era um deus nem viera dos céus. "Os céus são os céus do Senhor, ao gênero humano Ele deu a terra." O novo ser foi chamado "o Adão" porque ele fora criado do adama, o sol da terra. Ele era, por outras palavras, o "terráqueo".
À exceção de certo "conhecimento" e de um divino "período de vida", o Adão foi, em todos os outros aspectos, criado à imagem (selem) e semelhança (dmut) do(s) seu(s) criador(es). O uso de ambos os termos nos textos foi propositado para que não restassem dúvidas de que o homem era semelhante ao(s) deus(es) tanto física, como emocionalmente, quer externa, quer internamente.
Em todas as antigas representações pictóricas de deuses e homens é patente esta semelhança física. Embora a admoestação bíblica contra a adoração de imagens pagãs tenha dado origem à noção de que o Deus hebreu não tinha nem imagem nem semelhança, o livro do Gênesis e com ele outros relatos bíblicos atestam o contrário. O Deus dos antigos hebreus devia ser visto face a face, podia-se brigar com ele, ouvi-lo e falar-lhe; tinha cabeça e pés, mãos, dedos e cintura. O Deus bíblico e seus emissários assemelhavam-se a homens e agiam como homens, porque os homens foram criados para se assemelharem com os deuses e como eles agirem.
Mas nesta grande simplicidade reside um grande mistério. Como podia uma nova criatura ser uma virtual réplica física, mental e emocional dos Nefilim? Na verdade, como fora criado o homem?
O mundo ocidental está desde há muito aferrado à noção de que, criado deliberadamente, o homem foi posto sobre a Terra para a submeter e ter domínio sobre todas as outras criaturas. Então, em novembro de 1859, um naturalista inglês de nome Charles Darwin publicou um tratado chamado On

the Origin of Species by Means of Natural Setection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life [Sobre a Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural, ou a Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Vida]. Resumindo quase trinta anos de pesquisas, o livro juntava aos pensamentos anteriores sobre a evolução natural o conceito de seleção natural como conseqüência da luta de todas as espécies, tanto da vida vegetal, como da vida animal, pela existência.

O mundo cristão já fora ameaçado em seus alicerces quando, a partir de 1788, notáveis geólogos começaram a exprimir sua crença na grande antiguidade da Terra, muito, muito superior aos aproximados 5.500 anos do calendário hebraico. Nem o conceito de evolução era tão exclusivo como o fato de os estudiosos anteriores terem notado tal processo, e de os eruditos gregos do longínquo século 4 a.C. terem compilado dados sobre a evolução da vida animal e vegetal.

A bomba destruidora de Darwin foi a conclusão de que todas as coisas vivas - incluindo o homem - eram produtos da evolução. O homem, contrariamente à crença até então assumida, não fora gerado espontaneamente.

A reação inicial da Igreja foi violenta. Mas, à medida que vieram à luz os fatos científicos referentes à verdadeira idade da Terra, à genética da evolução e outros estudos biológicos e antropológicos, a disposição crítica da Igreja foi-se alterando. Pareceu, por fim, que as próprias palavras do Antigo Testamento fizeram a versão do Antigo Testamento indefensável; por que, como poderia um Deus, que não tem um corpo físico e que está universalmente só, dizer, "Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança"?

Mas, verdadeiramente, seremos nós nada mais que "macacos nus"? Está o macaco apenas a uma razoável distância evolucionária do homem, e é das árvores o animal um humano que apenas terá ainda de perder a cauda e adquirir a posição vertical?

Como mostramos logo no início deste livro, os cientistas modernos chegaram a questionar as teorias simplistas. A evolução pode explicar o curso geral dos acontecimentos que causaram o desenvolvimento da vida e das formas de vida na Terra, desde a mais simples criatura unicelular até o homem. Mas a evolução não pode explicar o aparecimento do Homo sapiens, que ocorreu

(virtualmente) do dia para a noite em relação aos milhões de anos que a evolução requer, e sem provas dos estágios anteriores que indicariam uma mudança gradual desde o Homo erectus.
O hominídeo do gene Homo é um produto da evolução. Mas o Homo sapiens é o produto de um súbito e revolucionário acontecimento. Ele apareceu inexplicavelmente há cerca de 300.000 anos, milhões de anos antes da época provável.
Os estudiosos não têm explicação para este fato. Mas nós temos. Os textos sumérios e babilônicos têm-na. O Antigo Testamento também.
O Homo sapiens, o homem moderno, foi realizado pelos antigos deuses.

Felizmente, os textos mesopotâmicos fornecem uma clara afirmação referente ao tempo em que o homem foi criado. A história do trabalho e conseqüente motim dos Anunnaki informa-nos que “durante 40 períodos eles suportaram o trabalho dia e noite"; os longos anos de sua árdua tarefa eram dramatizados pelos versos repetitivos.

Durante 10 períodos eles suportaram a fadiga;
Durante 20 períodos eles suportaram a fadiga;
Durante 30 períodos eles suportaram a fadiga;
Durante 40 períodos eles suportaram a fadiga.

O antigo texto usa o termo ma para denotar "período", e muitos estudiosos traduziram-no como "ano". Mas o termo tinha a conotação de "algo que se completa a si próprio e depois se repete". Para os homens na Terra, um ano equivale a uma órbita completa da Terra à volta do Sol. Como já mostramos, a órbita do planeta dos Nefilim equivalia a um shar, ou 3.600 anos terrestres.
Quarenta shars, ou 144.000 anos terrestres, depois de terem aterrissado na Terra, os Anunnaki protestaram, "Basta!". Se os Nefilim aterrissaram, como concluímos, há cerca de 450.000 anos, então a criação do homem teve lugar há 300.000 anos!
Os Nefilim não criaram os mamíferos, nem os primatas, nem os hominídeos. "O Adão" da Bíblia não era o gene Homo, mas o ser que é nosso antecessor,

o primeiro Homo sapiens. Foi o homem moderno tal como o conhecemos que os Nefilim criaram.
A chave para a compreensão deste fato crucial reside no conto de um sonolento Enki, despertado para ser informado de que os deuses decidiram formar um adamu e que era sua tarefa encontrar os meios para tal. Ele replicou:

A criatura cujo nome vocês proferiram –
ELA EXISTE!

E ajuntou em seguida: "Apliquem sobre ela", sobre a criatura já existente, "a imagem dos deuses".
Aqui está, então, a resposta para o quebra-cabeça. Os Nefilim não "criaram" o homem do nada; pelo contrário, tomaram uma criatura já existente e manipularam-na, para "aplicar sobre ela" a "imagem dos deuses" .
O homem é o produto da evolução; mas o homem moderno, Homo sapiens, é o produto dos "deuses", uma vez que, em algum lugar há cerca de 300.000 anos, os Nefilim tornaram um homem-macaco (Homo erectus) e implantaram nele sua própria imagem e semelhança.
A evolução e os contos do Oriente Médio sobre a criação do homem não estão de modo algum em conflito. Muito pelo contrário, explicam-se e completam-se mutuamente. Porque, sem a criatividade dos Nefilim, o homem moderno estaria ainda a milhões de anos de distância da sua atual posição na árvore da evolução.

Transportemo-nos até o passado e tentemos visualizar as circunstâncias e os acontecimentos tal como eles se desenrolaram.
O grande estágio interglacial, que começou há cerca de 435.000 anos, e seu ameno clima desencadearam uma proliferação de comida e animais. Esse fato acelerou também o aparecimento e a expansão de um avançado macaco semelhante ao homem, o Homo erectus.
Quando os Nefilim os observaram, viram não só os mamíferos predominantes, mas também os primatas e, entre eles, os macacos semelhantes a homens. Não é possível que os bandos deambulantes de Homo

erectus tenham se aproximado para ver os objetos faiscantes levantando-se para o céu? Não é possível que os Nefilim tenham observado, encontrado e mesmo capturado alguns destes interessantes primatas?
Vários textos antigos atestam que os Nefilim e os macacos semelhantes a homens se encontraram realmente. Um conto sumério abordando os tempos primordiais afirma:

Quando a humanidade foi criada,
Eles não conheciam a alimentação de pão,
Não conheciam o vestuário em vestes talhadas;
Comiam plantas com a boca como carneiros;
Bebiam água de um fosso.

Tal ser "humano" de comportamento animal é também descrito na "Epopéia de Gilgamesh". Aquele texto conta o que Enkidu, o "nascido nas estepes", era antes de se tornar civilizado:

Hirsuto com cabelo em todo seu corpo,
Ele é dotado de uma cabeça com cabelos como uma mulher...
Não conhece nem povo nem terra;
Tem o porte daqueles que são dos verdes campos;
Como as gazelas, ele alimenta-se de relva;
Com os animais selvagens, ele se acotovela
No lugar do bebedouro;
Com as fervilhantes criaturas na água
Seu coração se delicia.

O texto acádio não descreve só o homem-animal. Descreve também um encontro com tal ser:

Agora um caçador, um que agarra,
Encarava-o no local do bebedouro.
Quando o caçador o viu,
Sua face ficou imóvel...

Seu coração perturbou-se, toldou-se sua face,
Porque a dor entrara em sua barriga.

Houve mais que um mero temor depois de o caçador ter observado o "selvagem", este "bárbaro companheiro das profundidades da estepe", uma vez que este "selvagem" interferiu com os objetivos do caçador:

Ele encheu os fossos que eu escavara
Ele fez em pedaços as armadilhas que eu colocara;
Os animais e criaturas da estepe
Ele fiz soltar através de minhas mãos.

Não podemos pedir melhor descrição de um macaco-homem: cabeludo, hirsuto, um nômade errante que "não conhece nem povo nem terra", vestido de folhas, "como um dos verdes campos", alimentando-se de relva e vivendo entre os animais. Ainda assim ele não estava privado de uma substancial inteligência, uma vez que sabe como reduzir a pedaços as armadilhas e encher os fossos escavados para apanhar os animais. Por outras palavras, protegia seus amigos animais de serem apanhados pelos caçadores estranhos. Muitos selos cilíndricos foram encontrados descrevendo este hirsuto macaco-homem entre seus amigos animais.

Depois, enfrentando a necessidade de mão-de-obra, resolvidos a conseguir um trabalhador primitivo, os Nefilim descobriram uma solução pronta para ser usada: - domesticar um animal adequado.
O "animal" estava à disposição, mas o Homo erectus apresentou um problema. Por um lado, era demasiado inteligente e selvagem para se tornar simplesmente um dócil animal de trabalho. Por outro lado, não era realmente adequado para a tarefa. Sua estrutura física precisava ser mudada: ele tinha de se tornar capaz de segurar e usar as ferramentas dos Nefilim, andar e inclinar-se como eles para que pudesse substituir os deuses nos campos e nas minas. Precisava de um "cérebro" melhor, não como o dos deuses, mas um suficientemente desenvolvido para compreender a fala, as ordens e as tarefas a ele atribuídas. Ele precisava de suficiente inteligência e compreensão para se tornar um obediente e útil amelu, um servo.
Se, tal como o confirmam as antigas provas e a moderna ciência, a vida na Terra germinou da vida do Décimo Segundo Planeta, então a evolução na Terra devia ter prosseguido como prosseguiu no Décimo Segundo Planeta. Indubitavelmente, houve mutações, variações, acelerações e retardamentos causados por diferentes condições locais, mas os mesmos códigos genéticos, a mesma "química da vida" encontrada em todas as plantas e animais vivos na Terra deveriam ter guiado também o desenvolvimento das formas de vida na Terra na mesma direção geral seguida no Décimo Segundo Planeta.
Observando as várias formas de vida na Terra, os Nefilim e seu cientista-chefe, Ea, precisaram de pouco tempo para compreender aquilo que se passara. Durante a colisão celeste, seu planeta semeara a Terra com sua vida. Assim sendo, o ser que estava à disposição era realmente semelhante aos Nefilim, embora numa forma menos evoluída.
Um processo gradual de domesticação através de gerações de reprodução e seleção não serviria. Era necessário um processo rápido, algo que permitisse a "produção em massa" dos novos trabalhadores. Assim se colocou o problema a Ea, que viu a resposta de imediato: "imprimir" a imagem dos deuses no ser que já tinha existência.
O processo que Ea recomendou para alcançar um rápido avanço evolucionário do Homo erectus foi, acreditamos nós, a manipulação genética.

Sabemos agora que o complexo processo biológico no qual um organismo vivo se reproduz, criando prole que se assemelha a seus progenitores, torna-se possível pelo código genético. Todos os organismos vivos - um verme, um feto, ou o homem - contêm nos cromossomos celulares corpos diminutos em forma de bastão, que guardam todas as instruções hereditárias para esse organismo particular. Quando a célula masculina (pólen, esperma) fertiliza a célula feminina, os dois conjuntos de cromossomos combinam-se e depois dividem-se para formar novas células que mantêm as completas características hereditárias das células de seus pais.

A inseminação artificial de um óvulo humano feminino é agora possível. O verdadeiro desafio reside no cruzamento entre diferentes famílias dentro da mesma espécie ou entre diferentes espécies. A ciência moderna percorreu um longo caminho desde o desenvolvimento dos primeiros cereais híbridos, do acasalamento de cães do Alasca com lobos, ou da "criação" da mula (o acasalamento artificial de uma égua com um burro), à capacidade de manipular a própria reprodução do homem.

Um processo chamado "reprodução assexuada" (cloning, em inglês, da palavra grega klon - "rebento") aplica aos animais o mesmo princípio que o do corte de uma planta para a reprodução de centenas de plantas similares. A técnica aplicada a animais foi primeiramente demonstrada na Inglaterra, onde o dr. John Gurdon substituiu os núcleos de um ovo fertilizado de sapo pelo material nuclear de outra célula do mesmo sapo. A formação bem-sucedida de sapinhos normais demonstrou que o ovo continuou a desenvolver, subdividir e criar prole não importa de onde tivesse obtido o conjunto correto de cromossomos harmônicos.

Experiências relatadas pelo Instituto da Sociedade, Ética e Ciências da Vida em Hastings-on-Hudson mostram que existem já técnicas para reprodução assexuada de seres humanos. É agora possível tomar o material nuclear de qualquer célula humana (não necessariamente dos órgãos sexuais) e, pela introdução de seus 23 conjuntos de cromossomos completos no óvulo feminino, chegar à concepção e nascimento de um indivíduo "pré--determinado". Na concepção normal, os conjuntos de cromossomos "pai" e "mãe" emergem e depois têm de se dividir para permanecerem em 23 pares de cromossomos, levando a combinações de acaso. Mas na reprodução

assexuada os rebentos são uma réplica exata da fonte do conjunto intacto de cromossomos. Possuímos já, escreveu o dr. W. Gaylin no The New York Times, o "formidável conhecimento para fazer cópias exatas de seres humanos", um número sem limite de Hitlers, Mozarts ou Einteins (se tivéssemos preservado seus núcleos celulares).

Mas a arte da engenharia genética não se limita a um único processo. Pesquisadores em muitos países aperfeiçoaram um processo chamado “fusão de células", que torna possível fundir células em vez de combinar cromossomos dentro de uma única célula. Como resultado de tal processo, células de diferentes fontes podem ser fundidas numa única "super-célula", tendo em seu interior dois núcleos e um conjunto duplo dos cromossomos emparelhados. Quando esta célula se divide, a mistura de núcleos e cromossomos pode dividir-se num padrão diferente daquele de cada célula antes da fusão. Como resultado podem surgir duas células novas, cada uma geneticamente completa, mas cada qual com um conjunto completamente novo de códigos genéticos, totalmente adulterado no que se refere às células dos antecessores.

Isto significa que células de organismos até aqui incompatíveis - digamos, de uma galinha e de um rato - podem ser fundidas para formar novas células com misturas genéticas completamente novas, que produzem novos animais que não são nem galinhas nem ratos, tal como nós os conhecemos. Posteriormente aprimorado, o processo pode também permitir-nos selecionar quais traços de uma forma de vida devem ser comunicados à célula combinada ou "fundida".

Isto levou ao desenvolvimento do largo campo do "transplante genético". É agora possível colher de certa bactéria um único gene numa célula animal ou humana, fornecendo à prole daí derivada uma característica adicional.

Devíamos julgar que os Nefilim - sendo capazes de viagens espaciais há 450.000 anos - eram também igualmente avançados, tendo-nos por comparação, no campo das ciências da vida. Devíamos julgar também que eles tinham consciência das várias alternativas pelas quais dois conjuntos de cromossomos pré-selecionados podiam ser combinados para obter um resultado genético predeterminado, e que, se o processo era semelhante à

reprodução assexuada, à fusão de células, ao transplante genético ou aos métodos até agora desconhecidos para nós, eles conheciam estes processos e podiam realizá-los não só em frascos de laboratório, mas também com organismos vivos.
Encontramos uma referência a uma mistura de duas fontes-de-vida nos textos antigos. De acordo com Berossus, a deidade Belus ("senhor") também chamado Deus - produziu vários "seres hediondos, que foram produzidos de um princípio duplo":

O homem apareceu com duas asas, alguns com quatro e duas faces. Eles tinham apenas um corpo, mas duas cabeças, uma de homem e outra de mulher. Tanto o macho como a fêmea eram semelhantes em vários órgãos.
Podiam ser vistas outras figuras humanas com as pernas e os chifres dos bodes. Alguns tinham pés de cavalo, mas à frente eram como os homens, assemelhando-se a hipocentauros. Do mesmo modo, cresciam aí touros com cabeças de homens e cães com corpos desdobrados em quatro e caudas de peixe. E também cavalos com cabeças de cães, homens também e outros animais com as cabeças e corpos de cavalos e as caudas de peixes. Para ser breve, havia criaturas com os membros de todas as espécies de animais...
Foram preservados esboços de todos eles no templo de Belus, na Babilônia.

Os espantosos detalhes do conto podem conter uma importante verdade. É bastante provável que antes de ter recorrido à criação de um ser à sua própria imagem, os Nefilim tentassem chegar ao "serviçal manufaturado" experimentando outras alternativas: a criação de um híbrido macaco-homem-animal. Algumas destas criaturas artificiais podem ter sobrevivido por um momento, mas foram certamente incapazes de se reproduzir. Os enigmáticos homens-touro e homens-leão (esfinges) que adornam os locais dos templos no antigo Oriente Médio podem não ter sido apenas ficções da imaginação de um artista, mas criaturas reais que saíram dos laboratórios biológicos dos Nefilim - experiências malsucedidas comemoradas na arte e em estátuas.

Os textos sumérios falam também de seres humanos deformados criados por Enki e pela deusa-mãe (Ninhursag) durante suas tentativas em idealizar um perfeito trabalhador primitivo. Um texto declara que Ninhursag, cuja tarefa era "aplicar sobre a mistura o molde dos deuses", se embriagou e "chamou Enki".

Quão bom ou quão mau é o corpo do homem?
Como meu coração me incita,
Eu posso fazer seu destino bom ou mau.

Perniciosamente, então, de acordo com este texto - mas provavelmente, inevitavelmente como parte do processo experimental -, Ninhursag produziu um homem que não podia reter sua urina, uma mulher que não podia dar à luz, um ser que não tinha nem órgãos femininos nem órgãos masculinos. Ao todo, foram dados à luz por Ninhursag seis humanos deficientes ou deformados. Enki foi responsabilizado pela criação imperfeita de um homem de olhos doentes, mãos que tremiam, fígado doente e um coração fraco, e de um segundo com doenças que acompanhavam a velhice, e assim por diante.
Mas, finalmente, alcançou-se o homem perfeito, aquele a que Enki chamou Adapa, a Bíblia, Adão, e nossos estudiosos, Homo sapiens. Este ser era tão semelhante aos deuses que um texto chegou a ponto de salientar que a deusa-

mãe deu à sua criatura, homem, "uma pele como a pele de um deus", um corpo suave e sem cabelo, bastante diferente do hirsuto macaco-homem.
Com este produto final, os Nefilim eram geneticamente compatíveis com as filhas do homem e capazes de casar com elas e delas ter filhos. Mas esta compatibilidade apenas podia existir se o homem se tivesse desenvolvido a partir da mesma "semente de vida" que os Nefilim. Isto, de fato, é o que os antigos textos atestam.
O homem, no conceito mesopotâmico, assim como no bíblico, foi feito de uma mistura de um elemento divino - um sangue de deus ou sua “essência" - e o "barro" da terra. De fato, o próprio termo lulu para "homem", enquanto convenção do sentido de "primitivo", significava literalmente "um que foi misturado". Convocada para idealizar um homem, a deusa-mãe “lavou as mãos, cortou a argila com a ponta dos dedos, misturou-a na estepe". (É fascinante notar aqui as precauções sanitárias tomadas pela deusa. Ela "lavou as mãos". Encontramos também estas medidas clínicas e tais procedimentos noutros textos da criação.)
O uso da "argila" terrena misturada com o "sangue" divino para criar o protótipo do homem é firmemente declarado pelos textos mesopotâmicos. Um, relatando como Enki fora convocado para "realizar um grande trabalho de Sabedoria" - de aptidão e competência científicas -, afirma que Enki não viu grande problema em realizar a tarefa de criar serviçais para os deuses". "Isso pode ser feito!" anunciou ele. E depois deu à deusa-mãe estas instruções:

Mistura a um âmago a argila
Do alicerce da terra,
Logo abaixo do Abzu
E molda-o na forma de um coração.
Eu tomarei as providências conhecendo jovens deuses,
Que darão ao barro as condições corretas.

O capítulo II do Gênesis oferece esta versão técnica:

E Javé, Elohim, idealizou o Adão
Do barro do solo;
E Ele soprou em suas narinas o hálito da vida,
E o Adão tornou-se uma alma viva.

O termo hebraico comumente traduzido como "alma" é nephesh, aquele inapreensível espírito que anima uma criatura viva e, aparentemente, a abandona quando ela morre. Sem nenhuma coincidência, o Pentateuco (os primeiros cinco livros do Antigo Testamento) exorta repetidamente contra o derrame de sangue humano e a ingestão de sangue animal "porque o sangue é o nephesh". As versões bíblicas da criação do homem equiparam, assim, nephesh ("espírito", "alma") e sangue.

O Antigo Testamento oferece outra pista que sugere o papel do sangue na criação do homem. O termo adama (segundo o qual foi cunhado o nome Adão) significava originalmente não apenas qualquer terra ou solo, mas muito especificamente o solo vermelho-escuro. Tal como a palavra acádia paralela adamatu ("terra vermelho-escura"), o termo hebraico adama e o nome hebraico para a cor vermelha (adom) derivam das palavras para sangue: adamu, dam. Quando o livro do Gênesis dá nome ao ser criado por Deus - "o Adão" -, emprega um jogo lingüístico de significados duplos predileto dos sumérios. "O Adão" podia significar "aquele que é da Terra" (terráqueo), "aquele feito de solo vermelho-escuro" e "o feito de sangue".

A mesma relação entre o elemento essencial das criaturas novas e o sangue está patente nas narrações mesopotâmicas da criação do homem. A casa, semelhante a um hospital, para onde Ea e a deusa-mãe se dirigiram para produzir o homem chamava-se Casa de Shimti. Muitos estudiosos traduzem como "a casa onde são determinados os destinos". Mas o termo shimti deriva, sem dúvida e claramente, do termo sumério SHI.IM.TI, que, tomado sílaba por sílaba, significa "alento-vento-vida". Bit shimti significava, literalmente, "a casa onde o vento da vida é soprado". Isto é virtualmente idêntico à declaração bíblica.

Na verdade, a palavra acádia usada na Mesopotâmia para traduzir o sumério SHI.IM.TI era napishtu - o paralelo exato para o termo bíblico nephesh. E nephesh ou napishtu era "alguma coisa" no sangue.

Enquanto o Antigo Testamento apenas oferecia magras pistas, os textos mesopotâmicos eram bastante explícitos acerca do assunto. Eles afirmam não só que o sangue era necessário para a mistura da qual foi idealizado o homem, como especificam também que tinha de ser sangue de um deus, um sangue divino.
Quando os deuses decidiram criar o homem, seu chefe anunciou: "Sangue eu juntarei, trarei ossos à vida". "Que os primitivos sejam criados segundo seu padrão", disse Ea, sugerindo que o sangue devia ser tirado de um deus específico. Selecionando o deus:

Do seu sangue eles criaram o gênero humano
Impuseram a eles o serviço, deixaram livres os deuses...
Era um trabalho para além da compreensão.

De acordo com o conto épico “Quando os deuses como homens", os deuses chamaram então a deusa do nascimento (a deusa-mãe, Ninhursag) e pediram-lhe que realizasse a tarefa:

Enquanto a Deusa do Nascimento está presente,
Que a Deusa do Nascimento crie a prole.
Enquanto a mãe dos deuses está presente,
Que a Deusa do Nascimento crie um Lulu;
Que o trabalhador suporte a fadiga dos deuses.
Que ela crie um Lulu Amelu,
Que ele suporte o jugo.

Num texto paralelo da velha Babilônia, chamado "Criação do Homem pela Deusa-Mãe", os deuses convocam "a parteira dos deuses, a sábia Mami" e dizem-lhe:

Tu és o vento materno,
Aquela que pode criar o gênero humano.
Cria então Lulu, que ele suporte o jugo!

Neste ponto, o texto "Quando os deuses como homens" e outros textos paralelos voltam-se para uma descrição detalhada da real criação do homem. Aceitando o "serviço" a deusa (aqui chamada NINTI - "senhora que dá vida") fez algumas exigências, incluindo certos produtos químicos ("betumes do Abzu") para serem usados para "purificação" e "o barro do Abzu".
Ea não teve nenhum problema em perceber o que eram esses materiais. Aceitando, ele disse:

Eu prepararei um banho purificador.
Que seja sangrado um deus...
Com, sua carne e sangue,
Que Ninti misture o barro.

Para modelar um homem a partir da argila misturada foi também necessária assistência feminina, a gravidez e certas fases de gestação. Enki ofereceu os serviços de sua própria esposa:

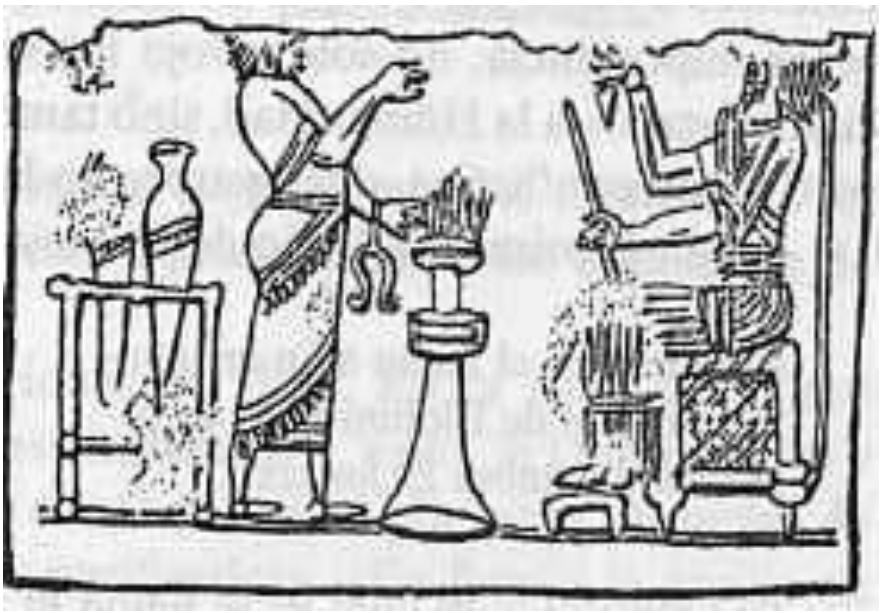
Ninki, minha deusa-esposa,
Será quem terá o trabalho.
Sete deusas do nascimento
Estarão perto para lhe assistir.

Seguindo a mistura de "sangue" e "barro", a fase de gestação completaria a dádiva de uma "impressão" divina à criatura.

O destino do recém-nascido tu proferirás;
Ninki fixará sobre ele a imagem de deus;
E o que ele será é “homem”

Representações em selos assírios podem ter pretendido ilustrar estes textos, mostrando como a deusa-mãe (seu símbolo era o cortador do cordão umbilical) e Ea (cujo símbolo original era o crescente) preparando as

misturas, recitando os encantamentos, apressando-se um ao outro para prosseguirem.



O envolvimento da esposa de Enki, Ninki, na criação do primeiro espécime de homem bem-sucedido faz-nos recordar o conto de Adapa, que discutimos já no capítulo anterior:

Nesses dias, nesses anos,
O sensato de Eridu, Ea,
Criou-o como um modelo de homens.

Os estudiosos conjeturavam que as referências a Adapa como um "filho" de Ea implicavam que o deus amava tanto este humano que o adotou. Mas, no mesmo texto, Anu refere-se a Adapa como o "rebento humano de Enki". Parece que o envolvimento da esposa de Enki no processo de criação de Adapa, o "modelo Adão", criou alguma relação genealógica entre o novo homem e seu deus. Era Ninki quem estava grávida de Adapa!
Ninti abençoou o novo ser e apresentou-o a Ea. Alguns selos mostram uma deusa, flanqueada pela Árvore da Vida e frascos de laboratório, segurando um ser que acabou de nascer.

O ser assim produzido e que, nos textos mesopotâmicos, é repetidamente descrito como um "homem modelo" ou o "molde", era aparentemente a criatura certa, uma vez que depois de sua criação os deuses pediram duplicatas. Este detalhe aparentemente insignificante lança, contudo, luz não só sobre o processo pelo qual a humanidade foi "criada", mas também sobre a informação conflitante contida na Bíblia.
De acordo com o capítulo I do Gênesis:

Elohim criou o Adão à Sua imagem
À imagem de Elohim
Ele o criou.
Masculino e feminino

Ele os criou.

O capítulo V, que é chamado o livro das Genealogias de Adão, declara que:

No dia em que Elohim criou Adão,
À semelhança de Elohim
Ele o fez. Masculino e feminino
Ele os criou.
E Ele abençoou-os, e chamou-os “Adão"
No próprio dia de sua criação.

No mesmo instante, é-nos dito que a divindade criou à sua semelhança e imagem apenas um único ser, "o Adão", e, numa aparente contradição, que tanto um macho como uma fêmea foram criados simultaneamente. A contradição parece ser mais aguda ainda no capítulo II do Gênesis, que relata especificamente que o Adão esteve só durante um tempo até que a divindade o fez dormir e criou uma mulher de sua costela.
A contradição, que tem confundido de igual modo estudiosos e teólogos, desaparece logo que percebemos que os textos bíblicos eram uma condensação das fontes sumérias originais. Estas fontes informam-nos que, depois de terem tentado criar um trabalhador primitivo pela "mistura" de macacos-homens com animais, os deuses concluíram que a única mistura que poderia dar resultado seria a fusão de macacos-homens com os próprios Nefilim. Depois de várias tentativas frustradas, um "modelo" - Adapa/Adão - foi feito. A princípio havia apenas um único Adão.
Depois do Adapa/Adão ter provado ser a criatura certa, ele foi usado como modelo genético ou "molde" para a criação de duplicatas, e essas duplicatas não eram só masculinas, como também femininas. Como mostramos anteriormente, a "costela" a partir da qual a mulher foi criada constitui um jogo de palavras com o sumério TI ("costela" e "vida"), confirmando que Eva foi feita da "essência vital" de Adão.

Os textos mesopotâmicos fornecem-nos um relato de testemunha ocular da primeira produção das duplicatas de Adão.

As instruções de Enki foram seguidas. Na Casa de Shimti, onde o hálito da vida é "soprado", Enki, a deusa-mãe e catorze deusas do nascimento estavam reunidos. Foi obtida a "essência" de um deus, e preparado o "banho purificador". "Ea limpou o barro na presença dela; ele continuou a recitar o encantamento."

O deus que purifica o Napishtu,
Ea, falou.
Sentado à frente dela, ele incitava-a.
Depois de ela ter recitado seu encantamento,
Ela pôs sua mão no barro.

Somos agora informados do detalhado processo da criação em massa do homem. Com catorze deusas do nascimento presentes:

Ninti cortou catorze pedaços de barro;
Sete ela depositou à direita,
Sete ela depositou à esquerda.
Entre eles colocou o molde.
...O cabelo ela...
...O cortador do cordão umbilical.

É evidente que as deusas do nascimento estavam divididas em dois grupos. "As sensatas e ensinadas, duas-vezes-sete deusas de nascimento tinham-se reunido", continua o texto a explicar. Em seus ventres a deusa-mãe depositou o "barro misturado". Há insinuações de um processo cirúrgico - a retirada ou o corte do cabelo -, da disponibilidade de um instrumento, um cortador. Agora mais nada há a fazer senão esperar:

As deusas do nascimento foram mantidas juntas.
Ninti sentou-se contando os meses.
O fatídico décimo mês aproximava-se;
O décimo mês chegou;
O período de abertura do ventre decorrera.

A face dela irradiava inteligência;
Ela cobriu a cabeça, fez o trabalho de parteira.
Ela cingiu a cintura, pronunciou a bênção.
Ela desenhou uma forma; no molde havia vida.

O drama da criação do homem, parece, foi composto por um nascimento tardio. A "mistura" de "barro" e "sangue" foi usada para induzir gravidez em catorze deusas do nascimento. Mas nove meses passaram e começou o décimo mês. "O período de abertura do ventre decorrera." Compreendendo o que era necessário, a deusa-mãe "fez o trabalho de parteira". Um texto paralelo (a despeito de sua fragmentação) revela que ela se envolveu numa espécie de operação cirúrgica:

Ninti. .. conta os meses...
O destinado décimo mês elas chamam;
A senhora cuja mão abre veio.
Com ela... ela abriu o ventre.
Sua face brilhava de alegria.
Sua cabeça estava coberta;
. . .Fez uma abertura;
O que estava no ventre veio à luz.

Exultando de alegria, a deusa-mãe deixou escapar um grito.

Eu criei!
Com minhas mãos eu o fiz!

Como foi realizada a criação do homem?
O texto "Quando os deuses como homens" contém uma passagem cujo fim era explicar por que o "sangue" de um deus tinha de ser misturado ao "barro". O elemento "divino" requerido não era simplesmente o gotejante sangue de um deus, mas algo mais básico e duradouro. O deus selecionado, dizem-nos, tinha TE.E.MA, um termo que as grandes autoridades no texto (W. G. Lambert e A. R. Millard, da Universidade de Oxford) traduzem como

"personalidade". Mas o termo antigo é muito mais específico. Ele significa literalmente “aquilo que abriga aquilo que liga a memória". Mais adiante, o mesmo termo aparece na versão acádia como etemu, que é traduzido como "espírito".
Em qualquer das circunstâncias, nós estamos tratando daquela "alguma coisa" no sangue do deus que era o repositório de sua individualidade. Todas estas, estamos certos, são apenas formas de rodeios para afirmar que o que Ea procurava, quando submeteu o sangue do deus a uma série de "banhos purificadores", era o gene do deus.
O propósito da mistura deste elemento divino, integralmente, com o elemento terreno foi também lido em voz alta:

No barro, Deus e Homem serão ligados,
Numa unidade produzidos;
Para que até ao fim dos dias
A carne e o espírito
Que num deus se soltaram
Esse espírito numa consangüinidade seja unido;
Como seu sinal a vida proclamarei.
Para que isto não seja esquecido,
Que o "espírito" numa consangüinidade seja unido.

Estas palavras são densas, pouco entendidas pelos estudiosos. O texto declara que o sangue do deus era misturado ao barro para ligar geneticamente Deus e Homem "até ao fim dos dias", para que tanto a carne ("imagem") como o espírito ("semelhança") dos deuses ficasse impressa sobre o homem num parentesco de sangue que jamais poderia ser destruído.
A "Epopéia de Gilgamesh" relata que, quando os deuses decidiram criar uma duplicata para o parcialmente divino Gilgamesh, a deusa-mãe misturou "barro" com a "essência" do deus Ninurta. Mais adiante no texto, a poderosa força de Enkidu é atribuída ao fato de ele ter em si "a essência de Anu", um elemento que adquirira através de Ninurta, o neto de Anu.
O vocábulo acádio kisir refere-se a "essência", uma "concentração" que os deuses dos céus possuíam. E. Ebeling resumiu as tentativas de compreender

o exato significado de kisir afirmando que, como “essência, ou qualquer gradação do termo, ela podia bem ser aplicada a deidades e também a mísseis dos céus". E. A. Speiser defendeu que o termo implicava também "algo que desceu dos céus". O termo carrega a conotação, escreveu ele, "que seria indicada pelo uso do termo em contextos medicinais".
Regressamos a um simples e único vocábulo de tradução: gene.
As provas dos textos antigos, tanto mesopotâmicos como bíblicos, sugerem que o processo adotado para fundir dois conjuntos de genes - os do deus e os do Homo erectus - envolvia o uso de genes masculinos como elemento divino e genes femininos como elemento terreno.
Afirmando repetidamente que a deidade criara Adão à sua imagem e semelhança, o livro do Gênesis descreve mais tarde o nascimento do filho de Adão, Seth, com as seguintes palavras:

E Adão viveu 130 anos,
E teve um rebento
À sua semelhança e imagem;
E seu nome foi Seth.

A terminologia é idêntica à usada para descrever a criação de Adão pela divindade. Mas Seth nasceu certamente a Adão por meio de um processo biológico: a fertilização de um óvulo feminino por um esperma masculino de Adão e a conseqüente concepção, gravidez e nascimento. A terminologia idêntica revela um processo idêntico, e a única conclusão plausível é que também Adão foi dado à luz pela divindade através do processo de fertilização de um óvulo feminino com o esperma masculino de um deus.
Se o "barro" no qual foi misturado o elemento divino era um elemento terreno, como insistem todos os textos, então a única conclusão possível é que o esperma masculino de um deus - seu material genético - foi inserido dentro do óvulo de uma macaca-mulher.
O termo acádio para "barro", ou antes, "barro moldável", é tit. Mas a sua articulação original era TI.IT ("aquilo que está com vida"). Em hebraico, tit significa "lama"; mas seu sinônimo é bos, que partilha uma raiz com bisa ("pântano") e besa ("ovo").

A história da criação está repleta de jogos de palavras. Já vimos os significados duplos e triplos de Adão - adama/adamtu/dam. O epíteto para deusa-mãe, NIN.TI, significava tanto "senhora da vida" e "senhora da costela". Por que não, então, bos-bisa-besa ("barro-lodo-ovo") como um jogo de palavras para o óvulo feminino?
O óvulo de um Homo erectus fêmea, fertilizado pelos genes de um deus, foi então implantado no interior do ventre da esposa de Ea; e, depois de ser obtido o "modelo", duplicatas dele foram implantadas nos ventres das deusas do nascimento, para sofrerem o processo de gravidez e nascimento.

As sensatas e ensinadas,
Duplas-sete deusas do nascimento reuniram-se;
Sete deram à luz machos, Sete deram à luz fêmeas.
A Deusa do Nascimento deu à luz
O vento do hálito da vida.
Em pares eles foram contemplados,
Em pares eles foram completados na presença dela.
As criaturas eram povo -
Criaturas da deusa-mãe.

O Homo sapiens fora criado.

As antigas lendas e mitos, informação bíblica e ciência moderna são ainda compatíveis com mais um aspecto. Tal como os achados antropológicos modernos, que rezam que o homem evoluiu e apareceu no sudeste da África, os textos mesopotâmicos sugerem que a criação do homem teve lugar no Apsu - no Mundo Inferior onde se localizava a Terra das Minas. Estabelecendo paralelo com Adapa, o "modelo" do homem, alguns textos mencionam "sagrada Amama, a mulher da terra", cujo domicílio era no Apsu.
No texto da "Criação do Homem", Enki emite as seguintes instruções para a deusa-mãe: "Mistura a um âmago o barro do alicerce da Terra, logo abaixo do Abzu". Um hino às criações de Ea, que "criou o Apsu como seu domicílio", começa afirmando:

Divino Ea no Apsu
Cortou um pedaço de barro,
Criou Kulla para restaurar os templos.

O hino continua a listar os especialistas de construção, assim como aqueles encarregados dos "abundantes produtos da montanha e do mar" que foram criados por Ea - todos eles, inferimos nós, a partir de pedaços de "barro" cortados no Abzu, a Terra das Minas no Mundo Inferior.
Os textos tornam absolutamente claro que, enquanto Ea construiu uma casa de tijolos à beira da água em Eridu, no Abzu ele construiu uma casa adornada com pedras preciosas e prata. Foi lá que sua criatura, o homem, teve origem:

O Senhor do AB.ZU, o rei Enki...
Construiu sua casa de prata e lápis-lazúli;
Sua prata e lápis-lazúli, como cintilante luz,
O pai adequadamente criou no AB.ZU.
As criaturas de brilhante semblante,
Avançando do AB.ZU,
Perfilavam todas à volta do Senhor Nudimmud.

Pode-se mesmo concluir, a partir dos vários textos, que a criação do homem causou uma brecha entre os deuses. Poderia parecer que, pelo menos a princípio, os novos trabalhadores primitivos se deveriam confinar à Terra de Minas. O resultado foi que negaram-se aos Anunnaki, que trabalhavam na própria Suméria, os benefícios da nova mão-de-obra. Um desconcertante texto, a que os eruditos chamam "O Mito da Picareta", é de fato o registro dos eventos durante os quais os Anunnaki que ficaram na Suméria sob as ordens de Enlil obtiveram seu justo quinhão do povo de cabeça preta.
Procurando restabelecer a "ordem normal", Enlil empreendeu a drástica ação de cortar os contatos entre "céu" (o Décimo Segundo Planeta ou as naves espaciais) e a terra e lançou uma ação drástica contra o local "onde a carne germinava rápido".

O Senhor
Fez com que acontecesse aquilo que é apropriado.
O Senhor Enlil,
Cujas decisões são inalteráveis,
Correu verdadeiramente para separar os céus da terra.
Para que os criados pudessem avançar;
Verdadeiramente ele correu para separar a terra dos céus.
No “elo céus-terra" ele deu uma cutilada,
Para que os criados pudessem subir
Do Lugar-Onde-a-Carne-Germinava-Rápido.

Contra a "Terra da Picareta e do Cesto", Enlil criou uma maravilhosa arma chamada AL.A.NI ("machado que produz poder"). Esta arma tinha um "dente" que, "como um boi de um chifre", podia atacar e destruir grandes muros. Por todas as descrições feitas, tratava-se de um tipo qualquer de enorme e poderosa perfuradora montada num veículo do tipo moto-niveladora, que esmagava tudo quanto estivesse à frente:

A casa que se rebela contra o Senhor,
A casa que não é submissa ao Senhor,
O AL.A.NI a torna submissa ao Senhor.
Do mal..., as cabeças de suas plantas ele esmaga;
Arranca as raízes, despedaça as coroas.

Armando sua arma com "separador de terra", Enlil lançou-se ao ataque:

O Senhor convocou o AL.A.NI, deu suas ordens.
Ele colocou o separador de terra como uma coroa sobre sua cabeça,
E guiou-a até ao Local-Onde-a-Carne-Germinava-Rápido.
No buraco estava a cabeça de um homem;
Do solo, povos rompiam na direção de Enlil.
Ele mirou os cabeças pretas de modo resoluto.

Gratos, os Anunnaki fizeram seus pedidos de trabalhadores primitivos e não perderam tempo para pô-los a trabalhar:

Os Anunnaki avançaram para ele,
Levantaram suas mãos em cumprimentos,
Mitigando o coração de Enlil com orações.
Eles pediam-lhe os de cabeças pretas.
Ao povo dos cabeças pretas,
Eles deram a picareta para segurar.

O livro do Gênesis, de igual modo, informa que "o Adão" fora criado em algum lugar a oeste da Mesopotâmia e depois trazido para leste, para a Mesopotâmia, para trabalhar no Jardim do Éden:

E a divindade Javé plantou um pomar no Éden, no leste...
E Ele tomou o Adão
E colocou-o no Jardim do Éden
Para trabalhá-lo e guardá-lo.

13
O Fim de Toda a Carne

A prolongada crença do homem na existência de uma Idade de Ouro em sua pré-história não pode certamente basear-se em lembranças humanas, uma vez que o acontecimento teve lugar há demasiado tempo e o homem era demasiado primitivo para registrar qualquer informação concreta para as gerações vindouras. Se a humanidade retém, de qualquer modo, um sentido subconsciente que lhe diz que nesses dias dos primórdios o homem viveu através de uma era de tranqüilidade e felicidade, é simplesmente porque o homem não conhecia nada de melhor. E é também porque os contos dessa era foram primeiramente contados à humanidade, não pelos homens primitivos, mas pelos próprios Nefilim.

A única narração completa dos acontecimentos que sucederam ao homem após seu transporte para o domicílio dos deuses na Mesopotâmia é o conto bíblico de Adão e Eva no Jardim do Éden:

E a Divindade Javé plantou um pomar
No Éden, no leste;
E colocou lá o Adão
A quem Ele criara.
E a Divindade Javé
Fez nascer da terra
Todas as árvores que são agradáveis à vista
E boas para comer;
E a Árvore da Vida estava no pomar
E a Árvore da Sabedoria boa e má...
E a Divindade Javé tomou o Adão
E colocou-o no Jardim do Éden
Para trabalhá-lo e guardá-lo;
E a Divindade Javé
Ordenou ao Adão, dizendo-lhe:
De cada árvore do pomar comerás;
Mas da Árvore da Sabedoria boa e má,
Tu não comerás dela;
Porque no dia em que tu dela comeres, disso
Tu virás certamente a morrer.

Embora tivessem à disposição dois frutos vitais, os terráqueos estavam proibidos de tocar apenas no fruto da Árvore da Sabedoria. A divindade, nesta altura, parece não se preocupar com a possibilidade de o homem tentar alcançar o Fruto da Vida. Ainda assim, o homem não pôde respeitar nem sequer esta única proibição e seguiu-se a tragédia.
A paisagem idílica em breve cedeu lugar a dramáticos desenvolvimentos, a que os eruditos bíblicos e os teólogos chamam a "Queda do Homem". É um conto de ordens divinas desatendidas de mentiras divinas, de uma serpente velhaca (mas que diz a verdade), de castigo e exílio.

Aparecendo de lugar nenhum, a serpente desafiou os solenes avisos de Deus:

E a serpente... disse para a mulher:
A Divindade disse-te realmente
'Vós não comereis de nenhuma árvore do pomar'?
E a mulher disse para a serpente:
Dos frutos das árvores do pomar nós podemos comer;
É do fruto da árvore no meio do pomar
Que a Divindade disse:
'Vós não comereis dele, nem nela tocareis, ou morrereis'.
E a serpente disse para a mulher:
Não, com certeza vocês não morrerão;
É que a Divindade sabe
Que no dia em que dela vocês comerem,
Vossos olhos abrir-se-ão
E vocês serão como a Divindade -
Conhecendo o bem e o mal.
E a mulher viu que a árvore era boa para comer
E que era agradável de ser admirada;
E a árvore era desejável para fazer cada um sensato;
E ela tomou seu fruto e comeu,
E deu também a seu companheiro, e ele comeu com ela;
E os olhos de ambos foram abertos,
E eles perceberam que estavam nus;
E eles costuraram folhas de figueira,
E fizeram para si próprios, tangas.

Lendo e relendo o conciso e, ainda assim, preciso conto, não podemos evitar perguntar-nos qual a razão de todo o conflito. Proibidos sob ameaça de morte de tocar no Fruto da Sabedoria, os dois terráqueos foram persuadidos a avançar e comer o fruto que os tornaria "conhecedores" como a Divindade. No entanto, tudo o que aconteceu foi uma súbita tomada de consciência de sua nudez.

O estado de nudez foi, de fato, um aspecto maior de todo o incidente. O conto bíblico de Adão e Eva no Jardim do Éden abre com a afirmação: "E ambos estavam nus, o Adão e sua companheira, e eles não se envergonhavam". Eles estavam, devemos perceber, em algum estágio inferior do desenvolvimento humano em relação aos humanos completamente desenvolvidos - não só estavam nus, como estavam também na total inconsciência das implicações de tal nudez.
Um exame posterior do conto bíblico sugere que seu tema é a consecução pelo homem de algum tipo de proeza sexual. A "sabedoria" retida aos olhos do homem não era uma informação científica, mas algo relacionado com o sexo masculino e feminino, porque, mal o homem e sua parceira adquiriram a "sabedoria", logo "perceberam que estavam nus" e cobriram seus órgãos sexuais.
A continuação da narrativa bíblica confirma a relação entre a nudez e a falta de conhecimento, porque a Divindade não levou muito tempo a juntar os dois:

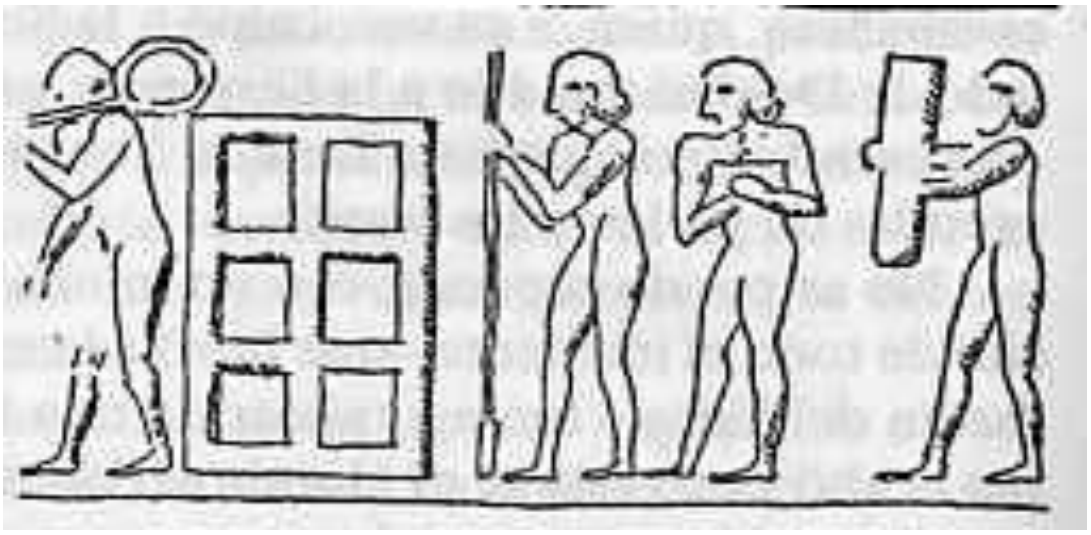
E eles ouviram o som da Divindade Javé
Passeando no pomar à brisa do dia,
E o Adão e sua companheira esconderam-se
Da Divindade Javé entre as árvores do pomar.
E a Divindade Javé chamou o Adão
E disse: "Onde estás?"
E ele respondeu:
O teu som eu ouvi no pomar e eu tive medo porque estou nu;
E escondi-me .
E Ele disse:
Quem te disse que estás nu?
Comeste tu da árvore,
Da qual eu te ordenei que não comesses?

Admitindo a verdade, o trabalhador primitivo culpou sua companheira feminina, que por sua vez deitou a culpa sobre a serpente. Tremendamente zangado, Deus lançou feitiços contra a serpente e os dois terráqueos. Então,

surpreendentemente, "a Deidade Javé fez para Adão e sua mulher vestes de peles, e vestiu-os".
Não podemos julgar seriamente que o propósito de todo o incidente, que levou à expulsão dos terráqueos do Jardim do Éden, fosse um modo dramático de explicar como é que o homem passou a usar roupas. O uso de roupas foi meramente uma manifestação exterior da nova "sabedoria". A aquisição de tal "sabedoria" e as tentativas da Divindade em privar dela a humanidade são os temas centrais dos acontecimentos.
Enquanto não for ainda encontrada uma contraparte mesopotâmica para o conto bíblico, poucas dúvidas podem restar de que o conto - tal como todo o material bíblico referente à criação e à pré-história do homem - era de origem suméria. Temos o local: o domicílio dos deuses na Mesopotâmia. Temos o intrigante jogo de palavras com o nome de Eva (“ela da vida", "ela da costela"). E temos duas árvores vitais, a Árvore da Sabedoria e a Árvore da Vida, tal como na residência de Anu.
Até as palavras da Divindade acusam a origem suméria, porque só a deidade hebraica resvalou de novo para o plural, dirigindo-se a colegas divinos que foram imaginados não na Bíblia, mas nos textos sumérios:

Então a Divindade Javé disse:
Observem, Adão tornou-se um de nós,
Para conhecer o bem e o mal.
E agora não poderia ele estender a mão
E partilhar da Árvore da Vida,
E comer, e viver para sempre?
E a Divindade Javé expulsou o Adão
Do pomar do Éden.

Como mostram muitas remotas representações sumérias, houvera um tempo no qual o homem, o trabalhador primitivo, servira seus deuses completamente nu. Ele estava nu quer servisse aos deuses sua comida e bebida, quer labutasse nos campos ou nos trabalhos de construção.



A implicação clara é que o status do homem em face dos deuses não era muito diferente daquele dos animais domesticados. Os deuses tinham meramente elevado um animal já existente para preencher suas necessidades. Teria, então, a falta de "sabedoria" significado que, nu como um animal, o ser remodelado se envolvia sexualmente como ou com os animais? Algumas antigas descrições pictóricas indicam que foi este realmente o caso.

Os textos sumérios, como a "Epopéia de Gilgamesh", sugerem que o modo como se processavam as relações físicas dá realmente conta de uma distinção entre o homem selvagem e o homem humano. Quando o povo de Uruk quis civilizar o selvagem Enkidu, "o indivíduo bárbaro das profundidades das estepes", eles recorreram aos serviços de uma "jovem do prazer" e enviaram-na para se encontrar com Enkidu no fosso de água onde ele costumava conviver com animais vários e oferecer-lhe sua "maturidade".
Parece, a partir do texto, que o momento decisivo no processo de "civilização" de Enkidu foi a rejeição dele pelos animais com os quais convivera. Era importante, disse o povo de Uruk à jovem, que ela continuasse a tratá-lo como "tarefa de mulher" até que "suas bestas selvagens que cresciam nas estepes o rejeitassem". Porque era um pré-requisito para que Enkidu se tornasse humano, que ele se afastasse da sodomia.

A moça libertou suas bestas, desnudou seu peito,
E ele possuiu sua maturidade...
Ela o tratou, o selvagem,
Como uma tarefa de mulher.

O estratagema deu resultados claros. Depois de seis dias e sete noites, "depois de estar cheio dos encantos dela", ele recordou seus antigos parceiros de entretenimento.

Ele virou a face para suas feras; mas,
Ao verem-no, as gazelas fugiram.
As feras da estepe
Afastaram-se de seu corpo.

O relato é explícito. As relações físicas humanas produziram uma mudança tão profunda em Enkidu que os animais com que ele convivera "se afastaram". Eles não fugiram simplesmente - eles esquivaram-se ao seu contato físico.
Atônito, Enkidu ficou imóvel por um instante, "porque suas feras partiram". Mas não se devia lamentar a mudança, como nos explica o antigo texto:

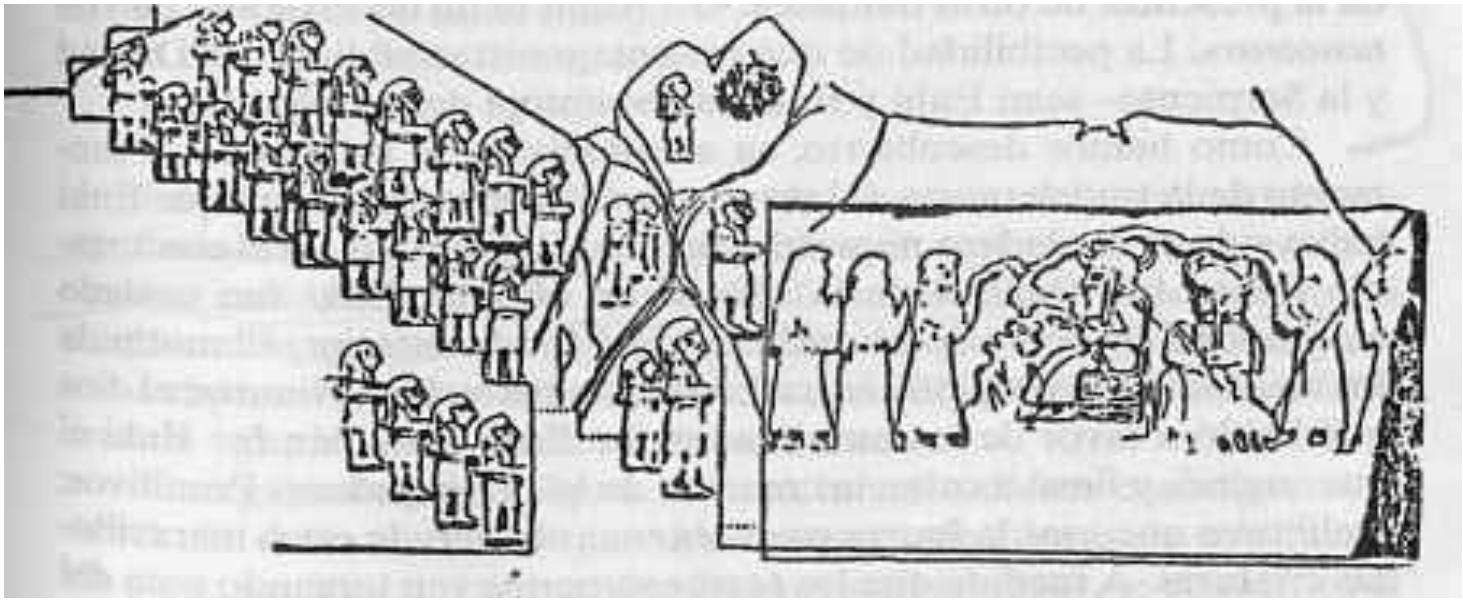
Agora ele tinha visão, conhecimento mais vasto...
A prostituta diz a Enkidu:
Tu és agora sabedor, Enkidu;
Tu estás transformando-se em deus!

Os vocábulos neste texto mesopotâmico são quase idênticos aos do conto bíblico de Adão e Eva. Como a serpente predissera, partilhando da Árvore da Sabedoria, eles tornaram-se, em assuntos sexuais, "como a divindade - conhecedores do bem e do mal".
Se isto apenas significava que o homem chegara ao reconhecimento de que ter relações físicas com animais era incivilizado ou mau, por que Adão e Eva foram punidos por abandonarem a sodomia? O Antigo Testamento está repleto de admoestações contra a sodomia, e é inconcebível que a aprendizagem de uma virtude causasse a ira divina.
A "sabedoria" que o homem obteve contra os desejos expressos da divindade - ou de uma das deidades - devia ter sido de mais profunda natureza. Era algo de bom para o homem, mas que os criadores não queriam que ele tivesse.
Temos de ler cuidadosamente nas entrelinhas da maldição lançada sobre Eva para apreender o significado do acontecimento:

E à mulher Ele disse:
Eu multiplicarei muito teu sofrimento
Com tua gravidez.
Com dor darás à luz filhos,
Todavia, para teu companheiro será teu desejo...
E o Adão chamou à sua mulher "Eva";
Porque ela era a mãe de todos os que viveram.

Este é, de fato, o acontecimento momentoso que nos é transmitido no conto bíblico: enquanto a Adão e Eva faltou "sabedoria", eles viveram no Éden sem nenhuma descendência. Tendo obtido "sabedoria", Eva adquiriu a capacidade (e a dor) de engravidar e dar à luz crianças. Só depois de o casal ter adquirido

esta "sabedoria", "Adão conheceu Eva como mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim".
Ao longo do Antigo Testamento, o vocábulo "conhecer" é usado para denotar relações sexuais, na maior parte das vezes entre um homem e sua esposa com o propósito de ter filhos. O conto de Adão e Eva no Jardim do Éden é a história de um passo importante no desenvolvimento do homem - a aquisição da capacidade para procriar.
Não devia surpreender que os primeiros seres representativos do Homo sapiens fossem incapazes de se reproduzir. Qualquer que tenha sido o método usado pelos Nefilim para introduzir algum material genético na composição biológica dos hominídeos selecionados para tal fim, o novo ser era um híbrido, um cruzamento entre duas espécies diferentes, talvez relacionadas. Tal como a mula (um cruzamento entre a égua e o burro), estes mamíferos híbridos são estéreis. Através da inseminação artificial e de métodos de engenharia biológica ainda mais sofisticados, pode-se produzir a quantidade de mulas que se desejar, mesmo sem haver verdadeiras relações físicas entre o burro e a égua, mas nenhuma mula pode procriar e dar à luz outra mula.
Estariam os Nefilim, a princípio, simplesmente produzindo "mulas humanas" para satisfazer suas necessidades?
Nossa curiosidade é aumentada por uma cena representada numa gravação de rocha encontrada nas montanhas do sul do Elam. Ela mostra uma deidade segurando um frasco de "laboratório" do qual correm líquidos, uma descrição comum de Enki. Uma grande deusa está sentada ao lado dele, numa pose que indica ser uma cooperadora, mais do que uma esposa; ela não podia ser outra senão Ninti, a deusa-mãe ou Deusa do Nascimento. Os dois são flanqueados por deuses inferiores, reminiscentes das deusas do nascimento dos contos e da criação. Encarando estes criadores do homem estão várias filas de seres humanos, cuja impressionante e comum característica é a semelhança física de uns com os outros, como se fossem produtos do mesmo molde.



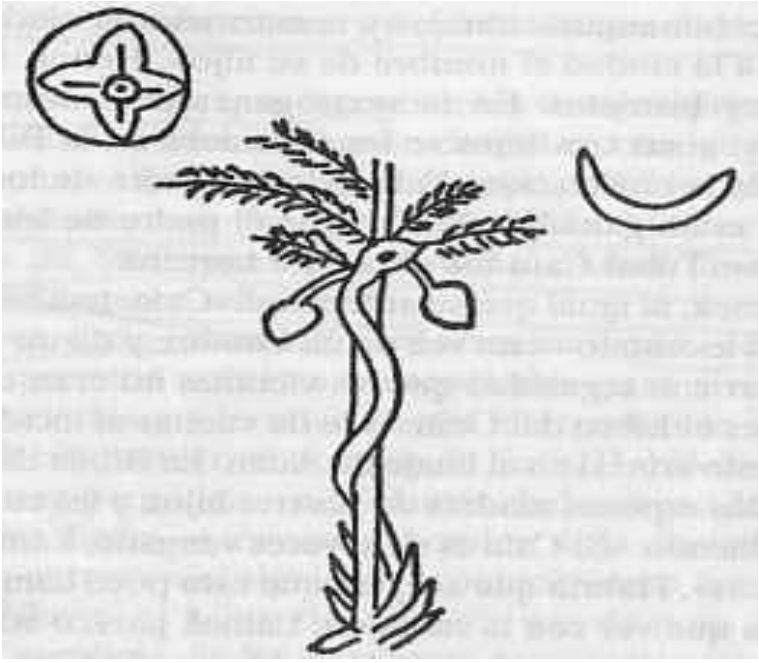
Nossa atenção é também chamada de novo para o conto sumério dos machos e fêmeas imperfeitos inicialmente dados à luz por Enki e pela deusa-mãe, que eram seres assexuados ou sexualmente incompletos. Recordará este texto a primeira fase da existência do homem híbrido, um ser à imagem e semelhança dos deuses, mas sexualmente incompleto e ao qual faltava a "sabedoria"?

Depois de Enki ter conseguido produzir um "modelo perfeito" - Adapa/Adão -, são descritas nos textos sumérios técnicas de "produção em massa". Tratava-se da implantação de óvulos geneticamente tratados numa "linha de montagem" de deusas do nascimento com o conhecimento prévio de que metade dessas deusas produziriam machos, e a outra metade, fêmeas. Isto não só revela a técnica pela qual o homem híbrido foi "fabricado", como implica também que o homem não podia por si só procriar.

A impotência dos híbridos em procriar, descobriu-se recentemente, deriva de uma deficiência nas células reprodutoras. Enquanto todas as células contêm apenas um conjunto de cromossomos hereditários, o homem e outros mamíferos são capazes de produção porque suas células sexuais (o esperma masculino e o óvulo feminino) contêm dois conjuntos. Mas este padrão único não se encontra nos seres híbridos. Atualmente são feitas tentativas através da engenharia genética no sentido de prover os híbridos com esse conjunto duplo de cromossomos em suas células reprodutoras, tornando-os sexualmente "normais".

Terá sido isso o que o deus, cujo epíteto era "A Serpente", trouxe ao gênero humano?
A serpente bíblica não era, com certeza, uma mera e literal cobra, uma vez que podia conversar com Eva, conhecia a verdade acerca do assunto da "sabedoria" e mantinha uma posição hierárquica tão elevada que podia, sem hesitar, apresentar a divindade como mentirosa. Lembramos que nas antigas tradições, a divindade principal lutou com um adversário serpente, um conto cujas raízes remontam, indubitavelmente, aos deuses sumérios.
O conto bíblico revela muitos traços de origem suméria, incluindo a presença de outras divindades: "O Adão tornou-se como um de nós". A possibilidade dos antagonistas bíblicos - a divindade e a serpente - terem representado Enlil e Enki parece-nos inteiramente plausível.
Seu antagonismo, como descobrimos, teve origem na transferência de Enlil para o comando da Terra, embora Enki fosse o verdadeiro pioneiro. Enquanto Enlil ficava no confortável Centro de Controle da Missão em Nippur, Enki era enviado para organizar as operações mineiras no Mundo Inferior. O motim dos Anunnaki foi dirigido contra Enlil e seu filho Ninurta, e o deus que falou em nome dos amotinados foi Enki. Enki sugeriu e empreendeu a criação de trabalhadores primitivos. Enlil teve de recorrer à força para obter algumas destas maravilhosas criaturas. Como registram os textos sumérios do decurso dos acontecimentos humanos, Enki geralmente aparece como protagonista da humanidade e Enlil como seu severo disciplinador, senão seu antagonista direto. O papel de uma divindade que deseja manter os novos humanos sexualmente oprimidos e o de uma divindade desejosa e capaz de conceder ao homem o fruto da "sabedoria" se ajustam perfeitamente a Enlil e a Enki.
Uma vez mais, os jogos de palavras sumérias e bíblicas vêm em nossa ajuda. O termo bíblico para "serpente" é nahash, que significa realmente "cobra". Mas o termo deriva da raiz NHSH, que significa "decifrar, descobrir", e, assim, nahash podia também significar "ele que pode decifrar, ele que descobre coisas", um epíteto adequado a Enki, o cientista-chefe, o Deus da Sabedoria dos Nefilim.
Estabelecendo paralelos entre o conto mesopotâmico de Adapa (que obteve "sabedoria", mas não alcançou a vida eterna) e o destino de Adão, S.

Langdon (Semitic Mythology) reproduziu uma descrição desenterrada na Mesopotâmia que sugere fortemente esse conto bíblico - uma serpente enlaçada numa árvore, apontando para o seu fruto. Os símbolos celestes são significativos: lá bem em cima está o planeta da Travessia, que representa Anu; próximo da serpente está o crescente lunar, representando Enki.



Muito pertinente para nossas descobertas é o fato de, nos textos mesopotâmicos, o deus que finalmente legou "sabedoria" a Adapa não ser outro senão Enki:

Larga compreensão ele aperfeiçoou para ele...
Sensatez [ele lhe dera]...
A ele, dera Sabedoria;
A vida eterna não lhe tinha ele dado.

Um conto ilustrado gravado num selo cilíndrico encontrado em Mari pode bem ser uma antiga ilustração da versão mesopotâmica do conto do Gênesis. A gravação mostra um grande deus sentado num terreno alto elevando-se de ondas de água, uma descrição óbvia de Enki. Serpentes jorrando água destacam-se de cada lado deste "trono".

Ladeando esta figura central estão três deuses que se assemelham a árvores. Aquele que está à direita, cujos ramos têm extremidades em forma de pênis, segura um recipiente onde possivelmente está contido o Fruto da Vida. O da esquerda, cujos ramos têm extremidades em forma de vagina, oferece ramos frutíferos e representa a Árvore da "Sabedoria", dádiva dos deuses da procriação.
Ao lado há ainda um outro grande deus - nossa sugestão é que se trata de Enlil. Sua raiva contra Enki é por demais evidente.

Nunca saberemos o que ocasionou este "conflito" no Jardim do Éden, mas quaisquer que fossem os motivos de Enki, o fato é que ele conseguiu aperfeiçoar o trabalhador primitivo e criou o Homo sapiens, que podia produzir sua própria descendência.
Depois que o homem adquiriu a "sabedoria", o Antigo Testamento cessa de se referir a ele como "o Adão" e adota como sujeito Adão, uma pessoa específica, o primeiro patriarca da linha do povo com o qual se preocuparia a Bíblia. Mas este amadurecimento da humanidade marcou igualmente um cisma entre Deus e o homem.
A separação dos caminhos, o homem aparecendo já não como um servo mudo dos deuses, mas como uma pessoa agindo por si mesma, é descrita no livro do Gênesis não como uma decisão tomada pelo próprio homem, mas como a imposição de um castigo pela Divindade: para que o terráqueo não

adquira também a capacidade de escapar à mortalidade, ele será expulso do Jardim do Éden. De acordo com estas fontes, a existência independente do homem começou não no sul da Mesopotâmia, onde os Nefilim estabeleceram suas cidades e pomares, mas sim a leste, nos montes Zagros: "E Ele retirou o Adão e fê-lo residir a leste do Jardim do Éden".

Uma vez mais, então, a informação bíblica confirma as descobertas científicas: a cultura humana começou nas regiões montanhosas fronteiriças à planície mesopotâmica. Que pena ser a narrativa bíblica tão breve, uma vez que se trata aqui daquilo que foi a primeira vida civilizada do homem na Terra!

Expulso do domicílio dos deuses, condenado a uma vida mortal, mas capaz de procriar, o homem continuou a fazer exatamente isso. O primeiro Adão, com cujas gerações se preocupou a Bíblia, "conheceu" sua mulher Eva, e ela deu-lhe um filho, Caim, que arou a terra. Então, Eva deu à luz Abel, que foi pastor. Insinuando como motivo a homossexualidade, a Bíblia relata que "Caim lançou-se sobre seu irmão Abel e matou-o".

Temendo por sua vida, a deidade deu a Caim um sinal protetor, ao mesmo tempo que lhe ordenava que se mudasse mais para leste. Levando a princípio uma vida de nômade, Caim finalmente estabeleceu-se na "Terra de Migração, bem a oriente do Éden". Aí teve um filho a quem chamou Enoc ("inauguração"), "e ele construiu uma cidade, e deu à cidade o nome de seu filho". Enoc, por sua vez, teve filhos e netos e bisnetos. Na sexta geração depois de Caim, nasceu Lamec. A Bíblia atribui a seus três filhos a condução da civilização: Jabal "era o pai daqueles que residem em tendas e têm gado"; Jubal "era o pai de todos os que tocam a lira e a harpa"; Tubal-Caim foi o primeiro ferreiro.

Mas também Lamec, como seu antecessor Caim, se envolveu em assassínios, desta vez de um homem e de uma criança. Não erraremos se julgarmos que as vítimas não eram uns humildes estranhos, uma vez que o livro do Gênesis se demora sobre o incidente e o considera um momento decisivo na linhagem de Adão. A Bíblia declara que Lamec reuniu suas duas mulheres, mães de seus três filhos, e confessou perante elas o duplo crime, declarando: "Se Caim foi sete vezes vingado, Lamec sê-lo-á setenta vezes sete". Esta afirmação, pouco entendida pelos estudiosos, deve ser entendida como

relacionada ao problema da sucessão; consideramos isto como uma confissão de Lamec para suas mulheres, que a esperança de que a maldição sobre Caim pudesse ser redimida na sétima geração (a geração de seus filhos) não deu em nada. Agora, uma nova maldição, muito mais longa, fora imposta à casa de Lamec.
Confirmando que o acontecimento dizia respeito à linha de sucessão, os versículos seguintes informam-nos do imediato estabelecimento de uma nova e pura linhagem:

E Adão conheceu de novo sua mulher
E ela deu à luz um filho e chamou-lhe Set ["alicerce"]
Porque a divindade criou para mim
Outra semente em lugar de Abel, a quem Caim matou.

Neste ponto, o Antigo Testamento perde todo o interesse na linha maculada de Caim e Lamec. A continuação dos eventos humanos firma-se, assim, a partir daqui, sobre a linhagem de Adão através de seu filho Set e do primogênito deste, Enos, cujo nome adquiriu em hebraico a conotação genérica de "ser humano". "Foi então", diz-nos o Gênesis, "que se começou a invocar o nome da Divindade."
Esta enigmática afirmação confundiu os estudiosos bíblicos e os teólogos ao longo dos anos. Ela é seguida por um capítulo que fornece a genealogia de Adão através de Set e Enos durante dez gerações, finalizando com Noé, o herói do dilúvio.
Os textos sumérios, que descrevem os remotos estágios em que os deuses estavam sozinhos na Suméria, descrevem com igual precisão a vida dos humanos na Suméria num tempo posterior, mas antecedente do dilúvio.
A história suméria (e original) do dilúvio conhece seu "Noé" como o "Homem de Shuruppak", a sétima cidade estabelecida pelos Nefilim quando aterrissaram no planeta Terra.
Então, em alguma época da história, os seres humanos, banidos do Éden, obtiveram permissão para regressar à Mesopotâmia, para viver ao lado dos deuses, para os servir e adorar. Tal como interpretamos a afirmação bíblica, isto aconteceu nos dias de Enos. Foi então que os deuses permitiram à

humanidade o regresso à Mesopotâmia, para servir os deuses “e invocar o nome da divindade”.
Ansioso por chegar ao próximo acontecimento épico da saga humana, o dilúvio, o livro do Gênesis fornece pouca informação além dos nomes dos patriarcas que sucederam a Enos. Mas o significado do nome de cada patriarca pode sugerir os acontecimentos que tiveram lugar durante seu período de vida.
O filho de Enos através de quem se continuou a linhagem pura foi Cainam ("pequeno Caim"); alguns estudiosos tomam o nome para significar "ferreiro". O filho de Cainan era Malaleel ("orador de deus"). A ele se seguiu Jered ("ele que descendeu"); e seu filho foi Henoc ("o consagrado"), que com 365 anos, foi levado para as alturas pela divindade. Mas, trezentos anos antes, com 65 anos, Henoc tivera um filho chamado Matusalém; muitos estudiosos, seguindo Lettia D. Jeffreys (Ancient Hebrew Names: Their Significance and Historical Value) [Antigos Nomes Hebraicos: Sua Significação e Valor Histórico], traduzem Matusalém como “homem do míssil".
O filho de Matusalém chamava-se Lamec, significando "ele que foi humilhado". E Lamec teve Noé ("descanso"), dizendo: "Que este nos conforte em nosso trabalho e no sofrimento de nossas mãos na terra que a divindade amaldiçoou".
A humanidade, ao que parece, passava grandes privações à altura do nascimento de Noé. O trabalho árduo e a fadiga não a levavam a parte alguma, uma vez que a terra, que os devia sustentar, estava amaldiçoada. Estava armado o cenário para o dilúvio, o momentoso evento que iria varrer da face da Terra não só a raça humana, mas toda a vida da terra e dos céus.

E a Divindade viu que a perversidade do homem
Era grande na Terra,
E que cada desejo dos pensamentos em seu coração
Era apenas maldade em cada dia.
E a Divindade arrependeu-se de ter feito o homem
Sobre a Terra, e seu coração entristeceu.
E a Divindade disse:

Eu eliminarei da face da Terra
Os terráqueos a quem criei.

Estas acusações categóricas são apresentadas como justificativas para as drásticas medidas de "acabar com toda a carne". Mas as citadas acusações são pouco específicas, e estudiosos e teólogos não encontram respostas satisfatórias referentes aos pecados ou "violações" que tanto aborreceram a Divindade.
O uso repetido do termo carne, tanto nos versículos de acusação, como nas proclamações de julgamento, sugere, é claro, que as corrupções e as violações relacionavam-se com a carne. A Deidade preocupava-se com o perverso "desejo dos pensamentos do homem". O homem, podia parecer, tendo descoberto o sexo, tornara-se maníaco sexual.
Mas só muito dificilmente podemos aceitar que a Divindade decidisse varrer a humanidade da face da terra simplesmente porque os homens faziam demasiadas vezes amor com suas mulheres. Os textos mesopotâmicos falam livremente e eloqüentemente de sexo e amor entre os deuses e suas consortes, de amores ilícitos entre uma donzela e seu amante, de amor violento (como no caso de violação de Ninlil por Enlil). Há uma profusão de textos descrevendo o ato amoroso e a própria relação física entre os deuses, com suas consortes oficiais ou com concubinas não oficiais, com suas irmãs e filhas e até netas (fazer amor com estas últimas era o passatempo favorito de Enki). Tais deuses não podiam, com toda a justiça, voltar-se contra a humanidade por esta se comportar como eles próprios o faziam.
O verdadeiro motivo da Divindade não era mera preocupação com a moralidade humana. A repugnância avassaladora era causada por uma propagada degradação dos próprios deuses. Visto sob esta luz, torna-se claro o significado dos desconcertantes versículos de abertura do capítulo VI do Gênesis:

E assim aconteceu,
Quando os terráqueos começaram a aumentar em número
Sobre a face da Terra,
E lhes nasceram filhas entre eles,

Os filhos das deidades
Viram as filhas dos terráqueos
E elas eram compatíveis,
E eles levaram para eles próprios
Esposas de todas as que escolheram.

Como esclarecem estes versículos, foi nessa altura, quando os filhos dos deuses começaram a envolver-se sexualmente com a descendência dos terráqueos, que a Divindade gritou: "Basta!”

E a Divindade disse:
O meu espírito não protegerá o homem para sempre;
Tendo-se extraviado, ele é apenas carne.

Esta afirmação permaneceu enigmática durante milênios. Lida à luz de nossas conclusões referentes à manipulação genética na criação do homem, os versículos encerram uma mensagem para nossos próprios cientistas. O "espírito" dos deuses - a perfeição genética da humanidade - começava a deteriorar-se. O gênero humano extraviara-se, voltando assim a ser “apenas carne", mais próximo de suas origens animais simiescas.
Podemos agora compreender a ênfase colocada no Antigo Testamento na distinção entre Noé, um "homem íntegro... puro em suas genealogias" e "a terra inteira que estava corrompida". Contraindo matrimônio com homens e mulheres de pureza genética decrescente, os deuses sujeitavam-se também à deterioração. Salientando que apenas Noé continuava a ser geneticamente puro, o conto bíblico justifica a contradição da Divindade. Tendo decidido eliminar toda a vida da face da terra, resolveu salvar Noé, seus descendentes e "todos os animais limpos" e outras feras e aves "para manter vivas sobre a face de toda a terra".
O plano da Divindade para anular seu objetivo inicial consistia em alertar Noé da catástrofe que se avizinhava e orientá-lo na construção de uma arca capaz de se manter na água, arca esta que levaria as pessoas e as criaturas que se pretendia salvar. A notícia foi dada a Noé sete dias apenas antes do início da catástrofe. De um modo ou de outro, ele conseguiu construir a arca e

impermeabilizá-la, juntar todos os seres e colocá-los e à sua família a bordo e ainda abastecer a arca de provisões no tempo concedido. "E assim aconteceu, depois dos sete dias, que as águas do dilúvio estavam sobre a terra." O que veio a acontecer está mais bem descrito nas próprias palavras da Bíblia:

Naquele dia,
Todas as nascentes do grande abismo se abriram jorrando,
E os diques do céu foram abertos...
E o dilúvio esteve quarenta dias sobre a terra,
E as águas aumentaram e levantaram a arca,
E ela foi elevada acima da terra.
E as águas tornaram-se mais fortes
E aumentaram muitíssimo sobre a terra
E a arca flutuou sobre as águas.
E as águas tornaram-se excessivamente fortes sobre a terra
E todas as altas montanhas foram cobertas.
Aquelas que estão sob todos os céus:
Quinze cúbitos acima delas se manteve a água,
E as montanhas foram cobertas.
E toda a carne pereceu...
O homem e o gado e os seres rastejantes
E as aves dos céus
Foram riscados da superfície da terra;
E apenas Noé foi deixado,
E aqueles que estavam com ele na arca.

As águas mantiveram-se sobre a terra 150 dias, até que a Divindade:

Fez com que um vento passasse sobre a terra,
E as águas foram acalmadas.
E as nascentes do abismo foram represadas,
Como o foram os diques do céu;
E a chuva dos céus foi presa.
E as águas começaram a recuar sobre a superfície da terra,

Indo e vindo.
Depois de 150 dias, as águas eram menos;
E a arca descansou nos montes de Ararat.

De acordo com a versão bíblica, a provação da humanidade começou "no ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês". A arca permaneceu nos montes de Ararat "no sétimo mês, no décimo sétimo dia do mês". A subida das águas e seu gradual "recuo", suficiente para baixar o nível da água e fazer a arca descansar nos picos de Ararat, durou, então, cinco meses completos. Então "as águas continuaram a diminuir, até que os picos das montanhas" - e não apenas os dos imponentes Ararat - "puderam ser vistos no décimo primeiro dia do décimo mês", quase três meses depois.
Noé esperou mais quarenta dias. Então ele enviou um corvo e uma pomba "para ver se as águas diminuíram na superfície da terra". À terceira tentativa, a pomba voltou segurando no bico uma folha de oliveira, indicando que as águas regrediram o suficiente para permitir que se vissem as copas das árvores. Pouco depois, Noé soltou de novo a pomba, "mas ela já não regressou". O dilúvio estava terminado.

E Noé retirou a coberta da arca
E olhou, e observou:
A superfície da terra estava seca.

"Ao segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, a terra secou." Noé estava com 601 anos. A provação durara um ano e dez dias.
Depois, Noé e todos os que estavam com ele na arca saíram. E ele construiu um altar e ofereceu sacrifícios de fogo à Divindade.

E a Divindade sentiu o tentador perfume
E disse em seu coração:
Não mais amaldiçoarei a terra seca
Por causa dos terráqueos;
Porque o desejo de seu coração é mau desde a juventude.

O "feliz final" está tão cheio de contradições como a própria história do dilúvio. Começa com uma longa acusação formal da humanidade por várias abominações, incluindo a degradação da pureza dos deuses mais jovens. Uma decisão grave, como foi a de fazer perecer toda a carne, é tomada e parece completamente justificada. Então, a mesma Deidade apressa-se nuns simples sete dias para se assegurar que a semente da humanidade e de outras criaturas não pereça. Quando o trauma termina, a Deidade é seduzida pelo odor da carne assada e, esquecendo sua determinação original de pôr fim à humanidade, anula todo o processo com uma desculpa, colocando a culpa dos maus desejos do homem em sua juventude.

Estas incômodas dúvidas sobre a veracidade da história dispersam-se, contudo, quando compreendemos que a narrativa bíblica é uma versão editada do relato original sumério. Como em outras circunstâncias, a Bíblia monoteísta comprimiu numa só divindade os papéis representados por vários deuses que nem sempre estavam de acordo.

A história bíblica do dilúvio era a única versão do acontecimento, apoiada apenas por mitologias primitivas fragmentadas de todo o mundo, até as descobertas arqueológicas da Mesopotâmia e a decifração da literatura acádia e suméria. A descoberta da "Epopéia da Criação" acádia colocou o conto do dilúvio do Gênesis em mais antiga e venerável companhia, mais adiante salientada pelas posteriores descobertas de textos e fragmentos mais antigos do original sumério.

O herói do relato do dilúvio mesopotâmico era Ziusudra, em sumério (Utnapishtim, em acádio), que depois do dilúvio foi levado para o domicílio celestial para aí viver feliz para todo o sempre. Quando, à procura da imortalidade, Gilgamesh finalmente alcançou o local, ele procurou o conselho de Utnapishtim sobre o tema da vida e da morte. Utnapishtim revelou a Gilgamesh, e por ele a toda a humanidade pós-diluviana, o segredo de sua sobrevivência, "um assunto oculto, um segredo dos deuses" - a verdadeira história (poderíamos dizê-lo) do grande dilúvio.

O segredo revelado por Utnapishtim era que, antes da fúria do dilúvio, os deuses reuniram-se em conselho e votaram a destruição da humanidade. O voto e a decisão foram mantidos em segredo. Mas Enki procurou Utnapishtim, o governante de Shuruppak, para informá-lo da calamidade que

se aproximava. Adotando métodos clandestinos, Enki falou a Utnapishtim por detrás de um painel de juncos. A princípio, suas revelações eram secretas. Depois seu aviso e conselho foram proferidos claramente:

Homem de Shuruppak, filho de Ubar-Tutu:
Desfaz em pedaços a casa, constrói um barco!
Desiste das riquezas, procura vida!
Abandona os haveres, mantém viva a alma!
A bordo do barco tu levarás a semente de todas as coisas vivas;
O barco que tu construíres –
Suas dimensões serão sob medida.

Os paralelos com a história bíblica são óbvios. Um dilúvio aproxima-se; um homem é avisado com antecedência; ele deve salvar-se a si próprio preparando um barco especialmente construído; com ele deverá levar e salvar "a semente de todas as coisas vivas". Ainda assim, a versão babilônica é mais plausível. A decisão de destruir e o esforço para salvar não são atos contraditórios da mesma e única deidade, mas atos de diferentes pessoas divinas. Além disso, avisar com antecedência e salvar a semente do homem é o ato arrojado de um deus (Enki) agindo em segredo e contrariamente à decisão conjunta dos outros grandes deuses.
Por que se arriscou Enki desafiando os outros deuses? Estaria preocupado, unicamente, com a preservação de suas “maravilhosas obras de arte", ou terá ele agido contra o ambiente de rivalidade e hostilidades crescentes entre ele e seu irmão Enlil?
A existência de tal conflito entre os dois irmãos é bem esclarecida na história do dilúvio.
Utnapishtim colocou a Enki a questão óbvia: como podia ele, Utnapishtim, explicar aos outros cidadãos de Shuruppak a construção de um navio de tão estranha forma e o abandono de todas as riquezas? Enki aconselhou -o:

Tu falarás assim para eles:
Soube que Enlil me hostiliza,
De modo que não posso residir em vossa cidade,

Nem colocar meu pé no território de Enlil.
Assim, ao Apsu eu descerei,
Para residir com meu Senhor Ea.

A desculpa seria que, sendo seguidor de Enki, Utnapishtim já não podia residir na Mesopotâmia e, por conseguinte, estava construindo um barco no qual tencionava navegar para o Mundo Inferior (África Meridional, de acordo com nossas descobertas) para morar com seu Senhor, Ea/Enki. Os versos que se seguem a este momento sugerem que a região sofria uma estiagem ou fome; Utnapishtim (a conselho de Enki) devia assegurar aos residentes da cidade que, se Enlil o visse partir, "a terra voltaria [de novo] a se encher dos bens da colheita". Esta desculpa fez sentido aos olhos dos outros residentes da cidade.

Assim iludida, a gente da cidade não questionou e até deu uma ajuda na construção da arca. Matando e servindo-lhes novilhos e carneiros "todos os dias" e prodigalizando-lhes "mosto, vinho tinto, azeite e vinho branco", Utnapishtim encorajou-os a trabalhar mais rapidamente. Até as crianças foram pressionadas no sentido de carregarem betume para impermeabilização.

"No sétimo dia, o barco estava pronto. O lançamento foi muito difícil, e por isso eles tiveram de mudar de lugar as pranchas de cima e de baixo, até dois terços da estrutura ter penetrado na água" do Eufrates. Então Utnapishtim pôs toda sua família e parentela a bordo do barco, levando também "tudo o que possuía de todas as criaturas vivas", assim como "os animais do campo, as feras selvagens do campo". Os paralelos com o conto bíblico - até o pormenor do prazo de sete dias para a construção são claros. Avançando um passo para além de Noé, Utnapishtim conseguiu, no entanto, introduzir no navio todos os artífices que o ajudaram na construção.

Ele próprio apenas deveria subir para bordo a um certo sinal, cuja natureza Enki lhe tinha também revelado: um "tempo determinado" a ser fixado por Shamash, a deidade a cargo da qual estavam os foguetes faiscantes. Esta foi a ordem de Enki:

Quando Shamash, que ordena um estremecimento ao crepúsculo,
Fizer cair uma chuva de erupções -
Sobe a bordo do barco, reforça a entrada.

Ficamos conjeturando a relação entre a decolagem de um foguete espacial por Shamash e a chegada do momento para Utnapishtim subir a bordo da sua arca e trancar-se em seu interior. Mas o momento chegou; o foguete espacial causou realmente um "estremecimento ao crepúsculo"; houve uma chuva de erupções. Utnapishtim "fechou todo o barco" e "entregou toda a estrutura e seu conteúdo" para "Puzur-Amurri, o Barqueiro".
A tempestade veio "com o primeiro raio da alvorada". Houve um medonho trovão. Uma nuvem negra elevou-se no horizonte. A tempestade despedaçou as colunas das construções e dos molhes; depois os diques cederam. Seguiu-se a escuridão, "transformando em negrura tudo o que fora luz"; e "a larga terra foi quebrada como um pote".
Durante seis dias e seis noites soprou a "tempestade sul".

Reunindo velocidade enquanto soprava,
Submergindo as montanhas,
Surpreendendo o povo como uma batalha...
Quando o sétimo dia chegou,
A tempestade sul trazendo a inundação
Amainou a batalha
Que travara como um exército.
O mar aquietou-se,
A tempestade quedou-se,
A inundação cessou.
Eu olhei para o tempo.
A tranqüilidade reaparecera.
E toda a humanidade regressara à argila.

A vontade de Enlil e da assembléia dos deuses fora cumprida.

Mas, desconhecido para eles, o plano de Enki tinha também dado resultado: flutuando em tempestuosas águas havia uma embarcação contendo homens, mulheres, crianças e outras criaturas vivas.
Com a tempestade terminada, Utnapishtim "abriu uma escotilha; a luz caiu sobre sua face". Olhou à volta; "a paisagem estava tão nivelada como um telhado plano". Inclinando-se profundamente, sentou-se e chorou, "lágrimas rolando pela minha face". Ele olhou procurando uma linha de costa na extensão do mar, e não viu nenhuma. Então:

Aí emergiu uma região montanhosa;
No monte da Salvação, o barco fez uma paragem;
O monte Nisir ("salvação") reteve o barco,
Não permitindo o movimento.

Durante seis dias Utnapishtim vigiou através da arca imobilizada, presa nos picos do monte da Salvação, os picos bíblicos de Ararat. Depois, tal como Noé, enviou uma pomba à procura de um local de repouso, mas ela regressou. Uma andorinha largou vôo e veio de volta. Depois foi solto um corvo, e ele voou para longe, encontrando um local de repouso. Utnapishtim, nessa altura, libertou todas as aves e todos os animais que estavam com ele, e se encaminhou para o exterior. Construiu um altar "e ofereceu um sacrifício", tal como Noé fizera.
Mas aqui aparece, de novo, e inesperadamente, a diferença entre a única e as múltiplas deidades. Quando Noé ofereceu seu sacrifício de fogo, "Javé sentiu o tentador perfume"; mas quando foi a vez de Utnapishtim oferecer um sacrifício, "os deuses sentiram o aroma, os deuses sentiram o doce aroma. Os deuses juntaram-se como moscas sobre o sacrificado”.
Na versão do Gênesis, foi Javé quem fez o voto solene de nunca mais voltar a destruir a humanidade. Na versão da Babilônia, foi a grande deusa quem prometeu: "Eu não esquecerei... Lembrar-me-ei destes dias, nunca os olvidando".
Este não era, no entanto, o problema imediato. Quando Enlil, finalmente, apareceu em cena, não estava preocupado com alimento. Estava louco para

descobrir se alguém sobrevivera. "Escapou algum ser vivo? Nenhum homem poderia ter sobrevivido à destruição!”
Ninurta, seu filho e herdeiro, apontou imediatamente um dedo suspeitoso para Enki. "Quem, além de Ea, pode arquitetar planos? Só Ea é o único que sabe de todos os assuntos." Longe de se furtar à acusação, Enki irrompeu num dos mais eloqüentes discursos de defesa jamais feitos. Elogiando Enlil por sua sabedoria e sugerindo que Enlil não podia com toda a certeza ser "irracional" - um realista - ele misturou negação com confissão. "Não fui eu quem revelou o segredo dos deuses"; "eu meramente deixei um homem, um homem 'excepcionalmente sensato', perceber por sua própria sabedoria de que se tratava o segredo dos deuses. E se de fato este terráqueo é tão sensato", sugeriu Enki a Enlil, "não ignoremos suas capacidades. Então, agora, tomem uma decisão a seu respeito!”
Tudo isto, relata a "Epopéia de Gilgamesh", era o "segredo dos deuses" que Utnapishtim contou a Gilgamesh. Ele informou então Gilgamesh do acontecimento final. Influenciado pelo argumento de Enki.

Enlil, em conseqüência, foi a bordo do navio.
Pegando-me pela mão, levou-me a bordo,
Ele levou minha mulher a bordo, fê-la ajoelhar-se a meu lado.
De pé, à nossa frente, ele tocou nossas frontes para nos abençoar:
Até aqui Utnapishtim não foi senão humano;
A partir daqui Utnapishtim e sua mulher
Estarão entre nós como deuses.
Utnapishtim residirá nas Lonjuras,
Na Boca das Águas!

E Utnapishtim concluiu sua história a Gilgamesh. Depois de ter sido levado para residir nas Lonjuras, Anu e Enlil:

Deram-lhe vida, como a um deus,
Elevaram-no à vida eterna, como a um deus.

Mas o que aconteceu à humanidade em geral? O conto bíblico termina com uma afirmação segundo a qual a Divindade permitiu e deu a bênção à humanidade para "ser fecunda e multiplicar-se". As versões mesopotâmicas da história do dilúvio terminam também com versos que abordam a procriação do gênero humano. Os textos parcialmente mutilados falam do estabelecimento de "categorias" humanas:

...Que haja uma terceira categoria entre os homens:
Que haja entre os humanos
Mulheres que concebem, e mulheres que não concebem.

Foram claramente estabelecidas novas diretrizes para as relações físicas:

Regras para a raça humana:
Que os homens... às virgens...
Que as donzelas...
Que os mancebos às virgens...
Quando o leito está feito,
Que a esposa e seu marido se deitem juntos.

Enlil fora vencido em tática. A humanidade fora salva e fora-lhe permitida a procriação. Os deuses franquearam a Terra ao gênero humano.

14
Quando os Deuses Fugiram da Terra

Que foi este dilúvio, cujas violentas águas arrasaram a Terra?
Alguns explicam a inundação em termos de enchente anual na planície do Tigre-Eufrates. Tal inundação, supõe-se, deve ter sido particularmente rigorosa. Campos e cidades, homens e animais foram riscados do mapa pela elevação das águas; e povos primitivos, vendo o acontecimento como um castigo dos deuses, começaram a propagar a lenda de um dilúvio.

Num dos seus livros, Excavations at Ur [Escavações em Ur], Sir Leonard Wooley relata como, em 1929, já pelo fim do trabalho no Cemitério Real de Ur, os operários escavaram, através de uma massa de cerâmica e tijolos esmigalhados, um pequeno poço num morro vizinho. A um metro de profundidade, chegaram a um nível de lodo duro, normalmente o solo que marca o local onde a civilização começara. Mas podiam os milênios de vida urbana ter deixado apenas um metro de estratos arqueológicos? Sir Leonard orientou seus trabalhadores para escavarem mais profundamente. Eles desceram mais um metro, e depois ainda mais 1,5 metro. Trouxeram ainda "solo virgem", lodo sem nenhum traço de habitação humana. Mas depois de escavarem através de 3,40 metros de lodo seco e de material de aluvião, os trabalhadores chegaram a um estrato contendo peças de cerâmica verde partida e instrumentos de pedra. Uma civilização mais primitiva estava enterrada a 3,40 metros de profundidade de lodo!

Sir Leonard saltou para o poço e examinou a escavação. Chamou seus ajudantes e pediu-lhes suas opiniões. Nenhum tinha uma teoria plausível. Então, a esposa de Sir Leonard observou quase casualmente: "Claro, claro, é o dilúvio!”

Todavia, outras delegações arqueológicas lançaram dúvidas sobre esta maravilhosa intuição. O estrato de lodo que não continha nenhum traço de habitação indicava, realmente, a marca da inundação; mas, enquanto os depósitos de Ur e al-'Ubaid sugeriram inundações ocorridas entre os anos 3.500 e 4.000 a.C., um depósito similar desenterrado mais tarde em Kish foi estimado como sendo formado por volta do ano 2.800 a.C. A mesma data (2.800 a.C.) foi também estimada para o estrato de lama encontrado em Erech e em Shuruppak, a cidade do Noé sumério. Em Nínive, os escavadores encontraram, a uma profundidade de cerca de 18 metros, nada menos que treze estratos alternados de lodo e areia do rio, datando dos anos 4.000 a 3.000 a.C.

Assim, a maior parte dos estudiosos acredita que aquilo que Wooley encontrou são traços de diversas inundações locais, acontecimento freqüente na Mesopotâmia, onde chuvas torrenciais ocasionais e a elevação dos dois grandes rios e suas freqüentes mudanças de curso causam tal devastação. Todos os vários estratos de lodo, concluíram os estudiosos, não abrangiam a

calamidade completa que deve ter sido o monumental evento pré-histórico do dilúvio.

O Antigo Testamento é uma obra-prima de brevidade e precisão literária. As palavras estão sempre bem escolhidas para traduzir significados precisos; os versículos são sempre a propósito; sua ordem é intencional; seu tamanho não é maior do que o absolutamente necessário. É digno de nota que a história completa da criação através da expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden seja contada em oitenta versículos. O registro completo de Adão e sua genealogia, ainda que contada separadamente para Caim e sua descendência e Set, Enos e suas respectivas descendências, é feito em 58 versículos. Mas a história da grande inundação mereceu nada menos que 87 versículos. Tratou-se, do ponto de vista editorial e seguindo um critério da mesma ordem, de uma "história principal". Não um mero acontecimento local, ele foi antes uma catástrofe afetando toda a Terra, todo o gênero humano. Os textos mesopotâmicos afirmam, claramente, que os "quatro cantos da Terra" foram afetados.

Como tal, foi um marco decisivo na pré-história da Mesopotâmia. Houve os acontecimentos, as cidades e o povo anteriores ao dilúvio e os acontecimentos, as cidades e o povo posteriores ao dilúvio. Houve todos os feitos dos deuses e a realeza que eles trouxeram dos céus antes da grande inundação, e o curso dos eventos divinos e humanos quando a realeza de novo desceu à Terra depois da grande inundação. O dilúvio foi o grande divisor do tempo.

Não só as abrangentes listas de reis sumérios, como também os textos relacionados com reis distintos e seus antecessores fizeram menção ao dilúvio. Um, por exemplo, pertencente a Ur-Ninurta, relembra o dilúvio como um acontecimento recuado nos tempos:

Naquele dia, naquele remoto dia,
Naquela noite, naquela remota noite,
Naquele ano, naquele remoto ano, -
Em que o dilúvio tivera lugar.

O rei assírio Assurbanipal, um patrono das ciências que reuniu a gigantesca biblioteca de barras de argila em Nínive, confessou numa de suas inscrições comemorativas que encontrara e pudera ler "inscrições de pedra do tempo anterior ao dilúvio". Um texto acádio tratando dos nomes e suas origens explica que ele cataloga nomes "de reis de depois do dilúvio". Um rei é exaltado como sendo "da semente preservada de antes do dilúvio". Vários textos científicos citam como fontes "os vetustos sábios de antes do dilúvio".
Não, de fato, o dilúvio não foi nenhuma ocorrência local ou uma inundação qualquer periódica. Foi, por todos os cálculos, um acontecimento que abalou a Terra com uma grandeza sem paralelo, uma catástrofe cujas semelhanças nem o homem nem os deuses experimentaram antes ou vieram a experimentar desde então.

Os textos bíblicos e mesopotâmicos que examinamos até aqui deixam certos quebra-cabeças por solucionar. Qual foi a provação sofrida pela humanidade, a respeito da qual Noé foi chamado "Descanso" na esperança de que seu nascimento assinalasse o fim das agruras? Qual era o "segredo" que os deuses juraram guardar, e de cuja revelação Enki foi acusado? Por que o lançamento de um veículo espacial da cidade de Sippar foi o sinal dado a Utnapishtim para entrar e fechar a arca? Onde estiveram os deuses enquanto as águas cobriram até as mais altas montanhas? E por que se enterneceram eles tanto com a carne assada oferecida em sacrifício por Noé/Utnapishtim?
À medida que avançamos para encontrar as respostas a estas e outras questões, descobriremos que o dilúvio não foi um castigo premeditado e desencadeado pelos deuses por sua exclusiva vontade. Veremos que, embora o dilúvio fosse um acontecimento previsível, foi também algo de inevitável, uma calamidade natural na qual os deuses não desempenharam um papel ativo, mas sim passivo. Mostraremos também que o segredo que os deuses juraram guardar era uma conspiração contra a humanidade a intenção era sonegar aos terráqueos a informação que eles, deuses, tinham em relação à avalanche de águas que se aproximava para que, enquanto os Nefilim se salvavam, a humanidade perecesse.
Nosso conhecimento cada vez maior sobre o dilúvio e os acontecimentos que o precederam provém do texto "Quando os deuses como homens". Nele, o

herói do dilúvio chama-se Atra-Hasis. No segmento do dilúvio da "Epopéia de Gilgamesh", Enki chamou a Utnapishtim "o excepcionalmente sensato", que em acádio se diz atra-hasis.
Os estudiosos especularam que os textos nos quais Atra-Hasis é o herói podiam ser partes de uma história anterior do dilúvio, de origem suméria. Com o correr do tempo, foram descobertas muitas barras babilônicas, assírias, cananitas e até sumérias originais para permitirem uma maior e mais perfeita reconstituição da epopéia, um primoroso trabalho creditado principalmente a W. G. Lambert e a A. R. Millard (Atra-Hasis: The Babylonian History of the Flood) [Atra-Hasis: A História Babilônica do Dilúvio].
Depois de descrever o árduo trabalho dos Anunnaki, seu motim e a subseqüente criação do trabalhador primitivo, a epopéia relata como o homem (como sabemos também pela versão bíblica) começou a procriar e a multiplicar-se. Com o tempo, o gênero humano começou a preocupar Enlil.

A terra expandiu-se, o povo multiplicou-se;
Na terra como touros selvagens eles descansam.
O deus ficou perturbado com suas combinações;
O deus Enlil ouviu suas sentenças,
E disse aos grandes deuses:
Opressiva se tornaram as sentenças da humanidade;
Suas combinações privam-me do sono.

Enlil, uma vez mais aparecendo como executor da humanidade, ordenou então um castigo. Devíamos esperar que agora se seguisse a vinda do dilúvio. Mas não. Surpreendentemente, Enlil não menciona sequer um dilúvio ou outra provação aquática. Em vez disso, ele exige a dizimação da humanidade pela peste e pelas doenças.
As versões acádias e assírias da epopéia falam de "dores, tonturas, tremores e febre", assim como de "doenças, indisposições, pragas e peste" afligindo a humanidade e seus rebanhos e da exigência de castigo imposta por Enlil. Mas o plano não deu resultado para Enlil. Aquele "que era excepcionalmente sensato", Atra-Hasis, era, por acaso, particularmente íntimo do deus Enki.

Contando sua própria história, em algumas das versões, ele diz: "Eu sou Atra-Hasis, eu vivi no templo de Ea, meu Senhor". Com "a sua mente alerta para seu Senhor Enki", Atra-Hasis apelou para ele no sentido de frustrar o plano do seu irmão Enlil:

Ea, ó Senhor, os humanos gemem;
A ira dos deuses consome a Terra.
Ainda assim, foste tu quem nos criou!
Faz com que cessem as dores, as tonturas,
Os tremores, a febre!

Até que sejam encontradas mais peças das barras fraturadas, não saberemos qual foi o conselho de Enki. Ele diz sobre alguma coisa: ".. .deixa que apareça na terra". Seu pedido foi atendido. Pouco depois, Enlil queixou-se amargamente aos deuses que "o povo não tem diminuído de número; são mais numerosos que antes"!
Ele prosseguiu, então, planejando a exterminação da humanidade pela fome. "Que os mantimentos sejam retirados do povo; em suas barrigas, que eles anseiem por frutos e vegetais!" A fome devia ser provocada por causas naturais, pela falta de chuva e da deficiente irrigação.

Que as chuvas do deus da chuva sejam retidas no alto;
Embaixo, que as águas não nasçam em suas fontes.
Que o vento sopre e queime o solo,
Que as nuvens se condensem, mas retenham a queda da água.

Até as fontes de alimentação do mar deviam desaparecer: Enki recebeu ordens no sentido de "correr o ferrolho, trancar o mar" e "guardar" sua comida longe do povo.
Em breve, a estiagem começou a espalhar a devastação.

Do alto, o calor não...
Embaixo, as águas não nasciam de suas fontes.
O ventre da terra não gerava;

A vegetação não germinava...
Os campos negros fizeram-se brancos;
A larga planície estava entulhada de sal.

A escassez resultante causou a ruína entre o povo. As condições pioravam à medida que o tempo passava. Os textos mesopotâmicos falam de seis sha-at-tam's progressivamente mais devastadores - um termo que alguns traduzem como "anos", mas que literalmente significa "passagens" e, como esclarece o texto em assírio, "um ano de Anu":

Durante um shat-at-tam eles comeram a erva da terra.
No segundo shat-at-tam eles sofreram a vingança.
O terceiro shat-at-tam veio;
Suas figuras estavam alteradas pela fome,
Suas faces apresentavam crostas...
Viviam à beira da morte.
Quando o quarto shat-at-tam chegou,
Suas faces eram verdes;
Eles caminhavam arqueados nas ruas;
Seus largos [ombros?] tornavam-se estreitos.

À quinta "passagem", a vida humana começara a deteriorar-se. Mães trancavam as portas às suas próprias filhas esfomeadas. As filhas espiavam suas mães, procurando descobrir se tinham escondido alguma comida.
À sexta "passagem", o canibalismo era desenfreado.

Quando o sexto shat-at-tam chegou,
Eles prepararam a filha para uma refeição;
Prepararam a criança para comer...
Uma casa devorava a outra.

Os textos relatam a persistente intercessão de Atra-Hasis com seu deus Enki. "Na casa do seu deus... ele pôs os pé; todos os dias ele chorava, trazendo

oblações de manhã... ele invocava o nome de seu senhor", procurando a ajuda de Enki para evitar a escassez.
Todavia, Enki deve ter-se sentido preso à decisão das outras divindades, porque, a princípio, não respondeu ao apelo. Muito possivelmente, escondeu-se mesmo do seu fiel adorador, deixando o templo abandonado e navegando em seus amados pauis. "Quando o povo vivia já nos limites da morte", Atra-Hasis "colocou seu leito de frente para o rio". Mas não houve nenhuma resposta.
A visão de uma humanidade faminta e desintegrando-se, de pais devorando os próprios filhos, trouxe finalmente o inevitável - outro confronto entre Enki e Enlil. À sétima "passagem", quando os homens e mulheres que restavam eram "como fantasmas dos mortos", eles receberam uma mensagem de Enki. "Façam grande barulho na região", disse ele. Enviou depois mensageiros para ordenar a todo o povo: "Não reverenciem vossos deuses, não rezem às vossas deusas". Deveria ter início a total desobediência!
Dissimulado e encoberto por total agitação social, Enki planejou ações mais concretas. Os textos, bastante fraturados neste ponto, revelam que ele convocou uma assembléia secreta de "anciães" no seu templo. "Eles entraram... eles fizeram conselho na Casa de Enki." A princípio, Enki recriminou-se a si próprio, contando aos outros deuses como se opusera aos atos da assembléia. Depois, esboçou um plano de ação; de um modo ou de outro, o certo é que estavam envolvidos seus poderes sobre os mares e o Mundo Inferior.
Podemos coligir os pormenores clandestinos do plano a partir dos versos fragmentários: "De noite... depois de ele..." alguém teria de estar "na margem do rio a uma certa hora", talvez para aguardar o regresso de Enki do Mundo Inferior. De lá, Enki "trouxe os guerreiros da água" - talvez alguns dos terráqueos, que eram trabalhadores primitivos nas minas. No tempo marcado, foram gritadas ordens: "Avançar!... a ordem...”
Apesar das linhas desaparecidas, podemos reunir o que se passara, a partir da reação de Enlil. "Ele encheu-se de raiva." Reuniu a assembléia dos deuses e mandou seu agente de polícia capturar Enki. Então, ergueu-se e acusou seu irmão de ter quebrado o segredo dos planos de vigia-e-retenção:

Todos nós, grandes Anunnaki,
Chegamos juntos a uma decisão...
Eu ordenei que no pássaro dos céus
Adad deveria guardar as regiões superiores;
Que Sin e Nergal deveriam guardar as regiões médias da Terra;
Que a fechadura, a tranca do mar,
Tu [Enkil] devias guardar com teus foguetes.
Mas tu liberaste provisões para o povo!

Enlil acusou o irmão de ter partido "a fechadura do mar". Mas Enki negou que aquilo acontecera com seu consentimento:

A fechadura, a tranca do mar,
Eu guardei com meus foguetes.
[Mas] quando... escaparam de mim...
Uma miríade de peixes... desapareceu;
Eles quebraram a fechadura...
Eles mataram o guarda do mar.

Ele argumentou que capturara os culpados e os punira, mas Enlil não estava satisfeito. Exigiu que Enki "parasse de alimentar seu povo", que não mais "lhes fornecesse rações de cereais, com as quais o povo se desenvolve". A reação de Enki foi assombrosa:

O deus ficou aborrecido com a sessão;
Na Assembléia dos Deuses,
O riso subjugou-o.

Podemos imaginar o pandemônio. Enlil estava furioso. Houve acaloradas discussões com Enki e muita gritaria. "Há calúnia na sua mão!" Quando a assembléia finalmente foi chamada à ordem, Enlil voltou a erguer-se. Lembrou aos colegas e subordinados que a decisão fora unânime. Passou em

revista os acontecimentos que conduziram à criação do trabalhador primitivo e lembrou as muitas vezes que Enki "violara a regra".
Mas, disse ele, havia ainda uma possibilidade de aniquilar a humanidade. Uma "inundação mortal" estava ao largo. A catástrofe vindoura tinha de ser mantida em segredo rigoroso para o povo. Ele exigiu que a assembléia jurasse sigilo e, mais importante ainda, que se "comprometesse o príncipe Enki por juramento".

Enlil abriu sua boca para falar
E dirigiu-se à assembléia de todos os deuses:
Vamos, todos nós, e façamos um juramento
Referente à mortal inundação!
Anu foi o primeiro a jurar;
Enlil jurou; seus filhos juraram com ele.

A princípio, Enki recusou-se a prestar juramento. "Por que hão de comprometer-me com juramento?", perguntou ele. "Deverei eu erguer minhas próprias mãos contra os humanos?" Mas ele foi finalmente forçado a cumprir o juramento. Um dos textos afirma especificamente: "Anu, Enlil, Enki e Ninhursag, os deuses dos céus e da terra, prestaram juramento".
A sorte estava lançada.

Que era o juramento ao qual Enki estava ligado? Ao escolher interpretá-lo, Enki jurou não revelar o segredo do dilúvio vindouro ao povo; mas não poderia ele contá-lo a uma parede? Chamando Atra-Hasis ao templo, ele o fez sentar por detrás de um painel. Depois Enki fingiu que não falava com seu devoto terráqueo, mas com a parede. "Painel de juncos", disse ele.

Presta atenção às minhas instruções.
Em todas as habitações, sobre as cidades,
Uma tempestade passará veloz.
Será a destruição da semente da humanidade...
Esta é a ordem final,
A palavra da assembléia dos deuses,

A palavra proferida por Anu, Enlil e Ninhursag.

(Este subterfúgio explica a alegação posterior de Enki, quando foi descoberta a sobrevivência de Noé/Utnapishtim, sobre o fato de ele não ter quebrado seu voto. O "excepcionalmente sensato" [atra-hasis] terráqueo descobrira o segredo do dilúvio por si próprio, interpretando corretamente os sinais.) Descrições em selos mostram um servidor segurando o painel enquanto Ea, como o Deus Serpente, revela o segredo a Atra-Hasis.

O conselho de Enki ao seu fiel servidor foi o de construir uma embarcação adaptada à água; mas quando este último replicou, "Eu nunca construí um barco... esboça para mim um desenho no solo para que eu possa ver", Enki forneceu-lhe instruções precisas referentes ao barco, suas medidas e sua construção. Baseados nas histórias da Bíblia, imaginamos esta "arca" como um enorme barco, com convés e superestruturas. Mas o termo bíblico - teba - deriva da raiz "submerso", e devemos concluir que Enki deu instruções ao seu Noé para construir um barco submersível, um submarino.
O texto acádio cita Enki exigindo um barco com “telhado por cima e por baixo", fechado hermeticamente com "resina resistente". Não deveria haver convés, nem aberturas, "para que o sol não seja visto do interior". Devia ser "como um barco de Apsu", um sulili; este é o mesmo termo usado hoje em dia em hebraico (soleleth) para designar um submarino.

"Que o barco", disse Enki, "seja um MA.GUR.GUR" - "um barco que se pode virar e revirar". De fato, só um tal barco podia ter resistido à poderosíssima avalanche de águas.
A versão de Atra-Hasis, como as outras, reitera que, embora a avalanche estivesse apenas a sete dias de distância, o povo não tinha consciência de sua aproximação. Atra-Hasis serviu-se da desculpa de que a "embarcação de Apsu" estava sendo construída para que ele pudesse partir para o domicílio de Enki e assim evitar, talvez, a ira de Enlil. Esta desculpa foi prontamente aceita, porque as coisas estavam realmente más. O pai de Noé esperava que o nascimento de seu filho assinalasse o fim de um longo período de sofrimento. O problema do povo era a estiagem: a ausência de chuva e a conseqüente falta de água. Quem em seu perfeito juízo pensaria que todos aqueles seres estavam para perecer numa enorme avalanche de águas?
Ainda assim, se os humanos não podiam decifrar os sinais, os Nefilim podiam-no. Para eles, o dilúvio não foi um acontecimento repentino; embora inevitável, eles detectaram sua vinda. Seu plano de destruição da humanidade baseou-se não num papel ativo, mas passivo dos deuses. Eles não causaram o dilúvio - apenas foram coniventes na decisão de privar os terráqueos do conhecimento de sua aproximação.
Todavia, conscientes da iminente calamidade e do impacto global, os Nefilim tomaram medidas para salvar as próprias peles. Com a terra quase a ser engolida pela água, eles podiam seguir apenas uma direção para se protegerem: o céu. Quando a tempestade que precedeu o dilúvio começou a soprar, os Nefilim tomaram a nave de ida e volta e permaneceram em órbita até que as águas da terra começaram a diminuir de volume.
O dia do dilúvio, mostraremos, foi o dia em que os deuses fugiram da Terra.
O sinal pelo qual Utnapishtim tinha de esperar, ao qual devia reunir todos os outros na arca e fechá-la, era este:

Quando Shamash,
Que ordena um estremecimento ao crepúsculo,
Fizer cair uma chuva de erupções -
Sobe a bordo do navio,
Reforça a entrada!

Shamash, como sabemos, tinha a seu cargo o aeroporto espacial de Sippar. Não restam dúvidas no nosso espírito que Enki deu ordens a Utnapishtim para esperar pelo primeiro indício de lançamentos espaciais em Sippar. Shuruppak, onde Utnapishtim vivia, estava apenas a 18 beru (cerca de 180km) ao sul de Sippar. Uma vez que os lançamentos deviam acontecer ao anoitecer, não haveria dificuldade em ver "a chuva de erupções" que os foguetes partindo iriam "fazer cair".
Embora os Nefilim estivessem preparados para o dilúvio, sua vinda foi uma experiência assustadora: "O ruído do dilúvio... pôs os deuses a tremer". Mas quando chegou o momento de deixar a Terra, os deuses "recuando, tremendo, subiram aos céus de Anu". A versão assíria da Atra-Hasis fala de deuses usando rukub ilani ("carro dos deuses") para escapar da Terra. "Os Anunnaki subiram", suas naves-foguetes, como tochas, "faziam a região resplandecer com seu brilho".
Orbitando a Terra, os Nefilim viram cenas de destruição que os perturbaram profundamente. Os textos de Gilgamesh contam-nos que, à medida que a tempestade crescia de intensidade, não só "ninguém podia ver seu companheiro", como "nem o povo podia ser reconhecido dos céus". Amontoados em suas naves, os deuses esforçavam-se para ver o que acontecia no planeta de onde acabavam de sair às pressas.

Os deuses, acovardados como cães,
Abaixaram-se de encontro à parede exterior.
Ishtar gritava como uma mulher dando à luz:
"Os vetustos dias foram infelizmente convertidos em argila..."
Os deuses Anunnaki choravam com ela,
Os deuses, humildes todos, sentavam-se chorando;
Seus lábios apertados... um e todos.

Nos textos de Atra-Hasis encontramos a repetição do mesmo tema. Os deuses escapavam e observavam simultaneamente a destruição. Mas a situação dentro de suas próprias embarcações não era também muito encorajadora. Com certeza, estavam divididos por várias naves espaciais; a barra no. 3 da

epopéia de Atra-Hasis descreve as condições a bordo de uma nave em que alguns dos Anunnaki partilhavam os aposentos com a mãe-deusa.

Os Anunnaki, grandes deuses,
Estavam sentados, sedentos e famintos...
Ninti chorava e consumia sua emoção;
Ela chorava e aliviava seus sentimentos.
Os deuses choravam com ela pela Terra.
Ela estava subjugada pelo desgosto,
Tinha sede de cerveja.
Onde ela se sentava, sentavam-se os deuses chorando;
Agachados como carneiros num cocho.
Seus lábios estavam febris de sede,
Eles sofriam a sofreguidão da fome.

A própria deusa-mãe, Ninhursag, estava chocada com a violentíssima devastação. Ela deplorava o que se lhe deparava:

A deusa viu e ela chorava...
Seus lábios estavam cobertos de febre...
As minhas criaturas tornaram-se como moscas –
Elas encheram os rios como libélulas,
Sua paternidade foi levada pelo mar encapelado.

Podia ela, de fato, salvar a própria vida enquanto o gênero humano, que ela ajudara a criar, morria? Podia ela, realmente, abandonar a Terra, perguntava a deusa em voz alta:

Deverei eu subir aos céus,
Para residir na Casa das Ofertas,
Para onde Anu, o Senhor, ordenou que eu fosse?

As ordens para os Nefilim eram claras: abandonar a Terra, "subir aos céus". Era a época em que o Décimo Segundo Planeta estava mais próximo da

Terra, nos limites do cinturão de asteróides ("céu"), como é evidenciado pelo fato de Anu ter a possibilidade de estar presente em ambas as conferências decisivas anteriores ao dilúvio.
Enlil e Ninurta - acompanhados talvez pela elite dos Anunnaki, aqueles que povoaram Nippur - estavam numa nave espacial planejando, sem dúvida, juntarem-se à nave principal. Mas os outros deuses não estavam assim tão determinados. Forçados a abandonar a Terra, compreenderam, de repente, como se envolveram com ela e com seus habitantes. Numa nave, Ninhursag e seu grupo debatiam os méritos da ordem dada por Anu. Numa outra, Ishtar gritava: "Os vetustos dias foram, infelizmente, convertidos em argila"; os Anunnaki que viajavam em sua nave "choravam com ela".
Enki encontrava-se obviamente numa outra nave espacial, ou, de outro modo, ele revelaria aos outros que conseguira salvar a semente da humanidade. Sem dúvida, ele tinha outras razões para se sentir menos deprimido, uma vez que as provas sugerem que ele também planejara o encontro em Ararat.
As antigas versões parecem sugerir que a arca foi levada para a região de Ararat unicamente pelas ondas torrenciais, e uma "tempestade do sul" conduziria certamente o barco para o norte. Mas os textos mesopotâmicos reiteram que Atra-Hasis/Utnapishtim levou consigo um "barqueiro" chamado Puzur-Amurri ("ocidental que conhece os segredos"). Para ele, o Noé mesopotâmico "passou a estrutura com todo o seu conteúdo" logo que a tempestade começou. Para que era preciso um navegador, a menos que ele tivesse de levar a arca até um destino muito específico?
Os Nefilim, demonstramos anteriormente, desde os primórdios usaram os picos de Ararat como pontos de referência. Sendo os mais altos naquela região do mundo, era de se esperar que fossem os primeiros a reaparecer de sob o manto de água. Como Enki, "o sensato, o onisciente", certamente tinha conhecimento disso, podemos depreender que instruiu seu servidor para guiar a arca para Ararat, planejando desde o início o encontro.
A versão de Berossus do dilúvio, tal como é relatada pelo grego Abydenus, declara: "Cronos revelou a Sisithros que haveria um dilúvio no décimo quinto dia de Daisios [o segundo mês] e ordenou-lhe que ocultasse em Sippar, a cidade de Shamash, todos os escritos disponíveis. Sisithros

executou todas estas coisas, navegou imediatamente para a Armênia, e aí aconteceu o que o deus anunciara".
Berossus repete os detalhes a respeito da soltura de aves. Quando Sisithros (que é atra-hasis ao contrário) foi levado pelos deuses para seu domicílio, ele explicou ao povo que restou na arca, que eles estavam "na Armênia", e dirigiu-os de novo (a pé) para a Babilônia. Encontramos nesta versão não só o vínculo com Sippar, o aeroporto espacial, como também a confirmação de que a Sisithros fora ordenado que “navegasse imediatamente para a Armênia" - para a terra de Ararat.
Mal Atra-Hasis chegou, logo matou alguns animais e os assou numa fogueira. Não admira que os exaustos e esfomeados deuses “se reunissem como moscas sobre a oferenda". Subitamente, eles entenderam que a humanidade e a comida que eles faziam crescer e o gado que eles criavam eram essenciais. "Quando, por fim, Enlil chegou e viu a arca, ele estava indignado." Mas a lógica da situação e a persuasão de Enki levaram a melhor; Enlil fez tréguas com os sobreviventes da humanidade e levou Atra-Hasis/Utnspishtim em sua nave até o eterno domicílio dos deuses.
Outro fator de peso na rápida decisão de fazer as pazes com a humanidade pode ter sido a progressiva redução da inundação e o reaparecimento de terra seca e vegetação sobre ela. Concluímos já que os Nefilim tiveram aviso prévio da calamidade que se aproximava; mas o fato foi tão singular em sua experiência, que eles chegaram a recear que a Terra se tornasse inabitável para sempre. Quando chegaram a Ararat, viram que não era este o caso. A Terra era ainda habitável e, para nela viverem, eles precisavam de homens.
Que foi esta catástrofe, previsível mas inevitável? Uma importante chave para a decifração deste quebra-cabeça que é o dilúvio, é a compreensão de que ele não foi um acontecimento isolado e repentino, mas o auge de uma cadeia de acontecimentos.
Pestes invulgares afetando homens e animais e uma estiagem rigorosa precederam a provação pela água, um processo que durou, de acordo com as fontes mesopotâmicas, sete "passagens", ou shar's. Estes fenômenos só podem ser explicados por importantes mudanças climáticas. Tais mudanças devem ter estado associadas no passado da Terra com as periódicas idades do gelo e os estágios interglaciais que dominaram o passado imediato da Terra.

Chuvas reduzidas, níveis decrescentes de mares e lagos e seca das fontes de água subterrânea foram os indícios de uma nova idade do gelo que se aproximava. Uma vez que o dilúvio, que terminou abruptamente com estas condições, fui seguido pela civilização suméria e pela nossa atual idade pós-glacial, a glaciação em causa só pode ter sido a última.

Nossa conclusão é que os acontecimentos do dilúvio se relacionam com a última idade do gelo da Terra e seu catastrófIco final.

Perfurando nos lençóis de gelo do Ártico e do Antártico, os cientistas puderam medir a quantidade de oxigênio contido nas várias camadas e avaliar o clima que dominava a Terra milênios atrás. Amostras recolhidas nas profundezas dos mares, tais como as do golfo Pérsico, medindo a proliferação e a degeneração da vida marinha, permitiram-lhes do mesmo modo estimar as temperaturas nas idades passadas. Baseados nestas descobertas, os cientistas estão agora certos de que a última idade do gelo começou há cerca de 75.000 anos, e que se registrou um mini-aquecimento há cerca de 40.000 anos. Há cerca de 38.000 anos, seguiu-se um período mais rigoroso, frio e seco. E depois, há cerca de 13.000 anos, a idade do gelo terminou abruptamente e o nosso clima ameno atual fez-se anunciar.

Comparando a informação bíblica e a suméria, descobrimos que os tempos inclementes, a "maldição" da Terra, começou na época do pai de Noé, Lamec. Suas esperanças de que o nascimento do filho, Noé ("descanso"), marcaria o fim das agruras foram correspondidas de modo inesperado, por meio do catastrófico dilúvio.

Muitos estudiosos acreditam que os dez patriarcas bíblicos pré-diluvianos (de Adão a Noé) têm, de um ou de outro modo, relação com os dez governantes pré-diluvianos das listas de reis sumérios. Estas listas não aplicam títulos divinos DIN.GIR ou EN aos dois últimos reis da lista de dez e tratam Ziusudra/Utnapishtim e seu pai Ubar-Tutu como homens. Eles encontram seu paralelo em Noé e em seu pai Lamec e, de acordo com as listas sumérias, reinaram um período total conjunto de 64.800 anos até a ocorrência do dilúvio. A última idade do gelo, de 75.000 até 13.000 anos atrás, durou 62.000 anos. Uma vez que as agruras começaram quando Ubar-Tutu/Lamec já reinava, os 62.000 ajustam perfeitamente aos 64.800 anos de reinado.

Além disso, as condições de extrema adversidade duraram, de acordo com a epopéia de Atra-Hasis, sete shar's, ou 25.200 anos. Os cientistas descobriram provas de um período extremamente rigoroso desde cerca de 38.000 até 13.000 anos atrás, ou seja, um período de 25.000 anos. Uma vez mais, as provas mesopotâmicas e os achados científicos modernos corroboram-se mutuamente.

Nosso empenho em decifrar o quebra-cabeça do dilúvio focaliza-se, pois, nas mudanças climáticas da Terra e, em particular, no abrupto colapso da idade do gelo há cerca de 13.000 anos.

Que poderia ter causado uma tão súbita mudança climática de tão grande magnitude?

Das muitas teorias aventadas pelos cientistas, ficamos intrigados com a sugerida pelo dr. John T. Hollin, da Universidade de Maine. Ele defendeu que o lençol de gelo do Antártico sofre uma quebra periódica e desliza para o mar, criando um abrupto e enorme macaréu!

Esta hipótese, aceita e elaborada por outros cientistas, sugere que, quando o lençol de gelo aumenta de espessura, não só retira mais calor da Terra sob o lençol de gelo, como cria também (por pressão e fricção) uma camada escorregadia e lamacenta em sua parte inferior. Agindo como lubrificante entre o espesso lençol de gelo sobre a terra sólida embaixo, esta camada lamacenta, mais tarde ou mais cedo, faz com que o lençol de gelo mergulhe, deslizando, no oceano circundante.

Hollin calculou que, se apenas metade do atual lençol de gelo da Antártida (que tem em média mais de 1,5km de espessura) deslizasse para os mares do sul, o imenso macaréu que se seguiria elevaria o nível de todos os mares à volta do mundo cerca de 18 metros, inundando todas as cidades costeiras e terras baixas.

Em 1964, A. T. Wilson, da Universidade de Vitória, na Nova Zelândia, apresentou uma teoria segundo a qual as idades do gelo teriam terminado abruptamente com estes desprendimentos de gelo não só no Antártico, como também no Ártico. Sentimos que os vários textos e fatos por nós reunidos justificam uma conclusão segundo a qual o dilúvio terá sido o resultado de tal deslize nas águas do Antártico de bilhões de toneladas de gelo, trazendo o fim abrupto para a última idade do gelo.

O acontecimento repentino desencadeou um imenso macaréu. Começando nas águas do Antártico, alastrou-se para norte em direção aos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. A abrupta mudança de temperatura deve ter criado violentas tempestades acompanhadas por torrentes de chuva. Movendo-se mais rapidamente que as águas, tempestades, nuvens e céus obscurecidos foram o prenúncio da avalanche de águas.
Exatamente estes fenômenos são descritos nos textos antigos. Quando ordenado por Enki, Atra-Hasis mandou toda a gente para dentro da arca enquanto ele próprio esperava no exterior o sinal para subir a bordo e fechar a embarcação. Fornecendo um detalhe de "interesse humano", o antigo texto diz que Atra-Hasis, embora recebesse ordens para ficar fora da embarcação, "andava dentro e fora; ele não conseguia estar sentado, não podia baixar-se... seu coração estava despedaçado; ele vomitava fel". Mas então:

...A Lua desapareceu...
A aparência do tempo mudou;
As chuvas rugiram nas nuvens...
Os ventos tomaram-se selvagens...
...O dilúvio começou, seu poder caiu sobre o povo como uma batalha;
Uma pessoa não via a outra,
Não eram reconhecíveis na destruição.
O dilúvio mugia como um touro;
Os ventos relinchavam como um burro selvagem.
A escuridão era densa;
O Sol não podia ser visto.

A "Epopéia de Gilgamesh" é específica acerca da direção da qual proveio a tempestade: veio do sul. Nuvens, ventos, chuva e escuridão precederam, de fato, o macaréu que despedaçou primeiro os "postes de Nergal" no Mundo Inferior:

Com o brilho da aurora
Uma nuvem negra levantou-se no horizonte;
Dentro dela o deus de tempestade trovejava...

Tudo o que fora brilhante se tornou escuridão...
Durante um dia a tempestade do sul soprou,
Ganhando velocidade enquanto soprava, submergindo as montanhas...
Seis dias e seis noites sopra o vento
Enquanto a tempestade do sul varre a Terra.
Quando o sétimo dia chegou,
O dilúvio da tempestade do sul amainou.

As referências à "tempestade do sul", "vento sul", indicam claramente a direção da qual chegou o dilúvio, suas nuvens e ventos, os "mensageiros da tempestade" movendo-se "sobre montes e planícies" para alcançar a Mesopotâmia. De fato, uma tempestade e uma avalanche de água originando-se no Antártico chegariam à Mesopotâmia via oceano Índico depois de terem primeiro engolido os montes da Arábia e depois inundado a planície Tigre-Eufrates. A "Epopéia de Gilgamesh" informa-nos também que, antes de o povo e sua terra terem sido submersos, as "represas da terra seca" e seus diques foram "despedaçados"; as linhas de costa continentais foram ultrapassadas e apagadas.
A versão bíblica do dilúvio declara que "o estouro das nascentes do Grande Abismo" precedeu a "abertura das comportas do céu". Primeiramente, as águas do "Grande Abismo" (que nome descritivo para os mais meridionais e gelados mares da Antártida) separaram-se de sua prisão gelada; só depois é que as chuvas começaram a cair dos céus. Esta confirmação de nossa interpretação do dilúvio é repetida, ao inverso, quando ele amainou. Primeiro, as "Nascentes do Abismo [foram] retidas"; depois, a chuva "foi presa nos céus".
Depois do primeiro e imenso macaréu, as águas "iam e vinham" em gigantescas ondas. Depois, começaram a "retroceder" e "elas eram menos" depois de 150 dias, quando a arca chegou ao local de descanso entre os picos de Ararat. A avalanche de água, tendo vindo dos mares do sul, regressava aos mares do sul.

Como podiam os Nefilim predizer quando iria o dilúvio irromper subitamente da Antártida?

Os textos mesopotâmicos, sabemos nós, relacionavam o dilúvio e as mudanças climáticas que o precederam a sete "passagens" - o que significa indubitavelmente a passagem periódica do Décimo Segundo Planeta nas proximidades da Terra. Sabemos que até a Lua, o pequeno satélite da Terra, exerce uma força gravitacional suficiente para causar as marés. Tanto os textos mesopotâmicos como os bíblicos descrevem o estremecimento da Terra quando da passagem do celestial senhor nas proximidades da Terra. Terá sido possível que os Nefilim, observando as mudanças climáticas e a instabilidade do lençol de gelo da Antártida, concluíram que a próxima, a sétima, "passagem" do Décimo Segundo Planeta iria desencadear a iminente catástrofe?

Textos antigos mostram que assim foi.

O mais notável destes textos é um de cerca de trinta linhas inscrito em miniatura cuneiforme em ambos os lados de uma barra de argila com menos de 25,4 mm de comprimento. Tal texto foi desenterrado em Ashur, mas a profusão de palavras sumérias no texto acádio não deixa dúvidas quanto à sua origem suméria. O dr. Erich Ebeling concluiu que se tratava de um hino recitado na Casa dos Mortos, e assim incluiu o texto na sua grande obra (Tod und Leben) [Morte e Vida] acerca da morte e ressurreição na Mesopotâmia Antiga.

Num exame mais acurado, contudo, descobrimos que a composição "invoca os nomes" do celestial senhor, o Décimo Segundo Planeta. Aí se elaboram os significados dos vários epítetos relacionando-os com a passagem do planeta no local da batalha com Tiamat, uma passagem que causa o dilúvio.

O texto começa por anunciar que, por todo o seu poder e tamanho, o planeta ("o herói") não deixa, ainda assim, de orbitar o Sol. O dilúvio era a "arma" deste planeta.

A sua arma é o dilúvio;
Deus cuja arma traz a morte aos perversos.
Supremo, supremo, consagrado...
Quem como o Sol, a terra atravessa;
O Sol, seu senhor, ele assusta.

Evocando o "primeiro nome" de planeta, que, infelizmente, está ilegível, o texto descreve a passagem próximo de Júpiter, em direção ao local da batalha com Tiamat:

Primeiro Nome:...
Quem a faixa circular bateu e reuniu;
Quem dividiu a Ocupadora, atirou-a para longe.
Senhor, que no tempo Akiti.
No local da batalha de Tiamat repousa...
Cuja semente são os filhos da Babilônia;
Aquele que não é perturbado pelo planeta Júpiter;
Aquele que pelo seu esplendor criará.

Aproximando-se mais, o Décimo Segundo Planeta é chamado SHILIG.LU.DIG ("poderoso chefe dos alegres planetas"). Está agora o mais próximo possível de Marte: "Pelo brilho do deus (planeta) o deus Anu (planeta) Lahmu [Marte] está vestido". Depois ele solta o dilúvio sobre a Terra:

Este é o nome do Senhor
Que do segundo mês ao mês Addar
As águas convocara para avançar.

A elaboração no texto dos dois nomes oferece uma notável informação de calendário. O Décimo Segundo Planeta passou Júpiter e aproximou-se da Terra "no tempo Akiti", quando começa o ano-novo mesopotâmico. No segundo mês ele estava mais próximo de Marte. Depois, "do segundo mês até ao mês Addar" ("o décimo segundo mês"), ele soltou o dilúvio sobre a Terra.
Isto está em perfeita harmonia com o relato bíblico que afirma que a "nascente do grande abismo jorrou" no décimo sétimo dia do segundo mês. A arca veio descansar em Ararat no sétimo mês; mais terra seca foi visível no décimo mês; e o dilúvio estava terminado no décimo segundo mês, uma vez que foi no "primeiro dia do primeiro mês" dos anos seguintes que Noé abriu a escotilha da arca.

Passando para a segunda fase do dilúvio, quando as águas começaram a diminuir, os textos apelidam o planeta de SHUL.PA.KUN.E.

Herói, Senhor Supervisor,
Que reúne todas as águas;
Que fazendo jorrar as águas
Purifica os íntegros e os perversos;
Que na montanha de picos gêmeos
Prendeu a...
...Peixe, rio, rio; a inundação descansou.
Na terra montanhosa, numa árvore, um pássaro pousou.
Dia em que... disse.

A despeito da ilegibilidade de algumas linhas danificadas, os paralelos com os contos bíblicos e outros contos mesopotâmicos do dilúvio são evidentes: a inundação cessara, a arca estava "presa" na montanha de picos gêmeos; os rios começavam de novo a correr do topo das montanhas e a levar as águas de volta para os oceanos; avistavam-se já peixes; uma ave fora solta da arca. A provação terminava.
O Décimo Segundo Planeta passara a "travessia". Aproximara-se da Terra e começava a afastar-se, acompanhado por seus satélites:

Quando o sábio gritar: “Inundação!” -
É o deus Nibiru [“Planeta da Travessia”];
É o Herói, o planeta de quatro cabeças.
O deus cuja arma é a Tempestade Inundação,
Voltar-se-á para trás;
Para seu local de repouso ele baixará.

(O planeta que recuava, afirma o texto, voltava depois a atravessar a via de Saturno no mês de Ululu, o sexto mês do ano.)
O Antigo Testamento refere-se freqüentemente ao tempo em que o Senhor fez com que a Terra fosse coberta pelas águas do abismo. O salmo 29

descreve o "chamamento", assim como "o regresso" das "grandes águas" pelo Senhor:

Ao Senhor, vocês filhos dos deuses,
Dão glória, reconhecem poder...
O som do Senhor está sobre as águas;
O Deus de glória, o Senhor,
Trovejou sobre as grandes águas...
O som do Senhor é poderoso,
O som do Senhor é majestoso,
O som do Senhor quebra os cedros...
Ele faz o [monte] Líbano dançar como um bezerro,
O [monte] Sarião salta como um jovem touro.
O som do Senhor acende chamas de fogo;
O som do Senhor estremece o deserto...
O Senhor ao dilúvio [disse]: “Regressa!”
O Senhor, como rei, está no trono para sempre.

No majestoso salmo 77 - "Alto para Deus eu gritarei" - o salmista recorda o aparecimento do Senhor e seu desaparecimento em tempos anteriores:

Eu calculei os Vetustos Dias,
Os anos de Olam...
Eu lembrarei os feitos do Senhor,
Recordarei tuas maravilhas na antiguidade...
O teu curso, ó Senhor, está determinado;
Nenhum deus é tão grande como o Senhor...
As águas viram-te, ó Senhor, e arrepiaram-se de medo;
Tuas faíscas cortantes avançaram.
O som do teu trovão rolava;
Relâmpagos iluminaram o mundo;
A Terra estava agitada e tremia
[Então] nas águas estava teu curso,
Tuas vias eram nas profundas águas;

E tuas pegadas desapareceram, desconhecidas.

O salmo 104 exalta os feitos do senhor celestial, relembra o tempo em que os oceanos inundaram os continentes e foram obrigados a recuar:

Tu fizeste a Terra fixar-se com constância,
Para todo o sempre ficar imóvel.
Com os oceanos, como com vestes, tu a cobriste;
Acima das montanhas permaneceu a água.
A uma tua repreensão, as águas fugiram;
Ao som do teu trovão, elas partiram às pressas.
Foram para cima das montanhas, depois para baixo, para os vales,
Para o lugar que tu para elas criaste.
Uma fronteira para não ser ultrapassada, tu estabeleceste;
Para que elas não voltem a cobrir a Terra.

As palavras do profeta Amós são ainda mais explícitas:

Desgraçados de vós que desejam o Dia do Senhor;
Para que vos serve ele?
Porque o Dia do Senhor é escuridão e não luz...
Converte a manhã em sombra de morte,
Faz o dia escuro como noite;
Chama as águas do mar para avançarem
E verte-as sobre a face da Terra.

Estes eram, então, os acontecimentos que tiveram lugar “em vetustos dias". O "Dia do Senhor" era o dia do dilúvio.

Mostramos já que, aterrissando na Terra, os Nefilim associaram os primeiros reinos nas primeiras cidades com as idades zodiacais, dando aos zodíacos os epítetos de vários deuses associados. Sabemos agora que o textos descoberto por Ebeling forneceu informações de calendário não apenas para os homens,

mas também para os Nefilim. O dilúvio, informa-nos o texto, ocorreu na "Idade da constelação de Leão":

Supremo, Supremo, Consagrado;
Senhor cuja brilhante coroa com terror é carregada.
Supremo planeta: um assento ele estabeleceu
À frente da confinada órbita do planeta vermelho [Marte].
Diariamente no Leão ele está incendiando;
Sua luz anuncia brilhantes realezas na Terra.

Podemos agora entender também um verso enigmático nos rituais de ano-novo, afirmando que era "a constelação de Leão que media as águas do abismo". Estas declarações fixam o tempo do dilúvio dentro de uma organização definida, porque, embora os astrônomos não possam hoje em dia assegurar precisamente o local em que os sumérios colocaram o início de uma casa zodiacal, a tabela das épocas que se segue é considerada bastante exata.

60 a.C. até 2.100 d.C. - Era de Peixes
2.220 a.C. até 60 a.C. - Era de Áries
4.380 a.C. até 2.220 a.C. - Era de Touro
6.540 a.C. até 4.380 a.C. - Era de Gêmeos
8.700 a.C. até 6.540 a.C. - Era de Câncer
10.860 a.C. até 8.700 a.C. - Era de Leão

Se o dilúvio ocorreu na Idade de Leão, entre os anos 10.860 a.C. e 8.700 a.C., então a data do dilúvio está dentro de nossa tabela. De acordo com a ciência moderna, a última idade do gelo terminou abruptamente no hemisfério sul há cerca de 12.000 a 13.000 anos e no hemisfério norte, 1.000 ou 2.000 anos mais tarde.
O fenômeno zodiacal de precessão oferece uma corroboração ainda mais integral de nossas conclusões. Concluímos anteriormente que os Nefilim aterrissaram na Terra 432.000 anos (120 shar's) antes do dilúvio, na Idade de Peixes. Em termos de ciclo precessional, 432.000 anos compreendem

dezesseis ciclos completos, ou grandes anos, na "idade" da constelação do Leão.
Podemos agora reconstruir a tabela completa para os acontecimentos que nossas descobertas abrangem.

Anos atrás	Acontecimentos

445.000 - Os Nefilim, conduzidos por Enki, chegam à Terra vindos do Décimo Segundo Planeta. Eridu - Estação Terra I - é fundada na Mesopotâmia do Sul.

430.000 - Os grandes lençóis de gelo começam a recuar. Clima acolhedor no Oriente Médio.

415.000 - Enki move-se para o interior, funda Larsa.

400.000 - O grande período interglacial se alastra globalmente. Enlil chega à Terra, estabelece Nippur como centro de controle da Missão. Enki estabelece rotas marítimas para a África do Sul, organiza operações de mineração de ouro.

360.000 - Os Nefilim estabelecem Bad-Tibira como seu centro metalúrgico de fusão e refinação. Sippar, o aeroporto espacial, e outras cidades dos deuses são construídas.
300.000 - O motim dos Anunnaki. O homem - o "trabalhador primitivo" - é criado por Enki e Ninhursag.

250.000 - "Precoce Homo sapiens" multiplica-se, espalha-se para outros continentes.

200.000 - A vida na Terra registra regressão durante o novo período glacial.

100.000 - O clima registra de novo um aquecimento. Os filhos dos deuses tomam as filhas do homem por esposas.

77.000 – Ubar-Tutu/Lamec, um humano de descendência divina, assume o reino em Shuruppak sob o patrocínio de Ninhursag.

75.000 - A "maldição da Terra", uma nova idade do gelo, começa. Tipos regressivos de homem deambulam pela Terra.

49.000 - O reino de Ziusudra ("Noé"), um "fiel servidor" de Enki, tem seu início.

38.000 - O rigoroso período climático das "sete passagens" começa a dizimar a humanidade. O Homem de Neanderthal da Europa desaparece; só o Homem do Cro-Magnon (estabelecido no Oriente Médio) sobrevive. Enlil, desiludido com a humanidade, procura sua morte.

13.000 - Os Nefilim, conscientes do iminente macaréu que seria desencadeado pela aproximação do Décimo Segundo Planeta, juram deixar perecer a humanidade. O dilúvio devasta a Terra, terminando abruptamente a idade do gelo.

15
A Realeza na Terra

O dilúvio, uma experiência traumatizante para a humanidade, não o foi menos para os "deuses", os Nefilim.
Nas palavras das listas de reis sumérias, "o dilúvio varrera tudo", e um esforço de 120 shar's foi arrasado de um momento para o outro. As minas da África do Sul, as cidades da Mesopotâmia, o centro de controle em Nippur, o aeroporto de Sippar - tudo jaz enterrado sob a água e a lama. Flutuando em sua nave de ida e volta por sobre a Terra devastada, os Nefilim aguardaram

impacientemente a diminuição das águas para colocarem de novo pé em terra firme.
Como iriam eles sobreviver a partir de agora na Terra quando suas cidades e instalações tinham todas desaparecido, e até sua mão-de-obra, o gênero humano, estava totalmente destruída?
Quando os assustados, exaustos e famintos grupos de Nefilim finalmente aterrissaram nos picos do "monte da Salvação", ficaram nitidamente aliviados ao descobrir que homens e animais não pereceram por completo. Até Enlil, primeiro enraivecido por descobrir que seus objetivos foram parcialmente frustrados, depressa mudou de opinião.
A decisão da Divindade foi de ordem prática. Confrontados com suas próprias e medonhas situações, os Nefilim puseram de lado seus preconceitos em relação ao homem, arregaçaram as mangas e não perderam tempo em comunicar à humanidade as artes de cultivo de cereais e criação de gado. Uma vez que a sobrevivência dependia, sem dúvida, da velocidade com que a agricultura e a domesticação animal deviam ser desenvolvidas para mantê-los e promover uma rápida multiplicação do gênero humano, os Nefilim aplicaram seu avançado conhecimento científico à tarefa.
Não tendo consciência das informações que podiam ser selecionadas a partir dos textos bíblicos e sumérios, muitos cientistas que estudaram as origens da agricultura chegaram à conclusão de que sua "descoberta" pela humanidade há cerca de 13.000 anos estava relacionada com o clima neo-termal ("novamente quente") que se seguiu ao fim da última idade do gelo. Todavia, muito antes dos estudiosos modernos, a Bíblia relacionou também os começos da agricultura com as conseqüências do dilúvio. "Sementeira e colheita" eram descritas no Gênesis como as dádivas divinas concedidas a Noé e a sua descendência como parte do acordo pós-diluviano entre a Divindade e o gênero humano:

Porque enquanto houver dias na Terra,
Lá não cessará
A sementeira e a colheita,
O frio e o calor,
O verão e o inverno,

O dia e a noite.

Tendo-lhes sido legado o conhecimento da agricultura, "Noé foi o primeiro agricultor, e plantou uma videira": ele tornou-se o primeiro lavrador pós-diluviano envolvido na deliberada e complicada tarefa da plantação.
Também os textos sumérios atribuem aos deuses a concessão à humanidade tanto da agricultura como da domesticação de animais.
Pesquisando os inícios da agricultura, os estudiosos modernos descobriram que esta se manifestou primeiramente no Oriente Médio, mas não nas férteis e facilmente cultiváveis planícies e vales. Pelo contrário, a agricultura teve seu início nas montanhas, fazendo um semicírculo de fronteira com as planícies baixas. Como puderam os lavradores deixar os terrenos planos e limitar suas plantações e colheitas aos terrenos montanhosos mais difíceis?
A única resposta plausível é que as terras baixas eram ainda inabitáveis na época em que se iniciou a agricultura; há 13.000 anos as regiões baixas não estavam ainda suficientemente secas das águas do dilúvio. Passaram-se milênios até que as planícies e vales secassem o suficiente para permitir ao povo descer das montanhas que rodeiam a Mesopotâmia e estabelecer-se nos terrenos baixos. Isto, de fato, é o que o livro do Gênesis nos conta: muitas gerações depois do dilúvio, gente chegando "do Oriente" - das áreas montanhosas a leste da Mesopotâmia - "encontrou uma planície na terra de Shin'ar [Suméria] e aí se estabeleceu".
Os textos sumérios declaram que Enlil espalhou primeiramente cereais "na região de montes" - nas montanhas, não nas planícies - e tornou possível o cultivo nas montanhas mantendo afastadas as águas da cheia. "Ele trancou as montanhas como que com uma porta." O nome da terra montanhosa a oriente da Suméria, E.LAM, significava' 'casa onde a vegetação germinou". Mais tarde, dois dos ajudantes de Enlil, os deuses Ninazu e Ninmada, estenderam o cultivo de cereais aos terrenos baixos para que, eventualmente, "a Suméria, a terra que não conhecia o cereal, viesse a conhecer o cereal". Os estudiosos, que demonstraram agora que a agricultura começou, com o cultivo de trigo selvagem como uma fonte de trigo e cevada, são incapazes de explicar como é que os mais antigos cereais (como os que foram encontrados na caverna de Shanidar) já estavam uniforme e altamente especializados. Milhares de

gerações de seleção genética são necessárias (pela natureza) para adquirir até mesmo um modesto nível de sofisticação. Ainda assim, o período, tempo ou localização em que um processo tão gradual e prolongado possa ter acontecido na Terra ainda não foi encontrado. Não há explicação para este milagre botânico-genético, a menos que o processo não fosse de seleção natural, mas de manipulação genética artificial.

O espelta, um tipo de trigo de grão duro, constitui um mistério ainda maior. Ele é produto de "uma invulgar mistura de genes botânicos"; não é nem um desenvolvimento de uma fonte genética nem a mutação de uma fonte. É, definitivamente, o resultado da mistura dos genes de várias plantas. Toda a teoria de que o homem, nuns poucos milhares de anos, mudou os animais através da domesticação é, também ela, questionável.

Os estudiosos modernos não têm respostas para estes quebra-cabeças nem para a questão de caráter geral do porquê da transformação do semi-círculo montanhoso do Antigo Oriente Médio numa fonte contínua de novas variedades de cereais, plantas, árvores, frutas, vegetais e animais domesticados.

Os sumérios tinham, porém, a resposta para esta questão. As sementes, diziam eles, foram uma dádiva enviada à Terra por Anu, de seu domicílio celeste. Trigo, cevada e cânhamo foram trazidos à Terra do Décimo Segundo Planeta. A agricultura e a domesticação de animais foram dádivas concedidas à humanidade por Enlil e Enki, respectivamente.

Não só a presença dos Nefilim, como também as chegadas periódicas do Décimo Segundo Planeta às proximidades da Terra parecem ficar atrás das três fases decisivas da civilização humana pós-diluviana: a agricultura, cerca de 11.000 anos a.C., a cultura neolítica, cerca de 7.500 anos a.C., e a súbita civilização do ano 3.800 a.C. tiveram lugar em intervalos de 3.600 anos.

Parece que os Nefilim, passando os conhecimentos ao homem em doses determinadas, o fizeram em intervalos que se conjugavam com os periódicos regressos do Décimo Segundo Planeta às vizinhanças da Terra. Foi como se este tipo de inspeção no campo, ou alguma espécie de consulta pessoal - possível apenas durante o período "janela", que permitia as aterrissagens e decolagens entre a Terra e o Décimo Segundo Planeta devesse acontecer entre os "deuses" antes que pudesse ser dada outra "ordem de avançar".

A "Epopéia de Etana" fornece uma vaga idéia da discussão que aconteceu. Nos dias que se seguiram ao dilúvio, diz-se:

Os grandes Anunnaki que decretam o destino
Sentaram-se, trocando opiniões referentes à Terra.
Eles que criaram as quatro regiões,
Que estabeleceram as colônias,
Que vigiaram a Terra,
Eram demasiado elevados para a humanidade.

Os Nefilim, dizem-nos, chegaram à conclusão de "que precisavam de um intermediário entre eles e a massa humana. Eles seriam, decidiram os Nefilim, como deuses - elu em acádio, significando “os supremos". Como uma ponte entre eles, os senhores e a humanidade, introduziram a "realeza" na Terra: indicaram um governador humano que devia assegurar o serviço humano aos deuses e transmitir os ensinamentos e leis desses mesmos deuses ao povo em geral.
Um texto abordando o assunto descreve a situação antes que a tiara ou a coroa fossem postas numa cabeça humana, ou um cetro fosse empunhado; todos estes símbolos de realeza - e ainda o cajado de pastor, símbolo de integridade e justiça - "jazem depositados ante Anu no céu". Depois de os deuses chegarem a uma conclusão, a "realeza" desceu dos céus à terra.
Tanto os textos sumérios como os textos acádios afirmam que os Nefilim retiveram a "senhoria" sobre as terras e fizeram a humanidade reconstruir primeiro as cidades pré-diluvianas exatamente onde elas se situavam originalmente e tal qual foram planejadas: "Que os tijolos de todas as cidades sejam colocados em locais dedicados, que todos os [tijolos] descansem em lugares sagrados". Eridu foi, então, a primeira cidade a ser reconstruída.
Os Nefilim ajudaram o povo a planejar e a construir a primeira cidade real e depois abençoaram-na. "Possa a cidade ser o ninho, o lugar onde a humanidade repousará. Que o rei seja um pastor!”
A primeira cidade real do homem, dizem-nos os textos sumérios, foi Kish. "Quando a realeza de novo desceu, a realeza estava em Kish". Infelizmente, as listas de reis sumérias estão mutiladas exatamente onde estava inscrito o

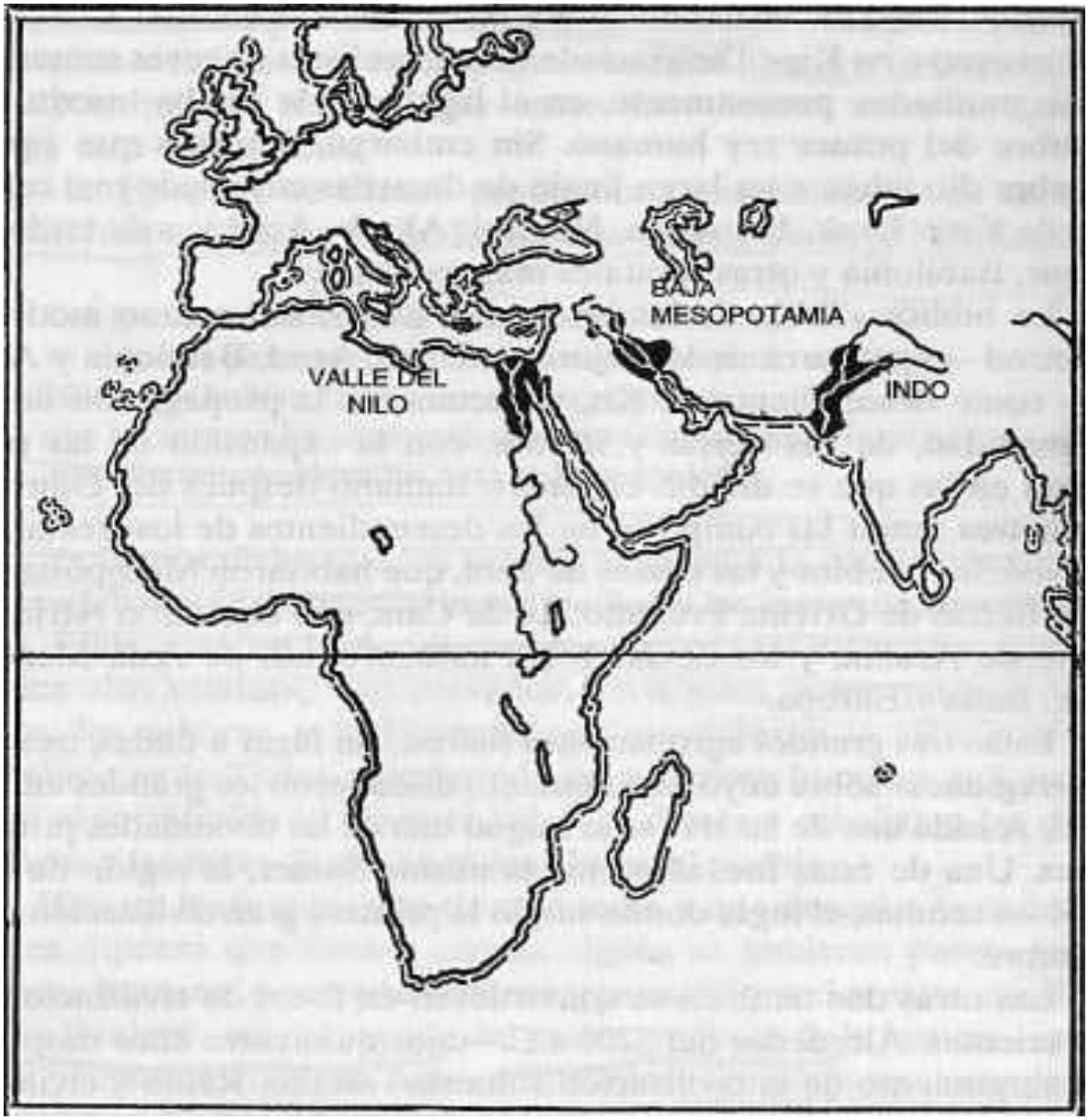
nome do primeiríssimo rei humano. Todavia, sabemos que ele iniciou uma longa linha de dinastias, cujo real domicílio se transferiu de Kish para Uruk, Ur, Awam, Hamazi, Aksak, Acádia e depois para Ashur e Babilônia e outras capitais mais recentes.

A bíblica "Barra de Nações" catalogou do mesmo modo Nimrud o patriarca dos reinos de Uruk, Acádia, Babilônia e Assíria - como descendendo de Kish. Nela está gravada a expansão da humanidade, suas terras e reinos, como uma conseqüência da divisão da humanidade em três ramos, logo depois do dilúvio. Assim, descendendo dos três filhos de Noé e recebendo seu nome, haviam os povos e as terras de Sem, que habitaram a Mesopotâmia e as terras do Oriente Médio; os de Cam, que povoaram a África e partes da Arábia; e os de Jafé, os indo-europeus na Ásia Menor, Irã, Índia e Europa.

Estes grandes grupamentos constituíam, indubitavelmente, três das "regiões" cujo estabelecimento os grandes Anunnaki debateram. A cada uma das três regiões foi associada uma das deidades principais. Uma destas regiões, é claro, é a própria Suméria, dos povos semitas, o local em que se ergueu a primeira grande civilização do homem.

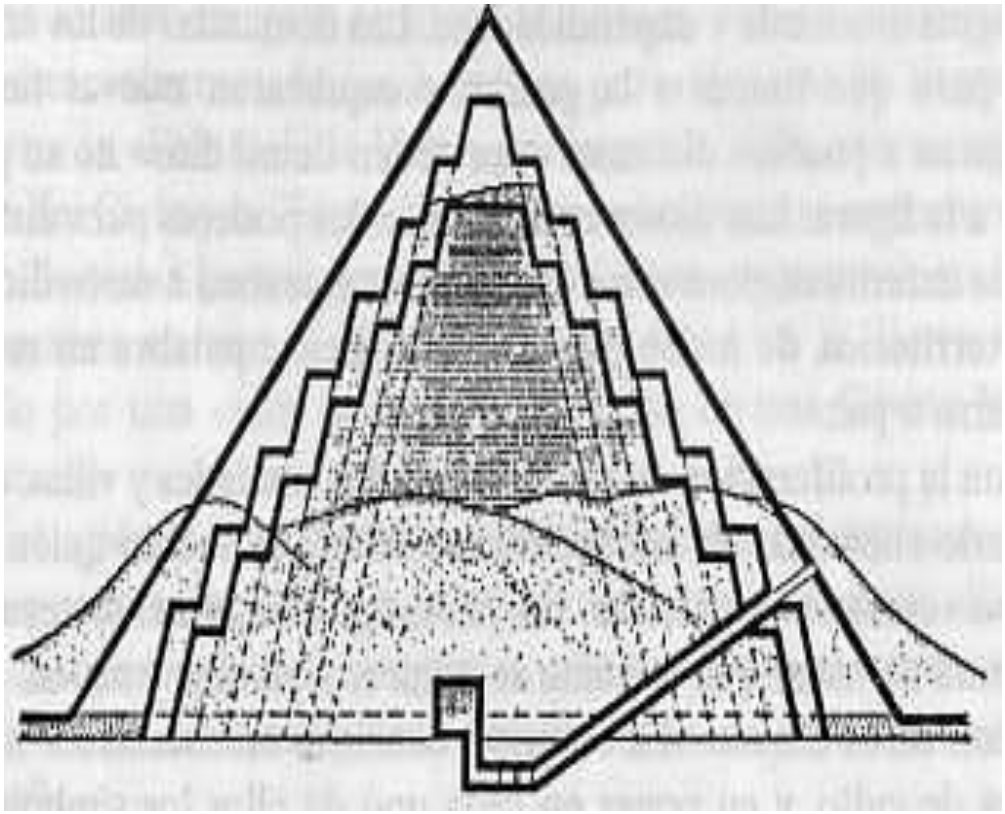
As outras duas tornaram-se também locais de uma florescente civilização. Por volta do ano 3.200 a.C. - cerca de meio milênio depois do florescimento da civilização suméria -, governo, realeza e civilização faziam sua primeira aparição no vale do Nilo, conduzindo, na época, a grande civilização do Egito.

Nada se sabia sobre a primeira grande civilização indo-européia até cerca de 50 anos atrás. Mas hoje, está já firmemente provado que uma civilização avançada, abrangendo grandes cidades, uma agricultura desenvolvida, um comércio florescente, existiu realmente no vale do Indo em tempos antigos. Isto aconteceu, acreditam os estudiosos, cerca de 1.000 anos depois do início da civilização suméria.



Textos antigos e provas arqueológicas atestam os íntimos elos culturais e econômicos entre estas civilizações nos vales dos dois rios e a antiga civilização suméria. Além disso, tanto a prova direta como a circunstancial convenceram a maior parte dos eruditos de que as civilizações do Nilo e do Indo não só estavam ligadas, como eram, de fato descendentes da civilização anterior da Mesopotâmia.

Os mais imponentes monumentos do Egito, as pirâmides, descobriu-se serem simulações dos zigurates da Mesopotâmia sob um revestimento de pedra, e há razão para crer que o engenhoso arquiteto que desenhou os planos das grandes pirâmides e supervisionou sua construção era um sumério venerado como um deus.



O antigo nome egípcio para sua terra era "Terra Elevada", e sua memória pré-histórica rezava que "um deus muito alto que surgira nos mais remotos dias" encontrara a terra egípcia situada sob água e lodo. Ele empreendeu, então, grandes trabalhos de reforma, elevando o Egito acima do nível das águas. A "lenda" descreve nitidamente o vale baixo do rio Nilo na seqüência do dilúvio. Este vetusto deus (podemos mostrá-lo) não era outro senão Enki, o engenheiro-chefe dos Nefilim.

Embora, até ao momento, se conheça relativamente pouco da civilização do vale do Indo, sabemos que, também ela, venerava o número doze como o supremo número divino; que, também ela, representava seus deuses como seres de aparência humana usando toucados com chifres; e que, ela também, venerava o símbolo da cruz - o sinal do Décimo Segundo Planeta.

Se estas duas civilizações eram ambas de origem suméria, por que razão eram diferentes as suas línguas escritas? A resposta científica diz que as línguas não são diferentes. Isto foi admitido já em 1852, quando o rev. Charles Foster (The One Primeval Language) [A Língua Primeva] habilmente demonstrou que todas as línguas antigas até então decifradas, incluindo a remota língua chinesa e outras línguas do longínquo Oriente, tinham suas raízes numa mesma e única fonte primeva - que logo em seguida se descobre ser suméria.

Pictogramas similares não só tinham significados semelhantes (que podiam ser uma coincidência lógica), como possuíam os mesmos significados múltiplos e até os mesmos sons fonéticos, o que sugere origens comuns. Mais recentemente, os eruditos mostraram que as primeiríssimas inscrições egípcias empregavam uma linguagem que era indicativa de um desenvolvimento escrito anterior. O único local em que uma linguagem escrita conhecera um desenvolvimento escrito anterior fora na Suméria.

Temos assim uma única linguagem escrita que, por alguma razão, foi diferenciada em três idiomas: o mesopotâmico, o egípcio/hamita e o indo-europeu. Tal diferenciação pode ter ocorrido por si própria durante separações cronológicas, geográficas e de distância. Ainda assim, os textos sumérios atestam que ela ocorreu como resultado de uma deliberada decisão dos deuses, uma vez mais iniciada por Enlil. As histórias sumérias acerca do assunto encontram paralelismos com a conhecida história bíblica da Torre de Babel, na qual nos é dito que “toda a Terra era de uma só língua e das mesmas palavras". Mas, depois de as gentes se terem estabelecido na Suméria, terem aprendido a arte da moldagem de tijolos, terem construído cidades e erguido altas torres (zigurates), eles planejaram construir para si próprios um shem e uma torre para o lançarem. Por isso mesmo "foi que o Senhor confundiu a língua da Terra".

A elevação deliberada do Egito de sob as lamacentas águas, a evidência lingüística e os textos sumérios e bíblicos apóiam nossa conclusão que defende que as duas civilizações-satélites não se desenvolveram por acaso. Muito pelo contrário, foram planejadas e trazidas à luz do dia por decisão deliberada dos Nefilim.

Receando, evidentemente, os perigos de uma raça humana unificada na cultura e nos objetivos, os Nefilim adotaram a política imperial: "Divide e impera". Porque, enquanto a humanidade atingia níveis culturais que incluíam até mesmo tentativas de navegação aérea - depois do que "tudo o que eles planejarem, nada mais lhes será impossível realizar" -, os Nefilim eram uma espécie em declínio. Por volta do 3º. milênio a.C., os filhos e os netos, para não falar dos humanos com parentesco divino, ultrapassavam em número os grandes e vetustos deuses.

A acesa rivalidade entre Enlil e Enki foi herdada por seus filhos principais, e seguiram-se ferozes lutas pela supremacia. Até os filhos de Enlil, como vimos em capítulos anteriores, lutaram entre si, assim como o fizeram os filhos de Enki. Tal como aconteceu na história humana registrada, soberanos tentaram manter a paz entre seus filhos dividindo a terra entre os herdeiros. Em pelo menos uma circunstância conhecida, um filho (Ishkur/Adad) foi deliberadamente enviado por Enlil para ser a principal deidade local na Terra da Montanha.

Com o correr dos tempos, os deuses tornaram-se soberanos, cada um guardando ciosamente o território, a indústria ou a profissão sobre o qual lhe fora concedido domínio. Reis humanos eram os intermediários entre os deuses e a humanidade que crescia e se alastrava. As afirmações de reis antigos, segundo as quais eles foram para a guerra, conquistaram novas terras, ou subjugaram povos longínquos "sob as ordens do meu deus", não devem ser tomadas levianamente. Textos e mais textos tornam bem claro que as coisas se passaram literalmente assim. Os deuses retinham os poderes de direção dos negócios estrangeiros, uma vez que estes negócios envolviam outros deuses noutros territórios. Assim, eram eles que possuíam a última palavra em assuntos de guerra e paz.

Com a proliferação de povos, Estados, cidades e vilas tornou-se necessário encontrar meios de relembrar ao povo quem era seu soberano particular, ou "o Supremo". O Antigo Testamento apresenta o problema de fazer o povo aderir ao seu deus e não "se aviltar atrás de outros deuses". A solução foi o estabelecimento de muitos locais de culto e a colocação dos símbolos e imagens dos deuses "corretos" em cada um desses locais.

Começava a idade do paganismo.

A seguir ao dilúvio, informam-nos os textos sumérios, os Nefilim organizaram longos conselhos tendo por tema o futuro de deuses e homens na Terra. Como resultado destas deliberações, "criaram as quatro regiões". Três delas - a Mesopotâmia, o vale do Nilo e o vale do Indo - foram fundadas pelo homem.

A quarta região era "sagrada", um termo cujo significado original literal era "dedicada, restrita". Dedicada unicamente aos deuses, era uma "terra pura",

uma área à qual apenas se podia chegar com autorização; ultrapassá-la podia levar a uma rápida execução pelas "medonhas armas" brandidas por ferozes guardas. Esta terra ou região tinha o nome de TIL.MUN (literalmente, "o local dos mísseis"). Era a área restrita em que os Nefilim restabeleceram sua base espacial depois de a base de Sippar ter sido literalmente apagada do mapa pelas águas do dilúvio.
Uma vez mais, a área foi colocada sob as ordens de Utu/Shamash, o deus encarregado dos foguetes faiscantes. Antigos heróis como Gilgamesh empenharam-se em alcançar esta Terra de Vida, para serem levados por um shem ou uma Águia até o domicílio celestial dos deuses. Relembremos aqui a súplica de Gilgamesh a Shamash:

Deixa-me entrar na terra, deixa-me erguer o meu Shem...
Pela vida de minha deusa-mãe que me gerou,
Do fiel e puro rei, meu pai –
Que meus passos se encaminhem para a terra!

Antigos contos - e até mesmo a história registrada - evocam esforços incessantes do homem no sentido de "alcançar a terra", encontrar a "Planta da Vida" e adquirir a bênção eterna entre os deuses do céu e da terra. Esta ânsia é comum a todas as religiões cujas raízes profundas mergulham na terra da Suméria - todos viveram sempre na esperança de que a justiça e a integridade perseguidas na Terra fossem seguidas de uma "pós-vida" em algum lugar num domicílio divino celeste.
Mas onde ficaria esta inapreensível e etérea terra de divina união?
A resposta a esta questão pode ser dada. As pistas estão aí. Mas por detrás delas assomam outras questões. Os Nefilim foram encontrados desde então? E o que acontecerá quando eles forem de novo encontrados?
E se os Nefilim eram os "deuses" que "criaram" o homem na Terra, foi apenas a evolução que criou os Nefilim no Décimo Segundo Planeta?